



Maria Cristina Silva Furtado

**A inclusão efetiva de ‘todas’
Uma leitura teológica da violência de gênero sob o
prisma do mimetismo de René Girard e da ética da
alteridade de Emmanuel Lévinas**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientadora: Profa. Maria Clara Luchetti Bingemer

Volume I

Rio de Janeiro
Novembro de 2017



Maria Cristina Silva Furtado

A inclusão efetiva de todas. Uma leitura teológica da violência de gênero sob o prisma do mimetismo de René Girard e da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Orientadora

Departamento de Teologia – PUC- Rio

Prof. Cesar Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luis Corrêa Lima

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luis Carlos Susin

PUC/RS

Prof^a. Maria Inês de Castro Millen

CES/JF

Prof^a. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Cristina Silva Furtado

Graduou-se em Licenciatura plena em Psicologia pela Faculdade de Educação da PUC-RS em 1975. Graduou-se em Bacharel de Psicologia, em 1980, concluindo a Formação de Psicólogo em 1981, no Centro Universitário Newton Paiva Ferreira em BH-MG. Graduou-se em Bacharel em Teologia na PUC-Rio, em 2008. Recebeu o título de Mestre em Teologia sistemática na PUC-Rio, em 2011. Fez o doutorado sanduiche na Universidade de Roehampton, London, UK, em 2016. Professora de Teologia-Psicologia, Ética cristã; e Tutora do Curso de Iniciação Teológica a distância da PUC-Rio. Membro fundador (2006) do Grupo de Pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, da PUC-Rio, sob a coordenação do prof. Luis Correa Lima; e do Grupo de Estudo (2013) em Antropologia teológica, com o prof. Alfonso Garcia Rubio. Coordenadora do grupo de Inclusão social, na pastoral da Promoção Humana, da Igreja São Francisco de Paula, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Furtado, Maria Cristina Silva

A inclusão efetiva de 'todas' : uma leitura teológica da violência de gênero sob o prisma do mimetismo de René Girard e da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas / Maria Cristina Silva Furtado ; orientadora: Maria Clara Luchetti Bingemer. – 2017.

2 v. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Inclusão. 3. Violência de gênero. 4. Gênero. 5. Ética. 6. Respeito ao diferente. I. Bingemer, Maria Clara Luchetti. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

In memoriam
Aos meus pais pela fé
que me passaram.

Agradecimentos

Ao meu marido, Jari, companheiro de caminhada, parceiro em tantas palestras, retiros, encontros, jornadas, pelo apoio que me deu durante o tempo em que eu escrevi esta tese. Agradeço, em especial, pelo tempo que passei em Londres, e ele precisou permanecer no Rio de Janeiro, cuidando sozinho, da casa, das filhas, e dos compromissos que tínhamos. Sua compreensão, paciência e incentivo foram muito importantes para que eu pudesse realizar este trabalho.

A minha filha e parceira Cristiane, por ter sido uma das grandes inspiradoras desse meu trabalho.

A minha caçula Leandra, pela paciência que precisou ter, todas as vezes que desejava conversar comigo, e eu estava ocupada, escrevendo.

A minha família pela sua diversidade.

A minha orientadora, professora Maria Clara Lucchetti Bingemer por ter me acompanhado, da Iniciação teológica, na graduação, até o final desta Tese de doutorado. Sua confiança, incentivo, e orientação foram essenciais para o meu desenvolvimento profissional e a realização deste trabalho.

À professora Christina Jane Beattie (Tina Beattie), minha orientadora durante o doutorado sanduiche que realizei na University of Roehampton, London, UK, por todo incentivo, e atenção que dedicou à realização do capítulo que desenvolvi naquele período.

Ao Professor Luis Correa Lima, coordenador do Grupo de Pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, da PUC-Rio, e a todas as colegas do grupo pelo apoio e incentivo que me deram durante a execução desta tese.

Ao Professor Luis Carlos Susin, pelas sugestões dadas, e pelo livro com o qual me presenteou durante o meu mestrado. Suas sugestões e livro continuaram sendo importantes para a realização deste trabalho doutoral.

Ao Professor Cesar Kuzma, por ter participado da banca de doutorado e pelas sugestões dadas na primeira e segunda qualificação.

À Professora Maria Inês Millen por ter feito parte da banca de doutorado, e pelas sugestões dadas.

Ao Dom Joel Portella Amado, cuja acolhida e sugestões ao meu projeto foram essenciais quando entrei no doutorado da PUC.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia (PUC-Rio) pelos ensinamentos, respeito e incentivo.

À PUC que me apoiou e ajudou em viagens que precisei realizar. Entre elas, o meu doutorado sanduiche em Londres.

A todos os amigos, e colegas que de alguma forma me estimularam e ajudaram.

À CAPES pela concessão da bolsa durante o doutorado.

À Mariama, e acima de tudo a Deus, pelo seu amor!

Resumo

Furtado, Maria Cristina Silva; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. **A inclusão efetiva de todas.** Uma leitura teológica da violência de gênero sob o prisma do mimetismo de René Girard e da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas. Rio de Janeiro, 2017. 437p. Tese de doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica.

O objetivo deste trabalho doutoral é possibilitar uma leitura teológica da ‘violência de gênero’ sob o prisma de René Girard e da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas, de forma que se perceba que o ser humano liberto da supremacia masculina tem oportunidade de viver com maior liberdade a integração de suas dimensões e suas relações interpessoais. Uma nova forma de viver que o levará a conscientizar-se de que todos os seres humanos, independente de ‘gênero’, são amados por Deus. Dessa forma, embora não seja possível eliminar totalmente a ‘violência de gênero’, - pois a violência em si faz parte do ser humano -, ela pode ser amenizada, e as mulheres e o grupo LGBTTI virem a ser efetivamente incluídos, e terem participação ativa e decisória, na sociedade e na religião. Entretanto, isto só será possível através de uma atuação contundente da teologia procurando atualizar a temática referente: ao feminino, às interpretações bíblicas, e às reflexões teológicas a fim de promoverem a igualdade dos seres humanos e o respeito ao diferente. Com o intuito de proporcionar subsídios importantes para a teologia, esse trabalho doutoral foi realizado através de pesquisas interdisciplinares, trazendo ainda importantes aspectos dos ‘estudos de gênero’. Procurou analisar com profundidade as teorias de René Girard e Emmanuel Lévinas, transportando-as para a ‘violência de gênero’, a fim de compreender, através da antropologia teológica, as causas principais desta violência, e buscar um caminho ético que leve a tão necessária mudança de paradigma.

Palavras-chave

Inclusão; violência de gênero; gênero; ética; respeito ao diferente.

Abstract

Furtado, Maria Cristina Silva; Bingemer, Maria Clara Lucchetti (Advisor). **The effective inclusion of all.** A theological reading of gender violence under the prism of the mimetism of René Girard and the Ethics of Otherness of Emmanuel Lévinas. Rio de Janeiro, 2017. 437p. Tese de doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica.

The objective of this dissertation is to make a theological reading of 'gender violence' under the prism of René Girard and the Ethics of Otherness of Emmanuel Lévinas, so if you perceive, that the human being freed from male supremacy has the opportunity to live with greater freedom to integrate its dimensions and interpersonal relationships. A new way of living that leads us to make sure that all human beings, regardless of 'gender', are loved by God. Thus, although it is not possible to fully eliminate the 'violence', - because violence itself is part of the human being -, it can be mitigated, and women and the LGBTTI group will be effectively included, having active participation and authority within society and religion. However, this is only possible through a performance of theology, seeking to update the theme regarding: the female, the biblical interpretations, and the theological reflections in order to promote the equality of human beings and respect for the different. With the aim of providing important subsidies to theology, this Doctoral work was conducted through interdisciplinary research, bringing even important aspects of 'gender studies'. It sought to examine in depth the theories of René Girard and Emmanuel Lévinas, transporting them to the 'violence', in order to understand, through theological anthropology, the main causes of this violence, and seek a path of ethics that brings the much-needed paradigm shift.

Keywords

Inclusion; Gender Violence; Gender; ethics; respect for the different.

Sumário

1 Introdução	12
2 A Violência de gênero	20
2.1 Violência	20
2.1.1 Violência e Psicanálise	22
2.1.2 Violência e filosofia	25
2.1.3 Violência - Filologia e Educação	30
2.1.4 Violência e Teologia	33
2.2 Gênero	37
2.2.1 Sexualidade	41
2.2.2 Gênero: Papéis – Identidade	46
2.2.2.1 Papéis de Gênero	47
2.2.2.2 Identidade de gênero	48
2.2.2.3 Cisgênero e Transgênero	50
2.3 A violência de gênero na sociedade contemporânea	55
2.3.1 A violência contra a mulher	56
2.3.2 Violência contra o grupo LGBTTI	65
2.4 Tipos de ‘violência de gênero’ e consequências	69
2.4.1 Tipos de violência contra a mulher	70
2.4.2 Tipos de violência contra o grupo LGBTTI	72
2.4.3 Causas da violência de gênero	77
2.4.5 Resumo	79
3 História da ‘violência contra o feminino’	81
3.1 Pré-história	83
3.2 Antiguidade	87
3.2.1 Antiguidade Clássica (Grécia – Roma)	88
3.2.2 Antiguidade Oriental: Israel (Antigo e Novo Testamento) - Cristianismo (Patrística)	93
3.3 Idade Média	106
3.4 Modernidade	114
3.5 Contemporaneidade	117
3.5.1 Final do Século XVIII - XIX	118
3.5.2 Séculos XX e XXI	124
3.6 Resumo	159
4 René Girard e a violência	162
4.1 Biografia e o pensamento: René Girard	163
4.2 A violência e o desejo mimético	166
4.2.1 A dinâmica do desejo mimético	175
4.2.2 O desejo e a rivalidade	178
4.3 A violência e o sacrifício	182
4.3.1 O rito sacrificial- o sangue e as vítimas sacrificiais	191
4.3.2 Bíblia - cristianismo e as vítimas não-sacrificiais	195
4.4 René Girard e a ‘violência de gênero’: Uma visão feminista a partir de Girard	199

4.4.1 Girard e Freud: complexo de Édipo, homossexualidade e heterossexualidade	200
4.4.2 Desejo mimético – violência - e a vítima expiatória	205
4.4.3 A concepção virginal de Maria e a não violência divina	207
4.4.4 Sangue – Eucaristia – Sacerdócio	211
4.4.5 Violência – Eva/Maria - o Magnificat e Mariama	219
4.5 Resumo	233
5 Emmanuel Lévinas: Violência e a ética da alteridade	235
5.1 Biografia e pensamento: Emmanuel Levinas	236
5.2 Violência em Lévinas	238
5.2.1 Violência e as mediações	240
5.3 Subjetividade e Infinito	242
5.3.1 Subjetividade: formação do eu na imanência.	244
5.3.2 Meio ambiente, economia, casa, e o saber	248
5.3.2.1 O eu Mesmo: afirmação de identidade	252
5.3.2.2 O outro como ameaça da identidade	255
5.4 O diferente diante do rosto do Outro: alteridade, infinito, Deus	258
5.4.1 A ética diante do rosto	261
5.5 A reconstrução da Identidade como ética.	265
5.5.1 O ser para o outro	265
5.5.1.1 Consciência - desejo	267
5.5.1.2 Linguagem – Liberdade	268
5.5.2 Eleição – Responsabilidade	270
5.5.3 A responsabilidade leva à substituição	272
5.5.4 Ser-para- todos e a paz messiânica	278
5.6 ‘Violência de gênero’ e a ética levinasiana	283
5.6.1 O feminino para Lévinas	284
5.6.2 Uma leitura feminista de Lévinas	291
5.6.3. Compreendendo Lévinas – na atualidade - para além da ‘violência de gênero’.	294
5.7 Resumo do capítulo	301
6 A inclusão de todas	305
6.1 Deus e o ser humano	306
6.1.1 O Deus cristão	306
6.1.2 O Ser humano	310
6.2 O Deus cristão e o ser humano	313
6.2.1 Salvação e o amor de Deus	315
6.2.2 Como responder ao Amor que nos interpela.	318
6.3 Do Mimetismo à misericórdia	327
6.3.1 A trajetória do pecado enquanto mimetismo	328
6.3.2 A misericórdia do Deus Cristão vencendo a cadeia mimética	341
6.4 Do ego à ética da alteridade	347
6.4.1 O eu e a busca do Mesmo.	348
6.4.2 A ética da alteridade como caminho para a inclusão	357
6.5 Um cristianismo inclusivo e participativo para ‘todas’	364
6.6 Resumo	380
7 Conclusão	383

8 Referências bibliográficas	389
8.1 Obras de referência	389
8.2 Documentos do Magistério	429
8.3 Bibliografia complementar	435

“Na raiz do Evangelho da misericórdia, o encontro e a recepção do outro entrelaçam-se com o encontro e a recepção de Deus: acolher o outro é acolher a Deus em pessoa!”

Papa Francisco

1

Introdução

Um dos grandes temas atuais de interface em ‘Religião e Modernidade’ é a ‘violência’. Desde a Antiguidade práticas violentas têm estado presente entre os seres humanos. Entretanto a ‘violência’ passou a ser estudada e debatida somente a partir do século XIX, quando foi caracterizada como um fenômeno social, e despertou o interesse e a preocupação dos governos e dos estudiosos das diversas áreas. Este tema tem preocupado aos líderes de diversos governos, religiões, e aos responsáveis pela educação, que procuram, sem muito sucesso, formas de estancar a violência crescente no mundo.

Analisar a violência é extremamente difícil, pois de acordo com os diversos conceitos e teorias, ela faz parte do campo irracional, perturbador, e ao mesmo tempo possui fronteiras com o racional, e filosófico. Além disso, envolve toda a sociedade, estando ligada a aspectos da vida de cada pessoa, desde os mais íntimos como amor, desejo, e fé, e a questões externas como raça, sexo, gênero, orientação sexual, religião, interesses econômicos, poder.

Dentre os diversos tipos de violência, a ‘violência de gênero’ tem chamado a nossa atenção de modo especial, não só por ser uma das mais antigas violências, mas por ser oriunda de uma visão de desigualdade entre os seres humanos. Essa violência engloba dois grupos de pessoas: as mulheres e o grupo LGBTTI¹. Apesar disso, só a violência contra as mulheres era analisada até o século XX, pois apenas “no final dos anos 80, surgiu o debate sobre a construção social de sexo e gênero, ampliando a categoria mulher para gênero”.² Uma perspectiva que enfatiza a diferença entre o social e o biológico, na qual ‘gênero’ não está só ligado ao biológico, mas também faz parte de uma relação socialmente construída entre homens e mulheres. A partir desta visão passou-se a entender que a ‘violência de

¹ A sigla LGBTTI significa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, Intersexuais. Oficialmente a sigla continua sendo LGBT, mas muitos pesquisadores deste tema ampliam a sigla para que nela esteja incluído todo o grupo. Como o nosso título é A inclusão de todas, onde colocamos mulheres, e todo o grupo LGBT, estendemos em nosso trabalho a sigla para LGBTTI.

² COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*.

gênero' é fruto de uma percepção de desigualdade que leva a reprodução das relações de poder existentes, não só entre homens e mulheres, mas também “nas relações que envolvem as categorias de gênero, classe, raça/etnia”.³

Desde a década de 90, a ‘violência’ provocada pelo ‘preconceito e a discriminação’ tem sido alvo de minha atenção, pesquisa, e combate através do trabalho que realizo como, psicóloga, educadora, e principalmente como escritora infanto-juvenil, pois em meus livros faço a ligação literatura-ética com temas voltados à inclusão, meio ambiente, respeito ao diferente, solidariedade, valorização da vida, ‘não’ violência.

Quando realizei a graduação em teologia, o tema da minha iniciação científica e da monografia versou sobre a importância do ‘diálogo inter-religioso’ para ser possível obter a paz religiosa, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Clara Bingemer. Entretanto, em 2005, durante o Fórum Social Mundial, ao participar do Fórum Mundial de Teologia e Libertação, na PUC-RS, assisti no último dia um teólogo⁴ pedir a palavra, e fazer uma declaração e apelo que me emocionaram e fizeram com que eu mudasse, pelo menos enquanto se fizer necessário, o rumo do meu trabalho pastoral e das pesquisas teológicas. Ele revelou que era luterano e gay, e apesar de todas as dificuldades que teve de enfrentar, tornou-se teólogo e estava se dedicando a este tema, mas não encontrava material consistente em relação a esta temática no Brasil, e chamava a atenção para a necessidade da realização de trabalhos teológicos sobre ‘diversidade sexual e religião’, pois como ele, muitas pessoas enfrentavam discriminação no âmbito religioso e na sociedade. Após retornar ao Rio de Janeiro, comecei a pesquisar sobre este tipo de violência, e ao encontrar outras pessoas interessadas nesse tema, juntamente com o Prof. Dr. Luís Corrêa Lima, alguns alunos e professores, fundamos o grupo interdisciplinar de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, da PUC-Rio. Desde então, temos pesquisado e estudado este tema, escrevendo artigos⁵, livro⁶, participando e apresentando

³ SANCHEZ, Anabel. Notas sobre a transmissão geracional da predisposição à violência contra a mulher.

⁴ Teólogo André Musskopf.

⁵ Grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, PUC-Rio. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/>. Neste site encontram-se as publicações do grupo. Acessado em 06/06/2017.

⁶ Livro escrito por vários membros do grupo de pesquisa: LIMA, Corrêa Luis (Org). *Teologia e Sexualidade*.

trabalhos em congressos⁷, colocando-os em nosso site⁸, e realizando, voluntariamente, atendimento teológico⁹, ou psicoteológico¹⁰, para a população LGBTTI¹¹ e suas famílias, além de ministrar cursos sobre esta temática¹².

Na procura de um aprofundamento teológico e expansão da pesquisa, procurei a profa. Dra. Maria Clara L. Bingemer que aceitou ser a minha orientadora na ‘dissertação de mestrado em teologia’, na PUC-Rio: “*O amor incondicional como base para a ética da alteridade. Uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva*”. Nesta dissertação abordamos o preconceito e a discriminação contra o negro, a mulher e o homossexual, procurando através da teoria de Lévinas, sob o olhar teológico de Luís Carlos Susin, compreender a violência, e levar este entendimento para a violência contra estes três grupos, refletindo sobre a forma de extingui-la ou pelo menos amenizá-la. Com o desejo de aprofundar ainda mais o tema da violência, e percebendo a importância de se organizar um trabalho profundo que trouxesse subsídios para uma formação teológica, e para um trabalho pastoral que contribuísse para a diminuição da violência de gênero, resolvemos no doutorado, realizar, sob a orientação da mesma professora, o trabalho que aqui apresentaremos.

Para este trabalho retornamos a ética da alteridade de Lévinas, e acrescentamos outro importante pensador, René Girard. Com base na teoria desses

⁷ Encontram-se nos sites dos congressos e no site do Grupo Diversidade sexual, Cidadania e Religião, PUC-Rio. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/>. Acessada em 06/06/2017.

⁸ Vide no site do Grupo Diversidade sexual, Cidadania e Religião, PUC-Rio. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/>. Acessada em 06/06/2017.

⁹ O Pe. Luis Corrêa Lima coordena um grupo de acompanhamento espiritual com gays, e suas famílias, realizando com eles leitura bíblica, oração, e orientação.

¹⁰ Desde 2016 coordeno o grupo de Inclusão social, na Igreja São Francisco de Paula, na Barra da Tijuca, acompanhando um grupo de transexuais, dando-lhes apoio emocional, espiritual e até financeiro para sair das ruas, e conseguirem a cidadania completa.

¹¹ LGBT- lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Esta sigla passou a ser oficial a partir de 2008. A mudança da nomenclatura GLBT para LGBT foi realizada a fim de valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também para aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas. Cf. GLOBO.COM. *Movimento GLBT decide mudar para LGBT*. Entretanto o movimento internacional ILGA que já usa essa sigla há décadas, agora incorporou a letra I, de Intersexual, e o grupo das transexuais defende o direito de usar LGBTTI com o intuito de se visualizar as transexuais e travestis. Mas o que ainda prevalece é a decisão da Primeira Conferência Nacional de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais-LGBT, de 2008. Neste trabalho doutoral, embora não seja oficial, usaremos a sigla LGBTTI já usada por muitos pesquisadores, a fim de abranger todos que fazem parte do grupo. Cf. MENDES, Leo. *Histórias*.

¹² Curso sobre Diversidade sexual, Cidadania e Religião que foi dado durante dois anos no Centro Loyola e Fé e Cultura, e atualmente, o curso tem sido dado em diferentes locais, tais como: escolas, clínicas.

dois pensadores e nas pesquisas que estávamos realizando, elaboramos a seguinte tese:

- ‘A partir de um novo paradigma de ser humano que não esteja baseado na supremacia masculina, o ser humano poderá participar com maior liberdade da integração de suas dimensões, e da essência integradora das relações interpessoais, de modo que suas inter-relações sejam calcadas no respeito às diferenças, e nos direitos iguais onde ‘todas’ estejam incluídas. Dessa forma, embora não seja possível eliminar totalmente a ‘violência de gênero’, - pois a violência em si faz parte do ser humano -, ela pode ser amenizada, e as mulheres e o grupo LGBTTI¹³ virem a ser efetivamente incluídas, e terem participação ativa e decisória, na sociedade e na religião. Um ser humano consciente de que independentemente de ‘gênero’ todos são seres humanos e amados por Deus, e como tal devem se relacionar de forma igualitária, respeitando às diferenças, e tendo como modelo, o seguimento de Jesus Cristo.

Para comprovar esta tese, verificamos a necessidade de uma melhor compreensão sobre a teoria mimética de René Girard. Assim, candidatei-me e fui selecionada para participar da Escola de Inverno René Girard¹⁴. Esta semana intensiva proporcionou-me base para ler e entender Girard, entretanto, ainda era preciso realizar, dentro da teologia feminista, uma leitura dessa teoria, e não conseguíamos encontrar material suficiente no Brasil. Candidatei-me, então, ao doutorado sanduiche em Londres, tendo como coorientadora a Prof. Dra. Christina Jane Beattie (Tina Beattie),¹⁵ professora da Universidade de Roehampton, London. Fui aceita pela professora e pela Universidade, onde permaneci de 1^o de Julho a 30

¹³ A sigla LGBTTI significa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais. Oficialmente a sigla continua sendo LGBT, mas muitos pesquisadores deste tema ampliam a sigla para que nela esteja incluído todo o grupo. Como o nosso título é A inclusão de todas, onde colocamos mulheres, e todo o grupo LGBT, estendemos em nosso trabalho a sigla para LGBTTI.

¹⁴ A Escola de Inverno René Girard foi realizada no Brasil, voltada para os alunos de pós-graduação que trabalhavam dentro de um arcabouço girardiano. Foram sete dias e seis noites, (26 de julho a 1 de agosto de 2015), com pensão completa, na serra de Petrópolis, discutindo intensamente aspectos diversos da teoria mimética com os professores João Cezar de Castro Rocha, James Alison e Jean-Pierre. A escola de Inverno foi organizada pelo IMITATIO - Centro de pesquisa sobre René Girard, MIMETIC THEORY, across the social sciences e a MIMÉTICOS. Um blog sobre Girard e a teoria mimética, existente no Brasil.

¹⁵ Christina Jane Beattie - Professor of Catholic Studies and Director of the Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing, University of Roehampton, London.

de setembro, como doutoranda pesquisadora.¹⁶ Retornei ao Brasil em Outubro de 2016, com a aprovação total, da professora coorientadora, do trabalho que realizei.

Desta forma, com a orientação da prof. Dra. Maria Clara L. Bingemer, e a coorientação da prof. Dra. Christina Jane Beattie em relação ao capítulo 4, ‘René Girard e Violência’, elaboramos o trabalho doutoral que aqui apresentaremos. São sete capítulos divididos em: introdução, cinco capítulos, e conclusão.

Todos os comentaristas citados por nós, devido à complexidade do tema e da interdisciplinaridade existente no trabalho, possuem uma pequena biografia, em nota de rodapé. Temos consciência de que não esgotamos o tema, e que também existem outros pensadores que poderiam ter sido citados por nós, mas precisamos fazer um recorte, de acordo com a necessidade do desenvolvimento da tese, e devido à extensão do tema.

O primeiro é a introdução, onde trazemos as razões que nos levaram a fazer este trabalho doutoral, apresentamos a tese, e a estrutura do trabalho.

No segundo, trabalhamos ‘a violência de gênero’. Este capítulo foi dividido em diversos itens: - O primeiro, abordamos a violência, depois gênero, e finalmente a violência de gênero. Inicialmente, analisamos a violência sob o olhar de grandes pensadores, tais como Sigmund Freud, Maria da Graça B. Almeida, Michel de Foucault, Hanna Arendt, Emmanuel Lévinas, Slavoj Žižek, René Girard, Homi Bhabha, Concílio Vaticano II, Karl Rahner, e Maria Clara Bingemer. – No segundo item trouxemos doutores em neurociências, filosofia, sociologia, teologia, medicina, psicologia e psicanálise para: conceituarem, e analisarem gênero; mostrarem a diferença entre gênero e sexualidade; o que significa diversidade sexual, papéis de gênero, identidade de gênero, cisgênero, transgênero, intersex; as diferentes abordagens dos estudos de gênero, e a abordagem dos teólogos revisionistas. - No terceiro item, traçamos um panorama da violência de gênero na sociedade contemporânea no mundo e no Brasil, mostrando os altos índices dessa violência. - Finalmente, no quarto item analisamos os tipos de violência de gênero e as consequências, refletindo ainda os fatores subjetivos que levam a este tipo de violência. - Por último, apresentamos um resumo do capítulo.

¹⁶ Embora eu seja bolsista do CNPQ durante a realização desta tese, em 2016 o CNPQ não concedeu bolsa para o ‘doutorado sanduiche’, e foi a PUC-Rio que me deu a passagem de ‘ida e volta’ para Londres. Lá usei dos meus próprios recursos para pagar as taxas universitárias, e a estadia em Londres, durante os três meses que permaneci na Inglaterra.

O terceiro é um capítulo voltado para a ‘história da violência contra o feminino’. Para a realização deste capítulo, fizemos uma pesquisa em inúmeros livros, e artigos que falavam especificamente sobre este tema. Não se trata de uma narrativa que siga as características da historicidade, pois não pertencemos a esta área, mas procuramos trazer uma narrativa reflexiva sobre a violência ‘contra a mulher e ‘as pessoas que faziam sexo entre iguais’ (o nome homossexualidade surgiu só no século XIX). Buscamos a possível origem e a reprodução dessa violência que ocorreu através dos séculos, com as mais diferentes justificativas. Refletimos como era a visão da mulher, e das pessoas que tinham características femininas, como ocorria a violência contra os dois grupos, e a resistência deles a esta violência.

Nossa pesquisa começou na pré-história, estendendo-se pela antiguidade, idade média, modernidade, e contemporaneidade até o ano de 2016.

Na contemporaneidade, mostramos as conquistas de direitos por parte dos dois grupos, e a tensão existente entre religião e as feministas, a religião e o grupo LGBTTI, a religião e os estudos de gênero. Terminamos com um resumo do capítulo.

No quarto capítulo trabalhamos a ‘violência mimética’ e o ‘bode expiatório’ de René Girard. Como já explicitamos, para a realização deste capítulo tivemos dificuldade de material no Brasil, tendo sido necessárias algumas atividades extras. O capítulo intitula-se ‘René Girard e a violência’. - No primeiro item trazemos a ‘biografia e o pensamento de René Girard’. - No segundo, tratamos da ‘violência e o desejo mimético’, analisando a dinâmica do desejo mimético, e da rivalidade. - No terceiro item abordamos ‘a violência e o sacrifício’, refletindo sobre o rito sacrificial, o sangue e as vítimas sacrificiais. Em seguida, estendemos a abordagem para a Bíblia, o cristianismo e as vítimas não-sacrificiais. - No quarto item trouxemos ‘René Girard e a violência de gênero’: uma visão feminista a partir de Girard, onde analisamos o pensamento deste autor a partir de grandes teólogas como Tina Beattie, Maria Clara Bingemer, Nancy Jay, Luce Igaray, Phyllis Trible, Pamela Eisbaum, Ivone Gebara, Elsa Tamez; o teólogo Xabier Picaza, e os mariólogos René Laurentin, e Lina Boff. No primeiro subitem, analisamos a diferença entre as teorias de Girard e Freud em relação ao complexo de Édipo e a ligação destes com a homossexualidade; no segundo, a ligação do desejo mimético com a violência e a vítima expiatória. Já no terceiro, refletimos sobre ‘a concepção

virginal de Maria e a não violência divina'; no quarto, conhecemos sobre o significado do sangue, na Eucaristia, e no sacerdócio; e no quinto, a violência ligada a Eva/Maria, o significado do Magnificat e Mariama para as mulheres. Por fim, fizemos um resumo de toda a reflexão.

O quinto capítulo é voltado para Emmanuel Lévinas. Já trabalhamos Lévinas em nossa dissertação de mestrado sob o olhar de Luis Carlos Susin, e agora, no doutorado, retornamos à importante visão de Susin, e complementamos nossas pesquisas, estendendo-a em relação ao desenvolvimento do trabalho de Lévinas, trazendo a visão do feminismo sobre o pensamento deste autor, e como ele ultrapassa o sexismo, e percebe a ética da alteridade como um possível caminho de inclusão. Título: 'Violência e a ética da alteridade'. - No primeiro item trazemos a biografia e o pensamento de Lévinas; - no segundo abordamos 'a violência em Lévinas', onde analisamos também a violência relacionada às mediações; - no terceiro item, trazemos a relação 'subjetividade e infinito', com subitens mostrando a formação do eu na imanência, a importância do meio ambiente, da economia, da casa, do saber, com o desdobramento da reflexão sobre afirmação de identidade, e o perigo do outro surgir como ameaça à identidade. - No quarto item, abordamos Lévinas e trazemos 'O diferente diante do rosto do Outro: alteridade, infinito, Deus', onde trabalhamos a ética diante do rosto. - No quinto item, temos 'A reconstrução da identidade como ética', e em subitens analisamos como o ser se volta para o outro através da consciência e desejo, da linguagem e liberdade. Abordamos ainda o que faz a eleição levar à responsabilidade, e esta à substituição, de modo que este ser-para-todos possa chegar à paz messiânica. - No sexto item refletimos sobre a 'violência de gênero e a ética levinasiana', e nos subitens, conhecemos o significado do feminino para Lévinas, além de fazer uma leitura feminista de Lévinas. Finalmente, procuramos compreender Lévinas, na atualidade, para além da violência de gênero, conseguindo com este 'modo que ser', como diz Lévinas, viver uma paz verdadeira, onde seja possível fazer justiça e incluir tod@s na sociedade, diminuindo, consideravelmente, a violência de gênero de nossa sociedade. Como diz São Paulo, 'sermos um só em Cristo'.¹⁷

O sexto capítulo chama-se a 'Inclusão de todas', e para realiza-lo mergulhamos na teologia, principalmente, na 'antropologia teológica' de Karl

¹⁷ BÍBLIA. Português, Gl 3, 28.

Rahner, Adolph Gesché, e Alfonso Garcia Rubio, trazendo ainda outros importantes teólogos, inclusive, dentro da ‘ética cristã’. - O primeiro item ‘O Deus e o ser humano’, analisamos em subitens, o Deus cristão, e depois o ser humano; - já no segundo item refletimos sobre a salvação e o amor de Deus, e como responder ao amor que nos interpela. - O terceiro item, ‘Do mimetismo à misericórdia’, trazemos René Girard e procuramos entender sua teoria à luz da teologia. Assim, temos em subitens, a trajetória do pecado enquanto mimetismo, e a misericórdia do Deus cristão vencendo a cadeia mimética. - No quarto item, abordamos Lévinas também a luz da teologia: ‘Do ego à ética da alteridade’, e os subitens, o eu e a busca do mesmo, e a ética da alteridade como caminho para a inclusão. - Como quinto e último item trabalhamos ‘Um cristianismo inclusivo e participativo para ‘todas’’, onde traçamos o perfil do ser humano que busca a igualdade e o respeito ao outro como parte integrante de sua vida e relacionamentos. Refletimos ainda como é possível, através de uma ‘ética que leve à inclusão’, chegar a este ser humano inclusivo, para, como sugere Mateus, ‘prevalecer à misericórdia por Deus desejada’,¹⁸ e em Deuterônomo, ‘Deus não faz acepção de pessoas’.¹⁹ Na realidade, “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim, sendo Deus não faz acepção de pessoas”.²⁰

O sétimo capítulo traz a ‘conclusão final’ de nossa tese. Inicialmente, realizamos um retrospecto de todo trabalho, e ao final concluímos que é possível chegar ao paradigma por nós imaginado, mesmo que não totalmente, pois como diz Freud, jamais acabaremos com a violência, pois ela está dentro de nós. Entretanto, poderemos, se a teologia oferecer subsídios que visem à paz, à igualdade, e à inclusão, em curto espaço de tempo, diminuir a violência de gênero; e em longo prazo, atingir o paradigma do ser humano integrado e livre da supremacia masculina. Dessa forma, o ser humano, mesmo com todas as limitações, poderá viver suas relações sem as disputas de poder, procurando viver relações harmoniosas que levem ao desenvolvimento do outro, percebendo em Cristo, o modelo a ser seguido, através do cuidado com o outro, da alteridade, e da inclusão.

¹⁸ BÍBLIA, Mt 9,13

¹⁹ Ibid. Dt, 10,17,

²⁰ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*, p. 36. Cf. BÍBLIA, Dt 10,17.

2

A Violência de gênero

Originária de uma visão de desigualdade entre os seres humanos que provoca fortes humilhações, dores físicas, psicológicas, deixando marcas indelévels no corpo e na alma, a ‘violência de gênero é uma das violências mais antigas da humanidade. Apesar disso, ela só passou a ser considerada nas análises e debates, quando delas fizeram parte, a perspectiva social e a integralidade do ser humano; o que veio a acontecer só após a metade do século XX, quando ‘gênero’ passou a ser visto como uma relação socialmente construída, que recebe a influência das relações de poder.

Embora nossa tese doutoral seja teológica, e não ligada a Ciências da Religião, percebemos devido à complexidade desta temática, a importância de compreendermos em âmbito mais profundo a ‘violência de gênero’. Com este objetivo, iniciaremos este capítulo conhecendo um pouco sobre a violência em si, trazendo importantes nomes da filosofia, psicanálise, educação, filologia, educação e teologia que estudaram ou estudam esse fenômeno.

2.1

Violência

Originária do latim *vis* = força, o termo ‘violência’ sugere um impulso cuja ação destrutiva é o recurso de um corpo para exercer a sua força contra uma pessoa ou coisa. Mas pode ser também excesso, e destemor. “Mais do que o uso de uma simples força, a violência pode ser conceituada como o próprio abuso da força”.²¹

O termo *violentia* diz respeito a algo ou alguém violento ou bravo, e o termo *violare* traz o significado de tratar com violência, profanar, transgredir.²²

No dicionário é possível encontra-lo em diversos prismas:

²¹ CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. *Violência Doméstica – análise da Lei “Maria da Penha”*, nº 11.340/06, p. 29.

²² *Ibidem*, p. 29.

Estado daquilo que é violento. Ato violento. Ato de violentar. Veemência. Irascibilidade. Abuso da força. Tirania. Opressão. Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obriga-la a fazer um ato qualquer, coação. Violência doméstica: tipo de violência praticada no âmbito familiar, entre pessoas com relações de parentesco.²³

A diversidade desta palavra mostra-nos as inúmeras possibilidades em que ela pode e tem sido usada. Desde a Antiguidade práticas violentas têm estado presentes, entre os seres humanos, entre estes e os animais, e a natureza, entretanto a ‘violência’ só foi caracterizada com um fenômeno social, no século XIX. A partir desta perspectiva, a violência passou a ser percebida como um fenômeno mundial tão sério, e crescente que de acordo com o relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS)²⁴, de 2002, “a violência mata mais de 1,6 milhão de pessoas no mundo a cada ano”.²⁵ Ela é a principal causa de mortes de jovens e adultos de 15 a 44 anos, enquanto outros milhões de pessoas são mutiladas em ataques.

Ao divulgar este relatório a OMS solicitou aos governos em todo o mundo que “adotassem medidas urgentes para diminuir o índice de assassinatos, violência doméstica e conflitos armados”.²⁶

Embora seja um fenômeno continuamente estudado por grandes teóricos que o têm analisado por diferentes aspectos, os líderes governamentais parecem não conseguir aproveitar estes conhecimentos, ou não possuem um real interesse, pois a violência mundial não cessa de aumentar. Ao referir-se a violência que assola o mundo, o papa Francisco disse que a situação é muito grave. “Estamos vivendo uma terceira guerra mundial despedaçada”.²⁷

Gostaríamos de trazer neste trabalho doutoral todas as ciências, autores, os mais diversos tipos de violência já analisados, e os inúmeros estudos sobre o ser humano que pudessem nos ajudar na compreensão da ‘violência de gênero’, além de verificar formas de abrandá-la ou mesmo bani-la da sociedade. Entretanto, sabemos que isso seria impossível, e optamos por fazer um recorte, escolhendo alguns pensadores que julgamos primordiais ao nosso tema. Alguns deles, como René Girard e Emmanuel Lévinas são tão significativos para este trabalho que posteriormente, voltaremos a eles, dedicando-lhes um capítulo.

²³ HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

²⁴ Organização Mundial de Saúde- sigla OMS. Neste trabalho doutoral esta organização passará a ser apresentada pela sua sigla.

²⁵ BBCBRASIL.com. *Violência no mundo mata mais de 1,6 milhão de pessoas por ano*.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ OPERA MUNDI. *Estamos vivendo uma terceira guerra mundial despedaçada, diz papa Francisco*.

2.1.1 Violência e Psicanálise

Começaremos trazendo Sigmund Freud, criador da psicanálise, e uma psicanalista da contemporaneidade, brasileira, estudiosa em Freud, e especialista em violência, Maria da Graça B. Almeida.

Sigmund Freud²⁸ inicialmente não concebia a existência de pulsões ligadas apenas à agressividade. No entanto, a violência da Primeira Guerra Mundial obrigou Freud a rever sua teoria, e em 1915, em seu artigo ‘Considerações atuais sobre a guerra e a morte’, expressou sua decepção diante da capacidade de destruição do ser humano. Uma sensação decorrente da perda de sentido do processo civilizador e de suas escoras fundamentais. Segundo suas próprias palavras, “uma enorme restrição de si mesmo, uma larga renúncia da satisfação instintual”, ambas materializadas em prescrições morais – “frequentemente severas demais”²⁹.

Ao final da primeira grande guerra, as neuroses traumáticas produzidas por vivências insuportáveis, e as neuroses de guerra causadas pelo conflito entre os ‘egos pacífico e guerreiro no sujeito’ foram tantas que os psicanalistas passaram a estudar com muita atenção esse tema. Em 1918, Freud levou sua contribuição ao Congresso Internacional de Psicanálise, e em 1920 introduziu o conceito de ‘pulsões de morte’ em suas teorias, admitindo a existência de energias inatas voltadas para a destruição. De acordo com Almeida³⁰, Freud teria chegado à conclusão de que “todo ser vivo morre necessariamente por causas internas, pois tudo o que é vivo anseia por retornar ao estado anorgânico e à redução completa das tensões” [...] “Nascemos programados para morrer, e uma parte de nossa personalidade busca ativamente a morte”³¹

²⁸ Sigmund Freud (1856-1939) foi médico neurologista e criador da Psicanálise. Autor de uma obra extensa e riquíssima, hoje, já em domínio público e traduzida para inúmeras línguas. Entre elas: *A interpretação dos sonhos, primeira parte*, original, *Die Traumdeutung*, 1900; *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* – original, *Drei Abhandlungen Zur*, 1905; *Totem e tabu* - original *Totem und Tabu*, 1913; *O mal estar na civilização* – original, *Das Unbehagen in der kultur*, 1930.

²⁹ LESSA, Renato. *Freud e a guerra de 1914*.

³⁰ Maria da Graça B. Almeida é psicóloga pela PUC-RS, psicanalista pela Associação Psicanalítica Internacional. Membro da sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Autora do livro *Alcoólicos Anônimos no Divã*, coordenadora do grupo de estudo da Violência humana. Autora do capítulo “Alguém para odiar”, no livro *A violência na sociedade contemporânea*, onde foi também a organizadora, além de diversos outros livros e artigos.

³¹ ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. *Alguém para odiar*, p. 18.

Em 1932, ao responder a carta de Albert Einstein, intitulada *Por que a guerra?* Freud concorda com Einstein sobre a possibilidade de haver um instinto de ódio ou destruição. Exemplificando afirma:

Quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar — uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Não há porque enumerá-los todos. Entre eles está certamente o desejo da agressão e destruição: as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias atestam a sua existência e a sua força.³²

Nesta mesma carta, Freud afirma que a violência sempre existiu e não existe possibilidade de eliminá-la. Segundo ele, “Não existe uma forma de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem. Pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra”³³.

Segundo Freud, há dois tipos de pulsões que estão sempre juntas. Uma não vive sem a outra. “Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, desses dois instintos”.³⁴ São as ‘pulsões eróticas ou sexuais’ cuja tendência é preservar e unir, e as ‘pulsões agressivas e destrutivas’, cuja tendência é destruir e matar. Para ele, o ‘instinto de morte’ torna-se destrutivo quando: - é direcionado para fora, para objetos, levando o sujeito, para preservar sua própria vida, a destruir a vida alheia; – ou é direcionado para a própria pessoa, podendo levá-la a autodestruição. A isto ele chama de ‘masoquismo primário’, pois seriam as pulsões da vida que trabalham para neutralizar as pulsões de morte, e conseguem contrabalançar estas pulsões.

Quando Einstein pergunta a Freud sobre o que é possível fazer para evitar a guerra, Freud decididamente aponta para a ‘educação’. É imprescindível que a vida instintiva se submeta à razão. Para obter este intento, o ambiente inicial da criança deve ser aberto ao outro e ao respeito às leis, pois isso será introjetado e esse comportamento tornar-se-á repetido. Não são apenas os valores éticos que diferenciam uma educação saudável de outra doentia, mas também o predomínio de amor ou ódio nos educadores.

Para Freud,

A situação ideal, naturalmente, seria a comunidade humana que tivesse subordinado sua vida instintual ao domínio da razão. Nada mais poderia unir os homens de forma

³² FREUD, Sigmund. *Por que a guerra?*, 1933 [1932].

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Id. O futuro de uma ilusão*, p. 76.

tão completa e firme, ainda que entre eles não existissem vínculos emocionais. No entanto, como toda a probabilidade, isto é uma expectativa utópica.³⁵

Na atualidade, a psicanalista Maria da Graça B. Almeida afirma que o ser humano é potencialmente violento, porém cada pessoa administra a sua agressividade de forma diferente. Algumas conseguem canalizar de forma construtiva a destrutividade, e outras, “influenciadas por fatores endógenos³⁶ costumam descarregar nos outros a sua violência”.³⁷ Quando o ambiente é negligente ou cruel, ele reforça a destrutividade dos indivíduos, entretanto, quando, ao contrário, oferece acolhimento e empatia, pode abrandar os impulsos destrutivos, e ajudar no amadurecimento do ego primitivo. Para ela, se um ambiente for suficientemente amistoso, a pessoa terá a possibilidade de desenvolver confiança e gratidão, além de estabelecer um bom relacionamento com o mundo externo. “Mesmo aqueles que nasceram com uma forte carga de impulsos destrutivos terão aumentadas as chances de encontrar formas benignas para canalizar suas pulsões de morte”.³⁸

Para esta psicanalista, as bases da personalidade são formadas nos três primeiros anos de vida, e por isso a prevenção à violência precisa começar nesta fase, pois este período será determinante nas tendências que seguirá até o final da adolescência.

Segundo Almeida, “Um indivíduo que pode desenvolver e expressar a própria essência é realizado e feliz”. Dessa forma, a sociedade que facilitar a seus membros a possibilidade de uma realização pessoal, está prevenindo a violência. Para ela isto não teria relação com dinheiro, mas com as sensações subjetivas de realização do eu, de liberdade, capacidade e autoestima. Entretanto, Almeida chama a atenção que autorrealização não significa liberação geral dos instintos, permissividade. Se desejarmos ter uma forma saudável de lidar com as pulsões, teremos que prestar atenção para esta afirmativa: “Um sistema pessoal de canalização saudável para o sadismo de cada um, pode fazer a balança pender para o lado do respeito à vida”.³⁹

³⁵ FREUD. *Por que a guerra?* 1933 [1932].

³⁶ Fatores endógenos – Do interior para o exterior. Tem sua origem no interior de um organismo, de um sistema ou se desenvolve pela influência de fatores externos. Biologia: tem a sua origem, desenvolvimento ou reprodução no interior do tecido de um órgão ou de um organismo. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

³⁷ ALMEIDA, Maria da Graça B. (Org). Introdução, p.13.

³⁸ *Ibidem*, p.24.

³⁹ ALMEIDA, *A violência* ... 2010, p. 28.

De acordo com esta psicanalista, os instintos ou pulsões são hereditariamente fixados, e por isso, determinam condutas muito parecidas nos indivíduos de uma mesma espécie. Porém, o ser humano, diferente dos outros animais, pode mudar o destino original de suas energias instintivas. A personalidade é uma combinação genética que sofre o efeito das influências familiares dos primeiros anos de vida, e as circunstâncias posteriores da vida de cada pessoa. A potencialidade da violência encontra-se no ser humano, no entanto existe a possibilidade da administração da agressividade, pois ela está ligada às sensações subjetivas da realização do eu, como liberdade e autoestima.

2.1.2

Violência e filosofia

Contribuições igualmente relevantes para a análise da violência, encontramos na filosofia.

Inicialmente, trataremos Michel de Foucault,⁴⁰ cujas teorias tratam da relação entre o poder e o conhecimento, e o uso desta relação como controle social pelas instituições sociais. Dentro da lógica do controle social, Foucault nos leva a refletir sobre “a violência e a vigilância do corpo”, em um processo de punição, disciplina e exercício do poder.

Segundo Foucault, no século XI, a violência era usada como forma de punição, e o destino dado aos criminosos era a manifestação física da vingança do rei sobre seus súditos. Mas, a partir daí houve uma mudança substancial na punição aos criminosos.

Apesar dessa mudança, a ligação do poder com a violência estêve e ainda está presente tanto nos regimes absolutistas, como nos regimes democráticos, embora, nestes últimos, de forma não explícita. A punição dada aos criminosos ao longo da história foi se transformando à medida que a forma de exercer o poder também se modificou, entretanto, mesmo se evitando recorrer à dor física, houve a procura por

⁴⁰Michel Foucault (1926-1984)- nascido em Poitiers, na França, fez a Escola Normal Superior de Paris, interessando-se por filosofia, e influenciando os seus tutores. Foi diplomata cultural no exterior. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais. Entre as suas obras encontramos: *Maladie Mentale et Psychologie*, 1962; *Surveiller et Punir. Naissance de la Prison*, 1975; *Histoire de la Sexualité II. L'Usage des Plaisirs*, 1984; *Histoire de la Sexualité III. Le Souci de Soi*, 1984.

uma forma de ‘punição’ mais eficiente. A lógica é que todos percebam a eficácia do sistema de punição, legitimando-a. Segundo Foucault “só se propagarão os sinais-obstáculos que impedem o desejo do crime pelo receio calculado do castigo”.⁴¹

No mecanismo estabelecido, o poder funciona de forma a diminuir o desejo que torna o crime atraente. As punições precisam transformar o criminoso em um virtuoso. Aos incorrigíveis, cabe a eliminação.

Um poder de punir que correria ao longo de toda a rede social, agiria em cada um de seus pontos, e terminaria não sendo mais percebido como poder de alguns sobre alguns, mas como reação imediata de todos em relação a cada um. De outro, um funcionamento compacto do poder de punir: ocupação meticulosa do corpo e do tempo do culpado, enquadramento de seus gestos, de suas condutas por um sistema de autoridade e de saber; uma ortopedia concertada que é aplicada aos culpados a fim de corrigi-los individualmente; gestão autônoma de este poder que se isola tanto do corpo social quanto do poder judiciário propriamente dito.⁴²

Para Foucault, este tipo de poder que vem através da violência do Estado em relação ao cidadão é algo que não é uma força exercida só do Estado para o cidadão, mas algo que atravessa as relações pessoais da sociedade, que encontra na forma de punição do Estado o incentivo à violência nas relações interpessoais, e em outras instituições.

Ainda na filosofia, ao analisarmos a violência e as causas da violência pelo prisma da filosofia política, **Hanna Arendt**⁴³, se faz imprescindível, e traz uma importante diferenciação entre ‘poder e violência’, mostrando que o poder verdadeiro não está ligado à violência. O poder ligado à violência é o ‘poder de dominação’.

Para ela, o ‘viver em comum’ deve acontecer através do discurso e da persuasão, jamais pela violência e comando. Porém, o mais comum é o uso da combinação da violência com o poder, o que não pode nos levar a concluir que autoridade, poder e violência sejam a mesma coisa. Segundo Arendt, a violência é

⁴¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*, p.93.

⁴² *Ibidem*, p. 243.

⁴³ Hanna Arendt (1906-1975) - Alemã, considerada uma das maiores filósofas do século XX, tem uma extensa obra, onde encontramos este tema presente. De sua obra citamos: *Macht und Gewalt*, 1970 (On Violence); *Nach Auschwitz. Essays und Kommentare* 1989; *Israel, Palästina und der Antisemitismus*, 1991; *Correspondence (1926-1969)*, 1992; *Besuch in Deutschland*, 1993. H. Arendt/ J. Kohn (Ed.): *Responsibility and*, 2003; H. Arendt/Hans Jürgen Benedict, *Revolution, Violence, and Power: A Correspondence*. In: *Constellations* 16 (2) 2009.

meio, enquanto o poder é fim. Segundo Arendt: "A forma extrema de poder é o 'todos contra um', a forma extrema da violência é o 'Um contra Todos'"⁴⁴.

Ao analisar a natureza e as causas da violência, Arendt chama a atenção que não é a ausência de emoções que promove a racionalidade. Ao contrário, para se reagir de forma razoável a alguma coisa ou alguém, é preciso sentir-se sensibilizado. Para ela, o ódio e a violência são racionais quando estão voltados para a finalidade que deve justificá-los, mas quando estes são dirigidos para substitutos tornam-se irracionais. Segundo Arendt, "a prática da violência, como toda ação, transforma o mundo, mas a transformação mais provável é em um mundo mais violento"⁴⁵.

Outro grande filósofo importantíssimo para a nossa reflexão é Emmanuel Lévinas⁴⁶. Nesse capítulo faremos um rápido resumo da dimensão geral do seu pensamento, e mais adiante, em um capítulo dedicado a ele, entraremos na especificidade do pensamento de Lévinas, trazendo, além dele, diversos autor@s que estudaram, estudam e escrevem sobre sua obra.

Lévinas reflete como a sociedade ocidental tem colaborado para o fechamento do sujeito, trazendo-lhe conceitos de uma totalidade que deve comandar a todos, como se fosse o sentido único de cada pessoa. Analisa o ser humano de forma profunda e formula uma antropologia filosófica que, embora traga convergências com o seguimento fenomenológico de Husserl, traz também acentuadas divergências que a configuram segundo características próprias e únicas, na forma de perceber o ser humano. De acordo com este pensador, o ser humano é um homem-em-relação e a existência, uma transcendência. Mas sua subjetividade está voltada para si mesmo, então, é necessário despertá-la para esta transcendência e para o 'outro'. No entanto, o pensamento filosófico ocidental fundamenta a organização da subjetividade e seu relacionamento com o 'outro' pela autoafirmação de uma consciência autônoma e racional que incentiva a assimilação do 'outro' no si mesmo, e procura através de suas mediações, entre outras, história,

⁴⁴ ARENDT, Hannah. *Da violência*, p. 35.

⁴⁵ *Ibidem*, p.45.

⁴⁶ Emmanuel Lévinas (1906-1995). Nasceu em Kaunas, na Lituânia. Em 1923 mudou-se para a França, onde acabou se naturalizando. Vivenciou duas grandes guerras, fugindo durante a primeira duas vezes. Na segunda esteve preso em campo de concentração para oficiais. Ao retornar à França após a guerra, a partir de 1964 lecionou, entre outras, na *Universidade de Potiers*, na *Universidade de Nanterre*, e em *Sorbonne*. Entre os seus livros, citamos: *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*, 1961; *Quatre lectures talmudiques*, 1968; *Humanisme de l'autre homme*, 1972.

estado, religião, ciências, justificar e legitimar uma forma de pensar o ‘outro’, partindo de princípios universais. Este pensamento encontra na autovalorização da epistemologia⁴⁷, da ética e da política, os elementos necessários para a assimilação do ‘outro’ porque parte de uma ‘mesma’ matriz racional e identitária, a qual todos devem seguir por ser considerada a mais legítima e desenvolvida na história da civilização. Dessa forma, “as outras culturas, religiões e organizações sociais passam a ser hierarquizadas e julgadas sempre a partir desta posição referencial”.⁴⁸

Para modificar esta situação, Lévinas procura algo diferente do ser, que vá além do ser, para que seja possível através de uma revelação da alteridade chocante, descobrir o ‘outro’ marginalizado, excluído, discriminado: ‘o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro’, que de tão diferentes, não podem ser transformados ‘em um mesmo’. Para Lévinas isso acontece não só pelo olhar sincero, ou pelo rosto do outro, que na quatríade bíblica (o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro) nos revela Deus e nos remete ao Outro, mas porque já fomos marcados pelo Infinito antes mesmo de nos tornarmos ser.

Um trabalho doutoral que trata da violência não poderia deixar de trazer um dos mais revelantes e conhecidos filósofos da contemporaneidade, Slavoj Žižek⁴⁹, cujos questionamentos e colocações são essenciais para uma reflexão consciente sobre o que envolve a sociedade contemporânea. Entre suas principais observações Žižek aponta para o perigo da estigmatização da violência, ao condena-la como ‘má’. Segundo ele, esta condenação é pura ideologia, uma mistificação que ajuda a tornar invisíveis as formas fundamentais da violência social. Exemplifica, referindo-se à demonstração de grande sensibilidade por parte de sociedades ocidentais que ao mesmo tempo são capazes de mobilizar inúmeros mecanismos que se destinam a tornar seus cidadãos e cidadãs insensíveis às mais brutais violências.

⁴⁷ Epistemologia: conhecimento humano que reflete sobre a sua natureza e validade. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

⁴⁸ MIRANDA, José Valdeinei. *Ética da Alteridade e Educação*.

⁴⁹ Slavoj Žižek, filósofo esloveno, nasceu em 1949. É marxista, teórico crítico e cientista social. É professor da European Graduate School e pesquisador sênior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. Transita por diversas áreas do conhecimento. Entre os seus livros citamos: *Violência, seis reflexões laterais*, 2014 - original *Nasilje*, Analecta: Ljubljana, 2007; *Vivendo no fim dos tempos*, 2012 - original, *Living in the end times*, 2010; *Em defesa das causas perdidas*, 2011 - original, *In defense of lost causes*, 2008.

O que torna um ato violento? Para ele, a violência pode vir de diferentes formas sutis, e é isso que na maior parte do tempo acontece, pois “é difícil ser realmente violento, efetuar um ato que perturbe violentamente os parâmetros fundamentais da vida social;”⁵⁰ o que não impede que diariamente a violência ocorra.

Além destas e outras interrogativas, críticas e observações que faz ao sistema das sociedades em geral, Žižek indaga sobre o que poderia de forma substancial transformar a sociedade, e responde, afirmando que explosões de violência são apenas reativas e não transformam a sociedade de forma significativa, só o gesto político autêntico se impõe, e é capaz de instaurar uma nova visão.

Por fim, Žižek esclarece que a violência não é ‘propriedade exclusiva de certos atos’, dividindo-os em ‘ato e contexto’, ‘atividade e inatividade’. Em relação ao primeiro, lembra que um sorriso educado, dependendo da situação, pode ser mais violento do que uma explosão brutal. Ao mesmo tempo, refere-se ao segundo procurando mostrar que:

É melhor não fazermos nada do que empenharmo-nos em ações localmente limitadas que em última instância funcionam fazendo com que o sistema aja com menos atrito (...). A ameaça hoje não é a passividade, mas a pseudoatividade, a permanência de ‘sermos ativos’, de ‘participarmos’, de mascararmos o nada do que se move (...). Por vezes, fazer nada é a coisa mais violenta que temos de fazer”⁵¹.

Žižek traz ainda uma visão dos diferentes tipos de violência. A violência simbólica que encontramos na linguagem e nas diversas formas de linguagem. A violência objetiva ou sistêmica, que se forma a partir das condições estruturais da sociedade. Uma violência inerente aos sistemas econômicos e políticos, formando as mais sutis formas de correção que sustentam as relações de dominação e exploração. E por fim, a violência subjetiva, cometida por agentes sociais, indivíduos mal intencionados, que utilizam aparelhos repressivos e multidões fanáticas. Para ele, a violência subjetiva “é tão somente a mais visível dos três modos de violência que existe”⁵².

Žižek deixa um conselho muito importante a todos que estudam a violência, segundo ele, antes de se enveredar por um falso sentimento de urgência que faz

⁵⁰ ZIZEK, Slavoj. *Violência*, p. 180.

⁵¹ *Ibidem*, p. 188.

⁵² *Ibidem.*, p. 25.

parte dos ‘discursos humanitários’, é necessário estudar, com profundidade, as causas de cada violência.

2.1.3

Violência - Filologia e Educação

Além da psicanálise e da filosofia, outras ciências têm colaborado com a análise da violência. **René Girard**⁵³, historiador e filólogo, procurou aprofundar seus estudos sobre o ser humano para explicar ‘quem somos’; a origem da cultura; ‘como são as culturas’; e ‘como modificá-las’. Seu estudo é tão importante para o nosso trabalho, que também retornaremos a ele, em outro capítulo, detalhando e aprofundando a sua teoria, e trazendo estudiosos sobre o seu pensamento. Neste capítulo, faremos um resumo das bases gerais do seu pensamento.

Girard não explica as ‘causas da violência’, refere-se a ela como um poder destrutivo, mas reconhece que os seres humanos aprenderam a circunscrever e limitar sua enorme energia devastadora. Entretanto, quando a rivalidade se torna ódio, uniformiza o ser humano, e qualquer um pode se transformar, “em qualquer momento, no duplo de todos os outros, ou seja, no objeto de uma fascinação e de um ódio universal”⁵⁴.

Para Girard, a violência tem sua origem no ‘desejo mimético’. Cada ser humano possui um potencial de violência variável de pessoa para pessoa, e de cultura para cultura. Um potencial ativado pelo desejo mimético. Para ele, a identidade de cada um e seus desejos não são ‘ínatos’, mas adquiridos por um processo mimético. Processo que ocorre não por deliberação individual do ser humano, mas pela existência de um processo interdependente imitativo. Os objetos tornam-se desejáveis por alguém porque são vistos e desejados por outra pessoa. Um desejo intrinsecamente competitivo ou rival.

⁵³ René Girard nasceu em Avignon, no dia 25 de dezembro de 1923. É doutor em História pela Universidade de Indiana, Bloomington. Concluiu o doutorado em 1950 com a tese *American Opinion on France, 1940-1943*. Foi professor de literatura comparada na Universidade de Stanford, Califórnia, Estados Unidos. Graças à abrangência de seu pensamento, René Girard ganhou do filósofo Michel Serres o apelido de “Darwin das ciências sociais”. Entre sua obra citamos: *Mensonge romantique et vérité romanesque*, 1961; *La Violence et le sacré*, 1972.

⁵⁴ GIRARD, René. *A violência e o sagrado*, p.104.

Ao refletir sobre as inúmeras formas de rivalidades, Girard começou a repensá-las no contexto dos conflitos de homínídeos, em uma época em que os grupos viviam sem instituições formalizadas, ou seja, sem organização ou mediação externa. Neste contexto, ele destaca a ‘vingança’ e o ‘ressentimento’ como as primeiras formas de instituição não formalizadas, e capazes de gerar, dentro do triângulo, sujeito, mediador e objeto, “uma rivalidade tão forte que as pessoas são capazes de esquecerem-se do objeto para se agredirem mutuamente”.⁵⁵ Para Girard, a falta de um mecanismo de controle da violência mimética, quando a sociedade se encontra na fase de ‘todos contra todos’, pode levar a desagregação e destruição. Para não haver destruição total da comunidade, só uma reconciliação paradoxal é possível, onde alguém ou um grupo seja responsabilizado. Alguém diferente, que fuja ao padrão para que possa ser sacrificado sem maiores problemas, sem vingança. Este foi o processo do qual se originou o ‘bode expiatório’.

Um processo fundador da cultura, instituído através da passagem da indiferenciação ‘todos contra todos’ para a diferenciação social ‘todos contra um’. Uma formalização que gerou a centralidade do fenômeno religioso na estruturação da cultura, onde os ritos e mitos originários tornaram-se imprescindíveis na elaboração do mecanismo matriz da cultura humana. Por isso, afirma Girard, a violência e o sagrado são inseparáveis.

Segundo este pensador o diferencial marcante entre o cristianismo e as religiões arcaicas encontra-se na conscientização da existência de uma vítima sacrificial, e o direcionamento contrário à violência. “As Sagradas Escrituras denunciam a violência do mecanismo do bode expiatório”,⁵⁶ e o cristianismo traz o sacrifício de si, que foi o sacrifício de Jesus nos Evangelhos, enquanto as religiões arcaicas trazem o sacrifício do ‘outro’, que foi fundado no assassinato fundador, da vítima expiatória. No cristianismo a palavra ‘sacrifício’ significa a renúncia da própria pessoa ao objeto desejado, podendo ser uma mortificação imposta pela pessoa a ela mesma, não ao outro, como forma de terminar rivalidades miméticas sem violência.

Para Girard, a grande dificuldade que precisa ser enfrentada é a conscientização das sociedades sobre o uso da ‘vítima expiatória’, pois como se

⁵⁵ REYES, Júlia. *O desejo mimético redescoberto*.

⁵⁶ GIRARD, *A violência...*, p.104.

trata de um mecanismo não consciente, as sociedades recusam-se a compreender a profundidade da mensagem cristã, o que gerou a crise da modernidade, que ainda persiste na contemporaneidade.

Dando prosseguimento a este processo de análise da violência, entraremos na área da ‘educação e literatura’ com as reflexões feitas por Homi Bhabha⁵⁷, através dos seus estudos sobre ‘a formação da cultura e a diversidade cultural’.

Em sua análise sobre a relação colonial, Bhabha mostra como a construção do sujeito ocorre através do discurso e do poder colonial. Para ele, o sujeito dominador e o dominado encontram-se no interior do discurso, e acontece através da articulação e valorização das diferenças (raciais e sexuais), de modo que tudo que pertence ao ‘dominador’ é valorizado, e o que se relaciona com o ‘dominado’ é depreciado.

O dominado apesar de reconhecer as diferenças, acaba por repudiar as diferenças coloniais, legitimando os estereótipos criados pelo discurso que o coloca como um degenerado, selvagem, e o colonizador como aquele que tem o conhecimento, o todo poderoso. Um estereótipo que fixa o racismo através de teorias raciais, trazendo ao dominado ‘uma consciência negadora de seu corpo e a consciência de um novo tipo ideal de ser humano’. Trata-se de uma conquista que abrange os aspectos sociais e culturais do colonizado, deixando-o totalmente subalterno.

De acordo com Bhabha:

O discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um "outro" e ainda assim inteiramente apreensível e visível. Ele lembra uma forma de narrativa pela qual a produtividade e a circulação de sujeitos e signos estão agregadas em uma totalidade reformada e reconhecível. Ele emprega um sistema de representação, um regime de verdade, que é estruturalmente similar ao realismo.⁵⁸

O discurso do colonizador traz uma realidade que difere do colonizado, entretanto esta pode ser perfeitamente visibilizada, com ele assumindo e internalizando os valores do colonizador, e o preconceito contra a si próprio.

⁵⁷ Homi Bhabha é uma das figuras mais importantes na atualidade do estudo de pós-colonialismo. Professor doutor “Anne F. Rothenberg” de Humanidades, diretor do Centro de Humanidades Mahindra, conselheiro sênior do presidente e reitor da Universidade Harvard, EUA. Bhabha é membro do conselho do Relatório Mundial da UNESCO sobre Diversidade Cultural. Entre as suas obras, *Nation and Narration*, 1990; *The location of culture*, 1994; *In a Spirit of Calm Violence*, 1993; *Making Difference: The Legacy of the Culture Wars*, 2003; e *The Black Savant and the Dark Princess*, 2006.

⁵⁸ BHABHA, Homi. *O local da cultura*, p. 111

Para finalizar estas primeiras e importantes abordagens, de modo a nos auxiliar em uma percepção mais ampla do ser humano, da violência, e da sociedade que nos cerca, traremos a visão da ciência com a qual estamos vinculados: a teologia.

2.1.4 Violência e Teologia

Na busca da compreensão do ser humano, através da sua relação com Deus, com o mundo que o cerca, com o outro ser humano, e consigo mesmo, a teologia é a ciência capaz de nos dar dados possíveis para visualizarmos a integralidade do ser humano e sua relação o ‘outro’. Começaremos trazendo a visão do Concílio Vaticano II ⁵⁹, através do documento conciliar *Gaudium et Spes* 12 (GS)⁶⁰ que nos diz que, segundo as Escrituras o homem foi criado “à imagem de Deus”, com capacidade de conhecer e amar o seu Criador, tendo sido por Ele constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar, servir e dar glória a Deus. Revela ainda que Deus não criou o homem sozinho, criando-o, desde o princípio, varão e mulher (Gn 1,27); e sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros. O documento cita ainda que “Viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” ⁶¹.

A GS 13 afirma que embora o homem estivesse em um estado de santidade, foi seduzido pelo maligno, e já no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. Apesar de ter conhecido a Deus, não lhe prestou a glória devida, e o seu coração insensato obscureceu-se e o levou a servir à criatura, preferindo-a ao Criador. E hoje, quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre estar

⁵⁹ O Concílio Vaticano II foi realizado entre 1962 e 1965, sendo considerado o grande evento da Igreja Católica no século 20. A pauta dos debates do concílio constava temas como os rituais da missa, a liberdade religiosa e a presença da Igreja no mundo moderno. Após três anos de encontros, as autoridades católicas promulgaram dezesseis documentos, e a partir do concílio *Roberto de Mattei. “Concílio Vaticano II, uma história nunca escrita”, Turim, Lindau, 2010.*

⁶⁰ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES SOBRE A IGREJA NO MUNDO ATUAL. Sigla GS. Em nosso trabalho doutoral será usada esta sigla GS.

⁶¹ BÍBLIA. Português., Gn 1,31.

inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não provém de seu Criador, pois este é bom. O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas.

[...] O homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias. Mas o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cf. Jo. 12,31), que o mantinha na servidão do pecado (4). Porque o pecado diminui o homem, impedindo-o de atingir a sua plena realização.⁶²

De acordo com a GS, 22, só no mistério do Verbo encarnado o mistério do homem se esclarece. O primeiro homem, Adão na realidade é uma figura do futuro, ou seja, uma figura de Cristo Senhor. Pois Cristo, o novo Adão, revela o homem a si mesmo e leva-o a descobrir a sua vocação sublime. Somente em Cristo somos capazes de compreender o plano de Deus para a criação, e a solução do enigma do ser humano.

Enigma que se expressa no fato de que, embora o gênero humano seja capaz de grandes feitos de ciência e de artes, ele também é capaz de se rebaixar ao genocídio de Auschwitz, pois no coração do homem existem ideais, mas também a violência. Para os padres conciliares “Somente em Cristo se encontra a luz para o enigma do sofrimento e da morte, que nos abate e oprime”.⁶³

Impossível nos referirmos ao Concílio Vaticano II e a modernidade, sem trazer **Karl Rahner**,⁶⁴ protagonista da virada antropológica na teologia católica, a quem retornaremos, com ainda mais detalhes em nosso sexto capítulo.

Rahner mostra-nos que Jesus de Nazareth é a perfeita auto-expressão de Deus no espaço e no tempo. Em Jesus, Deus expressou-se totalmente, mas o homem, como criação de Deus, é uma autoexpressão menor de Deus, pois embora explicita o ser de Deus há uma diferença infinita entre criador e criatura. Por isso mesmo, só em Cristo o ser humano é capaz de vencer o mal e a violência. Para Rahner “a

⁶² CONSTITUIÇÃO PASTORAL..., 13

⁶³ O'DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*, p.56.

⁶⁴ Karl Rahner, (1904-1984). Considerado um dos mais importantes e criativos teólogos do século XX. Influenciou decisivamente nos rumos da teologia católica, dialogou em profundidade com o pensamento contemporâneo e atuou no Vaticano II desde o início, de maneira profunda, embora nem sempre bem compreendida. Entre a sua imensa obra, citamos: *Hominas ation: the evolutionary origin of man as a theological problem*, 1968; *Do you believe in God?*, 1969; *Libertad Y manipulacion: em la sociedade y em la Iglesia*, 1971; *Theological investigations.*, 1971; *Foundations of Christian faith: an introduction to the idea of Christianity*, 1978.

criação existe como preparação para o que Deus quer dizer em Jesus. A própria criação é uma abertura para a união hipostática”.⁶⁵

Segundo esse teólogo, “o que vemos na evolução do cosmo é toda a matéria que gradualmente se interioriza e se torna espírito ou autopresença”.⁶⁶ O auge deste processo evolutivo é o ser humano, “o espírito-na-matéria que é uma abertura total para Deus. É claro que se Deus deseja exprimir-se fora da Trindade, o fará no humano”.⁶⁷

Para este teólogo a ‘coautoria’ do ser humano acontece na história. Não existem papéis predeterminados, e o mundo não é uma natureza sagrada, e sim o material através do qual a atividade criadora do homem age. Dessa forma, não é na natureza, mas nele próprio, e no mundo que conhece e administra que o ser humano, através da ‘abertura do seu espírito’, é capaz de fazer a experiência da sua condição criada e encontrar Deus. “A experiência de Deus vem da autotranscedência existencial, que acontece no ato de ‘amor ao próximo’”.⁶⁸

Entre os teólogos que tem estudado ‘Violência e Religião’, queremos ressaltar o trabalho da teóloga brasileira, **Maria Clara Bingemer**,⁶⁹ para quem “a violência tornou-se um fato massivo nas sociedades contemporâneas a ponto de constituir um verdadeiro desafio para a consciência moral do nosso tempo”.⁷⁰ E neste desafio é importante percebermos que um dos maiores problemas do século XXI tem sido a relação entre ‘a religião e a violência’. Os conflitos mundiais multiplicam-se e perpetuam-se, gerando desde assassinatos de chefes de estado a civis, sem poupar ninguém. Uma violência que, inúmeras vezes, encontra-se relacionada à religião, com seus fanatismos e fundamentalismos de todas as espécies, tais como, as guerras santas, as ‘limpezas étnicas’ e outras. Para ela, um dos maiores feitos diabólicos da violência é o envolvimento de todos neste processo.

⁶⁵ O’DONNELL. Op. cit, p.57.

⁶⁶ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé*, p. 158 passim.

⁶⁷ O’DONNELL. *Introdução...*, 1999, p.57.

⁶⁸ RAHNER. Op.cit, p. 527.

⁶⁹ **Maria Clara Luchetti Bingemer** é teóloga, pós doutora em teologia, e professora do departamento da PUC-Rio. Autora de inúmeros livros, entre os quais: BINGEMER, L. Maria Clara (org.); Edson Damasceno... [et al]. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*, 2002. *La mujer: protagonista de la evangelización*, 2008. *Simone Weil, mística de fronteira.*, 2014.

⁷⁰BINGEMER, L. Maria Clara (org.); Edson Damasceno... [et al]. *Violência e Religião*, p 11.

Somos vítimas de uma história patológica. E o segredo para que haja uma “cura” coletiva, um processo solidário de cura é conscientizar-se desse processo e assumir que estamos todos doentes desse mal, ou pelo menos dele convalescendo.⁷¹

Seja da forma mais sutil à violência física, ou da humilhação ao genocídio, Bingemer afirma, “toda violência é mortal, pois é uma violação da personalidade da pessoa, atingindo a dignidade do ser humano”.⁷² A possibilidade de se conseguir um novo caminho dar-se-á através do reconhecimento do potencial de violência que cada ser humano possui, para que a partir desta conscientização, cada um possa posicionar-se em outra direção, procurando sensibilizar os responsáveis para a necessidade de uma transformação social, tanto no âmbito pessoal como estrutural a fim de impedir a violência da corrida armamentista, da exploração das nações pobres, das lutas étnicas, e religiosas.

Segundo esta teóloga, tanto a questão da ‘violência e do mal’, como da ‘não violência’ encontra-se no cerne da reflexão e do debate sobre a religião e o fenômeno religioso, possibilitando perceber a inseparável relação existente entre as repercussões políticas e as ações administrativas. Para a teologia e as ciências da religião o mais importante será resgatar uma ‘ética calcada no amor e na verdade’, possibilitando a liberdade e a formação de um ethos de paz e de não violência. Para Bingemer, “a violência que aflige e dizima nossas sociedades hoje é convocada a se defrontar, para decifrar seus próprios enigmas, com uma “ontologia relacional” que inverte as equações e cria, a partir do ilógico do amor, uma nova lógica”.⁷³

São muitas e importantes às colocações feitas pelos pensadores por nós escolhidos. Sem dúvida, se refletirmos com base no que eles disseram sobre ‘violência’, já teríamos condições de começar a entender alguns importantes aspectos da ‘violência de gênero’ ligados à pulsão de morte, ao poder, a opressão do dominador, sendo sutil ou ostensiva, ou simbólica. Entretanto, para chegarmos a ter uma compreensão mais profunda sobre esta violência, será necessário conhecermos com detalhes a terminologia ‘gênero’. Controvertida, pouco compreendida, usada erroneamente, e essencial em nosso trabalho doutoral. Traremos aqui definições, diversos posicionamentos, debates, além de mostrar as transformações que vem ocorrendo em relação às ciências sobre esta complexa

⁷¹ Ibidem., p10.

⁷² Ibidem., p. 284.

⁷³ Ibidem., p.11.

questão, e a posição dos teólogos revisionistas, de modo a podermos entender a especificidade do que é ‘gênero’.

2.2 Gênero

A palavra ‘gênero’ pulula as mentes humanas, levando-as aos mais diferentes sentidos. Sua significação pode variar de acordo com suas formas, maneiras, e estilos, tais como gênero literário, e gênero dramático, ou podem ter um significado relativamente novo, e importantíssimo nos livros de ciências sociais, biologia, teologia, e outros. Definições e reflexões que passaremos a analisar neste trabalho doutoral.

Pela visão sociológica de Saffioti,⁷⁴ ‘gênero’ não é algo que possa ser predeterminado. “A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros”.⁷⁵ Segundo Lauretis,⁷⁶, dentro da história, é uma relação construída entre uma entidade e outras previamente constituídas como uma classe, um pertence. Não se trata de um indivíduo, de uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe⁷⁷

De acordo com a Secretaria de Educação de São Paulo, “gênero é um conjunto de processos sociais, históricos e culturais por trás da construção social do sexo”.⁷⁸

Dentro da teologia, Ivone Gebara⁷⁹ afirma que há uma diferença hierárquica de valores onde as mulheres em sua história sempre foram consideradas

⁷⁴ Heleieth Saffioti (1934-2010), socióloga brasileira, investigou ao longo de sua vida a questão da violência contra a mulher e da associação entre capitalismo e patriarcado. Entre seus livros citamos: *A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade; Gênero, patriarcado, violência; o poder do macho; Do artesanal ao industrial, e a exploração da mulher.*

⁷⁵ SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*, p. 210.

⁷⁶ Teresa de Lauretis é escritora e professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Nascida na Itália e radicada nos EUA, ela fez seu doutorado em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade Bocconi, em Milão, antes de ir para os EUA. Entre suas obras citamos: *Technologies of gender; Alice doesn't; Freud's drives; The practice of love; Figures of resistance, etc.*

⁷⁷ LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. *Tendências e impasses*, p. 210.

⁷⁸ TOLEDO, Cinthia Torres, HOFFMANN, Fábio, SOUZA, Adriano Pereira. *Meninas e meninos na escola.*

⁷⁹ Ivone Gebara é paulistana, filósofa e doutora em filosofia pela PUC-São Paulo, e em Ciências religiosas pela Universidade Católica de Lovaina. Pertence a Ordem das Irmãs de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho desde 1967. Foi professora de filosofia e teologia no Instituto

antropologicamente e socialmente inferiores. Para ela, a sociedade, o meio ambiente é determinante nas relações e nos valores dados a cada pessoa. “O valor do ser humano é pré-determinado de seu lugar social, a partir de sua riqueza, sua cor e seu sexo”.⁸⁰

Embora em sua maioria, @s pesquisador@s de gênero, na atualidade, percebam a importância do social na vida de cada pessoa, nem sempre foi assim.

Até parte do século XX predominava a corrente que supervalorizava a dimensão biológica da pessoa, praticamente ignorando a cultura, as relações sociais, e a dimensão psicológica. Hoje, uma forte corrente, formada, principalmente, por filósof@s, cientistas sociais, historiador@s supervalorizam a dimensão cultural, com algun@s considerando até inexistente a dimensão biológica. Entretanto, a maioria d@s pesquisador@s não ignora a biologia, mas reconhece que ‘gênero’ está ligado a fatores construídos pela sociedade, e originários do padrão ‘binário’ estipulado pela sociedade e do aparelho sexual de uma pessoa, com o qual ela se identifica como masculino ou feminino.

Para o teólogo Musskopf⁸¹,

É um dado social, formado por um aparato de regras e padrões de construção corporal e comportamento que configuram a identidade social das pessoas a partir do substrato físico-biológico, do que resultam identificações como masculino e feminino, bem como as múltiplas variantes que desviam da norma, como androginia, travestismo, efeminação ou masculinização.⁸²

O psicólogo clínico Lucas Goulart,⁸³ também afirma que ‘gênero’ é uma construção social. Ou seja, uma construção que vai “além do macho e da fêmea, é a forma como os papéis de masculino e feminino são atribuídos, transformando os sujeitos em homens e mulheres”.⁸⁴

Teólogo de Recife (ITER). Ministra cursos e palestras no Brasil e em diversos outros países. Entre os seus principais livros encontramos: *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal; La sed de sentido. Búsquedas ecofeministas em prosa poética*, 2002; *Pour libérer la Theologie*, 2002; *As águas do meu poço. Reflexões sobre experiências de liberdade*, 2005; *O que é teologia*, 2006; *Compartir los panes y los peces. Cristianismo, teologia y teologia feminista*, 2008.

⁸⁰GEBARA, Ivone. *Novas relações de Gênero são possíveis*.

⁸¹ André Sidnei Musskopf é bacharel, mestre e doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Área de Concentração: Teologia Sistemática. Pesquisador nas áreas de: Estudos Feministas, Teorias de Gênero, Teoria Queer, Masculinidade, Homossexualidade e Diversidade Sexual, na sua relação com Religião e Teologia. Em sua obra citamos: *Viadagens teológicas – obra premiada pela SOTER. Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay; A flor da pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade (org.); Talar Rosa: os homossexuais e o ministério da Igreja; etc.*

⁸² MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram.

⁸³ Lucas Goulart, psicólogo clínico, militante da ONG Somos, e membro do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero UFRGS — o NUPSEX.

⁸⁴ IHU. On-line. COSTA, Andrioli. *Fazendo gênero*.

Para estes especialistas, a parte cultural é essencial tanto na ‘expressão da sexualidade’ do ser humano, quanto para a descoberta da ‘orientação sexual’ e a ‘identidade de gênero’ de cada pessoa.

Segundo a biologia, existe o ‘gênero humano’ que é binário, dividindo-se em masculino e feminino. Taquett⁸⁵ e Vilhenaz,⁸⁶ afirmam que ‘gênero’ se refere à diferenciação social existente entre homens e mulheres. Conceito que surgiu na década de 1970, procurando refrear o avassalador determinismo biológico, e distinguir as formas culturais de ‘masculino’ e ‘feminino’. Como já tivemos oportunidade de analisar, “a palavra gênero é inapropriadamente usada ainda hoje como sinônimo de *sexo, mulher* ou *feminista*”.⁸⁷

Dentro da Igreja Católica, encontramos, principalmente, duas posições. A primeira segue a linha dogmática tradicional da lei natural, Gênesis 1,26 -2,25, e a Tradição da Igreja. Dela faz parte a ‘hierarquia da Igreja Católica’, onde o fator biológico, pela lei natural, tem a palavra final. Os documentos da Igreja como mostraremos no capítulo 3, marcam esse posicionamento. Mas há um grupo cada vez maior de teólogos que embora reconheça a importância do biológico, da lei natural, das passagens bíblicas, e a tradição da Igreja, afirma ser essencial considerar o fator cultural e social da vida de cada ser humano, como também acompanhar as pesquisas científicas que estão sendo realizadas e dialogar com os cientistas.

Para o teólogo Mancuso,⁸⁸

A sexualidade (natureza) e o gênero (cultura) não são sempre necessariamente a mesma coisa: se para a maioria dos seres humanos vale ‘sexo = gênero’, para outros, sexo e gênero são diversos, e isto porque o ser humano é um fenômeno complexo feito de um corpo biológico, de uma psique e de uma dimensão espiritual, cujas relações não são sempre lineares.⁸⁹

⁸⁵ Stella R. Taquett é professora-adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCM/UERJ); coordenadora da Atenção Primária do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), UERJ.

⁸⁶ Marília Mello de Vilhena² é Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); graduada e licenciada em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ); doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ; psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, Hospital Pedro Ernesto.

⁸⁷ TAQUETTEZ, SR; VILHENA, MM. *Adolescência, gênero e saúde*, p. 6-9.

⁸⁸ Vito Mancuso, teólogo italiano, que foi docente em Teologia moderna e contemporânea da Faculdade de filosofia da Universidade de São Rafael, de Milão, de 2004 a 2011. E autor de diversos livros, entre eles: *L’anima e il suo destino*, 2007, *Io e Dio Una guida dei perplessi*, 2011, *Il principio passione La forza che ci spinge ad amare*, 2013.

⁸⁹ MANCUSO, Vito. *Porque a Igreja aceitará a ‘ideologia de gênero’*.

Segundo este teólogo existem corpos masculinos com psique masculina que são atraídos pelas mulheres, e outros corpos masculinos com psique masculina, que sentem atração por homens; e existem ainda outros corpos masculinos, que por possuírem uma psique feminina, não se sentem homens, mas mulheres. Para ele, estes são apenas alguns exemplos, e a grande dificuldade da atualidade, encontra-se em, “como definir as pessoas que entram nas últimas duas categorias? Enfermos? Pecadores? Criminosos?”⁹⁰

Em relação à pergunta deste teólogo, as ciências biológicas procuram responder em conexão com outras ciências. As ciências sociais, por exemplo, fazem uma distinção entre as terminologias ‘sexo’ e ‘sexualidade’, apontando para o fato de que estas palavras estão sendo usadas no mesmo sentido de “gênero”, embora existam diferenças singulares entre elas.

Sexo é um dado físicobiológico com a presença de um aparelho genital, e características fisiológicas capazes de diferenciar os seres humanos como machos e fêmeas. “Pesquisas recentes mostram que o código genético precisa ser considerado na constituição do sexo, o que complexifica as definições neste âmbito, cujo principal exemplo traduz-se nas inúmeras formas de intersexualidade”.⁹¹

A sexualidade traz “significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos”.⁹² O conceito de sexualidade vem evoluindo, tem tido diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, encontrando-se sujeito a debates e a disputas políticas. Seu significado amplo inclui o conceito de ‘sexo’, embora a ‘sexualidade’ não se restrinja a ele, pois é mais abrangente.

Dessa forma, como vimos, ‘sexo’ encontra-se incluso na ‘sexualidade’; mas ‘sexualidade’ e ‘gênero’ pertencem a dimensões diferentes que integram a ‘identidade pessoal’ de cada ser humano. Esta conclusão é importante porque nos induz a penetrar no complexo misterioso da sexualidade humana, na qual, devido às aplicações erradas que temos visto no emprego das terminologias relacionadas,

⁹⁰ Ibidem., 2016.

⁹¹ MUSSKOPF. *Quando sexo, gênero...*, 2008.

⁹² EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). *Gênero e Diversidade na Escola*, p. 112.

levar-nos-á a desenvolver neste trabalho o nosso raciocínio, clarificando em cada terminologia, o significado, a diferença, e sua utilização.

2.2.1 Sexualidade

Para a vivência saudável, humanizada e qualitativa da sexualidade; pautada em valores éticos e estéticos, com responsabilidade afetiva e corporal [...] é preciso desenvolver o pensamento crítico sobre a vivência da sexualidade humana em todas as suas dimensões.⁹³

Este pensamento da filósofa e educadora Bonfim,⁹⁴ instiga-nos a dar continuidade em nossa investigação sobre sexualidade, onde encontramos, na Organização Mundial de Saúde (OMS)⁹⁵, o sentido mais abrangente.

A ‘sexualidade’ é central e forma a parte integral da personalidade na vida do ser humano. Ela engloba diversos aspectos, tais como, sexo, gênero (papel de gênero, identidade de gênero), orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Sua complexidade é tanta que não pode ser pensada apenas sob um determinado aspecto.

Em 1975 a OMS já dizia:

Para Pinto⁹⁶, a influência cultural é tão forte que exerce maior influência do que a natureza. Segundo ele, quando se estuda a ‘psicologia da sexualidade’, chega-se a constatação que a sexualidade humana possui mais traços culturais do que naturais. Sua plasticidade e variabilidade, seus componentes simbólicos, e sua configuração cultural, ultrapassam a instintividade constituindo-se muito mais como fruto da reflexão e como resultado do vivido e da educação.

Para este psicólogo e pedagogo,

O comportamento sexual instintivo é próprio de cada espécie, mas para nós, humanos, ele vem sofrendo adaptações culturais de tal monta que já não é possível

⁹³BOMFIM, Claudia. *Educação em sexualidade*.

⁹⁴Claudia Bonfim é doutora em história, filosofia, e educação, e pós-doutoranda em Educação, na UNICAMP. Educadora sexual, professora e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade da Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco. Autora dos livros *Desnudando a Educação Sexual*, 2012; *Educação Sexual e Formação de Professores: da educação sexual que temos à educação que queremos*, 2010.

⁹⁵OMS - Organização Mundial da Saúde.

⁹⁶Énio Brito Pinto é psicólogo e psicopedagogo. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e pós-doutor em Psicologia Clínica pela mesma instituição. Escreveu diversas obras, entre as quais: *Orientação sexual: como ensinar sexualidade aos jovens dialogando com sua religião*, 2015; *Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica*, 2009; e *Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades*, 2012.

dizer qual seria o comportamento sexual das pessoas se pudessem voltar ao tempo do puro instinto. Símbolos, regras culturais, vestimentas, cosméticos, adornos são alguns dos tantos elementos artificiais que o ser humano foi criando e que acabaram por proporcionar uma ampliação no conceito de sexo humano, donde a necessidade de falarmos da sexualidade humana.⁹⁷

Segundo o teólogo Marciano Vidal,⁹⁸ a sexualidade abrange toda a pessoa humana afetando-a na globalidade. A influência da sexualidade no interior do mundo pessoal não se reduz ao seu âmbito específico, mas tem repercussão em todas as manifestações da vida pessoal “É uma realidade que configura o homem integral, que participa e expressa o mistério do homem, enquanto ser intermediário de uma proporção dialética”.⁹⁹

Estes novos estudos e concepções foram e são essenciais para a compreensão de que na sexualidade ‘desejo’ e ‘afeto’ nem sempre possuem preferência ‘heterossexual’. E quando esta preferência é ‘homossexual’, não significa distúrbio, transtorno, desvio de caráter, ou psicológico. Isto faz parte de uma ‘identidade sexual’, e está relacionado com a forma de cada ser humano perceber e expressar a sua ‘orientação sexual’. “A orientação sexual de uma pessoa é uma relação entre seu desejo, comportamento e identidade”.¹⁰⁰ Aspectos que não caminham necessariamente da mesma maneira e direção.

Para melhor entendermos a relação entre sexualidade, orientação sexual e gênero, Ballone¹⁰¹, médico, psiquiatra, traz uma explicação importante que passaremos a descrevê-la.

Para ele, a totalidade do ser humano é formada por duas naturezas que lhe trazem uma combinação bio-psico-social. A natureza biológica é a responsável pela submissão natural ao reino animal, às leis da biologia, da genética e dos instintos, e os genes herdados são possibilidades diversas de desenvolvimento ao terem contato

⁹⁷ PINTO, Ênio Brito. *Casos de pedofilia na Igreja*, p.32-37.

⁹⁸ Marciano Vidal é redentorista, nascido em León, Espanha, tornou-se doutor em teologia moral, exercendo sua docência nas Universidades Pontificias de Salamanca (1964^{ss}) e Comillas (1971^{ss}), no Instituto Superior de Ciências Morais (1971^{ss}), onde mais tarde foi director. Exerceu também como professor convidado na romana Academia Alfonsiana. Sua bibliografía incluye un conjunto amplísimo de libros y artículos. Entre eles citamos: *Moral de actitudes*, el *Diccionario de ética teológica* y *La propuesta moral de Juan Pablo II*.

⁹⁹ VIDAL, Marciano. *Ética da sexualidade*, p. 110.

¹⁰⁰ FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM GÊNERO, SEXUALIDADE, ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. Orientação sexual, p.1.

¹⁰¹ Geraldo José Ballone é médico psiquiatra e escritor, nascido em Paulínia, São Paulo. Professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da PUC-Campinas (SP) de 1980 a 2002. É autor de diversos artigos e livros, tendo coautoria em *Sinopse de Psiquiatria* (Cultura Médica, 1990), *Da Emoção à Lesão* (Manole, 2002, 2a. ed. 2004), *Psiquiatria e Psicopatologia Básicas* (Vetor, 2003) e *Histórias de Ciúme Patológico* (Manole, 2010). Ballone é criador e coordenador do site PsiqWeb.

com o meio, e não uma certeza total de desenvolvimento. A natureza existencial supre o biológico e confere à personalidade elementos que levam o ser humano a transcender, e a se tornar “um ser único e individual, distinto de todos outros indivíduos de sua espécie, traduzindo a essência de uma peculiar combinação biopsicossocial”.¹⁰²

Segundo Ballone, o ser humano não pode ser considerado um conjunto de ‘genes’, programado pelos seus ascendentes biológicos para agir de uma determinada forma. Tampouco é um produto exclusivo totalmente condicionado pela cultura e despido de qualquer sentimento e vontade própria. Isto significa que “o ser humano não é somente herança, nem só ambiente, antes disso, uma combinação destes dois elementos em proporções completamente insuspeitadas”.¹⁰³

Em todo o ser humano existem características universais como a angústia, a ambição, o amor, o ódio, o ciúme, que em cada pessoa combinar-se-ão de maneira completamente singular. E existem características diferenciais que tornam cada pessoa única e inimitável. “Os seres humanos são essencialmente iguais e funcionalmente diferentes, ou seja, podemos nos considerar iguais uns aos outros quanto à nossa essência humana¹⁰⁴ [...], entretanto, funcionamos diferentemente uns dos outros”.¹⁰⁵

Para este psiquiatra, em biologia a fórmula $Genótipo^{106} + Ambiente^{107} = Fenótipo^{108}$, mostra-nos que o ser humano é uma conjugação entre seu patrimônio genético e a influência ambiental a que se submeteu. Dessa forma, concluímos que ‘sexualidade’, ‘orientação sexual’ e ‘gênero’ fazem parte da totalidade do ser humano, e do balanço entre fatores culturais e biológicos, com diferenças próprias.

Entre as diversas ciências que tem estudado a sexualidade, encontra-se a ‘neurociência’. Apesar dela inicialmente ter sido considerada um ramo de biologia,

¹⁰²BALLONE, GJ. *Teoria da Personalidade*.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Ao se falar em essência humana, a referência é ao ser ‘ontologicamente’.

¹⁰⁵ Ibidem., 2008.

¹⁰⁶ ‘Genótipo’ refere-se à constituição genética do indivíduo, ou seja, aos genes que ele possui. Cf. MONTEZANI, Érica. *Fenótipo, genótipo e a lei de Mendel*.

¹⁰⁷ ‘Ambiente’ trata-se do meio ambiente em que uma pessoa vive. Cf. MONTEZANI. *Fenótipo...*, 2010.

¹⁰⁸ ‘Fenótipo’ é empregado para designar as características apresentadas por um indivíduo, sejam elas morfológicas fisiológicas e comportamentais. Características que se modificam em contato com o meio ambiente. Cf. MONTEZANI. *Fenótipo...*, 2010.

a ‘neurociência’, na atualidade, é uma ciência interdisciplinar, e tem trazido descobertas muito importantes sobre a sexualidade.

Como exemplo citamos a pesquisa¹⁰⁹ desenvolvida pelo neurocientista Simon LeVay¹¹⁰, na qual ele concluiu que, “o desejo de um homem por outro homem não significa um desvio de personalidade, e sim uma variação natural de uma predisposição fisiológica”.¹¹¹ Este cientista explica sua descoberta, citando o fato de que assim como existem pessoas destras e canhotas, algumas pessoas apresentam uma inclinação sexual diferente. Apesar de sua pesquisa ter sido voltada para os homens, ele estende suas descobertas para as mulheres que sentem atração por outras mulheres.

A neurocientista brasileira Suzana Herculano-Houzel,¹¹² também aponta que a orientação sexual é inata, determinada biologicamente, e antes mesmo do nascimento. Para ela, o termo correto para designar a heterossexualidade ou homossexualidade seria ‘preferência sexual’¹¹³, e não ‘opção sexual’¹¹⁴. A

¹⁰⁹ Simon LeVay realizou um ampla pesquisa no cérebro de homossexuais, comparando o cérebro de homossexuais masculinos, com heterossexuais mulheres e homens, e ele descobriu que as regiões cerebrais que controlam a preferência sexual, em homens homossexuais, é mais semelhante ao cérebro feminino do que o cérebro masculino. Nas partes responsáveis pela sexualidade, o cérebro de um homem homossexual é mais parecido anatomicamente com o cérebro de uma mulher do que com o cérebro de um homem. “De acordo com LeVay, a área pré-óptica era menor do que a do homem médio e as conexões entre os dois hemisférios cerebrais mostravam-se mais desenvolvidas”. Quanto ao volume do cérebro, não se observaram diferenças entre homossexuais e heterossexuais, embora as distinções sejam significativas quando essa comparação é feita entre homens e mulheres. É importante acrescentar que isto não significa que homossexuais do sexo masculino tenham cérebros de mulher, as diferenças identificadas dizem respeito ao ‘desejo sexual’. Cf. KLEIN, Stefan. *A Fórmula da Felicidade*, p. 134.

¹¹⁰ Simon LeVay, nasceu em 28 de agosto de 1943. É um neurocientista inglês e Americano. Ele tem estudado as estruturas cerebrais e a orientação sexual. Em 2003 foi nomeado director dos estudos de sexualidade na Universidade de Stanford. Entre seus principais livros encontram-se: *The Sexual Brain*; *City of Friends: A Portrait of the Gay and Lesbian Community in America*; *Queer Science: The Use and Abuse of Research into Homosexuality*.

¹¹¹ KLEIN, Stefan. *A Fórmula da Felicidade*, p. 134.

¹¹² Suzana Herculano-Houzel é brasileira, neurocientista, doutora e pós doutora em neurociências. Graduada em Biologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro 1992. Mestre pela universidade americana Case Western Reserve (1995), doutora, na França pela Pierre et Marie Curie (1998), e pós-doutora na Alemanha pelo Instituto Max Planck (1999), todos em neurociência. Na atualidade é professora dos departamentos de Psicologia e Ciências Biológicas da Universidade Vanderbilt, em Nashville, no Tennessee. Possui inúmeros artigos científicos e diversos livros. Entre eles: *O Cérebro Nosso de Cada Dia*; *Sexo, Drogas, Rock and Roll... & chocolate*; *O Cérebro em Transformação*.

¹¹³ O termo ‘preferência sexual’ usado por esta pesquisadora, não é o mais conhecido. De modo geral os pesquisadores nomeiam de ‘orientação sexual’. Neste trabalho será usado como ‘preferência sexual’ quando citado por Suzana Herculano-Houzel e o termo ‘orientação sexual’ quando nos referirmos aos demais pesquisadores, e a nós.

¹¹⁴ ‘Opção’ é escolha, é o que a pessoa faz com a ‘preferência’. “Assume publicamente, abraça e curte, ou tenta abafar, esconder, ou mesmo ir contra ela”. Cf. HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *Preferência sexual não é opção*.

‘preferência sexual’ está associada à forma como o hipotálamo responde aos feromônios.¹¹⁵

Segundo esta pesquisadora, ‘o interesse sexual’ por homens ou mulheres é algo que o cérebro faz automaticamente, sem que haja escolha, portanto não faz parte da ‘opção sexual’. Segundo Herculano- Houzel,

A preferência sexual não se escolhe: descobre-se. Por isso, ela é exatamente tão ‘correta’ quanto à cor da sua pele. Tentar mudar a preferência sexual é como insistir que uma pessoa troque a cor da pele, se torne mais baixa, ou tenha olhos de outra cor. É como exigir que você, leitor, com 90% de chance de ser heterossexual, agora tenha de se relacionar com pessoas do seu próprio sexo. [...] É inviável, inútil e injusto.¹¹⁶

De acordo com a neurocientista, “um estudo do Instituto Karolinska, na Suécia, mostrou que o hipotálamo de cada pessoa é preferencialmente sensível a um dos dois tipos de feromônios: o feminino ou o masculino”.¹¹⁷

Do século XIX à metade do século XX, a ‘orientação sexual’ voltada para as pessoas do mesmo sexo era considerada patológica. Entretanto, os novos estudos, e os inúmeros debates sobre esta questão, levaram as sociedades científicas, desde 1973, a retirar a ‘homossexualidade’ da lista de doenças.¹¹⁸ Atualmente existem três tipos de ‘orientação sexual’ que são aceitas por todas as sociedades científicas: a heterossexualidade¹¹⁹, homossexualidade¹²⁰ e bissexualidade.¹²¹ Além desses, há

¹¹⁵ Feromônios - substâncias produzidas pelo corpo, que penetram pelo nariz surtindo efeitos sobre o hipotálamo. Cf. HERCULANO-HOUZEL. *Preferência sexual não...*

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ A pesquisa mostrou que o hipotálamo tanto de homens heterossexuais como o das mulheres homossexuais, responde fortemente ao feromônio produzido somente por mulheres, chamado EST. Já o hipotálamo de mulheres heterossexuais, e também de homens homossexuais, responde preferencialmente ao feromônio masculino, AND. “Com tudo o que se conhece sobre a região envolvida do hipotálamo, deve se seguir uma cascata de eventos em outras áreas do cérebro, como a amígdala, o córtex cerebral e o sistema de recompensa, que provocam excitação sexual e fazem com que se busque o dono, ou a dona, do feromônio que ativou o hipotálamo”. É importante registrar que o padrão de resposta do hipotálamo não concorda com o sexo de cada pessoa, e sim com sua preferência sexual. São sexualmente excitáveis por mulheres aqueles proprietários de hipotálamo que responde ao EST, feromônio feminino, e não ao AND; são excitáveis por homens, que por definição produzem o feromônio AND, os donos de hipotálamo sensível ao AND – sejam eles mulheres ou homens. Isto é revelado de modo geral ao cérebro adolescente, que sensibilizado pelos hormônios sexuais produzidos sob seu controle, expressa o caminho que tomou ainda na gestação.

¹¹⁸ Associação Americana de Psiquiatria (1973); Associação Americana de psicologia (1975); Associação Brasileira de Psiquiatria (1984); Organização mundial de Saúde (1990); Conselho federal de Psicologia, Br (1999), Cf. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Nota do Conselho Nacional LGBT*.

¹¹⁹ Heterossexualidade - atração física e emocional pelo ‘sexo oposto’. Cf. EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO, *Gênero e...*, p. 47.

¹²⁰ Homossexualidade - atração física e emocional pelo ‘mesmo sexo’. Cf. Ibidem., loc. cit.

¹²¹ Bissexualidade - atração física e emocional tanto pelo ‘mesmo sexo’ quanto pelo ‘sexo oposto’. Cf. Ibidem., loc. cit.

uma tendência em se aceitar a ‘assexualidade.’¹²² Embora para alguns profissionais a ‘assexualidade’ venha a ser um problema associado à falta de libido e distúrbios emocionais, para um grupo bem maior, trata-se de uma ‘orientação sexual’. Uma pesquisa sobre sexualidade feita no Reino Unido, no *Journal of Sex Research*, concluiu que 1% dos entrevistados nunca se sentiu atraído sexualmente por ninguém. Entretanto, a pesquisa não determina se a falta de apetite sexual pode ser um problema de saúde ou uma opção, ou uma orientação sexual. Os cientistas concordam que a falta da atividade sexual pode interferir na autoestima e no humor, mas isso pode ser sublimado¹²³ com um trabalho artístico ou até mesmo um trabalho voltado para o próximo.

O tema relacionado à ‘sexualidade’ continua sendo estudado, pesquisado, e tanto as novas descobertas como os aspectos essenciais tem sido analisados por estudiosos que, de modo geral, estão de acordo que, hoje, no século XXI, a sexualidade como é conhecida, encontra-se ligada a fatores biológicos e a um processo social de longa distância vivenciado pela sociedade ocidental até os nossos dias.

2.2.2

Gênero: Papéis – Identidade

Após a análise que fizemos sobre ‘sexualidade’, ‘identificação sexual’ e diferenciação das terminologias de ‘gênero’, ‘orientação sexual ou preferência sexual’ e ‘sexualidade’, voltaremos a refletir sobre ‘gênero’ em relação aos ‘papéis de gênero’ e a ‘identidade de gênero’.

¹²² ‘Assexualidade’ - para alguns grupos está relacionada como a ‘orientação sexual’ caracterizada pela indiferença à prática sexual. Para outros grupos aceitam relativamente este conceito. Para outro grupo específico, a ‘assexualidade’ não está ligada a orientação sexual, e sim ao impulso e ao desejo sexual. A AVEN (Asexuality Visibility and Education Network) define ‘assexual’ como a "pessoa que não experiencia atração sexual". E a Comunidade Assexual A2, principal comunidade brasileira sobre este tema, diz que ‘assexual’ é "a pessoa que não tem interesse na prática sexual com outra pessoa". Cf. Asexuality Visibility and Education Network (AVEN).; e Comunidade Assexual A2.

¹²³ Sublimation - un terme créé par Sigmund Freud qui désigne un mécanisme de défense de "ego", certains pulsions inconscientes sont intégrés dans la personnalité et culminer dans les attitudes avec valeur sociale positive. Tradução livre: Termo introduzido por Sigmund Freud que designa um mecanismo de defesa do "ego", determinados impulsos inconscientes são integrados na personalidade e culminam em atitudes com valor social positivo. Cf. *Petit Larousse de la Psychologie*.

2.2.2.1 Papéis de Gênero

A criança nasce, e de acordo com o seu ‘gênero’ é criada uma expectativa social em relação à forma como ela deve andar, falar, sentar, mostrar o corpo, e amar. E a criança vai sendo induzida a agir desta ou daquela maneira pela família, pela sociedade, pela religião, e por ela própria, que vai introjetando a expectativa da sociedade. Mas, se olharmos para a história, encontraremos pessoas que não concordaram e não aceitaram os ‘papéis de gênero’ que a sociedade determinou-lhes, e essa não aceitação foi essencial para a conscientização de que a diferença biológica dos sexos não constitui o único parâmetro para determinar os ‘papéis de gênero’.

Essas ‘diferenças de gênero’ costumam ser consideradas ‘naturais’, como se os corpos fossem capazes de determinar os papéis de cada pessoa a desempenhar. Por séculos essa afirmação foi aceita, porém, hoje, as Ciências Sociais apontam que os ‘papéis de gênero’ foram sendo construídos socialmente, juntos com a noção de sexualidade. Não existe um padrão universal para o comportamento sexual ou de gênero. Nenhum comportamento deve ser considerado ‘normal’, ‘superior’ ou ‘melhor’, pois a forma de classificá-lo e as normas de convivência social foram feitas por homens e mulheres de distintas sociedades, em diferentes tempos históricos e conceitos culturais.

De acordo com o PCN, 1997 formulados pelo MEC, no Brasil, para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social.¹²⁴

Este conceito ressalta que a ‘natureza’ não é a única responsável pela diferença de comportamentos e nem determina os lugares que devem ser ocupados por homens ou mulheres na sociedade. Há algum tempo atrás era impensável a existência de mulheres lutadoras de boxe, jogadoras de futebol, skatistas, médicas, engenheiras, políticas, teólogas, presbíteras, e até presidentes de firmas, primeiras ministras ou presidentes da república de um país. Estas mulheres estariam fora do

¹²⁴ BRASIL. PCN: *pluralidade cultural, orientação sexual*, p. 97.

comportamento padrão que a sociedade havia traçado para elas, a partir de sua pertença ao sexo feminino.

O modelo ou padrão ‘que norteou e ainda norteia o ideal da sociedade ocidental, ao qual Barros¹²⁵ se refere como o tipo requerido pelo projeto da modernidade é, “homem, branco, pai de família, adulto, cristão, proprietário, letrado e heterossexual”.¹²⁶ A partir deste modelo foi criado o feminino: mulher, branca, frágil, procriadora e cuidadora, surgindo daí a bipolarização dos corpos: masculino e feminino, e como cada gênero deve agir.

Mas, além dessas ‘percepções objetivas’ existem outras formas de percepção que interferem profundamente na vida do ser humano, influenciando na sua forma de ver o mundo, de se perceber e de se perceber no mundo. São as ‘percepções subjetivas’ que formam a ‘identidade de gênero’.

2.2.2.2

Identidade de gênero

Cada ser humano tem múltiplas formas de vivenciar sua identidade. As pessoas não são todas iguais. A identidade de gênero não esgota a subjetividade de uma pessoa, nem sua subjetividade se restringe ao transexual¹²⁷.

A identidade de gênero está relacionada à ‘percepção subjetiva’ de alguém ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis estabelecidos pela sociedade para serem vividos por homens e mulheres. Uma percepção que pode estar ou não de acordo com os ‘comportamentos’ e ‘papéis de gênero’ criados socialmente para a pessoa devido ao seu gênero. “Mas, nem sempre a ‘identidade de gênero’ corresponde ao sexo com o qual a pessoa nasceu. Sendo assim, apesar da influência que os papéis dados pela sociedade exercem sobre uma pessoa em cada época, ela é um ser independente, e pode se sentir ou não diferente do que a sociedade lhe impõe. Neste caso, quando ocorre o sentimento de estranheza em relação ao ‘gênero’ ao qual biologicamente pertence, a pessoa busca se conhecer a partir das mais diferentes combinações da convivência humana

¹²⁵Sullivan Charles Barros é pós-doutor em Estudos Culturais, UFRJ. Pós-Doutor em Antropologia, UnB. Doutor em Sociologia, UnB. Professor Visitante do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas-CEPPAC da Universidade de Brasília. Autor de diversos artigos sobre direitos humanos. Entre eles: *Os saberes subalternos e os direitos humanos*.

¹²⁶ BARROS, Sullivan Charles. *Os saberes subalternos e os direitos humanos*.

¹²⁷ JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero*, p. 18.

cotidiana. Entretanto, a descoberta que faz pode não corresponder aos papéis que el@ identifique como sendo parte de sua atividade, de seus interesses, de sua vida, de seu sexo biológico, e de sua orientação sexual. A pessoa transexual, por exemplo, “tem essa ‘não identificação’ com o seu gênero por ter nascido com o sexo biológico diferente do sexo psicológico”¹²⁸.

Podemos, então, dizer que a ‘identidade de gênero’ nem sempre corresponde ao ‘gênero’ que lhe foi determinado, e em algumas pessoas não é ‘fixa’, podendo mudar ao longo da sua vida, de acordo com as suas experiências. Isto significa que em relação à ‘identidade de uma pessoa’, a biologia não tem a palavra final.

O Dr. Alexandre Saadeh, psiquiatra do Instituto de psiquiatria do Hospital das clínicas de São Paulo, traz uma explicação biológica para o que acontece com a pessoa transgênera. Para ele, no embrião humano a genitália se forma por volta da 10ª semana, porém o cérebro continua a se desenvolver, e só por volta da 20ª semana é definida a área que dá a ‘identidade de gênero’. Dessa forma, uma genitália masculina, na grande maioria, desenvolve um cérebro masculino; uma genitália feminina desenvolve um cérebro feminino. Mas pode acontecer o contrário, a genitália é feminina, mas o cérebro se estruturou como masculino, ou a genitália é masculina e o cérebro estruturado como feminino. Neste caso teremos uma criança que nascerá ‘transgênera’. A estranheza em relação ao corpo biológico que possui começará a se manifestar por volta de 3 ou 4 anos de idade, quando a criança já tem uma maturidade neurológica para dizer se é menino ou menina.

Essa criança pode ser totalmente reprimida, e calar-se, por toda a vida, vivendo em conflito, sem conseguir que ‘psíquico’ e ‘corpo’ se harmonizem, podendo surgir inúmeros problemas psíquicos a partir dessa desintegração de suas dimensões, ou pode, devido à estranheza que sente rejeitar o seu corpo biológico e procurar transformar o seu corpo para que fique de acordo com o que sente ser. É uma difícil transição, e o apoio da família, da escola, da religião, e do Estado são muito importantes, o que na maioria das vezes não acontece. O hospital das clínicas de São Paulo, realiza este trabalho de acompanhamento aos ‘transgêneros’, desde a avaliação psicológica até a finalização da transição, com cirurgia ou não. Saadeh

¹²⁸ JUNIOR, Eliseu Barreira. *A descoberta da própria sexualidade*.

afirma, “um transgênero já nasce assim, não é escolha, não é influência do meio. Se fosse influência do meio não existiria transgêneros”.¹²⁹

A psicologia do desenvolvimento¹³⁰ também reconhece que “é a partir dos quatro anos que a criança passa a ter noção do gênero que lhe é estabelecido. Ela percebe que existem aqueles tidos como homens, os tidos como mulheres e que cada um exerce papéis diferentes na sociedade”.¹³¹ Normalmente nessa idade a criança começa a perceber as possíveis inadequações sobre a sua ‘identidade de gênero’, ou seja, como ela se reconhece diante da socialização que recebe. A relação ‘biologia-meio ambiente’ é vital na determinação dos ‘papéis de gênero’ e da ‘identidade de gênero’.

2.2.2.3 Cisgênero e Transgênero

Para melhor entendimento sobre as questões de ‘identidade de gênero’ será importante registrarmos as terminologias usadas, e os conceitos que estão relacionados com esta questão, procurando aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre este tema.

Em relação à ‘identidade de gênero’, por exemplo, a pessoa pode ser ‘cisgênero’ ou ‘transgênero’. Cisgênero tem sua origem etimológica no termo cis e o termo em latim, significa “do mesmo lado” ou “ao lado de”. O prefixo faz referência à “concordância da identidade de gênero do indivíduo com a sua configuração hormonal e genital de nascença”.¹³² Trata-se da “identificação total do indivíduo com as características atribuídas a este gênero a partir do ponto de vista histórico-socio-cultural, responsável por ditar o padrão normativo do masculino e feminino”.¹³³ O Cisgênero pode ser heterossexual ou homossexual, bissexual, assexual, ou ainda intersexual.

Transgênero diz respeito “às pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico, mas sim com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído

¹²⁹ G1. *Quem sou eu?*.

¹³⁰ Psicologia do desenvolvimento é o estudo científico das mudanças de comportamento relacionadas à idade durante a vida de uma pessoa.

¹³¹ COSTA, Andrioli. *Fazendo Gênero*.

¹³² SIGNIFICADOS: *Significado de Cisgênero*.

¹³³ *Ibidem*

biologicamente”.¹³⁴ Essas pessoas podem ser ‘transexual’, ‘travesti’, ‘interssexual’, ‘heterossexual’, ‘homossexual’, assexual.

‘Transexual’ é aquel@ que tem uma ‘identidade de gênero’ diferente do sexo que recebeu ao nascimento. Homens e mulheres ‘transexuais’ podem ou não manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída.¹³⁵ De acordo com Justo,¹³⁶ a pessoa transexual não sente pertencer ao seu sexo biológico, e a mulher transexual deseja ser mulher e tratada como tal. É importante frisar que, para Justo, de modo geral, a mulher transexual não deseja que o seu órgão sexual seja usado na relação sexual. “Ela pode estar muito bem com ela, com o seu corpo, mas o seu grande problema é ter essas características masculinas que rejeita”.¹³⁷

Justo lembra ainda, que embora em menor número, existem homens transexuais, ou seja, “pessoas que nasceram biologicamente mulheres, mas tem o sentimento de gênero de serem homens”.¹³⁸ E citando Vieira¹³⁹, Justo continua: “@ transexual tem intenso desconforto e deseja adequar o corpo à sua mente”.

Existe ainda a ‘travesti’ que é a pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas tem sua ‘identidade de gênero’ oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes do imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas.¹⁴⁰

Goldenberg¹⁴¹ que analisou a pesquisa realizada por Kulik com as travestis em Salvador diz que, para Kulick,¹⁴² “as travestis são ‘condensações’ de

¹³⁴ Id. *Cisgênero e Transgênero*.

¹³⁵ EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO. *Gênero e...*, 2009, p. 47.

¹³⁶ Luis Pereira Justo. Médico psiquiatra no Centro de Referência e Treinamento – DST/Aids, SES/SP. Responsável pelas avaliações psiquiátricas das pessoas que se candidatam a fazer o processo cirúrgico de transexualização e outras demandas de adequações das transformações físicas pela qual passam em relação ao corpo do sentimento de gênero, no Ambulatório de saúde integral para Travestis e Transexuais oferecido pelo Estado de São Paulo.

¹³⁷ JUSTO, Luis Pereira. *Transgêneros*.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Tereza Rodrigues Vieira, especialista em Bioética pela FMUSP (Faculdade de Medicina da USP) e professora na Unipar (Universidade Paranaense).

¹⁴⁰ EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO. *Gênero e...*, 2009, p. 47.

¹⁴¹ Mirian Goldenberg é professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁴² Don Kulik é Antropólogo, autor de vários livros,. Entre eles, *Taboo: Sex, Identity, and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*, 1995 (with Margaret Willson); *Language and Sexuality*,

determinadas ideias gerais, representações e práticas do masculino e do feminino”.¹⁴³ Certas configurações de sexo, gênero e sexualidade são elaboradas por elas de forma a sustentar e darem significado às concepções de homem e mulher, no Brasil.

Embora muitas pessoas achem similaridade entre a pessoa transexual e a travesti, para Justo há uma diferença fundamental: “A travesti é uma mulher com características masculinas, e usa esses atributos, como o órgão sexual, em suas relações sexuais”¹⁴⁴. Entretanto, a ‘transexual’ não faz uso do órgão sexual e de modo geral deseja retirá-lo, pois é algo que não lhe pertence. Mas é importante registrar que existem ‘transexuais’ e ‘travestis’ que não concordam com esta visão, e dizem que não é tão definido assim. Para elas, a sociedade deseja formatá-las dentro da categoria binária, que muitas vezes não se enquadram, pois a ‘subjetividade’ é algo ainda mais profundo.

O que podemos perceber é que estamos diante corpos e sexualidades que se misturam na ‘identidade de gênero’, problematizando os binarismos tradicionais. Biologicamente, uma pessoa só pode ser homem ou mulher, mas este binarismo hoje é contestado, e alguns grupos discutem o rompimento da barreira homem e mulher, e trazem a proposta de se pensar em seres humanos, sem divisões estanques. Os estudos que tratam dessa fluidez de corpos foram chamados de ‘Teoria Queer’, e não se refere mais a ‘sexualidade’, mas a ‘sexualidades’. O Centro de Equidade de Gênero da Universidade da Califórnia, em Berkeley, propõe: “Uma pessoa cuja identidade de gênero não é nem homem nem mulher está entre os sexos ou além, ou é uma combinação de gêneros”. E conclui: “Algumas pessoas não binárias se colocam sob o guarda-chuva dos transgêneros, enquanto outras não”.¹⁴⁵

Além d@ transexual e da travesti, existem ainda aquelas pessoas que fluem de um gênero a outro, sem se encaixarem em nenhum deles. São as pessoas ‘intersex’ ou ‘intersexo’. Segundo a ISNA¹⁴⁶, este termo é usado para nomear as pessoas que nascem com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que diferem da

2003 (with Deborah Cameron); *Queersverige [Queer Sweden]*, 2005. *Travesty: Sex, Gender and Culture among Brazilian transgendered Prostitutes*, 1998. No último livro citado, ele trouxe o fruto da pesquisa que realizou no Brasil, em Salvador, na década de 90, onde ficou um ano vivendo com treze prostitutas.

¹⁴³ GOLDENBERG, Míriam. *O gênero das travestis*, p.1115-1119.

¹⁴⁴ ADES. Op cit, 2014.

¹⁴⁵ COSTA. Fazendo Gênero..., 20/04/2015

¹⁴⁶ ISNA-Intersex Society America.

definição de masculino ou feminino. “São corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aqueles que os vê”.¹⁴⁷

De acordo com Judith Butler¹⁴⁸, entre um homem e uma mulher existem diferenças hormonais, fisiológicas, e cromossômicas. Embora o pensamento usado para entender o gênero de cada pessoa seja ‘binário’, existem variações, ‘um continuum entre um e outro’. E as pesquisas tem mostrado que a biologia não é determinista. Para esta filósofa, ‘gênero’ é uma combinação única, em cada pessoa, de diversos fatores, tais como, fatores biológicos, sexuais, sociais, ambientais, e pessoais. “Descobriu-se que os hormônios são interativos e há várias maneiras em que podem ser ativados. Inclusive o desenvolvimento dos neurônios está ligado ao ambiente. O que acontece depende em parte da vida que se vive”.¹⁴⁹

Para Preciado,¹⁵⁰

El sexo, como órgano y práctica, no es ni un lugar biológico preciso ni una pulsión natural. El sexo es una tecnología de dominación heterosocial que reduce el cuerpo a zonas erógenas en función de una distribución asimétrica del poder entre los géneros (femenino/masculino), haciendo coincidir ciertos afectos con determinados órganos, ciertas sensaciones con determinadas reacciones anatómicas.¹⁵¹

A proposta desse autor para a questão gênero e toda a violência existente, inclusive a tecnológica, é o contrato contrassexual, que foi conhecido mundialmente através do seu livro *Manifiesto contrasexual* (2002), onde propõe

¹⁴⁷ PINO, Nádía Perez. *A teoria queer e os intersex*.

¹⁴⁸ Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense. Nasceu em 1956 em Cleveland, Ohio, EUA, e se tornou uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. De suas obras citamos: *Feminism and the subversion of identity*; *Bodies that matter*; *Undoing Gender*.

¹⁴⁹ CASTILHO, Inês. *Queer para um mundo não binário*. Judith Butler. Entrevista. Outras palavras. Comunicação Compartilhada e Pós-capitalismo. Disponível <http://outraspalavras.net/brasil/judith-butler-queer-para-um-mundo-nao-binario/>. Publicado em 16/09/2015.

¹⁵⁰ Paul B. Preciado (nasceu como Beatriz Preciado, em Burgos, 1970) é um filósofo feminista que teve destaque pelas suas contribuições a Teoria Queer, e a filosofia de Gênero. Discípulo de Agnes Heller e Jacques Derrida. Atualmente é diretor do Programa "Somateca: feminismos, produção biopolítica, práticas queer e trans" no Centro de Estudos Avançados do Museu Nacional Reina Sofía, e do Centro de Estudos do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. É professor da cátedra de Historia Política do corpo e teoria de género na Universidade de Paris VIII. Seu primeiro livro *Manifiesto contrasexual* (2002) foi traduzido para inúmeros países e lhe deu fama internacional. Entre os seus outros livros, citamos: *Testo yonqui* (2008); *El deseo homosexual* (2009); *Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en «Playboy» durante la guerra fría* (2010).

¹⁵¹ Tradução livre: “O sexo, como o órgão e prática, não é um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterosocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica do poder entre os géneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatómicas”. Cf. PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto Contra-sexual*. Madri: Editorial Opera Prima, 2002, p. 22.

destruir os limites impostos pela “normalidade” e “anormalidades”. Ainda que sua proposta seja vista como uma estratégia política, Preciado denuncia que vivemos na era cibernética onde tecnologias mecânicas y cibeméticas formatam cada corpo de acordo com a opressão social.

Todas as questões pesquisadas em nosso trabalho doutoral sobre ‘gênero’, ‘sexualidade’, ‘sexo’, e ‘orientação sexual’, ‘identidade de gênero’, são aspectos delicados da estrutura biológica, social, e cultural do ser humano interligados a uma profunda subjetividade, da qual surge cada dia aspectos novos, que precisam ser investigados, estudados, e refletidos.

Sem renunciar a perspectiva cristã da diferença entre homem e mulher, respeitando a importância do sexo biológico, a ‘teologia’ ao acompanhar as descobertas da ‘ciência’, percebe a importância do ambiente cultural e social na vida de cada pessoa. Para podermos atuar e contribuirmos para modificar as situações de opressão no mundo, entre elas, a ‘violência de gênero’ é preciso conhecer e dialogar com a ciência, e com a sociedade. Com esta intenção, traremos um panorama da gravidade desta violência através estatísticas retiradas de órgãos, em sua maioria, oficiais, da ‘violência de gênero’, contra a mulher e o grupo LGBTTI.

Ao terminarmos este estudo sobre gênero, desejamos fazê-lo com uma colocação de Jung¹⁵². Embora ele não estivesse pensando em gênero, ou identidade de gênero, nem em orientação sexual, pois essa terminologia não existia na época, sua afirmação leva-nos a pensar e ajuda a nossa reflexão.

Para Jung, o que faz um homem ser verdadeiramente homem é ter a possibilidade de ter contato com a sua alma feminina, com a sua *ânima*, e o mesmo ocorre com a mulher; quanto mais mulher será, quanto mais conhecer o seu *ânimus*.

[...] A pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. Mas se prestares bem atenção, verás que o homem mais masculino tem alma feminina, e que a mulher mais feminina tem alma masculina. Quanto mais homem és tanto mais afastado de ti o que a mulher realmente é, pois o feminino em ti mesmo te é estranho e desprezível”¹⁵³

¹⁵² Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu conceitos importantíssimos como a personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo, e o inconsciente coletivo. Entre os inúmeros livros que escreveu, encontram-se: *Estudos psiquiátricos*; *Estudos experimentais*; *Psicogênese das doenças mentais*; *Freud e a psicanálise*; *Símbolos da transformação*; *Tipos psicológicos*; *Psicologia do inconsciente*; *O eu e o inconsciente*; *A energia psíquica*; e *A natureza da psique*.

¹⁵³ JUNG, Carl Gustav. *O livro vermelho*, p. 263.

2.3

A violência de gênero na sociedade contemporânea

“Violência contra a mulher, violência doméstica, violência intrafamiliar, violência conjugal, violência familiar, violência de gênero”¹⁵⁴. Nomes diversos que mostram a ineficácia das ações feitas para diminuir a violência contra o feminino em um mundo onde o que é ligado a ele, ainda carrega o jugo da subalternidade, da propriedade, do silêncio, e da indiferença.

Depois de analisarmos ‘gênero’, e tudo que ele envolve além do sexo, entraremos no imenso e terrível mundo da ‘violência de gênero’.

O conceito de ‘violência de gênero’ possui um vasto campo, onde é possível colocar “crianças e adolescentes, a violência conjugal, a violência do homem contra a mulher, a violência da mulher contra o homem, a violência entre mulheres e a violência entre homens”.¹⁵⁵ Entretanto, “a violência de gênero predominante é a voltada à mulher”¹⁵⁶, e ao grupo LGBTTI¹⁵⁷. Segundo IPEA¹⁵⁸, “88,5% das vítimas são do sexo feminino,”¹⁵⁹ e nela podemos incluir crianças e adolescentes meninas, mas não inclui a violência que atinge o grupo LGBTTI, pois esta é analisada a parte.

Sobre o conceito de ‘violência de gênero’ a historiadora Joan Scott¹⁶⁰ afirma que nas relações de gênero o ‘elemento social’ está ligado às diferenças de sexo, porém o decisivo neste relacionamento são as relações de ‘poder’. Relações determinadas com base nas diferenças de sexo influenciadas pelo aspecto social.

Para Scott, tanto na construção social da feminilidade como na da masculinidade, a partir das características e diferenças biológicas, anatômicas e sexuais de mulheres e homens, hierarquicamente, ‘o feminino é subjugado ao

¹⁵⁴ BANDEIRA, Lourdes Maria. *Violência de gênero*.

¹⁵⁵ ARAÚJO; MARTINS; SANTOS. *Violência de Gênero e Violência contra a Mulher*, p. 17-35.

¹⁵⁶ FRANCO, LÓPEZ-CEPERO; DIAZ Díaz, F. J. R. *Violência doméstica*, p. 248-254.

¹⁵⁷ Sigla usada para se referir ao grupo de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, e intersexuais. Embora os intersexuais ainda não façam parte oficialmente do grupo, estamos usando a sigla incluindo os intersexuais, como muitos pesquisadores já o tem feito, pois o título do nosso trabalho doutoral chama-se ‘A inclusão de ‘todas’.

¹⁵⁸ Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

¹⁵⁹ GAZETA DO POVO. *Brasil tem um caso violência contra gays registrado a cada hora*.

¹⁶⁰ Joan Wallach Scott é uma historiadora Norte-americana, nascida em 1941. Seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* – original, *Gender: a useful category of historical analysis*, 1986 foi essencial na formação de um campo de história de gênero dentro dos estudos históricos anglo-americanos. Entre os seus livros citamos: *Women, Work and Family* (coauthored with Louise Tilly), 1978 *Gender and the Politics of History*, 2008; *The Fantasy of Feminist History*, 2011.

masculino’. Isto, sem dúvida, influencia nas relações de poder, pois as características femininas, de modo geral, são consideradas inferiores, tanto na percepção masculina, como na feminina. Mesmo quando nas relações a dominação masculina não é explícita, ela ainda permanece em forma de ‘dominação simbólica’, e “é sentida nos discursos, nas práticas sociais e institucionais, atingindo todo o tecido social, corpos e mentes, e levando a desigualdade entre homens e mulheres”.¹⁶¹

Na busca de desvendar os entrelaçamentos que envolvem à ‘violência de gênero’, encontrando na denúncia e na estatística a maior concentração dos fatores decisivos desta violência, trabalharemos, em primeiro lugar, com a ‘violência contra a mulher’.

2.3.1

A violência contra a mulher

[...] Como aquele ser frágil, dependente, de repente se arvora em ter ideias próprias, trabalhar fora, olhar para o lado? Esse que é um dos processos mais revolucionários da cultura contemporânea até hoje não conseguiu plena cidadania nos países latinos, entre eles no nosso.¹⁶²

Este pensamento da teóloga Maria Clara Bingemer traz a realidade da mulher de nossos dias, que reagiu, e deixou o âmbito doméstico para participar do espaço público com o homem, desejando ser dona da sua própria vida. Entretanto, a visão masculina que perpetua é que a mulher precisa ser dominada, e as mudanças que decorrem das reações da mulher à dominação masculina, têm sido difíceis de serem aceitas pela sociedade patriarcal, e em diversos países há um aumento da violência contra a mulher.

Uma análise do contexto brasileiro e latino-americano, e até mesmo mundial, leva-nos a perceber que, existe na ‘violência de gênero’, o fator cultural e social que coloca a mulher como inferior ao homem. A introjeção da superioridade do modelo masculino, o mimetismo de ação constante em relação às gerações anteriores, traz a violência como um mecanismo que é fruto de um padrão familiar de subordinação e de um não questionamento das imposições masculinas, “o modelo familiar

¹⁶¹ BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 25.

¹⁶² BINGEMER, Maria Clara. *Nem com uma flor*.

predominante é o da autoridade paterna, o que determina a submissão dos filhos e da mulher à autoridade paterna”.¹⁶³

Embora a sociedade venha passando por modificações em relação à liberdade da mulher e a conscientização do patriarcalismo, nas relações estabelecidas entre homens e mulheres, de modo geral, ainda são os homens que assumem o poder sobre as mulheres, pois a supremacia masculina é introjetada por ambos, como real, em detrimento da feminina. Dessa forma, quando a mulher não aceita como ‘natural’ o papel a ela imposto, é comum os homens recorrerem à violência, desde as formas mais sutis até a violência física, podendo chegar ao assassinato.

De acordo com a Lei “Maria da Penha”,¹⁶⁴

Violência é o ato de brutalidade, constrangimento, abuso, proibição, desrespeito, discriminação, imposição, invasão, ofensa, agressão física, psíquica, moral ou patrimonial contra alguém, caracterizando relações que se baseiam na ofensa e na intimidação pelo medo e pelo terror.¹⁶⁵

Violência que atinge de tal forma o mundo que, desde 1996, a OMS¹⁶⁶ “reconheceu a violência doméstica contra a mulher como uma questão de saúde pública, pois afeta negativamente a integridade física e emocional da vítima, seu senso de segurança, configurada por círculo vicioso de ‘idas e vindas’”.¹⁶⁷

Para termos um panorama mundial desta violência começaremos citando o relatório da ONU sobre as diversas partes do mundo. Tais como: - a “Noruega, que apesar de ser considerado o país mais igualitário do mundo, em cada 10 mulheres, uma já foi estuprada”¹⁶⁸. - No Afeganistão, “quando uma mulher é estuprada por um homem casado, quem é condenada por adultério é a mulher, não o homem que a estuprou”¹⁶⁹. - na Índia, em 2015, “duas irmãs foram condenadas a serem estupradas diversas vezes como punição para crimes cometidos pelo irmão que fugiu com uma mulher casada de uma casta superior”.¹⁷⁰ – e em Israel, “pelo menos

¹⁶³ BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Psicologias*.

¹⁶⁴ Lei Maria da Penha - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências... Cf. BIBLIOTECA DIGITAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Lei Maria da Penha*, p.11.

¹⁶⁵ CAVALCANTI. Stela Valéria Soares de Farias *Violência Doméstica*, p. 29.

¹⁶⁶ OMS – Organização Mundial de Saúde.

¹⁶⁷ GROSSI, Patrícia Krieger. *Violência contra a mulher*, p. 133 passim.

¹⁶⁸ GOMES, Luis Flávio. *Nenhum país fica chocado com a violência de gênero*.

¹⁶⁹ *Ibidem.*, 2011.

¹⁷⁰ O GLOBO. Sociedade. *Irmãs pedem proteção na Índia após conselho decidir que elas devem ser estupradas*.

uma vez ao ano, 50% das mulheres árabes casadas são espancadas por seus maridos e 25%, uma vez a cada seis meses”.¹⁷¹

A ONU¹⁷² afirma ainda que, no Sudão do Sul, "segundo fontes confiáveis, as autoridades permitem que grupos aliados estuprem as mulheres como forma de pagamento", [...] seguindo o princípio do "façam o que puderem e tomem o que quiserem".¹⁷³

Segundo Saffioti,¹⁷⁴ a própria ideologia machista sustenta esse sistema e socializa o homem para dominar a mulher, e esta para se submeter ao poder masculino. O único a se beneficiar neste sistema de dominação masculina é o homem, principalmente o rico, branco e adulto. Dada a sua formação de supremacia masculina julga-se no direito de espancar sua mulher. “Esta, educada que foi para submeter-se aos desejos masculinos, toma este ‘destino’ como natural”.¹⁷⁵

Maria Amélia Azevedo¹⁷⁶ concebe a violência como sendo a expressão de relações sociais hierárquicas de dominância e subalternidade. Para ela, tal violência decorreria de dois conjuntos de fatores. “O primeiro estaria ligado à estrutura socioeconômica, a discriminação contra a mulher, a ideologia machista e a educação diferenciada; e o segundo seria gerado por situações do cotidiano familiar, como o uso de álcool e drogas”.¹⁷⁷

Segundo a porta voz da ONU mulheres no Brasil, Nadine Gasman,¹⁷⁸ “A violência contra mulheres é uma construção social, resultado da desigualdade de forças nas relações de poder entre homens e mulheres. É criada nas relações sociais e reproduzida pela sociedade”. Violência que pode ser enquadrada dentro da ‘violência doméstica’, pois “esta se expressa nas ‘relações interpessoais familiares’

¹⁷¹ REDE SAÚDE. *Saúde da mulher e direitos reprodutivos*.

¹⁷² ONU - Organização das Nações Unidas.

¹⁷³ G1. *Sudão do Sul deixa estuprar mulheres como salário*, diz ONU.

¹⁷⁴ Heleieth Iara Bongiovani Saffioti – sua biografia está no início deste capítulo, na definição de ‘gênero’.

¹⁷⁵ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*, p. 79.

¹⁷⁶ Maria Amélia Azevedo, pedagoga, advogada, educadora e psicóloga, dedica sua vida profissional e acadêmica a estudar o fenômeno da violência doméstica contra mulheres e crianças. Entre os seus livros citamos: *Mulheres espancadas*, 1985; *A Violência Psicológica Doméstica*, 2001. *Os novos pequenos mártires: infância e violência doméstica*, 2000.

¹⁷⁷ AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres Espancadas*, p.74.

¹⁷⁸ Nadine Gasman. M.D. é médica e possui nacionalidade mexicana e francesa, com mestrado em Saúde Pública pela Universidade de Harvard e doutorado em Gerenciamento e Políticas da Saúde pela Universidade Johns Hopkins. É representante do escritório da ONU Mulheres no Brasil. Foi Diretora da Campanha do Secretário-Geral das Nações Unidas *UNA-SE pelo Fim da Violência Contra as Mulheres* para a América Latine e o Caribe, e diretora do IPAS México, uma ONG internacional dedicada aos direitos sexuais e reprodutivos.

que, como as demais instituições sociais, são atravessadas por relações de poder hierarquizadas com base nas dimensões estruturantes da sociedade: classe, gênero e etnia”¹⁷⁹.

A primeira grande violência voltada à mulher começa na educação. “De cada 10 pessoas pobres no mundo, 7 são mulheres. Mais de 60 milhões de meninas não vão à escola e mais de 500 milhões de mulheres não sabem ler e escrever”.¹⁸⁰ Diante dessa realidade, milhares de meninas sonham e muitas precisam lutar para ir à escola, e modificar o seu futuro. Kachan¹⁸¹ foi uma dessas meninas que fugiu para não ser casada a força. “Quando cheguei ao décimo ano, minha família decidiu procurar um marido para mim. Senti-me como uma vaca à venda. Ninguém me perguntou se queria me casar”.¹⁸² Segundo Kachan, ela fugiu, foi ao Centro Dom Bosco, em Navajeevan, onde foi acolhida e a ajudaram a continuar estudando.

Além dessa realidade, uma pesquisa realizada pela OMS e a Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres concluiu que mais de “35% dos assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo”.¹⁸³ Em comparação, o mesmo estudo estima que apenas 5% dos assassinatos de homens são cometidos por uma parceira. Segundo a OMS, “Uma em cada três mulheres no mundo é vítima de violência conjugal”.¹⁸⁴

Apesar das mulheres em muitos países terem se emancipado, encontrarem-se no mercado de trabalho e nos principais cargos, ainda existem crimes contra as mulheres com justificativas de ordem cultural ou religiosas. De acordo com a ONU, “cerca de cinco mil mulheres são mortas no mundo por “crimes de honra” por ano”.¹⁸⁵ São assassinatos de meninas ou mulheres a mando da própria família por suspeita ou alguma transgressão sexual, quebra de regras ou tabus, adultério, relações sexuais ou gravidez fora do casamento, ou até mesmo se a mulher for estuprada. Assassinatos feitos com armas de fogo, facadas, e estrangulamentos, ou

¹⁷⁹ MORGADO, Rosana. *Mulheres mães e o abuso sexual incestuoso*, p. 18.

¹⁸⁰ JONAS. Mais de 500 milhões de mulheres em todo o mundo não sabem ler e escrever.

¹⁸¹ Kachan foi uma menina pobre, menor de oito irmãos que vivia na Índia, próximo à Navajeevan e buscou refúgio para continuar seus estudos e não ter que participar de um casamento arranjado pela família.

¹⁸² *Ibidem.*, 2016.

¹⁸³ SOARES, Ana Lis. *Violência contra a mulher*.

¹⁸⁴ PORTAL ODM. *Uma em cada três mulheres no mundo sofre violência conjugal, diz OMS*.

¹⁸⁵ SOARES. *Op. Cit.*, 2015.

então pode ser “queimadas, apedrejadas, obrigadas a tomar venenos, e até serem jogadas pela janela”.¹⁸⁶

Cada notícia e estatística aqui apresentada, traz uma realidade, muitas vezes, desconhecida pelas mulheres de outras partes do mundo, devido a pouca divulgação que a mídia e os órgãos governamentais dão a esse tipo de violência. Entretanto, a violência contra a mulher é enorme e possui características de crueldade. Passaremos a citar diversos países, trazendo alguns detalhes tristes, porém, importantes para a visualização da violência de gênero no contexto mundial.

Entre as mais antigas e cruéis, citamos a ‘mutilação genital feminina’. Este tipo de violência acontece em diversos países, principalmente no continente africano. Apesar de não ser reconhecida como legítima, devido à violência que esta prática insere, continua sendo realizada no Egito, Somália, e por grupos que seguem determinadas culturas e religiões. É uma prática exercida pelas avós e mães, na própria família. Mais de 135 milhões de meninas e mulheres vivas já foram cortadas nos 29 países da África e Oriente Médio, onde a prática está concentrada. Isso significa que cerca de 6 mil mulheres diariamente sofrem mutilação genital. Há mais de um tipo de mutilação, entre elas, a ‘remoção do clitóris’, dos ‘grandes lábios’, e em alguns casos extremos, pode-se costurar a vagina inteira da vítima. Na Somália estima-se que 99% das mulheres sofrem mutilação genital.

O ‘casamento forçado’ também é uma forma comum de violência contra a mulher. Embora aconteça no mundo todo, a maior concentração encontra-se no Sul da Ásia e em zonas da África Subsaariana, atingindo 65% de meninas em Bangladesh, 48% na Índia e 76% no Níger, por exemplo. São meninas menores de idade com pouca ou nenhuma escolaridade que ficam a mercê do marido, pois não possuem oportunidades de estudar, de ingressar no mercado de trabalho. As justificativas para estes casamentos são a ‘proteção da virgindade’, ‘honra da família’, ‘proteção e segurança econômica’, mas, na realidade a pobreza é um dos principais fatores. “Muitas vezes, as mulheres são trocadas por animais (como camelos) e dívidas”.¹⁸⁷

Em uma reportagem feita pela MercatorNet, encontramos, “ONU estimates that as many as 200 million girls are missing today, the majority from India and

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem., 2015.

China”¹⁸⁸. Isto significa que essas crianças foram mortas pelas próprias mães porque nasceram do sexo feminino, ou foram abortadas. A reportagem ainda revela que: “few people seemed to be aware of what appeared to be the greatest human rights issue of our time, and certainly the greatest form of violence against women in the world today”.¹⁸⁹

Na China até 2013 havia a política do filho único. Cada família deveria ter apenas um filho, e se este fosse homem, seria responsável por cuidar dos pais em sua velhice. Já as filhas quando casam seguem para a família do marido, dessa forma, como cada família só podia ter um filho, era comum às mães procurarem identificar o sexo dos filhos na gestação, e eliminar os fetos femininos. Na atualidade, houve uma mudança no planejamento familiar da China, e cada família já pode ter dois filhos. Entretanto, “a preferência tradicional por filhos homens levou a um alto índice de abandono de meninas em orfanatos, e abortos seletivos de acordo com o sexo do feto e até casos de infanticídio feminino”.¹⁹⁰ O mesmo problema ocorre na Índia em relação às meninas. O nascimento de crianças do sexo feminino também é considerado um desastre para a família, “incluindo para a própria mãe, para a qual, pior do que as dores do parto é o fato de saber que deu à luz uma menina”.¹⁹¹ O filho herda a propriedade e cuida de seus pais, mas a menina ao contrário, para casar precisa dar um dote, e passa a pertencer a família do marido. O que vem a ser outro problema, pois muitas são mortas pelo sogro por causa do dote.

É o feminicídio relacionado ‘ao dote’. Este é mais comum no continente indiano. Normalmente, quando é acertado o casamento há uma quantia de bens ou dinheiro que a família da noiva oferece ao noivo, mas muitas vezes após o casamento os sogros matam as mulheres recém-casadas. Calcula-se que “25 mil mulheres recém-casadas são mortas ou mutiladas a cada ano, como resultado da violência relacionada ao dote. [...] Grande parte das mulheres tem o corpo

188 Tradução livre: “ONU estima que cerca de 200 milhões de meninas estão, hoje, desaparecidas, a maioria da Índia e da China”. Cf. "DAVIS, Evan Grae. *It's a girl*.

¹⁸⁹ Tradução livre: “Poucas pessoas parecem estar conscientes do que parece ser o maior problema de direitos humanos do nosso tempo, e certamente a maior forma de violência contra as mulheres no mundo de hoje”. Cf. DAVIS. *It's a girl...*, 2013.

¹⁹⁰ GLOBO.COM. *China acaba com a política do filho único e permitirá 2 crianças por casal*.

¹⁹¹ SANTOS, Anabela. *O mal da indiferença*.

incendiado”.¹⁹² Na região do sudeste da Ásia, o fogo foi a 3ª causa mais comum dessas mortes.

Mesmo nos países em que as mulheres trabalham e disputam cargos de chefia, seus salários são menores que os dos homens. De acordo com as Nações Unidas, “embora a diferença esteja diminuindo, a igualdade entre homens e mulheres só será completamente alcançada daqui a 81 anos”.¹⁹³ Os avanços estão ocorrendo, mas muito lentamente. Na análise de 145 países, a menor desigualdade de gênero, neste aspecto, ficou com a “Islândia (1º), Noruega (2º) e Finlândia (3º); [...] Síria (143º), Paquistão (144º) e Iêmen (145º) ficaram nas últimas posições.”¹⁹⁴

A realidade dos países da América Latina em termos de ‘violência de gênero’ não é muito diferente. Em alguns países o panorama nacional é um pouco melhor, e em outros pior. Por exemplo, “na Argentina a cada 30 horas uma mulher é assassinada”¹⁹⁵. Na Colômbia, é comum “um homem ao ser desprezado por uma mulher, desfigurar o rosto dela com ácido”.¹⁹⁶ No Equador, 37% das denúncias de violência sexual sofrida em escolas foram praticadas pelos professores, e é sabido que muitas meninas acabaram por trocar de escolas ou as abandonaram devido às represálias que sofreram por terem denunciado.

Em sete dos doze países pesquisados sobre violência na América Latina e Caribe, mais de uma em cada quatro mulheres relataram já ter sofrido violência. Isto representa: El Salvador – 26,3%, Guatemala – 27,3%, Nicarágua – 29,3%, Equador – 32,4%, Peru – 39,5%, Colômbia – 39,7%, Bolívia – 53,3%.¹⁹⁷ E em entrevistas feitas na América Latina e Caribe, “muitas mulheres reconheceram o direito do esposo bater em sua esposa”.¹⁹⁸

Ao trazer dados estatísticos da América Latina não podemos deixar de, apontar especificamente a ‘violência contra a mulher no Brasil’. Considerado um dos mais altos do mundo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Direito de Família, “A violência contra as mulheres constitui, atualmente, uma das principais

¹⁹² SOARES. *Violência...*, 2015.

¹⁹³ GLOBO.COM. *Desigualdade de gênero custa US\$ 12 trilhões à economia mundial*.

¹⁹⁴ Ibidem., 2016.

¹⁹⁵ NEWS. *Uma mulher é morta a cada 30 horas na Argentina por questões de gênero*.

¹⁹⁶ GOMES. *Nenhum país fica chocado...*, 2011.

¹⁹⁷ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Violência Contra a Mulher na América Latina e Caribe*.

¹⁹⁸ IBIDEM., 2014.

preocupações do estado brasileiro, pois o Brasil ocupa o sétimo lugar no ranking mundial dos países com mais crimes praticados contra as mulheres”.¹⁹⁹

Apesar dessa realidade, há uma forte divergência entre grupos conservadores e progressistas no Brasil, inclusive no que diz respeito à educação sobre como abordar a temática de gênero’. Enquanto isso, ‘a violência de gênero’ aumenta, ceifando ou destruindo a vida de muitas mulheres, e pessoas do grupo LGBTTI.

“O Brasil tem 50 mil casos de estupros por ano. Roraima lidera o ranking”.²⁰⁰ “Mais da metade das vítimas de estupro são menores de 13 anos”,²⁰¹ representando 50,7% do total²⁰².

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Rio Grande do Sul “é o estado com maior número de registros de tentativas de estupro no país e o quarto colocado no país em relação à ocorrência de estupro, sendo contabilizados 3528 registros em 2013”.²⁰³ Para Grossi²⁰⁴, embora o “RS seja um estado ainda com resquícios de machismo e conservadorismo, o que contribui para o alto índice de crimes como o estupro contra mulheres”,²⁰⁵ há uma maior conscientização por parte das mulheres dos seus direitos, principalmente depois da lei Maria da Penha. Segundo ela, “as mulheres gaúchas têm procurado mais os órgãos públicos para denunciar este tipo de violência. [...]”.²⁰⁶ No entanto, estima-se que somente 35% dos casos de estupro sejam denunciados.

Dos 51.434 homicídios contabilizados em 2009, 4.260 atingiram as mulheres. Isto significa que uma média de 8,3 %, ou seja, cerca de 10 mulheres são assassinadas diariamente, e setenta por cento (70%) dessas mulheres dentro de sua própria casa, ou por alguém ligado ela, tal como, marido, ou ex-marido, noivo ou ex-noivo, namorado ou ex-namorado.²⁰⁷

¹⁹⁹ JUSBRASIL. *Mesmo com a Lei Maria da Penha, aumenta número de casos de violência contra a mulher.*

²⁰⁰ MADEIRO, Carlos. *Brasil tem 50 mil casos de estupros por ano.*

²⁰¹ Cf. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

²⁰² ULTIMO SEGUNDO. *Mais da metade das vítimas de estupro no Brasil tem menos de 13 anos, diz estudo.*

²⁰³ GROSSI, Patrícia. *Violência contra a mulher.*

²⁰⁴ Patrícia Grossi é professora do Programa de Graduação e de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica - PUCRS, professora do Programa de Pós-graduação em Gerontologia Biomédica da PUCRS e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência, Ética e Direitos Humanos – NEPEVEDH.

²⁰⁵ *Ibidem.*, 2014.

²⁰⁶ *Ibidem.*, 2014.

²⁰⁷ GOMES, Luis Flávio. *Violência machista universal*5.

Em relação ao ‘mercado sexual’, a estimativa é de que 500 mil a 2 milhões de menin@s, de idade entre 12 e 17 anos estejam no mercado, sendo “o Brasil uma das fontes de tráfico internacional de mulheres e meninas para a Europa, Japão, Israel e Estados Unidos”²⁰⁸.

Embora tenhamos citado o matrimônio precoce e forçado em outras partes do mundo, no Brasil, cerca de 550 mil garotas, de 10 a 17 anos são ‘casadas’. Uniões em sua maioria informais, pois “no Brasil é crime fazer sexo, mesmo consensual, com menores de 14 anos”.²⁰⁹ Ainda em relação ao Brasil, mesmo as mulheres que trabalham em igualdade de responsabilidades, recebem cerca de 30% menos que o homem. “No relatório da ONU o Brasil está em 85º lugar” em termos de desigualdade entre homens e mulheres.²¹⁰

De acordo com a análise dos resultados do censo demográfico de 2010, o IBGE anunciou em 2014, que apesar da presença majoritária de mulheres no Ensino Superior, “elas estão em maior proporção nos cursos de Educação (83%), Humanas e Artes (74,2%). Áreas que se encontram com os menores rendimentos médios (R\$ 1.810,50 e 2.223,90, respectivamente) se comparados às que predominam homens”.²¹¹

Se analisarmos cada dado estatístico aqui trazido, veremos que a situação da mulher no mundo, na América Latina e Brasil, é de submissão, e de poucas possibilidades. Mesmo quando não sofre violência física, a mulher enfrenta outros tipos de violência, como, por exemplo, a que cometeu uma determinada empresa em Juiz de Fora, estabelecendo escala de gravidez para suas funcionárias. Segundo esta firma, quem desejasse ter filhos, deveria obedecer ao período estabelecido. De acordo com a advogada e ativista Fabiane Simioni²¹², “ainda hoje temos mulheres que são estimuladas dentro da empresa a programarem a maternidade, em uma política invasiva e coercitiva”.²¹³

²⁰⁸ GLOBAL MARCH. *Explotación sexual en el Brasil*.

²⁰⁹ ZAIDAN, Patricia. *Os bastidores da reportagem que foi buscar crianças casadas no Brasil*.

²¹⁰ GLOBO.COM. *Desigualdade de gênero...*, 2016.

²¹¹ SENKEVICS, Adriano. *Uma introdução ao debate de gênero na educação*.

²¹² Fabiane Simioni é doutora em Direito pela UFRGS. Pesquisadora de pós-doutorado e professora no Mestrado em Direito e Justiça Social (PNPD/CAPES) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tem experiência em ensino e pesquisa nos temas: relações de gênero, acesso à justiça, direitos humanos, direitos sexuais e direitos reprodutivos, educação jurídica. *A imunidade tributária aos cultos e a liberdade de crença em um Estado laico*, 2014; *Direitos Reprodutivos: da infertilidade à Casa de Orates em O Alienista*, 2013; *A livre circulação de pessoas na União Europeia e a reunificação familiar: um estudo sobre políticas de controle migratório.*, 2013.

²¹³ COSTA, Andriolli. *Fazendo gênero. Nossos corpos, nossas regras*.

No Brasil, embora existam “leis específicas para a punição do violentador, tais como a lei Maria da Penha”²¹⁴, e a lei do feminicídio,²¹⁵ ainda não houve diminuição deste tipo de violência. Infelizmente, a ‘violência de gênero’ continua a crescer. No primeiro semestre do ano de 2016, o Rio de Janeiro foi sede de um estupro coletivo de 30 rapazes em uma menina de 16 anos.²¹⁶ Com este acontecimento o tema voltou a ser discutido, e também o reconhecimento da necessidade de se debater ‘gênero’ nas escolas. Um fato importante e muito comentado na ocasião, é que, embora muitas pessoas religiosas tenham se manifestado, não houve oficialmente, por parte de nenhuma igreja, nota de repúdio ao ocorrido.

Em e de abril de 2015 foi aprovada a lei do feminicídio, pela Câmara dos deputados. Embora a aprovação desta lei tenha sido considerada um avanço na luta dos direitos da mulher, muitas vozes reclamam não ter havido a abrangência da lei a todos que sofrem violência por terem características femininas, pois esta lei não contempla transexuais, travestis, intersexuais, gays, lésbicas. Grupo que passaremos a abordar.

2.3.2 Violência contra o grupo LGBTTI

“Não tenho preconceito, tenho até amigos que são gays”.²¹⁷

Esta e outras inúmeras frases são ditas diariamente, e trazem em seu conteúdo forte preconceito, que mesmo não expresso, está implícito na condescendência de se ter um amigo que pertence a este grupo ainda menosprezado pela sociedade, e que vem lutando para ser reconhecido e aceito com sua cidadania completa.

Entretanto, este é apenas um tipo de violência contra o grupo LGBTTI, pois de modo geral, o estigma da homossexualidade, e da identidade de gênero, têm

²¹⁴ LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. “A Lei Maria da Penha estabelece que todo o caso de violência doméstica em uma família é crime, que deve ser apurado por inquérito policial e remetido ao Ministério Público”. Cf. ESTADÃO. *Ipea*.

²¹⁵ A lei do feminicídio tipifica o assassinato contra a mulher como homicídio qualificado, e o coloca no rol de crimes hediondos. Os especialistas consideram um avanço na luta pelos direitos da mulher, Cf. AGÊNCIA BRASIL *Feminicídio*.

²¹⁶ GLOBO.COM. *Polícia apura estupro coletivo no Rio e indentifica autores de posts*.

²¹⁷ Frase escolhida entre muitas que ouvimos diariamente, e acreditamos expressar a sutilidade que pode existir na violência pelo preconceito.

levado a marcas muito mais visíveis feitas pelas próprias instituições sociais, governamentais, e religiosas. Para visualizarmos como esta violência vem ocorrendo, traremos um pouco do cenário mundial que temos na atualidade.

As estatísticas mostram que 76 países, “seja por causa da ‘orientação sexual’ ou pela ‘identidade de gênero’, consideram este grupo criminoso”.²¹⁸

De acordo com o relatório do Departamento de Estado dos Estados Unidos as penas variam de multas à prisão perpétua ou mesmo à sentença de morte:

- No Irã, a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo pode levar à morte. Para os homossexuais não muçulmanos, o castigo é ainda mais severo, caso o parceiro venha a ser muçulmano. A pena para os homens homossexuais costuma ser pior que a pena para as mulheres, havendo execuções nesse grupo. Em 2013, três pessoas foram executadas por sodomia. – Na Jamaica, a lei proíbe atos de ‘indecência grosseira’, entre pessoas do mesmo sexo, em lugares públicos ou privados. A punição chega a dez anos de prisão. Neste país a homofobia é incentivada pela própria cultura, através das músicas, pelos músicos locais. Como foi descrito no relatório, não é pouco comum a ocorrência de sequestros corretivos e ataques a pessoas do grupo. Há um clima de medo tão forte que tem levado as pessoas LGBTTI a abandonarem o país. - Nos Emirados Árabes, “a lei civil e a lei islâmica criminalizam atos homossexuais. Pela lei islâmica, a punição é a morte, já a lei civil é mais branda, sendo comum o governo submeter pessoas a tratamento e aconselhamento psicológico. Até as ‘crossdressings’²¹⁹ são consideradas como ofensa à sociedade, e podem ser punidas. - No Líbano, as leis civis proíbem o ‘ato sexual não natural’, e a punição pode chegar a um ano de prisão. No relatório, encontra-se a narrativa de que em 2011 um homem foi delatado à polícia pela própria mãe. - Na Tunísia, os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são ilegais e as penas podem chegar a três anos de prisão.

“Há relatos que denunciam evidências de discriminação, inclusive por policiais, que muitas vezes prendem homossexuais e os acusam de ser fonte de HIV”.²²⁰ - Por fim, em Uganda os atos homossexuais são criminalizados, com pena que podem chegar à prisão perpétua, existindo, inclusive, tentativas para a inclusão da pena de morte. “No começo de 2011, David Kato, um ativista local que havia

²¹⁸ WALTER, Bruna Maestri. *Contra o preconceito*.

²¹⁹ “Crossdressings” - pessoas que se vestem com artigos do sexo oposto.

²²⁰ EXAME.COM. *Os piores países do mundo para os gays*.

processado um jornal do país que publicou uma foto sua e o classificou como homossexual, foi espancado até a morte”.²²¹

Os países Latino-americanos e Caribe não possuem leis que criminalizam o grupo LGBTTI, no entanto isto não impede a violência contra este grupo. As leis existem, mas a violência contra a mulher e contra este grupo’, persiste, pois como reconhece Carlos Quesada²²², “o fato de [o país] ter leis progressistas não significa que as pessoas estejam de acordo com elas e as cumpram”²²³.

O movimento LGBTTI, no Brasil e nos demais países latino-americanos tem trabalhado incessantemente em relação aos direitos do grupo. Muitas conquistas vêm acontecendo, embora a cada situação positiva, a violência se faz presente, mostra o seu rosto, marcando, ferindo, e matando.

Entre as conquistas adquiridas encontram-se os ‘casamentos entre pessoas do mesmo sexo’ que foram legalizados na Argentina, Brasil, Uruguai e cidade do México. Além disso, foram aprovadas leis contra a discriminação no Brasil²²⁴, Peru e Equador. As adoções por parte de casais homossexuais foram regularizadas na Argentina, Uruguai, e no Brasil ganhou há alguns anos um impulso considerável com a decisão da 4ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ), quando, “por unanimidade, negou recurso do Ministério Público do Rio Grande do Sul contra decisão que permitiu a adoção de duas crianças por um casal de mulheres”.²²⁵

De acordo com Quesada, apesar de todas essas leis, as minorias sexuais ainda correm perigo na América Latina. “Estima-se que no Brasil, a homofobia custou à vida de 312 pessoas em 2013 – [...] No México, foram 400, entre 1995 e 2005. E em Honduras, 186, entre 2009 e 2012”.²²⁶

²²¹ IBIDEM., 2012.

²²² Carlos Quesada é perito internacional sobre questões de discriminação racial e a discriminação com base na orientação sexual e na identidade de gênero. É relator especial da ONU sobre as formas contemporâneas de racismo, xenofobia e formas conexas de intolerância e perito independente sobre as questões das minorias. Também trabalhou na África sobre direitos LGBTI e etnia em Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Camarões e Uganda.

²²³ ONUBR. Nações Unidas do Brasil. *Leis pró-LGBT avançam na América Latina, mas exclusão ainda persiste*.

²²⁴ No Brasil as leis contra transhomofobia são apenas estaduais e municipais. Não há nenhuma lei federal específica para defender o grupo LGBTTI.

²²⁵ ONUBR. *Leis pró-LGBT...*, 2014.

²²⁶ Ibidem., 2014.

O Brasil é “o campeão mundial de crimes homotransfóbicos, concentrando quatro quintos (4/5) de todas as execuções do planeta, sendo que em 2014, 40% dos assassinatos de transexuais e travestis foram cometidos no Brasil”.²²⁷

De acordo com dados fornecidos pelo governo, “a cada hora, um homossexual sofre algum tipo de violência”,²²⁸ mas como no Brasil não há lei específica contra a homofobia, “a maioria dos crimes registrados são de injúria, lesão e ameaça”.²²⁹ Segundo o mesmo relatório, “nos últimos quatro anos o número de denúncias ligadas à homofobia aumentou 460% em Pernambuco”.²³⁰

Em 2014, um levantamento feito até o mês de outubro concluiu que “os casos de preconceito contra gays, lésbicas, travestis e transexuais superavam a marca de 6,5 mil denúncias”.²³¹ E em 2015, na Paraíba, foi descoberto um grupo de extermínio que degolava homossexuais e pessoas ligadas a eles, com sinais de brutalidade e uma cruz feita nas costas das vítimas”²³²

De acordo com os dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o ano de 2016 foi o mais violento desde 1970 contra pessoas LGBTTTIs. “A cada 25 horas um LGBT²³³ foi assassinado, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”.²³⁴ Até o mês de Março de 2017, os jornais já denunciavam, “o Brasil registra 30 assassinatos de pessoas trans e travestis em 2017 e lidera ranking mundial”²³⁵

A violência física tem sido marca permanente contra este grupo, mas a violência vai além, causando malefícios enormes que se não deixam no corpo, deixam na alma.

²²⁷ EBC Cidadania. *Homofobia gera um assassinato a cada 28 horas no Brasil.*

²²⁸ TV JORNAL. *Notícia. Violência contra homossexuais aumenta 460% em Pernambuco.*

²²⁹ *Ibidem.*

²³⁰ *Ibidem.*

²³¹ GAZETA DO POVO. *Brasil tem um caso violência contra gays registrado a cada hora.*

²³² PATOS METRÓPOLES. *Delegado que “descobriu” grupo de extermínio de gays no brejo teria participado de plano para eliminar Luiz Couto.*

²³³ Nem todas as pessoas acolhem a sigla inteira – LGBTTTI -, dessa forma teremos citações, como essa que se refere à apenas LGBT. Como é citação colocaremos da forma como faz o autor, mas quando o cometário for nosso será LGBTTTI. Como já explicamos, fazemos isso para incluir todas as pessoas LGBTTTI.

²³⁴ CORREIO. “Número de mortes de LGBTs bate recorde em 2016 no Brasil; Bahia teve 32 homicídios”.

²³⁵ JORNAL DA CHAPADA. *Brasil registra 30 assassinatos de trans e travestis em 2017 e lidera ranking mundial.*

2.4 Tipos de ‘violência de gênero’ e consequências

“Seja simbólica, emocional, psicológica, sexual, institucional, ou física, a violência corrói, destrói, mata, pois atinge o mais profundo do ser”.²³⁶

Independente do tipo de violência, o estrago trazido pela violência, em inúmeras situações, jamais poderá ser esquecido.

Žižek nos aponta “os diferentes tipos de violência existentes na sociedade”.²³⁷ Uma violência sutil, como a simbólica, que pode ser realizada com uma única frase, ou nos discursos, nas ações, nos jogos, nas piadas, nos presentes dados, reforçando a diferença entre homens e mulheres, homens e LGBTTIs. Ou como nos mostra Bhabha, na valorização das diferenças, sejam raciais ou sexuais, onde tudo o que pertence ao dominador é valorizado, e o que está relacionado com o dominado tende a ser desvalorizado. Dessa forma, as piadas que colocam as mulheres como históricas, ou ridicularizam os homossexuais, as travestis, ou mesmo as que valorizam e legitimam o homem heterossexual em detrimento dos demais, são formas de violências.

Žižek também se refere a ‘violência objetiva’ ou ‘sistêmica’, existente na ‘estrutura social’, que envolve a todos. Uma violência que traz nos seus sistemas econômicos, políticos e religiosos a sustentação das relações de dominação e exploração do mais frágil. Como exemplo, podemos citar o salário da mulher, que em grande parte das firmas é 30% a menos que o do homem. Ou ainda os cargos de chefias que em muitas organizações são negadas às mulheres por serem mulheres. Até a negação de trabalho a pessoas do grupo LGBTTI, embora possam ter a especialização necessária, e possuir melhores condições para o trabalho do que o candidato cisgênero, heterossexual.

Por fim, a ‘violência subjetiva’ que pode ser feita por agentes sociais, nos quais colocamos, entre outros, políticos, empresários, clero, líderes religiosos, e fanáticos que utilizam o poder para marcar as diferenças e não a igualdade, muitas vezes fomentando o ódio. Situações que também podem ser encontradas no dia a dia, através de pais, mães, professores, que supervalorizam o menino em detrimento

²³⁶ FURTADO, Maria Cristina. “*É possível religião, estado e educação trabalharem juntas contra a violência de gênero?*”. Artigo aceito para publicação nos anais do Simpósio.

²³⁷ ŽIZEK. *Violência...*, p. 25.

da menina. Ele é mais forte, é mais inteligente. Ou podemos lembrar de pregadores que enfatizam leituras bíblicas nas quais as mulheres são pecadoras, e precisam ser submissas aos seus maridos.

Essas diferentes violências reforçam e fazem parte dos diversos tipos de violência de gênero.

2.4.1

Tipos de violência contra a mulher

A mais conhecida é a ‘violência física’. “Ela é provocada por queimaduras, tapas, espancamentos, socos, mordidas, etc.”²³⁸ que podem ser feitas pelos maridos, namorados, amantes, podendo deixar marcas corporais pelo resto da vida, ou até terminar em assassinato. Além desse tipo há ainda a ‘violência sexual’ que acontece “a partir de práticas sexuais sem o consentimento da mulher, com o uso de força, manipulações, chantagens, e ameaças”.²³⁹ Violência que pode obrigar a mulher a manter relações não só com o violador, mas também com outras pessoas. Violência que, de modo geral, precisa ter a conivência de pessoas próximas à vítima para que elas possam acontecer com o próprio violador ou com outras pessoas. Além dessas, é importante citar a ‘violência emocional’ ou ‘psicológica’ que vem a ser a tentativa de controlar as ações, crenças, e decisões da mulher por meio de intimidações, manipulações, e ameaças feitas a elas próprias e/ou a@s filh@s. Para obter o que deseja, o violador é capaz de isolá-la da família e d@s amig@s, negar-lhe um carinho, impedi-la de trabalhar, de ter amizades ou sair de casa. São atos de hostilidade e agressividade tão grandes que podem influenciar na motivação, na autoimagem e na autoestima feminina.

A ‘violência patrimonial’ também provoca danos à mulher através da retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores. Dentre os considerados mais comuns estão, o quebrar móveis, rasgar documentos, ferir animais, bloquear bens, não pagar a pensão alimentícia. Finalmente, a ‘violência institucional’ que pode ser desde a não aceitação de mulheres casadas com filh@s a empresas que,

²³⁸FONSECA, Paula M. da; LUCAS, Taiane N. S. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas, p.9.

²³⁹ Ibidem.

como já tivemos oportunidade de mostrar, estabelecem escala de gravidez para suas funcionárias.

A violência contra a mulher é tão grave na América Latina e Caribe, que tem contribuído com os altos níveis de mortalidade e de morbidade. Ela está relacionada com “diversos desfechos de saúde sexual e reprodutiva, tais como: gravidez indesejada, abortos inseguros, infecções sexualmente transmissíveis (incluindo o HIV/SIDA) e mortalidade materna, entre outros”.²⁴⁰ Além desses, outras consequências aparecem ao longo da vida:

- depressão, - ideias suicidas, - abuso de substância química, - receio de se relacionar, - fístula traumática ginecológica, - infecções transmitidas sexualmente, Enfim, problemas que envolvem o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da mulher.²⁴¹

Duas características apontadas como importantes na ‘violência contra a mulher’ são: o alto percentual de violência, e o fato de acontecer dentro das próprias casas. Neste caso, estamos nos referindo a ‘violência doméstica’ que inúmeras vezes têm a convivência do silêncio da vizinhança e do próprio estado. Uma violência que afeta também @s filh@s. Um relatório da ONU, de 2013, mostra que @s filh@s de mães que sofrem violência doméstica são suscetíveis a terem ansiedade, depressão, baixa autoestima e deficiência no rendimento escolar, além de outros problemas que afetam o seu bem estar e desenvolvimento pessoal. Na Nicarágua, “63% dos filh@s de mães que sofrem abuso tiveram de repetir o ano escolar, e acabaram por abandonar os estudos quatro anos antes das outras crianças”.²⁴² O relatório também denuncia que, apesar das crianças vivenciarem negativamente a ‘violência contra as suas mães’, os meninos, de modo geral, tendem a tratar suas mulheres no futuro, da mesma forma violenta que seus pais.

²⁴⁰ OPAS/CDC. *Violência contra a mulher na América Latina e Caribe*.

²⁴¹ BOTT, Sarah et al. *Violencia contra las mujeres*, p.7.

²⁴² ONU MUJERES. *Elementos esenciales de planificación para la eliminación contra la violencia de mujeres y niñas*, p. 13.

2.4.2

Tipos de violência contra o grupo LGBTTI

Trata-se de um problema extremamente complexo. De modo geral, muit@s já se encontram, desde criança, ou no início da adolescência inserid@s em um ciclo de violência, e discriminação que, de modo geral, começa na família, nas escolas e nas igrejas.

Não são pouc@s @s jovens que ao revelarem aos pais a descoberta de sua ‘orientação sexual’ ou demonstrarem “não se identificar com o gênero” que lhe foi determinado, sofrerem fortes agressões físicas e acabarem expuls@s de suas casas. Quando isso não ocorre, muitos pais exigem que @ filh@ vá procurar um@ psicólog@ ou psicanalista a fim de ‘curar’²⁴³ ou ‘reverter’ a sua homossexualidade, ou a sua não “identificação com o gênero”, ou as suas ‘esquisitices’. Mesmo quando aceitam, de modo geral, há um longo processo de sofrimento até que esta aceitação realmente venha acontecer. Segundo Barufi,²⁴⁴ “é na família, infelizmente que ocorre com mais frequência à prática de violação de direitos humanos (violência física, psicológica, moral e de abuso sexual), inclusive a homofobia. “O preconceito é uma forma grave de violência”, advertiu.²⁴⁵ Corroborando com esta colocação está o fato da existência de registro de pais que tentaram curar a orientação sexual

²⁴³ Alguns líderes religiosos e psicólogos, de modo geral, ligados às igrejas cristã ou católica, contrariam a OMS (Organização Mundial de Saúde), e inúmeros conselhos. Entre eles, o conselho de medicina, psicologia, psicanálise, neurologia, e continuam não aceitando os estudos feitos no século XX, sobre homossexualidade e patologia, e afirmam que a homossexualidade pode ser curada. Entre esses psicólogos encontra-se Gerard Aardweg, (autor do livro *A batalha pela normalidade*) para quem o homossexual é um neurótico, tem dificuldade até para amar, pois o seu complexo o direciona para si mesmo. A posição deste psicólogo contradiz estudos mais recentes, inclusive o Dr. Robert Spitzer que foi considerado um dos ‘pais’ da ‘Bíblia’ da psiquiatria (faleceu em 2015), e que apesar de em 2001 ter publicado um estudo no qual apoiava as polêmicas e criticadas terapias de conversão de homossexuais em heterossexuais, já há muito tempo descreditadas por psiquiatras, psicólogos e sexólogos, dez anos depois, pediu desculpas e disse que aquela pesquisa era a única coisa em sua carreira que lamentava, pois não havia tido os cuidados necessários para uma pesquisa desse porte. E agora admitia não haver como ligar a homossexualidade à patologia, e que a conversão de homossexuais a heterossexualidade, a famosa ‘cura gay’ não era verdade. Cf. CAREY, Benedict. *Psychiatry. Giant Sorry for Backing Gay ‘Cure’*; Ou ainda BBC. *O psiquiatra que derrubou o mito de que a homossexualidade seria doença*.

²⁴⁴ Melissa Telles Barufi, é advogada, vice-presidente da Comissão da Infância e Juventude do IBDFAM. (Instituto Brasileiro de Direito de Família), que tem como missão debater a temática da homossexualidade e questões relativas à identidade de gênero na infância e na adolescência diante das relações familiares.

²⁴⁵ BARUFFI, Mellissa. *Diversidade em casa*.

ou a identidade de gênero d@ filh@s com violência física, existindo “registros de mortes ocasionadas por violências feitas pelos próprios familiares”²⁴⁶.

Nas escolas a violência voltada para o grupo LGBTTI tem preocupado as autoridades, pois muitos dess@s jovens sofrem ‘bullying’. São “os chavões, os xingamentos e as agressões, que em alguns casos chegam a ser estimulados pel@s professor@s, que se utilizam de ‘piadinhas’ cujo alvo predileto são @s gays, que contribuem para aumentar ainda mais a cultura homofóbica”.²⁴⁷ Uma pesquisa na rede pública de ensino do Distrito Federal revelou que “os preconceitos mais comuns na escola são a homofobia, o racismo, o preconceito contra deficientes, gênero, classe social, local de moradia, nordestinos, negros, e vestimenta”.²⁴⁸

Infelizmente, a maior parte das ações das escolas reforça a homotransfobia, visto que a vida escolar costuma ser elaborada dentro da perspectiva de gênero, e acaba incentivando as características dominantes e sexistas. Os currículos atuais permanecem elaborados dentro da mesma perspectiva que no passado, e embora tratem do racismo e da mulher, em muitas escolas ainda não há espaço para o debate sobre a diversidade sexual e a identidade de gênero.

O bullying nas escolas, de modo geral, é tão forte para quem o sofre que, com certa frequência, leva ao abandono da escola, podendo chegar ao suicídio.²⁴⁹ É uma violência que deixa marcas profundas que @ jovem carregará para o resto de sua vida. Sentimentos que poderão, no futuro, ser vencidos ou não.

Nas igrejas quando um@ jovem começa a perceber que seu ‘desejo sexual’ ou a sua ‘identidade sexual’ são diferentes d@s demais, passam a ter um sentimento de estranheza no ambiente religioso. El@ própri@ já ouviu tantas vezes o quão nefasta é a ‘orientação sexual’ ou ‘identidade sexual’ que foge ao padrão heterossexual e binário, que passa a sentir-se indign@ de estar em um local onde seus sentimentos e ações são considerados como desvio ou perversão, e acaba por abandonar a igreja.

De modo geral a pessoa ‘transgênera’ é logo descoberta, e imediatamente excluída da igreja. Já @ ‘homossexual’ pode permanecer na igreja, se for discret@.

²⁴⁶ALVES, Maria Elisa. *Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça.*

²⁴⁷TANNO, Maria Ângela dos R. S. *O Combate a Homofobia no Curso de Formação de Professores e a Promoção da Educação Afetivo Sexual no Ensino Fundamental*, p. 4.

²⁴⁸ABRAMOVAY, Miriam. *Violência escolar.*

²⁴⁹LiHS. *Bullying e homophobia nas escolas.*

Mas, o medo de ser descobert@ é muito forte, principalmente, se possui alguma liderança dentro da igreja, levando-@ a afastar-se. Musskopf em seu livro ‘Uma brecha no armário’, traz vários testemunhos. Citamos um rapaz de 26/27 anos que dizia sentir-se esquizofrênico dentro da igreja. “Eu estava participando de uma coisa onde a minha sexualidade não tinha possibilidade de vir à tona. De jeito nenhum! Aos poucos eu fui me afastando e percebendo que não ‘tinha a ver’ eu participar de uma coisa onde eu não podia ser eu”. (pertencente à igreja metodista)²⁵⁰

Se @s colegas ou pessoas da liderança religiosa percebem a ‘homossexualidade’ de alguém, normalmente, mesmo sem uma determinação direta do padre ou pastor, e embora nas igrejas tradicionais aconteça de uma forma mais polida que nas pentecostais, começam as piadinhas, e os discursos indiretos que @ jovem sente ser para atingi-l@, ou então, o emudecimento total sobre o assunto, como se a ‘homossexualidade’ não existisse. Dessa forma, @ jovem acaba por sentir-se só, sem o ‘apoio espiritual’ que necessita, e magoad@, ferid@, normalmente, afasta-se da igreja. “O que eu quero é ter o respeito, o reconhecimento, que as pessoas me reconheçam como profissional, como pessoa, independente da minha situação, da minha orientação sexual... (afirma uma jovem pertencente à igreja católica)²⁵¹

No que diz respeito à violência física, o grupo LGBTTI, pertencente à esfera social mais carente tem sido a principal vítima, e nesse cenário, @s transexuais, e ‘travestis’ são @s mais visad@s. “As ‘mulheres trans’ e travestis são levadas à ‘violência’ e ‘marginalização’ pela ‘exclusão’ que sofrem, que é reforçada pelos órgãos governamentais, pela falta de reconhecimento legal de sua identidade de gênero, e pelas escolas que elas acabam abandonando”²⁵². Com uma baixa educação formal, o isolamento e o estigma que carregam, el@s não têm muita escolha em relação a trabalho, voltando-se para a prostituição como uma forma de sobrevivência, e do desenvolvimento da autoestima.

Só recentemente, em 2015, ficamos sabendo da existência, no Brasil, de alguns movimentos ligados às pessoas com ‘identidade de gênero’ diferente do

²⁵⁰ MUSSKOPF, André Sidnei. *Uma brecha no armário*, p.44.

²⁵¹ Ibidem., p. 76.

²⁵² ADITAL. *Violência contra pessoas LGBTI: altos níveis de desumanidade e crueldade*. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=87732. Publicada em 17/12/2015. Acessado em 05/01/2016.

padrão existente, que visa levar os seus membros a concluírem o Ensino Médio, terem acesso às Universidades, e a poder ter qualquer emprego que desejarem. Desse movimento, no Rio de Janeiro citamos duas ações voltadas para este grupo: - o curso PreparaNem²⁵³ que logo nos seus primeiros seis meses de existência, conseguiu colocar nas Universidades e em diferentes empregos, diversas transexuais. - e o Grupo de Inclusão social,²⁵⁴ que surgiu 2016, pertencente à Igreja Católica, que trabalha com travestis e transexuais em situação de rua, procurando auxilia-l@s em ações que @s ajudem a deixar as ruas, e se inserirem na sociedade. Entretanto, ações deste tipo, são ainda muito poucas. Segundo Kulik,²⁵⁵ para as travestis a prostituição não significa apenas a possibilidade financeira, mas também uma forma de compensar a baixa autoestima que possuem, pois o reconhecimento masculino faz com que se sintam desejadas. “Na prostituição a travesti é reconhecida e elogiada, podendo dar vazão a sua identidade”.²⁵⁶ Porém, por serem consideradas marginais são abandonadas pela sociedade e ficam expostas a qualquer tipo de violência, tornando-se alvos fáceis de ataques físicos, inclusive de grupos de extermínio. Grupos impregnados por preconceitos que buscam justificativas nos textos bíblicos e em ideologias. Estes grupos atacam as travestis, mutilam seus corpos, queimam ou esquartejam, não possibilitando a elas nem serem reconhecidas, e noticiadas em jornais. “Muitos dos atos de violência contra as pessoas LGBT, comumente conhecidos como crimes de ódio, são compreendidos melhor sob o conceito de violência por preconceito, motivada pelas sexualidades e identidades não normativas”.²⁵⁷

Essas diferentes orientações e identidades sexuais desafiam as noções fundamentais sobre sexo, sexualidade e gênero heteronormativas. Dessa forma, ‘a

²⁵³ Um programa voluntário de professor@s que surgiu em 2015, visando preparar as alunas ‘trans’ e ‘travestis’ para o Enem e o vestibular no Rio de Janeiro. Devido ao sucesso o PreparaNem já começa a surgir em outras cidades brasileiras.

²⁵⁴ O grupo de Inclusão social funciona na Barra da Tijuca, é coordenado por mim (Maria Cristina S. Furtado), atendendo a travestis e mulheres e homens trans em situação de rua. Damos apoio, orientação, e acompanhamento de médicos, psicólogos, dentistas, exames, cursos em geral (inglês, vestibular, técnicos e livres.), que precisarem para poderem ser incluíd@s na sociedade, e na igreja. Pertence a pastoral da Promoção humana da Igreja São Francisco de Paula (Barra da Tijuca), cujo coordenador é o Diácono Vicente.

²⁵⁵ Dom Kulik é antropólogo e pesquisador. Morou durante um ano com treze travestis para realizar uma pesquisa nesta área. Como já vimos anteriormente, é autor de vários livros. Seu livro Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil, foi fruto da pesquisa que ele realizou, no Brasil, na década de 90, na cidade de Salvador.

²⁵⁶ Dom KULICK. *Travesti*, p.151 passim.

²⁵⁷ ADITAL. *Violência contra pessoas LGBTI: altos níveis de desumanidade e crueldade.*

violência contra as pessoas LGBTTI' parece ser utilizada para punir quem se encontra fora desses conceitos. "Além disso, essa violência tem um impacto simbólico, já que envia uma mensagem de terror a toda a comunidade de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans".²⁵⁸

Em lugares como a Baixada fluminense, no Rio de Janeiro, onde o universo é marcado pela dominação masculina, as hierarquias de gênero são constantemente reiteradas. Nestes espaços, a homossexualidade assusta por estar associada a uma possível representação de uma feminilidade que o homem tenta esconder, o que coloca qualquer pessoa pertencente ao grupo LGBTTI como ameaça. No entanto, a mais atingida é a 'travesti', por possuir um papel fundamental na representação da sexualidade.

Queremos apontar também a violência que enfrentam as pessoas 'intersex'. Embora nestas ocorra de modo diferente, suas marcas são igualmente profundas e irreparáveis. Referimo-nos ao grupo de menin@s 'intersex' que ainda recém-nascid@s ou ainda bebês são submetid@s a intervenções cirúrgicas cujo objetivo é modificar seus genitais para que se pareçam mais com @s de um@ menin@. Essas cirurgias irreversíveis são realizadas sem o consentimento da pessoa 'intersex' devido a sua tenra idade, e "podem causar enormes problemas pelo resto da vida, tais como dor crônica, falta de sensibilidade genital, esterilização, capacidade reduzida ou nula para sentir prazer sexual, e trauma".²⁵⁹

Finalmente referimo-nos às pessoas 'assexuadas' que reivindicam o direito de não sofrerem a violência de serem obrigadas a sentir desejo.

As consequências ou sintomas deixados pela 'violência contra o grupo LGBTTI' são, de modo geral, semelhantes aos sentidos pelas mulheres. "Insônia, pesadelos, irritabilidade, falta de concentração, inapetência, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos como o uso de álcool e drogas ou mesmo tentativas de suicídio".²⁶⁰

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ KASHANI, Javad H.; ALLAN, Wesley D. *The impact of family violence on children and adolescents*.

2.4.3 Causas da violência de gênero

Se as causas fossem objetivas, Talvez fosse mais fácil analisa-las e eliminá-las, mas são diversos os fatores subjetivos que levam a este tipo de violência.

Como já vimos, existe o fator social, cultural da percepção do feminino que vem por séculos povoando o imaginário da sociedade no qual o padrão de ser humano é o homem. A mulher, como tudo que envolve o feminino, encontra-se em segundo plano, tem menor importância, provocando e levando à introjeção da inferioridade feminina e a superioridade masculina. Além disso, podemos ver as passagens bíblicas, o ideal filosófico, mas deixaremos para analisar mais profundamente estes aspectos a partir do 3^o capítulo.

Terminaremos este capítulo sobre a ‘violência de gênero’ com algumas reflexões relacionadas à subjetividade individual e como ela pode interferir e provocar este tipo de violência através da homofobia, transfobia, e outros tipos de fobia voltados a este grupo.

Hoje, a psicologia avança a possibilidade de que, quando alguém sofre ‘violência’ por parte de uma pessoa ou grupo, ou quando precisa reprimir fortemente algum desejo, ou ainda sente medo de sofrer determinada violência, existe a possibilidade de rejeitar a condição que @ levou a sofrer a violência ou a se reprimir. Como consequência ela procura, então, desviar o seu medo de forma agressiva contra qualquer pessoa que se encontre na mesma situação del@ quando viveu a agressão. Do ponto de vista da psicanálise, diz Calligaris,²⁶¹ "Quando as minhas reações são excessivas, deslocadas e difíceis de serem justificadas, elas emanam de um conflito interno.²⁶²" Dessa observação, alguns exemplos podem ser dados, tais como: - mulheres que sofreram estupro e colocam-se raivosamente contra outras mulheres, mesmo que seja filha, sobrinha, ou outro parentesco próximo, ao saberem que estas também foram expostas a este tipo de violência dentro de casa. Considera-as culpadas pela agressão, pois foi assim que a fizeram sentir quando também foi estuprada. - Homens que atacam o grupo LGBTTI por palavras, fomentando ódio, ou usam a violência física contra eles, por não conseguirem aceitar a feminilidade que possuem dentro de si. Especificamente

²⁶¹ Contardo Calligaris é psicanalista, escritor e dramaturgo italiano, radicado no Brasil. É colunista da Folha de S. Paulo.

²⁶² CALLIGARIS, Contardo. *Homofobia e homossexualidade*.

sobre a homofobia Calligari diz: “Como tenho dificuldades de conter a minha própria homossexualidade, acho mais fácil tentar reprimir a homossexualidade dos outros, ou seja, condená-la, persegui-la e reprimi-la, se possível até fisicamente, porque isso me ajuda a conter a minha”.²⁶³

Existem ainda outras causas de violências subjetivas que ocorrem e são pouco analisadas, tanto em relação às mulheres quanto ao grupo LGBTTI. São as violências impostas pela ‘estrutura social’ induzindo as pessoas à ‘autoviolência’. Citaremos aqui algumas ações dessa autoviolência: - Quando a mulher impõe a si própria papéis de gênero com os quais não se identifica, e não consegue romper com eles. Sente-se infeliz, frustrada, mas não consegue sair do ciclo social onde sempre exerceu aquele papel. - Ao aceitar, mesmo sofrendo, em ser objeto sexual através trabalhos pornográficos, sexuais, ou mesmo aceitando um casamento visando apenas o interesse financeiro ou outros tipos de interesses. - Quando sofre calad@ ao sentir que o seu desejo é voltado para o mesmo sexo que o del@, e não se permite assumir sua homossexualidade, - Ao sentir um mal estar perante o seu corpo e embora descubra que a sua ‘identidade de gênero’ difere do sexo que lhe foi atribuído em seu registro de nascimento, não consegue modificar sua situação.

Poderíamos citar ainda outros exemplos, mas acreditamos que tivemos a oportunidade de mostrar uma visão panorâmica da ‘violência de gênero’ e de suas consequências. Então, ao fecharmos este capítulo dedicado à ‘violência de gênero’ fazemos a pergunta: Será possível modificar esta situação? Haverá uma possibilidade de incluir ‘todas’; mulheres e LGBTTI na sociedade, a fim del@s participarem igualmente e terem seus direitos respeitados? Como? Em que a teologia poderá atuar na transformação dessa sociedade?

²⁶³ Como embasamento ao que diz, Calligaris aponta uma pesquisa feita na Universidade da Georgia, e publicada no *Journal of Abnormal Psychology*, 1996. Eles selecionaram 64 homens que (na escala Kinsey) se apresentavam como sendo exclusivamente heterossexuais. Todos foram testados por uma entrevista (clássica, o IHP) que estabelece o índice de homofobia, de 0 a 100. Com isso, foram compostos dois grupos: os não homofóbicos (IHP de 0 a 50) e os homofóbicos (IHP de 50 a 100). Nota: chama-se pletismógrafo um instrumento com o qual se registram as modificações de tamanho de uma parte do corpo. Pois bem, todos vestiram um pletismógrafo peniano, graças ao qual qualquer ereção, até incipiente e mínima, seria medida e registrada. Depois disso, todos os 64 foram expostos a vídeos pornográficos de quatro minutos mostrando atividade sexual consensual entre adultos heterossexuais, homossexuais masculinos e homossexuais femininos. À diferença do que aconteceu com o grupo de controle (ou seja, com os não homofóbicos), a maioria dos homofóbicos teve tumescência e ereção significativas diante dos vídeos de sexo entre homossexuais masculinos. Confirmando a interpretação da psicologia dinâmica: indivíduos homofóbicos demonstram excitação sexual diante de estímulos homossexuais. A pesquisa, de Henry E. Adams e outros, foi publicada no "*Journal of Abnormal Psychology*" (1996, vol. 105, n.3), com o título "Is Homophobia Associated with Homosexual Arousal?" (a homofobia é associada à excitação homossexual?). Cf. *Journal of Abnormal Psychology* (1996, vol. 105, n.3), Indicado em CALLIGARIS. Homofobia e..., 2011.

2.4.5 Resumo

Começamos este capítulo trazendo importantes pensadores refletindo sobre a ‘violência’, depois conhecemos com detalhes o que é ‘gênero’, a ‘diferença entre gênero e sexo’, ‘sexualidade’, ‘orientação sexual’, ‘identidade de gênero’, tendo a oportunidade de perceber a importância do aspecto biológico, mas reconhecendo como os aspectos culturais e sociais interferem na vida de cada ser humano. Ao final, constatamos a extensão da ‘violência de gênero’ e as terríveis consequências dela no mundo contemporâneo.

Várias perguntas surgem, então, em nossas mentes e corações. Apesar de Jesus ter dito e demonstrado como viver o amor: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34),²⁶⁴ o ser humano não tem vivenciado este amor. Os relacionamentos acontecem baseados no poder, na força, na coação do mais fraco, com as guerras produzindo milhares de refugiados, a ‘violência urbana’ e a ‘violência de gênero’ presentes dentro das cidades, nas periferias, nos campos, nas próprias famílias, nas escolas, e nas igrejas.

O que pode, então, estar por trás desses relacionamentos, levando-os à violência? Será possível modifica-los de modo a termos um ser humano livre da primazia masculina, podendo se integrar em suas dimensões, e na sua essência, de modo que suas interações sejam calcadas na igualdade e no respeito às diferenças?

Será que esta transformação poderia acontecer através de um domínio dos nossos impulsos, como sugeriram Sigmund Freud e Maria Graça Almeida? Através da compreensão de que, como disse Hanna Arendt, a verdadeira relação de poder acontece pelo uso da persuasão? Ou como afirma Michel de Foucault, pelo fim de um discurso do estado e da sociedade que acredita na necessidade da punição para alguém ser transformad@? René Girard nos indica a necessidade da compreensão de se vencer o desejo mimético para viver a misericórdia, e termos um relacionamento consciente e respeitoso entre os seres humanos. Emmanuel Lévinas nos revela que antes mesmo de nascer, fomos marcados em nossos corações com a possibilidade de nos abirmos ao outro, e isto nos capacita a vivenciar a ‘ética da alteridade’, onde somos responsáveis pelo ‘outro’. Talvez a reflexão do Concílio

²⁶⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006, Jo 13, 34.

Vaticano II possa nos iluminar, através da mistura bíblica e antropológica na qual revela a ambiguidade do ser humano, havendo tanto individual como coletivamente uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Ou ainda, seguindo esta mesma linha de sentido, Rahner que nos indica que só através do relacionamento, da abertura e do amor ao próximo conseguiremos encontrar o Deus que se exprime para fora da matéria: Jesus Cristo. Ou finalmente, como Maria Clara Bingemer afirma, precisamos nos empenhar na busca de uma ética que nos abra ao amor. Como dissemos anteriormente, existe diversidade de posições nos estudos de gênero. Para a ‘teologia’ revisionista, a posição que vigora é a da perspectiva cristã de não renunciar à diferença ‘homem e mulher’, respeitando a importância do sexo biológico. Como diz Correa Lima²⁶⁵ “É importante evidenciar o papel da cultura e das estruturas sociais²⁶⁶”, pois a violência de gênero vem sendo produzida e reproduzida há séculos a partir das relações que ocorrem na esfera pessoal, social e institucional, entrelaçando-se e trazendo ainda na contemporaneidade, a cultura da desvalorização do feminino.

²⁶⁵ Luís Corrêa Lima é professor do departamento de teologia da PUC-Rio, e coordenador do Curso de Pesquisa Diversidade sexual – cidadania – religião. Alguns de seus artigos: *Homoafetivi dade e evangelização: abrir caminhos*, 2014; *Linguagem: A Igreja e a descriminalização da homossexualidade*, 2011; *Teologia e Sexualidade: Portas abertas pelo Papa Francisco* (org. Luis Corrêa Lima).

²⁶⁶ LIMA, Luis Corrêa. *Estudos de gênero versus ideologia*.

3

História da ‘violência contra o feminino’

Para nos aprofundarmos ainda mais na ‘violência de gênero’, faz-se necessário conhecer a história de uma violência que acompanha o feminino por séculos, e como vimos no capítulo anterior, continua em efervescência na ‘contemporaneidade’. Uma violência que se apresenta forte e crescente, provavelmente como reação a um processo consciente e organizado de resistência da ‘mulher’ que surgiu no final do século XIX, tornando-se mais consistente no século XX, e tendo continuidade, neste início do século XXI. O mesmo ocorrendo com tod@s os que sofrem violência por terem características femininas; o grupo LGBTTI²⁶⁷, cujo movimento de resistência organizada teve início na metade do século XX, e se estende com vigor, no século XXI.

Como será possível perceber, durante o histórico reflexivo que apresentaremos neste trabalho doutoral, além da violência contra o feminino, abordaremos a resistência a esta violência, e as reações de violência contrárias a esta resistência. Um ciclo difícil de ser quebrado!

Embora, neste retrospecto da pré-história à contemporaneidade, não possamos trazer toda a ‘violência contra o feminino’ pela sua complexidade, procuramos abordar importantes fatos que mostram a origem da violência, o aspecto psicológico que a envolve, e como se encontra em nossos dias. Como já dissemos, em nossa introdução, não é um trabalho feito por historiadores, pois não o somos, mas foi realizado para mostrar a origem e o desenvolver da ‘violência contra o feminino’. Para conseguir nosso objetivo, mais uma vez a interdisciplinaridade foi essencial para a fundamentação do nosso trabalho. Procuramos através de filósof@s, sociológ@s, teólog@s, historiador@s, e juristas voltad@s para a ‘sexualidade’ e ‘violência de gênero’, algun@s mais ligad@s à história da mulher, e outr@s à história da homossexualidade, mas como as duas

²⁶⁷ LGBTTI, sigla usada para designar lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, e intersexuais. Este símbolo não é oficial, sendo o símbolo LGBT o oficial. Entretanto, optamos por usá-lo porque nosso trabalho doutoral deseja incluir a todas, e esta sigla traz esta inclusão.

histórias, trazem a mesma origem, suas histórias se interpenetram. Entre ess@s autores, citamos: Jean Delumau,²⁶⁸ Michel Foucault, Aristóteles²⁶⁹, Phyllis Tribble,²⁷⁰ Maria Clara Bingemer, Gary Macy,²⁷¹ Michelle Perrot,²⁷² Maria Berenice Dias²⁷³, Joana Maria Pedro²⁷⁴, Raquel Sohier.²⁷⁵

Como Sohier e Maria Pedro revelam, “criatividade, sensibilidade e imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade existentes, por tão longo tempo, quanto ao passado feminino”.²⁷⁶ Em busca destes dados, devido a sua especificidade e sutileza, percorremos bibliotecas, participamos de congressos, tanto no Brasil como em outros países, palestras, trabalhos acadêmicos, livros, artigos, jornais, internet, relatórios, documentos oficiais e extraoficiais, onde pudéssemos encontrar a

²⁶⁸Jean Delumeau – foi um historiador francês especializado em estudos sobre a história da Igreja católica e autor de vários trabalhos relacionados a esta temática. Dedicou-se ainda ao estudo do Renascimento com qual obteve um prêmio da Academia Francesa em 1967. Foi professor da Cadeira da História das Mentalidades religiosas (1975–1994) no Collège de France. Entre seus livros citamos: *A espera da aurora*, 2007; *História do Medo no Ocidente*, 1978; *A Confissão e o Perdão*, 1990, *Mil Anos de Felicidade, O Que Sobrou do Paraíso* (2000), *De Religiões e de Homens* 1997 e *O Pecado e o Medo*, 1983.

²⁶⁹ Aristóteles (em grego antigo: Ἀριστοτέλης, transl. *Aristotélēs*; Estagira, 384 a.C. — Atenas, 322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia.

²⁷⁰ Phyllis Tribble nasceu em 1932. É feminista e teóloga biblista. Estudou no Colégio Meredith e ensinou na Universidade de Wake Forest. Em 1980 foi nomeada professora de Sagrada Escritura. Foi presidente da Sociedade de literatura bíblica e do seminário da União, onde em 1980 foi nomeada Professora de Sagrada Baldwin Literatura. *Entre seus livros e artigos citamos Eve and Adam: Genesis 2-3 Reread. Andover Newton Theological School, 1973.*

²⁷¹ Gary Macy é Jesuíta, professor de teologia na universidade Santa Clara, nos Estados Unidos. Entre outros livros é autor de ‘*The hidden history of women’s Ordination*’, 2009.

²⁷²Michelle Perrot (1928) é historiadora, e professora emérita da Universidade de Paris. Universidade para qual se mudou nos anos 70 sob o impacto de 1968 após ter lecionado na Sorbonne, França. Em 2009 ganhou o Prêmio Femina de Ensaio. O seu artigo "Uma história das mulheres é possível?" foi precursor dos estudos sobre a história das mulheres no ocidente. Entre os seus livros citamos: *História dos quartos*, 2009 - Prêmio Femina de Ensaio, 2009. *As sombras da história*. Crime e castigo no século XIX, 2001. *Imagens das mulheres* (com) Georges Duby, 1992.

²⁷³ Maria Berenice Dias é jurista brasileira. Nasceu em Santiago, no Rio Grande do Sul, em 1948. Filha e neta de desembargadores, tornou-se, em 1973, a primeira mulher a ingressar na magistratura no estado do Rio Grande do Sul. Dedicou seu trabalho a causa LGBTTI e é uma estudiosa na história desse grupo.

²⁷⁴ Joana Maria Pedro é historiadora. Doutora em História Social pela USP, com pós-doutorado pela Université d’Avignon et des Pays de Vaucluse. Professora titular em História Social do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Autora de *Mulheres honestas, mulheres faladas; Nas tramas entre o público e o privado. Coautora de Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul; História das mulheres no Brasil; e O Brasil no Contexto.*

²⁷⁵ Raquel Sohier possui doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1986) e pós-doutorado pela Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis (1997). Professora titular da Universidade Federal Fluminense, Membro de corpo editorial da Revista Universidade Rural - Membro de corpo editorial Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso).

²⁷⁶ SOIHET, Rachel; Pedro, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*. Rev. Bras. Hist. vol.27, n.54, São Paulo, Dec, 2007.

presença da ‘violência contra o feminino’ nas diferentes épocas a fim de traçarmos uma retrospectiva que mostrasse o mecanismo que envolve a ‘violência de gênero’.

Neste histórico será possível visualizar a trajetória de um longínquo matriarcado pré-histórico, no qual o feminino era visto como ‘divino’, e que a partir da Antiguidade passou a uma situação de subserviência, sofrendo todo o tipo de violência, durante séculos, em uma luta de resistência constante a fim de conseguir direitos de igualdade, inclusão e respeito. Luta que parece longe de terminar!

Segundo o historiador Jean Delumau, se de um lado, para o homem,

A deusa da fecundidade, mãe de seios fiéis, e imagem de natureza inesgotável, torna-se com Atenas a divina sabedoria, com a Virgem Maria o canal de toda graça e o sorriso de bondade, [...] Essa veneração do homem pela mulher foi contrabalançada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo, particularmente nas sociedades de estruturas patriarcais.²⁷⁷

3.1

Pré-história

Nossa primeira narrativa será em relação às sociedades pré-históricas, onde não há vestígios de ‘violência de gênero’.

O primeiro período, chamado Paleolítico²⁷⁸ foi o de maior duração, cerca de 3 milhões de anos até 10.000 a.C, tendo surgido os primeiros hominídeos²⁷⁹, durante o período Paleolítico inferior. “Alimentando-se de vegetais, frutas, tubérculos, e pesca, vivendo em bandos e migrando através das pastagens e savanas primitivas atrás de alimento, o ser humano primitivo dava plena vazão aos seus instintos”.²⁸⁰ Durante este período não havia um vínculo causal entre a cópula e a reprodução, nem qualquer modalidade moral, pois não existia a ‘cultura’.

O período paleolítico médio teve início há 125 mil anos, e nele encontramos o ‘homem de Neandertal’. Eram hominídeos nômades, que começavam a desenvolver instrumentos mais sofisticados, podendo já controlar o fogo, construir abrigo temporário e usar as cavernas. Neste período após o descobrimento do fogo, os hominídeos passaram a se alimentar de carne, tornando-se caçadores. “Supõe-se

²⁷⁷ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente* (1300-1800), p. 310.

²⁷⁸ Paleolítico ou Pedra lascada.

²⁷⁹ Nomes dados aos primeiros hominídeos. Australopithecus e Homo habilis

²⁸⁰ CAPPELLANO, Luiz Carlos. *Breve histórico da homossexualidade*.

também que nesse momento se iniciaram as manifestações de vida religiosa e o uso de uma linguagem socialmente mais articulada”.²⁸¹

Segundo Capellano²⁸²

Foi no interior destas cavernas, ao redor das fogueiras primitivas, que o ser humano desenvolveu tanto a linguagem oral quanto a expressão artística (a fala e a arte nascem no mesmo momento, como fruto das mesmas contingências, como provam as pinturas no interior de cavernas como Lascaux na França ou Altamira na Espanha) e, como subproduto destas, surgiu também à religião.²⁸³

No período Paleolítico superior, cerca de 50 mil anos atrás, houve grande progresso cultural, com o surgimento do Homem sapiens sapiens. Estes além de sofisticar seus instrumentos, começaram “a manifestar mais claramente a religiosidade e desenvolver a pintura rupestre (feita na pedra)”.²⁸⁴ Neste período ocorreram profundas alterações climáticas, na fauna, e na flora terrestres.

Para explicar os fenômenos físicos que ocorriam ao seu redor, e o que era incompreensível, o ser humano recorreu ao divino. Principalmente, “diante de um ser misterioso que todos os meses sangra, mas não morre, que tem filhos, e os alimenta com o leite que o seu próprio corpo produz..”.²⁸⁵, ele recorreu às deusas.

Nesta época continuava não havendo exclusividade nas relações heterossexuais, nem monogamia, existindo apenas um vínculo causal entre sexo e reprodução, sendo impossível estabelecer a participação do homem neste evento. Dessa forma sendo “o único ser capaz de gerar a vida, a mulher era divina,”²⁸⁶ e o único vínculo que podia ser confirmado encontrava-se entre a mulher e @s²⁸⁷ filh@s. As figuras artísticas deste período trazem a deusa Geia, a deusa da fertilidade, podendo-se dizer que é quase uma representação universal entre os povos que viveram naquela época.

²⁸¹ HISTORIA.com.br. *História do Período Paleolítico*.

²⁸² Luiz Carlos Capellano nasceu em 1965, é graduado em ‘história’ e ‘pedagogia’, com pós-graduação em ambas as áreas. Especialista em História da Arte e da Cultura e Aperfeiçoamento em História Social do Trabalho. FESB como professor dos cursos de História e de Educação Artística, na FESB, e é coordenador Municipal do Programa Mais Educação. Autor do livro *Breve histórico da homossexualidade; e Nos Dédalos da Memória ao Encontro de Dois Enigmas. Além de diversos textos: Três Formas De Amar*:

²⁸³ CAPPELLANO. *Breve histórico...*, 2004.

²⁸⁴ HISTORIA.com.br, Op. Cit, 2013.

²⁸⁵ CAPPELLANO. Op.cit., 2004.

²⁸⁶ Ibidem.

²⁸⁷ Como já foi feito na Introdução da tese, e no capítulo anterior, continuaremos colocando o símbolo @ para representar o masculino e o feminino. @s filh@s – os filhos/ as filhas.

A deusa era representada por características femininas hipertrofiadas, com imensos seios e ancas, perenemente, grávida, e muitas vezes com a mão sobre o ventre para demonstrar a existência de vida dentro de si. Há representações da ‘Vênus da fecundidade’, feitas pelos “homens das cavernas que a talharam na pedra e no osso, pelos aborígines da África, e da Oceania, que utilizaram os mais diversos materiais como a madeira, o marfim, a argila e o cauim”.²⁸⁸

As sociedades pré-históricas eram matricêntricas, o que significa que as mulheres possuíam forte influência em seus grupos. Devido à importância dada à fertilidade, embora não dominassem, as mulheres exerciam papel central em suas comunidades. Diversas evidências arqueológicas apontam que no período Paleolítico superior surgiu de forma mais substancial o culto ao sobrenatural ligado a religião, e além da figura da deusa Geia, existem estatuetas, pinturas e objetos femininos deste período que apontam para a existência do ‘culto sagrado à mulher’. “Eles cultivavam o poder feminino da natalidade e as consideravam superiores por gerarem a vida ao engravidar”.²⁸⁹

No período Neolítico,²⁹⁰ de acordo com Highwater²⁹¹, o poder da mulher, na Sociedade havia crescido ainda mais. Segundo este autor: “Deus era mulher”.²⁹² Homens e mulheres se organizavam de forma igualitária, e coletivista. Os homens dedicavam-se a caça e as mulheres responsabilizavam-se pela alimentação e manutenção da grande família, tornando-se “pioneiras no manejo da farmácia, da agricultura, da astrologia, da medicina, da pecuária, do feitiço de utensílios

²⁸⁸ CAPPELLANO. *Breve histórico...*, 2004.

²⁸⁹ SILVA, Tiago Ferreira da. *Período Paleolítico*.

²⁹⁰ O Período Neolítico, também conhecido como Nova Idade da Pedra e Idade da Pedra Polida, teve início por volta de 8.000 antes de Cristo, após as mudanças climáticas que criaram melhores condições de vida para os homens e animais. O homem neolítico procurava moradia próximo aos rios, na intenção de utilizar a terra fértil para a agricultura - outro importante avanço do período. Se antes o homem paleolítico coletava alimentos praticando o ato da caça e da pesca para sobreviver, o homem neolítico passou a produzir o que comer com mais assiduidade, plantando frutos, legumes e vegetais. Com isso, não havia mais a necessidade de vagarem constantemente à procura de alimentos - criando o fenômeno do sedentarismo, ou seja, a permanência em lugar fixado em detrimento do nomadismo. A Era Neolítica é considerada o último período pré-histórico. Antes de seu fim, ocorreu a Idade dos Metais, que consolidou a importância do bronze na fabricação de armamentos manuais. Cf. <http://www.infoescola.com/pre-historia/periodo-neolitico/>.

²⁹¹ Jamake Highwater também conhecido como Jay Marks e Gregory J. Markopoulos (pseudônimos, nasceu em 1942 e morreu em 2001). Escritor e jornalista americano conhecido como Cherokee. Foi autor de mais de 30 livros de ficção e não ficção. Entre eles: *Anpao: An American Indian Odyssey* (1973) recebeu a Newbery Honor. *The Primal Mind: Vision and Reality in Indian America* (1981) que se tornou documentário; *Myth and Sexuality*, 1990.

²⁹² HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*, p. 43.

domésticos, etc”.²⁹³ Além desses domínios da natureza coube às mulheres o primeiro passo no processo de hominização dos primatas. As mulheres afastam-se do cio, não limitando o sexo à procriação como fazem os animais, ao contrário, transformam a sexualidade em um aspecto cultural, humanizando a sexualidade animal.

Segundo Highwater, provavelmente, foi na “mitologia primitiva que se originou a primeira concepção da sexualidade”.²⁹⁴ A mitologia estava ligada ao culto da fertilidade, e era “representada por deusas femininas generosas, reprodutoras, capazes de multiplicar a vida”.²⁹⁵

Mas a partir do momento que a agricultura começou a ser descoberta como meio de subsistência, e os instrumentos agrários puderam ser confeccionados, os primeiros agrupamentos perceberam a possibilidade de exercer controle sobre a natureza, e grandes transformações aconteceram no relacionamento entre, os seres humanos e a divindade, os seres humanos e a natureza, e entre os próprios seres humanos, incluindo o relacionamento entre homens e mulheres, surgindo novas formas de relações sociais e econômicas.

Ao surgirem às primeiras cidades, na Idade dos Metais, a deusa mãe primitiva é substituída pelos deuses masculinos e o homem – agora consciente do papel que desempenha na concepção – submete a mulher ao seu jugo, criando as uniões estáveis entre um homem e uma ou mais mulheres.²⁹⁶

O clã patriarcal começou a se impor, pois longe dos antigos rituais ligados à agricultura e à fertilidade, a mulher pouco a pouco foi perdendo o seu papel de destaque e a deusa Geia esquecida.

A conversão de riquezas em propriedade familiar advinda do excedente de produção, o reconhecimento da paternidade, a relação entre ato sexual e procriação podem compor um quadro explicativo para a reorganização da estrutura familiar primeva, determinando o surgimento da família monogâmica.²⁹⁷

Para Highwater, quando os homens estenderam seu poderio, a mulher foi cedendo seu espaço, e a mitologia feminina começou a desaparecer no meio de

²⁹³ Ibidem., p. 43.

²⁹⁴ HIGHWATER. *Mito...*, 1992, p. 40.

²⁹⁵ MOUKARZEL, M. Graças das. Heranças históricas sobre sexualidade e deficiência na tradição ocidental, p.8.

²⁹⁶ CAPPELLANO. *Breve histórico...*, 2004.

²⁹⁷ MOUKARZEL. *Op.cit...*, 2003, p.10.

novas interpretações. “Uma mudança lenta e gradual acompanhava os estágios de organização das sociedades”.²⁹⁸

São raros os estudos feitos nesta área em relação às pessoas com características femininas. No entanto, podemos encontrar alguns, muito importantes. Entre eles, citamos a descoberta de um sítio arqueológico do período Neolítico, na cidade de Praga, que traz esqueletos de um homem pré-histórico homossexual ou transexual, indicando que um indivíduo de sexo masculino havia sido enterrado, segundo ritos normalmente destinados às mulheres.

Para a arqueóloga Katerina Semradova, “este enterro ‘atípico’ indica que o indivíduo encontrado fazia parte do ‘terceiro sexo’, provavelmente homossexual ou transexual”.²⁹⁹ Segundo esta arqueóloga, ‘as relações entre iguais’ eram percebidas de forma positiva. De modo geral, para os povos antigos “a homossexualidade³⁰⁰ representava uma evolução da sexualidade”.³⁰¹

3.2

Antiguidade

Costuma-se considerar este período a partir do desenvolvimento da escrita pelos sumérios, há mais ou menos 4.000 a.C. até à queda do Império Romano do Ocidente, em 476 da era cristã.

Nesta época, a figura feminina que outrora, no imaginário social, teve lugar de destaque devido a sua ligação e integração com a terra e a fertilidade, já era percebida como subserviente e inferior. “O homem apodera-se dos meios de produção, explorando e submetendo a mulher à condição de servidora”.³⁰² O sexo masculino, então, passa a ser considerado ‘paradigmático’.

²⁹⁸ HIGHWATER. Op. cit, 1992, p. 45.

²⁹⁹ ULTIMO SEGUNDO. *Cientistas encontram esqueleto de homem pré-histórico homossexual*.

³⁰⁰ Não é possível comparar a homossexualidade, como é entendida na atualidade, com o ‘relacionamento sexual entre iguais’ ou ‘relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo’, que existia na antiguidade. O termo usado para se referir à homossexualidade era ‘pederastia’, e tratava do relacionamento erótico entre um homem e um menino. Porém, muitos pesquisadores usam como se fosse à mesma coisa. Assim, aqui usaremos o termo homossexualidade ou homossexual apenas quando for citação até chegarmos a época em que se passou a usar esta palavra.

³⁰¹ SOUZA, Ivone Coelho de. *Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações*, p. 112.

³⁰² MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 11.

Traremos aqui os fatos históricos relacionados a este período ligados a ‘violência ao feminino’, em dois momentos: na Antiguidade clássica, que abrange Grécia e Roma, e na Antiguidade oriental, através de Israel (Antigo e Novo Testamento) e Cristianismo (na Patrística).

3.2.1

Antiguidade Clássica (Grécia – Roma)

Na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, existe referências mitológicas a um suposto período que teria sido controlado pelo sexo feminino, e onde é possível encontrar princípios que expliquem a estrutura familiar patriarcal, herdeira das tradições gentílicas. Nesta mitologia, Gaia, a Deusa-Mãe da vida, única criadora do mundo e da humanidade foi derrotada após uma sucessão de batalhas entre os deuses e homens, o que “reduziu a mulher a um permanente estado de impotência e submissão”.³⁰³

No movimento patriarcal grego é visível a desvalorização do feminino e o homem sendo percebido como paradigma de beleza, e inteligência.

A mulher não possuía cidadania, e a maternidade antes considerada sagrada, era desvalorizada, e a mulher sendo apenas vista como receptadora da ‘semente masculina’.

Para Aristóteles, aos homens cabia a produção dos espermatozoides e esta era a causa eficiente da geração. Segundo este filósofo, a inferioridade da mulher poderia ser atestada por esta não ter plenitude da parte racional da alma, portanto a superioridade masculina era incontestável em qualquer situação. Para ele, “sobre a sexualidade dos indivíduos a diferença é indelével, pois independente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade”.³⁰⁴

O status social da mulher grega era condicionado pelo meio cultural e econômico em que ela estava inserida. Havia diferença no trato das mulheres em relação às cidades de Atenas e Esparta. Em Atenas cabia à mulher apenas a ‘reprodução’, já que este era o objetivo fundamental do casamento. “Os escravos,

³⁰³ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 13.

³⁰⁴ ARISTÓTELES. *A Política*, p.33.

os estrangeiros e mesmo as mulheres e crianças atenienses não tinham qualquer direito político e para eles a democracia vigente não trazia qualquer vantagem”.³⁰⁵

Em Esparta existia uma liberdade maior entre o casal, sendo permitido à mulher ter anseios políticos, maior liberdade para a prática de atividades físicas, e na ausência dos maridos, o gerenciamento de suas terras. Entretanto, para Aristóteles, as mulheres de Esparta eram depravadas, e mandavam nos maridos.

Embora houvesse diferença entre as classes sociais, e entre as cidades, de modo geral:

O papel da mulher era gerar filhos que iriam dar continuidade ao patrimônio, fariam a manutenção do culto doméstico, protegeriam os pais na velhice e dariam continuidade à ordem cívica e ao equilíbrio entre o espaço público e espaço privado, fatores essenciais para a manutenção da sociedade grega.³⁰⁶

Na Grécia o relacionamento sexual entre iguais masculinos era aceito e estimulado, pois era percebido como necessário para o desenvolvimento da masculinidade dos adolescentes. Os meninos pertencentes às famílias nobres ao se tornarem adolescentes ficavam sob os cuidados de sábios para que estes passassem conhecimento aos rapazes, sendo comum a relação sexual entre mestres e alunos. “Os tutores eram aqueles que na relação sexual penetravam seus discípulos. Essa prática estava ligada à passagem do saber, da pedagogia do filósofo”.³⁰⁷ Era considerado “uma honra ser escolhido pelos mestres que os preparavam para a vida pública”.³⁰⁸

Em Esparta, o amor entre dois homens era estimulado também pelas forças militares, pois “um soldado ao ir para guerra estaria lutando não só pelo povo, mas pelo seu amado”.³⁰⁹

Na Grécia a desvalorização da mulher era tão grande, que segundo alguns historiadores, o amor deveria ser vivido ‘entre iguais’. Como exemplo, trazemos Plutarco, para quem a mulher era intelectual, física e emocionalmente inferior ao homem, e as relações heterossexuais não podiam estar ligadas ao amor. Para este filósofo, “eram as relações com pessoas do mesmo sexo que possibilitavam aos

³⁰⁵ FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*, p. 29.

³⁰⁶ THEML, Neyde. *O Público e o Privado na Grécia do VIIIº ao IVº século a.C.*, p. 88.

³⁰⁷ TORRES, Marco Antônio. *Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas*, p. 145 passim. Citação retirada de: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*, 2003b.

³⁰⁸ SPENCER, Colin. *Homossexualidade*, p.25.

³⁰⁹ BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. *Parcerias homossexuais – aspectos jurídicos*, p.32.

homens superar as necessidades de relações pessoais não vividas no casamento e no relacionamento de pais e filhos”.³¹⁰

Em relação a Alexandre, o Grande, há um relato mostrando o grande amor de Alexandre por Hegastião, quando este,- considerado o seu braço direito e ocupante de importante posto no exército -, morreu de febre, na volta de uma campanha na Índia.

Alexandre caiu em desespero: ficou sem comer e beber por vários dias. Mandou proporcionar ao seu amado um funeral majestoso: os preparativos foram tantos que a cerimônia só pôde ser realizada seis meses depois da morte. Alexandre fez questão de dirigir a carruagem fúnebre, decretando luto oficial em seu reino.³¹¹

Segundo Dias,³¹² no mundo antigo, a ‘heterossexualidade’ estava ligada somente a procriação, e as relações homossexuais eram “um verdadeiro privilégio dos bem nascidos”.³¹³ Havia a crença de que, por meio do esperma, se transmitia heroísmo e nobreza, como também a justificativa de treinar os jovens para as guerras, nas quais inexistia a presença de mulheres.

Da mesma forma que na Grécia, a mulher na Roma antiga também era considerada propriedade da família e objeto de troca. Havia um número pequeno de mulheres, devido a uma lei atribuída a Rômulo, na qual “os paterfamílias deviam conservar toda a sua descendência masculina, eles apenas eram obrigados a manter a filha mais velha, sendo as outras abandonadas ou mortas”.³¹⁴ As sobreviventes costumavam-se casar aos 12 anos.

O casamento servia a um fim comercial, e as famílias das mulheres seguiam as normas de comércio oferecendo dotes ou pagamento de bens. Esta união legalizada era necessária para legitimar a descendência, e existiam categorias de casamento. Na categoria *in manu* os bens ficavam com o chefe da nova família, a título de dote, e na categoria *sine manu* os bens continuavam com sua família. Havia, porém, certa igualdade patrimonial entre o homem e a mulher, pautada por rigorosa disciplina legal. Entretanto, a dependência da mulher ao marido existia em qualquer das modalidades. Entre a plebe as uniões aconteciam pela necessidade de sobrevivência.

³¹⁰ Conclusão de Sir Kenneth Dover, em seu estudo *Magistrae* sobre as relações sexuais entre pares na Grécia antiga. Cf. CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga*, p. 20.

³¹¹ RODRIGUES & LIMA. *Vale tudo...*, 2008. Citado de NAPHY, William. *História da Homossexualidade*.

³¹² Maria Berenice Dias é jurista brasileira. Já foi dada a biografia no início do capítulo.

³¹³ DIAS, Maria Berenice. *União homoafetiva*, p. 36 passim.

³¹⁴ GILISSEN, J. *Introdução histórica ao direito*, p. 601.

A partir do século I aC. o direito romano ampliou o controle da sexualidade familiar instituindo o pátrio poder, no qual concedia ao homem o direito de deliberar sobre a vida dos filhos, esposa e agregados. Dessa forma, “a família romana passou a ter um sistema de relações sociais baseado na servidão”.³¹⁵

A mulher era considerada passiva e o homem ativo. O homem ativo seria aquele que matasse mais do que aquele que era derrotado. “As atividades masculinas especialmente a sexualidade masculina, estava ligada à violência”.³¹⁶ A mulher estava associada à fraqueza. Por exemplo, “o medo da morte, era aceitável da parte das mulheres, enquanto o homem viril era associado à violência e a guerra”.³¹⁷

Apesar da rígida legislação onde a mulher não tinha cidadania, de acordo com Funari,³¹⁸ alguns historiadores afirmam que as mulheres romanas tinham forte influência na sociedade. Quanto mais rica maior era a sua influência.

Para Funari, vários historiadores “tinham uma visão bastante crítica da mulher”,³¹⁹. E a mulher aristocrata, embora não pudesse exercer cargo político, possuía uma influência notória. As matronas eram conhecidas pela sua rigidez e força política. Para elas, principalmente nos últimos anos da República e durante todo o Império, com a evolução das leis e da moral,

A patrícia romana de posse de seu direito de herança, livre dos conceitos de uma tradição que a reprimira por séculos, tendo conquistado direito ao controle de sua fortuna, ao divórcio, e orgulhosas de suas origens, interferiram de forma efetiva nos rumos de sua sociedade.³²⁰

No entanto, citando Finley³²¹, em seu artigo ‘Perspectivas antropológicas da mulher’, Chauí³²² observa que na realidade o que se sabe sobre as mulheres romanas vem dos historiadores, ou das lápides mortuárias feitas pelos pais, maridos, filhos,

³¹⁵ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 15.

³¹⁶ JANTZEN, Grace M. *Foundations of violence*, p. 267.

³¹⁷ *Ibidem.*, Loc. cit.

³¹⁸ Pedro Paulo A. Funari é livre-docente em História Antiga, doutor em Arqueologia, mestre em Antropologia, professor da Unicamp e pesquisador associado das universidades de Illinois (ISI) e Barcelona. É autor de diversos livros publicados na Inglaterra, Espanha e Brasil.

³¹⁹ FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*.

³²⁰ SILVA, Claudia Ribeiro. *A mulher na Roma Antiga*.

³²¹ Sir Moses Finley foi um historiador americano radicado na Inglaterra, especialista na economia do mundo greco-romano. Nasceu em 1912 e morreu em 1986. Entre as suas obras encontramos, *O mundo de Ulisses*, *Uso e abuso da história*.

³²² Marilena Chauí é brasileira, filósofa, professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH). Marilena é Presidente da Associação Nacional de Estudos Filosóficos do século XVII, Doutora Honoris Causa pela Universidade de Paris VIII e Doutora Honoris Causa pela Universidad Nacional de Córdoba, da Argentina. Em sua obra é possível encontrar temas como

mostrando como eles viam suas filhas, esposas e mães. Em nenhum momento elas próprias disseram como se sentiam. É interessante destacar que nas inscrições de suas lápides as mulheres são tidas como “graciosas, laboriosas, respeitáveis em seu recato e domesticidades”³²³. Nos textos históricos as mulheres romanas são colocadas como “prostitutas, cortesãs, adúlteras e incentivadoras de regicídio, isto é sob a figura da mulher criminalizada”.³²⁴ Chauí chama a atenção da controvérsia entre os textos históricos e as inscrições, e termina perguntando como essas mulheres realmente deveriam ser.

Ainda citando Finley, Chauí revela que as mulheres de Roma não possuíam prenome ou nome próprio. Embora fossem designadas como pessoas ou sujeitos de direitos, elas só eram reconhecidas como filhas, irmãs ou esposas. Eram pessoas³²⁵ do direito privado, jamais do direito público. “Talvez não seja casual, mas necessário, que apareçam publicamente como o ‘braço perverso’ dos homens, isto é, mães e amantes que interferem na política e no poder sob a capa doméstica”.³²⁶

Durante o Império Romano tem-se conhecimento que a relação sexual entre dois homens era vista com naturalidade, desde que ocorresse entre patrões e escravos. No entanto, esse relacionamento para aquele que teria a ‘função passiva’³²⁷ representava fraqueza e impotência política, pois esta função só poderia ser desempenhada pelas mulheres, escravos e rapazes.

Em Roma a sexualidade estava relacionada ao ‘poder de dominação’, e por este motivo “os senhores só poderiam se relacionar com escravos, sendo proibido relacionarem-se com meninos livres”.³²⁸ “Para a elite Romana era natural que um homem tivesse relações com mulheres e homens, em especial, o patrão com seus escravos e escravas”.³²⁹ Os oficiais ficavam muito tempo longe de casa, e as esposas não podiam acompanhá-los. Há indicações que o estupro era preocupante,

ideologia, cultura, universidade pública, entre outros. Destacam-se os livros *Repressão Sexual, Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo*, e *Introdução à História da Filosofia*.

³²³ CHAUI, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência, p.27. Apud. FINLEY, Moses. *Aspects of Antiquity – Discoveries and controversies*.

³²⁴ *Ibidem.*, p.27

³²⁵ Pessoa é o ente físico ou coletivo suscetível de direitos e obrigações, sendo sinônimo de sujeito de direito. Cf. DINIZ, Maria Helena. *Curso de Direito Civil Brasileiro*, p.116.

³²⁶ *Ibidem.*, p.27.

³²⁷ Ativo é considerado quem faz a penetração com o pênis.

³²⁸ SPENCER, Colin. *Homossexualidade*, p.68.

³²⁹ FUNARI. *Grécia e...*, 2001, p. 87.

pois “a partir de 149 aC, os adolescentes, homens e mulheres livres passaram a ser protegidos por uma lei contra ‘estupro’”³³⁰.

Embora nesta época a ‘transexualidade’ não fosse imaginada, pois a terminologia ‘identidade de gênero’, surgiu a partir de estudos mais recentes, há vários indícios de que Heliogábalo³³¹, imperador romano, de 218 a 222, pudesse ser uma pessoa ‘transexual’, ou ‘travesti’. “Ele castrou-se publicamente em nome de um culto religioso”,³³² e gostava de atividades e passatempos femininos, possuía trejeitos reconhecidos como pertencentes ao sexo feminino, sobretudo na voz e na forma de caminhar.

3.2.2

Antiguidade Oriental: Israel (Antigo e Novo Testamento) - Cristianismo (Patrística)

Para a teologia as narrativas bíblicas formam a base para uma reflexão criteriosa. Através da temática bíblica teremos condições de analisar o contexto da época e fazermos a hermenêutica adequada para a atualidade. Como enfatiza Croatto³³³, haverá realmente uma hermenêutica da mensagem bíblica quando ela sobrepujar o primeiro sentido contextual tanto do autor quanto dos seus primeiros leitores, através uma nova pergunta dirigida ao texto. Ele ainda alerta para o perigo da interpretação objetiva, afirmando que ela “é capaz de mascarar conjuntos inteiros de pressupostos altamente influentes, envolvendo com lentes tradicionais a Escritura em interpretações errôneas”.³³⁴

Ao organizarmos um histórico de Israel e depois do início do cristianismo, tivemos como nossa principal fonte de pesquisa a Bíblia, e as interpretações que

³³⁰ FERREIRA, Bruno. *A homossexualidade em Roma*.

³³¹ Heliogábalo, também conhecido como Elagábalo, foi um imperador romano da dinastia severa durante os anos de 218 a 222. Sua mãe Júlia Soémia era de origem síria e seu pai chamava-se Sexto Vário Marcelo.

³³² GOULAR, Michel. *Cinco imperadores romanos malucos*.

³³³ José Severino Croatto, (1930 2004) Nasceu em Buenos Aires, foi professor de Antigo Testamento, Hebraico, e Fenomenologia da Religião. De seus 19 livros publicados, citamos: *Isaías. La palabra profética y su relectura hermenéutica. Vol. II: 40-55: La liberación es posible*, 1994; *Historia de salvación. La experiencia religiosa del pueblo de Dios*, 1995, 2a ed. 2001; *Exilio y sobrevivencia. Tradiciones contraculturales en el Pentateuco. Comentario de Génesis 4-11*, 1997; *Imaginar el futuro. Estructura retórica y querigma del Tercer Isaías. Isaías 56-66*, 2001

³³⁴ CROATTO, S. J. *Hermenêutica Bíblica*, p.10.

dela foram feitas na época, as que vieram depois, e na atualidade, de modo a visualizarmos o sistema político, social, financeiro e institucional vigente.

Ao lermos o Antigo Testamento com uma interpretação criteriosa, constataremos que a imagem de Deus foi se transformando através dos tempos. A imagem do Deus Terrível foi se modificando até chegar a Jesus Cristo, onde Deus se fez homem, e revelou-se ‘amor-serviço’. Entretanto, apesar destas mudanças, a imagem que prevaleceu do Deus judaico foi a de um Deus masculino, racional, ciumento, dominador do ser humano e da natureza. Um arquétipo hebraico que inaugurou a ‘tradição patriarcal’ e trouxe uma nova configuração de forças entre o matriarcado primevo e o patriarcado antigo. Modelo que foi usado pelos sistemas filosóficos, sociais, e políticos governados por homens.

Neste contexto encontramos, segundo Phyllis Trible, uma constante “violência contra a mulher”, que a coloca como frágil, menos inteligente, e ao mesmo tempo, perigosa, e pecadora. Uma interpretação que tem sua base em Gênesis. Na passagem bíblica, Gn 2, 4b-25, temos a mulher (Eva) sendo criada da costela do homem (Adão). “Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem”³³⁵ Trata-se de uma perícopa cuja interpretação tradicional é da ‘complementariedade entre homem e mulher’, e determinante para a interpretação ‘da submissão da mulher ao homem’. Em Gn 2-3, a mulher é colocada como ajudante, auxiliar do homem. É ele que tem a iniciativa de pedir a Deus para tê-la como companheira, sendo que, quando ambos pecam, é ela que por ser ambiciosa, o insufla a desobedecer a Deus.

Entretanto, na leitura de Trible, a Bíblia não é hostil para com as mulheres. A leitura e a interpretação da Bíblia feita por olhares masculinos favoreceram a hostilidade contra a mulher e a superioridade masculina, porém uma releitura mais detalhista poderá modificar esta percepção. Para ela, a percepção da Bíblia legitimando a superioridade masculina sobre o feminino não é verdadeira. “Eve and Adam were of equal stature in the eyes of God”.³³⁶

Em seu argumento em favor da Bíblia, Trible cita Gn 2-3 e explica que *adham* no hebraico, não é um nome próprio masculino, e pode ser usado como um termo genérico para a humanidade. Para ela, “*adham* is basically androgynous; one

³³⁵ BÍBLIA, 2006. (Gn 2,22).

³³⁶ Tradução livre: “Adão e Eva eram iguais aos olhos de Deus”. TRIBLE, Phyllis. *Eve and Adam*, p. 1.

creature incorporating two sexes”.³³⁷ Antes de a mulher ser criada, o termo usado na Bíblia é *adham*, sem constar ser homem ou mulher. O conceito de gênero apareceu em Gn 2,23 com duas palavras novas *ish* (macho) e *ishshah* (fêmea), que vem sublinhar uma inter-relação e interdependência dos sexos. Até a introdução dos sexos não há nenhuma referência bíblica para a compreensão de *adham* como sendo do sexo masculino. Segundo Tribble, *adham* e *ishshah* devem ser vistos como dois de uma mesma espécie.

Para Tribble,

Only with the specific creation of woman (*ishshah*) occurs the first specific term for man as male (*ish*). In other words, sexuality is simultaneous for woman and man. The sexes are interrelated and interdependent. Man as male does not precede woman as female but happens concurrently with her”.³³⁸

Seguindo esta linha de pensamento com outras interpretações, quando em Gn 1, 26-27 temos que Deus criou os seres humanos conforme a sua imagem: “macho e fêmea os criou”³³⁹, na interpretação tradicional, a humanidade está dividida em homens e mulheres. Entretanto, releituras mais atuais desta passagem trazem outras interpretações.³⁴⁰ Segundo Hellens, “Poderia indicar que teríamos qualidades femininas e masculinas, dentro de nós”.³⁴¹

Outra interpretação importante de Tribble encontra-se na colocação de que a criação da mulher foi um gesto divino e não um pedido de *Adham*. Citando Gn 2,18, esta biblista afirma que a decisão de que *Adham* precisava de uma semelhante a ele coube a Deus, e enfatiza que a tônica em *helper* (*ezer* em hebraico) é relacional, e não significa inferioridade. Os animais foram nomeados por *adham* e ele assim

³³⁷ Tradução livre: *adham* é basicamente um andrógino, uma criatura que incorpora dois sexos. Cf. TRIBBLE. *Eve and...*, p. 1.

³³⁸ Tradução livre: “Somente com a criação específica de mulher (*ishshah* ()) ocorre o primeiro termo específico para o homem como sexo masculino (*ish*). Em outras palavras, a sexualidade é simultaneamente por mulher e homem. Os sexos estão interligadas e interdependentes. Homem como homem não precede a mulher como sexo feminino, mas acontece simultaneamente com ela”. Cf. *Ibidem.*, p. 2.

³³⁹ BÍBLIA, 2006, Gn 1, 27.

³⁴⁰ J. Harold Hellens é psicólogo e teólogo. Entre 1974 e 1989 foi Diretor executivo da Associação Internacional de estudos psicológicos. Na atualidade é Presidente dos Estudos bíblicos e psicológicos da Sociedade de literatura bíblica. Possui doutorado pela Universidade de Michigan, em Judaísmo e Cristianismo, e na Wayne State University, em Psicologia da comunicação humana. Entre seus livros, citamos: *The International Directory*; *The Psychodynamics of Mass Communication*; *Eternal Vigilance*; *Biblical Authority and Christian Psychology*, *Sexo na Bíblia: Novas considerações*.

³⁴¹ HELLENS, J. Harold. *Sexo na Bíblia*, p. 64.

exerceu poder sobre eles, mas em relação à mulher, ela é chamada de *ishshah* que significa ‘fora do homem’, e a ‘costela’ ou o ‘lado de *adham*’.

De acordo com esta autora, é preciso a intervenção divina para criar aquela que é sua igual, não tendo *adham* nenhuma autoridade sobre ela, ou qualquer outra mulher. *Ishshah* foi feita da *tsalah*, que pode ser interpretada como ‘osso dos meus ossos e carne da minha carne’, posição que enfatiza que a mulher foi feita da mesma substância do homem, ou pode significar ‘lado, mostrando que todo o lado do homem foi removido para criar a mulher’.

Segundo Trible, *ishshah* não é um nome, e *adham* apenas solicita o nome de mulher Eva em Gn 3,20, após a queda e mostra que até aquele momento a ‘igualdade’ era dominante na criação.

A desconstrução das interpretações tradicionais do texto bíblico pretendida por Trible, e outros importantes biblistas, têm sido primordial para a modificação da visão de inferioridade e subalternidade da mulher. No entanto, ainda hoje, continuamos a encontrar interpretações bíblicas que repetem as visões patriarcais que fizeram parte dos discursos religiosos que levaram a mulher ser percebida e a introjetar a visão de frágil, maligna, subserviente.

De acordo com Tamez,³⁴² o desequilíbrio de gênero já começa na representação de Deus. Um desequilíbrio que afeta de forma concreta as mulheres. “Diz-se que todos, homens e mulheres, são criados à imagem de Deus, mas muitas vezes a manifestação divina como masculina cria dogmas que promovem a desigualdade”.³⁴³ A imagem preponderante de Deus é a de homem e pai porque a sociedade fundamentava-se e girava ao redor desse eixo patriarcal, e ainda hoje isso acontece. Os discursos em relação a Deus são feitos pelo ser humano e traz a marca cultural daqueles que o expressam.

Encontramos na história de Israel marcas desse patriarcado onde a mulher, de modo geral, assume posições subalternas. Um exemplo disso, podemos encontrar no Antigo Testamento. Na época de Moisés ainda era possível encontrar mulheres

³⁴² Elza Tamez é teóloga, doutora em Bíblia pela Universidade de Lausanne. Embora seja Mexicana, vive atualmente em Costa Rica, onde foi para poder fazer Faculdade de Teologia. Entre as suas obras citamos: *Descubriendo rostros distintos de Dios*”; *Aurora Teología de la liberación y contexto literario*; *Contra toda condena: La justificación por la fe desde los excluidos*; *Las mujeres en el movimiento de Jesús, el Cristo*.

³⁴³ TÁMEZ Elsa. *Religião, gênero e violência*. Koinonia: Agenda Latina Americana, 2011, p. 153. PDF. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>. Publicado em 2011. Acessado em 12/06/2016.

líderes, como Miriam, irmã de Moisés (Ex 15,20), chamada de profetisa. Até mesmo Débora, que na época dos juízes fora reconhecida como profetisa e juíza. Entretanto, se prosseguirmos na história de Israel, veremos que, após o exílio, com o retorno à ‘lei da pureza’, Esdras expulsa de Israel as mulheres estrangeiras, casadas com judeus (Esd 10,1ss), e faz inúmeras restrições às mulheres judias, colocando-as limitadas aos círculos domésticos, conforme nos diz Dt 25,5-10. Para Mazzarollo, nesta época em Israel, “a mulher era propriedade do marido, e lhe cabia reproduzir e educar filhos dentro do sistema imposto pelo marido”.³⁴⁴

Em relação às pessoas com características femininas, elas eram aceitas pelos diferentes povos da região, e possuíam privilégios em ritos religiosos. As tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, no oceano Pacífico, há cerca de 10 mil anos atrás já exercitavam algumas formas de homossexualidade ritual.

Os melanésios acreditavam que o conhecimento sagrado só poderia ser transmitido por meio do coito entre duplas do mesmo sexo. No rito, um homem travestido representava um espírito dotado de grande alegria. [...] Um dos mais antigos e importantes conjuntos de leis do mundo, elaborado pelo imperador Hammurabi na antiga Mesopotâmia em cerca de 1750 a.C., contém alguns privilégios que deveriam ser dados aos prostitutas e às prostitutas que participavam dos cultos religiosos. Eles eram sagrados e tinham relações com os homens devotos dentro dos templos da Mesopotâmia, Fenícia, Egito, Sicília e Índia, entre outros lugares. Herdeiras do Código de Hammurabi, as leis hititas chegam a reconhecer uniões entre pessoas do mesmo sexo.³⁴⁵

No entanto, em Israel a troca de papéis de gênero indicava desonra. Na Torah encontramos relatos que mostram que era comum ao exército vencedor de uma batalha humilhar o perdedor, sodomizando-o.³⁴⁶ O gênero era visto na mesma perspectiva de perceber o indivíduo como um microcosmo do universo. Nesse quadro de referência, os garotos que se aproximavam do feminino, mostrando-se frágeis fisicamente só podiam exercer papéis passivos, o que restringia suas atividades, e para os homens, era desonroso. “A hierarquia determinava que o

³⁴⁴ MAZZAROLO, Isidoro. *Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Mazzarollo editor, 2011, p. 74.

³⁴⁵ RODRIGUES, Humberto & Cláudia de Castro Lima. *Vale tudo: Homossexualidade na antiguidade*. Aventura na Histórica. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml>. Publicada em 01/03/2008. Cita RODRIGUES, Humberto. *Religiões e Perseguições*. O amor entre iguais. São Paulo: MYTHOS, 2004, p. 155-174.

³⁴⁶ Significa que os soldados vencedores obrigavam os perdedores fazerem coito anal eles, como forma de humilhação. Este termo embora esteja sendo usado pelo autor do texto, não era usado em Israel, o termo sodomita ou sodomizar. O termo surgiu mais tarde.

masculino estivesse acima do feminino, à força acima da fraqueza, e assim, cada corpo deveria ocupar o seu lugar”.³⁴⁷

Além disso, Israel precisava formar uma grande nação, e para o entendimento da época, qualquer semente que não fosse lançada para procriação seria perdida, e estaria impedindo a formação desta grande nação. Em Gn 38, 6-10, Onã com a morte do seu irmão, casou com a cunhada,

porém soube que esta descendência não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando possuía a mulher de seu irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência a seu irmão”. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou.³⁴⁸

Esta passagem ajuda-nos a perceber a importância dada à procriação para se atingir a posteridade, mostrando a razão pela qual em Israel qualquer relação que não levasse à procriação era considerada inaceitável. Este é o caso da ‘relação sexual entre iguais’, pois se trata de um relacionamento que caminhava em direção contrária às necessidades de procriação de Israel.

Para Helminiak, em Lev 18,22 a proibição do ato sexual entre iguais teria existido porque este ato estava ligado à idolatria, à infidelidade de Israel a Deus, e ao sacrifício de crianças. “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação..”.³⁴⁹ Para este autor, ‘os atos sexuais entre iguais’ são tratados no livro do Levítico, numa seção chamada ‘O Código Sagrado’, onde encontramos leis e punições para que Israel permaneça ‘sagrada’ aos olhos de Deus. É importante, então, que em Lev 20, 25-26 possamos perceber o seu sentido. “Fareis distinção entre o animal puro e o impuro, entre a ave pura e a impura. Não vos torneis vós mesmos imundos como animais, aves e com tudo o que rasteja sobre a terra, pois eu vos fiz pô-los à parte, como impuros”³⁵⁰

Na seção ‘O Código Sagrado’ são considerados impuros ou abomináveis e proibidos: certos animais como a lagosta, o camelo, o porco e o camarão, e algumas práticas que, envolviam diferentes tipos de elementos, ou dois tipos de sementes, ou dois tipos de fibra, ou um ‘homem fazendo sexo com outro homem’ como se fosse mulher. Existem outras proibições junto com a proibição de sexo entre iguais, o que mostra que não há qualquer conotação moral nessas proibições. Além das

³⁴⁷ HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, p.169.

³⁴⁸ BÍBLIA, 2006, Gn 38, 9-10

³⁴⁹ Ibidem., Lev 18,22.

³⁵⁰ Ibidem., Lev 20, 25-26.

citadas, podemos incluir a menstruação nas mulheres, a emissão do esperma pelo homem, o participar de um enterro ou dar à luz. Todas elas tornavam a pessoa impura por um período de tempo. Nestes textos ‘abominável’, ou ‘imundo’ ou ‘proibido’ tem o mesmo significado. A diferença do termo dependerá da tradução bíblica e o sentido será “a violação das regras de pureza que governavam a sociedade israelita e faziam com que o povo judeu fosse diferente dos demais povos”.³⁵¹

Ainda para Helminiak quando em Lev 20,13 consta: “O homem que se deita com outro homem como se fosse mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”,³⁵² este ato não está sendo visto como uma ofensa sexual, mas como uma ‘traição religiosa’, e por este motivo considerado abominação, razão pela qual ambos deveriam morrer. Afinal, Israel tinha com o Senhor uma aliança e por isso não poderia repetir comportamentos atribuídos a costumes étnicos de outros povos. ‘A relação sexual entre iguais’ era costume entre os romanos, e os gregos, enfim, entre os gentios. “A realização de qualquer comportamento pagão era entendida como traição, e merecia a pena de morte”.³⁵³

Este autor chama a atenção que no Antigo Testamento a relação sexual entre iguais era proibida e severamente punida. Entretanto, é importante frisar que as razões existentes para a proibição não podem ser vinculadas a qualquer sentido moral da atualidade, como alguns grupos religiosos procuram indicar, citando a Bíblia para condenar a homossexualidade.

De acordo com Vidal, a interpretação de que Sodoma e Gomorra tinham sido exterminadas por questões de homossexualidade vem “dos escritos intertestamentários, como o Testamento de Benjamim 9, e o II Enoch 34,2 e 10,4. A estes apócrifos devem ser acrescentados os escritos de Filon e de Flávio Josefo”. Interpretação que surgiu quando estes escritos judaicos entraram em contato com o mundo helenista.

Segundo Vidal, existem dois textos de Novo Testamento que são oriundos dessa interpretação. Judas 1,7 “Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregue à fornicção como aqueles, e ido após

³⁵¹ HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, p. 50.

³⁵² BÍBLIA, 2006, Lev 20,13

³⁵³ HELMINIAK. Op. Cit, p. 49 passim.

outra carne, foram postas, por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno”.³⁵⁴ E o de 2 Pd 2,6-8:

E condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza, e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente; E livrou o justo Ló, enfadado da vida dissoluta dos homens abomináveis (Porque este justo, habitando entre eles, afligia todos os dias a sua alma justa, por isso via e ouvia sobre as suas obras injustas).

Em Israel, o corpo feminino era considerado inferior, e a masculinidade de um homem deveria estar sempre pronta para levá-lo a agir com honra em prol do interesse público. Gênero era uma questão de ‘identidade social’ e não de ‘identidade pessoal’ ou de ‘desejo sexual’.

Em relação às mulheres, no judaísmo do tempo de Jesus, elas eram consideradas social e religiosamente inferiores. Além de serem apontadas como responsáveis pela entrada do pecado no mundo, e pela morte em consequência do pecado, elas não podiam ser ‘circuncidadas’; o que lhes impedia de ter parte da aliança com Deus. Como o ‘rito de iniciação ao judaísmo’ era a ‘circuncisão’, só o homem podia participar. Para Bingemer, em uma determinada época da tradição judaica, as mulheres passaram a ser oprimidas pela sua constituição corporal. Sua anatomia não lhes permitia passar pelo ‘rito da iniciação do judaísmo’ e eram submetidas a um número menor de mandamentos do que os homens, o que as diminuía em sua dignidade, pois a glória para o povo de Deus era viver segundo a lei de Deus. Os seus ciclos menstruais foram considerados impuros, e com isto elas foram segregadas em muitas esferas da vida social, pública e religiosa.

No entanto, a atitude de Jesus para com as mulheres foi tão revolucionária que chegou a surpreender aos discípulos. “Ele as tornou ativas e participantes (Lc 10,38-42), e ainda beneficiárias privilegiadas de seus milagres (Lc 8,2; Mc 1,29-31; Mc 5,25-34; Mc 7,24-30)”.³⁵⁵ Por este motivo, o cristianismo, embora proveniente do judaísmo, trouxe em sua base doutrinária a grande novidade dos evangelhos canônicos.

As mulheres desempenharam um papel extremamente importante nesta transformação social oriunda da visão evangélica que a práxis e a palavra de Jesus trouxeram. Elas aparecem em diversas categorias de marginalizados, como representantes dos pequenos e oprimidos. “Jesus resgatou a dignidade das mulheres

³⁵⁴ BÍBLIA, 2006, Jd.1,7.

³⁵⁵ BINGEMER, Maria Clara. *La mujer*, p. 97.

pela sua práxis libertadora, e a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, tal como o batismo”.³⁵⁶

Para o cristão, ‘o batismo’ significa uma nova vida, e a participação das mulheres nele confere-lhes não só igualdade aos homens, mas as coloca como semelhantes a Cristo, ou seja, em um patamar que não existia até então em Israel. “O batismo traz uma ruptura radical com o passado, surgindo um novo modo de ser. Com esta ruptura o batizado se faz semelhante a Cristo por uma morte semelhante a sua”.³⁵⁷ Uma morte que rompe com o passado, e abre para o futuro.

Segundo René Laurentin³⁵⁸, nas primeiras comunidades “em contraste com os costumes judaicos, o rito de iniciação - o batismo – é conferido também às mulheres e não se percebe nenhuma polêmica nesse sentido”.³⁵⁹

Na Igreja Primitiva a mulher era ativa, engajada, discípula, missionária, líder, responsável pelas igrejas domiciliares. De acordo com Tepedino,³⁶⁰ Jesus no seu relacionamento com as pessoas, não fazia acepção. “A todos(as) acolhe e com todos(as) se relaciona da mesma forma. Isto foi verdadeiramente revolucionário”.³⁶¹ Para esta teóloga, “Lc 8, 1-3 nos introduz na realidade deste movimento mostrando que, apesar de não constar nenhum nome feminino como pertencente aos doze apóstolos³⁶² não havia apenas doze homens, mas também mulheres”.³⁶³ Jesus considerava todos os seres humanos iguais, e da mesma maneira que os pobres e os pecadores fizeram parte do seu discipulado, ele incluiu a mulher como sua seguidora. Tepedino diz ainda que Fiorenza³⁶⁴ vai mais além ao afirmar que as mulheres não eram figuras marginais no movimento cristão, mas exerciam

³⁵⁶ Ibidem., p.92 passim.

³⁵⁷ BINGEMER, M. Clara. *O Batismo, fonte do ministério cristão*, p. 36.

³⁵⁸ René Laurentin é Pe. Francês, teólogo, exegeta, historiador, ex-perito do Concílio Vaticano II. É especialista em Mariologia, e autor, entre outros, de *"When God Gives a Sign"*.

³⁵⁹ LAURENTIN, René. *Jesus e as mulheres*, p. 81.

³⁶⁰ Ana Maria Tepedino é professora emérita do Departamento de Teologia da PUC-Rio, pós doutora em teologia, e autora, entre outros de *As discípulas de Jesus; Teia do conhecimento; Amor e discernimento*.

³⁶¹ TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*, p. 82.

³⁶² As passagens bíblicas com os nomes dos doze apóstolos estão em Mt 10,2-4; Mc 3,16-19, e Lc 6,13 - 16.

³⁶³ IDEM. *Jesus e seu movimento inclusivo* (Gl 3,28), p.2.

³⁶⁴ Elisabeth Schüssler Fiorenza é teóloga feminista católica. Nascida em 1938 é professora de Novo Testamento e de Teologia na Universidade de Notre Dame. Tem sido uma das principais pesquisadoras do papel da mulher na história do cristianismo. Autora de *Wisdom Ways*, 2001; *Jesus and the Politics of Interpretation*; *The Power of the Word: Scripture and the Rhetoric of Empire* (2007).

liderança como apóstolas em situação de igualdade com os 12”.³⁶⁵ Segundo Fiorenza, “Lucas retrata a existência de mulheres que desempenhavam importante função como missionárias e pregadoras do Evangelho dentro de uma visão machista que vigorava na cultura judaica”.³⁶⁶ O motivo da invisibilidade feminina entre os apóstolos estaria na prática da época de não nomear mulheres, já que estas, na sociedade da época, eram, como vimos, marginalizadas, só obtendo cidadania quando vinculadas a algum personagem masculino, como por exemplo, o marido ou o filho. No Novo Testamento, então, “as mulheres não são levadas em consideração nas histórias, a não ser que tenham uma fama muito grande, impossível de apagar”.³⁶⁷

Como exemplo da importância das mulheres na Igreja Primitiva, podemos encontrar as citações de seus nomes no Novo Testamento. Entre outras, Maria, mãe de Jesus, Maria de Magdala, Marta e Maria. “Os evangelhos registram que estas e outras mulheres estiveram presentes em ocasiões determinantes, e algumas foram tão importantes que são citadas mais de uma vez”³⁶⁸. Existem ainda muitas outras citadas em Atos dos Apóstolos, e nas cartas de Paulo que “trabalhavam ativamente, como é o caso de Prisca, Lídia, Ápia, Trifena, Trifosa.”³⁶⁹

Jerome O’Connor³⁷⁰ afirma que as epístolas paulinas mostram que para Paulo “[...]era natural que as mulheres fossem ministros da Igreja em igualdade de condições com os homens. Reconhecia seus dons como frutos de Espírito, aos quais ele não tinha nem o desejo, nem a autoridade de se opor”.³⁷¹ No entanto, não encontramos, normalmente, essas leituras nas interpretações dos exegetas tradicionais.

Para Fiorenza, as leituras da Bíblia não fazem jus ao real ‘status’ da mulher nas comunidades primitivas. Nas cartas genuínas de Paulo, por exemplo, podemos ver o título de apóstolo dado a Junia e de diácono a Febe. Além disso, em Fl 4,2-3

³⁶⁵ TEPEDINO, Op. Cit, 1990, p. 90.

³⁶⁶ FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 192.

³⁶⁷ TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*, p. 43.

³⁶⁸ Maria de Magdala, por exemplo, é a mulher mais citada no N.T. Ela aparece 12 vezes. (Mt 27,56; Mc 15,40; Lc 23, 49; Jo 19,25; Mt 27,61; Mc 15,47; Lc 23:55; Mt 28,1-10; Mc 16,1-5.10.11; Lc 24,1-10; Jo 20,1-18. Cf. EXSURGE DOMINI. *O evangelho de Maria Madalena*.

³⁶⁹ CAMPOS, Mônica B. *As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina*, p.9.

³⁷⁰ Jerome O’Connor nasceu em 10 de abril de 1935 em Cork City, Irlanda, e morreu em 11 de Novembro de 2013. Era frei Dominicano, biblista, professor de Novo Testamento na Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém e uma dos maiores estudiosos em Paulo. Ente os seus livros citamos: *Paulo, biografia crítica; A antropologia pastoral de Paulo, 1996*.

³⁷¹ O’CONNOR, M. Jerome. *Paulo, biografia crítica*, p.285.

Paulo diz que Evódia e Síntequ “combateram” lado a lado com ele. O que nos leva a perceber que “enquanto as reuniões foram feitas em casas de família, diversas mulheres assumiram lideranças, pois este era um lugar permitido às mulheres”³⁷².

Porém a Igreja não deu continuidade à revolução que Jesus havia feito em relação às mulheres. Tudo indica que a Igreja abdicou das mulheres para poder levar adiante a evangelização. “O peso cultural foi e continua sendo mais forte”.³⁷³

Segundo Cavalcanti³⁷⁴, o fato de se nascer homem ou mulher em Israel decretava o grau de maior ou menor dignidade da pessoa na vida social e religiosa. Isto era tão forte na sociedade judaica que, no século II dC, os judeus passaram a rezar três vezes ao dia a oração do rabi Ben Jehuda: “Louvado sejas por não me ter feito gentio! Louvado sejas por não me ter feito mulher! Louvado sejas por não me ter feito ignorante!”³⁷⁵ Uma oração tão importante que ainda hoje pode ser encontrada no livro de ‘orações judaicas para todos os dias do ano’, - o livro Sidur Tefilat Rivka.

Quando a Igreja aproximou-se do mundo grego e do Império Romano, principalmente da filosofia estoicista, a sexualidade passou a ser vista negativamente, e colocada em função apenas da ‘procriação’. A grande revolução trazida por Jesus Cristo, de um Deus repleto de misericórdia, compaixão e amor que aceitava a todos como iguais, independentemente de sexo, gênero, religião, foi desaparecendo. A mulher, não só voltou a ocupar uma posição de ‘inferioridade em relação ao homem’, mas também foi considerada ‘traíçoeira e pecadora’. O corpo passou de templo do Espírito Santo³⁷⁶ a ser concebido como a morada do mal, do prazer e do pecado, e a alma ameaçada pelo demônio precisava ser preservada, pois representava o sentido da existência. As mulheres foram, pouco a pouco, sendo retiradas do trabalho apostólico, e as que decidiram consagrar sua vida a Jesus foram recolhidas a clausuras, obrigadas a usar hábito, fazer votos solenes, e a

³⁷² FIORENZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher*, p. 193.

³⁷³ TEPEDINO, Ana Maria. *Feminismo e libertação na voz de Ana Maria Tepedino*.

³⁷⁴ Tereza Cavalcanti foi professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, e realiza um grande trabalho nas Cebs. Autora de inúmeras obras: “*Produzindo teologia no feminino plural*” (1988); “*Sobre a participação das mulheres ni VI Encontro Intereclesial de Comunidades de Base*” (1987); “*As mulheres profetisas no Antigo Testamento*” (1986); “*Por mãos de mulher*” (1993); “*A mulher nos 500 anos de Evangelização da América Latina*” (1991).

³⁷⁵ CAVALCANTI, Tereza Maria. *Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos*.

³⁷⁶ Imagem Paulina encontrada no N.T. em Ef 2,22; 1Cor 3, 16; 6,19.

trabalharem às margens do poder. Segundo Bidegain³⁷⁷, “a história das mulheres a partir daí no cristianismo, é oculta, marginalizada e anedótica”.³⁷⁸

De acordo com Salzman & Lawler³⁷⁹, a noção cristã grega inicial da sexualidade assemelha-se à dos filósofos estóicos. Ela era baseada em uma afirmação de Lactâncio:

Assim como Deus nos deu olhos, não para que pudéssemos olhar e desejar o prazer, mas para que pudéssemos enxergar as ações que pertencem à necessidade da vida, assim também recebemos a parte genital do corpo para nenhum outro propósito senão o de gerar descendentes, como o próprio nome ensina. Esta lei divina deve ser obedecida com a maior das devoções.³⁸⁰

A partir desse pressuposto, os Pais da Igreja concordavam que qualquer pessoa envolvida em intercuro sexual para qualquer outra finalidade que não fosse a da procriação, incorriam em uma violação à natureza. Afirmação que se continuou a fazer durante toda a história da Igreja, sendo ainda repetida na atualidade.

No século II, Justino responde a acusações sobre a imoralidade sexual dos cristãos, afirmando que “ou contraímos matrimônio apenas para ter filhos, ou, se não nos casarmos, somos, continentes sempre”.³⁸¹ Clemente foi ainda mais além, e afirma que a única finalidade do intercuro sexual é a de gerar um filho e qualquer outra finalidade deve ser excluída.³⁸²

Essas afirmações nos mostram a importância que foi dada a relação sexual apenas como intuito de procriação, e neste caso, uma das razões pela qual a ‘relação entre iguais’ não era aceita, era o fato desta relação não levar a procriação. Apesar disso, e o fato da Bíblia ser sempre citada ‘abominando’ os atos sexuais entre iguais, há uma passagem que alguns biblistas apontam para mostrar que Jesus não fazia nenhuma crítica moral em relação a essas pessoas e o relacionamento sexual entre iguais. É a passagem de Mt 8,5-13, onde Jesus cura o servo do centurião. Para esses

³⁷⁷ Ana Maria Bidegain é historiadora e professora na Universidade da Flórida. Autora do livro *Participación y protagonismo de las mujeres en la historia del catolicismo latinoamericano*, entre outros.

³⁷⁸ BIDEGAIN, A. Maria. *Participación y protagonismo de las mujeres en la historia del catolicismo latinoamericano*, p. 8.

³⁷⁹ Todd Salzman é Ph.D pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Michael Lawler é graduado em Matemática pela Universidade de Dublin e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma. É Ph.D em Teologia Sistemática pelo Instituto Aquinas de Teologia, em Saint Louis. Ambos lecionam no departamento de Teologia da Universidade Creighton, nos Estados Unidos. são os autores do livro *A pessoa sexual* e de *Sexual ethics: a theological introduction*, publicado pela Georgetown University Press, em 2012.

³⁸⁰ SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. *A pessoa sexual*, p.53. Citação feita por eles de LACTANTIUS, *Divinarum institutionum* 6,23, em PL6,718.

³⁸¹ SALZMAN & LAWLER. *A pessoa...*, 2012, p.54. Citação feita por eles de Justin, *Apologia prima*, 1,29, em PG 6, 374.

³⁸² *Ibidem.*, p. 54.

teólogos, este doente não era um servo qualquer, mas seria ‘o amante do centurião’. Entre os que trazem esta interpretação, encontramos Pikaza.³⁸³ Segundo este pesquisador, não era permitido nos quartéis o militar viver com esposa e filhos, pois não podiam ali ter família própria. Como já vimos, na história da Roma antiga era comum que os oficiais romanos tivessem escravos que lhes serviam de amantes’. Este deveria ser o caso deste centurião, que também em Lucas 7,1-10 aparece pedindo que cure o seu servo, mas dizendo a Jesus que não entrasse em sua casa, pois não era digno de recebê-lo. Para Pikaza, o centurião sabia que Jesus poderia ter problemas se fosse a sua casa. Jesus era judeu e ele, um centurião que tinha um amante, o que não era aceito pelo judaísmo. Mas, o centurião acreditava que Jesus possuía o poder para curar, e para isso bastaria ordenar. Jesus o fez, e curou o servo do centurião, elogiando ainda tamanha fé.

Segundo Xavier Pikaza:

A palavra ‘pais’ pode ter três significados: servo, filho e amante (quase sempre jovem) e pode resultar escandalosa. O texto paralelo de Jo 4, 46b evita o escândalo e coloca ‘huios’ (filho), em vez de ‘pais’; mas com isto temos que mudar toda a cena, pois os soldados não costumavam viver com a família, nem cuidar dos filhos até depois de se formarem. Por isso, o centurião aparece aqui como um membro da corte real de Herodes (um *basilikós*). Também Lc 7,2 pretende evitar as complicações e apresenta esse ‘pais’ como ‘doulos’, um simples criado a serviço do centurião. Com isto resolveu um problema, mas criou outro: é verossímil que um soldado ame tanto ao seu criado? Por isso preferimos manter a tradução mais óbvia de ‘pais’ dentro do seu contexto militar.³⁸⁴

Para este autor o mais simples e normal é que o servo doente tenha sido um jovem amante, e que outras passagens bíblicas como Rm 1,24-27 estivessem se referindo a esta passagem ao condenar ‘a relação sexual entre iguais’.

Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: as suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração.³⁸⁵

Segundo Leland White³⁸⁶ o termo ‘natureza’ no texto de Paulo enquadra-se

³⁸³ Xabier Pikaza Ibarrondo (nasceu em 12 de Junho de 1941), teólogo espanhol, progressista e humanista. Foi religioso da Ordem das Merces, presbítero da Igreja católica, e catedrático da Universidade do Episcopado Espanhol. Doutor em Teología pela Universidade Pontificia de Salamanca (1965), doutor em Filosofía pela Universidade de Santo Tomás de Roma (1972). Licenciado e candidato a doutor em Sagrada Escritura pelo Instituto Bíblico de Roma (1972). Entre os seus inúmeros livros, citamos: *La familia en la Biblia*, 2014; *Historia de Jesús*, 2013; *Teodicea. Itinerarios del hombre a Dios*, 2013; *Evangelio de Marcos*, 2012.

³⁸⁴ PIKAZA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*.

³⁸⁵ BÍBLIA..., 2006, Rm 1,26-27.

³⁸⁶ Leland J. White é editor do Biblical Theology Bulletin. Nasceu na Carolina do Sul e é padre da Arquidiocese de Charleston. É professor de religião e cultura da Saint John’s University (Nova

em um modelo de percepções, julgamentos e afirmações sobre o corpo, de acordo com a hierarquia social e o gênero mediterrâneo tradicional da época. Isto é reafirmado em Rm 1,26-27.³⁸⁷ As afirmações de Paulo na Carta aos Romanos eram dirigidas a um público composto por judeus que se encontravam em Roma e que tinham aceitado Jesus Cristo como Messias de Israel. Paulo se referia na carta aos atos que eram cometidos pelos romanos. Para ele, a característica dos gentios era a ‘idolatria’, e a característica dos judeus, a ‘fidelidade ao Deus de Israel’.

O uso da palavra ‘natureza’ por Paulo, na carta aos Romanos, significava o que era ‘costumeiro e comum’. Paulo se referia a este ato como ‘antinatural ou contra a natureza’ porque o ato se opunha ao ‘convencional’ ou o que era ‘legal’. Quando se refere ‘de acordo com a natureza’, Paulo queria dizer “de acordo com os costumes de Israel’, ou seja, com o comportamento puro e santo”.³⁸⁸

De acordo com Robert E. Goss,³⁸⁹ não é possível traduzir a palavra bíblica como ‘homossexual’. O conceito de orientação sexual não existia no mundo mediterrâneo antigo. É importante que hoje tenhamos em mente que “A Bíblia não fala sobre orientação sexual, identidade de gênero ou sobre a heterossexualidade, ou subjetividades modernas, homossexualidade, bissexualidade e identidade de gênero”.³⁹⁰ Essas identidades não existiam na cosmovisão bíblica, apenas o ato em si. Dessa forma, no cristianismo primitivo, o ‘ato sexual entre iguais’ era recriminado, não por motivos morais, mas por não fazer parte dos costumes de Israel, como vimos em Paulo.

3.3 Idade Média

Segundo Bidegain, apesar das mulheres terem sido colocadas em vida privada, elas continuaram presentes, não deixando de atuar nos mosteiros ou em suas casas, onde exerciam uma função catequética. Assim, apesar de invisibilizadas pela história “foram chamadas a participar da vida apostólica nos momentos de forte

York, professora adjunta de filosofia, do College of Charlestone e conselheiro associado da New Jersey Law Revision Commission).

³⁸⁷ VITO, R. Interrogações sobre a construção da sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica, p.165.

³⁸⁸ Ibidem., p.192.

³⁸⁹ Robert E. Goss foi padre Jesuíta, é teólogo. Autor de *A Gay and Lesbian Manifest* (1993); *Queering Christ: Beyond Jesus ACTED UP* (2002).

³⁹⁰ GOSS, Robert E. *La homosexualidad, la Biblia y la Practica de Textos Seguros*.

crise da Igreja católica, exercendo funções de organização de redes ligadas ao poder econômico, social, educativo e religioso, dentro dos conventos”.³⁹¹

De acordo com Macy, nesta época havia ordenação de mulheres.

The history of Christianity is replete with references to the ordination of women. There are rites for the ordination of women; there are canonical requirements for the ordination of women; there are particular women depicted as ordained, and a number of roles limited to women are included among lists of ordained ministries. There is no question that women were considered to have been ordained by a large number of Christians over several centuries.³⁹²

Até a metade do século XII, “as mulheres eram cogitadas para a ordenação como qualquer homem. Elas eram consideradas como parte do clero”.³⁹³ Dessa forma eram ordenadas diaconisas, serviam como bispas, distribuíaam comunhão e até ouviam confissões.

Na protoigreja, as mulheres eram viúvas, virgens e diaconisas. Na Igreja medieval, havia não apenas diaconisas, mas também *presbyterae* (mulheres sacerdotes), *episcopae* (bispas) e abadessas. Os termos *presbyterae* e *episcopae* são, às vezes, usados para designar as esposas de sacerdotes e bispos, mas não sempre.³⁹⁴

Em seu livro, Macy traz o estudo realizado e publicado por Joan Morris,³⁹⁵ que aborda o quasi-episcopal desenvolvimento da mulher na igreja medieval. Segundo ele, este estudo inclui um apêndix intitulado, “The Ordination of Abbesses”,

in which she presented extensive references to documents that referred to abbesses as ordained. Among the references were rites for the ordination of abbesses. “We can conclude”, Morris noted, “that women from earliest times were ordained to an administrative position within the Church. They times received the titles of Episcopa, Sacerdos Maxima, Praepposita and Custos of churches. They had all the power of a bishop with regard to the jurisdiction of churches and people within their territories.”³⁹⁶

³⁹¹ BIDEGAIN, *Participación y...*, p.16.

³⁹² Tradução livre: “A história do Cristianismo está repleta de referências para a ordenação de mulheres. Existem ritos para a ordenação de mulheres; existem exigências canônicas para a ordenação de mulheres; existem nomeadamente as mulheres representadas como ordenadas, e um número de funções limitadas às mulheres são incluídas entre listas de ministérios ordenados. Não há dúvida de que as mulheres foram consideradas como tendo sido ordenadas por um grande número de Cristãos ao longo de vários séculos”. Cf. MACY, Gary. *The Hidden History of Women's Ordination*, p.4.

³⁹³ MACY, Gary. *A igreja deveria cogitar o retorno à ordenação de mulheres*.

³⁹⁴ MACY. *A igreja...*, 2009.

³⁹⁵ Joan Morris é teólogo e Jornalista britânico.

³⁹⁶ Tradução livre “A Ordenação das Abadessas”, na qual apresentou extensas referências a documentos que se referiam às abadessas conforme ordenado. Entre as referências estavam ritos para a ordenação de abadessas. “Nós podemos concluir”, observou Morris, “que as mulheres desde os primeiros tempos foram ordenadas para uma posição administrativa dentro da Igreja. Elas muitas vezes receberam os títulos de Episcopa, Sacerdos Maxima, Praepposita e Custos das igrejas. Eles tinham todo o poder de um bispo em relação à jurisdição de igrejas e pessoas dentro de seus

Para ele, as evidências mais óbvias vêm dos ritos de ordenação. Por exemplo, “os ritos de ordenação para diáconas estão contidos no pontifical do bispo Egbert de York, do século VIII, no sacramentário gregoriano do século IX, e no pontifical romano do século XII”.³⁹⁷

Os papas Bento VIII em 1018, João XIX em 1025 e 1026; Bento IX em 1037, Leão IX em 1049, e Calisto II em 1123, fazem referência às mulheres ordenadas. Gilbert, bispo de Limerick (cerca de 1070-1145), Thietmar, bispo de Merseburg (em 1018), e Atto, bispo de Vercelli (924-961), também fazem referência a mulheres ordenadas.³⁹⁸

Em 1982, Martimort realiza um extenso estudo da história das diaconisas, e afirma que “the differences between the rituals for the ordination of deacons and of deaconesses were based on the inability of deaconesses to serve at the altar and to continue on to ordination as priest.”³⁹⁹

Entretanto, no mesmo ano Giorgio Otranto traz em uma publicação que “The women had actually functioned as priests in Italy and in Brittany in the fifth and early sixth centuries”⁴⁰⁰ Sua conclusão é baseada na carta de Gelasius I, datada de 494, in which “the pope condemned the practice of bishops allowing women to officiate at the altar”.⁴⁰¹ Otranto descobriu a confirmação que as mulheres tinham sido ‘sacerdotes’ na Calábria, Dalmatia e Poitiers. E ele conclui:

Although specific attestations of women priests are few, the frequent and always polemical treatment of the question of the admission of women to the priesthood, both in Christian authors and in the acts of councils, leads us to conclude that the cases of women participating in liturgical service must have been more numerous than those attested in the literary and epi-graphical testimonies.⁴⁰²

territórios”. Cf. MACY, Gary. *The Hidden History of Women's Ordination*, p.13. // Morris, Joan. *The Lady was a Bishop*.

³⁹⁷ MACY. *A igreja...*, 2009.

³⁹⁸ Cf. MACY, *A igreja...*, 2009.

³⁹⁹ MACY, Gary. *The Hidden...*, 2009, p.14-15. Cita a pesquisa feita por MARTIMORT, Aimé Georges. *Deaconesses*, p. 243-247.

⁴⁰⁰ Tradução livre: “A mulher tinha função de sacerdote na Itália e na Bretanha no quinto e sexto século”. Cf. MACY, Gary. *The Hidden...*, 2009, p.14-15.

⁴⁰¹ “O papa condenou a prática dos bispos, permitindo que as mulheres oficiassem no altar” Cf. MACY, Gary. *The Hidden...*, 2009, p.15.

⁴⁰² Tradução livre: “Embora os atestados específicos das mulheres sacerdotas sejam poucos, o tratamento freqüente e sempre polêmico da questão da admissão de mulheres no sacerdócio, tanto em autores cristãos como na acta de conselhos, leva-nos a concluir que os casos de mulheres que participam do litúrgico O serviço deve ter sido mais numeroso do que os atestados nas testemunhas literárias e epi-gráficas”. Cf. MACY, Gary. *The Hidden...*, 2009, p.15 // OTRANTO, Giorgio. *Priesthood, Precedent, and Prejudice*, p. 89

A situação começou a mudar a partir do século XI, quando houve o movimento da reforma gregoriana que trouxe a implantação do celibato como parte do programa de reforma.

Alguns dos reformadores denegriam as mulheres para tornar o casamento menos atraente. Além disso, os canonistas optaram por seguir o direito romano mais antigo que negava às mulheres o direito de depor. Os teólogos também sustentaram que as mulheres não eram feitas à imagem de Deus [...].⁴⁰³

A combinação do celibato com o direito romano e canônico, e a Bíblia, estigmatizou as mulheres como seres inferiores e incompetentes, tornando impossível que fossem consideradas capazes para ocupar qualquer cargo.

Segundo Macy, em 1230 o ritual de ordenação foi redefinido, com duas importantes mudanças.

First [...] Rather than a ceremony that celebrated the move to a new ministry in a particular community, ordination became a ceremony that granted power and a new spiritual status to a particular individual. Second, ordination was focused on only one ministry and one power, the ministry of the priesthood and the power to consecrate the bread and wine during the liturgy of the Mass.⁴⁰⁴

Os sacerdotes passaram a ser marcados com um caráter indelével que tornaram suas ordenações irreversíveis. Mas, esta mudança, segundo Macy, não excluía automaticamente as mulheres. No entanto, ao mesmo tempo em que teólogos e canonistas redefiniam a ordenação, eles deram início a um processo que visava expurgar a memória da ordenação de mulheres no cristianismo.

Em primeiro lugar, comentários sobre a escritura negava que o apóstolo Paulo tinha se referido a essas celebrações nas suas cartas. E Graciano, com base nesta leitura da Escritura, negou que as mulheres poderiam aspirar ao sacerdócio ou o diaconato. Os comentadores do Graciano debateram este ponto, mas a maioria dos escritores foi da opinião que as mulheres na sua própria essência, eram incapazes de receber o caráter da ordenação, portanto não podiam receber o poder ou ministério que acompanha esse caráter. “If women could never be ordained, then

⁴⁰³ MACY, A igreja..., 2009.

⁴⁰⁴ Tradução livre: “Primeiro [...] Em vez de uma cerimônia celebrar a ida para um novo ministério em uma comunidade particular, a ordenação se tornou uma cerimônia que concedeu poder e um novo estado espiritual a um determinado indivíduo. Segundo, a ordenação foi focada em apenas um ministro e um de poder, o ministério do sacerdócio e o poder de consagrar o pão e o vinho durante a liturgia da Missa”. Cf. MACY. *The Hidden History of Women's...*, 2009, p. 109.

they never were ordained. All references to presbyteries and to deaconesses were then carefully explained away”.⁴⁰⁵

Tomás de Aquino foi bem explícito ao dizer que ‘as mulheres’ não podiam comandar por serem deficientes em termos de razão, a qual é extremamente necessária para presidir. Para Tomás de Aquino essa seria a razão pela qual Aristóteles em sua obra Política (livro 4, cap. 11) ter dito que “existe corrupção do governo quando este cabe às mulheres”.

Macy explica que:

No cerne do conceito de mulher da Igreja Medieval tardia, se encontrava a firme crença de que as mulheres eram, por natureza, inferiores aos homens, e esta compreensão estava parcialmente baseada na filosofia de Aristóteles. [...] Os homens são frios, e as mulheres são quentes. Os homens são ativos, e as mulheres são passivas.⁴⁰⁶

Ainda na idade média, dois frades dominicanos Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger publicaram o livro *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras), livro posteriormente adotado pela Inquisição onde havia relatos de casos e tratamentos para bruxaria e possessões demoníacas. Esta obra sustenta que um homem nunca poderia ser transformado maleficamente em mulher, porém uma mulher poderia ser transformada em homem. Isto se dava porque a natureza, segundo o olhar científico da época, evoluía da mulher para o homem, sendo a mulher um homem pouco desenvolvido. Nesta época considerava-se existir apenas um sexo, o masculino, e a mulher era um ‘homem invertido’.

As pessoas com características femininas, segundo Reck,⁴⁰⁷ não pareciam representar, no início da Idade Média, grande risco para a sociedade. Apesar de alguns teólogos na época lutarem contra esta visão, “o ato sexual com uma pessoa do mesmo sexo era percebido como uma atitude não danosa ao outro”.⁴⁰⁸ Desde o século II já era possível encontrar documentos eclesiásticos condenando os atos sexuais entre iguais, e a palavra ‘sodomia’ denominando este tipo de ato sexual,

⁴⁰⁵ Tradução livre: “Se as mulheres nunca poderiam ser ordenadas, então elas nunca foram ordenadas. Todas as referências a presbíteras e às celebrações foram então cuidadosamente deixadas a distância”. Cf. *Ibidem.*, 2009, p. 109-110.

⁴⁰⁶ MACY. *A igreja...*, 2009.

⁴⁰⁷ Norbert Reck é alemão, e teólogo. Tem trabalhado com o tema da diversidade sexual. Escreve para a Revista Concilium, e entre os seus livros e artigos encontra-se, “Desejos perigosos – o discurso católico sobre a sexualidade homossexual”, na Concilium Revista Internacional de Teologia.

⁴⁰⁸ RECK, Norbert. *Desejos perigosos*, p.164.

mas de acordo com Naphy,⁴⁰⁹ “o primeiro texto de lei proibindo sem reservas a homossexualidade foi promulgado mais tarde, em 533, pelo imperador cristão Justiniano, que vinculou todas as relações homossexuais ao adultério – para o qual se previa a pena de morte”.⁴¹⁰ Segundo ainda este autor, “em 538 e 544, outras leis obrigavam os homossexuais a arrepender-se de seus pecados e fazer penitência”.⁴¹¹

A partir do século VII, o surgimento e a expansão do Islamismo reforçaram a ideia de sexo para procriação. No concílio de Toledo (693) foi feita uma condenação explícita. No entanto, de acordo com Vidal, “o critério da condenação era basicamente a frustração da finalidade procriadora”⁴¹², e existem sinais que revelam a existência de certa ‘tolerância’ pelo clero.

Esta situação começou a modificar quando “o bispo Burkhard de Worms, em 1025, encontrou a palavra ‘sodomia’ no livro penitencial *Decretum*”,⁴¹³ e em 1049, Pedro Damiano, durante a Reforma Gregoriana, “usou a palavra ‘sodomia’ como substantivo em uma carta que escreveu ao Papa Leão IX, dizendo que desejava sacudir a Igreja por causa do ‘vício sodomítico’ no clero e nas comunidades religiosas”.⁴¹⁴ Sua proposta era a de que os ‘sodomitas’⁴¹⁵ sofressem castigos que poderiam ir de uma simples suspensão à pena de morte. Em vida, Pedro Damiano não conseguiu o seu intento, pois o papa respondeu a sua petição com a seguinte expressão: “... *sed Nos humanius agentes*”⁴¹⁶, mas em 1179, no Terceiro Concílio de Latrão algumas destas exigências foram aceitas, e neste concílio a sodomia passou a ser considerada crime. O Concílio “instaura a repressão de toda forma de desvio, atingindo os judeus, os heréticos, as mulheres, os pobres, os que emprestavam dinheiro a juros, os muçulmanos, os mercenários [...] e os sodomitas”.⁴¹⁷ Após o quarto Concílio de Latrão, em 1215, Paulo da Hungria, utilizou a palavra ‘sodomia’ com certa constância a fim de convencer os confessores de que se tratava de um pecado grave, já que apesar de ser ‘crime’, não havia

⁴⁰⁹ William G. Naphy é doutor em história e professor na Universidade de Manchester. É autor de seis livros com traduções em seis línguas, com inúmeros volumes editados e artigos em revistas acadêmicas.

⁴¹⁰ NAPHY, William G. *História da Homossexualidade*, p. 55.

⁴¹¹ *Ibidem.*, p. 42

⁴¹² VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*, p. 139.

⁴¹³ RECK. Op. Cit, 2008/1, p.19.

⁴¹⁴ *Ibidem.*, p. 20. Nota 16.

⁴¹⁵ Sodomitas eram os homens que praticavam ato sexual com outros homens.

⁴¹⁶ [...] Porém nós atuamos de forma humana. Cf. VIDAL, *Sexualidade e condição*, p. 143.

⁴¹⁷ BORRILO, Daniel et al. *A sexualidade tem futuro?*, p. 43.

consenso católico manifesto sobre esse assunto. E para ele, tais ações seriam as responsáveis pelas epidemias de fome, pestes e terremotos, trazendo como base diversas passagens bíblicas como Gn 19; Lv. 18,20; Rm 1,26s.⁴¹⁸ Apesar disso, até meados do século XIV, embora a igreja condenasse os prazeres da carne, na prática, os costumes permaneciam os mesmos. Entre outros,

pintores, escritores, dramaturgos e poetas celebravam o amor entre homens. Além disso, entre a nobreza, que costumava ditar moda, a homossexualidade sempre correu solta. E, o mais importante, sem censura alguma – ficaram notórios os casos homossexuais de monarcas como o inglês Ricardo Coração de Leão (1157-1199).⁴¹⁹

“Com o tempo, a expressão ‘sodomia’ tornou-se conceito para ações sexuais entre pessoas do sexo masculino”⁴²⁰ e “os sodomitas passaram a ser não mais os habitantes da cidade de Sodoma no mar Morto, tampouco aqueles que agissem como os habitantes de Sodoma, mas aqueles que praticavam sodomia”.⁴²¹ De acordo com Norbert Reck⁴²², a interpretação mais divulgada sobre o pecado de Sodoma (Gn 19, 1-11) até a Idade Média era a de que a cidade havia sido destruída devido à forte desobediência à lei praticada. O povo de Sodoma havia esquecido os princípios básicos da lei mosaica tais como: respeito ao outro, solidariedade e hospitalidade. Dessa forma, a cidade já estava condenada antes mesmo do atentado aos visitantes. “O atentado veio mostrar como o povo de Sodoma estava afastado de Deus, o que provocou a destruição da cidade”.⁴²³

Como já nos referimos anteriormente, no texto não havia ‘condenação moral’ como as leituras tradicionais bíblicas, na atualidade, procuram dar. O contexto e as preocupações eram outras, inclusive a moral vigente. Como exemplo, citamos: Lot ofereceu suas filhas para terem relações com os habitantes da cidade em troca dos estrangeiros. Na contemporaneidade, nenhuma pessoa que seguisse os preceitos religiosos como Lot, pensaria em oferecer suas filhas em troca da proteção dos visitantes.

⁴¹⁸ RECK. *Desejos...*, p. 21. Nota 19.

⁴¹⁹ NAPHY. *História da...*, 2006, p. 55.

⁴²⁰ RECK. Op. cit, p. 20. Nota 18.

⁴²¹ *Ibidem.*, p. 21.

⁴²² Norbet Reck é teólogo alemão. Entre outros livros, autor de *Abenteuer Got; Beim Gehen entsteht der weg.*

⁴²³ *Ibidem.*, p. 43.

Para Helminiak, esta passagem não pode ser analisada isoladamente. É preciso observar outras passagens que fazem referência a este episódio. Por exemplo, em Ezequiel o episódio de Sodoma é descrito da seguinte maneira:

Por minha vida – oráculo do Senhor Iahweh – Sodoma, tua irmã e tuas filhas não agiram como tu e tuas filhas. Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma, tua irmã: na voracidade com que comia o seu pão, na despreocupação tranquila com que ela e suas filhas usufruíam os seus bens, enquanto não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente. Eram altivas e cometeram abominação na minha presença. Por isso as eliminei como viste.⁴²⁴

Nesta passagem a ‘abominação’ descrita referia-se ao fato dos moradores da cidade de Sodoma não cumprirem a lei que determinava dar hospitalidade ao estrangeiro, e receberem os viajantes necessitados. Naquela região desértica o frio era intenso à noite, e um viajante que ficasse ao relento poderia morrer. Além disso, havia o perigo de serem atacados por animais e salteadores.

No Novo Testamento, Mateus, também cita Sodoma quando se refere à rejeição dos mensageiros de Deus.

Mas se alguém não vos recebe e não dá ouvido às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos digo: no Dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.⁴²⁵

Segundo Helminiak, é importante verificarmos o paralelo entre esta passagem e Sodoma, pois ela se refere “ao coração fechado que rejeita o estrangeiro, à maldade daqueles que não dão as boas-vindas aos arautos divinos”.⁴²⁶

De acordo com Marciano Vidal, ao se relacionar o texto de Sodoma com outras passagens do A.T. podemos inferir que:

Havia injustiça e violação das leis da hospitalidade pelos habitantes da cidade [...] - Não é possível afirmar que se tratasse de violação homossexual [...] - e que havendo violação homossexual esta tivesse recebido uma desqualificação tão grande que justificasse a destruição total da cidade.⁴²⁷

Entretanto, é importante registrar que as interpretações aqui citadas foram feitas através de uma hermenêutica bíblica na qual a contextualização foi essencial para se chegar a uma leitura próxima de como era percebida, na época, a passagem de Sodoma. Esta hermenêutica bíblica não existia no século XII, quando o relato de Sodoma foi usado para condenar a homossexualidade, porque ‘supostamente Deus

⁴²⁴ BÍBLIA..., Ez. 16, 48-49.

⁴²⁵ Ibidem., Mt. 10,14-5.

⁴²⁶ HELMINIAK, *O que a Bíblia*, p. 45.

⁴²⁷ VIDAL. *Sexualidade e...*, p.128.

teria condenado e punido os cidadãos de Sodoma por suas atividades homossexuais’.

Aos poucos a causa da destruição de Sodoma, foi sendo modificada, e a interpretação tradicional bíblica passou a explicar que a destruição de Sodoma teria acontecido porque o grupo formado por homens desejava ‘fazer sexo entre iguais’, como uma espécie de orgia.

Para Norbert Reck, a argumentação teológica apresentada como condenação da ‘sodomia’ era fraca e contraditória. As referências bíblicas giravam em torno da pureza ritual, e as considerações teológicas focalizavam a procriação e os órgãos sexuais para a reprodução. Apesar disso, o que foi divulgado e ficou gravado na memória cristã é que ‘a prática da sodomia transforma a pessoa em sodomita’, ou seja, torna a pessoa em uma espécie diferente, inferior.

Com a assimilação do valor estritamente procriador do sexo, disseminado pela cultura judaica, a concepção sobre ‘o sexo entre iguais’ foi ganhando no cristianismo a ideia de pecado.

3.4 Modernidade

O início da Modernidade ou período moderno difere de autor para autor. “Depende do aspecto que o historiador prioriza na cultura, da organização das relações sociais e produtivas, para a definição de um marco da passagem a Modernidade”.⁴²⁸ Em nosso trabalho, consideraremos que o início da Modernidade ocorreu por volta de 1453 permanecendo até 1789, com a Revolução Francesa.

Segundo Delumeau, o início da modernidade foi marcado por uma grande caça às feiticeiras. Da mesma forma que o Judeu, a mulher foi identificada como perigosa agente de Satã, dentro e fora da Igreja Católica. Delumeau chama a atenção que, embora este diagnóstico não fosse novo, foi difundido como nunca nesta época, pela imprensa com uma malevolência particular, pois estava existindo certa promoção da mulher pela arte, literatura, pela vida na corte e da teologia protestante.

Para este historiador, “A atitude masculina em relação ao segundo sexo sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à

⁴²⁸ SILVA, Marilda Teles Maracci; SOUZA, Silvia Aparecida de. *Modernidade*, p. 39.

hostilidade suprema”.⁴²⁹ Tanto o judaísmo bíblico como o classicismo grego traziam constantemente estes sentimentos opostos.

Se de um lado, o homem sempre venerou a mulher através das deusas, por outro lado, esta veneração foi contrabalançada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo. Segundo este autor as raízes do medo da mulher pelo homem vai além do temor da castração identificado por Freud, o que é possível perceber em um capítulo inteiro do livro *Malleus maleficarum* (parte 1, cap. IX), já citado por nós, que surgiu na ‘Idade Média’, e voltou a ser usado durante a ‘Modernidade’, durante a Inquisição. Nesse livro encontramos a pergunta: “As feiticeiras podem iludir até fazer crer que o membro viril é retirado ou separado do corpo?” E a resposta dada é sim, e ainda garantindo que os demônios poderiam subtrair o pênis. Para Delumeau, é possível ver claramente o medo do homem da perda de sua potência. Chama ainda atenção para o fato de que o mistério da maternidade ligado ao mistério da fisiologia feminina, vinculado às lunações, ao fluxo menstrual, e aos odores, que sempre atraiu e provocou repulsa nos homens. “A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou na água profunda. É cálice de vida e de morte”.⁴³⁰ Para este autor, o medo da mulher é uma verdade que o cristianismo integrou desde cedo e permaneceu até o século XX.

A partir do século XV o discurso moral da Igreja Católica passou a enfatizar o sexo como função procriadora, e os pecados sexuais foram concebidos de duas maneiras: “os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto), e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia e bestialidade)”.⁴³¹ Os pertencentes ao segundo grupo eram mais graves por ferir o ‘critério da procriação’, sendo percebidos como ‘abusivos à sexualidade humana’.

De acordo com Pinto,⁴³² “durante a inquisição a Igreja católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis”.⁴³³ Com a ampla difusão da doutrina cristã, aos poucos, a necessidade da mulher estar somente ligada à procriação, e a visão negativa da

⁴²⁹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente* (1300-1800), p. 310.

⁴³⁰ Ibidem., p. 312.

⁴³¹ TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no Discurso Moral-Religioso da Igreja Católica em condições históricas e Contextuais Específicas*, p.149.

⁴³² Céli Regina Jardim Pinto é Doutora em Ciência Política pela University of Essex (Inglaterra) e Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: celirjp@gmail.com

⁴³³ PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*.

sexualidade uniu-se às exigências da sociedade da época, servindo de base para a estrutura da sociedade ocidental como hoje conhecemos.

É importante aqui lembrar que o conhecimento do corpo humano até o século XVIII, no mundo ocidental, trazia um único modelo de sexo, e a realização máxima desse modelo se dava no corpo do homem, pois a mulher era compreendida como um homem invertido e inferior.

O pensamento filosófico e médico da Europa acreditava na existência de um só sexo, o masculino. A mulher era o seu representante inferior, sendo descrita como um homem invertido. Havia uma relação da continuidade e hierarquização determinada pelo grau de perfeição metafísica. O homem era portador do calor vital que o fazia evoluir para a forma superior de macho com a exteriorização de seus órgãos genitais e, na mulher, a ausência desse calor impossibilitava tal exteriorização, determinando a posição de inferioridade. Haveria, então, um só corpo, uma só carne, na qual se aplicavam distintas marcas sociais ou inscrições culturais, conforme seu nível de perfeição.⁴³⁴

Para a concepção vigente, analisando os dois corpos, teríamos: “o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina um pênis”.⁴³⁵ A perfeição pertencia ao homem, considerado o modelo metafísico ideal. A diferença entre homens e mulheres era percebida de acordo com as posições sociais e culturais de cada um, embora não fosse explicada por uma diferença originária dos sexos. “O que atualmente chamamos de sexo era a palavra usada para designar os órgãos reprodutores”.⁴³⁶

De acordo com Foucault, através dos séculos construiu-se o que temos, na contemporaneidade, como sexualidade. No século XVII, por exemplo, as recomendações religiosas passaram a proibir inúmeras práticas, mas estimularam as práticas sexuais entre adultos casados. No século XVIII houve uma explosão discursiva trazendo uma multiplicidade de discursos sobre o sexo no próprio campo do poder. Segundo Foucault, as confissões eram utilizadas para este fim. Nelas, o fiel era incentivado a relatar todas as insinuações da carne, a inquietação do desejo, e a partir da confissão havia o discurso e a penitência relativa. Ainda no século XVIII encontramos o surgimento de uma incitação política, econômica e técnica para falar de sexo, formulando o discurso da racionalidade de forma a inserir o sexo como sistema de utilidade. Até no setor educacional o discurso da sexualidade foi utilizado, trazendo a pedagogia adequada à sexualidade.

⁴³⁴ FERNANDES, Maria das Graças Melo. *O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência*, p.1.

⁴³⁵ SILVA, Adriana. Breve conceituação histórica do conceito de homossexualidade, p. 20.

⁴³⁶ *Ibidem.*, p.20.

Com a ascensão dos discursos e orientações da Igreja voltada para a parte procriadora, e os pecados sexuais sendo severamente criticados e punidos, a relação entre iguais passou a ser considerada ‘pecado grave’. “O III^o Concílio de Latrão, em 1179, tornou o homossexualismo⁴³⁷ crime,”⁴³⁸ e a condenação passou a ser a pena de morte, embora nem sempre fosse cumprida. Mas, após o Concílio de Trento (1545 e 1563), isto mudou, e o ‘sodomita’ ou aquele que ‘praticava sexo entre iguais’, passou a constar entre as pessoas consideradas ameaças à religião católica. Formou-se o nós e o eles. O eles seriam, entre outros, ‘os luteranos, sodomitas, pagãos, que eram vistos como inimigos que precisam ser atacados.

De acordo com MOUFFE,

It is vital to recognize that, since to construct a ‘we’ it is necessary to distinguish it from a ‘them’, and that all forms of consensus are based on acts of exclusion, the condition of possibility of the political community is at the same time the condition of impossibility of its full realization.⁴³⁹

O discurso moral da Igreja Católica considerava ‘falta grave’ todos os atos que ferissem o critério da procriação, e eram considerados por ela como ‘abusivos à sexualidade humana’. Com o tempo, todas as igrejas cristãs passaram a usar a mesma abordagem.

Segundo Foucault, principalmente, a partir do século XVII o discurso religioso intitulado, “dispositivo de aliança” foi unido ao “dispositivo de sexualidade”. O primeiro defendia a aliança entre o casal através do matrimônio, com o sexo acontecendo para marcar as definições de parentesco e a transmissão de bens. O segundo determinava que o sexo deveria ser só para procriação.

3.5 Contemporaneidade

A história da violência contra o feminino permanece na contemporaneidade e nela encontra um campo vasto, tanto de ‘violência’ como de ‘resistência’, que pode ser visualizada neste trabalho, servindo de base para uma análise mais profunda deste fenômeno.

⁴³⁷ Embora o autor Napoleão Dagnese use o termo homossexualismo, na época (1179) os termos usados eram sodomia ou sexo entre iguais.

⁴³⁸DAGNESE, Napoleão. *Cidadania no Armário*, p. 16.

⁴³⁹ Tradução livre: É vital reconhecer que, para construir um ‘nós’, é necessário distingui-lo de um ‘eles’, e que todas as formas de consenso sejam baseadas em atos de exclusão, a condição de possibilidade de uma comunidade política é ao mesmo tempo a condição de impossibilidade de sua inteira realização. Cf. MOUFFE, C. *Democratic politics and the question of identify*, p. 36.

A Contemporaneidade teve seu início em 1789, durante a Revolução Francesa permanecendo até os nossos dias. Por ser um período muito extenso dividiremos em dois.

3.5.1

Final do Século XVIII - XIX

No final do século XVIII dois fatores importantes mudaram a realidade social: ‘a revolução burguesa’ e o ‘Iluminismo’. De acordo com o ideal de ambos, deveria haver igualdade entre homens e mulheres. Perante a lei todos eram seres racionais e iguais, e o estado pretendia respeitar a liberdade dos cidadãos. Entretanto, a mudança exigida pela igualdade-jurídico-política entre homens e mulheres era tão grande que se questionava até que ponto isso seria possível naquela sociedade. Surgiu, então, a necessidade de marcar a diferença de sexos para delimitar essa igualdade. Para isso as diferenças entre homem e mulher começaram a ser pensadas em termos de desigualdade e oposição. “Partiu-se do princípio de que havia uma divisão bipolar do sexo, e os dois sexos eram diferentes em todos os aspectos concebíveis: corpo e alma; físico e moral”.⁴⁴⁰ As diferenças começaram a ser pensadas em termos de oposição, e da bipolaridade sexual, surgindo à divisão ‘homem’ e ‘mulher’. O primeiro modelo sexual cabia ao homem, e a mulher deixou de ser o inverso do homem, para ser o segundo modelo sexual.

De acordo com Laqueur,⁴⁴¹ “só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes”⁴⁴² Essa divisão bipolar do sexo passou a justificar e impor diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, seguindo as exigências da sociedade burguesa, capitalista e individualista da época. Os princípios usados para demarcar o ‘plano moral’ eram a propriedade e o fortalecimento da ideia de individualidade. A diferença entre os sexos foi resolvida através da diferença social e cultural dos

⁴⁴⁰ SILVA. Breve..., In: *Homossexualidade*, p. 21.

⁴⁴¹ Thomas W. Laqueur é Helen Fawcett. Professora de Historia da Universidade da California, Berkeley. Entre seus livros podemos incluir: - *Making Sex: Body* ; - *Gender from the Greeks to Freud*; - and *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation*. Contribui regularmente com a *London Review of Books*.

⁴⁴² LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo*, p. 21

sexos, na chamada ‘biologia da incomensurabilidade’; uma nova construção da natureza. Segundo Perrot,⁴⁴³ um discurso naturalista, que insiste na existência de duas espécies com qualidades e aptidões particulares. “Ao homem o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, e os sentimentos”.⁴⁴⁴

Para a nova ‘política científica da sexualidade’ o corpo feminino diferenciava-se em três níveis distintos: os ossos, os nervos e o prazer sexual. “A distinção era dada a partir do encéfalo que determinava uma superioridade intelectual do homem e uma superioridade afetiva da mulher, assinalando a cada sexo um estatuto social diferente”.⁴⁴⁵

De acordo com a estrutura óssea⁴⁴⁶ e a constituição nervosa⁴⁴⁷ a mulher foi qualificada para as atividades domésticas e desqualificada para a vida pública. Em relação ao prazer sexual, no momento em que o conhecimento científico da sexualidade dissociou o orgasmo da reprodução, a mulher foi chamada a dispensar o prazer e voltar-se para a família e a procriação. A vocação ‘natural’ da mulher era o cuidado da casa, dos filhos e os relacionamentos familiares. Os traços femininos compatíveis com sua vocação seriam ‘dependência, cooperação, afetividade, sensibilidade e lealdade’. À mulher caberia procriar para reproduzir a força de trabalho, com isto “a família tornava-se a célula do estado burguês”.⁴⁴⁸ O homem, por outro lado, devido à sua força física e moral passou a ter o papel de protetor; ele era visto como ativo enquanto a mulher era passiva. O seu comportamento e interesse foram definidos culturalmente como apropriados aos membros do sexo masculino. Ele era o trabalhador, provedor, chefe de família e líder, e para exercer estas atividades precisava ter traços masculinos, tais como: confiança, assertividade, racionalidade, seriedade, força, coragem e independência.

A explicação acima dada por Laquer remete-nos ao contexto do século XVIII colocando-nos frente ao conhecimento científico da época, e os interesses sociais, políticos e religiosos que existiam em relação à imagem da mulher. Segundo Foucault, ‘o dispositivo de aliança’ unido ao ‘dispositivo de sexualidade, ambos

⁴⁴³ A biografia de Michelle Perrot já foi citada no início deste capítulo.

⁴⁴⁴ PERROT, Michelle *Os excluídos da história*, p.177

⁴⁴⁵ SILVA. Breve..., In: *Homossexualidade*, p. 22.

⁴⁴⁶ Craniana e pelviana.

⁴⁴⁷ A mulher era considerada mais sensível e sugestível.

⁴⁴⁸ SILVA. Op. cit, p. 22.

aqui já comentados, continuou a ser usado pela Igreja e sociedade. “Esses dois discursos serviram de suporte aos processos econômicos e à estrutura política existente nos séculos XVIII e XIX”.⁴⁴⁹ Os dois discursos articulavam as parcerias sexuais e familiares que foram caracterizando a família heterossexual monogâmica, e “uma moral sexual cristã de formação hegemônica”⁴⁵⁰ ainda hoje existente.

Para marcar a mulher na esfera doméstica, submetendo-se ao marido, a Bíblia era, constantemente, citada, principalmente as Cartas Paulinas, como 1Cor 14, 33-40:

Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Como acontece em todas as Igrejas dos santos, “estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra”. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias[...]”⁴⁵¹

Se lermos literalmente este texto, sem contextualizá-lo e sem olhar a intencionalidade total da Bíblia, será possível concluir que, se apenas os homens tinham o poder de falar, só a eles era dado o poder de decidir, e de comandar.

Hoje, temos a hermenêutica bíblica contemporânea e a exegese que nos trazem informações desconhecidas no século XIX. De acordo com Croatto⁴⁵², Paulo estava inserido numa práxis cultural que idealizava os homens em detrimento das mulheres, e por este motivo se faz necessário ir além do texto escrito, procurando estabelecer um princípio mais radical através do prisma cristológico de outra afirmação paulina, onde diz, em Gl 3,28, que todos, mulheres e homens, eram um só em Cristo Jesus.

Porém, segundo O’ Connor,⁴⁵³ “a perícopel del Cor 14, 34-35 onde o texto bíblico diz que ‘as mulheres devem se calar na Igreja’, não foi escrito por Paulo”.⁴⁵⁴

⁴⁴⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*, p. 100.

⁴⁵⁰ TORRES, Marco Antônio. *Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas*, p.151

⁴⁵¹ BÍBLIA, 1Cor 14, 33-40.

⁴⁵² José Severino Croatto nasceu em 19 de março de 1930 em Sampacho, Córdoba, e morreu em 26 de abril em Buenos Aires. Era teólogo, biblista, foi professor de Antigo Testamento no Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos (ISEDET) em Buenos Aires. Autor de diversos livros. *Historia de salvación. La experiencia religiosa del pueblo de Dios*, 1995/; *Imaginar el futuro. Estructura retórica y querigma del Tercer Isaías. Isaías 56-66*, 2001.

⁴⁵³ Jerome Murphy-O’Connor, O.P. Nasceu em 10 April 1935, Cork City, Irlanda, e morreu em 11 November 2013, em Jerusalem. Era um padre, profundo estudioso em Paulo, e professor do Novo Testamento, no École Biblique em Jerusalem. Autor de diversos livros, entre eles: *Paul: His Story; His Story: Paul II*, Jerome Murphy-O’Connor, Laurence Bright & Henry Wansbrough; *Paul the Letter-Writer: His World, His Options, His Skills*.

⁴⁵⁴ O’ CONNOR, Paulo, *biografia crítica*, p. 296.

Foi uma inserção feita posteriormente, assim como aconteceu em diversas outras passagens⁴⁵⁵.

Como vemos, seja pela afirmação de Croatto ou de O' Connor, dar liderança, voz às mulheres, não foi possível ser aceito, por muito tempo, em uma sociedade com padrões androcêntricos tão fortes. A abordagem, entretanto, que ficou marcada no inconsciente das pessoas, apesar da conscientização da mulher, dos movimentos feministas que foram surgindo, levando, de modo irreversível à participação da mulher aos mais diferentes setores da sociedade, foi à ideia tradicional de 'subserviência'. E ainda hoje, uma parte da sociedade reage não só à participação da mulher, mas às modificações que surgem com a sua presença efetiva na sociedade. Dentro da Igreja Católica continuamos a ouvir, de alguns leig@s, clérigos, e religios@s, na tentativa de justificarem a não participação das mulheres nas decisões e no ministério principal, a afirmativa de que é necessário seguir a tradição da Igreja, na qual Paulo deixa claro que as mulheres não podem ter 'voz' na igreja.

De acordo com Delumeau, o discurso religioso através do "sermão, meio eficaz de cristianização, a partir do século XVIII, difundiu sem descanso, e tentou fazer penetrar nas mentalidades o medo da mulher".⁴⁵⁶ O que na Idade média já acontecia, mas como discurso monástico, passou a ser, principalmente devido às grandes audiências, uma advertência para uso de toda a Igreja misturando nos discursos a vida dos clérigos, a vida dos leigos, sexualidade e pecado, Eva e Satã. Opressão à mulher, reforço ao ódio do judeu, e o temor do fim do mundo eram temas explorados pelos pregadores, com a ajuda da imprensa.

Neste processo radical de transformação que ocorreu no final do século XVIII, com uma nova percepção de corpos e papéis masculinos e femininos, surgiu a 'bissexualização' dos corpos e psiquismo. A sexualidade ficou reduzida em 'homem e mulher', que só poderiam ser 'heterossexuais ou homossexuais'. O padrão heterossexual foi considerado 'normal', e aquel@ que saísse desse padrão era considerad@ 'anormal'. Quem não correspondesse ao padrão ou ideal de perfeição humana, era rotulad@ de 'invertid@ e pervertid@'.

⁴⁵⁵ Ibidem., p.296. A nota de rodapé (145) afirma que esta pequena frase, foi acrescentada tardiamente para ficar em harmonia com a passagem não paulina de 1 Tim 2, 11-14.

⁴⁵⁶ DELUMEAU. *História do medo...*, p. 322.

Ao se pensar na bissexualização dos sexos, não se aventou outras possibilidades, tais como, a existência de uma polivalência sexual, hoje, apontada pelas ciências. Na época, esta hipótese não era cogitada. Com isso, a inversão do ‘homem’ deixou de ser a ‘mulher’, e passou a ser considerado antinatural e perverso, e vice versa, pertencendo àquele que não cumpria o papel social que lhe impunha a sociedade: o homossexual.

De acordo com Costa,⁴⁵⁷ o pensamento da época era que o homem invertido seria um ‘pervertido’ e continha em si a sexualidade feminina. “O invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica”.⁴⁵⁸

Costa enumera e explica “O homossexual será alinhado aos velhos libidinosos, celibatários, sífilíticos, e libertinos, como a antinorma paroxística da figura do homem-pai”.⁴⁵⁹ E o homossexual tinha que apresentar características femininas, mesmo a despeito de qualquer contra exemplo empírico ou de qualquer incongruência conceitual. Pois só sendo feminino seria um invertido.

Em 1869 o austro-húngaro Karol Maria Benkert, criou o termo homossexual, que com o sufixo ‘ismo’, ficou sendo ‘homossexualismo’. Ele o “introduziu no pensamento médico-científico a fim de tirar a condenação moral feita ao grupo, e substituí-la pelo conceito de diversidade psicofísica”.⁴⁶⁰ Quem a praticasse seria doente, e possuidor de um distúrbio mental devido a um determinado tipo de personalidade.

Com a colocação do homossexual como doente, a busca de causas para este comportamento passou a ser objetivado pela psiquiatria, que definiu a personalidade do homossexual como uma ‘personalidade patológica especial’. O homossexualismo inicialmente foi definido como uma ‘perversão’ do instinto sexual causada pela ‘degenerescência’ de seus portadores. o homossexual junto

⁴⁵⁷ Jurandir F Costa é professor do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ. É autor do livro *Ordem médica e norma familiar* (1979), um livro de referência entre historiadores. Estudioso da história da psiquiatria no Brasil, Jurandir também se ocupa de temas como violência, ética e o amor romântico. Esta é sua premissa: “O que a gente sofre mentalmente tem a ver com o que vivemos culturalmente”. Entre seus livros citamos: *A face e o verso*, 1995a ; *A inocência e o vício*: estudos sobre o herotismo, 1992, e *A Construção cultural da diferença dos sexos*, 1995.

⁴⁵⁸ COSTA, J.F. *A face e o verso*, p. 129.

⁴⁵⁹ *Ibidem.*, p.129.

⁴⁶⁰ RECK, *Desejos...*, p.24.

com outr@s considerad@s ‘pervers@s’ do século XIX passou a ser rigorosamente estudad@ pela ciência e vist@ como uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade.

Segundo Foucault a ‘teoria da degenerescência’ que surgiu no século XIX teve como objetivo explicar a origem patológica do comportamento desviante, alertar para a importância de se fortalecer as táticas de controle sobre o corpo, e prevenir a população do surgimento das perversões, da prática d@s desajustad@s e desequilibrad@s de todas as espécies que pudessem prejudicar o projeto existente na época de uma sociedade saudável. “Esta teoria encheu os hospitais, manicômios e pavilhões, isolando um contingente de marginalizados, formado por todos que eram considerados ‘degenerados’”.⁴⁶¹ De acordo com Foucault, no século XIX a sexualidade foi isolada da medicina em geral, surgindo o “domínio médico-psicológico das ‘perversões’, que toma o lugar das velhas categorias morais de devassidão e da extravagância”.⁴⁶²

A definição de papéis femininos e masculinos levou os ideais de igualdade da Revolução Francesa a serem deixados de lado, e a mulher voltou a ser pressionada a permanecer na esfera doméstica. Entretanto, desde a Revolução Francesa a mulher passou a reivindicar igualdade para todos, incluindo-se nestas reivindicações. Assim, em 1848, em diversas partes do mundo, as mulheres já haviam saído da esfera privada, tinham o seu emprego e participavam da renda familiar. No entanto, logo a ‘violência contra a mulher’ mostrou-se presente também neste setor, através das diferenças nas condições trabalhistas, pois as mulheres recebiam salário e benefícios menores que os dos homens. “Para lutarem contra isso formaram associações de movimentos feministas, e juntos com os movimentos de esquerda que estavam ligados às classes operárias reivindicaram o voto, a igualdade jurídica e a equiparação dos salários”.⁴⁶³

Além dessas lutas, em diversos lugares, tais como, “Reino Unido, e Estados Unidos, as mulheres se juntaram à luta pelo abolicionismo”.⁴⁶⁴ No entanto, a primeira grande vitória que as mulheres conseguiram foi na Nova Zelândia, em 1893, quando conseguiram garantir o ‘sufrágio feminino’.

⁴⁶¹ MOUKARZEL, *Sexualidade e deficiência*, p. 28.

⁴⁶² FOUCAULT, M. *História da...*, 1993, p.111.

⁴⁶³ MOVIMENTO FEMINISTA. *O movimento feminista no mundo*.

⁴⁶⁴ *Ibidem.*, 2010.

No Brasil, embora só tenha entrado em vigor em 1917, o primeiro Código Civil foi elaborado, ainda, no século XIX, por Dom Pedro II e pelo jurista Augusto Teixeira de Freitas. Neste código a mulher é relegada a segunda categoria, e claramente se percebe o cerceamento da sua sexualidade. Nele, o homem era o chefe de família, e apenas “o adultério feminino era entendido como crime, podendo as filhas ser deserdadas, caso fossem ‘ingratas’ com o pai”.⁴⁶⁵

3.5.2

Séculos XX e XXI

No século XX, o movimento de resistência à violência por parte da mulher, cresceu, fortificou, e trouxe inúmeras conquistas. O mesmo aconteceu, embora tenha tido um início mais tardio, com a resistência organizada pelo grupo GLBT⁴⁶⁶, que depois passou a ser LGBT⁴⁶⁷, e na atualidade, outras letras estão sendo colocadas na busca de uma sigla que traga a inclusão de todas: LGBTTI ou LGBTQI.⁴⁶⁸

Já no início do século XX os movimentos de resistência feminina multiplicavam-se e as conquistas começaram a acontecer. Em 1906, o sufrágio foi aceito na Finlândia; e assim, sucessivamente, aconteceu, na Noruega, 1913, na Revolução Russa, 1917; e no Equador, 1929. Por volta de 1950, em mais de 100 nações as mulheres já tinham direito de votar. “No Reino Unido, a luta pelo voto começou em 1887, mas o voto para todas as mulheres britânicas só foi liberado em 1928”.⁴⁶⁹ No Brasil, o sufrágio feminino veio através o decreto n. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932,⁴⁷⁰ quando foi promulgado o novo código eleitoral brasileiro.

⁴⁶⁵ PRADO, Thays. *Maria da Pena, em resumo*.

⁴⁶⁶ Sigla GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e transexuais.

⁴⁶⁷ Mudança da sigla para LGBT. Cf. determinação da 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais decidiu neste sábado (7) padronizar a nomenclatura usada pelos movimentos sociais e pelo governo, junto com o padrão usado no resto do mundo; em lugar de GLBT, a sigla passa a ser LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. Para o grupo, a mudança significa dar mais destaque para as reivindicações das mulheres lésbicas. Em G1. Movimento GLBT decide mudar para LGBT.

⁴⁶⁸ A sigla LGBTTI embora não seja oficial, passou a ser incluída em muitos trabalhos acadêmicos e de movimentos a fim de que outras possibilidades sexuais sejam incluídas. Como o nosso trabalho doutoral tem como objetivo a inclusão de ‘todas’, optamos por colocar esta sigla.

⁴⁶⁹ MOVIMENTO FEMINISTA. *O movimento...*, 2010.

⁴⁷⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº 21.076*, de 24 de fevereiro de 1932.

Entretanto, depois das primeiras grandes vitórias, o feminismo a partir da década de 1930 enfraqueceu.

Em relação aos homossexuais, a ‘teoria da degenerescência’ permaneceu no século XX e a homossexualidade continuou sendo considerada ‘patologia’, e estudada a partir dessa concepção. Entre os grandes cientistas que estudaram a homossexualidade encontramos Sigmund Freud, que também considerava a homossexualidade como uma ‘inversão da sexualidade’. Mas para ele, “Não se tratava de vício, degradação ou doença, e sim uma variação da função sexual, produzida por certa parada no desenvolvimento sexual”.⁴⁷¹ Embora haja discussões até hoje sobre a posição de Freud em relação à patologização da homossexualidade, ele se pronunciou publicamente sobre o tema em dois momentos. Em 1903 quando o jornal Vienense pediu para que opinasse sobre uma importante personalidade que estava sendo acusada de práticas homossexuais. Freud disse:

A homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais. [...] Eu tenho a firme convicção que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental [...]. Os homossexuais não são pessoas doentes⁴⁷²

E em 1935, ao responder a uma mãe americana sobre o seu filho homossexual escreveu: “A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, e não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual⁴⁷³

Na atualidade, ao analisarem a obra de Freud, alguns psicanalistas afirmam que embora Freud tenha dito não se tratar de doença, ele a ‘patologizou’ em sua explicação a partir da longa ligação edipiana com a mãe.

Para Ceccarelli,⁴⁷⁴ apesar de algumas ambiguidades, o que se pode concluir dos estudos de Freud é que com base no complexo de Édipo, para ele há uma bissexualidade original, em cada pessoa, que é usada como referência central para

⁴⁷¹ COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso*, p. 255.

⁴⁷² MENAHEM, Ruth. *Désorientations sexuelles*, p. 14.

⁴⁷³ JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*, p. 739.

⁴⁷⁴ Paulo Roberto Ceccarelli é Psicólogo, Psicanalista, Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise (Universidade de Paris VII). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Membro da “Société de Psychanalyse Freudienne”. Professor de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

a escolha do objeto. “A homossexualidade é uma posição libidinal, uma orientação sexual tão legítima quanto à heterossexualidade”.⁴⁷⁵

Na psicanálise, Jacques-Marie Émile Lacan não aceitou a homossexualidade como doença. Para ele, há uma disposição perversa em toda forma de amor. Ele entendia o homossexual de modo muito próximo à Proust. “Um personagem sublime e maldito; um perverso, pois ele subverte, perverte o discurso dominante da civilização”.⁴⁷⁶ “Já Ana Freud e Melanie Klein patologizaram, e na bioenergética, Wilhelm Reich e Alexander Lowen também”.⁴⁷⁷

A lógica que se apresentava frente a doenças mentais era a mesma para todas as ‘patologias’. Se não puder curar, então, retira-se do convívio da sociedade, e se possível, elimina-se qualquer possibilidade de reação ou resistência do paciente. Com a ‘inversão’ ou ‘homossexualismo’ não foi diferente, surgiu à necessidade de buscar a cura para os portadores desta ‘degenerescência pervertida do instinto sexual humano’. Aos portadores foram impostos inúmeros tratamentos, independentes das consequências que pudessem trazer. Entre os mais usados, encontramos: transplante de testículos ou ovários⁴⁷⁸, eletrochoque, insulinoaterapia,⁴⁷⁹ lobotomia, terapia de aversão⁴⁸⁰, e castração⁴⁸¹.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres foram usadas nos guetos e campos de concentração para trabalhar em tão cruéis condições que muitas morreram executando suas tarefas.

As judias e ciganas eram sadicamente usadas pelos “médicos” e pesquisadores alemães como cobaias em experimentos de esterilização, e outras “pesquisas” cruéis e antiéticas. Nos campos e nos guetos as mulheres eram particularmente vulneráveis a espancamentos e estupros.⁴⁸²

As mulheres judias grávidas procuravam esconder sua gravidez para não serem obrigadas a fazerem aborto. Espancamento, estupro, manter relações sexuais com alemães em troca de comida e necessidades básicas, foram práticas comuns a que submetiam as mulheres. Ravensbrück foi o maior campo de concentração

⁴⁷⁵ CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade.

⁴⁷⁶ Ibidem., p. 75.

⁴⁷⁷ Ibidem., loc.cit.

⁴⁷⁸ RIBEIRO, Leonídio. *Criminologia*, p.81.

⁴⁷⁹ GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. *Além do carnaval*, p. 230.

⁴⁸⁰ FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*, p 76.

⁴⁸¹ SPENCER, Colin. *Homossexualidade*, p.278.

⁴⁸² ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. *As mulheres durante o holocausto*.

nazista para mulheres. Até a libertação pelas tropas soviéticas, em 1945, estima-se que mais de 100.000 mulheres haviam sido encarceradas naquele lugar.

Mas as mulheres tiveram papel importantíssimo em muitas atividades tanto no nazismo como na resistência ao nazismo. Antes mesmo da guerra muitas eram membros de movimentos juvenis socialistas, comunistas, sionistas, ou nazistas; e durante a guerra tornaram-se membros da resistência, mensageiras, espiões, e na Polônia e União Soviética serviram nas unidades armadas dos partisans.

Os homossexuais também sofreram todo o tipo de monstruosidades pelos nazistas, sempre com a mesma justificativa, ‘curá-los’.

A política do 3^o Reich de crescimento do povo ariano e a expansão demográfica da nação alemã, tornava a homossexualidade totalmente incompatível com os objetivos oficiais, e tod@s que apresentavam essas características eram vist@s “como um atentado contra o principal valor do estado: a raça”.⁴⁸³ Eram, então, levados aos campos de concentração nazistas, e lá submetidos a alguns tratamentos bizarros e cruéis. Inicialmente, foram marcados com a letra A, porém mais tarde passaram a usar um triângulo cor-de-rosa. Entre os tratamentos dados para a ‘cura’ homossexual, encontramos:

- No campo de Flossenbürg, havia uma casa de prostituição e os nazistas forçavam os homossexuais a visitá-la. Os que se "curavam" eram enviados por "bom comportamento" para uma divisão militar a fim de combater os russos.

- No campo de Buchenwald, o endocrinologista nazista holandês Carl Vaernet castrava seus pacientes e depois injetava doses muito altas de hormônios masculinos, para observar sinais de "masculinização". “Estima-se que 55% dos gays que entraram nos campos de concentração morreram - algo entre 5 mil e 15 mil pessoas”.⁴⁸⁴ Além dos tratamentos que recebiam dos soldados nazistas, “os piores trabalhos eram dados a eles que também eram considerados doentes e pervertidos pelos demais confinados”⁴⁸⁵. Nem o final da guerra trouxe-lhes paz. “Americanos e britânicos forçaram os homossexuais a cumprir o restante da pena que os nazistas tinham imposto a eles em prisões normais”.⁴⁸⁶ Segundo algumas

⁴⁸³ BORRILLO, Daniel. *Homofobia*, p. 83.

⁴⁸⁴ LIMA, Claudia de Castro. *A história da homossexualidade e a luta pela dignidade*.

⁴⁸⁵ Ibidem.

⁴⁸⁶ Ibidem.

estimativas, durante a Segunda Guerra Mundial, “aproximadamente, 80 mil homossexuais foram executados”.⁴⁸⁷

“Após a segunda Guerra Mundial, o movimento feminista voltou revigorado, reivindicando a liberdade feminina em relação ao corpo e pensamento oprimidos por uma cultura extremamente masculina”.⁴⁸⁸ Entre as obras que teriam influenciado esse momento de lutas femininas encontramos:

Le Deuxième sexe (O Segundo Sexo - 1949), da francesa Simone de Beauvoir; e The Feminine Mystique (A mística feminina – 1963), da americana Betty Friedan, tendo sido esta última uma das maiores defensoras e propagadoras do movimento. No Reino Unido destacou-se a australiana Germaine Greer, autora de The Female Eunuch (A Mulher Eunuco - 1971), considerado o manifesto mais realista do “women’s liberation movement” (movimento de libertação da mulher), mundialmente conhecido como women’s lib.⁴⁸⁹

A década de 60 mostrou-se rica em acontecimentos ligados a sexualidade, tanto para o movimento feminista como para o novo movimento que surgia em reação às fortes violências realizadas contra os homossexuais.

Nesta década, tanto na Europa como nos Estados Unidos as mulheres pela primeira vez, debateram sobre as questões de ‘relações de poder entre homens e mulheres’. Para Pinto⁴⁹⁰, “além de lutar pelo espaço da mulher no trabalho, na vida pública, e na educação, este movimento luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, e para que tenham liberdade e autonomia para decidir sobre a sua vida e o seu corpo”.⁴⁹¹ Segundo esta autora, o mais original foi apontar para a questão de que “existe outra forma de dominação, além da clássica dominação de classe, - a dominação do homem sobre a mulher - e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias”.⁴⁹²

Em 1960 a entrada da pílula anticoncepcional oral, no mercado, trouxe a busca pela liberdade sexual e pelos direitos reprodutivos, provocando uma

⁴⁸⁷ Fry, P., & MacRae, E. O que é homossexualidade. *Apud* CARVALHO, Marcos Roberto Alves de; SILVEIRA, Jocelaine Martins; DITRICH, Alexan dre. *Tratamento dado ao tema “homossexualidade” em artigos do Journal of Applied behavior analysis: uma revisão crítica*, p.74.

⁴⁸⁸ MOVIMENTO FEMINISTA. *O movimento...*, 2010.

⁴⁸⁹ SCHMIDT, Alaid Schiavone. *Enciclopédia Bíblica de Temas femininos*, p. 125.

⁴⁹⁰ Céli Regina Jardim Pinto é doutora em Ciência política pela University of Essex, e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autora de artigos e livros sobre este tema.

⁴⁹¹ PINTO, Célia Regina Jardim. *Feminino, história e poder*, p.15

⁴⁹² *Ibidem.*, p. 16

revolução na vida sexual feminina, que ganhou mais liberdade sexual, levando a uma redução drástica da taxa de natalidade mundial.

Em meio às mudanças que ocorriam no mundo, em 1962 e 1965 foi realizado, na Igreja Católica, um importante evento que marcou época, trouxe grandes transformações na Igreja, muitas que ainda hoje, estão acontecendo e a acontecer. Trata-se do Concílio Vaticano II.

Este concílio levou a Igreja Católica mudar a compreensão sobre a sua presença no mundo. Novas hermenêuticas teológicas e interpretações bíblicas ligadas a reflexões de 'gênero' surgiram a partir dele, abordando a dimensão feminina de Deus, e a real importância da mulher na igreja primitiva. Para Bingemer, a grande discriminação que existe na Igreja em relação à mulher, parece referir-se a algo muito mais forte do que a parte intelectual ou prática. “O patriarcalismo sublinha a superioridade do homem não somente numa perspectiva intelectual ou prática, mas no que chamaríamos de uma perspectiva ontológica”.⁴⁹³ Após este Concílio, as mulheres começaram a acreditar que a igreja também se abriria em relação à sexualidade, e a reprodução. Acreditaram que poderiam ter voz mais ativa dentro da igreja, até mesmo um grupo de mulheres começou a aspirar ao diaconato e ao presbitério. Mas a resposta da Igreja Católica foi à proibição da pílula e de outros métodos denominados artificiais. Em relação à mulher ter acesso aos principais ministérios, o Papa João Paulo II fechou quase que totalmente esta possibilidade.

Em 25 de julho de 1968, a Carta Encíclica *Humanae Vitae* de sua Santidade Papa Paulo VI, sobre a regulação da natalidade, reafirma que qualquer ato matrimonial deveria permanecer aberto à transmissão da vida. Assim, somente o método do 'ritmo' continuava sendo considerado lícito. Segundo essa Encíclica os casais não são livres para procederem a seu bel-prazer, de maneira autônoma, a missão de transmitir a vida. “Devem, sim, conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus, expressa na própria natureza do matrimônio e dos seus atos e manifestada pelo ensino constante da Igreja” (HV 10).⁴⁹⁴

⁴⁹³ BINGEMER, *La mujer*, p.92.

⁴⁹⁴ PAULO VI. *Carta Encíclica Humanae Vitae*.

Em relação ao grupo hoje denominado LGBTTI, no final dos anos 60, um grupo de homossexuais, com a sigla GLBT⁴⁹⁵ começou a se organizar, depois que em 28 de junho de 1969, o bar Stonewall Inn, em Nova York, foi invadido por detetives à paisana, e expulsaram cerca de 200 clientes gays do bar. Ao saírem com os presos os detetives foram recebidos na rua por uma multidão que atirava pedras, revoltada com os constantes abusos que estavam ocorrendo contra os homossexuais. Esse fato deu origem a outros protestos, e ao ‘Gay Power’, marcando não só início dos protestos públicos contra a discriminação de homossexuais, mas a sua organização como movimento social.

Em junho de 1970, aconteceram as primeiras marchas do orgulho gay em Los Angeles, São Francisco, Chicago e Nova York. “Uma das principais vitórias aconteceu em 1970 quando o cofundador dos Panteras Negras, Huey Newton, expressou publicamente seu apoio ao movimento pró-gay - era a primeira vez que um movimento ativista majoritariamente heterossexual fazia isso”.⁴⁹⁶

A pressão feita pelo movimento GLBT, em diversos países, levou médicos e pesquisadores a reverem seus estudos sobre a homossexualidade enquanto ‘patologia’, e o resultado das novas pesquisas reconhecia que não havia nada que pudesse enquadrar a homossexualidade nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais. Dessa forma, “Em 1973, a *American Psychiatric Association* retirou o termo “homossexualismo” de seu manual de transtornos mentais. Em 1975, a *American Psychological Association* aprovou uma resolução que dava apoio a essa decisão”.⁴⁹⁷ E assim, os diversos órgãos científicos foram despatologizando a homossexualidade.

As primeiras manifestações feministas, no Brasil, aconteceram na década de 70. O movimento feminista surgiu como um símbolo de liberdade que não estava ligado apenas às mulheres, tampouco reivindicava um espaço só para elas na educação ou na via pública. “Mas um movimento que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo”.⁴⁹⁸ O movimento enfrentou várias dificuldades, entre elas, o fato de se viver em uma ditadura militar, e todo

⁴⁹⁵ Esta foi a primeira sigla. Inicialmente o G ficava na frente. Gays, lésbicas, bissexuais, e transexuais e travestis.

⁴⁹⁶ LIMA. *A história da homossexualidade...*

⁴⁹⁷ CARVALHO; SILVEIRA; DITRICH. *Tratamento dado ao...*, p.75.

⁴⁹⁸ NASCIMENTO, André. *Mulheres de véu*.

movimento que possuía uma organização não era bem aceito. Um dado importante, que traz Rachel Sohiet⁴⁹⁹, é que as mulheres inicialmente ao formarem grupos de estudos em que havia também homens, como não estavam acostumadas a participar de trabalhos em que pudessem dar sua opinião, não se manifestavam, só os homens falavam. Em uma entrevista dada ao Pasquim, em 1976, uma das participantes frisou “a importância de as mulheres amadurecerem e aprenderem a falar”.⁵⁰⁰

No Brasil, o primeiro grupo organizado para defender os direitos GLBT foi o grupo Gay, da Bahia, em 1980. A partir desse grupo, muitos outros se formaram, e “em 1990, na cidade de Salvador, houve a aprovação da primeira Lei Orgânica Municipal proibindo a discriminação baseada na orientação sexual. Este exemplo foi seguido por 74 municípios de norte a sul do país e por três constituições estaduais”.⁵⁰¹ A partir daí, o grupo GLBT começou a ter voz no Brasil, rejeitando ser considerado doente, e reivindicando direitos iguais aos demais cidadãos.

Como já vimos em nosso retrospecto histórico, desde a aproximação com o estoicismo a Igreja Católica vinculou ‘sexo e procriação’ em sua doutrina e documentos. O avanço do movimento Gay, e a liberdade sexual que a mulher reivindica, contrariam esses princípios. Apesar do Concílio Vaticano II ter trazido grandes modificações, o mesmo não ocorreu em relação à sexualidade, como veremos mais adiante. Os documentos da Igreja Católica, de modo geral, surgem em respostas às reivindicações do movimento feminista e do grupo LGBTTI, que são percebidos pelo Vaticano como negativos ao mundo e em especial à família. A Igreja, então, responde aos dois grupos através documentos que enfatizam a importância da lei natural, valorizam sua universalidade, imutabilidade, e cognoscibilidade.

Quanto mais crescem e reivindicam os movimentos feministas e LGBTTI, multiplicam-se os documentos da Igreja Católica em relação a esta temática. Ao analisarmos este final de século XX e início de XXI, percebemos a existência de uma tensão crescente entre a Igreja Católica e os movimentos ligados aos ‘estudos de gênero’. Tensão que só é amenizada, com a entrada do Papa Francisco.

Devido à importância desta relação igreja, feminino e os estudos de gênero, procuraremos explicar sobre cada documento, e os avanços dos movimentos e dos

⁴⁹⁹ A biografia de Raquel Sohiet encontra-se no início deste capítulo.

⁵⁰⁰ O PASQUIM. *O que elas querem é...*, p. 414

⁵⁰¹ MOTT, Luis. *Homoafetividade e direitos humanos*.

estudos de gênero. Não entraremos em detalhes, nem debateremos cada documento, apenas mostraremos, em relação a gênero (mulheres e LGBTTI), o documento enquanto conteúdo histórico.

Em 1971 a Igreja Católica publica a carta Apostólica *Octogesima Adveniens* de sua santidade o Papa Paulo VI ao senhor Cardeal Maurício Roy, Presidente do Conselho dos leigos e da pontifícia Comissão “Justiça e Paz”. Nesta carta ele reconhece a igualdade dos direitos da mulher a participar na vida cultural, econômica, social e política, embora deixe claro que está se referindo à igualdade de direitos, mas não a uma igualdade que negue as distinções estabelecidas pelo Criador, e que entre em contradição com o papel específico da mulher, no ‘coração do lar’ e na ‘sociedade’. No ítem I. ‘Novos problemas sociais’, encontramos, ‘O lugar da mulher’:

De modo semelhante, em diversos países está sendo objeto de constante procura e, por vezes, mesmo de reivindicações enérgicas, um estatuto da mulher, o qual faça cessar a efetiva discriminação existente e estabeleça relações de igualdade nos direitos e de respeito pela sua dignidade. Não falamos, obviamente, daquela falsa igualdade que negasse as distinções estabelecidas pelo mesmo Criador e que estivesse em contradição com o papel específico e, quantas vezes, capital da mulher, no coração do lar, e também na sociedade. A evolução da legislação deve, ao contrário, orientar-se no sentido de proteger a sua vocação própria e, ao mesmo tempo, de reconhecer a sua independência, enquanto pessoa, e a igualdade dos seus direitos a participar na vida cultural, econômica, social e política.⁵⁰²

Em 30 de Novembro de 1975 o Papa João Paulo II fez uma declaração onde falava da impossibilidade da ordenação de mulheres, e deu a CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ a responsabilidade de analisar a questão. Em 15 de Outubro de 1976, respondendo a solicitação do papa João Paulo II para estudar se havia possibilidade de admissão de mulheres para a ordenação presbiterial, a Congregação publicou a Declaração *Inter Insigniores* sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial.

“[...] A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé reputa ser seu dever recordar que a Igreja, por um motivo de fidelidade ao exemplo do seu Senhor, não se considera autorizada a admitir as mulheres à Ordenação sacerdotal; [...] A Igreja Católica nunca admitiu que as mulheres pudessem receber validamente a Ordenação presbiteral ou episcopal”.⁵⁰³

O outro documento foi específico para a temática da sexualidade. A Declaração *Persona Humana*, sobre alguns pontos de ética sexual, da

⁵⁰² PAULO VI *Carta Apostólica Octogesima Adveniens*.

⁵⁰³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ *Declaração Inter Insigniores*.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, em 29 de dezembro de 1975, explica que a raiz da integridade sexual é a ‘sexualidade. É através do sexo que a pessoa humana recebe as características biológicas, psicológicas e espirituais que irão fazer dela um homem ou mulher, e irão condicionar fortemente o seu desenvolvimento rumo à maturidade (PH1). Porém, todo ato genital humano precisa situar-se na estrutura do matrimônio (PH7) e o que determina a identidade da pessoa é a ‘natureza pura’ (PH3).

Essa declaração trata explicitamente da homossexualidade, e embora saliente o dever de procurar compreender a condição homossexual, diz ser visível a culpabilidade dos atos homossexuais. “No entanto, nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo facto de esses actos serem julgados conformes com a condição de tais pessoas, lhes venha a conceder uma justificação moral”⁵⁰⁴(PH8). Faz uma distinção entre condição ou tendência homossexual e os atos homossexuais, sendo que estes últimos “são ‘intrinsecamente desordenados’ e, que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação”.(PH8)⁵⁰⁵

Embora esses documentos tenham tido forte impacto sobre a sociedade, os dois movimentos deram continuidade ao trabalho por eles propostos, aprofundando-se em teorias que eram percebidas como subversoras da ordem existente.

A primeira corrente teórica, no Brasil, abordando os ‘estudos de gênero’ surgiu nos anos 80, com uma análise sobre a violência no Brasil contra as mulheres’. Dela fizeram parte, entre outras, a filósofa Marilena Chauí, a socióloga Heleieth Safiotti, a pedagoga Maria Amélia Azevedo. A teologia também esteve presente, e aqui citamos Maria Clara Bingemer, Maria da Conceição C. Pinto, Tereza Cavalcanti, Ana Maria Tepedino, Ivone Gebara, Elisabeth Fiorenza, Elza Tamez, e Tereza Forcades. Tratava-se de um grupo de teólogas, que procurava, por um lado, recuperar os símbolos e uma linguagem em relação ao Deus bíblico que trouxesse o olhar feminino, e apontasse a ‘violência contra as mulheres’, que podia ser percebida até no silêncio em relação às mesmas, invisibilizando-as. Por outro lado, tinham a intenção de mostrar que Jesus libertou as mulheres dessas leis excludentes, colocando-as nas primeiras comunidades cristãs, como líderes respeitadas e de

⁵⁰⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração acerca de algumas questões de ética sexual.*

⁵⁰⁵ *Ibidem.*

poder decisório, o que foi se perdendo ao longo da história do cristianismo. Uma teologia feminista ou feminina, dependendo do ângulo com que é analisada, que procurou e procura resgatar a dignidade da mulher, enquanto ser pensante, capaz de poder decisório, protagonista de sua história, que precisa e deseja ser respeitada pela sua capacidade de pensar e agir como outro ser humano qualquer.

No final dos anos 80 sob a influência de Joan Scott, surgiu, no Brasil, o debate sobre a construção social do sexo e do gênero. Sob esta influência ocorreu à substituição da categoria mulher para gênero. Esta perspectiva de gênero enfatiza a diferença entre o social e o biológico. Neste caso, gênero seria uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, não estando obrigatoriamente ligada ao biológico. Influenciados pelas perspectivas trazidas por Joan Scott, a expressão “violência de gênero” se fortalece e “os estudos voltados para a violência se estendem para o poder masculino, não mais em relação à mulher, mas aos jogos de poder”.⁵⁰⁶ “A violência é produzida e reproduzida nas relações de poder onde se entrelaçam as categorias de gênero, classe e raça/etnia”⁵⁰⁷. As causas que provocam ‘a violência contra a mulher’ seriam as mesmas que orientam a violência contra @ homossexual, e tod@s @s que fazem parte do grupo GLBT. Grupo que desde o século XIX carrega o estigma da ‘patologia’.

Em 1985, Robert Jessé Stoller⁵⁰⁸ afirmou que os trabalhos psicanalíticos sobre a homossexualidade estavam contaminados pela retórica, e que ele não havia conseguido reunir elementos que sustentassem a homossexualidade como ‘patologia’. Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina do Brasil passou a desconsiderar o artigo 302.0, da classificação internacional de doenças que considerava a homossexualidade uma doença, e outros conselhos fizeram o mesmo.

O reconhecimento de que o grupo GLBT não era doente juntamente com os estudos sobre ‘violência de gênero’ estendidos a este grupo, fortaleceu e deu visibilidade, levando os seus membros a adquirirem direitos e benefícios, com muitas pessoas mostrando-se favoráveis ao movimento e aos direitos adquiridos.

As mudanças que estavam acontecendo preocuparam não só a Igreja católica e as protestantes, mas também às igrejas evangélicas que começavam a se fortificar

⁵⁰⁶ COUTO, Maria Aparecida S. *Poder*.

⁵⁰⁷ ARAÚJO, Maria de Fátima. *Gênero e violência contra a mulher*, p.5.

⁵⁰⁸ Robert Jessé Stoller - psiquiatra com formação psicanalista. Autor de diversos livros, entre eles: *Excitação sexual: Dinâmica da vida erótica* (1981); *Observando a imaginação erótica* (1989). Fez uma extensa pesquisa sobre o tema, envolvendo inclusive transexualidade.

no Brasil, e todas reagiram. Neste trabalho iremos nos restringir a comentar com mais detalhes a reação da Igreja Católica.

A CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ publicou a *Carta dos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*, em primeiro de outubro de 1986, na qual condena os atos sexuais entre iguais, e encoraja as dioceses a formarem uma pastoral para pessoas homossexuais, desde que ficasse claro que a atividade homossexual é imoral, e que eles deveriam viver a castidade. “Uma atitude verdadeiramente pastoral incluirá a necessidade de evitar para as pessoas homossexuais as ocasiões próximas de pecado”. (n.15)⁵⁰⁹

Nos anos 80 as mulheres já haviam participado de movimentos: “de contracultura, da cultura hippie, pelas reivindicações feministas e por uma importante inovação da indústria farmacêutica, a pílula anticoncepcional, de onde surgiram novos padrões de sexualidade”.⁵¹⁰ Esta geração procurava desassociar-se de uma sexualidade ligada a procriação e ao casamento, surgindo uma preocupação pelo prazer sexual, e no controle das próprias mulheres em relação ao seu prazer. Nas Universidades eram estudadas e debatidas questões nunca antes pensadas: “O que é ser mulher ou homem, o que é masculino e feminino tornou-se radicalmente questionado e aberto a contestação”⁵¹¹.

Segundo Soihet, a partir da década de 80 o movimento feminista conseguiu consolidar sua força política e social, surgindo inclusive campanhas contra abusos em relação às mulheres ligados a temas até então ignorados, como:

A violência física e simbólica, assim como a questão do aborto merecem espaço cada vez mais amplo nos meios de comunicação, como resultado da mobilização das feministas e da própria modernização da sociedade brasileira. Assim, a partir desse momento, questões antes colocadas em segundo plano, vistas como próprias à esfera privada – tais como as relativas ao corpo, ao desejo, à sexualidade, à violência – foram legitimadas e trazidas à esfera pública, como reconhecimento de sua dimensão política.⁵¹²

Neste período, os estudos de gênero, também passaram a analisar o masculino e o feminino a partir de “uma perspectiva comprometida com aqueles socialmente estigmatizados, portanto dando maior atenção à formação de identidades sociais normais ou "desviantes" e nos processos de formação de sujeitos do desejo

⁵⁰⁹ CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*.

⁵¹⁰ BALIEIRO. Fernando de Figueiredo. *O Queer e o conceito de gênero*.

⁵¹¹ Ibidem.

⁵¹² SOHIET. Raquel. *Feminismo e cultura política*, p. 423/424.

classificados em legítimos e ilegítimos”.⁵¹³ Esta nova perspectiva recebeu o nome de teoria *queer*, diferenciando-se dos estudos gays e lésbicos, por considerar que estes estudos foram normatizados, e não apontaram para uma mudança social.

De acordo com a teoria *queer*, não existem classificações universais, pois todas as classificações seriam produtos culturais, e o que existe são múltiplas identidades sociais anômalas. “A teoria *queer* e os estudos *queer* propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução”.⁵¹⁴

Ainda na década de 80, no Brasil, começou-se a ouvir sobre a Aids.⁵¹⁵ Como esta doença foi inicialmente detectada na comunidade homossexual, os fundamentalistas a consideraram como ‘castigo divino aos gays’ por serem promíscuos. Apesar da doença também ter sido encontrada em heterossexuais, principalmente na população hemofílica, por um bom tempo a Aids ficou conhecida como ‘peste gay’. A propagação desta doença, na ocasião, foi responsável por políticas moralizantes nos Estados Unidos que se espalharam por outros países, inclusive o Brasil que, em vez de mobilizar políticas efetivas ao combate da Aids, optou por trazer inúmeras restrições à população GLBT. “A repatologização da homossexualidade a partir da década de 80 fomentou olhares nos emergentes estudos *queer* que se voltaram para populações estigmatizadas no período como os gays, lésbicas, drag queens, transgêneros e afins”.⁵¹⁶ Apesar desse retrocesso, em 1986, nos Estados Unidos, os avanços de suas reivindicações continuaram. Duas mulheres conseguiram adotar, legalmente, como casal, uma criança.⁵¹⁷

Em 1988 foi promulgada a nova constituição do Brasil, e o artigo 226, parágrafo 8, da constituição aborda a ‘não violência familiar’, e diferente da anterior, não faz distinção entre os direitos de homens e mulheres.

⁵¹³ BAILEIRO. *O Queer e...*, 2011.

⁵¹⁴ GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa, p.347.

⁵¹⁵ AIDS é uma sigla originada do inglês, que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*acquired immunodeficiency syndrome*). É o estágio final da doença provocada pelo HIV, um vírus que causa graves danos ao sistema imunológico. O HIV pode ser transmitido pelo sangue, esperma e secreção vaginal, pelo leite materno, ou transfusão de sangue contaminado. O portador do HIV, mesmo sem apresentar os sintomas da Aids, pode transmitir o vírus, por isso, a importância do uso de preservativo em todas as relações sexuais. O organismo fica mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. Ela ataca o sistema imunológico, enfraquecendo de tal forma que a pessoa que a contrai não tem condições de combater qualquer outra doença que tenha, e esta acaba sendo letal. Cf. Departamento de DST-AIDS – Hepatite virais.

⁵¹⁶ BAILEIRO. Op. Cit, 2011.

⁵¹⁷ EM DISCUSSÃO. *A adoção feita por homossexuais*.

A Carta Magna de 1988 incorporou no Artigo 5º, I: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. E no Artigo 226, Parágrafo 5º: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos pelo homem e pela mulher”. Esses dois artigos garantiram a condição de equidade de gênero, bem como a proteção dos direitos humanos das mulheres pela primeira vez na República Brasileira.⁵¹⁸

Em 1992 a filósofa Judith Butler colaborou efetivamente com o debate sobre gênero, destacando a necessidade de se subverter a ordem, e desmontar a obrigatoriedade desta relação entre sexo, gênero e desejo, trazendo uma revolução na forma de se ver o ‘desejo sexual’, e a ‘identidade de gênero’.

Em 1993 uma grande vitória foi alcançada pelo grupo GLBT com a retirada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) do termo ‘homossexualismo’ do Catálogo Internacional de Doenças (CID), terminando, definitivamente, com qualquer discussão, de base científica, que pudesse sugerir ‘cura’ para a homossexualidade.

Atenta às mudanças que aconteciam em relação a moral sexual, e procurando afirmar a inaceitabilidade das mudanças para a doutrina católica, o Magistério da Igreja Católica mostra-se cada vez mais rigoroso nos documentos sobre a família, a mulher, e homossexuais, colocando-se sempre contrário a qualquer tipo de concessão a adoção, e a casamento. Neste trabalho falaremos apenas sobre alguns⁵¹⁹.

Com base na Bíblia os documentos eclesiais católicos trazem a divisão bipolar do sexo: macho e fêmea, conforme Gn1, 27-28; e em Gn 5,1-2. Neles não há a preocupação em discernir ‘papéis de gênero’. Não há mobilidade, nem uma real identificação por parte da pessoa, e sim o reconhecimento da natureza, a ‘lei natural’. Dessa forma, segundo o CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC), cabe ao homem e a mulher reconhecer a sua identidade sexual, pois esta lhes foi dada por Deus com um objetivo definido. “A diferença e complementaridade físicas, morais e espirituais estão orientadas para os bens do casamento, e para o desabrochar da vida familiar” (CIC: 2333). Os dois sexos foram criados para a

⁵¹⁸ PORTAL BRASIL. *Constituição de 1988 é marco na proteção às mulheres*.

⁵¹⁹ Cito alguns documentos da época que não trabalharemos: Algumas considerações concernentes à resposta a propostas legislativas sobre a não discriminação das pessoas homossexuais (1992); Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais (2003); Congregação para a Educação Católica sobre os candidatos ao sacerdócio com orientação homossexual (2005).

procriação, assim: "O homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tomam uma só carne" (Gn 2,24).

Segundo Boswell,

For most of its history Roman Catholicism has insisted through the writings of its theologians that procreative purpose is the sole legitimation of sexual union between husband and wife, even though many prominent figures in Judeo-Christian history were regarded by their contemporaries (and the church) as married when their married was obviously not procreative.⁵²⁰

O catecismo da Igreja Católica reafirma este objetivo. Ele fala de acolhimento e respeito ao diferente, mas mostrando a importância da lei natural. "A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, em sua unidade de corpo e alma. Diz respeito à capacidade de amar e de procriar, e de uma maneira mais geral, à aptidão a criar vínculos de comunhão com os outros" (CIC: 2332).⁵²¹ No catecismo está claro que Deus como mistério de comunhão, pessoa de amor, criou o ser humano e inscreveu na humanidade do homem e da mulher a vocação, e assim a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão (CIC: 2331). Em relação à homossexualidade este mesmo documento destaca que a atração por pessoas do mesmo sexo possui formas variáveis ao longo dos séculos e da cultura, e sua gênese psíquica ainda está inexplicada. Mas considera os atos homossexuais como depravações graves, e intrinsecamente desordenados. São atos contrários à lei natural, e fechados ao dom da vida. Por isso, não existe neles a complementaridade afetiva e sexual verdadeira, e não podem, em caso algum, ser aprovados (CIC: 2357). Entretanto, este catecismo reconhece que um número não negligenciável de homens e de mulheres apresentam esta tendência profundamente enraizada, e estes devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza (CIC: 2358), evitando-se com eles todo sinal de discriminação injusta. O catecismo "chama ainda as pessoas homossexuais à castidade e a procurar se aproximar da perfeição cristã" (CIC: 2359).⁵²²

Em 1993, João Paulo II publicou a Carta Encíclica *Veritatis Splendor (VS)*, sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja, considerada

⁵²⁰ Tradução livre: "Na maior parte de sua história o catolicismo romano tem insistido através dos escritos dos seus teólogos que a finalidade procriativa é a única que legitima a união sexual entre marido e esposa, embora muitas figuras proeminentes na história judaico-cristã foram consideradas pelos seus contemporâneos (e a igreja) que o seu casamento, obviamente não foi procriativo". Cf. BOSWELL, JOHN. *Same-sex Unions in premodern Europe*, p.21

⁵²¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. B. H.: Ed. *O Lutador*, 1997, CIC 2332.

⁵²² *Ibidem.*, CIC: 2359.

a carta magna da doutrina tradicional da Igreja sobre ‘lei natural’. Nesta carta, João Paulo II expôs “[...], as razões de um ensinamento moral baseado na Sagrada Escritura e na viva Tradição apostólica pondo em evidência, ao mesmo tempo, os pressupostos e as consequências das contestações que atingem tal ensinamento”.⁵²³

Em 1994 o Papa João Paulo II escreveu a “carta às famílias do mundo inteiro”, - *Gratissimam Sane* -, enfatizando a importância da família, e a sua posição contrária à união homossexual. Em GS 23, afirma:

A família, a paternidade e a maternidade caminham juntas lado a lado. Ao mesmo tempo a família é o primeiro ambiente humano, onde se forma o «homem interior» de que fala o Apóstolo. A consolidação da sua força é dom do Pai e do Filho no Espírito Santo.⁵²⁴

Diante da diretora executiva da ONU⁵²⁵ o papa João Paulo II afirmou, enfaticamente, de dedo em riste, sua visão sobre família. "Uma família é um marido, uma mulher e suas crianças. E o casamento é a única base de uma família. Os homossexuais e as lésbicas não são famílias".⁵²⁶

Nesta época voltou a ser falado na Igreja Católica a possibilidade da ordenação de mulheres, o que fez o Papa João Paulo II, em 22 maio de 1994, assinar a Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, onde reafirma que a ordenação sacerdotal é reservada somente aos homens. “[...] Declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja”.⁵²⁷ Em 25 de outubro de 1995, a CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ publicou uma “Resposta à dúvida sobre a doutrina da carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*” na qual afirma que a doutrina segundo a qual a Igreja não tem faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, deve ser considerada pertencente ao depósito da fé. Doutrina que “fundada na Palavra de Deus escrita e constantemente conservada e aplicada na Tradição da Igreja desde o início, é proposta infalivelmente pelo magistério ordinário e universal (Cf. Conc. Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 25,2)[...]”⁵²⁸.

⁵²³ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Veritatis Splendor*. Introdução, n. 4.

⁵²⁴ Id. *Carta do Papa João Paulo II às famílias*.

⁵²⁵ A paquistanesa Nafis Sadik, diretora executiva das Nações Unidas para População e Desenvolvimento. Cf. VEJA on-line. *O papa da certeza*.

⁵²⁶ VEJA. *Uma família é um marido, uma mulher e suas crianças*, p. 198.

⁵²⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Ordinatio Sacerdotalis*.

⁵²⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Resposta à dúvida sobre a doutrina da Carta apostólica “*Ordinatio Sacerdotalis*”.

Em 1995, O CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA se pronunciou com o documento *Sexualidade humana: verdade e significado* (SH). Neste documento enfatiza que o encontro do homem e da mulher através do amor é ‘dom de Deus’. O ser humano é chamado ao amor como espírito encarnado, mas também como corpo, no qual o corpo exprime também o amor espiritual (SH:10). A sexualidade não é apenas biológica, mas refere-se antes ao mais íntimo da pessoa (SH 3:1). Quando é doação física, na pessoa do homem e da mulher, encontra a sua verdade e atinge o seu pleno significado (SH: 14). Quando se vive o amor no matrimônio, ele compreende e ultrapassa a amizade, e ambos, homem e mulher se dão na totalidade. Esta doação sexual, se “realiza de maneira verdadeiramente humana, somente se ela é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para o outro até à morte”.⁵²⁹

O contexto da década de 90 era de um lado o movimento feminista e a população GLBT lutando para adquirir direitos, e de outro lado uma forte reação de diversos setores conservadores e religiosos da sociedade, contra estes estudos. Enquanto isso ocorria, era visível o crescimento da ‘violência de gênero’. Esta ‘violência’ teve um aumento tão grande, que em 1996, a Organização Mundial de Saúde (OMS) colocou a ‘violência de gênero’ como questão de saúde pública.

Em 1998, João Paulo II chamou a atenção que “a consciência ética do homem havia se desorientado”, e para responder a isso, publicou a Encíclica *Fides et Rati*, onde aborda a importância da união de fé e razão, e da filosofia nos estudos teológicos como forma de ajudar “na compreensão da fé, e dos desafios que se levantam atualmente no campo social, econômico, político e científico”.⁵³⁰

Nesta encíclica o papa lembra que já havia abordado na *Veritatis Splendor* sobre a crise que o mundo vivia em torno da verdade. Para ele, “Perdida a ideia duma verdade universal sobre o bem, cognoscível pela razão humana, mudou também inevitavelmente a concepção de consciência”.⁵³¹ Havia uma tendência em conceder à consciência da pessoa o privilégio de estabelecer autonomamente os critérios do bem e do mal, e de agir em consequência. Isto é uma ética individualista, onde a verdade de cada um se confronta com uma verdade diferente da dos outros.

⁵²⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Sexualidade humana*.

⁵³⁰ PAULO II, João. *Carta encíclica FIDES E RATIO*.

⁵³¹ *Ibidem*.

Em 1999, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia seguiu o que os demais conselhos vinham fazendo no mundo, e publicou a portaria 01/99 onde o psicólogo estava sujeito à sanção caso direcionasse sua prática para a ‘cura’ da homossexualidade. De acordo com esta resolução: "Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades".⁵³² Ainda em 1999, a pioneira Dinamarca, “permitiu a homossexuais ligados por união civil adotar o filho do companheiro ou companheira”.⁵³³

A entrada de Judith Butler no debate sobre ‘gênero’ e ‘violência de gênero’ no final do século XX, revolucionou o início do século XXI. Butler colocou em debate ‘a construção dos corpos na história da sexualidade’, e mudou a perspectiva de ‘sexualidade’ definitivamente para ‘sexualidades’. A partir de tais produções sobre gênero, o sujeito da pesquisa foi ampliado explorando-se inclusive a ‘fluidez’ que os corpos podem ter. Em 2002, Beatriz Preciado ou Paul Preciado⁵³⁴, como é agora chamado, com o livro ‘Manifesto Contrassexual’ aumentou a polêmica dos ‘estudos de gênero’, provocando os mais diversos debates a respeito das identidades e seus limites de aplicação. De acordo com Preciado, a identidade político-social é importante, mas sempre limita, e acaba por criar novas formas de marginalidade. Para ele, a contrassexualidade é uma teoria do corpo que se encontra fora de oposições tais como, homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.

Com as posições de Butler e Preciado nos ‘estudos de gênero’, o livro *Le Deuxième sexe* (O Segundo Sexo - 1949), da francesa Simone de Beauvoir⁵³⁵, sucesso e inspiração das feministas quando foi lançado, e depois na metade do século XX, volta a ser citado, em palestras, debates, até por quem o critica.

⁵³² KNIEST, Rihl Gustavo. Resolução CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999.

⁵³³ EM DISCUSSÃO. *A adoção feita por...*

⁵³⁴ Beatriz Preciado é seu nome de nascimento, e Paul Beatriz Preciado foi o nome que adotou após anunciar em 2014 que estava fazendo a transição. É professor de história política de corpo, teoria de gênero, e história da performance da University Paris VIII. É doutor em Teoria da Arquitetura pela Architecture at Princeton University, e mestrx em filosofia e teoria contemporânea de gênero, pela New School for Social Research em Nova York. De sua obra citamos: *Manifesto contrassexual (Countersexual Manifesto)*. 2002. *Testo Junkie: sex, drugs, and biopolitics in the pharmacopornographic era, 2013* e o artigo *The pharmaco-pornographic regime: sex, gender, and subjectivity in the age of punk capitalism" in Stryker, Susan, and Aren Z. Aizura.*

⁵³⁵ Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, conhecida como Simone de Beauvoir, era francesa, (1908-1986), foi escritora, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Teve e ainda tem influência significativa no existencialismo feminista e na teoria feminista. Entre os seus livros citamos: *Tous les hommes sont morts* (1946); *Deuxième sexe* (1949); *Privilèges* (1955).

No livro Beauvoir afirma que a fisiologia não cria valores, e tampouco uma sociedade pode ser comparada a uma espécie, pois só pela mediação de outra pessoa é que se torna possível construir um indivíduo com outro. Para ela,

Ninguém nasce mulher. Torna-se mulher. [...] Os dados biológicos revestem o que o existente lhes confere. [...] Não há destino biológico, nem psíquico, ou econômico capaz de definir a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. Será através do conjunto da civilização que servirá de intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.⁵³⁶

A entrada de Butler e Preciado, no debate dos estudos de gênero, provocam releituras em relação a gênero, surgindo novos grupos de filósof@s, sociólog@s, historiadores, e educadores procurando se aprofundar na ‘teoria *queer*’.

Junto com o desenvolvimento dos ‘estudos de gênero’ a neurociência’ também teve grande desenvolvimento nos últimos anos, e trouxe pesquisas e conclusões muito importantes sobre o tema, fazendo um contraponto, principalmente, para os estudiosos que entendem a sexualidade como puramente cultural. De acordo com as pesquisas realizadas por Simon LeVay, ‘a homossexualidade é ‘natural’. O desejo entre dois homens não é um desvio de personalidade, mas uma simples variação natural de uma ‘predisposição fisiológica’. De acordo com Klein⁵³⁷, para LeVay, da mesma forma que existem destros e canhotos, alguns indivíduos apresentam uma inclinação sexual diferente. “Com certeza, isso vale também para as mulheres que se sentem atraídas por outras mulheres, ainda que esse assunto, assim como muitos outros aspectos específicos da condição feminina, não tenha merecido a devida atenção dos pesquisadores”.⁵³⁸

Como é possível verificar, o início do século XXI trouxe diferentes e importantes mudanças dentro da perspectiva de gênero. Entretanto, todos os estudos apontaram para um posicionamento distinto de outro existente no passado, o qual trazia a ‘homossexualidade’ e a ‘identidade de gênero’ dentro da biologia, como desvios patológicos. Na atualidade, Butler e Preciado, apesar de terem enfoques diferentes fixam-se na construção cultural, na fluidez, e na mudança de corpos. E

⁵³⁶ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*, p. 9.

⁵³⁷ Stefan Klein é um cientista Alemão, graduado em Biofísica teórica na Universidade de Freiburg, Alemanha. Deixou a sua carreira acadêmica para se tornar editor de ciência no Der Spiegel. Foi premiado com o Georg von Holtzbrinck Preis, um prestigioso prêmio Alemão para a ciência. É autor, entre outros: *Die Tagebücher der Schöpfung* ; *Die Glücksformel* ; *Alles Zufall* .

⁵³⁸ KLEIN, Stefan. *A Fórmula da Felicidade*, p.135.

embora LeVay focalize a importância biológica, chama a atenção para as ‘sexualidades’, não negando a construção cultural.

Em 2002 o antigo Código Civil brasileiro foi revogado e substituído por outro de acordo com a constituição feita em 1988. Seguindo a constituição, o código não faz diferenciação entre os direitos dos homens e das mulheres.

De um lado, o fortalecimento dos movimentos feministas, e do outro o reconhecimento total da sanidade mental da homossexualidade deram aos dois grupos a possibilidade de reivindicarem mais direitos. A mulher passou a reivindicar a total liberdade em relação a seu corpo, e os homossexuais, o reconhecimento legal da união entre iguais, ou do mesmo sexo pelo Estado.

Em 2003, a CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ trouxe o documento *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, onde afirma que as uniões homossexuais são ‘nocivas’ a um reto progresso da sociedade humana, sobretudo se aumentar a sua efetiva incidência sobre o tecido social. Já na introdução (1), o documento diz que a homossexualidade é preocupante, “sendo preocupação maior nos países que já concederam ou se propõem conceder reconhecimento legal às uniões homossexuais, alargando-o, em certos casos, mesmo à habilitação para adotar filhos”.⁵³⁹ No (2,3), afirma que “Nenhuma ideologia pode cancelar do espírito humano a certeza de que só existe matrimônio entre duas pessoas de sexo diferente [...] tendem à comunhão das suas pessoas...”⁵⁴⁰

Em 2004, o PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ publicou o *Compêndio de doutrina social da Igreja*, onde estariam, os princípios de reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes de ação de modo a se promover um humanismo integral e solidário (DSI 7). Neste compêndio, o (DSI 144) afirma que Deus não faz distinção de pessoas, e que todos são à sua imagem e semelhança. Especifica ainda que a encarnação do Filho de Deus trouxe a igualdade de todas as pessoas quanto à dignidade. «Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus»⁵⁴¹. Em seguida

⁵³⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*.

⁵⁴⁰ Ibidem.

⁵⁴¹ Citação das passagens bíblicas (*Gal 3,28*; cf. *Rm 10,12*; *1 Cor 12,13*; *Col 3,11*). Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/

no (DSI 146) afirma que masculino e feminino são dois indivíduos de igual dignidade, porém “não refletem uma igualdade estática, porque o específico feminino é diferente do específico masculino e esta diversidade na igualdade é enriquecedora e indispensável para uma harmoniosa convivência humana”.⁵⁴² Reafirma a complementaridade do casal em (DSI 147) dizendo que não é só do ponto de vista físico e psíquico, mas também ontológico. Em (DSI 212) faz referência à família como central em relação à pessoa e que só através do dom recíproco do homem e da mulher, unidos em matrimônio, a criança poderá nascer, desenvolver suas potencialidades, e se tornar consciente da sua dignidade. O reconhecimento jurídico das uniões homossexuais é tratado em (DSI 228) e afirma que somente uma antropologia correspondente à plena verdade do homem pode dar uma resposta apropriada ao problema, e que “à luz de tal antropologia revela-se como é incongruente a pretensão de atribuir uma realidade “conjugal” à união entre pessoas do mesmo sexo”,⁵⁴³ pois ela traz a impossibilidade de transmitir a vida, de acordo com o projeto inscrito por Deus na própria estrutura do ser humano.

Em relação à mulher trabalhar, (DSI 295) afirma que ela tem o direito de estar em todas as expressões da vida social e no âmbito do trabalho, desde que o trabalho seja estruturado de modo que a mulher não seja obrigada a abandonar a sua especificidade e em detrimento da sua família, na qual ela, como mãe, tem um papel insubstituível.

Este compêndio ainda fala especificamente da ‘lei natural’, como lei divina e natural, que foi dada no Decálogo (DSI 3,140).

Nos seus preceitos principais, a lei divina e natural é exposta no Decálogo e indica as normas primeiras e essenciais que regulam a vida moral. Ela tem como eixo a aspiração e a submissão a Deus, fonte e juiz de todo o bem, e bem assim o sentido do outro como igual a si mesmo. A lei natural exprime a dignidade da pessoa humana e estabelece as bases dos seus direitos e dos seus deveres fundamentais.⁵⁴⁴

Em 2005, a CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA também se pronunciou no documento, *Instrução sobre os critérios do discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. O documento cita o Catecismo da Igreja Católica e

rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#O vínculo da liberdade com a verdade e a lei natural. Publicado em 2004. Acessado em 20/06/2016.

⁵⁴² Ibidem.

⁵⁴³ PONTIFÍCIO. *Compendio...*, 2014.

⁵⁴⁴ Ibidem.

afirma que à luz de tal ensinamento considera necessário afirmar que “[...] não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*”⁵⁴⁵ Estas pessoas não podem ter um correto relacionamento entre homens e mulheres.

Nesta época divers@s teólog@s passaram a estudar e a se aprofundar nos estudos de ‘gênero’ em relação à ‘identidade de gênero’, e a ‘violência de gênero’. Dentro da sexualidade, no estudo da ‘diversidade sexual’.

No Brasil citamos André Musskopf, professor do núcleo de gênero da EST, e Luis Correa Lima, coordenador do grupo de pesquisa diversidade sexual, cidadania-religião, do qual também sou membro fundador⁵⁴⁶,

Entre outr@s importantes teólog@s que procuram se aprofundar nos estudos de gênero, citamos ainda: Lisa Isherwood, Elizabeth Stuart, Susannah Cornwall, Marcela Althaus-Reids, Tina Beattie, e Virginia Raquel Azcuy, cujas participações têm sido altamente relevantes para os debates e conclusões em relação ao tema.

Apesar das vitórias legais que tanto o movimento feminista como o GLBT vinha conseguindo, a violência contra esses dois grupos continuava a crescer.

Estudos realizados no Brasil sobre a ‘violência de gênero’ mostraram que a violência física com morte contra este grupo acontece, principalmente, na via pública, mas em relação às mulheres, o feminicídio, ocorre em suas próprias casas, sendo denominada ‘violência doméstica’. O reconhecimento deste fato gerou um projeto lei visando à proteção das mulheres no âmbito doméstico. Este projeto foi aprovado na Câmara dos Deputados em 2005, e em julho de 2006, no Senado, surgindo a lei 11.340/06, “batizada de Maria da Penha, em homenagem à farmacêutica bioquímica que ficou paraplégica por causa de um tiro nas costas dado pelo próprio marido, e se tornou um ícone da luta contra a violência doméstica e a impunidade dos agressores”⁵⁴⁷.

⁵⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA INSTRUÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.*

⁵⁴⁶ O grupo de pesquisa Diversidade sexual – cidadania e religião da PUC-Rio, é registrado no CNPQ. Além de mim, Maria Cristina S. Furtado, e do coordenador Luis Corrêa Lima, fazem parte diversos professores e alunos da PUC e de outras universidades. Entre os participantes cito: Cassia Quelho Tavares, Vera Baldez Boing, Angela Cristina Germine Pinto Caldeira, que participaram conosco do livro *Teologia e Sexualidade*.

⁵⁴⁷ A lei Maria da Penha protege as mulheres da violência doméstica e representa um avanço na legislação brasileira. Entre as inovações legais está a impossibilidade de a vítima retirar a queixa de

Em 19 de abril de 2005, Bento XVI tornou-se papa. Novas modificações ocorrem na Igreja Católica, entretanto, da mesma forma que o Papa João Paulo II o novo papa mostrou-se contrário à adoção e ao casamento gay, com os documentos da Igreja tornando-se ainda mais contundentes. De acordo com o Papa Bento XVI, a fé no criador era essencial no credo cristão, “e a Igreja Católica não deve se limitar a transmitir a seus fiéis somente a mensagem da salvação. Ela também tem uma responsabilidade com a criação e tem que cumprir esta responsabilidade publicamente”.⁵⁴⁸ Cabe a igreja não só defender a terra, a água, e o ar, mas também o ser humano contra a sua própria destruição.

É importante aqui, darmos uma explicação sobre o embate que crescia entre os setores religiosos e os estudos de gênero. Para Correa Lima, o fundamento da crítica do Papa Bento XVI e da hierarquia da Igreja à chamada ‘ideologia de gênero’, encontra-se na linguagem da criação que precisa ser escutada pelo ser humano. De acordo com a lei natural, um conceito presente desde a Antiguidade Greco-Romana, e assimilado pela tradição judaico-cristã, o mundo criado por Deus, feito segundo a razão do Criador (Logos), encontra na criação uma racionalidade que pode ser conhecida pelo ser humano e orientar a sua ação. “[...] Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os”.⁵⁴⁹ (Rm 2,15)

No Brasil, a Igreja Católica através de declarações na mídia, e em nota publicadas, também mostra a sua contrariedade aos rumos que toma o movimento feminista e GLBT. A igreja evangélica forma na câmara legislativa a bancada evangélica que se coloca constantemente contrária a qualquer benefício dado ao grupo GLBT.

Em junho de 2008 durante a 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais foi decidido padronizar a nomenclatura usada pelos movimentos sociais e pelo governo, junto com o padrão usado no resto do mundo. Dessa forma, em lugar de GLBT, a sigla passa a ser LGBT.⁵⁵⁰ A partir

agressão, a menos que isso seja feito perante o juiz, em audiência marcada exclusivamente com este fim. PRADO, Thays. *Maria da Penha...*, 2009.

⁵⁴⁸ LIMA, Luis Corrêa. *Estudos de gênero versus ideologia*, p. 93.

⁵⁴⁹ BÍBLIA..., 2006, Rm,2,15.

⁵⁵⁰ A mudança GLBT para LGBT foi dar mais destaque para as reivindicações das mulheres lésbicas. Cf. Globo.com. Movimento GLBT decide mudar para LGBT. No entanto, após a troca de GLBT

desse momento, muitos pesquisadores, e ativistas passaram a estender para LGBTTI procurando englobar todo o grupo.

No final do ano de 2008, em um discurso para a Cúria Romana, próximo ao Natal, Bento XVI mais uma vez procura mostrar a preocupação da Igreja, enfatizando que quando a mãe Igreja fala da natureza do ser humano como homem e mulher, e pede que se respeite esta ordem da criação, ela está falando da fé no criador, e da escuta à linguagem da criação.

É necessário que haja algo como uma ecologia do homem, entendida no sentido justo. Não é uma metafísica superada, se a Igreja falar da natureza do ser humano como homem e mulher e pedir que esta ordem da criação seja respeitada. Trata-se aqui do facto da fé no Criador e da escuta da linguagem da criação, cujo desprezo seria uma autodestruição do homem, portanto uma destruição da própria obra de Deus. O que com frequência é expresso e entendido com a palavra "gender", resolve-se em definitiva na auto-emancipação do homem da criação e do Criador. O homem pretende fazer-se sozinho e dispor sempre e exclusivamente sozinho o que lhe diz respeito. Mas desta forma vive contra a verdade, vive contra o Espírito criador.⁵⁵¹

Em 2009, é publicado o documento da COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). *Em busca de uma ética universal: Novo olhar sobre a lei natural*. Segundo este documento, não seriam os elementos do cosmo, nem as leis da matéria que governam o mundo e o homem, mas “um Deus pessoal que governa as estrelas, isto é, o universo; não são as leis da matéria e da evolução que são as instâncias últimas, mas a razão, a vontade, o amor – uma Pessoa” (CTI 68).⁵⁵² O documento ainda afirma a existência de, “certo número de preceitos muito gerais, que compartilha com todos os seres humanos e que constituem o conteúdo do que se chama de lei natural”(CTI 45),⁵⁵³ e esclarece que a lei natural não deve ser apresentada como um uma lista de preceitos definitivos e imutáveis, ou como um conjunto de regras já constituído que se impõe previamente ao sujeito. Ela é o fundamento de uma ética universal, uma fonte de inspiração objetiva para o processo de tomada de decisão do sujeito, que é eminentemente pessoal⁵⁵⁴ (CTI 59 e 113).

para LGBT, pesquisadores e ativistas, apesar de não estar oficializado, passaram a colocar em seus trabalhos além do LGBT outras duas letras, que embora não estejam oficializadas na sigla, têm sido usadas para dar destaque às travestis, transexuais e intersexuais (LGBTTI).

⁵⁵¹ BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI à Curia Romana por ocasião dos votos de Feliz Natal*.

⁵⁵² COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). *Em busca de uma ética universal*.

⁵⁵³ *Ibidem.*, n. 45.

⁵⁵⁴ *Ibidem.*, n. 59 e 113.

Segundo Corrêa Lima, esta lei é referência teórica tanto para a teologia como nos ensinamentos da Igreja Católica, “nas questões sociais, de bioética, e de sexualidade, trazendo dela a base para certas posições em relação a gênero, matrimônio, práticas sexuais, fecundação, controle da natalidade, modelos de família, divórcio e uniões homoafetivas”.⁵⁵⁵ Para este teólogo, o Papa Bento XVI incentivou o estudo da lei natural, pois o fato de se conhecer só as leis do ser material poderia tornar o homem incapaz de perceber a mensagem ética contida no ser, que seria a lei moral natural (*lex naturalis*).

Nesta época crescem os embates entre @s teólog@s que participam dos ‘estudos de gênero’ e a Igreja Católica. Est@s procuram mostrar que não há necessidade de se renunciar ao sexo biológico, pois este é o arquétipo da origem da humanidade. Mas é impossível negar que a estrutura cultural envolve a pessoa por toda a vida. Entretanto, embora a Igreja reconheça a construção cultural que envolve uma pessoa, para ela o mais importante é a lei natural.

Apesar das pressões contrárias pelos setores religiosos, e conservadores, em diversos países, começaram haver ‘adoções de crianças’ por casais homossexuais.

Na África do Sul, a Suprema Corte legalizou a adoção por casais homossexuais, em 2002, único país do continente a adotar a medida. Em Israel, em 2008, uma decisão do procurador-geral de Israel facilitou a adoção para casais do mesmo sexo. O Uruguai foi o primeiro país latino-americano a legalizar a adoção por casais - homossexuais, em 2009.⁵⁵⁶

Em 2009, a Dinamarca que já havia aprovado desde 1999 a adoção por um dos casais, caminha para mais além, e aprova o direito de um casal gay adotar em conjunto uma criança. Em seguida outros países como Alemanha, Holanda, Suécia, Inglaterra e Espanha também aprovam a adoção de crianças por casais gays. No Brasil a adoção de crianças por casais homossexuais ganhou, em 2010, um grande impulso com a decisão da 4ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que, “por unanimidade, negou recurso do Ministério Público do Rio Grande do Sul contra decisão que permitiu a adoção de duas crianças por um casal de mulheres”.⁵⁵⁷ No relatório foi apontado que os estudos realizados não indicaram existir qualquer inconveniência que crianças possam ser adotadas por casais homossexuais. De

⁵⁵⁵ LIMA. *Estudos de...*, 2015, p. 96.

⁵⁵⁶ EM DISCUSSÃO. *A adoção feita...*

⁵⁵⁷ *Ibidem*.

acordo com o juiz, o que mais importa é a qualidade do vínculo e do afeto no meio familiar em que as crianças serão inseridas.

Em 5 de maio de 2011, o grupo LGBTTI teve outra grande vitória. No Brasil o governo federal vinha se esforçando para conceder aos homossexuais políticas públicas e leis que os beneficiassem, entretanto, o legislativo encontrava grande dificuldade para promulgar essas leis, como foi o caso da PL 122/2006⁵⁵⁸ que tramitava há anos no Senado. Porém, no dia acima citado, “Por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu [...] legalmente as uniões entre pessoas do mesmo sexo”⁵⁵⁹ O STF decidiu que a partir daquela data, casais gays terão os mesmos direitos que estão previstos para os heterossexuais no código civil, diminuindo a desigualdade de direitos entre os dois grupos.⁵⁶⁰

Em 11 de maio de 2011, a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB)⁵⁶¹ publicou uma nota, afirmando que “a diferença sexual é originário e não mero produto de uma opção cultural. O matrimônio natural entre o homem e a mulher bem como a família monogâmica constituem um princípio fundamental do direito natural”⁵⁶². Ainda em Setembro de 2011, em Bundestag, no parlamento federal alemão, Bento XVI voltou a refutar os ‘estudos de gênero’.

Em 19 de março de 2013 o Cardeal Jorge Mario Bergoglio tornou-se o Papa Francisco, e inicialmente parecia que a tensão entre a Igreja Católica e às questões voltadas às mulheres, e aos direitos gays continuariam frequentes, pois em 16 de maio de 2013, no Brasil, em outra nota a CNBB tornou a afirmar que as uniões por casais gays não podem ser equiparadas à família. Segundo a CNBB a própria constituição federal de 1988, art 226, inciso 3, afirma, que as uniões estáveis ocorrem entre ‘homem e mulher’ como entidade familiar, e não com pessoas do mesmo sexo. Além disso, a CNBB refutou a teoria da ‘construção de gênero’, chamando-a de ‘ideologia de gênero’. Embora não tivesse o mesmo peso de um documento, a CNBB publicou em sua página na internet um artigo assinado por Dom Orani Tempesta, intitulado: Reflexões sobre a ideologia de gênero. Neste

⁵⁵⁸ Projeto de lei contra a homofobia que encontra a sua grande rejeição na bancada evangélica, composta por senadores ligados às diversas denominações cristãs, inclusive católica.

⁵⁵⁹ BRIGIDO, Carolina. *Contra a discriminação, a lei.*, p.3.

⁵⁶⁰ Estamos apenas trazendo ao leitor o conhecimento da decisão do STF. Não temos aqui a intenção de expressar qualquer julgamento quanto a esta decisão.

⁵⁶¹ CNBB é a sigla da Conferência Nacional dos bispos do Brasil, que trataremos como CNBB.

⁵⁶² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Notas sobre uniões estáveis de pessoas do mesmo sexo.*

mesmo ano a CNBB criticou a aprovação de uma lei que obriga a distribuição de pílulas do dia seguinte às vítimas de estupro por entender que "facilita o aborto". A lei, aprovada de forma unânime no Congresso, foi sancionada no dia 2 de agosto de 2013 pela presidente Dilma Rousseff, que não vetou nenhum artigo como pediam as igrejas católica e evangélica.

No entanto, ainda em 2013, dentro do avião, em Julho, quando deixava o Rio de Janeiro e retornava a Roma, após a 28ª Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco respondendo às perguntas dos jornalistas fez duas importantes colocações que mostraram um modo de pensar um tanto diferente de seus antecessores. Em relação às mulheres, embora explicando que João Paulo II tivesse fechado as portas da ordenação para as mulheres, afirmou que uma igreja sem mulheres seria como o colégio apostólico sem Maria. Nossa Senhora é mais importante que os apóstolos. Ela é feminina, esposa, mãe. Para ele, "Não é possível imaginar uma Igreja sem mulheres ativas". E enalteceu as mulheres paraguaias como as mais gloriosas da América Latina, pois ao verem, após a guerra (1864-1970), um número tão reduzido de homens, cerca de 1 homem para 8 mulheres, elas escolheram ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé, e a língua. E termina a sua resposta falando da necessidade da igreja olhar a mulher sob este prisma, e solicitando uma teologia aprofundada da mulher.

Ainda na mesma entrevista faz uma afirmação importantíssima. "Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?".⁵⁶³ Logo depois acrescentou, "o catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados à sociedade".⁵⁶⁴

Desde então, houve uma mudança no tom da Igreja Católica no que diz respeito à participação das mulheres na igreja e ao acolhimento ao grupo LGBTTI, mas o combate aos 'estudos de gênero' continua forte, embora não esteja sendo dada a mesma ênfase que antes. O papa Francisco prefere trazer o debate para os possíveis acolhimentos aos gays, aos casamentos de segunda união, e aos filhos das uniões de casais do mesmo sexo.

No documento *Comunidade de Comunidade: Uma nova Paróquia*, relativo à

⁵⁶³ MAISONNAVE, Fabiano. *Se uma pessoa é gay, procura a Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?*.

⁵⁶⁴ *Ibidem*.

CNBB realizada em Aparecida SP, de 10 a 19 de abril de 2013, (4ª versão com emendas), o número 217⁵⁶⁵ do documento sobre a adoção por pessoas do mesmo sexo, e o artigo 218⁵⁶⁶, trata do acolhimento às novas configurações familiares, e diz que é preciso que a Igreja, família de Cristo acolha com amor todos os seus filhos, sem esquecer os ensinamentos cristãos sobre a família. “É preciso usar de misericórdia”[...] É preciso acolher, orientar e incluir nas comunidades aqueles que vivem numa outra configuração familiar são desafios inadiáveis” (218).⁵⁶⁷

Em 2014 no documento preparatório para a III Assembleia Geral Extraordinária do SÍNODO DOS BISPOS. *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização* foi feita referência às uniões entre pessoas do mesmo sexo sem as expressões negativas anteriores. “Hoje, perfilam-se problemáticas até a poucos anos inédita, desde a difusão dos casais de fato, que não acedem ao matrimônio e às vezes excluem esta própria ideia, até às uniões entre pessoas do mesmo sexo, às quais não raro é permitida a adoção de filhos”.⁵⁶⁸ Neste documento vieram ainda diversas perguntas sobre as uniões de pessoas do mesmo sexo procurando que toda a comunidade eclesial se pronunciasse a respeito.⁵⁶⁹

No Brasil, desde 2014 a Frente Parlamentar Evangélica (bancada evangélica) no Congresso Nacional, junto com os católicos contabilizam mais de 200 dos 513 deputados federais⁵⁷⁰. Esses deputados fazem uma barreira aos projetos apresentados que tratem de qualquer assunto, relacionados a gênero. Hidekazu Takayama (PSC-PR), presidente da bancada evangélica, é um dos autores de um projeto de lei que susta o decreto sancionado por Dilma Rousseff, que admite o uso do nome social por pessoas travestis e transexuais em órgãos federais, como estatais e universidades.

⁵⁶⁵ Do n. 101 passou para o n.217 na 4ª versão com as emendas.

⁵⁶⁶ Do n.102 passou para o n. 218 na 4ª versão com as emendas.

⁵⁶⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidade. Uma nova Paróquia*.

⁵⁶⁸ DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*.

⁵⁶⁹ As perguntas são essas: a) Existe no seu país uma lei civil de reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, equiparadas de alguma forma ao matrimônio? b) Qual é a atitude das Igrejas particulares e locais, quer diante do Estado civil promotor de uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, quer perante as pessoas envolvidas neste tipo de união? c) Que atenção pastoral é possível prestar às pessoas que escolheram viver nesse tipo de união? d) No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé?⁵⁶⁹ Cf. Ibidem.

⁵⁷⁰ METRÓPOLIS. *Homem não foi feito para atividades de casa*.

Takayama mostra a orientação que segue esta bancada evangélica. Para ele, “homem não foi feito para atividades de casa”. Cabe a mulher cuidar de casa e dos filhos. “Se o homem ficar em casa, então estão criando o protótipo do homem maricas hoje. O homem feminilizado. Mas o homem não foi feito para isso”,⁵⁷¹ afirmou ao portal.

Com o intuito de se evitar a violência e a evasão escolar devido à violência de gênero nas escolas, nas ruas, e nas casas, atingindo principalmente o grupo LGBTTI, no Brasil foi sancionado o plano Nacional de Educação (PNE) por 10 anos, com abordagens pedagógicas sobre gênero, de modo que pudessem ser analisadas as relações e os papéis sociais entre homens e mulheres. No entanto, a palavra ‘gênero’, e ‘orientação sexual’ provocou um embate entre os responsáveis. “A bancada evangélica com a ajuda de deputados católicos ligados à renovação carismática, e aliados políticos declaradamente conservadores [...] resolveram colocar pressão para a redução de abordagens, com o lema da ‘salvação da família’ contra a ‘ideologia de gênero’,”⁵⁷² com a justificativa de que o tema ataca o conceito de família. Já os movimentos sociais consideram a abordagem pedagógica importante para se combater a ‘violência de gênero.’ Entretanto, acaba sendo retirada a menção sobre a ‘questões de gênero’ e a ‘orientação sexual’ do Plano Nacional de Educação, e sendo substituída por: “a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”.⁵⁷³ Ao final, os estados e municípios brasileiros teriam que aprovar leis para criar os planos estaduais (PEE) e municipais de educação (PME). Novamente, devido à pressão das igrejas evangélicas e católica a palavra ‘gênero’, e ‘orientação sexual’ foi praticamente retirada do currículo.

Para a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), “a ideologia de gênero’ desconstrói o conceito de família, fundamentado na união entre homem e mulher, e que a abordagem do assunto pela prática pedagógica trará “consequências desastrosas” para a vida das crianças”.⁵⁷⁴ Para outros grupos de educadores e teólogos, dentro da própria Igreja Católica, e de diversas

⁵⁷¹ Ibidem.

⁵⁷² MÍDIA, RELIGIÃO E POLÍTICA. *Bancada evangélica e políticos católicos pressionam por reduções no texto do Plano Nacional de Educação.*

⁵⁷³ PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2024. *Brasília.*

⁵⁷⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Nota sobre ideologia de gênero.*

denominações protestantes, é importante levar este tema para ser debatido nas escolas, pois a violência contra as mulheres aumenta, e a população LGBTTI enfrenta uma situação gravíssima pelo não acesso à escola e pela evasão escolar. A pastora Romi Bencke, secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic) disse que “a perspectiva de gênero serve para problematizar as construções sociais de ser homem e ser mulher. Além de chamar a atenção para aspectos das relações sociais que buscam manter a dominação de um gênero sobre outro”.⁵⁷⁵ Segundo Bencke, gênero é um conceito, mas é também um instrumento metodológico que serve de auxiliar na análise das formas como são estabelecidas as relações e os papéis sociais entre homens e mulheres. “As diferenças entre homens e mulheres não são apenas biológicas. Elas também são sociais, econômicas e políticas, considerando que as mulheres quase não ocupam espaços de poder.”⁵⁷⁶ Para ela, “o debate nas escolas seria importante[...] Juntamente com as leis, precisamos de uma profunda mudança cultural”.⁵⁷⁷

A Igreja Católica sob a orientação do Papa Francisco tem procurado dirigir os holofotes da mídia para pontos mais positivos sobre a pastoral em relação ao acolhimento e respeito aos diferentes. Para marcar sua posição frente ao mundo, o Papa Francisco tem recebido gays⁵⁷⁸, e transexuais⁵⁷⁹ no Vaticano, lavou os pés de uma transexual⁵⁸⁰, trazendo o tema para debate.⁵⁸¹ Já outros setores religiosos, como os evangélicos, passaram a assumir os ataques ao grupo⁵⁸². No entanto, a Igreja Católica permanece fiel a criticar e a investir contra os ‘estudos de gênero’ com receio de sua influencia na sociedade.

Durante a realização da III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIO DO SÍNODO DOS BISPOS, de 5 a 9 de outubro de 2014, no Vaticano, um dos documentos finais, *Relatio post disceptationem*, que teve como relator geral o Cardeal Péter Erdö, afirma no n.50 que “As pessoas homossexuais têm dotes e qualidades para oferecer à comunidade cristã”, e pergunta se a comunidade cristã

⁵⁷⁵ CONIC. *Ideologia de gênero nas escolas pode contribuir para a redução da violência.*

⁵⁷⁶ Ibidem

⁵⁷⁷ Ibidem.

⁵⁷⁸ GLOBO.COM. *Papa se encontrou com casal gay durante sua visita aos USA.*

⁵⁷⁹ OBSERVADOR. *Papa recebe transsexual no Vaticano.*

⁵⁸⁰ FRATES IN UNUM.COM. *Francisco lava pés de transexual a quem depois é dada a comunhão.*

⁵⁸¹ Como já vimos em vários documentos aqui apresentados, a temática da homossexualidade e maior da participação das mulheres entrou no debate do Sínodo dos Bispos em 2014 e 2015.

⁵⁸² UOL. *Mais um pastor ataca e chama discurso gay de 'diabólico'.*

está preparada para acolhê-los, garantindo espaço de fraternidade. O n.51 rejeita a equiparação ao matrimônio entre homem e mulher, como também normas inspiradas na ideologia de gênero. E finalmente o n. 52 fala da importância de se dar atenção às crianças que vivem com casais do mesmo sexo.⁵⁸³ No documento final conservou-se apenas do documento que, “[...] os homens e as mulheres com tendências homossexuais devem ser acolhidos com respeito e delicadeza”. (n.55).

Em relação à mulher, neste mesmo documento no item 8 se refere às crianças que nascem fora do matrimônio, aos divorciados e à mulher, reconhecendo a discriminação que sofrem, e a violência. “[...] Não se deve esquecer também os crescentes fenômenos de violência, de que as mulheres são vítimas, muitas vezes e, infelizmente, também no seio das famílias, e a grave e difusa mutilação genital da mulher nalgumas culturas. [...]”.⁵⁸⁴ No entanto é importante lembrar que “este documento não tem valor normativo, mas consultivo. É apenas subsídio para a Exortação Pós-Sinodal do papa que pode ou não incorporá-lo”.⁵⁸⁵

Em 9 de Dezembro de 2014 o Vaticano apresentou o documento preparatório para a XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo de 4-25 de outubro de 2015, “*Lineamenta*”, com 46 perguntas sobre a pastoral dos divorciados ou acolhimento dos homossexuais. O documento foi enviado aos setores responsáveis e após trazer as conclusões do último sínodo, fechou com algumas perguntas. Em relação à pastoral da pessoa homossexual, disse:

A cura pastorale delle persone con tendenza omosessuale pone oggi nuove sfide, dovute anche alla maniera in cui vengono socialmente proposti i loro diritti. 40. Come la comunità cristiana rivolge la sua attenzione pastorale alle famiglie che hanno al loro interno persone con tendenza omosessuale? Evitando ogni ingiusta discriminazione, in che modo prendersi cura delle persone in tali situazioni alla luce del Vangelo? Come proporre loro le esigenze della volontà di Dio sulla loro situazione? (n.55-56)⁵⁸⁶

⁵⁸³ ERDO, Péter Cardeal. *Relatio post disceptationem*.

⁵⁸⁴ *Ibidem.*, ítem 8.

⁵⁸⁵ Explicação dada em nota enviada pelo prof. Luis Correa Lima, por ocasião da minha Qualificação 2.

⁵⁸⁶ Tradução livre: “A pastoral da pessoa homossexual, hoje, coloca novos desafios, nomeadamente, devido à maneira pela qual, socialmente, são propostos os seus 40 direitos. Como a comunidade cristã volta sua atenção pastoral para as famílias que têm dentro de si pessoa homossexual? Evitando qualquer discriminação injusta, como cuidar de pessoas em tais situações, à luz do Evangelho? Como propor as suas necessidades para a vontade de Deus sobre a sua situação?” Cf. SINODO DEI VESCOVI – “*Lineamenta*” per la XIV Assemblea Generale Ordinaria: *La vocazione e la missione della famiglia nella Chiesa e nel mondo contemporaneo* (4-25ottobre 2015)Disponível em Italiano em <http://press.vatican.va/content/salastampa/pt/bollettino/pubblico/2014/12/09/0935/02013.html>. Publicado em 9/12/2014.Acessado em 7/01/2015.

Como dissemos anteriormente, o tom dos documentos da Igreja modificou-se, mas o Papa Francisco continua criticando os ‘estudos de gênero’, e em 15 de abril de 2015 o Papa Francisco voltou a falar na audiência geral sobre a ‘ideologia de gênero’ como algo usado por não se saber lidar com a diferença.⁵⁸⁷ Para ele, “visa-se apagar a diferença sexual porque não se sabe mais lidar com ela”. Para ele, a remoção da diferença é “o problema, não a solução”. Dois meses depois, ao receber os bispos de Porto Rico no Vaticano reforça a sua contrariedade e apela aos bispos da Estônia e da Letônia a “promoverem a família como dom de Deus para a realização do homem e da mulher criados à sua imagem e como célula fundamental da sociedade”.⁵⁸⁸

Enquanto no Brasil e em outras partes setores religiosos e os estudiosos em gênero debatem, e entram em confronto em termos dos rumos a serem dados à educação, a ‘violência de gênero’ mostra-se implacável, continuando a fazer vítimas no Brasil e no mundo.

Em 2015, a ONU Mulheres divulgou nota destacando que no Brasil ocorrem 50 mil estupros e 5 mil assassinatos de mulheres por ano. Chamou ainda atenção que de 1980 a 2011 a taxa de assassinatos de mulheres dobrou. A ONU Mulheres “divulga nota condenando um estupro coletivo ocorrido no Brasil, em Castelo, Piauí, de 4 adolescentes que foram alvo de violência sexista, e tiveram seus corpos violados, torturados e mutilados”.⁵⁸⁹ Não entraremos nas estatísticas, pois já o fizemos no capítulo 2.⁵⁹⁰

Em vista do número assustador de assassinatos, estupros e dos mais variados tipos de ‘violência de gênero’, em 2015, foi aprovado o Projeto de Lei 8305/14 do Senado Federal pela Câmara dos Deputados. O texto modifica o Código Penal para incluir o crime de ‘assassinato de mulher por razões de gênero’ entre os tipos

⁵⁸⁷ A linha de pensamento dos defensores da ideologia de gênero, é a defendida por Jorge Scala, Argentino, Advogado católico, que possui vários livros sobre este temática: *Gênero Y derechos humanos*; *IPPF: La multinacional de la muerte*, e lançou no Brasil *Ideologia de gênero. O neototalitarismo e a morte da família*, 2011. (Original *La ideología de género o el Género como herramienta de poder*) Neste livro o autor chama a atenção do leitor que não se deve falar de gênero, mas de sexo *porque* gênero é um contexto ideológico que procura anular as diferenças e aptidões naturais de cada sexo. Segundo o autor na ‘ideologia de gênero’ não existe um homem e uma mulher natural. O ser humano nasce sexualmente neutro e a sociedade é que constrói os papéis masculinos e femininos. A consequência é o homossexualismo, transexualismo, travestismo, adoção de crianças por duplas homossexuais, prostituição, pedofilia e aborto.

⁵⁸⁸ CENCI, Frederico. *A encíclica de Francisco diz não à ideologia de gênero*.

⁵⁸⁹ ONUBR. *ONU Mulheres condena estupro coletivo e feminicídio em Castelo do Piauí*.

⁵⁹⁰ A violência de gênero na sociedade contemporânea, cap. 2,3.

de homicídio qualificado. “A lei do feminicídio, protege a mulher, e transforma em crime hediondo o assassinato de mulheres decorrente de violência doméstica ou de discriminação de gênero”.⁵⁹¹ Para Jacira Melo,⁵⁹² esta lei foi uma vitória do movimento feminista em aliança com a bancada feminina. No Brasil, o homem não suporta que a mulher queira sair de uma relação violenta. “Essa tipificação pode intimidar fortemente os agressores que ainda veem como um crime menor”.⁵⁹³ Apesar da vitória que essa lei traz para as mulheres, devido à pressão dos grupos religiosos e dos movimentos considerados conservadores; não se consegue a extensão da lei para o grupo LGBTTI.

A XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA sobre ‘*A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*’ é realizada de 4 a 25 de outubro de 2015. O relatório final ao Papa Francisco não sugeriu modificações de cunho doutrinal, porém mais uma vez reforçou a linha pastoral do papa, de acolhida, respeito, e interesse em: - Valorizar o papel da mulher na Igreja. O n.27, diz: “Uma maior valorização da responsabilidade das mulheres na Igreja pode contribuir para o reconhecimento social do seu papel determinante: a sua intervenção nos processos decisórios, a sua participação no governo de algumas instituições, o seu envolvimento na formação dos ministros ordenados”.⁵⁹⁴ – Mostrar a importância do respeito ao diferente. O n.76, a Igreja confirma que cada pessoa, “independentemente da sua tendência sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, com o cuidado de evitar ‘qualquer atitude de injusta discriminação.’”⁵⁹⁵ - Reafirma que “não existe fundamento algum para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimônio e a família”.⁵⁹⁶ E finalmente, considera totalmente “inaceitável as Igrejas locais sofrerem pressão para introdução de leis que instituem o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo”.⁵⁹⁷

⁵⁹¹ PORTAL BRASIL. *Dilma Rousseff sanciona lei do feminicídio nesta segunda.*

⁵⁹² Jacira Melo é diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão. Graduada em Filosofia e mestre em Ciências da Comunicação, e Especialista em comunicação social e política na perspectiva de gênero e raça, é, atualmente, diretora-executiva do Instituto Patrícia Galvão. Foi uma das fundadoras do SOS Mulher em São Paulo, primeira organização de atendimento de mulheres vítimas de violência.

⁵⁹³ *Ibidem.*

⁵⁹⁴ XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo.*

⁵⁹⁵ Conforme já havia dito a CDF, 4 em 2003. Vide em *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, 4.

⁵⁹⁶ *Ibidem.*

⁵⁹⁷ XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. *Op. cit.*, 2015.

No dia 19 de março de 2016 a *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*, do Santo padre Francisco aos presbíteros, diáconos, pessoas consagradas, esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor na família, foi publicada como resposta ao caminho sinodal feito nos dois sínodos sobre as famílias. Nesta exortação as colocações foram em sua maioria bastante generalizadas, procurando sempre dar uma positividade ao que estava sendo dito, e a procura de soluções pastorais, procurando ampliar e incentivar a tomada de consciência dos fiéis.

Logo em (AL 9) o documento traz Mt 19,4 “ Não leste que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher”? E retoma o mandato do livro do Génesis: «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (*Gn 2, 24*).⁵⁹⁸ Em (AL 37) reconhece que a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, não tem servido de apoio suficiente às famílias. Reconhece também,

a dificuldade de deixar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas. Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las.⁵⁹⁹

Em (LA 52) se refere a grande variedade de situações familiares que podem fornecer certa regra de vida, mas afirma que as uniões de facto ou entre pessoas do mesmo sexo não podem ser equiparadas ao matrimónio. “Nenhuma união precária ou fechada à transmissão da vida garante o futuro da sociedade”.⁶⁰⁰ Em (AL 54) dirige-se às mulheres, registrando que apesar do reconhecimento dos direitos da mulher e sua participação nos espaços públicos, ainda é preciso avançar muito em alguns países. Destaca a violência contra as mulheres, os maus-tratos familiares, as diversas formas de escravidão. Refere-se à violência verbal, física e sexual, perpetrada contra as mulheres, a mutilação genital, a desigualdade de acesso a postos de trabalho dignos e aos lugares onde as decisões são tomadas. “A história carrega os vestígios dos excessos das culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe, mas recordemos também o «aluguel de ventres» ou «a instrumentalização e comercialização do corpo feminino na cultura mediática contemporânea»⁶⁰¹. A (AL 56) faz referência a ideologia de gêneros afirmando que ela:

⁵⁹⁸ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal. Amoris Laetitia*.

⁵⁹⁹ Ibidem.

⁶⁰⁰ Ibidem.

⁶⁰¹ Ibidem.

Nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo. Preocupa o fato de algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que “sexo biológico (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*) podem-se distinguir, mas não separar”. Por outro lado, a revolução biotecnológica no campo da procriação humana introduziu a possibilidade de manipular o ato generativo, tornando-o independente da relação sexual entre homem e mulher. Assim, a vida humana bem como a paternidade e a maternidade tornaram-se realidades componíveis e decomponíveis, sujeitas de modo prevaemente aos desejos dos indivíduos ou dos casais.⁶⁰²

De acordo ainda com a exortação (AL56) há uma diferença entre compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e aceitar ideologias que pretendam dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Segundo o Papa, “a criação precede-nos, e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada”.⁶⁰³

Na (AL 301), onde trata das situações chamadas irregulares é colocada a importância de se ter na consciência que todas as pessoas que vivem nas ‘situações chamadas irregulares’ não podem ser consideradas vivendo em estado de pecado mortal ou privados da graça santificante.

[...] Já não é possível dizer que todos os que estão numa situação chamada «irregular» vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante. Os limites não dependem simplesmente dum eventual desconhecimento da norma. Uma pessoa, mesmo conhecendo bem a norma, pode ter grande dificuldade em compreender «os valores inerentes à norma» ou pode encontrar-se em condições concretas que não lhe permitem agir de maneira diferente e tomar outras decisões sem uma nova culpa. Como bem se expressaram os Padres sinodais, «pode haver factores que limitam a capacidade de decisão»⁶⁰⁴

A exortação ainda convida aos fieis que se encontram em situações complexas a procurar uma orientação com os seus pastores e ou com leigos que vivem entregues ao senhor, pois poderão compreender melhor o que está acontecendo, e descobrir um caminho de amadurecimento pessoal.

Convido os pastores a escutar, com carinho e serenidade, com o desejo sincero de entrar no coração do drama das pessoas e compreender o seu ponto de vista, para ajudá-las a viver melhor e reconhecer o seu lugar na Igreja (AL 312). Acerca da lógica da misericórdia pastoral, o Papa Francisco afirma com força: “Às vezes custamos muito dar lugar, na pastoral, ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas

⁶⁰² FRANCISCO. *Exortação...*, 2016.

⁶⁰³ Ibidem.

⁶⁰⁴ Ibidem.

condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de aguar o Evangelho” (AL 311).

Na Encíclica *‘Laudato Si’*, do Papa Francisco, embora ele não mencione explicitamente ‘os estudos de gênero’, no terceiro capítulo, Ecologia da vida cotidiana, n.155, diz:

A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como um dom do Pai e como casa comum; já uma lógica de domínio sobre o próprio corpo se torna uma lógica às vezes sutil de domínio sobre a criação. E conclui: não é sadia uma atitude que pretenda ‘apagar a diferença sexual por não saber mais lidar com ela’⁶⁰⁵.

Apesar desta constante refutação, o Papa Francisco tem se mostrado atento e sempre procurando formas de responder a demanda da atualidade. Dessa forma, em agosto de 2016, foi possível ler, “Papa cria comissão e estudo para incluir mulheres diaconisas”.⁶⁰⁶ Segundo o Papa foi lhe dito sobre evidências que mostram a presença de mulheres diaconisas nos primeiros séculos da Igreja, e seria preciso pesquisar os detalhes. Para ele, a entrada de mulheres no diaconato iria inserir as mulheres na hierarquia da Igreja, própria do Sacramento da Ordem, já que o diaconato é considerado o primeiro grau deste sacramento.

3.6

Resumo

Neste capítulo trouxemos a trajetória do feminino da ‘Pré-história’ até a Contemporaneidade. Acompanhamos a mudança do relacionamento harmonioso entre homens e mulheres, e entre as pessoas de características femininas existente na pré-história para o relacionamento violento que se instaurou a partir da patriarcado já presente na Antiguidade clássica e na Antiguidade oriental, em Israel. Analisando algumas passagens do Antigo Testamento e do Novo Testamento tivemos a oportunidade de perceber a revolução de Jesus em relação às mulheres, e sua ação misericordiosa com o centurião, como nos mostra Pikasa. Durante a Patrística vimos que a Igreja ao expandir o cristianismo, não conseguiu levar adiante o protagonismo feminino, encarcerando as mulheres nos conventos, embora até a Idade Média, segundo Gary Macy, nos conventos, as mulheres foram diaconisas, presbíteras, e algumas atuaram como bispas.

⁶⁰⁵ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*.

⁶⁰⁶ REVA, João Gustavo. *Papa cria comissão de estudos para incluir mulheres diaconisas*.

Na Idade Média, a violência contra o feminino aumentou e assim foi gradativamente até que na Modernidade, com os ideais da Revolução Francesa, parecia que a violência iria diminuir. Entretanto, no início da Contemporaneidade, a ‘política científica da sexualidade’ colocou novamente as mulheres na esfera doméstica. As pessoas que faziam sexo entre iguais foram classificadas como ‘invertidas’, transformadas em ‘doentes’, e enviadas para os manicômios, onde sofreram todo o tipo de violência com os tratamentos realizados para cura-las. Não satisfeitas com os papéis de gênero que lhes eram impostos, as mulheres organizaram-se em movimentos de resistência contra a violência e passaram a reivindicar o direito de trabalhar, votar, e de ter certa autonomia, começando a obter conquistas.

Na metade do século XX os movimentos GLBT⁶⁰⁷ surgiram, e da mesma forma que os movimentos feministas fortaleceram-se e passaram a lutar por direitos civis, e leis de proteção. Entretanto, as reivindicações destes grupos preocuparam as igrejas cristãs, e a Igreja Católica, pois a autonomia de ação exigida pela mulher é contrária aos papéis determinado para elas, e os atos homossexuais são considerados intrinsecamente desordenados, contrários à lei natural, e fechados ao dom da vida. Em vista disso, inúmeros documentos da Igreja surgiram combatendo as reivindicações, e trazendo explicações sobre a lei natural, família, e homossexualidade. Com a entrada do Papa Francisco, o tom e o discurso da Igreja Católica mudaram, e embora o papado e a hierarquia da Igreja continuem condenando enfaticamente a valorização dada ao fator cultural em detrimento do biológico nos ‘estudos de gênero’, o Papa Francisco passou a valorizar em seus discursos a pastoral, a acolhida, o respeito ao grupo LGBTTI, e o acolhimento na Igreja aos filhos por eles adotados. Em relação às mulheres o Papa Francisco trouxe a necessidade da participação delas na linha decisória da Igreja, e aventou a hipótese de um possível retorno a um passado distante; o diaconato das mulheres. No Brasil, os movimentos feministas e LGBTTI têm apresentado vitórias consideráveis em termos de legislatura, entretanto isto não tem trazido segurança às mulheres e ao grupo LGBTTI, pois a ‘violência de gênero’ continua a crescer. Por outro lado, a Frente Parlamentar evangélica com o apoio de um grupo de parlamentares católicos trabalham exaustivamente para impedir novas conquistas, e que as leis de criminalização dos atos violentos contra o grupo LGBTTI não sejam aprovadas pelo Congresso.

⁶⁰⁷ GLBT – Quando o movimento começou a sigla usada era GLBT, por este motivo a colocaremos até chegarmos a data da troca para LGBT.

Na atualidade, quando se pensa em violência de gênero, de modo geral, embora essa abordagem desagrade a alguns, os dois movimentos estão juntos, pois a violência de gênero diz respeito ao paradigma masculino e a inferioridade feminina. De acordo com Sohiet, “a história claramente caminha para uma interpenetração que impede a abordagem isolada de cada uma destas, às quais se juntam as abordagens sobre gays/lésbicas e sobre masculinidades”.⁶⁰⁸

Ao finalizar este capítulo, percebemos que se está longe de chegar a um acordo e entendimento em diversos setores da sociedade, inclusive na Igreja Católica, sobre os estudos de gênero. Os estudiosos procuram mostrar aos críticos que embora haja visões diferentes, a grande maioria dos estudiosos não radicaliza os estudos, e aceita tanto a importância da parte biológica como a da parte cultural. Mas, estes debates com certeza ainda continuarão por muito tempo.

⁶⁰⁸ GUERELLUS, Natália de Santana; FREIRE, Sobral Rebeca. *História das mulheres*, p.124

René Girard e a violência

Quando analisamos a violência em nosso segundo capítulo, Girard esteve presente junto com outros grandes pensadores, mas como acreditamos que sua teoria seja essencial para a nossa tese, dedicaremos a ele este capítulo.

Desenvolveremos a teoria do desejo mimético, e do bode expiatório baseados na pesquisa que realizamos em livros, artigos e entrevistas de Girard, e de diversos estudiosos de sua teoria. Entre eles: - Na teologia: James Alison,⁶⁰⁹ Michael Kirwan,⁶¹⁰ Tina Beattie,⁶¹¹ Luis Carlos Susin.⁶¹² - Na literatura: João Cesar de Castro Rocha⁶¹³, e Jean Pierre Dupuis.⁶¹⁴ - E na psiquiatria: Jean-Michel

⁶⁰⁹ James Alison é teólogo católico, é padre e escritor inglês. Estudou, viveu e trabalhou no México, Brasil, Bolívia, Chile e Estados Unidos, bem como sua terra natal, a Inglaterra. Obteve o doutorado em Teologia pelas Faculdades Jesuítas de Belo Horizonte. É autor de, entre outros, *Knowing Jesus*; *Raising Abel*; *The joy of being wrong*; e *Faith beyond resentment: fragments catholic and gay*. Seu site pessoal é www.jamesalison.co.uk.

⁶¹⁰ Michael Kirwan é sacerdote jesuíta e leciona no Heythrop College, na Universidade de Londres. É membro do Colloquium on Violence and Religion, grupo internacional e interdisciplinar dedicado a explorar as implicações da teoria girardiana. Também é membro do Instituto de Estudos Ecumênicos de Praga e da Associação Teológica Católica da Grã-Bretanha.

⁶¹¹ Tina Beattie é diretora do Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing, and of Catherine of Siena College. Ambos com base na Universidade de Roehampton. Muitas das suas pesquisas focam a relação entre a tradição católica e a cultura contemporânea, particularmente na área de gênero, sexualidade e reprodução ética. Entre seus livros citamos: *God's Mother, Eve's Advocate*; and these ideas are further developed in *New Catholic Feminism: Theology and Theory*; *Theology After Postmodernity: Divining the Void*, e *The New Atheists*, and ela tem inúmeros artigos em jornais e revistas. Escreve para o *The Tablet*, *The Guardian* online.

⁶¹² Luiz Carlos Susin é frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – Estef, em Porto Alegre. É também secretário-geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Dentre suas obras, destacamos *Teologia para outro mundo possível*.

⁶¹³ João Cesar Castro Rocha é graduado em História, e mestre e doutor em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Na Universidade de Stanford, Estados Unidos, cursou Literatura comparada. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim. É professor de *Literatura comparada da UERJ* e escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos *Literatura e cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira*; e *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Com René Girard e Pierpaolo Antonello escreveu *Evolution and Conversion: Dialogues on the Origins of Culture*.

⁶¹⁴ Jean-Pierre Dupuy, nasceu em 20 de Fevereiro de 1941. é engenheiro, epistemólogo, engenheiro de minas, e filósofo. É professor de francês e pesquisador do Centro para o estudo da língua e da informação (CSLI), na Universidade de Stanford, Califórnia1. Também ensinou filosofia social, política e ética da ciência e da tecnologia até 2006, na École Polytechnique. É membro da Academia de tecnologia e da Academia Católica de França. Possui inúmeros livros, e é um estudioso em René Girard. Entre os seus livros citamos: *Pour un catastrophisme éclairé. Quand l'impossible est certain* ; *Petite métaphysique des tsunamis* ; *Retour de Tchernobyl*.

Oughourlian⁶¹⁵ e Guy Lefort⁶¹⁶, que participaram do livro “Coisas ocultas desde a fundação do mundo” com Girard.

Começaremos este capítulo com a biografia de Girard a fim de conhecermos a sua trajetória de vida, e o processo de construção da teoria mimética. Depois entraremos nos aspectos gerais da sua teoria, e no final, abordaremos a ‘violência de gênero’, fazendo uma leitura feminista teológica da teoria de Girard, onde além de reconhecer a violência, procuraremos traçar um caminho que aponte para a diminuição da violência de gênero.

4.1

Biografia e o pensamento: René Girard

Nasceu em Avignon, na França, em 25 de dezembro de 1923, e faleceu em Stanford, Califórnia, Estados Unidos, no dia 4 de novembro de 2015.

É um pensador, historiador e filólogo francês reconhecido no mundo inteiro. Suas teorias tratam do comportamento e da cultura humana, fazendo uma conexão da violência humana com o mimetismo. Para ele, o mimetismo é a origem da ‘violência humana’, fator capaz de desestruturar e reestruturar as sociedades, e ainda o fundador do sentimento religioso arcaico. “Girard define a si próprio como um antropólogo da violência e do simbolismo religioso. Alguns o consideram o ‘Darwin das ciências humanas’”.⁶¹⁷

Como “católico” cuja conversão dizia ter acontecido aos 35 anos, embora frequentasse a Igreja desde pequeno, Girard demonstrava ter consciência da importância da fé. Sua prática intelectual e a fé cristã caminharam juntas, pois foi a

⁶¹⁵ Jean-Michel Oughourlian nasceu em 20 de Agosto de 1940, é francês, neuropsiquiatra e psicólogo, escritor e filósofo reconhecido tanto na França e nos Estados Unidos pela sua colaboração com René Girard e seu trabalho sobre a teoria mimética do desejo. Desde o início da década de setenta dedicou tanto seu trabalho clínico e a sua investigação para a aplicação e o desenvolvimento das teorias Girard nos campos da psicologia e da psiquiatria psicopatologia. Ele é o autor de vários livros no qual ele desenvolveu quadro clínico de pontos de vista em torno de teoria mimética do desejo.

⁶¹⁶ Guy Lefort é neuropsiquiatra, junto com Jean-Michel Oughourlian participou do livro “Coisas ocultas desde a fundação do mundo”, de René Girard. Em seu trabalho tem procurado aplicar as teorias de Girard. Autor de outros livros, inclusive em parceria com Oughourlian.

⁶¹⁷ IHU on line. *Saiba mais... René Girard.*

partir da antropologia que chegou a Cristo. Desde então, “a Eucaristia tornou-se o ponto central de sua vida cristã”.⁶¹⁸

Filho de um curador do museu da cidade de Avignon e do Castelo dos Papas, Girard estudou no Liceu da cidade, e em 1943 entrou na École des Chartes, em Paris, onde se especializou em História Medieval e Paleontologia. Em 1947 foi para os Estados Unidos fazer o doutorado em História, na Universidade de Indiana, em Bloomington, e como precisava trabalhar para se sustentar, lecionou Literatura Francesa na mesma universidade enquanto fazia o doutorado, mas, segundo o próprio Girard, na realidade, ele não tinha lido muitos dos livros necessários para ensinar a matéria. Quando tentou colocar sua leitura em dia, lendo os clássicos romances de Stendhal e Proust, *‘Le rouge et le noir’* e *‘A la recherche du temps perdu’*, percebeu uma série de semelhanças entre os romances. O padrão simples entre os romances parecia ser algo poderoso! Algo desconcertante e real que resolveu aprofundar! Desse estudo surgiu a base da sua teoria: ‘a imitação é o mecanismo fundamental do comportamento humano’. Isso significa que as pessoas não lutam umas com as outras por causa de suas diferenças, “elas lutam porque são as mesmas e querem as mesmas coisas. Não porque precisem das mesmas coisas (alimentos, sexo, escassos bens materiais), mas querem ganhar dos outros; inveja”.⁶¹⁹

Girard “concluiu o doutorado em 1950, com a tese ‘American Opinion on France, 1940-1943’”⁶²⁰. Além de literatura e história, interessou-se por filosofia, sociologia, antropologia, teologia, e religião.

Em Bloomington, Indiana, começou a desenvolver a teoria do desejo mimético, apresentando-a em seu primeiro livro, *‘Mentira Romântica e Verdade Romanesca’* (*Mensange romantique et vérité romanesque*, 1961) “Este livro é uma discussão de cinco grandes romancistas - Cervantes, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Proust -, que teriam tido a intuição da triangularidade do desejo e a trazido para o primeiro plano de suas obras”.⁶²¹ Nesse livro há a evidenciação da triangularidade que Girard chama de ‘verdade romanesca’, contrastando-a com a

⁶¹⁸ GODOY, Edvilson de Godoy. *Enfoques do pensamento de René Girard*, p.119.

⁶¹⁹ IMITATIO. *René Girard and Mimetic theory*.

⁶²⁰ E-BIOGRAFIAS. *René Girard*.

⁶²¹ MIMÉTICOS. *Biografia*.

‘mentira romântica’, existente nas obras que omitem o ‘modelo’ ou o ‘mediador’ do desejo.

O segundo livro “*A Violência e o Sagrado*” (*La violence et le sacré*, 1972), ele apresenta o mecanismo do ‘bode expiatório’ como fundamento do sagrado. Trata-se do mecanismo da vítima expiatória que é colocado por ele como a ‘chave’ para a compreensão da gênese da cultura humana e das religiões. Para Girard, ‘as religiões pagãs’ assumem a visão dos perseguidores da vítima original, onde buscam uma vítima expiatória, acusada de ser a origem da desordem na comunidade para restituir a ordem. A partir de Jesus, ‘o cristianismo’ traz a inocência da vítima nas narrativas evangélicas, e denuncia a tentativa de transformar Jesus em um bode expiatório.

Com a colaboração de dois psiquiatras franceses, publicou o seu terceiro livro, “*Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo*” (*Des choses cachées depuis la fondation du monde: recherches, avec Jean-Michel Oughourlian e Guy Lefort*, 1978). Trata-se de uma interessante conversação sobre a teoria mimética, na qual ele elabora o seu pensamento sobre a ‘violência’ na humanidade atribuindo total importância aos textos do Antigo Testamento, apresentando uma leitura crítica da Bíblia.

A partir desses três livros, René Girard continuou o desenvolvimento da sua teoria em coletâneas de ensaios, em longas entrevistas ou diálogos, totalizando mais de 20 livros. Vários de seus livros foram traduzidos para o português. Entre eles destacamos: - *Evolução e Conversão*, com João Cezar de Castro Rocha e Pierpaolo Antonello, livro em que Girard faz uma retrospectiva de sua carreira. - *Rematar Clausewitz: Além Da Guerra*, um diálogo com Benoît Chantre, que a partir do tratado *Da Guerra*, de Carl Von Clausewitz, discute o apocalipse. - e *O Sacrifício*, 2011. Neste livro a partir da religiosidade, Girard utiliza o sacrifício contido na Bíblia e nas tradições cristãs, entra na reflexão religiosa e poderosa sobre o sacrifício na Índia védica, reunida nos Brâmanas, e finalmente discorre sobre a violência coletiva e suas finalidades em diferentes tradições.

Entre a sua obra, citamos:

- Mensonge romantique et vérité romanesque, 1961 - Dostoïevski: du double à l'unité, 1963. - La Violence et le sacré, 1972. - Critiques dans un souterrain, 1976. - Le bouc émissaire, 1982. - La Route antique des hommes pervers, 1985. - Shakespeare: les feux de l'envie, 1990. - Quand ces choses commenceront, 1994. -

Je vois Satan tomber comme l'éclair, 1999. - Celui par qui le scandale arrive, comprenant trois courts essais et un entretien avec Maria Stella Barberi 2001.- La voix méconnue du réel: Une théorie des mythes archaïques et modernes, 2002. - Le sacrifice, 2003. - Les origines de la culture, 2004. - Anorexie et désir mimétique, 2008. -Mimesis and Theory: Essays on Literature and Criticism, 1953-2005. - La Conversion de l'art, 2008.⁶²²

René Girard foi membro da Academia Francesa, e seu trabalho influenciou autores como Milan Kundera (checo) e J. M. Coetzee (sul-africano), vencedor do prêmio Nobel de literatura, em 2003. “A obra de Girard desafia a de Sigmund Freud no campo do desejo, bem como a de Claude Lévi-Strauss no que se refere à interpretação dos mitos e a de Karl Marx quanto ao determinismo econômico”.⁶²³ Nos últimos anos, René Girard dedicou-se a analisar os grandes dilemas do mundo contemporâneo trazendo novos temas, tais como: distúrbios alimentares, terrorismo e a crise ecológica, procurando esclarecer sobre o potencial da teoria mimética para o entendimento dos desafios a serem enfrentados no século XXI.

Sua teoria tem gerado diversas teses de doutorado, livros e artigos de especialistas que embora tragam o seu pensamento, possuem diferentes focos. Em nosso trabalho doutoral, traremos os principais aspectos teóricos, e faremos uma análise teológica através do olhar feminino de Tina Beattie, e outras importantes feministas, procurando descobrir questões que nos remetam às raízes subjetivas da violência de gênero.

4.2

A violência e o desejo mimético

Após termos conhecido alguns importantes aspectos da ‘vida, teoria e obra’ de Girard, iremos descortinar a teoria do desejo mimético. Como acontece, e em que o desejo mimético influencia a vida das pessoas. Por que este desejo é capaz de desestruturar e reestruturar as sociedades. Por que é considerado por Girard como o fundador do sentimento religioso arcaico. Qual é a relação do desejo mimético com a violência de gênero, e se este desejo influencia a ‘violência de gênero’, como modificar essa realidade.

⁶²² BIBLIOGRAPHIE.

⁶²³ IHU on line. *Saiba mais...*, 2012.

Para Girard, ‘a violência é proveniente do desejo mimético’. Um desejo que não é independente do grupo social a que se pertence porque o desejo provém do desejo de outros. Cada ser humano possui um potencial de violência que varia muito pouco de pessoa para pessoa, e de cultura para cultura. Um potencial que é ativado pelo desejo mimético.

De acordo com Rocha, “Eu não desejo a partir de uma subjetividade autocentrada e autotética – uma subjetividade que impõe suas próprias regras -, muito pelo contrário, desejo a partir de um outro que tomo como modelo para determinar meu próprio objeto de desejo”.⁶²⁴ Cada pessoa aprende a se comportar a partir da reprodução de comportamentos já existentes, sendo levada a adotar esses comportamentos como modelos, colocando-os em sua vida como se fossem expressões do seu próprio desejo.

Rocha explica que para Girard “desejamos através dos olhos de modelos que adotamos consciente ou inconscientemente. Somos todos autênticos personagens shakespearianos que sempre se apaixonam a partir da sugestão de outros”.⁶²⁵ Um processo que não ocorre por deliberação da pessoa (sujeito), mas por uma interdependência de imitação, do modelo (mediador), e do objeto (pode ser o próprio modelo). O que significa que os desejos e a identidade humana são adquiridos e não inatos.

Suppose that my human identity or yours, and particularly our desires, were not the product of some innate instincts, but were acquired in and through a ‘mimetic’ process – not so much by deliberate mimicking of others as by a deeper interdependent imitativeness.⁶²⁶

No entanto, “o desejo mimético é o desejo ‘real’ (...) a presença do modelo é o elemento decisivo na decisão do desejo mimético”⁶²⁷. E é na mimese que surge a rivalidade com o outro, pois quando alguém compete pelo mesmo objeto, deseja os desejos do modelo (mediador).

Kirvan ao falar sobre o mimetismo de Girard, cita Santo Agostinho: “‘Senhor, nossos corações estão inquietos até que descansem em vós!’”, e explica que, na realidade, as pessoas não sabem o que querem – e, portanto, imitam o desejo

⁶²⁴ GIRARD, René. *René Girard e o desejo mimético*.

⁶²⁵ Ibidem.

⁶²⁶ Tradução livre: “Suponha que a minha identidade humana ou a vossa, e particularmente os nossos desejos, não sejam produtos de alguns instintos inatos, mas foram adquiridos em e através de um processo ‘mimético’ - não só pelo mimetismo deliberado dos outros como também por uma profunda imitação interdependente”. Cf. FISHER, Peter. *René Girard*, p.3.

⁶²⁷ GIRARD, René. *Um longo argumento do princípio ao fim*, p.84.

dos outros”.⁶²⁸ Segundo Kirwan, a inquietude do ser humano é provocada por este não saber, e por isso a necessidade do mimetismo. O ser humano costuma, inclusive, atribuir ao objeto de seu desejo o poder mágico de transformar a existência: “quando eu tiver aquela engenhoca, aquele carro, aquela casa, aquela pessoa, aquela educação, o resto maravilhoso da minha vida vai começar. Como nenhum objeto tem esse poder, vamos caminhando de frustração em frustração”.⁶²⁹

Em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (*Mensonge romantique et vérité romanesque*) Girard parte das obras de Cervantes, Dostoiévski, Flaubert, Stendhal e Proust para estabelecer a sua teoria sobre o desejo humano. Por exemplo, no romance Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, Dom Quixote (A) quer ser Amadis de Gaula (B) (personagem herói de histórias da cavalaria), assim o imita (X), e acaba em sua loucura apropriando-se do herói da cavalaria do qual ele lia as histórias, e agindo como se fosse ele. Isto só foi possível acontecer sem que houvesse rivalidades entre Dom Quixote e Amadis porque o modelo/mediador (Amadis de Gaula) está distante, já que pertencia a outra época. Em cada aventura do romance, os objetos mudam, mas o triângulo (sujeito – modelo – objeto)⁶³⁰ permanece.

Quando a mediação é externa, diz Girard, como no caso de Dom Quixote, o modelo se encontra espiritualmente distante do sujeito mimético, e ao ser imitado, não há competição, pois não há contato com o modelo ou mediador. Quanto mais distante, maior a probabilidade de o resultado da imitação ser resolvido sem rivalidade. E mesmo quando “o mediador é imaginário, a mediação não o é”.⁶³¹ Por trás dos desejos do herói, há um terceiro. Em Dom Quixote, este terceiro é Amadis, o autor dos romances de cavalaria.

Kirwan explica a mimesis externa mostrando que Girard acredita que “desde que as diferenças sociais ou outras distinções sejam capazes de canalizar o desejo mimético, a potencialidade de conflito nunca se concretiza”.⁶³² Ele traz a imagem, usada por Girard, do triângulo isósceles, com o modelo ou mediador localizado em seu ápice, e os níveis de mediação sendo expressos na distância entre o ápice e a

⁶²⁸ KIRWAN, Michael. *Teoria mimética*, p.56.

⁶²⁹ CÂMARA, Pedro Sette. *Crítica do desejo humano*.

⁶³⁰ Embora neste trabalho doutoral tenhamos procurado não trazer ‘termos ‘apenas masculinos, os termos “sujeito – mediador – modelo” são expressões de René Girard, e em nosso trabalho usaremos da mesma forma que ele, sem colocar o símbolo feminino-masculino.

⁶³¹ GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, p.27.

⁶³² KIRWAN. *Teoria...*, 2015, p 67.

base. Para Kirwan, em uma mediação externa segura temos um triângulo alto, mostrando uma clara distância entre o mediador e o sujeito.

É importante aqui mostrar que existem exceções à regra do desejo, e não são exceções apenas aparentes. Em uma obra de arte, por exemplo, normalmente o desejo que surge é ‘o desejo de expressão’. Para Girard, isto é uma emoção estética e não um desejo. Seria o cessar de todo o desejo, retornando à calma e à alegria pela criação.

Na mediação interna, ocorre o contrário, pois o modelo está próximo do sujeito mimético. O modelo pode ser um @⁶³³ amig@, professor@, orientador@, pai, mãe, namorad@, companheir@, espos@, enfim alguém que o ‘sujeito’ admire. Girard não está se referindo, na realidade, à proximidade do sujeito desejante e do modelo/mediador, enquanto espaço físico, porque para ele, “a distância entre o mediador e o sujeito é primeiramente espiritual”,⁶³⁴ mas refere-se ao fato do sujeito desejar intensamente o mesmo objeto que o modelo.

Inicialmente, o sujeito se aproxima do modelo e estabelece uma relação de discípulo e mestre, mas em um segundo momento esta situação muda, pois se o sujeito começa a desejar o mesmo objeto do seu modelo, isto poderá tornar o modelo um rival. Este objeto pode ser físico, ou pode ser um sentimento, ou ainda um objeto metafísico. Se esta rivalidade não for suplantada surgirá à violência na relação porque a característica do desejo mimético é aquisição, apropriação. Dessa forma, quanto mais interna for à mediação, mais próxima ela será, e o resultado proveniente do desejo mimético será mais violento.

Kirwan traz o exemplo de dois amigos que desejam aprender a mesma língua, ou ler o mesmo livro, ou ouvir a mesma música. Nos casos citados, não há necessidade de conflito, no entanto, se a situação se modificar, saindo dessa possibilidade de ações conjuntas, é muito provável que surja a rivalidade. Por exemplo, “é o caso das relações sexuais, ou da disputa por prestígio social, a mimese levará à competição”.⁶³⁵

Para Girard o valor do objeto desejado tende a crescer devido à resistência da sua aquisição, e junto com ele, cresce o valor do modelo. Um leva o outro a crescer.

⁶³³ Este símbolo @ está sendo usado todas as vezes que nos referimos a alguém que pode ser do sexo feminino ou masculino.

⁶³⁴ GIRARD. *Mentira Romântica ...*, 2009, p.33.

⁶³⁵ KIRWAN. *Teoria mimética...*, 2015, p.58.

Pode até acontecer do modelo no início não desfrutar de um prestígio especial, e mesmo que o sujeito esteja alheio a tudo, “o termo prestígio recobrirá – *praestigia*: fantasmagorias, sortilégios – tudo isso vai se originar da própria rivalidade”.⁶³⁶

Kirwan explica que ao formar o triângulo (sujeito, modelo, objeto) “se o triângulo for curto, teremos a situação mais perigosa de ‘mediação interna’, em que o sujeito e o modelo estão, literalmente, perto demais para que possa existir uma convivência pacífica”.⁶³⁷ Quando ocorre a rivalidade, e o sujeito entra em competição com o modelo ou mediador pelo objeto desejado, o sujeito deseja os desejos do modelo. “Esta admiração velada do prestígio do outro, do que o outro possui, é a constatação clara de ser insuficiente. Constatação esta muito angustiante e incômoda”.⁶³⁸

Quando uma pessoa sente-se injustiçada pelo modelo (mediador), ou perseguida, ela intimamente pergunta se o modelo não teria razão para lhe recusar o objeto. A recusa do modelo parece dar a ele (modelo) um poder de autossuficiência e uma onisciência que leva a pessoa (sujeito) a desejar ter também o objeto do desejo, tornando este objeto ainda mais desejado. Se o modelo continua a lhe impedir a posse do objeto, isto a leva sentir a plenitude do Outro e o seu próprio vazio. Essa percepção não corresponde à realidade, porém o sujeito a percebe como tal. Girard a nomeia de antológica ou metafísica. “O umbral metafísico, ou, se preferirem, a passagem do desejo ‘propriamente dito’, é o umbral do irreal”.⁶³⁹

Segundo Girard, o modelo (o intermediário) não é passivo dentro deste mecanismo. O modelo encontra diversas formas para provocar o desejo do outro sobre seu objeto. Pois para ele, aquele objeto adquire valor diante do desejo de outro. “Este é o ciclo infernal do desejo. E também dos conflitos”.⁶⁴⁰

Girard explica ainda o que chama de *double bind*, trazendo como exemplo, o mestre e o discípulo. O mestre se encanta ao ver os seus discípulos o seguirem, fazendo o que ele faz, mas se a imitação for perfeita demais, surgindo à possibilidade de o discípulo ultrapassar o mestre, a atitude do mestre muda

⁶³⁶ GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, p. 345.

⁶³⁷ KIRWAN. *Teoria mimética...*, 2015, p.67.

⁶³⁸ MENEZES. Melissa Antunes de. *Entrevista-René Girard*.

⁶³⁹ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.341.

⁶⁴⁰ MENEZES. Op.cit,2009.

totalmente. O mestre torna-se desconfiado, ciumento, hostil, e fará de tudo para desestimular o discípulo. Entretanto, o único ‘erro’ cometido pelo discípulo foi ser o melhor dos discípulos. Ele admira o modelo (mediador), e por isso o escolheu como mestre, mas não consegue reconhecer os sinais de rivalidade no comportamento do mestre, porque o mestre (modelo - mediador) dissimula a verdadeira razão da sua hostilidade. De acordo com Girard, “para que exista um *double bind* mimético em sentido forte, é preciso haver um sujeito incapaz de interpretar o duplo imperativo que vem do outro como modelo – imite-me – e como rival – não me imite”.⁶⁴¹ Girard explica o *double bind*, como sendo uma teoria desenvolvida por Gregory Bateson em relação a ‘esquizofrenia’, mas ele usa o termo por estar relacionado a uma dupla mensagem contraditória.

Rocha explicita que “o vínculo *double bind* são situações marcadas por uma ambiguidade desagregadora da estabilidade emocional”⁶⁴², pois são dois comandos contraditórios. O mundo contemporâneo usa constantemente essas mensagens contraditórias. Ele cita o exemplo da propaganda que oferece modelos para serem imitados, e ao mesmo tempo há uma valorização da “inovação, cuja lógica seria a de nunca imitar”.⁶⁴³ Enfim, dois comandos: imitar e não imitar.

De acordo com Girard, o responsável por nos impedir a percepção de como funciona a mimeses na gênese do desejo é o ‘ressentimento’. O ser humano possui dificuldade de assumir que não são ‘seus’ os desejos que sente, mas são desejos de outro, do seu modelo/mediador. Isto fere o orgulho e a crença de que os desejos são originais e independentes, e a pessoa acredita que o seu desejo é anterior ao de seu rival. Por este motivo, referindo ao desejo de cada um de nós, Girard diz: “Se lhe dermos ouvidos, ele nunca é o responsável pela rivalidade: é o mediador”.⁶⁴⁴

Kirwan, ao abordar o tema do ressentimento em Girard cita um texto do filósofo alemão Max Scheler,⁶⁴⁵ publicado em 1912, onde faz uma análise completa do que significa este sentimento.

⁶⁴¹ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.341.

⁶⁴² Id. René. *René Girard e o desejo mimético*.

⁶⁴³ Ibidem., 2011.

⁶⁴⁴ GIRARD. *Mentira Romântica...*, 2009, p. 35.

⁶⁴⁵ Max Ferdinand Scheler, nasceu em 22 de agosto de 1874 (Munique) e morreu em 19 de maio de 1928, (Frankfurt am Main) foi um filósofo alemão, conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores. Scheler desenvolveu o método do criador da fenomenologia, Edmund Husserl, e era chamado por José Ortega y Gasset de "o primeiro homem do paraíso filosófico". Em 1954, Karol Wojtyła, posteriormente papa João Paulo II, defendeu sua tese sobre *Uma avaliação da possibilidade de construir uma ética cristã baseada no sistema de Max Scheler*.^[2]

Ressentimento é um veneno para a mente que tem causas e consequências bastante precisas. É uma atitude mental permanente causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que, como tal, são componentes naturais da natureza humana. Sua repressão leva à tendência constante de ceder perante certos tipos de delírios de valores e juízos de valores correspondentes. Emoções e afetos que fundamentalmente estão envolvidos são: a vingança, o ódio, a maldade, a inveja, o impulso de prejudicar e o rancor.⁶⁴⁶

Girard identifica o que Scheler disse sobre o ressentimento como ‘mediação interna’. Esta palavra enfatiza o caráter de reação do sujeito, e caracteriza a experiência do sujeito ao vivenciar este tipo de mediação. Por exemplo, em uma relação entre um funcionário que admira e sente vontade de se equiparar ao seu chefe, pode surgir um obstáculo, aparentemente injusto, imposto pelo modelo (mediador), provocando no funcionário (sujeito) um ‘ódio impotente’. Este ódio pode gerar o ‘envenenamento psicológico’ descrito por Max Scheler. Para Girard, “o ressentimento pode impor o seu ponto de vista mesmo àqueles que ele não domina”.⁶⁴⁷ Ou seja, quando ao imitar os desejos dos outros o sujeito é frustrado, ele pode ser levado ao ‘ressentimento’, e dele surgir, a violência, o ódio e a intolerância. Cabral Junior⁶⁴⁸, explica:

Há muito mais pessoas desejando as mesmas coisas, as mesmas vidas admiráveis, as conquistas dos mesmos prestígios e sucessos do que é possível ser. Logo, poucos conseguem ter e se tornar o que muitos desejam. Esta desproporção gera frustração e um forte sentido de inadequação. A partir dela, inveja, intriga pequenas rupturas comprometem a comunidade, ou a unidade social.⁶⁴⁹

Para Girard, ciúme, inveja e ódio são gerados pelo ressentimento, e por trás desses sentimentos está escondida a ‘mimeses do desejo’ e ‘as rivalidades’ que surgem da ‘triangularidade’. O ciúme e a inveja são direcionados a uma terceira pessoa: o objeto. Neste caso temos “a presença do objeto, presença do sujeito, presença daquele de quem se sente ciúme ou daquele de quem se tem inveja”.⁶⁵⁰

O ciúme’ vem da fascinação pelo modelo que se torna seu rival, e a pessoa não consegue enxergar a triangularidade porque está convencido que o seu sentimento é espontâneo. Acredita que a fascinação que sente precede a intervenção do mediador, e o sujeito não consegue perceber que o seu ciúme é fruto do obstáculo

⁶⁴⁶ KIRWAN. *Teoria mimética...*, 2015, p.83 Cf. SCHELER, Max. *Ressentiment*, p.29.

⁶⁴⁷ GIRARD. *Mentira Romântica...*, 2009, p.35.

⁶⁴⁸ Elienai Cabral Jr. é escritor, filósofo, mestre em Ciências da Religião pela UMESP, e estudioso em René Girard, com diversos artigos, e livros, cujo fundamento girardiano se encontra presente. É autor de *Salvos da perfeição*, 2009; *E se Alguém acender a luz? – Desiludir-se com crenças, reencantar-se*, 2005; *Meu pentecostalismo revisitado*, 2003.

⁶⁴⁹ JUNIOR. Elienai Cabral. *O ódio religioso e o ódio à religião*.

⁶⁵⁰ GIRARD. *Mentira Romântica...*, 2009, p.36.

que surgiu, e está dirigido ao mediador ou ao objeto do mediador porque este sentimento é percebido sempre sob o ponto de vista do próprio ciumento. Girard vê o ciúme como algo que surge influenciando o relacionamento como “um intruso, um encenqueiro, um *terzo incommodo* que vem interromper um delicioso *tête-à-tête*. Na realidade, o ciúme equivaleria à irritação que todos sentimos quando um de nossos desejos é acidentalmente contrariado”.⁶⁵¹ Ele cita o curioso fato de que são sempre as mesmas pessoas que sofrem de ciúme. O que se costuma dizer é que se trata de um ‘temperamento ciumento’ ou de ‘natureza invejosa’. Um temperamento ou natureza que possui uma irresistível propensão em desejar o que os outros desejam, em desejar imitar os desejos das pessoas que o cercam.

O outro sentimento é a ‘inveja’. Esta leva o sujeito a acreditar que é vítima da injustiça, aumentando o prestígio do mediador, que ao mesmo tempo reforça o vínculo que une objeto e mediador. Girard citando Max Scheler diz que a inveja surge do ‘sentimento de impotência’ que vem opor-se ao esforço que fazemos para adquirir aquele objeto, devido ao fato dele pertencer a outrem. A cobiça nasce quando o esforço feito para adquirir o que se deseja, fracassa, e dá lugar a um sentimento de impotência.

Para Girard, o invejoso cria para si próprio a causa do seu fracasso, e a inveja provoca uma paralisia no sujeito. Ele cria uma estrutura coerente, e procura explicá-la a partir do objeto da rivalidade, fazendo do mediador o ponto de partida da análise, assim como seu ponto de chegada.

O terceiro sentimento explicitado por Girard é ‘o ódio’. O sujeito deseja colocar o seu impulso na direção do mediador, mas o coloca em direção ao objeto, porque possivelmente o mediador possui ou deseja este objeto. Entretanto, o sujeito está fascinado pelo seu modelo (mediador), e o vê como um obstáculo que lhe propõe uma prova perversa. Dessa forma, em vez de se declarar como um seguidor, um vassalo fiel, ele repudia os laços de mediação. “Esses laços, no entanto, estão mais sólidos que nunca porque a hostilidade ‘aparente’ do mediador, longe de lhe diminuir o prestígio, não faz senão aumentá-lo”.⁶⁵² E o sujeito acredita que o seu modelo (mediador) coloca-se como superior a ele, e como tal, não o aceita como

⁶⁵¹ IBIDEM., loc.cit.

⁶⁵² GIRARD. *Mentira Romântica...*, 2009, p.34.

discípulo, surgindo desses dois contrários, ‘veneração e rancor’, o sentimento de ódio.

É importante perceber que nesta triangularidade, devido à admiração pelo mediador, o desejo é desviado para o objeto que o mediador possui ou deseja possuir, e como o objeto possui um proprietário, torna-se inacessível ao sujeito. Desta forma, ‘sujeito – mediador’ passam a ser rivais, mas como o mediador, o mesmo que despertou o sujeito para o objeto, é o único capaz de impedir que o sujeito possua o objeto, o sujeito passa a odiá-lo. No entanto, explica Girard, quando se odeia alguém, o ódio é para si mesmo, por admirar secretamente o mediador (modelo). “A fim de esconder dos outros, e de esconder de si mesmo, essa admiração desvairada, ele não quer enxergar mais em seu mediador senão um obstáculo”.⁶⁵³ Tudo que provém desse mediador é sistematicamente rejeitado, desvalorizado, ridicularizado pelo sujeito, apesar de intimamente continuar o admirando. Por outro lado, da parte do mediador, “este é agora um inimigo sutil e diabólico; procura despojar o sujeito de suas mais caras posses, contrapondo-se obstinadamente as suas mais legítimas ambições”.⁶⁵⁴

Ao falar da sua análise sobre a obra de Stendhal, Girard afirma que a fórmula stendhaliana reúne “a inveja, o ciúme e o ódio impotente”, e citando este autor associa a multiplicação destes sentimentos à necessidade de imitação do século XIX, talvez advinda do estado de espírito do romântico que estaria impregnado de ‘ressentimento’. Para Girard, o fato dos temperamentos ciumentos e as naturezas invejosas multiplicarem-se, é um indício que a mediação interna tem triunfado em um universo onde estão se ‘apagando as diferenças entre as pessoas’.

Mesmo que o vaidoso romântico não queira ser mais discípulo de outro, acreditando ser original, este individualismo esconde uma nova forma de mimetismo. “Os enfados românticos, o ódio à sociedade, a nostalgia pelo deserto, tanto quanto o espírito gregário, encobrem na maioria das vezes, nada mais que um interesse mórbido pelo Outro”.⁶⁵⁵

Em relação ao sujeito conseguir ou não alcançar o objeto desejado, Girard explica que, a vitória não muda realmente algo na vida do sujeito. Para que isso acontecesse seria necessário que a conquista ocorresse antes que a distância

⁶⁵³ IBIDEM., p.35.

⁶⁵⁴ IBIDEM., loc. cit..

⁶⁵⁵ GIRARD. *Mentira Romântica...*, 2009, p.39.

umentasse entre a ‘posse’ e tudo que ela pode trazer em termos de satisfação, prazer, gozo, além das aspirações metafísicas geradas pelo desconhecimento do mecanismo da rivalidade. Quando a distância é muito grande, a ‘posse’ do objeto desejado poderá ser tão decepcionante que ele responsabilizará o próprio objeto e ao modelo pela sua ‘posse’, sem enxergar o caráter mimético desse processo. O objeto e o modelo serão rejeitados pelo sujeito, e ele sairá à procura de um novo modelo que não o decepcione tão facilmente, podendo criar assim uma resistência insuperável que o desejo irá aspirar. “A vitória acelera a evolução para o pior. A busca pelo fracasso faz-se sempre mais hábil e erudita, sem nunca compreender a si próprio como busca pelo fracasso”.⁶⁵⁶

4.2.1

A dinâmica do desejo mimético

Ao entendermos a triangularidade que envolve o desejo mimético e o mecanismo da mediação externa e interna, percebemos que há uma dinâmica no desejo mimético. Em seu livro ‘Coisas ocultas desde a fundação do mundo’ Girard conversa com dois psiquiatras, Jean-Michel Oughourlian e Guy Lefort, e entre outros aspectos, eles debatem sobre ‘a potência constitutiva da mimesis.’ Abordagem importante que iremos conhecer.

De acordo com Girard, é preciso recusar a especificidade que a psicanálise continua a conferir ao desejo humano, e a sua ligação com a ciência. Oughourlian explica: “Existe uma especificidade relativa do desejo humano”⁶⁵⁷, mas é importante perceber que o desejo mimético encontra-se em um terreno que foi recebendo interferências miméticas e refundições simbólicas, que resultaram em “desorganizações e reorganizações miméticas, essas últimas realizando-se num crescente nível de complexidade”.⁶⁵⁸ Ele se refere a importância da cultura na vida de uma pessoa, e o quanto ela se organiza e desorganiza mimeticamente, num grau crescente de complexidade em sua vida.

Em relação ao mundo moderno, Girard afirma que o ‘desejo humano’ está associado à desagregação cultural, ao nivelamento geral das hierarquias ‘naturais’,

⁶⁵⁶ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.348.

⁶⁵⁷ Ibidem., p. 334.

⁶⁵⁸ Ibidem., p.334.

ao naufrágio dos mais respeitáveis valores. Entretanto, o mundo moderno tem conseguido sobreviver a todas as investidas do mimetismo, e retirado delas uma nova força que lhe permite voltar a se desenvolver em bases sempre “mais amplas, mais aptas a absorver e a assimilar elementos culturais e de populações que até então haviam permanecido fora de sua órbita”.⁶⁵⁹ Isto indica que ele está sendo capaz de absorver a ‘indiferenciação’ que vem ocorrendo.

Em uma entrevista para o *Le Monde*, após o onze de setembro, em 2001, Girard afirmou que a América encarna as relações de rivalidade mimética. Para ele, “The ideology of free enterprise makes of them an absolute solution. Effective, but explosive”⁶⁶⁰ Estas relações de concorrência são excelentes para quem sai vencedor, mas se os vencedores forem sempre os mesmos, de repente, os perdedores decidem virar a mesa de jogo. Esta rivalidade mimética quando se transforma em mal, seus resultados podem vir sob forma de violência. Neste caso, ‘a liberação do desejo mimético’ é de um lado, o grande orgulho do mundo moderno, e por outro, a sua grande preocupação porque de um lado estão os desejos da sociedade, e do outro lado, em oposição, encontramos os tabus culturais, os interditos culturais, e às leis de proteção dos sistemas judiciários. Entretanto: “Quanto mais os homens acreditam realizar suas utopias do desejo, quanto mais eles abraçam suas ideologias libertadoras, mais eles estão trabalhando, na realidade, para o aperfeiçoamento do universo concorrencial no interior do qual sufocam”.⁶⁶¹

Segundo Girard, os seres humanos não conseguem perceber o erro que estão cometendo, e continuam confundindo constantemente o obstáculo externo do interdito com o obstáculo interno do parceiro mimético. O pensamento moderno foi e continua sendo enganado pela mística da transgressão, na qual mesmo quando tenta escapar dela, recai. E conclui que é necessário reconhecer a função protetora do interdito diante dos conflitos que o desejo provoca.

Para Girard, o ‘desejo’ é a própria ‘crise mimética’, e é o máximo da rivalidade entre as pessoas. Isto ocorre em relação a todas as atividades privadas, “desde o erotismo à ambição profissional ou intelectual”.⁶⁶² Esta crise, segundo

⁶⁵⁹ *Ibidem.*, p. 335.

⁶⁶⁰ Tradução livre: “A ideologia da livre empresa faz dela uma solução absoluta. Eficaz, mas explosiva”. Cf. TINCQ, Henri. *What is occurring today is a mimetic rivalry on a planetary.*

⁶⁶¹ GIRARD. *Op. cit.*, p.336.

⁶⁶² GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.338.

Oughourlian, também tem crescido na sociedade devido à escassez dos recursos catárticos. Entretanto, para Girard, se quisermos inserir corretamente na cultura o que lhe pertence, é necessário adquirir os comportamentos culturais referentes a ela. Dessa forma, não é possível dispensar o ‘hipermimetismo humano’. Complementando esta explicação, Lefort diz: “É sobre o mimetismo que se funda tudo o que chamamos de aprendizagem, educação, iniciação”.⁶⁶³

Para Oughourlian, o mimetismo é o mecanismo de aprendizagem que serve tanto para os animais como para o ser humano. Na aprendizagem da linguagem, por exemplo, pela ausência de um modelo, “os surdos de nascença só conseguem com muita dificuldade reproduzir certos sons de sua língua materna”.⁶⁶⁴ De acordo com Girard, o mimetismo faz parte da aprendizagem, mas é necessário que a criança receba uma orientação para que a tendência mimética não a leve a imitar todas as condutas, sem diferenciação. Ela sozinha não consegue distinguir as condutas não-aquisitivas boas de serem imitadas, das aquisitivas que não devem ser imitadas pois levará a rivalidade.

Segundo Girard, o objeto do desejo é designado pela pessoa, no momento em que ela o deseja. Ele não surge por ser proibido por ‘lei’ como pensava Freud. Para Girard, o interdito legal é importante e necessário. Ele é dirigido a todas as pessoas ou a categorias inteiras, não sugerindo que alguém seja inferior aos demais. Já o ‘interdito não legal’ que surge na rivalidade mimética, é capaz de ferir e traumatizar uma pessoa, pois é dirigido a um indivíduo em particular, que logo o interpreta como direcionado a si próprio, de modo particular.

Em uma entrevista inédita concedida a Pierre Farge⁶⁶⁵, na Universidade de Stanford, em 2008, Girard disse que o desejo mimético, hoje, era acentuado pela globalização e o declínio do cristianismo. Ao dizer isso, cita algumas passagens bíblicas em Gênesis, onde mostra que o desejo mimético já era denunciado. São elas :

- L’histoire d’Adam et Eve avec la pomme est une chaîne mimétique évidente. - De même, l’envie dans le meurtre d’Abel et Caïn est fondateur car, immédiatement après, la loi contre le meurtre est créée : « *celui qui tue sera vengé sept fois* ». Cette loi représente la fondation de la culture, la peine capitale, le meurtre originel se répète : tout le monde y prend part et personne n’est responsable. - Enfin, le dernier commandement du Décalogue : « *tu ne convoiteras pas la maison de ton prochain, la femme de ton prochain, ni sa servante, son bœuf, son âne...* » Le commandement énumère tous les objets qu’on ne doit pas désirer, mais s’arrête car il est impossible

⁶⁶³ Ibidem., p.339.

⁶⁶⁴ Ibidem., p.340.

⁶⁶⁵ Pierre Farge é advogado e conhecido pelo seu trabalho como ativista pelas causas dos refugiados de Calais. A entrevista foi concedida à revista On line Contrepoints.

de tout énumérer. Pour ne rien omettre, il suffit de nommer le dénominateur commun : le prochain.⁶⁶⁶

Ele ainda complementa dizendo que só Jesus deve ser imitado. “Dès lors, le désir mimétique est interdit. Jésus nous recommande de l’imiter lui, plutôt que le prochain pour éviter les rivalités mimétiques, unique source de violence”.⁶⁶⁷

4.2.2

O desejo e a rivalidade

De acordo com Girard, mesmo as pessoas não conseguindo perceber como ocorre o mimetismo em suas vidas, ele continua a agir. Oughourlian afirma que, na realidade, “a diferença entre sujeito e modelo só existe em um primeiro momento, que pode ser ‘real e genético’, mas que frequentemente é ‘teórico e didático’”⁶⁶⁸.

Segundo Girard, não existem grandes diferenças entre os desejos das pessoas porque as diferenças são rupturas da reciprocidade que contêm uma parte da arbitrariedade. Na rivalidade tanto o sujeito como o modelo (mediador) ocupam todas as posições. Dessa forma, não há como diferenciar os parceiros porque o que o sujeito sente ou pensa poderá ser também encontrado no mediador (modelo). Girard explica que a indiferenciação de ‘duplos’ ocorre porque “cada pessoa imita a violência do outro, e a devolve com juros”.⁶⁶⁹ É comum, nestes casos, devido ao efeito da reciprocidade violenta, o modelo se transformar em antimodelo. O sujeito continua a desejar o mesmo objeto, porém como não há mais a transcendência do modelo, tende a repudiá-lo.

Segundo Girard, os ‘duplos’ são à reciprocidade das relações miméticas. Inicialmente pode haver diferenças, mas estas vão se apagando devido aos esforços que são feitos, recaindo nos duplos. Cada um responde a violência do outro.

⁶⁶⁶ Tradução livre: “A história de Adão e Eva é uma cadeia mimética evidente. - Igualmente, a inveja no assassinato de Abel; Caim é fundador, pois, imediatamente depois, a lei contra o assassinato é criada: ‘aquele que mata será punido sete vezes’. Essa lei representa a fundação da cultura, a pena capital, o assassinato original se repete: todos tomam parte nele e ninguém é responsável. - Enfim, o último mandamento do Decálogo: ‘não cobiçarás a casa do teu próximo, a mulher do teu próximo, nem sua serva, seu boi, seu jumento’... O mandamento enumera os objetos que não devem ser desejados, porque é impossível enumerá-los todos. Para não omitir nada, basta nomear o denominador comum: o próximo”.⁶⁶⁶ Cf. FARGE, Pierre. *René Girard*.

⁶⁶⁷ Tradução livre: “o desejo mimético é proibido. Jesus recomenda que o imitemos e não o próximo para evitar as rivalidades miméticas; única fonte da violência”.⁶⁶⁷ Cf. FARGE. *René Girard*, 2015.

⁶⁶⁸ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.349.

⁶⁶⁹ *Ibidem*, p.350.

O crescimento do conflito leva o objeto a tornar-se cada vez mais importante para os dois rivais. É comum os expectadores perceberem que, na realidade, não está mais se lutando pelo objeto de desejo, e sim pela fixação no obstáculo que cada adversário tem com o outro, mas os adversários jamais percebem o jogo. As justificativas para cada rival são diversas, as mais comuns: honra, prestígio, e dignidade. Entretanto, para Girard, o que está ocorrendo é a ‘violência metafísica’, onde cada um tem o desejo do ser do outro.

Como já vimos anteriormente, a existência dos rivais e dos obstáculos que surgem na vida das pessoas é ocasionada pela imitação do desejo. Quem deseja não compreende a razão pela qual o modelo se torna um obstáculo, mas sabe que isto aconteceu. Entretanto, em vez de procurar entender a razão dos seus fracassos em relação a todos os desejos possíveis e imagináveis, o sujeito, na escolha dos desejos, procura se guiar por rivais imbatíveis, irredutíveis, e desejos que visam objetos que não podem ser possuídos. Isto significa que o desejo mimético primeiro transforma os modelos em obstáculos, e em seguida, os obstáculos em modelos. Como exemplo, citamos pessoas que são constantemente atraídas por pessoas comprometidas (noivas, e casadas.)

Para Girard, a rivalidade pode acontecer com qualquer pessoa. Alison explica que o desejo possessivo ou rivalístico é o normal, ninguém consegue viver sem rivalidade, pois até a construção da nossa identidade se dá por contraste com os outros. “A grande dificuldade é a possibilidade de uma emulação, uma imitação não rivalística”.⁶⁷⁰

Alison enfatiza que o desejo é mimético, independente do objeto. Isto significa que não importa sexo, gênero, cultura, e etnia. “Uma pessoa pode desejar a outra de forma ‘rivalista’ ou ‘não rivalista’. O desejo ‘não rivalista’ é o desejo pacífico, aquele que é de imitação sem essa necessidade de ‘agarrar’”.⁶⁷¹ É possível vencer a ‘rivalidade’, aprendendo a ter a outra pessoa não como um objeto a ser ‘preso’, mas para fazê-la crescer, frutificar. Segundo Alison, a importância do pensamento de Girard está em distinguir entre o desejo ‘possessivo/rivalístico’, por um lado, e o desejo ‘pacífico/criador’, por outro.

Socialmente cada um de nós pode eleger modelos, ou seja, podemos ser sujeitos que elegem modelos, e sermos os modelos para outras pessoas. Dessa

⁶⁷⁰ ALISON, James. *Uma fé para além do ressentimento*.

⁶⁷¹ ALISON. *Uma fé para além...*, 2012.

forma, “nas inúmeras relações que se formam, existirão relações de admiração que poderão se transformar em desapontamento, rivalidade, e até ressentimento, pois teremos diversos sujeitos desejando os mesmos objetos e competindo por eles”.⁶⁷² E teremos outras tantas relações que conseguem não deixar a rivalidade dominar, e entendendo o mecanismo do desejo mimético, podem ter relações pacíficas, onde há respeito e o desenvolvimento de cada pessoa envolvida na relação.

Segundo Girard “o indivíduo não é assassino em sua natureza e, sim, o coletivo. As descobertas coletivas são perigosas em vários aspectos do desenvolvimento humano”.⁶⁷³ De acordo com Rocha, por motivos didáticos os exemplos das relações triangulares rivalísticas são sempre pessoais, ou seja, o desejo mimético surge ‘na relação do sujeito com o modelo’, no entanto, é importante ser colocado que esse tipo de relação, sempre ocorre em um grupo social, ou seja, é coletivo. Se em um primeiro momento, a rivalidade em uma relação pessoal afeta apenas o sujeito e seu modelo, com consequências limitadas, em um segundo momento, essas relações começam a se expandir, pois se trata do desejo mimético. “A violência não pode senão disseminar-se, contagiando todo o grupo”.⁶⁷⁴ Se isto acontecer, devido a grande quantidade de rivalidades e conflitos, a sociedade ficará ameaçada de desagregação. Se esses conflitos não possuírem nenhuma forma de controle institucional, como era a situação dos primeiros grupos de homínídeos, antes da existência da cultura, isso poderá gerar a desintegração social.

A antropologia de Girard revela que o ser humano vive, hoje, um dilema moral entre o bem e o mal, e entre a violência e a razão. “Primeiro cumpria-se os preceitos morais sem questionamentos, depois foi à vez da consciência da obrigação moral como liberdade e responsabilidade, caminho que começa com uma primeira renúncia à violência”.⁶⁷⁵

No livro *Eu via Satanás cair do céu como um raio*, Girard identifica Satanás com o desejo mimético, no qual ele é o “sujeito ausente das reciprocidades violentas, cuja escalada pode atingir a crise de indiferenciação que só se apazigua com o assassinato de vítimas aleatórias”.⁶⁷⁶ Ele apresenta dois tipos de violência; -

⁶⁷² REYES, Júlia. *A vítima expiatória redescoberta*.

⁶⁷³ MENEZES. *Entrevista* - René, 2010.

⁶⁷⁴ ALISON. *Op cit.*, 2012.

⁶⁷⁵ CHERUBIN, Felipe. *René Girard*.

⁶⁷⁶ GIRARD, René. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*, p. 94.

a ‘violência sacrificial’ onde se percebe o mal como algo que vem de fora, - e a violência ‘não sacrificial’, que é o entendimento de que o mal está dentro. Segundo Girard, quando não se consegue fazer esta diferença, a violência se propaga.

Em *Rematar Clausewitz: além da Guerra*, Girard analisa a violência atual, e afirma que a ascensão da violência está tão forte que pode chegar a um descontrole total. Aliás, para ele, hoje, este descontrole já está acontecendo em escala planetária, “o que revela inequivocamente a encruzilhada a que a humanidade chegou”.⁶⁷⁷

Girard aponta para a chegada do ‘apocalipse’, e diz que este é o momento no qual poderemos ter o ‘descontrole completo da violência’, ou a esperança de uma via totalmente nova de convivência. Para sermos ‘a esperança e a vida nova’, precisaremos, antes de tudo, reconhecer ‘o mimetismo e a reciprocidade’ que nos contagia. O contágio mimético já se disseminou, e não se trata mais do controle de decisão referente a uma pessoa. A ‘conversão’ que Girard indicava como solução parece não ser mais possível, pois converter-se seria aceitar os limites da ‘mediação externa’, renunciando o apoderar-se do objeto do desejo. Entretanto, “em um mundo dominado pela mediação interna, tal opção se encontra cada dia mais distante”.⁶⁷⁸ Porém, “teremos que promover a própria extinção ou aprender a lidar com o conflito que constitui a fábrica do humano – mimeticamente concebido”.⁶⁷⁹ Para isso, só há uma forma, ‘a compreensão de suas leis’. É preciso que entendamos os riscos do mimetismo de modo a buscarmos uma verdadeira identificação com o outro.

Segundo Girard, inúmeras sociedades arcaicas foram destruídas por não conseguirem acabar com a ‘espiral da violência’. Só a reconciliação paradoxal tornou-se possível e eficaz.

Se todos os homens que desejam a mesma coisa nunca se entendem, já os que odeiam em conjunto o mesmo adversário entendem-se muito facilmente, de certo modo, este entendimento é aquilo a que chamamos ‘política’! É por isso que eu chamo ao mecanismo da vítima unitária, o mecanismo do bode expiatório.⁶⁸⁰

Em seu livro, *Dieu, une invention?*, traduzido por uma editora portuguesa, como o título de *O bode expiatório e Deus*, Girard diz que apesar de nos animais, as rivalidades acabarem em combate, tais combates não são mortais porque este termina antes da morte de um dos animais. O mais fraco, de modo geral, submete-

⁶⁷⁷ GIRARD, René. *Rematar Clausewitz*, p.18.

⁶⁷⁸ Id. *René Girard e o desejo...*, 2011.

⁶⁷⁹ Id. *Rematar...*, 2007, p.18.

⁶⁸⁰ Id. *O bode expiatório e Deus*, p. 6.

se ao mais forte porque o mimetismo entre animais não é tão forte. Com o homem é diferente, pois o combate mimético pode ser infinito, e se chegar ao que chama da primeira invenção humana: a vingança.

Para ele, a espécie humana ainda existe porque a ‘vingança’ não foi tolerada, porém na atualidade, os instrumentos da vingança são extremamente poderosos, colocando a espécie em perigo. “A vingança sem fim é uma contradição viva, pois é proibida em toda a parte devido a poder destruir a sociedade, e a vingança é um esforço para por fim à vingança”.⁶⁸¹

4.3

A violência e o sacrifício

Refletindo sobre as inúmeras formas de rivalidades que Girard repensou no contexto dos conflitos de hominídeos, Rocha nos diz que, inicialmente, os hominídeos formavam grupos, mas não existiam instituições formalizadas, organização ou mediação externa. Não havia estado constituído, e nem uma religião formalizada. Os grupos eram apenas dominados pelo desejo mimético, que sem um interdito, ou seja, um mecanismo externo de controle da violência poderiam se tornar cada vez mais e mais violentos.

Neste contexto, Girard destaca a ‘vingança’ e o ‘ressentimento’ como as primeiras formas de instituição não formalizadas, e “capazes de gerar, dentro do triângulo, sujeito, mediador e objeto, uma rivalidade tão forte que as pessoas são capazes de se esquecerem do objeto para se agredirem mutuamente”.⁶⁸²

Segundo Rocha, “há um instante em que o grupo social pode literalmente desagregar-se pelo aumento da violência endogâmica,⁶⁸³ ou seja, da violência puramente interna”.⁶⁸⁴ Há ainda a possibilidade de as pessoas serem influenciadas pelo rival, esquecendo o seu próprio rival para adotar o rival do vizinho, que parece ser mais interessante. Neste caso, o magnetismo do outro se revela superior ao da própria pessoa, e a força de atração poderá ser maior tanto maior for o prestígio ou o número dos adversários. Segundo Girard, "El escándalo entre los individuos son

⁶⁸¹ Ibidem., p.5.

⁶⁸² REYES, Júlia. *O desejo mimético redescoberto*.

⁶⁸³ Endogâmica – pertencem ao mesmo grupo familiar, social, étnico, religioso.

⁶⁸⁴ ALISON. *Uma fé para além...*, 2012.

como pequeños arroyos que desembocan en los grandes ríos de la violencia colectiva".⁶⁸⁵ Dessa forma, se as pessoas vierem a se unir para perseguir a mesma vítima, poderão saciar, embora de um modo imperfeito a sua sede, encontrando, entre tantas divergências, algo que possa ser convergente com os demais. “Neste caso, chegará um momento em que toda a comunidade estará do mesmo lado contra um único indivíduo, do qual, no fim de contas, não se sabe por que foi escolhido”.⁶⁸⁶

De acordo com Girard, a primeira pessoa a agredir sempre encontrará dificuldade, por não ter um modelo para seguir. “Sin embargo, se ocupó el primer golpe, los otros miembros del grupo tienen que imitar, y a partir de entonces, todos los que sienten contra el "chivo expiatorio", alentándolos a formar cada otros”.⁶⁸⁷ Após, então, a morte da vítima sacrificial, a paz é restaurada tanto no plano individual como no coletivo, e a sociedade, finalmente, vê-se unida em prol de uma causa em comum.

Girard cita o mito de Édipo, onde se acredita ter descoberto o culpado da crise: Édipo. Entre outras coisas, Édipo, é aquele que tem todas as características para ser a vítima. Ele é um ‘defeituoso’, um homem diferente dos outros. Não conhece a sua origem, a sua família, assim não haverá alguém para vingar o que foi feito com ele, e poderá ser a vítima. Aquele que morrerá pela mão de todos, pois todos estarão transferindo a violência presente na sociedade para ele. “É o linchamento unânime”⁶⁸⁸. Linchamento que pode ser encontrado em todos os textos religiosos e com destaque, mas que é produzido pelo mimetismo e não pela culpabilidade real da vítima.

Através desta vítima, a comunidade volta à calma, e com toda a raiva liberada, e esvaziada a vítima que era tão má que chegou a ser linchada, “passa a ser considerada muito boa a partir do momento em que a sua morte reconcilia a comunidade”.⁶⁸⁹ O próprio deus arcaico, torna-se ao mesmo tempo, muito bom e muito mau. E por traz desse deus encontra-se o ‘mecanismo do bode expiatório’.

⁶⁸⁵ Tradução livre: "os escândalos entre os indivíduos são como pequenos riachos que fluem para os grandes rios da violência coletiva". Cf. GIRARD, René. *Veio a Satan caer como el relámpago*, p. 43.

⁶⁸⁶ GIRARD. *O bode expiatório...*, 2009, p.7

⁶⁸⁷ Tradução livre: “Entretanto, desferido o primeiro golpe, os demais membros do grupo terão a quem imitar, e, a partir de então, todos se lançarão contra o ‘bode expiatório’ encorajando-se de forma mútua”. Cf. GIRARD. *Veio a Satan...*, 1999. p. 44.

⁶⁸⁸ GIRARD. *O bode expiatório...*, 2009, p.7.

⁶⁸⁹ *Ibidem.*, loc. cit.

Para Girard, nas sociedades arcaicas, o deus é sempre culpado, mau, perigoso, e maldoso. Entretanto, este deus de vez em quando se transforma num salvador, e decide salvar a comunidade que vai, então, prestar-lhe culto para que ele fique favorável a cada pessoa do grupo.

Para Girard, este processo foi o ‘fundador da cultura’, instituído através da passagem da indiferenciação, ‘todos contra todos’, para a diferenciação social ‘todos contra um’. Essa formalização trouxe ainda a centralidade do fenômeno religioso na formação da cultura, onde os ritos e mitos originários foram formas de se elaborar o mecanismo matriz da cultura humana. Por isso, a violência e o sagrado são inseparáveis.

Em seu livro *‘A violência e o sagrado’*, Girard aborda este tema, e mostra que o desejo desencadeia a crise mimética, e esta caracteriza o humano. Mas, após a primeira solução dada, vem à segunda crise, e assim por diante, devido ao mimetismo.

Para Girard existe uma espiral de violência, difícil de ser evitada, e para que essa violência não chegue ao extremo, usa-se o mecanismo do ‘bode expiatório’. Esse mecanismo inicialmente era aleatório, mas como a crise mimética teve continuidade, ele precisou ser usado novamente, tornando-se um mecanismo civilizador, pois “propicia o aparecimento da cultura humana – no momento em que deixa de ser fruto do acaso, e pelo contrário, conhece um primeiro nível de formalização”.⁶⁹⁰

Segundo Girard, este controle da violência foi importante para que a cultura humana tivesse uma base sólida, e progressivamente pudesse ser formalizada em grupos hominídeos capazes de manter o controle da violência mimética. E foi essa formalização do mecanismo do bode expiatório que trouxe a centralidade do fenômeno religioso na cultura.

Na apresentação do livro *A violência e o Sagrado*⁶⁹¹, tradução em português, Edgar de A. Carvalho⁶⁹² explica que “a função do sacrifício seria, assim, apaziguar a violência e impedir a explosão de conflitos decorrentes de rivalidade cada vez mais crescentes”.⁶⁹³ Para ele, a violência original seria a pedra angular do pensamento girardiano que explicita um jogo diabólico necessitado da

⁶⁹⁰ REYE. *A vítima expiatória...*, IHU, 2015.

⁶⁹¹ *La violence et le sacré*(original).

⁶⁹² Edgard de Assis Carvalho é doutor em Antropologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, pós-doutor pela Ecole des Hautes Études e Sciences Sociales - EHESS, na França, e livre docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp.

⁶⁹³ GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*, p.7.

intermediação de heróis míticos, deuses e ancestrais divinizados, aos quais são atribuídos a chegada ao mundo da violência. Entretanto, “a violência é de todos e está em todos”.⁶⁹⁴ De acordo com Carvalho, mesmo que na contemporaneidade o sistema judiciário procure racionalizar a ‘vingança’ que existe no sistema social, parece impossível não ter que se usar a violência para liquidá-la, e é isto que a torna interminável.

Para Mauleon,⁶⁹⁵ em um ritual mata-se em nome de Deus ou deuses para agradar a este Deus ou deuses, e obter o que deseja e a salvação. Em um contexto de secularização, a dinâmica é a mesma. “Uma dinâmica perversa quando matamos em nome da pátria ou de outro referente humano sacralizado. A lógica do sacrifício não mudou, e podemos vê-la acentuada nos campos da política e da economia”.⁶⁹⁶ Para ele, tanto a prática nazista como o atual jihadismo são expressões sacrificiais.

Para Girard, o sacrifício pode ser visto de duas formas, algo muito sagrado, ou uma espécie de crime, e aquele que o comete se expõe a riscos igualmente graves. A vítima é vista como sagrada, e é criminoso matar a vítima por ser sagrada. Entretanto, se a vítima não fosse morta, não seria sagrada. Segundo Girard, essa ambivalência do sacrifício é uma questão importante que até hoje não foi resolvida.

O desejo da violência possui certa duração, não sendo um simples reflexo de estímulos cujos efeitos desaparecem quando o estímulo deixa de agir. “Este desejo, uma vez despertado, produz certas mudanças corporais que preparam os homens para a luta”.⁶⁹⁷ Dessa forma, é mais difícil acabar com o desejo de violência do que desencadeá-lo, principalmente na vida normal da sociedade.

A violência é irracional, mas ela sempre encontra boas razões quando quer irromper. Entretanto, a própria violência vai deixar as causas que a gerou de lado, logo que o objeto ‘visado’ sair do alcance, e continuar a provocar a violência. E assim, ela acabará encontrando uma ‘vítima alternativa’. Aquela que incitava a raiva, e o ódio, é substituída por outra, que na realidade, não possui uma característica para atrair a ira do violento, mas é alguém vulnerável, e está ao alcance. Segundo Girard, “a sociedade procura desviar para uma vítima

⁶⁹⁴ Ibidem., p.9.

⁶⁹⁵ Xabier Etxeberria Mauleon é espanhol, professor emérito da Universidad de Deusto – Espanha e doutor em Filosofia pela mesma universidade. Entre suas publicações estão *La educación para la paz reconfigurada. La perspectiva de las víctimas; La construcción de la memoria social: el lugar de las víctimas*.

⁶⁹⁶ MAULEON, Xabier Etxeberria. *A prática do sacrifício, hoje, é a prática da barbárie*.

⁶⁹⁷ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.12.

relativamente indiferente, uma vítima ‘sacrificável’ uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo”⁶⁹⁸. Para ele, não se deve relacionar a vítima potencial com a vítima sacrificial em termos de culpabilidade e inocência. Na realidade, não há nada a ser ‘expiado’. Para Girard, só é possível ludibriar a violência se lhe dermos uma válvula de escape, algo que ela possa devorar.

Girard faz uma menção ao texto bíblico do Antigo Testamento, de Caim e Abel,⁶⁹⁹ tentando explicar a substituição. Ele diz que Caim cultiva a terra e oferece os frutos da sua colheita, e Abel, que é pastor, sacrifica o primogênito do seu rebanho e oferece a Deus. Segundo Girard, ao dizer que Deus acolhe os sacrifícios de Abel e não de Caim, em outra linguagem está se dizendo que Caim mata o irmão e Abel não. “O carneiro primogênito morto por Abel era uma vítima sacrificial que aplacava a violência de Abel”.⁷⁰⁰ Ele teve um substituto para desviar a raiva do irmão, mas Caim não, então, ele mata o irmão. “Os ciúmes que Caim sente em relação a seu irmão são inseparáveis da privação da válvula de escape sacrificial que define o personagem”.⁷⁰¹ No entanto, Caim permanece vivo, e esta é a inversão sacrificial que vai criar um novo modelo na história.

Ninguém pode vingar Abel, fazendo correr o sangue de Caim, pois também este foi ‘sacrificado’ para que a sociedade fundada possa prosseguir fora do círculo infernal da violência que gera violência; existe aqui uma heterorregulação (mandamento divino que vem de fora) da sociedade que impede essa vingança. A vítima sacrificada é agora vítima “santificada”, i.e., separada, ‘ermada’, posta à parte.⁷⁰²

Outro exemplo que traz Girard é a passagem bíblica da bênção de Jacó por seu pai Isaac.⁷⁰³ Quando Isaac, já velho, quer abençoar o seu filho mais velho, manda que ele cace e lhe traga um ‘prato suculento’. Jacó, o caçula, escuta e fala com sua mãe, Raquel, que é favorável a sua bênção, e não a do irmão. Raquel escolhe dois cabritos do rebanho e prepara o prato, e oferece a Jacó, fingindo ser Esaú. Embora Isaac fosse cego, Jacó tinha medo que seu pai quando o tocasse para dar a bênção, descobrisse que ele não era Esaú, pois este era mais peludo que ele.

⁶⁹⁸ Ibidem., p.14.

⁶⁹⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006, Gn 4, 1-16

⁷⁰⁰ REYE. *A vítima expiatória...*, 2015.

⁷⁰¹ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.15.

⁷⁰² MERUJE, Márcio; ROSA, José Maria Silva. *Sacrifício, Rivalidade Mimética e Bode Expiatório em René Girard*, p.164.

⁷⁰³ BÍBLIA..., 2006, Gn 27,1-29.

Raquel então, cobre a sua pele com a dos cabritos, e Isaac quando o toca, confunde-o com Esaú e dá-lhe a bênção.

A explicação dada por Girard é a de que os cabritos são usados para enganar o pai de duas formas diferentes. A primeira é para ser abençoado e não amaldiçoado. A pele do animal o substitui. O animal é sempre colocado entre o pai e o filho, evitando ainda os contatos diretos que poderiam desencadear a violência entre os dois. Explica Girard, “temos dois tipos de substituição repercutindo uma sobre a outra: a de um irmão por outro e a do animal pelo homem. O texto só reconhece explicitamente a primeira que, de alguma forma, oculta a segunda”.⁷⁰⁴ Entretanto, a pele de carneiro, disfarce de Jacó, faz parte da dinâmica do sacrifício, na qual um animal é morto para evitar um mar de violência recíproca. O texto bíblico “pretende revelar um fenômeno de substituição, mas um segundo permanece semioculto sob o primeiro. É provável que este texto contenha o mito fundador do sistema sacrificial”.⁷⁰⁵

Em um terceiro exemplo, Girard traz a *Odisséia*.⁷⁰⁶ Como só o rebanho de Cíclope podia sair da caverna, Ulisses veste uma pele de carneiro, engana Cíclope, que acredita que ele era um animal do seu rebanho, e escapa da caverna. Mais uma vez o animal substitui o humano.

Analisando a histórica bíblica de Jacó e a história de Ulisses, em *Odisséia*, Girard afirma que nas duas situações, o animal, no momento mais importante, foi interposto entre a violência e o ser humano. E embora Gênesis não mostre claramente a ameaça que existe em relação ao herói, “tanto a imolação dos cabritos, assim como a oferenda do prato suculento desvelam um caráter sacrificial que talvez não fosse percebido na ovelha da *Odisséia*”.⁷⁰⁷

Em seu livro *La ruta antigua de los hombres perversos*, Girard trabalha a história de Jó, o que foi imprescindível para a comprovação de suas intuições. Girard entende que Jó foi a primeira vítima expiatória do Antigo Testamento. Entretanto, ele não se intimida diante dos perseguidores, exige justiça, mostrando ainda desejar saber as razões para a sua condenação. Finalmente, reage à intransigência dos condenadores, exigindo um encontro com Deus para provar a

⁷⁰⁴ GIRARD. Op. cit , p.16.

⁷⁰⁵ Ibidem., p.17.

⁷⁰⁶ ROMERO. *Odisseia*. (Em versos)

⁷⁰⁷ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.17.

sua inocência. Apesar disso, Girard reconhece que em Jó, o mecanismo do Bode Expiatório não se concretiza porque a vítima acaba por desmascarar a multidão e prova a sua inocência.

Segundo Girard, a operação sacrificial, “exige certo desconhecimento”⁷⁰⁸, pois as pessoas não reconhecem o papel que possui a violência. Mas, quando elas têm conhecimento: “tomam tal vítima por um verdadeiro culpado”.⁷⁰⁹ Apesar desta contradição Girard considera o sacrifício eficaz, mas um mecanismo que pouco a pouco vai perdendo sua razão de ser, embora as sociedades arcaicas operem com ele.

De acordo com Susin, não é a religião que gera violência. A violência sacrificial acontece para apaziguar o conflito dos desejos, de modo a impedir a expansão da violência. “É necessário apelar a algum princípio sagrado, à divindade, ainda que seja a pátria, a empresa ou um bem qualquer como um tênis de grife. Só um deus justifica que se corram riscos que podem derivar para a morte: expor-se à morte ou matar, mandar morrer ou mandar matar”.⁷¹⁰ Entretanto Susin reconhece que em um segundo momento, após se transferir a violência praticada para a divindade, de forma sacrificial, ela é feita em nome desta mesma divindade. A violência da religião seriam os sacrifícios necessários para a satisfação de justiça, para a nossa salvação.

Para Girard, ‘vingar-se’ é devolver ao adversário a violência que ele já nos prodigalizou. É, portanto, o assassinato. O ‘sacrifício’ existe para conter a violência provocada pelas tensões miméticas, e ele traz uma única vítima, capaz de aplacar todas as violências da rede de rivalidades sociais pela morte ou sacrifício de uma pessoa ou de um animal.

Embora haja uma lista de sacrifícios e ritos excêntricos ligados ao aspecto religioso, há um denominador comum sobre a eficácia sacrificial que ultrapassa o religioso, e é visível e preponderante quanto mais viva for esta instituição. Esse denominador é a violência intestina, que são: “as desavenças, as rivalidades, os ciúmes, as disputas entre próximos, que o sacrifício pretende inicialmente eliminar;

⁷⁰⁸ Ibidem., p.18.

⁷⁰⁹ GIRARD. *O bode expiatório...*, 2009, p.8.

⁷¹⁰ SUSIN, Luis Carlos. *A semântica do sacrifício na obra da salvação*.

a harmonia da comunidade que ele restaura, a unidade social que ele reforça. Todo o resto decorre disto”.⁷¹¹

Segundo Girard, os grandes textos chineses dão ao sacrifício a função da qual se falou acima. “Graças a ele, as populações permanecem serenas e não se agitam. Ele reforça a unidade da nação (Ch’uyü, II, 2)”⁷¹² O livro dos ritos diz que “os sacrifícios, a música, os castigos e as leis têm uma única finalidade: unir os corações e estabelecer a ordem.”⁷¹³

Girard chama a atenção que nos sistemas judaico e na Antiguidade clássica as vítimas eram ‘quase sempre animais’. Já em outros sistemas, quando os seres humanos encontram-se ameaçados pela violência, eram substituídos por outros seres humanos.

Os sacrifícios são inerentes e essenciais a toda religião. Não há religião onde não haja algum tipo de sacrifício. Na realidade, toda cultura humana se baseia em uma noção de sacrifício. “O sacrifício é a instituição primordial da cultura humana. Ele está enraizado no mimetismo, mais intenso nos seres humanos do que nos animais mais miméticos, portanto, mais conflituoso”⁷¹⁴. Razão pela qual encontramos o ‘rito sacrificial’ tanto nas religiões antigas como na Bíblia, e o sangue como elemento primordial em um sacrifício. Em Levítico encontramos: “Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma”.⁷¹⁵

Em Israel existiam 3 tipos de sacrifícios:

- 1 - A oferta das primícias, (por ex. Dt. 26, 1) e dos primogênitos, no qual os primogênitos humanos são substituídos por um animal (Ex. 13,11- 16).
- 2 - Holocaustos e sacrifícios de comunhão (Lv. 3). Eram ritos de louvor – todah – (Lv.7,11- 15). Ofereciam-se produtos vegetais ou animais comestíveis e o sentido é de que o fiel participa de uma refeição sagrada.

⁷¹¹ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.19-20.

⁷¹² Ibidem., p.20.

⁷¹³ Texto citado por A.R. Radcliffe-Brown. Cf. Ibidem., p.20,

⁷¹⁴ GIRARD, René. *O Sacrifício*, p. 93- 94

⁷¹⁵ BÍBLIA..., 2006, Lev. 17,11.

3 - O sacrifício pelos pecados e os sacrifícios de reparação (Lv. 4,1 – 5, 26). Esse tipo de sacrifício só aparece tardiamente no Código Sacerdotal, a partir do século V antes de Cristo, e foi o tipo de sacrifício mais criticado pelos profetas que diziam: Deus quer a misericórdia e a obediência e não os sacrifícios (Os. 6,6; Mq. 6,6- 8, Jr.7).⁷¹⁶

Em relação a Jesus, e depois com o cristianismo, o Novo Testamento nos mostra um esforço anti-sacrificial, pois Jesus morreu para abolir todos os sacrifícios. O sacrifício de Jesus foi por amor a nós, e como já no Antigo Testamento Oseias dizia, e depois foi repetido por Mateus: “Misericórdia quero, e não sacrifícios”.⁷¹⁷

Girard afirma que na atualidade há grande dificuldade em compreender a função e a lógica do sacrifício, porque o sacrifício sempre foi definido como uma mediação entre um sacrificador e uma divindade. A aplicação do mecanismo do sacrifício seria para aplacar a fúria de um deus, que reclama suas vítimas. Ele não vê por este prisma, sendo necessário perceber as tensões que existem nesta operação, e que são inerentes a ela. Faz-se necessário encontrar as relações conflituais dissimuladas e apaziguadas pelo sacrifício e o rito.

Para ele, “nas sociedades desprovidas de sistema judiciário, e por isso mesmo ameaçadas pela vingança, o sacrifício e o rito, em geral, devem desempenhar um papel essencial”.⁷¹⁸ O sistema judiciário e o sacrifício tem a mesma função, sendo o primeiro mais eficaz, porém para isso deve ter um poder político forte, o que é perigoso, pois pode servir tanto a opressão como a libertação. Girard acredita que o sistema judiciário nunca funcionou como deveria, mas se houver a ausência de uma renúncia voluntária e unânime a qualquer violência, o melhor sistema a ser usado seria o judiciário.

⁷¹⁶ BARROS, Marcelo. *Entre o ser e o não ser*. Teologia anti-sacrificial e sacrifícios nas religiões populares. PARALELLUS Rev. Eletrônica em Ciências da Religião Recife: Unicap. Recife, Ano 3, n. 6, jul./dez. 2012, p. 205-216. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/viewFile/216/210>. Acesada em 12/07/2016.

⁷¹⁷ BÍBLIA..., 2006, Os.6,6 ; Mt 9,13.

⁷¹⁸ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.31.

4.3.1

O rito sacrificial- o sangue e as vítimas sacrificiais

Para Girard, o sangue é um aspecto importante nos rituais sacrificiais, e está ligado à pureza e à impureza. No simbolismo do sangue ligado à impureza, encontra-se um dos tabus mais primitivos existentes que é o fluxo menstrual da mulher. A mulher menstruada deveria ser isolada e proibida de tocar nos objetos comuns e nos alimentos, pois pessoas e objetos poderiam se contaminar com o sangue.

Segundo Girard o homem primitivo sempre se preocupou em não entrar em contato com o sangue, pois qualquer sangue derramado fora dos sacrifícios rituais, em um acidente, por exemplo, ou num ato de violência, é impuro. A justificativa para o medo do contágio refere-se basicamente ao fato de que a impureza ritual está presente onde a violência é temida, pois quando a violência ocorre e se espalha, com ela aparece o sangue e a morte.

Para Girard, o sangue é considerado impuro, pelo fato de seu simbolismo estar ligado à violência e a morte. A sexualidade é impura por estar relacionada à violência, e o ‘sangue menstrual’ por apresentar uma relação direta com a sexualidade. Finalmente a sexualidade “faz parte de um conjunto de forças que dominam o homem com uma facilidade ainda mais soberana pelo fato de que ele pretende dominá-las”.⁷¹⁹

De acordo com este pensador, a sexualidade está ligada a “raptos, violação, defloração, sadismo, - seja em suas mais longínquas consequências”,⁷²⁰ causando diversas doenças reais ou imaginárias, como às sangrentas dores do parto, que sempre podem ocasionar a morte da mãe, da criança, ou de ambas ao mesmo tempo. Para ele, até mesmo quando todas as prescrições matrimoniais e as proibições legais são respeitadas, a sexualidade é acompanhada de violência, e quando se escapa destas regras, nos amores ilegítimos, no adultério, e no incesto, a violência e a impureza que deles saem, tornam-se extremas.

O fato de a mulher menstruar, periodicamente, sempre impressionou os homens, e isto acontece, segundo Girard, pois parece confirmar a afinidade, entre a

⁷¹⁹ Ibidem., p.49.

⁷²⁰ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p. 50.

sexualidade e as mais diversas formas da violência, todas elas também suscetíveis de provocar efusões de sangue.

Mesmo nas mais harmoniosas comunidades, a sexualidade traz desavenças, ciúmes, rancores e lutas, uma permanente desordem. Exatamente por isso, desde a modernidade, quando o objeto do desejo sexual é inacessível, ele tem sido deslocado para objetos substitutos, acolhendo a substituição. No entanto, segundo Girard, o desejo sexual assemelha-se a uma energia que se acumula e se for constantemente contida pode causar transtornos. A sexualidade contrariada leva a violência.

Para Girard, “através do sangue menstrual efetua-se uma transferência da violência, estabelecendo-se um monopólio de fato em detrimento do sexo feminino”.⁷²¹ E para livrar-se da impureza, da contaminação do sangue impuro, será preciso um ritual, onde através do sangue das vítimas sacrificiais, será possível se purificar.

Em Girard, o sacrifício possui uma função real. A vítima não vai substituir alguém que está ameaçado, nem há um deus sanguinário para devorar as suas vítimas. “A vítima é oferecida a todos os membros da sociedade, por todos os membros da sociedade. É a comunidade inteira que o sacrifício protege de sua própria violência, é a comunidade inteira que se encontra assim direcionada para vítimas exteriores”.⁷²²

O sacrifício direciona para a vítima todas as desavenças espalhadas, trazendo uma saciação parcial.

Girard não faz diferença entre o sacrifício de uma vítima animal ou humana pois para ele, “[...] em muitos casos eles são intercambiáveis”.⁷²³ É o desconhecimento extremo sobre esse aspecto essencial da cultura humana que leva as pessoas a rejeitarem esta semelhança. A divisão está baseada apenas em ‘julgamento de valor’. Dessa forma é necessário colocar todos dois no mesmo plano, para que se possa compreender o critério de seleção das vítimas.

O critério que vigora é a ‘semelhança’. Todas as vítimas, mesmo animais, devem assemelhar-se àquelas que substituem. Entretanto, é preciso haver uma distinção para não haver confusão.

De acordo com Girard, no caso dos animais essa distinção é fácil de se encontrar, mas entre os seres humanos a lista de vítimas é bastante heterogênea e

⁷²¹ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.51.

⁷²² *Ibidem.*, p.19.

⁷²³ *Ibidem.*, p.22

por tanto difícil. São elas, “os prisioneiros de guerra, os escravos, as crianças, e os adolescentes solteiros, os indivíduos defeituosos, ou ainda a escória da sociedade, como o pharmakós⁷²⁴ grego. Finalmente, em certas sociedades, temos o rei”.⁷²⁵

Os três primeiros, os prisioneiros de guerra, os escravos e o pharmakós, possuem um vínculo muito frágil ou nulo com a sociedade. Quanto às crianças e os adolescentes, enquanto eles não são iniciados na sociedade, não pertencem a ela, dessa forma, não têm direitos nem deveres. Podem ainda entrar outros sacrificáveis considerados marginais, tais como os estrangeiros, ou outras pessoas consideradas ‘escória da sociedade’, e ‘o rei’. A diferença entre o rei e os demais, é que o rei, devido a sua importante posição, não é considerado pertencente à sociedade. Ele está ‘acima’ da sociedade, e os outros ‘abaixo’. O importante é que o sacrificável deve ser alguém sem fortes laços com o grupo social, para que não haja represálias pela violência feita contra ele.

Para Girard, tudo o que acontece no sacrifício foi fixado pelos costumes, há uma total incapacidade de adaptação. Seja no excesso, ou na insuficiência as consequências de mudança serão as mesmas. “A eliminação da violência não se produz, os conflitos multiplicam-se e o perigo das reações em cadeia aumenta”.⁷²⁶

Vivemos em uma época onde existe um grande controle da violência no que se refere ao local, entretanto, as pessoas continuam a não ter consciência da violência em si. O controle existente é o da ‘mediação externa’. Ele resolve o problema da violência de forma imperfeita porque o faz através de uma vítima. Na atualidade temos paz somente no âmbito individual, porém a ameaça está no coletivo. “Tanto o rito quanto a proibição somente adiam a explosão da violência”.⁷²⁷

Em 2001, ao fazer uma conferência ao *Le Monde*⁷²⁸ Girard disse que na atualidade as relações internacionais políticas, e econômicas que vivemos, são rivalidades miméticas instaladas em nível mundial, e que podem ser vistas pela crise que estamos vivendo. Problema este que não está ligado à ‘diferenciação’, mas sim à competição. Segundo ele, competição é o desejo que temos para obter o mesmo que o outro possui através da violência, caso isto venha a ser necessário.

⁷²⁴ A pharmakós (plural pharmakoi) in Ancient Greek religion, was the ritualistic sacrifice or exile of a human scapegoat or victim.

⁷²⁵ GIRARD, René. *A violência e...*, 2008, p.23.

⁷²⁶ Ibidem., p.55.

⁷²⁷ GIRARD, René. *Entrevista - René Girard*.

⁷²⁸ GIRARD, René. *What Is Occurring Today Is a Mimetic Rivalry on a Planetary Scale*.

No doubt terrorism is bound to a world ‘different’ from ours, but what gives rise to terrorism does not lie in that ‘difference’ that removes it further from us and makes it inconceivable to us. To the contrary, it lies in an exacerbated desire for convergence and resemblance. Human relations are essentially relations of imitation, of rivalry.⁷²⁹

Girard vê na atuação do terrorismo atual, não um interesse por uma diferença identitária, que deseje acabar com a outra diferença, mas uma busca pela imitação em relações rivalísticas. Ele encontra o mesmo processo nos sacerdotes do Sinédrio, em Pilatos e mesmo em Herodes, no evangelho de Lucas⁷³⁰. Eles querem que a vítima morra. Entretanto, nos evangelhos vemos a reformulação da vítima expiatória divinizada para a vítima deste linchamento.

De acordo com Girard nas outras religiões há uma tendência para o desaparecimento do sacrifício, mas só o cristianismo, realmente, o elimina. Isto é uma grande revolução, pois o sacrifício tem sido, praticamente, em todas as sociedades, um meio de pacificação.

Muitos antropólogos anticristãos compararam os mitos ao cristianismo como se fossem a mesma coisa, mas este não é o caso de Girard. Para ele, os textos evangélicos trazem a verdade e denunciam o funcionamento do mecanismo do bode expiatório. “Nos mitos a vítima é de facto culpável, enquanto na Bíblia, sobretudo no cristianismo, a mesma vítima é inocente”.⁷³¹

“A Bíblia e o cristianismo possuem uma dimensão de verdade que nenhuma outra religião pode ter”⁷³² porque ambos não deixam perdurar a mentira da vítima expiatória, eles a contradizem e revelam a verdade. Na paixão de Jesus fica clara a razão de estar sendo perseguido. O fato de proclamar o reino, e renunciar totalmente à violência sacrificial levou-o a ser sacrificado. O importante para Girard é compreender esta inversão, pois é isto que torna Cristo uma pessoa única.

É importante que se entenda que o fenômeno do bode expiatório unânime pôs fim, através de uma ordem sacrificial, às crises de violência existentes nas sociedades arcaicas. Ordem que consistia em repetir os sacrifícios rituais. Mas o

⁷²⁹ Tradução livre: “Sem dúvida alguma, o terrorismo está vinculado a um mundo ‘diferente’ do nosso, mas o que dá origem ao terrorismo não reside nessa ‘diferença’ que o remove para longe de nós e o torna inconcebível. Ao contrário, reside em um exacerbado desejo para a igualdade e semelhança. As relações humanas são essencialmente relações de imitação, de rivalidade”. Cf. GIRARD. *What Is Occurring...*, 2013.

⁷³⁰ O julgamento de Jesus no Sinédrio está relatado nos quatro evangelhos canônicos, embora o Evangelho de João não faça uma menção específica ao Sinédrio neste contexto. Os relatos estão em Mc 14,53-65, Mt 26,57-68, Lc 22,63-71 e João 18,12-24. Girard cita apenas Lc 22,63-71.

⁷³¹ GIRARD. *O bode expiatório...*, 2009, p.9.

⁷³² *Ibidem.*, loc. cit.

cristianismo modifica esta situação, pois se de um lado a paixão é um fenômeno de bode expiatório, quase unânime, os evangelhos não confirmaram a mentira, como o faziam os mitos e as religiões arcaicas. Tanto a Bíblia como o cristianismo “denunciam na crucificação o que na realidade, ela é: uma odiosa injustiça que a partir de agora os homens devem evitar, pois jamais será *payante*”.⁷³³

No cristianismo o mártir não morre para ser copiado. Mesmo o cristão sendo movido por piedade em relação a Jesus, não deseja morrer como ele. “The martyr is for Christians a model to accompany them but not a model for throwing oneself into the fire with him”.⁷³⁴

4.3.2

Bíblia - cristianismo e as vítimas não-sacrificiais

Para Girard, a Bíblia procura desconstruir os mitos que existiam nas culturas do Oriente Médio Antigo, e com isso questiona a ordem sagrada que justifica a violência. Na história dos patriarcas é possível perceber a desconstrução das histórias tradicionais dos heróis de diversos povos, onde a violência triunfa e obtém o favor dos deuses. Segundo Solarte⁷³⁵, “Nestas histórias somente aparece o rosto de Deus no perdão, ou seja, na renúncia à violência, como no episódio final da história de José e seus irmãos.⁷³⁶” Ele cita também que no livro de Êxodo⁷³⁷, diante de deuses que exploraram e levaram ao sofrimento os hebreus, revela-se um Deus que sofre com o povo e decide mudar o destino das vítimas. Em relação à história de Isaque⁷³⁸, Solarte explica que a história foi escrita durante vários anos, cujo processo hoje é estudado pela ciência exegética. A parte central do texto corresponde ao Deuteronômio, o livro da reforma, cujo elemento central é promover a fé no Deus revelado e esmorecer o culto aos outros deuses. Dessa forma, “o texto é cuidadoso em usar a palavra empregada para os deuses em sua primeira parte, quando se ordena sacrificar o filho, reservando a palavra usada por Deus revelado somente para a intervenção que impede tal sacrifício e, neste contexto, o

⁷³³ Payante – pagamento de dívida. Cf. *Ibidem.*, p. 10.

⁷³⁴ Tradução livre: “O mártir para os cristãos é um modelo para acompanhá-los, mas não um modelo para atirar a si mesmo no fogo com ele”. Cf. GIRARD, *What Is Occurring...*, 2013.

⁷³⁵ Roberto Solarte é doutor em Filosofia, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá, Colômbia, onde leciona atualmente.

⁷³⁶ FACHIN, Patrícia. *O mundo sem Deus não deixou de ser religioso*. Cf. BÍBLIA..., 2006, Gn 37-50.

⁷³⁷ BÍBLIA..., 2006, Ex 3-40.

⁷³⁸ BÍBLIA, Gn 22, 1-18.

sacrifício do primogênito”.⁷³⁹ O Deus bíblico mostra que esses sacrifícios são carnificinas sem sentido, e se coloca ao lado das vítimas, buscando que a vida brote da vida e não do assassinato. Girard aponta Isaque como uma vítima inocente e a renúncia do sacrifício termina quando Abraão troca o nome do monte, lugar de culto sacrificial a um deus da antiguidade, para o nome direcionado ao Deus revelado que salvou Isaque. “E chamou Abraão o nome daquele lugar: o Senhor proverá; donde se diz até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá”.⁷⁴⁰ O mesmo ocorre em relação aos profetas que vão denunciando claramente as construções religiosas feitos pelos seres humanos repletas do sangue dos inocentes.

Para Girard, os evangelhos, principalmente a paixão de Cristo, é o ápice da revelação bíblica sobre a exposição da verdade dos seres humanos, culminando com a crucificação de Jesus. Na Paixão está exposto à lógica sacrificial dos sistemas sociais, onde se tem uma vítima eleita e arbitrariamente acusada, em um processo injusto e contagioso, que só termina quando Jesus é assassinado. Só então, a ordem social se recompõe. Os evangelhos denunciam a inocência de Jesus, que se sabe vítima e expoe sua inocência.

Segundo Solart,

Essa inocência tem uma densidade histórica concreta, pois os Evangelhos mostram que Jesus decidiu descer a Jerusalém, sabendo que estava praticamente condenado à morte[...] É ele que entrega sua vida. E ao fazê-lo revela a lógica dos sistemas sociais e, mostra a possibilidade de libertar-nos dessa lógica através da entrega da própria vida, ou seja, da lógica do dom e da graça.⁷⁴¹

Susin explica Girard dizendo que “os evangelhos rompem a lógica sacrificial das narrativas heróicas, e contam o que aconteceu na ótica da vítima, não na ótica de quem a sacrifica”.⁷⁴² Dessa forma, eles despotencializam o sacrifício revelando a crueldade da violência, e a misericórdia como perdão ao próprio assassino. É a misericórdia que salva. Para Girard, os evangelhos revelam que para escapar da violência é preciso ‘amar o irmão completamente, abandonar a mimese violenta entre as pessoas. Quando Jesus diz aos homens que eles são filhos de Deus, o que ele propõe é que se abstenham da violência e façam a vontade do Pai. Para Girard, o Deus cristão não precisa de ‘sacrifício’, ele quer o amor.

No texto bíblico encontramos: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o grande e primeiro

⁷³⁹ FACHIN. *O mundo sem Deus*, 2015.

⁷⁴⁰ BÍBLIA. Op. cit, Gn 22,14.

⁷⁴¹ FACHIN. Op. cit.

⁷⁴² SUSIN, Luis Carlos. *A semântica do sacrifício na obra da salvação*.

mandamento. E o segundo é semelhante, amarás o teu próximo como a ti mesmo”.⁷⁴³ Segundo Girard, os dois mandamentos são como um. O amor não faz distinção entre seres humanos. “E se o filho do homem e o filho de Deus são o mesmo, é porque Jesus é o único a realizar uma perfeição do humano que não se distingue da divindade”.⁷⁴⁴ Os evangelhos descontrolam os mecanismos da violência, e nos mostram claramente que a divindade não tem nenhuma relação com a violência.

Além disso, os evangelhos apontam para a postura jesuânica de inclusão e oportunidade para todos. Susin cita que “a liturgia historicamente foi utilizada por lei eclesíásticas como lugar de mistério tremendo e discriminação sacrificial”⁷⁴⁵, mas a vocação da Igreja é ser testemunha do evangelho. E como tal ela precisa expressar a radical revolução de Jesus.

Em nota publicada com o título *De la violence à la divinité*, 2007, que traz algumas reflexões sobre os três primeiros livros que escreveu, Girard diz que o único pensamento fiel à inspiração evangélica é o ‘pensamento não-sacrificial’ e também é este pensamento que reflete a última ilusão humanista e progressista do cristianismo.

Para ele, “a verdadeira oposição entre o cristianismo e as religiões arcaicas é a oposição entre o sacrifício de si e o sacrifício de outro”.⁷⁴⁶ O sacrifício de si, é o sacrifício de Jesus nos Evangelhos, ele deu a si próprio na crucificação, enquanto que nas religiões arcaicas o sacrifício é o do outro, é imposto a alguém que não deseja fazê-lo.

Girard nos diz que sacrifício, no sentido cristão, significa “uma renúncia ao objeto desejado, uma privação que impomos a nós mesmos”.⁷⁴⁷ Esta privação não é de natureza neurótica, simplesmente é o único sacrifício capaz de acabar com a rivalidade mimética. Como exemplo, ele cita o ‘Julgamento de Salomão’,⁷⁴⁸ que trabalhou no livro *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Nesta passagem bíblica do Antigo Testamento, temos duas prostitutas que desejam ficar com a criança viva. Provavelmente houve a troca da criança durante a noite. Salomão as ouve, repete as suas palavras, onde cada uma repete a mesma história. “A criança

⁷⁴³ BÍBLIA..., 2006. Mt 22,37-39; Mc 12,28-31; Lc 10,25-28.

⁷⁴⁴ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2009, p.263.

⁷⁴⁵ SUSIN. *A semântica do...*, 2012.

⁷⁴⁶ GIRARD, René. *Ainda a não existência do pensamento não sacrificial*.

⁷⁴⁷ *Ibidem.*, 2015.

⁷⁴⁸ BÍBLIA..., 2006, 1 Reis 3,16-18.

viva é minha, a criança morta é dela”. Salomão então, decide: -“Tragam-me uma espada, vou cortar a criança em duas”. E a ‘má’ mãe, a mãe sacrificial, concorda, já que a sua rival também não terá a criança. A ‘boa’ mãe, ao contrário, decide deixar a criança com a sua rival para que esta possa viver. Imediatamente Salomão reconhece ser esta a mãe verdadeira. Segundo Girard, mesmo que as mulheres tivessem trocado a criança e não soubessem mais de quem era a criança viva, a frase de Salomão corresponde. A verdadeira mãe é aquela capaz de deixar a criança longe de si para que viva. Para Girard este é “um texto prodigioso que é, também, uma metáfora da educação cristã, comparada a uma educação egoísta”.⁷⁴⁹

Na atual nota, Girard diz que este texto é muito mais do isso. A distância entre as duas mães é infinita, e esta “é a diferença do sacrifício arcaico, que se volta contra um terceiro, tomando-o como vítima daqueles que estão lutando, e o sacrifício cristão, que é a renúncia de toda afirmação egoísta, inclusive da vida, se necessário, a fim de não matar”.⁷⁵⁰ É importante termos em mente que a prostituta boa sacrificou-se para que o bebê viva, e Girard relembra o sacrifício admirável de Cristo, que “sacrificou a própria vida para fazer a vontade do pai, e salvar a humanidade, não apenas morrendo por nós, mas, pelo mesmo ato, esclarecendo-nos quanto a nossa própria violência”.⁷⁵¹ O próprio Deus tornou-se vítima para tirar o ser humano da ilusão de que Deus é violento. Era preciso fazer esta troca “em favor da compreensão que Jesus tem do Pai”.⁷⁵²

Girard chama a atenção que é possível usar a palavra ‘sacrifício’ para as duas mães, e se ele, hoje, fosse reescrever o livro, deixaria explícito que, “a mulher má e o mau sacrifício seriam uma metáfora da inabilidade do ser humano para evitar a violência sem sacrificar os outros”.⁷⁵³ Cristo, ao contrário, com o seu sacrifício, liberta-nos da necessidade dos sacrifícios. Dessa forma, o termo sacrifício pode ser usado para nomear tanto os atos sacrificiais como os não-sacrificiais, pois Cristo sacrificou a si mesmo.

⁷⁴⁹ GIRARD. *O bode expiatório...*, 2009, p.17.

⁷⁵⁰ ROCHA, João Cesar de Castro; ANTONELLO, Pierpaolo. *Evolução e Conversão*, p. 233.

⁷⁵¹ GIRARD. *Ainda a não existência...*, 2015.

⁷⁵² ROCHA; ANTONELLO. Op. cit, p. 234.

⁷⁵³ Ibidem., p. 233.

4.4

René Girard e a ‘violência de gênero’: Uma visão feminista a partir de Girard

São tantos os importantes aspectos gerais da ‘teoria do mimetismo’ e do ‘bode expiatório’ de Girard que tivemos que fazer um recorte para trazê-la neste capítulo, pois seria impossível devido a sua riqueza e complexidade abordar toda a teoria. Entretanto, procuramos trazer os elementos essenciais para o entendimento da teoria, e o desenvolvimento de nossa tese.

Embora Girard não tenha tratado especificamente da violência de gênero, ele estudou profundamente a violência, e a partir de suas conclusões faremos considerações, refletindo sobre determinados pontos que tratam da mediação interna e externa, e podem nos auxiliar na análise das causas da rivalidade que envolve gênero, como também sobre suas abordagens em relação à violência e religião, à violência e a Bíblia. Finalmente, partindo de uma extensão do pensamento de Girard traremos uma leitura feminista bíblica que aponta um possível caminho para modificar a visão de desigualdade entre gêneros. Dessa releitura farão parte importantes feministas, tais como, Tina Beattie⁷⁵⁴, Maria Clara Bingemer⁷⁵⁵, Nancy Jay⁷⁵⁶, Luce Irigaray,⁷⁵⁷ Phyllis Trible,⁷⁵⁸ Pamela

⁷⁵⁴ Tina Beattie é diretora do Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing, and of Catherine of Siena College. Ambos com base na Universidade de Roehampton. Muitas das suas pesquisas focam a relação entre a tradição católica e a cultura contemporânea, particularmente na área de gênero, sexualidade e reprodução ética. Professora de Catholic social teaching and women's rights, and theology and the visual arts. Seus livros já foram citados no início deste capítulo.

⁷⁵⁵ Maria Clara Bingemer é professora do Departamento de Teologia, faz parte da diretoria da SOTER (Sociedade de teologia e Ciências da Religião), teóloga feminista, com artigos e livros: *Violência e Religião, espiritualidade, modernidade e pos modernidade; Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo; Simone Weil e o encontro entre as culturas; Alteridade e vulnerabilidade; O impacto da modernidade na religião.*

⁷⁵⁶ Nancy Jay é socióloga da religião, feminista, pesquisadora. Entre outros livros, citamos: *Throughout Your Generations Forever Sacrifice, Religion, and Paternity. E o artigo, Sacrifice as Remedy for having been born of woman.*

⁷⁵⁷ Luce Irigaray é filósofa e feminista. Nasceu em 1930, na Bélgica. Destaca-se no estudo do feminismo francês contemporâneo e em filosofia européia. É uma pensadora interdisciplinar cujos trabalhos se dividem entre filosofia, psicanálise e linguística. Sofreu influência de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques Derrida. Entre outros livros citamos: *I Love To You: Sketch of a Possible Felicity in History; Thinking the Difference: For a Peaceful Revolution; An Ethics of Sexual Difference; Je, Tu, Nous: Toward a Culture of Difference; Sexes and Genealogies*, 1993.

⁷⁵⁸ Phyllis Trible nasceu em 1932. É feminista e teóloga biblista. Estudou no Colégio Meredith e ensinou na Universidade de Wake Forest. Em 1980 foi nomeada professora de Sagrada Escritura. Foi presidente da Sociedade de literatura bíblica e do seminário da União, onde em 1980 foi nomeada Professora de Sagrada Baldwin Literatura. Segundo John J. Collins, "Phyllis Trible, mais do que qualquer outro estudioso, coloca a crítica feminista na agenda da bolsa bíblica na década". Entre seus livros e artigos citamos *Eve and Adam: Genesis 2-3 Reread*. Andover Newton Theological School, 1973.

Eisenbaum⁷⁵⁹, Ivone Gebara,⁷⁶⁰ Elza Tamez,⁷⁶¹ ; o teólogo Xabier Picaza⁷⁶², e os mariólogos René Laurentin,⁷⁶³ e Lina Boff.⁷⁶⁴

Começaremos com Tina Beattie, que em seu livro *God's Mother, Eve's Advocate*, oriundo de sua tese de doutorado, traz observações muito interessantes que aprofundaremos para, a partir delas, desenvolver o nosso pensamento sobre 'Girard e a violência de gênero'.

4.4.1

Girard e Freud: complexo de Édipo, homossexualidade e heterossexualidade

Segundo Beattie, "For Girard, the primal act of violence is not, as Freud suggests, an act of patricide motivated by the sex drives, but an act of sacrifice motivated by uncontainable feelings of aggression".⁷⁶⁵ Para que possamos entender

⁷⁵⁹ Pamela Eisenbaum é professora de Estudos Bíblicos e associada ao Centro de estudos judaicos da Universidade de Denver. É autora de *The Jewish Heroes of Christian History: Hebrews 11 in Literary Context, Invitations to Romans*, and most recently, *Paul Was Not a Christian: The Original Message of a Misunderstood Apostle*. She has published many essays on the Bible, ancient Judaism and the origins of Christianity, and is an active member of the Society of Biblical Literature.

⁷⁶⁰ Ivone Gebara é paulistana, filósofa e doutora em filosofia pela PUC-São Paulo, e em Ciências religiosas pela Universidade Católica de Lovaina. Pertence a Ordem das Irmãs de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho desde 1967. Foi professora de filosofia e teologia no Instituto Teológico de Recife (ITER). Atualmente dedica seu tempo a escrever e a ministrar cursos e palestras no Brasil e em diversos outros países. Entre os seus principais livros encontramos: *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal; La sed de sentido. Búsquedas ecofeministas em prosa poética; Pour libérer la Theologi; As águas do meu poço. Reflexões sobre experiências de liberdade; O que é teologia.*

⁷⁶¹ Elza Tames é teóloga, doutora em Bíblia pela Universidade de Lausanne. Embora seja Mexicana, vive atualmente em Costa Rica, onde foi para poder fazer Faculdade de Teologia. Entre as suas obras citamos: *Descubriendo rostros distintos de Dios; Aurora Teología de la liberación y contexto literario; Contra toda condena: La justificación por la fe desde los excluidos; Las mujeres en el movimiento de Jesús, el Cristo.*

⁷⁶² Xabier Picaza Ibarrondo nasceu em 1941. É espanhol. Foi religioso da Ordem das Merces, presbítero da Igreja católica, e catedrático da Universidade do Episcopado Espanhol. Doutor em Teología pela Universidade Pontificia de Salamanca (1965), doutor em Filosofía pela Universidade de Santo Tomás de Roma (1972). Entre os seus livros, citamos: *La familia en la Biblia; Historia de Jesús; Teodicea. Itinerarios del hombre a Dios; Evangelio de Marcos.*

⁷⁶³ René Laurentin é teólogo, exegeta, historiador, e especialista em aparições marianas. Escreveu vários livros sobre aparições marianas no mundo. Ex-perito do Vaticano II, Membro da Pontificia Faculdade Teológica, e da Pontificia Academia Mariana Internacional.

⁷⁶⁴ Lina Boff é religiosa, teóloga, e professora emérita da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui inúmeros livros sobre Mariologia, dezenas de artigos publicados na Revista de Aparecida, e é articulista do A12.com. Entre os seus livros citamos: *Maria na vida do povo; Coroação de Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil; Culto e práticas de devoção a Maria; Mariologia, interpelações para a vida; e Maria e o feminino de Deus.*

⁷⁶⁵ Tradução livre. "Para Girard, o primeiro ato de violência não é, como Freud sugere um ato de patricídio motivado pelo desejo sexual, mas um ato de sacrifício motivado por sentimentos de agressão insustentáveis" Cf. BEATTIE, Tina. *God's mother. Eve's Advocate*, p. 133.

esta afirmativa de Girard, reportar-nos-emos e aprofundaremos a abordagem que fizemos sobre o complexo de Édipo, no segundo capítulo deste trabalho.

De acordo com Freud, inicialmente “o instinto parcial oral na criança encontra satisfação apoiando-se no aplacamento da necessidade de alimentação e tem seu objeto no seio materno”.⁷⁶⁶ Aos poucos a criança vai se desligando da mãe, tornando-se independente, e autoerótica. Além do instinto parcial oral, outros instintos também agem de forma autoerótica, e em seguida, são dirigidos para outro objeto. De dois até os cinco anos surgem alguns impulsos sexuais, cujo objeto é a mãe. Freud afirma que “essa escolha do objeto, e a correspondente atitude de rivalidade e hostilidade em relação ao pai é conteúdo do complexo de Édipo de máxima importância na configuração final da vida amorosa em todas as pessoas”.⁷⁶⁷ A partir daí, para Freud, é preciso aprender a superar o complexo de Édipo a fim de se ter uma vida heterossexual saudável.

Outro fator importante para Freud é a ‘identificação’, “considerada na psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, possui um papel importante na história primitiva do ‘complexo de Édipo’”.⁷⁶⁸ O exemplo dado por Freud é o do menino que mostra interesse pelo pai, identifica-se com ele, desejando o seu lugar. O pai é o seu ideal, ele quer “ser como ele e tomar seu lugar em tudo”.⁷⁶⁹ Essa identificação não tem a ver com uma atitude feminina, Freud a considera, tipicamente, masculina e afirma que ajuda a preparar o menino para a resolução do ‘complexo de Édipo’.

Girard não vê pelo mesmo prisma que Freud. Para ele, tanto a ‘identificação do pai’ como ‘o desejo mimético’ são semelhantes, trata-se da ‘escolha de um modelo’. Escolha essa que não é determinada pelas relações familiares, mas por certas características dadas pela sociedade, podendo inclusive, qualquer outra figura masculina que possua aquelas características, ocupar, junto ao filho, o lugar do pai.

Como o modelo (pai) também deseja o mesmo objeto; - mãe, - “designa ao discípulo o objeto de seu desejo”.⁷⁷⁰ Dessa forma, Girard refuta Freud, “o desejo

⁷⁶⁶ FREUD, Sigmund. *O encontro do objeto e o complexo de Édipo*, p. 259, PDF.

⁷⁶⁷ Ibidem., p. 259, PDF.

⁷⁶⁸ FREUD, Sigmund. Identificação, p.22.

⁷⁶⁹ Ibidem., p. 23.

⁷⁷⁰ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p. 212.

mimético não se enraíza nem no sujeito nem no objeto, mas em um terceiro, que também deseja, e cujo desejo é imitado pelo sujeito”.⁷⁷¹

Completando o pensamento de Girard, quando Freud afirma que a identificação não é nem passiva nem feminina, pois esta levaria o filho a se colocar na posição de objeto do desejo paterno, Girard explica que o filho tenta substituir o pai totalmente, desde os desejos do pai até querer o mesmo que ele. Segundo Girard, o próprio Freud diz que a identificação do filho com o pai é anterior à escolha do objeto. Só depois da escolha do pai é que vem a tendência libidinal pela mãe. Assim, segundo Girard “a via do desejo mimético abre-se diante de Freud, e Freud recusa-se a engajar-se nela”.⁷⁷²

Para Freud, ao mesmo tempo em que a criança se identifica com o pai, ela começa a desenvolver uma catexia⁷⁷³ do objeto sexual direto para com a mãe. Essa identificação com o pai faz com que ele seja o seu modelo. Ambos, então, subsistem, lado ao lado, durante algum tempo, sem que haja uma interferência, entretanto, em consequência do avanço irresistível em unificação da vida mental, a mãe como objeto sexual e a identificação com o pai unem-se, e a vivência chamada “normal” do complexo de Édipo origina-se dessa confluência. É importante aqui colocar que, se o menino perceber por algum motivo que o pai está atrapalhando o relacionamento com a sua mãe, a identificação com o pai pode tornar-se hostil, e surgir o desejo de substituí-lo em relação à mãe. Para Freud essa identificação, “é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém”.⁷⁷⁴

Segundo Girard, todo ‘desejo é mimético’, e não ‘inato’, pois surge do desejo de outro. Isto significa que o desejo não é uma escolha, mas algo ligado a esta perspectiva do desejo não pertencer à própria pessoa, e estar baseado no outro, na relação sujeito - modelo/ mediador. O menino ao nascer aprende, em primeiro lugar, a desejar o mesmo que o seu pai. Com a menina o mesmo processo de identificação ocorre em relação ao desejo de sua mãe. Relação que depois será repetida com @s professor@s, e tod@s que @ cercam e que el@ deseje ter como modelo.

Beattie concorda com a colocação de Girard em relação a Freud, explicando que o desejo da criança pela mãe não estaria relacionado com a unidade principal

⁷⁷¹ Ibidem., p. 212.

⁷⁷² Ibidem., p. 214.

⁷⁷³ Catexia - concentração de energia mental ou emocional em um pensamento ou em uma representação mental. Para Freud, a mãe é entendida como o objeto direto do desejo.

⁷⁷⁴ FREUD. Identificação. In: *Psicologia das...*, Pdf, 1921, p. 23.

do sexo, mas à sua relação mimética com o pai. A criança deseja o que o pai deseja; a mãe. “The oedipal family triangle is therefore only one example of triangular relationships based on mimesis, desire and rivalry which pervade human interaction and social structures”.⁷⁷⁵

Para Beattie, o desejo, dependendo de como acontece, pode inspirar o melhor ou o pior de nossa capacidade. Em seu livro *Theology after postmodernity*, Beattie, na introdução, faz uma abordagem bastante peculiar e poética sobre o desejo. Para ela,

Desire its means, and its ends. Desire is the beginning and end of all human life - the energy behind every action, the love within every act of compassion, the urge within every act of violence. Our hearts yearn for the living God, and this makes us the most mysterious of creatures, even to ourselves - the most wondrous and the most dangerous of species. Desire inspires the best and the worst we are capable of, and it confuses us as to the nature of both.⁷⁷⁶

Segundo Alison, para Girard, existe o desejo ‘sem obstáculos’/pacífico/criador e o desejo ‘com rivalidade’/de aquisição. Estes dois aspectos acontecem independentes de qualquer outro. O que precisamos é desenvolver o desejo pacífico/criador, o desejo sem rivalidade, e trabalharmos para o desenvolvimento da outra pessoa, não permitindo que surja a rivalidade. Para ele, “quando recebemos o que vêm do outro sem a necessidade de ‘agarrar’ esse desejo, este é o sentido saudável e o que se chama de desejo pacífico”.⁷⁷⁷

De acordo com Girard, afirma Alison, o desejo possessivo ou rivalístico é o normal, pois ninguém consegue viver ‘sem rivalidade. Até a construção da nossa identidade se dá por contraste com os outros, e “a grande dificuldade que encontramos é a possibilidade de uma emulação, uma imitação não rivalística”.⁷⁷⁸ Entretanto, esta emulação é possível.

Dependendo de como agirmos, o desejo poderá ser rivalístico ou pacífico. Temos a capacidade de, ao percebermos que a rivalidade está se instalando em

⁷⁷⁵ Tradução livre: “o triângulo edipiano da família será um exemplo dos relacionamentos triangulares com base na mimese, desejo e rivalidade que permeiam a interação humana e as estruturas sociais”. Cf. BEATTIE, Tina. *God’s Mother, Eve’s Advocate*, p. 103.

⁷⁷⁶ Tradução livre: “Desejo, seus meios e suas extremidades. Desejo é o início e o fim de toda a vida humana - a energia por detrás de cada ação, o amor dentro de cada ato de compaixão, a exortar dentro de cada ato de violência. O nosso coração anseia o Deus vivo, e isso nos faz a mais misteriosa de criaturas, mesmo para nós - o mais admirável e a mais perigosa das espécies. Desejo inspira o melhor e o pior que somos capazes, e confunde-nos quanto à natureza de ambos”. Cf. BEATTIE, Tina. *Theology after postmodernity*, p. 1.

⁷⁷⁷ ALISON. *Uma fé para além...*, 2012.

⁷⁷⁸ *Ibidem.*, 2012

nossos relacionamentos, reagirmos e de forma consciente, trabalhar em nossa mente e coração para impedir e até renunciar ao que desejamos, quando se fizer necessário.

Se transportarmos a teoria do desejo mimético para o relacionamento pessoal heterossexual, homossexual, transexual, intersexual, partindo do princípio que todo desejo é mimético, e o desejo mimético é ‘rivalista’, apresentando-se desde cedo, no triângulo criança, pai e mãe, esse comportamento pode acontecer com qualquer pessoa, pois o ‘desejo mimético’ independe de gênero, orientação sexual, etnia, religião, e raça.

Em seu livro *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, Girard cita a homossexualidade como um estágio avançado do desejo mimético, devido à indiferenciação dos parceiros. Entretanto, “esse mesmo estágio pode corresponder a uma heterossexualidade na qual os parceiros dos dois sexos desempenham um para o outro, o papel de modelo e de rival tanto quanto de objeto”.⁷⁷⁹ Segundo Girard, qualquer ‘rivalidade sexual’ é de estrutura homossexual tanto na mulher quanto no homem, e é herança da vida animal. Alison explica que, para Girard, aprendemos a desejar as pessoas do sexo oposto a partir da imitação das pessoas do mesmo sexo. Dessa forma, em relação à homossexualidade o que acontece, “é que pessoas do mesmo sexo podem aprender a desejar segundo o desejo do próprio sexo, o qual é totalmente normal, mas de, alguma forma, aquele desejo é fixado no rival”.⁷⁸⁰ Há uma troca, a pessoa não deseja o objeto apontado como rival, mas deseja o próprio rival. Segundo Alison, muitas pessoas usam esta explicação para tratar o desejo homossexual como intrinsecamente desordenado, mas Girard diz que todo desejo é mimético, e por isto, independe do objeto. Tanto a pessoa heterossexual como a homossexual pode desejar a outra pessoa de maneira ‘não rivalística’ ou ‘rivalística’. Não é o fato de ser homossexual que fará a pessoa tratar a outra como um objeto. Uma pessoa pode desejar a outra pessoa de forma pacífica e amá-la, levando-a a crescer, e a se desenvolver. O mesmo acontece com os relacionamentos heterossexuais, podem acontecer de forma rivalística ou pacífica (não rivalística).

A teoria de Girard leva-nos a ver os relacionamentos independentes de gênero, sexualidade, e orientação sexual. Mas, é importante lembrar que como o mimetismo está ligado à cultura e ao padrão cultural que coloca o sexo masculino como modelo, e a mulher como o mal, objeto, tentação, inferior, isto interfere nos relacionamentos, tanto por parte do homem que se acha superior, sentindo-se o

⁷⁷⁹ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.387.

⁷⁸⁰ WOLFART, Graziela. *O amor homossexual*.

mais forte, o mais inteligente, e independente, como da mulher que introjetou que é frágil, menos capaz, dependente do homem, portanto deve se submeter a ele, e depender dele.

Na atualidade, mesmo com toda a participação no mundo do trabalho, na política, e na vida social, o paradigma da superioridade masculina ainda interfere nos relacionamentos pessoais e institucionais, e o mimetismo leva os homens a imitarem o que veem, e ainda é visível o predomínio de relações heterossexuais impregnadas do desejo de posse, de dominação, onde a ‘mulher’ é um objeto para ser dominado, o que provoca inúmeras vezes, a violência de gênero cotidiana que temos conhecimento.

Quantos assassinatos de mulheres existem que são visíveis, em sua base, o mimetismo presente, mas não compreendido, nem percebido pelos envolvidos. Temos conhecimento que existem mulheres que também utilizam os seus relacionamentos de forma utilitária, donas de um desejo possessivo/rivalístico, destruidor. Por este motivo, Girard afirma que o ‘desejo mimético’ atinge a todos, sem exceção.

4.4.2

Desejo mimético – violência - e a vítima expiatória

Beattie, em sua tese de doutorado, diz que segundo Girard, a tentativa de purificação da expressão da violência através da ‘vítima expiatória’ pode restaurar, provisoriamente, a paz, mas para isto acontecer, cria-se um monstro, e contra ele, um mecanismo de exclusão total. Neste contexto, a religião se torna importante, pois é estruturada de forma a permitir uma saída para a ‘violência sacrificial’ através de um mecanismo social que canaliza a espiral de violência; o bode expiatório. Este mecanismo “onceals its random violence and persecutory function, by finding some explanation which justifies the violence of the crowd, eliminating differences between the persecuting mass so that they acquire a powerful sense of social cohesion”.⁷⁸¹

Ao comentar a leitura de Sófocles na versão do mito de Édipo, Beattie diz, que, segundo Girard, a acusação de Édipo de patricídio e incesto seria uma forma

⁷⁸¹ Tradução livre: “Esconde a violência aleatória e função persecutória, por encontrar alguma explicação que justifica a violência da multidão, eliminando as diferenças entre a massa de perseguir de modo que se adquira um poderoso sentido de coesão social”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother...*, 1999, p. 104.

de esconder que Édipo é uma ‘vítima sacrificial’ transformada em monstro para satisfazer a ordem social que rege as relações de família. Vítima que após o sacrifício passa a ser divinizada como aquele que conseguiu restabelecer a paz.

Girard associa a sexualidade à violência, pois em toda a história da humanidade a ela estiveram ligados raptos, violação, defloração, e sadismo. Entretanto, Beattie chama a atenção que para Girard, procurar explicar a violência a partir do ‘sexo’, é procurar esconder a origem da violência. “Sex is a secondary explanation which conceals the originating function of violence in the creation of culture and religion”⁷⁸²

Alison diz que através Girard, “podemos entender os mecanismos violentos de exclusão que os diferentes grupos humanos fazem com uma série de grupos considerados perigosos, contaminantes e diferentes”.⁷⁸³ É o caso do grupo LGBTTI⁷⁸⁴, que são vítimas de acusações estereotipadas, como se fossem os causadores dos problemas atuais da sociedade, como o colapso da família e da moral. Discursos cheios de ódio, em nome de Deus, da moral e dos bons costumes são dirigidos ao grupo, fomentando a violência contra os seus membros. Acusações feitas porque os membros do grupo LGBTTI são considerados dispensáveis, impróprios para a sociedade. Segundo Alison, parece ser mais fácil excluir do que prestar atenção às dinâmicas dos relacionamentos heterossexuais matrimoniais.

O próprio Girard diz que o medo do homem pelo sangue menstrual está ligado à relação da sexualidade com a violência e isto influencia a visão negativa sobre o feminino. “Através do sangue menstrual efetua-se uma transferência da violência, estabelecendo-se um monopólio de fato em detrimento do sexo feminino”.⁷⁸⁵

O que é possível perceber é que, diariamente, a sociedade cria seus monstros a fim de excluí-los. “Este é o mecanismo que Girard desvela. Nossas sociedades são, sim, sacrificiais, seguindo padrões arcaicos, enquanto pensamos ser modernos e ilustrados”.⁷⁸⁶

Entretanto, lendo as escrituras judaico-cristãs, Girard percebeu a denúncia da inocência da vítima, a culpa da multidão perseguidora, e o processo de revelação da verdadeira natureza da violência sofrida por Jesus. E a partir daí, surge a nova possibilidade de vida que Jesus propõe, onde os relacionamentos podem ser

⁷⁸² Tradução livre: "Sexo é uma explicação secundária que esconde o originário da violência na função de criação de cultura e religião". Cf. BEATTIE, Tina. *God's Mother...*, 1999, p. 104.

⁷⁸³ ALISON. *Uma fé para...*, 2012.

⁷⁸⁴ Símbolo que representa o grupo formado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais.

⁷⁸⁵ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p. 51.

⁷⁸⁶ ALISON. Op. cit, 2012.

baseados em uma perspectiva diferente da ‘violência mimética’ e do ‘sacrifício’ para serem feitos em relações capazes de incluir a todos, inclusive às possíveis vítimas sacrificais.

Segundo Girard, tudo que envolve o nascimento dos deuses sempre foi colocado de forma extremamente violenta. “A concepção divina assemelha-se sempre a um estupro”.⁷⁸⁷ No entanto, nos evangelhos, entre aqueles que se encontram envolvidos na concepção virginal, o Anjo, a Virgem e o Todo Poderoso não são relações de violência que se instauram. “Ninguém aqui é o Outro no sentido dos irmãos inimigos, o obstáculo fascinante que sempre estamos tentando afastar ou quebrar pela violência”.⁷⁸⁸

Girard enfatiza que na concepção virginal de Maria há uma ausência total de mimetismos violentos, e com isto o cristianismo começa a separação entre divindade e violência, religião e violência, mostrando o caminho para enfrentar o mimetismo. Um caminho que no nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus fica mais claro, quando os evangelhos denunciam Jesus como a vítima sacrificial, mas não clama vingança, ao contrário, diz que Deus não quer sacrifícios, mas misericórdia.

4.4.3

A concepção virginal de Maria e a não violência divina

A violência é uma característica da existência humana e pode ser encontrada na estrutura das diversas religiões e culturas. Seja nas religiões politeístas, onde se crê em vários deuses, ou nas que não acreditam na divindade e sim na busca de valores específicos, ou ainda nas religiões monoteístas, do Deus único, nós encontramos ‘histórias de violência’.

Para Girard a origem da cultura está no sagrado, e este carrega a violência, e a sacraliza através do sacrifício que funciona como um mecanismo social produtor do sagrado. O sacrifício transpõe a instituição da cultura para a indiferenciação social, onde todos estão contra todos está a diferenciação social, onde ‘todos se colocam contra um’; passou-se a vítima sacrificial. Após o sacrifício a violência é dissipada até existir uma próxima violência, onde o ritual novamente se repete para afastar a violência. Segundo Girard, “o sacrifício oferece ao apetite da violência o

⁷⁸⁷ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.267.

⁷⁸⁸ *Ibidem.*, p.268.

que a vontade ascética não consegue saciar, um alívio sem dúvida momentâneo, mas indefinidamente renovável”.⁷⁸⁹

Ao explicar a origem da cultura e da violência na sociedade, Girard, parte de uma visão antropológica e fenomenológica, na qual “os fenômenos sociais organizam-se pela relação direta da violência com o sagrado”.⁷⁹⁰ Entretanto, ele aponta que Cristo foi a vítima sacrificial denunciada pelos evangelhos, e que o cristianismo abandonou a ‘violência’ não só ao sofrer com a ‘violência contra o Cristo’, mas também ao trazer a ‘concepção’, o ‘nascimento do divino’, e a ‘morte de Cristo’ sem violência por parte do divino, embora até hoje isto ainda não tenha sido entendido nem pelos católicos.

A partir da concepção virginal de Jesus, a relação ‘violência e religião’ começa a mudar. Desde a saudação do Anjo: "Salve, o Senhor esteja contigo!"⁷⁹¹, E a resposta de Maria: “Sou a serva do Senhor. Que seja feito segundo a vossa Palavra”⁷⁹², percebemos no texto da concepção virginal, submissão, e não violência. Dessa forma, é possível dizer que o código mitológico da concepção virginal de Jesus é totalmente destituído de violência. Inclusive, se olharmos para o nascimento de Jesus, veremos que ele é isento de violência por parte da divindade, mas envolvido de desprezo, exclusão, perseguição pelo ser humano, o que nos mostra que a partir de Jesus houve uma transformação entre ‘religião e violência’.

Nesta perspectiva, Beattie citando Girard afirma que o nascimento virginal de Jesus, experienciado por Maria, é colocado nos evangelhos dentro de uma visão de paz, respeito, e amor. Algo que faz parte da singular proposta do cristianismo.

Segundo Girard, “em todas as cenas, os Evangelhos e a tradição cristã, inspirando-se no Antigo Testamento colocam em primeiro plano todos os seres predispostos ao papel de vítima, a criança, a mulher, os pobres, os animais domésticos”.⁷⁹³ O Deus se faz humano, e desde o início é rejeitado, recebendo, posteriormente, morte de cruz, como vítima sacrificial. Os evangelhos denunciam este ato, mas em vez de ‘vingança’, pregam o amor, o perdão, e a misericórdia.

⁷⁸⁹ GIRARD, *A violência e...*, 2008, p. 31.

⁷⁹⁰ SBARDELLA, Elton Luis. *Violência em nome de Deus: pressupostos básicos de René Girard para compreensão sobre a gênese da cultura*. Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05, 2015.

⁷⁹¹ BÍBLIA..., 2006, Lc 1, 28.

⁷⁹² IDEM, *Ibidem*, Lc,1, 38

⁷⁹³ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.268.

Para Girard, na atualidade, “nada é mais revelador que a impotência dos grandes espíritos no mundo moderno para apreender a diferença entre a manjedoura do Natal e as bestialidades monstruosas dos nascimentos mitológicos”.⁷⁹⁴

Beattie aponta a influência de Girard em Luce Irigaray, e na reinterpretação histórico-cristã que ela faz em *Marine Lover of Friedrich Nietzsche*, onde,

She sees the possibility of interpreting the virgin birth as inaugurating a new relationship between ‘the divine and women’ based not on the abusive violence of the gods of Greek mythology but on the loving and fruitful encounter between Mary and the Spirit.⁷⁹⁵

De acordo com Beattie a interpretação de Girard possibilita reconfigurar a concepção virginal de Cristo como resposta ao sofrimento que todas as mulheres têm sido vítimas. “A tyranny is perpetuated from generation to generation through family relationships and through the social order”.⁷⁹⁶ Violência que já analisamos no terceiro capítulo, e que está relacionada com a visão de inferioridade das mulheres, levando-as a sofrerem perseguições, exclusões, e violações. Tornou-as vítimas da Inquisição católica e protestante, além do discurso de subserviência usado pela Igreja Católica utilizando determinadas passagens bíblicas, como a de Paulo,⁷⁹⁷ para subjuga-las. O mesmo aconteceu com as pessoas que tinham características femininas e faziam sexo entre iguais, elas passaram de uma época em que eram ‘respeitadas’ e percebidas como ‘divinas’ por trazerem estas características, para outras em que também sofreram perseguições, em nome de Deus foram levadas para a fogueira, transformadas em doentes, e receberam tratamentos desumanos por serem malignas à sociedade. Uma violência que se instalou, sempre com um misto de religião e sociedade, através de uma associação feita do ‘feminino com o mal’, e na busca científica para desqualificar a inteligência e a capacidade do que estiver ligado ao feminino nos espaços de poder e de decisões

⁷⁹⁴ Ibidem., p.269.

⁷⁹⁵ Tradução livre: “Ela vê a possibilidade de trazer o nascimento virginal como uma nova forma de relação entre ‘o divino e as mulheres’, pois não é uma relação abusiva como acontece nos deuses da mitologia grega, mas um amoroso e frutuoso encontro entre Maria e o Espírito”. Cf. BEATTIE, Tina. *God’s Mother...*, 1999, p. 105.

⁷⁹⁶ Tradução livre: “Tiranias sexual de geração em geração através de relações familiares e através da ordem social”. Cf. Ibidem., p. 105.

⁷⁹⁷ Paulo, inicialmente perseguidor dos cristãos, converteu-se ao cristianismo, transformando-se em um dos seus maiores ícones. É o autor das cartas paulinas, entretanto, esta passagem de 1Cor 14, 33-40 onde as mulheres devem ser submissas aos maridos embora receba o seu nome, diversos biblistas, como Jerome Murphy-O’Connor afirmam que foi colocada posteriormente, o mesmo acontecendo com as cartas pastorais. Entre elas, 1Tm, 2,11-15 onde também ordena as mulheres a ficarem em silêncio.

em nossa sociedade. Uma violência propagada de tal forma, e tão arraigada à sociedade, que ainda, hoje, é muito difícil eliminá-la, ou pelo menos diminuí-la.

Isto nos leva às inúmeras mulheres no Brasil e na América Latina que sofrem constante violência, pois ainda são vistas como objetos, propriedades, que podem ser usadas, e descartadas. Como afirma Girard, ao se conseguir o objeto do desejo mimético, ele perde a força e o sujeito procura outro modelo, e outro objeto. Segundo Alison, o desejo mimético traz a necessidade de ter, de possuir, de se ‘agarrar’ o objeto desejado. Assim o que constatamos é a mulher enfrentando a violência física, psicológica, institucional e sexual dentro do próprio ambiente doméstico, onde a força, a chantagem, e as ameaças são usadas contra ela. Violência que tem a conivência de pessoas próximas à vítima, e o silêncio de uma sociedade que ainda proclama que, em ‘âmbito doméstico, ninguém pode se meter’.⁷⁹⁸ O que também nos mostra um constante anúncio na mídia escrita, falada e televisiva, de ‘estupros’ de meninas e adolescentes pelos próprios tios, avós, namorados das mães, e outros tipos de violência, como exploração sexual, institucional, psicológica, simbólica, chegando ao ‘assassinato’ de mulheres, em sua maioria, dentro das suas próprias casas, pelos maridos, namorados, e principalmente ex-namorados, ex-maridos. Além da exclusão, discriminação, violência física, e morte de pessoas do grupo LGBTTI, deixando nos dois grupos, para @s que sobrevivem, marcas impossíveis de serem deletadas. Uma violência tão ‘comum’ no Brasil que as notícias passam quase despercebidas, a não ser quando envolvem pessoas famosas ou a denúncia atinge o mundo pelas redes sociais, como no caso em que os próprios violadores postaram o vídeo estuprando a menina na internet. “Menina de 16 anos, que foi estuprada por 30 homens..”.⁷⁹⁹ Ou o caso da transexual que levou uma surra após fazer uma performance como ‘crucificada’ na parada Gay de São Paulo, e com receio de ir a polícia, denunciou o ocorrido em vídeo na Internet. O vídeo foi compartilhado inúmeras vezes, a notícia chegou aos jornais, tornando-se manchete. “Viviany Beleboni mostrou seu olho inchado, rosto e braços cortados. Ela afirmou que não registrou boletim para 'não ser tratada como homem’”.⁸⁰⁰

Beattie ao abordar a concepção virginal afirma que ela não simboliza o fim do sexo, mas o fim da associação entre ‘sexo e violência’. Para ela, a virgindade

⁷⁹⁸ Expressão popular: “Briga de marido e mulher ninguém mete a colher”.

⁷⁹⁹ O SUL. *Menina de 16 anos que foi estuprada por 30 homens desabafa na internet.*

⁸⁰⁰ A atriz Viviany Beleboni, é transexual e realizou uma performance de crucificação durante a 19ª Parada Gay, afirmou, em vídeo postado em sua página no Facebook, que foi agredida na noite de sábado (8) perto da sua casa no Centro de São Paulo. Ela afirma que não registrou boletim de ocorrência porque não gostaria de ser “tratada como homem” pela polícia. Cf. Zona Oeste Notícias. “Transexual ‘crucificada’ na Parada Gay diz em vídeo ter sido agredida”.

seria “as a symbol of the restoration of nature, the breaking of the stranglehold of death and sin, and the ending of violence”⁸⁰¹ O nascimento virginal pode reconfigurar a sexualidade, quebrando os padrões religiosos e sexuais da história, resgatando e valorizando a fertilidade da mulher, o sangue e a grandeza de ser mulher.

4.4.4

Sangue – Eucaristia – Sacerdócio

Como já vimos, na pré-história a fertilidade da mulher era valorizada. Naquele período, a mulher por menstruar mensalmente, ter filhos, alimentá-los com o seu próprio leite, e continuar viva, era divinizada, pois a fertilidade, o sangue e a procriação estavam ligados à vida, e não à violência. Eles traziam um aspecto positivo de vida, de prazer, e de amor. Entretanto, quando o ritual sacrificial ganhou espaço, o aspecto positivo do sangue feminino foi se tornando negativo, e segundo Jay passou a existir uma negatividade em relação ao nascimento e a fertilidade. “An opposition between sacrificial purity and the pollution of childbirth, and a rule that only males may perform sacrificial ritual”⁸⁰²

Nessa polaridade entre sangue sacrificial e o sangue do nascimento de uma criança houve uma troca de valores, pois matar recebeu valor positivo quando ritualístico, e dar a vida recebeu valor negativo. O sacrifício passou a ser feito por linhagem e pelo homem. Jay nos diz que entre os Israelitas, principalmente, após o exílio houve um excesso de preocupação com a pureza e a linhagem de descendência patriarcal, e tanto o nascimento de uma criança como a menstruação passaram, seguindo o código Levítico, a ser poluidores. Ela cita o profeta Ezequiel que descreve o exílio como uma punição divina pela impureza da mulher. “Filho do homem, quando a casa de Israel habitava na sua terra, então a contaminaram com os seus caminhos e com as suas ações. Como a imundícia de uma mulher em sua separação, tal era o seu caminho perante o meu rosto”⁸⁰³ Para redimir o pecado do nascimento feito por mulher, era preciso oferecer um sacrifício. Segundo Eisenbaum, o sacrifício servia como remissão do pecado por ter nascido de mulher,

⁸⁰¹ Tradução livre: “como um símbolo da restauração da natureza, a quebra da tirania do pecado e a morte e o fim da violência”. ⁸⁰¹. Cf. BEATTIE, Tina. *God's Mother...*, 1999, p. 105.

⁸⁰² Tradução livre: “uma oposição entre pureza sacrificial e a poluição do nascimento, e foi colocada a regra que só aos machos caberiam fazer a performance ritual do sacrifício”. Cf. JAY, Nancy. *Sacrifice as Remedy for Having Been born of woman*, p. 283.

⁸⁰³BÍBLIA..., 2006, Ez 36,17

e esta é a tese de Jay, “That sacrifice was a remedy for having been born of woman”.⁸⁰⁴

Entretanto, de acordo com Girard, os evangelhos denunciam a lógica sacrificial onde existe uma vítima eleita e injustamente acusada, como foi o caso de Jesus. Em 1 Coríntios 10,21 condenando os sacrifícios encontramos: Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios⁸⁰⁵ Os evangelhos trazem as vítimas não sacrificiais, e valorizam a mulher. Susin enfatiza o que diz Girard, mostrando que os evangelhos trazem as narrativas na ótica da vítima, despotencializando o sacrifício. E basta uma leitura fiel dos evangelhos, para se reconhecer a importância das mulheres na vida de Jesus, como já foi mostrado no capítulo 3, ao abordarmos a história da violência contra o feminino.

As mulheres estiveram presentes em todos os momentos-chaves da vida e do ministério de Jesus: da concepção até a ressurreição, e ascensão aos céus. Para Beattie, elas não são apenas mencionadas, mas designadas. “Those who have been nameless, excluded witnesses to history become key witnesses, named persons, in the story of Christ”.⁸⁰⁶ Este é o caso do evangelho de João, onde Maria Madalena é chamada de ‘o apóstolo dos apóstolos’, como ela era conhecida na igreja primitiva. “As witness to the risen Christ she becomes the first preacher of the Christian faith, a priestly initiation that the Church has yet to recognize”.⁸⁰⁷

Para Jay, no início da Igreja cristã não havia nenhum significado sacrificial. “The Church began with neither ‘blood sacrificial’ practice nor related social structure. Nowhere in the New Testament is the Eucharist described as being itself a sacrifice, nor is there any indication of a special office for celebrating it”.⁸⁰⁸ A carta de Hebreus, por exemplo, segundo Jay e Girard, aborda o sacrifício, mas referindo-se ao fim de todo sacrifício.

Encontramos em Heb 7, 26-28.

⁸⁰⁴ Tradução livre: “Era oferecido sacrifício pelo pecado, como um remédio pela criança ter nascido de mulher”. Cf. EISENBAUM, Pamela. *Father and Son*, p. 130.

⁸⁰⁵ BÍBLIA, Op. cit, 1Cor,10,21

⁸⁰⁶ “Aqueles que têm sido anônimos, testemunhas excluídas da história, transformam-se em testemunhas-chaves, pessoas nomeadas, na história de Cristo”. BEATTIE, Tina. *New Catholic Feminism...*, 2006, p. 206.

⁸⁰⁷ Tradução livre: “Como testemunha de Cristo ressuscitado, ela se torna a primeira pregadora da fé cristã, uma iniciação sacerdotal que a Igreja ainda tem de reconhecer”. Cf. *Ibidem.*, p. 206.

⁸⁰⁸ Tradução livre: “A Igreja começou sem ‘sangue sacrificial’, e sem prática relacionada a estrutura social. Em parte alguma do Novo Testamento a Eucaristia é descrita como sendo em si um sacrifício, nem existe qualquer indicação de um gabinete especial para celebrar”. Cf. JAY, *Sacrifice as Remedy for...*, 1986, p. 283

Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado mais alto do que os céus; Ele não precisa, como os sumos sacerdotes, oferecer sacrifícios a cada dia, primeiramente por seus pecados, e depois pelos do povo. Ele já o fez uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo. A lei, com efeito, estabeleceu sumos sacerdotes sujeitos a fraqueza. A palavra do juramento, porém, posterior à lei, estabeleceu o Filho, tornado perfeito para sempre.⁸⁰⁹

Pikaza explica ainda que a igreja primitiva era desclerizada. Os cristãos atuavam de modos distintos, simplesmente seguindo os grupos e as circunstâncias, pois todos se sentiam sacerdotes. Os cristãos:

No recrearon el sacerdocio de templo, pues todos se sentían sacerdotes, sin necesidad de templo como Jerusalén. Les importaba más el mensaje que la organización, el carisma que la estructura, la misión que el recuento de misionados. Por eso hubo formas distintas de vivir y expresar la autoridad cristiana. Sólo más tarde, cuando estuvieron bien establecidos, tendieron a unificar sus ministerios”.⁸¹⁰

A primeira descrição da Eucaristia como sacrifício apareceu na didaquê, provavelmente, tendo sido escrita no início do segundo século.

Didaquê, cap. XIV:

1-Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro. 2-Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado. 3- Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: “Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre as nações”.⁸¹¹

Segundo Jay, a propagação da relação sacrificial e a organização patriarcal foi muito rápida. Surgiu quando Cipriano, no meio do século III, foi para Cartago como bispo. A mudança ocorreu em dez anos.

The explicit transition from the universal priesthood of all believers to the particular priesthood of the sacrificing bishops, and the first to develop systematically the idea that the apostolic heritage was attached to the office of bishop rather than to the church as a whole⁸¹²

⁸⁰⁹ BÍBLIA..., 2006, Hb 7, 26-28.

⁸¹⁰ Tradução livre: “Não recriaram o sacerdócio do templo, porque todos se sentiam sacerdotes, sem necessidade de um templo como Jerusalém. Importava para eles mais a mensagem do que a organização, o carisma do que a estrutura, a missão do que o número de missionários. Por isso haviam diferentes maneiras de viver e de expressar a autoridade cristã. Só mais tarde, quando estavam bem estabelecidos, houve a unificação de seus ministérios”. Cf. PIKASA, X. *Iglesia desclericalizada*.

⁸¹¹ DIDACHE, 14, 1-3. Pdf.

⁸¹² Tradução livre "A transição explícita do sacerdócio universal de todos os crentes para o sacerdócio particular do sacrifício realizado pelos bispos, e o primeiro a desenvolver sistematicamente a ideia de que a herança apostólica estava anexada ao múnus do bispo em vez de à Igreja como um todo". Cf. JAY. *Sacrifice as Remedy for ...*, 1986., p. 301

Cipriano foi o primeiro a usar a palavra sacerdos (priest) para o Cristão clerico (the episcopate). “Was also the first to make the body and blood of Christ the object of sacrifice by Christian priests”.⁸¹³

Um século mais tarde, o cristianismo já era uma religião estabilizada, com uma desenvolvida hierarquia clerical, e com a troca radical na teologia eucarística. De acordo com Jay, “Ideas of the Eucharist as a literal blood sacrifice appeared and with them sacrificial concerns about ritual purity, pollution of childbirth, and so on (Remember Jerome’s celebration of nonchild bearing women, virgins, and widows)”.⁸¹⁴ Uma negatividade absoluta em torno do sangue da mulher, do nascimento oriundo da mulher como pecado, do medo do corpo da mulher, do desejo carnal, levando-a a exclusão, a violência da submissão, e ao medo da violência contra o seu corpo.

Girard interpreta a Eucaristia, como um rito sacrificial, e vai além, pois concorda com os que a colocam como oriunda do canibalismo arcaico, pois, para ele, a história do ser humano é sua história religiosa, e esta remonta ao primitivo canibalismo, que vem a ser um fenômeno religioso. Assim, “a Eucaristia o incorpora, pois recapitula aquela história de alfa e ômega. Tudo isso é essencial”.⁸¹⁵ Essa compreensão leva ao reconhecimento do início homicida da história da humanidade, com Caim e Abel. Para Girard, não é possível encontrar um espaço totalmente não sacrificial.

Importante aqui verificarmos que o significado de canibalismo, inclusive para algumas tribos brasileiras, é que embora seja um ato de uma violência extrema, pois se trata de um ritual que consome a carne humana viva, ele concede honra a quem é consumido, pois os guerreiros queriam absorver a sua bravura e coragem.

Eles consumiam a carne dos guerreiros adversários com o objetivo de "absorver a bravura e coragem" do inimigo. Ser comido era considerado uma das formas mais honráveis de morrer, porque significava que o guerreiro era corajoso e tinha o espírito suficientemente forte para atrair a "fome" dos tupinambás.⁸¹⁶

⁸¹³ Tradução livre: “Foi também o primeiro a fazer o corpo e o sangue de Cristo objeto de sacrifício pelos sacerdotes cristãos”. Cf. GET THE CHURCH FATHERS AND MORE... *To Epictetus and to the Congregation of Assurae, Concerning Fortunatianus, Formerly Their Bishop*.

⁸¹⁴ Tradução livre: “A ideia da Eucaristia como um sacrifício de sangue literal apareceu, e com ela as preocupações sobre a pureza ritual sacrificial, poluição do parto, e assim por diante (lembre-se de Jerônimo da celebração do não nascimento de crianças, mulheres virgens e viúvas)”. Cf. JAY. *Sacrifice as Remedy for ...*, 1986., p. 301

⁸¹⁵ ROCHA; ANTONELLO. *Evolução e....*, 2011, p. 236

⁸¹⁶ O termo canibalismo surgiu por causa de uma comunidade indígena que habitava a região do Caribe, e que realizava rituais onde a carne humana era consumida. Durante a exploração do espanhol Cristóvão Colombo à região, os espanhóis ficaram aterrorizados com esta prática e deram

Neste caso, simbolicamente, a Eucaristia poderia ser o alimento com o qual o cristão fortaleceria a fé através do corpo e o sangue de Cristo que morreu por nós. Entretanto, a visão sacrificial visualiza o sangue sempre como fator negativo, que, como nos mostrou Jay, surgiu com o patriarcalismo, quando houve a troca da visão do sangue da mulher, de positivo para negativo, e a colocação da mesma como pecadora, e tentadora.

Segundo Girard, os sacrifícios estão presentes tanto nas religiões antigas como na Bíblia, e o sangue é o elemento primordial em um sacrifício, “[...] porquanto é o sangue que fará a expiação pela alma”.⁸¹⁷

Desde que o ritual sacrificial passou a fazer parte da Eucaristia, a preocupação com a pureza surgiu, e isto afastou a mulher da liturgia. Para Bingemer, sempre houve um grande ceticismo se o corpo da mulher era puro ou não. “Ao longo da história da Igreja, as mulheres foram mantidas em prudente distância do sagrado e de tudo o que o circunda, como a liturgia e os objetos rituais”.⁸¹⁸ É importante perceber que para ter acesso ao sagrado precisa-se ter um corpo ‘puro’. Mesmo, hoje, com toda a participação das mulheres na vida eclesial, ela continua, por muitos, dentro da igreja, sendo considerada a sedutora, a impura, a fonte do pecado e uma ameaça à castidade. Entretanto, para Bingemer o corpo da mulher é uma dimensão da vida cristã na qual a mulher surge como privilegiada, devido à identificação da corporeidade feminina com o sacramento da Eucaristia. As mulheres podem ser as próprias expressões usadas, tanto na ‘transubstanciação’ como na ‘presença real’, pois significam que o corpo e o sangue do Senhor, sob as espécies do pão e do vinho são dadas ao povo, como alimento e bebida.

Antropologicamente, as mulheres possuem em sua corporeidade a possibilidade física de compreender a divina eucaristia. Durante o processo de gestação, parturição, proteção e nutrição da nova vida, o sacramento da Eucaristia, o ato divino por excelência está acontecendo de novo.⁸¹⁹

De acordo com esta teóloga, o corpo da mulher, simbolicamente, na Eucaristia pode ser dado para a vida dos outros, real e fisicamente distribuído. “E

o nome de "*canibales*" (em referência à região do Caribe) aos índios. Os atos canibais são muitas vezes considerados sinônimos dos antropofágicos, no entanto, o canibalismo não pode ser entendido como um sinônimo pleno de antropofagia. O termo antropofagia, do grego *anthropophagía* ("*anthropo*" = "homem" e "*phagía*" = "comer"), é o ato de comer carne humana. Apenas carne humana. Já o canibalismo consiste no ato de comer um ser vivo da mesma espécie (um ser humano comer outro ser humano, por exemplo). Ou seja, se um animal come outro animal, mas de espécie diferente, não pode ser considerado um canibal, mas sim apenas antropófago (um leão comer um homem, por exemplo). Cf. SIGNIFICADOS. *Canibalismo*.

⁸¹⁷ A BÍBLIA, 2006, Lev. 17,11

⁸¹⁸ BINGEMER, Maria Clara. *A Eucaristia e o corpo feminino*, p. 405.

⁸¹⁹ *Ibidem.*, loc. cit.

será comido e bebido pelos que, como homens e mulheres de amanhã, – continuarão a mesma luta de paciência e resistência, dor e coragem, alegria e prazer, vida e morte”.⁸²⁰

Na Patrística, nos primeiros séculos, os homens não tinham pudor em atribuir os atributos femininos e maternos em Deus. “Clemente,⁸²¹ refere-se a Deus Pai e o Logos cuidando paternal e maternalmente com respeito a seus filhos humanos”.⁸²² Ele relaciona a imagem maternal e o seio divino com a Eucaristia, “enfazando que ‘o leite que Deus dá é o corpo e sangue de Cristo, a Eucaristia, que é o alimento das crianças renascidas pelo Batismo’. Assim, o leite, - segundo ele -, é Cristo mesmo, sua carne e sangue pela vida do mundo (cf. Jo 6, 44.53)”⁸²³.

Para Bingemer, Clemente se aproxima das reflexões atuais sobre a mulher e o gênero em teologia quando estas afirmam que, “a relação de Deus com a humanidade não é vivida apenas por analogia masculina. A raiz do patriarcalismo se encontra nesse pensamento e a adesão ao mesmo se revela como uma interpretação redutora e equivocada”.⁸²⁴

De acordo com Susin, a história nos mostra que a Eucaristia foi utilizada por leis eclesíásticas como lugar de mistério aterrador e de discriminação sacrificial. Entretanto, para ele, a Eucaristia, sem que isto signifique ‘vale tudo’, “[...] é o lugar que deve dar oportunidade para a inclusão e a irmandade de toda a humanidade, lugar de hospitalidade e integração à família de Jesus, onde prostitutas e pecadores precedem no Reino”.⁸²⁵

Segundo Beattie, da mesma forma que Jay, Irigaray vê a Eucaristia como um ritual simbólico masculino, que nega o papel da mãe na geração da vida. Mas, ela sugere que, a Eucaristia não precisa simbolizar o sangue do sacrifício.

The eucharist need not symbolise blood sacrifice, since its symbols of bread and wine invite an alternative interpretation as Christ's invitation ‘to share together - fruits of the earth’ that I have blessed and sanctified - before the sacrifice occurs, so that my body returns to life and is not dead when you consume it in my absence. ‘This would inaugurate’ a new way of sharing with the divine.⁸²⁶

⁸²⁰ Ibidem., p.414

⁸²¹ Clemente de Alexandria ou Tito Flávio Clemente nasceu em 150 e morreu em 215. Foi um escritor, teólogo, apologista cristão grego nascido em Atenas. Pesquisou, principalmente, as lendas menos compatíveis com os valores cristãos.

⁸²² HARRISON, Verna E. F. *The Care banishing Breast of the Father*, p.401.

⁸²³ BINGEMER. *A Eucaristia e...*, 2013, p. 408.

⁸²⁴ Ibidem., loc. cit.

⁸²⁵ SUSIN. *A semântica do...*, 2012.

⁸²⁶ Tradução livre. “A Eucaristia não precisa simbolizar o sangue do sacrifício, os seus símbolos do pão e do vinho convidam a uma alternativa de interpretação como ‘o convite de Cristo a ‘partilhar

Para Bingemer, as mulheres, podem levar em si, tanto o selo da imagem de Deus como podem ser no mundo real “presença crística”. Elas podem visibilizar de maneira antropológica e única este sacramento do amor que dá vida. É importante se entender que, aquela que dá a vida, e tem no seu próprio corpo alimento para a vida, não traz em si a violência. Basta para isso olharmos para Maria, e percebermos, como Beattie nos leva a fazer, que Maria participou tanto do nascimento, onde teve participação essencial, como da morte, onde “John’s Gospel, which describes the flow of blood and water from Christ’s side, locates Mary at the foot of the cross as central to the drama of the crucifixion”.⁸²⁷ Maria foi escolhida por Deus para um papel primordial na encarnação, como mãe de Deus, tendo uma concepção virginal livre de violência, e fez da sua gestação, do nascimento e dos cuidados do seu filho, o seu sacerdócio.

De acordo com Beattie, a missa traz o simbolismo da fertilidade e da morte com atividade materna. Ela cita São Cipriano que disse da Igreja “of her womb we are born, of her milk we are fed, of her Spirit our souls draw their life-breath”.⁸²⁸ Para Beattie, “Christ’s body is not just the male victim on the cross, it is also the maternal body that gives birth to the church”.⁸²⁹

No entanto, o sacerdócio de Maria que, segundo Laurentin, é tão claro, e lógico, não parece ter encontrado eco na Igreja primitiva. Ele revela que os títulos cristológicos como rei, profeta, vítima, e mediador tiveram femininos equivalentes em Maria, no entanto, o termo ‘sacerdote’, não aparece na lista. Provavelmente, explica Laurentin, devido à palavra ‘sacerdotisa’ ser associada ao paganismo. Israel era contrário aos cultos pagãos onde existiam ‘sacerdotisas’, e seus sacerdotes eram todos homens. Como diz Laurentin, “Allied au christianisme perpétuation du

em conjunto - frutos da terra - que tenho abençoado e santificado - antes do sacrifício ocorrer, a fim de que o meu corpo retorne à vida e não esteja morto quando você o consumir na minha ausência”. “Isto inauguraria ‘uma nova maneira de compartilhar com o divino’”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother...*, 1999, p. 190-191

⁸²⁷ Tradução livre: “O evangelho de João descreve o fluxo de sangue e água ao lado de Cristo, e Maria ao pé da cruz como parte central do drama da crucificação”. Cf. BEATTIE, Tina. *Mary, the Virgin Priest?*.

⁸²⁸ Tradução livre: “Do seu ventre nós nascemos, do seu leite estamos fartos, do seu Espírito nos suas almas chamam sua vida-respiração” Cf. BEATTIE. *Mary, the...?* Disponível em pdf. p. 11-12. Citação também existente em: MILLER, Mônica Migliorino, *Sexualidade e Autoridade na Igreja Católica*, p.153.

⁸²⁹ Tradução livre: “O corpo de Cristo não é apenas o sexo masculino vítima na cruz, é também o corpo da gestante que faz nascer a Igreja”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother...*, 1999, p.200.

sacerdoce juive exclusivement masculin”⁸³⁰ Kristeva⁸³¹ também trouxe a mesma argumentação, Israel rejeitava o sacrifício, e as sacerdotisas estavam ligadas aos cultos pagãos. Tudo que era relacionado ao corpo da gestante e morte (corpos de mulheres, sangue, leite, carne, doentes ou mortos), eram considerados impuros, e um sistema de leis morais tomou o lugar do culto sacrificial. Para ela, "Far from being one of the semantic values of that tremendous project of separation constituted by the biblical text, the taboo of the mother seems to be its originating mytheme".⁸³² Para Israel, "The sacred would no longer be sought through sacrificial rites but through respecting laws based on social rituals associated with purity and impurity".⁸³³

Apesar disso, Laurentin identifica no decorrer da história da Igreja, o desenvolvimento de uma teologia do sacerdócio sacramental mariano, que ele fundamenta com imagens e o simbolismo materno. Segundo Beattie, chegou a haver um período na história da Igreja em que houve um aumento da devoção a Maria como a Virgem Sacerdote. Entretanto, "the Holy Office decreed in 1916 that pictures of Mary in priestly vestments were forbidden, and in 1927 it curtailed discussion of the issue because 'souls not enlightened would not understand it properly'".⁸³⁴

Segundo Beattie, o ponto crucial da não aceitação do sacerdócio de Maria estaria no fato dela ser mulher, e o sacerdócio estar ligado a ritual sacrificial que é feito por linhagem masculina da qual não se quer renunciar. Está relacionado à pureza, enquanto o corpo da mulher está ligado a sangue, nascimento, impureza. De acordo com Laurentin, "dans la doctrine chrétienne, le symbole de l'homme et de la femme exprime la relation entre Dieu et les hommes rachetés créature".⁸³⁵ O simbolismo do homem é a representação de Deus, com as características de iniciativa, estabilidade, autoridade, e poder criativo. E a mulher, representa a

⁸³⁰ Tradução livre: "Aliado à perpetuação no cristianismo do sacerdócio judeu, exclusivamente masculino". Cf. LAURENTIN, René. *Marie. L'Eglise et Le Sacerdoce*, Vol. 1, p.91-92.

⁸³¹ Julia Kristeva nasceu em 1941 na Bulgária, é filósofa, socióloga, psicanalista e crítica literária. Foi para a França 23 anos, é uma ardente feminista e romancista. Tem impactado os movimentos feministas em todo o mundo, especificamente no Reino Unido e nos EUA.

⁸³² Tradução livre: "Longe de ser um dos valores da semântica que extraordinário projecto de separação constituídos pelo texto bíblico, o tabu da mãe parece ser sua mytheme originários." KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror*, p. 105-6.

⁸³³ Tradução livre: "O sagrado deixaria de ser procurado através de ritos sacrificiais, para serem acessados através leis que respeitassem uma base social e rituais associados com pureza e impureza. " Cf. BEATTIE. *Mary, the...?*, p. 9.

⁸³⁴ Tradução livre: "Porém, em 1916, as fotos de Maria com vestes sacerdotais foram proibidas e em 1927 foi restringida a discussão da questão porque 'almas não iluminadas não iriam compreender adequadamente" Cf. *Ibidem.*, p.195.

⁸³⁵ Tradução livre: "Na doutrina cristã, o símbolo do Homem e da mulher exprime a relação entre Deus e os homens remidos criatura". Cf. LAURENTIN. *Marie...*, Vol. 1, pp.644.

humanidade, com as características de acolhimento, e receptividade, onde a iniciativa de Deus todo poderoso, amadurece e produz os frutos.

É importante sabermos que o significado que se dá a ‘redenção’ atinge a todos. Como já vimos, para Girard, o negativismo ligado à mulher seria consequência do medo do homem da sua própria cultura de violência ligada à sexualidade. Dessa forma, é preciso rever o significado da redenção pelo corpo da mulher, para que não haja barreiras no entendimento da redenção de Cristo. Pois, ao se rejeitar “[...] to fully work out the meaning of redemption for the female body, men too remain trapped in a space of fear which is a barrier to the experience of freedom, joy and fullness of living promised to both sexes through our redemption in Christ”.⁸³⁶

Esta revisão seria um convite para se ampliar a imaginação simbólica e estender as possibilidades a fim de que a humanidade pudesse explorar a sua relação com Deus na encarnação.

4.4.5 Violência – Eva/Maria - o Magnificat e Mariama

A violência tem atingido o feminino em todas as épocas, dessa forma não é difícil imaginar, que ao saber que carregava em seu ventre um filho, Maria sentiu em todo o seu ser, a necessidade de proteger este filho pelo medo da ‘violação’. Ela poderia ser humilhada, espezinhada, violada, apedrejada até a morte, o que levaria o filho também à morte!

De acordo com Beattie, Maria é o símbolo contra o abuso sexual do corpo feminino perpetuado pelo “androcentric association between sex and violence which expresses itself in men's exploitation and abuse of the female body, from which the Virgin Mary must be protected at all costs through keeping her inviolate”.⁸³⁷

O medo da violação que Maria sentiu, é também o medo da ‘violação que o feminino’ tem vivenciado em todos os tempos, quando tod@s que possuem

⁸³⁶ Tradução livre: “Pois, ao se rejeitar “trabalhar o significado da redenção para o corpo feminino, também os homens permanecem presos em um espaço do medo que é uma barreira para a experiência da liberdade, de alegria e de plenitude de vida prometida para ambos os sexos através da nossa redenção em Cristo”. Cf. BEATTIE. *God's Mother...*, 1999, p.200.

⁸³⁷ Tradução livre: “Androcêntrica associação entre sexo e violência que se expressa no homem através da exploração e o abuso do corpo feminino, da qual a Virgem Maria precisa ser protegida a todo custo mantendo-se inviolável”. Cf. *Ibidem.*, p. 105.

características femininas tem procurado escapar dos limites do medo e da morte. ‘Medo’ que existe na vida da mulher desde que percebe o seu corpo se transformando e começando a evidenciar as características femininas que a torna desejada como mulher. Um fator a mais de medo que, normalmente, não existe no homem; o medo da violência sexual, da violação, do estupro. Medo que nos confessam sentir, quando bem jovens, @s garot@s homossexuais, transexuais, travestis na escola, no clube, na igreja, no bairro, quando os desejos sexuais ou a insatisfação com o corpo que possuem são descobertos pelos grupos dos quais fazem parte, surgindo nel@s o medo da violação do corpo pelas surras, castigos corporais, e até estupros coletivos que muit@s enfrentam como castigo, ou, segundo os violadores, para se tornarem homem ou mulher. Medo de uma violência que se reproduz mimeticamente de geração em geração, tornando o ‘medo’ e a ‘violência de gênero’ viral. Uma violência de gênero gerada pela visão de inferioridade do feminino.

Para Tamez, a raiz fundamental do problema encontra-se no fato do homem ser assumido “como um ente superior, e a mulher como inferior”.⁸³⁸ Ao mesmo tempo em que a visão está relacionada ao mal, à tentação, à sedução, à Eva que instigou Adão a cometer o pecado, o que a tornou maldita sobre a terra. Uma visão que no cristianismo vem desde o século IV, e que, hoje, ainda é encontrada em alguns recintos masculinos, inclusive eclesiais, onde o feminino produz a ambivalência do desejo de apropriação, e o receio da tentação à castidade. Ambiguidade, que no passado, chegou a produzir sacrifícios no próprio corpo como penitência, mas ainda hoje, ronda certos discursos masculinos que, ou desmoralizam a mulher, ou a coloca, sutilmente, em um nível de submissão tão grande que ela não pode ter os mesmos cargos ou ministérios que os homens, ou, mesmo, tomar decisões para sua vida, como os que afirmam que a mulher não precisa e nem deseja debater temas referentes ao seu próprio gênero. Como diz Bingemer, dentro da igreja, o que é mais preocupante é a percepção de que “o patriarcalismo sublinha a superioridade do homem não somente numa perspectiva intelectual ou prática, mas no que chamaríamos de uma perspectiva ontológica”.⁸³⁹

⁸³⁸ TÁMEZ, Elsa. *Religião, gênero e violência*, p.154.

⁸³⁹ BINGEMER, Maria Clara. *La mujer*, p.92.

Para Tamez,

[...] uma simples crença, considerada como verdade, assumida, consciente ou inconscientemente, respirada em todos os âmbitos, é a causadora dos assassinatos, da permissividade, e da impunidade outorgada por toda a sociedade com suas instituições, seu conhecimento, sua religião e teologia. A todos, homens e mulheres, nos toca de perto porque sabemos que as instituições educativas... e a Igreja, a Bíblia e a teologia... são patriarcais.⁸⁴⁰

Violência que envolve a tod@s com características femininas, com o agravante de muit@s estarem excluíd@s da vida em sociedade e religiosa, e encontrarem-se lutando contra a exclusão e pelos seus direitos como cidadãos.

Como já abordamos anteriormente, para Girard é preciso entender o processo da violência mimética para, conscientemente, rejeitá-la. Nesse caso, é necessário perceber que, quando os ‘evangelhos’ denunciaram a violência, e isentaram a divindade de qualquer violência com a concepção virginal de Maria, e o nascimento e morte de Jesus, eles apontaram para um caminho que leva ao fim da violência, em nosso caso, um caminho que poderia ser o fim da violência contra o feminino.

Entretanto, interpretações que insistem mostrar uma visão bíblica que diminui a mulher, continuam a existir, e para podermos seguir o caminho da não violência, precisamos trazer novas questões e interpretações, além das que já existem, e hoje ainda repercutem dentro e fora das igrejas cristãs. E é isto que as teólogas feministas têm procurado, com muita dificuldade, fazer.

Entre estas teólogas encontra-se Phyllis Trible, que já nos referimos em nosso terceiro capítulo ao tratarmos de interpretações bíblicas, segundo ela, deturpadas, pois trazem a superioridade masculina em relação à feminina. Agora, aprofundaremos um pouco mais algumas de suas colocações.

Trible, em 1973, em uma palestra no ‘Andover Newton Theological School’, trouxe uma importante interpretação, na qual relatava que o primeiro ato da criação foi a androginia (Gn 2,7) e o último, a criação da sexualidade (Gn 2,23).⁸⁴¹ Ela mostrou também a igualdade de gênero existente em Gênesis, questionou e refletiu sobre a queda, a culpabilidade da mulher, e a forma como também tem sido interpretada. E será a partir desta biblista que começaremos nossas reflexões.

⁸⁴⁰ TÁMEZ. Op. cit, loc.cit.

⁸⁴¹ Temas que tratamos no terceiro capítulo.

Entre as diversas visões sobre a mulher, Tribble cita a de Paul Ricoeur⁸⁴², para quem a mulher representa ‘o ponto de fraqueza’; e McKenzie,⁸⁴³ que considerava que o atrativo sexual da mulher teria arruinado o homem e a mulher. “That link the moral weakness of the woman with her sexual attraction: and holds that the later ruined both the woman and the man”.⁸⁴⁴ Entretanto, analisando o texto bíblico, Tribble diz que nenhuma dessas duas conclusões encontra-se na Bíblia. Em Gênesis, homem e mulher têm o mesmo criador e a palavra ‘bom’ está explícita ao introduzir a criação da mulher (Gn 2,18). Ambos são iguais em termos de nascimento, natureza, e há totalidade de afinidade. Dessa forma, se um é frágil moralmente, os dois são frágeis.

Both are equal in birth. There is complete rapport, physical, psychological, sociological, and theological, between them: bone of bone and flesh of flesh. If there be moral frailty in one, it is moral frailty in two. Further, they are equal in responsibility and in judgment, in shame and in guilt, in redemption and in grace.⁸⁴⁵

Os dois devem suas vidas a Deus, e a origem dessas vidas é um mistério divino. O mesmo ocorre com a criação de matérias-primas: o homem foi feito do pó, e a mulher da costela. Homem e mulher foram feitos de materiais frágeis, e os dois processos aconteceram antes deles surgirem como seres humanos. Javé usa a poeira e a sopra para formar o homem; Javé extrai da costela e constrói a mulher (Gn 2, 10). Isto significa que a mulher foi uma realização divina feita por Javé. Para Tribble, superioridade, força, agressividade, dominância e poder não são características do homem em Gênesis. Ao contrário, o homem é frágil, feito da sujeira, de um sopro que ele não controla. Além disso, mostra-se calado, silencioso

⁸⁴² Paul Ricoeur nasceu em 1913, em Valence, e faleceu em 20 de maio de 2005. É considerado um dos mais importantes pensadores franceses do Pós-guerra. Foi professor catedrático em filosofia e doutor em letras. Protestante, de formação calvinista, Ricoeur foi referência na França e para o mundo em relação ao seu conhecimento da Bíblia e da teologia cristã. O seu livro “O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica (1969)” é referência maior para o estudo da exegese bíblica e seu método.

⁸⁴³ John Lawrence McKenzie, Jesuíta, nasceu em 9 de outubro de 1910 e faleceu em 2 de março de 1991, em Indiana, USA. Foi o primeiro estudioso de Bíblia católica em meados do século XX. Fez seu doutorado em Sagrada Teologia. Foi Presidente da Associação Bíblica Católica. Entre os seus livros destacamos, *Dictionary of the Bible; The Two-Edged Sword: An Interpretation of the Old Testament; The Civilization of Christianity, John L. McKenzie*.

⁸⁴⁴ Tradução livre: “A ligação da fraqueza moral da mulher com o seu atrativo sexual: e considera que este último arruinou tanto a mulher e o homem”. Cf. TRIBBLE, Phyllis. *Eve and Adam*, p. 3. Apud MCKENZIE, John L. “The Literary Characteristics of Gen. 2-3,” p. 570.

⁸⁴⁵ Tradução livre “Ambos são iguais em termos de nascimento. Há total afinidade, físico, psicológico, sociológico e teológico, entre eles: osso dos ossos e carne da carne. Se há fragilidade moral em um, é fragilidade moral em dois. Além disso, eles são iguais em termos de responsabilidade e no juízo, vergonha e culpa, na redenção e na graça.”. TRIBBLE. *Eve and.*, 1973, p. 3.

enquanto a divindade decide a sua vida. Um olhar mais cuidadoso no texto bíblico levar-nos-á também a perceber que *Adham* não se mostra em posição dominante. Ele não agride; não toma decisões, e segue Eva sem fazer perguntas, embora a proibição tenha sido dada diretamente a ele. “Further, they are equal in responsibility and in judgment, in shame and in guilt, in redemption and in grace. What the narrative says about the nature of woman it also says about the nature of man”.⁸⁴⁶

Após ambos desobedecerem, a situação muda. Primeiro os dois juntos conhecem a sua nudez (Gn 3,7), fogem ao escutar que Deus estava no Jardim (Gn3,8), e *adham* procura desculpar-se culpando a própria divindade por ter lhe dado *ishshah*. Ele não culpa a mulher. De acordo com Tribble, o verbo usado tanto para a divindade como para mulher é *enésimo* (Gn 3,6), e a mulher confirma quando diz, "A serpente me seduziu e eu comi" (Gn 3,13). Nesta resposta ela usa o verbo *nsh'*, que significa enganar, seduzir.

Tribble então prossegue dizendo que Deus aceitou o que foi dito, e chamou a serpente de maldita, não o homem nem a mulher. Como está em Gn 3, 9-24:

Yahweh Deus chamou o homem: Onde estás? Disse ele: Ouvei teu passo no jardim, respondeu o homem; tive medo, porque estou nu, e me escondi. Ele retornou: E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer! O homem respondeu: A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi! Yahweh Deus disse à mulher: Que fizeste? E a mulher respondeu: A serpente me seduziu e eu comi. Então Yahweh Deus disse à serpente: Porque fizeste isto, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre o teu ventre, e comerás poeira todos os dias de tua vida. Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linguagem dela. Ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. À mulher ele disse: Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos; Teu desejo te impelirá ao teu marido, e ele te dominará. Ao homem, ele disse: Porquanto escutaste a voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida. Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva do campo. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo; pois dele foste tirado; Pois tu és pó e ao pó tornarás. O homem chamou sua mulher ‘Eva’, por ser a mãe de todos os viventes. Yahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu. Depois disse Yahweh Deus: Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal; que agora ele não estenda a mão, e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre! E Yahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. Ele banuiu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida.⁸⁴⁷

⁸⁴⁶ Tradução livre: “Ambos são iguais em termos de responsabilidade e no juízo, vergonha, e culpa, na redenção e na graça. O que diz a natureza da mulher diz também a natureza do homem”. Cf. *Ibidem.*, loc.cit.

⁸⁴⁷ BÍBLIA..., 2006, Gn 3,9-24.

Segundo Tribble, a declaração de Deus que a mulher se submeteria ao homem, não foi uma licença dada ao homem para dominação. Foi à constatação de que o ‘ser humano’ está corrompido. O homem e a mulher estão corrompidos. A subordinação da mulher é uma consequência do pecado partilhado. Todos os relacionamentos foram afetados pelo pecado.

Between animals and human beings (Gn 3,15); mothers and children (3,16); husbands and wives (3,16); man and the soil (3,17); man and his work (3,19). Whereas in creation man and woman know harmony and equality, in sin they know alienation and discord.⁸⁴⁸

Desde então, só através da Graça será possível existir um novo começo! De acordo com Beattie, tem sido difícil para os teólogos desde a Igreja primitiva ao falar sobre a ‘queda’ e a ‘restauração’ do ser humano através Jesus Cristo, explicar a salvação das mulheres. Não adianta apenas dizer que na promessa de salvação as mulheres são igualmente incorporadas em Cristo, pois esta colocação precisa ser justificada. Para ela, no Concílio Vaticano II, no documento *Lumen Gentium* (56) é possível perceber o espírito de Eva presente no documento, mas embora fale que Maria desatou o nó de Eva, o documento não diz que Eva foi resgatada por Maria.

[...] Deste modo, Maria, filha de Adão, dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de Jesus e, não retida por qualquer pecado, abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção. Por isso, consideram com razão os santos Padres que Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens. Como diz S. Ireneu, «obedecendo, ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano» (176). Eis porque não poucos padres afirmam com ele, nas suas pregações, que «o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé» (177); e, por comparação com Eva, chamam Maria a «mãe dos vivos»(178) e afirmam muitas vezes: «a morte veio por Eva, a vida veio por Maria» (179).⁸⁴⁹

Segundo Beattie, “The spirit of Eve lies dormant in much of *Lumen Gentium*’s imagery. However, explicitly the document refers to her directly only in opposition to Mary”.⁸⁵⁰ Para Beattie, existem implicações preocupantes, “when the

⁸⁴⁸ Tradução livre: “Entre animais e seres humanos (Gn 3,15); mães e crianças (3,16); maridos e esposas (3,16); o homem e o solo (3,17); o homem e o seu trabalho (3,19). Considerando que na criação o homem e a mulher conhecem a harmonia e a igualdade, no pecado que eles conhecem a alienação e a discórdia”. Cf. TRIBBLE. *Eve and...*, 1973, p.4.

⁸⁴⁹ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*. *Sobre a Igreja*, n.56.

⁸⁵⁰ Tradução livre: “O espírito da Eva se encontra latente em muitas das imagens da *Lumen Gentium*. No entanto, explicitamente o documento se refere a ela diretamente só em oposição a Maria”. Cf. BEATTIE, Tina. *Maria*, p.11

modern church forgets that Eve is actually woman redeemed not woman condemned”.⁸⁵¹

Entretanto, de acordo com a linha de pensamento que encontramos nos escritos da patrística parece⁸⁵² existir duas narrativas implícitas sobre a salvação da mulher nesses escritos. “Uma baseada em uma visão androcêntrica como modelo cristão para ambos os sexos, e a outra baseada em uma visão ginocêntrica⁸⁵³, que vê Maria como um símbolo de redenção das mulheres.⁸⁵⁴” A narrativa da salvação ‘androcêntrica’ todos conhecemos, pois nos acompanha há séculos, entretanto; a visão ginocêntrica, ainda assusta a alguns por trazer Maria como participante da narrativa da salvação.

Segundo Beattie, os escritos da Patrística através de Irineu,⁸⁵⁵ e Severiano,⁸⁵⁶ trazem Maria como uma advogada para o seu sexo, e já é possível encontrar nesses escritos, uma perspectiva de gênero na narrativa da salvação. Segundo Irineu, as mulheres possuem símbolos de sofrimento e redenção diferentes dos homens, embora não fujam do quadro global da salvação em Cristo. Dessa forma, embora Maria, como mulher não fosse igual ao homem Jesus, Irineu considera sua participação na história da salvação essencial para as mulheres.

Agostinho também dá grande importância à Maria na história da Salvação.⁸⁵⁷ Para ele, Cristo nasceu de uma mulher a fim de mostrar que ambos os sexos foram resgatados. Embora cite muito pouco o nome de Maria, suas palavras referentes a este contexto são muito importantes. ‘Deus criou ambos os sexos, e quis honrar cada sexo no seu nascimento’. Para Agostinho,

How the serpent didn't dare speak to the man, but made use of the woman's services to bring him down. Through the weaker he gained a hold over the stronger; and by infiltrating through one of them he triumphed over both. In order, therefore, to make it impossible for us with a show of righteous, horrified indignation, to put all the blame for our death on the woman, and to believe that she is irredeemably damned; that's why the Lord, who came to seek what was lost (Lk 19: 10), wished to do

⁸⁵¹ Tradução livre: “Existem implicações preocupantes a respeito da salvação da mulher, quando a moderna Igreja esquece que Eva é atualmente mulher redimida, não mulher condenada”. Cf. BEATTIE. *Maria...* 2001, p.11.

⁸⁵² Não há comprovação, mas diversas pesquisas apontam essas teorias como prováveis.

⁸⁵³ Do ponto de vista feminino.

⁸⁵⁴ BEATTIE, *God's Mother*, 1999, p.123.

⁸⁵⁵ Irineu foi bispo de Milão, nasceu entre os anos 120 e 140 na Ásia Menor, provavelmente em Esmirna, onde ainda menino conheceu Policarpo, que foi martirizado em 155. Como bispo de Lião, Irineu liderou a igreja daquela cidade, defendeu o seu rebanho contra as heresias e lutou pela paz e unidade da Igreja Cristã como um todo.

⁸⁵⁶ Severiano foi bispo de Gabala na Síria (Depois de 408 dC),

⁸⁵⁷ Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidente. Nasceu em 13 de novembro de 354, em Tagaste, e morreu em 28 de agosto de 430, na Argélia.

something for each sex by honoring them both, because both had got lost. In neither sex, then, should we wrong the Creator; the birth of the Lord encouraged each to hope for salvation. The male sex is honored in the flesh of Christ; the female is honored in the mother of Christ. The serpent's cunning has been defeated by the grace of Jesus Christ!⁸⁵⁸

Gostaríamos de ressaltar, que embora Agostinho afirme que a mulher é ‘fraca’ e o homem ‘forte’, o que lhe garante não comprometer o papel do primado de Cristo ou da superioridade masculina, ele traz abordagens que reconhecem a participação de Maria como fundamental no nascimento de Jesus. Passagens que em nosso trabalho refletiremos, tal como a que temos acima, onde Agostinho afirma que com o nascimento do Senhor, ambos foram honrados com a esperança de salvação, pois o sexo masculino foi honrado na carne de Cristo, e o feminino homenageado na Mãe de Cristo.

Em relação à Adão e Eva, Agostinho diz “Their part is ancillary and subordinate in relation to the principal actor, Adam and the new Adam. But this ancillary function takes on a profound significance by imprinting on the work of salvation the stamp of universality”.⁸⁵⁹ Ele reconhece o importante papel de Maria na obra de salvação, e que a astúcia da serpente foi derrotada pela graça de Jesus Cristo.

Eva não tinha pecado, e pecou. Maria sem pecado original trouxe ao mundo, a salvação. Na teologia de Agostinho, Maria simbolicamente é o resgate de todas as mulheres, e se este papel for ignorado, há o perigo de as mulheres poderem ser excluídas da história da salvação. Para ele, se a morte veio até nós através de uma mulher, a vida renasceu através de uma mulher.

Girard recorre à definição de Paulo que diz que Cristo é o segundo Adão, ou o Adão perfeito. Em 1 Coríntios lemos: ⁴⁵“Assim está escrito: O primeiro homem,

⁸⁵⁸ Tradução livre: “Como a serpente não se atrevia a falar com o homem, fez uso dos serviços da mulher para lhe trazer para baixo. Através do mais fraco ela conteve o mais forte; e pela infiltração através de um deles triunfou sobre ambos. Assim, com vistas a se tornar impossível para nós com um show de justos, horrorizados cheios de indignação, colocar toda a culpa sobre a nossa morte na mulher e acreditar que ela é irremediavelmente maldita, o Senhor veio para buscar o que estava perdido (Lc 19,10), quis fazer algo para cada sexo por honrar a ambos, porque ambos estavam perdidos. Nem o sexo, então, devemos considerar errado no Criador; o nascimento do Senhor incentivou em cada um a esperança de salvação. O sexo masculino é honrado na carne de Cristo; o sexo feminino é homenageado na Mãe de Cristo. A astúcia da serpente foi derrotada pela graça de Jesus Cristo!” Cf. WARE, Kallistos. *Mary Theotokos in the Orthodox Tradition*, p. 232.

⁸⁵⁹ Tradução livre: “Sua parte é acessória e subordinada em relação ao ator principal, Adão e o novo Adão. Mas esta função auxiliar assume um significado profundo que imprime por sobre a obra de salvação, o carimbo da universalidade”. Cf. BORRESEN, Kari Elisabeth. *Subordination and Equivalence*, p.75.

Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida”.⁸⁶⁰ Segundo Girard, “dizer que Cristo é o Deus, nascido de Deus, e dizer que ele foi concebido sem pecado, é redizer que ele é alheio a este universo de violência no interior do qual os homens estão aprisionados desde que o mundo é mundo, ou seja, desde Adão”.⁸⁶¹ Adão também não tinha pecado, e foi ele que pecou pela primeira vez, fazendo a humanidade entrar no círculo da violência do qual nunca conseguiu sair. Da mesma forma que Adão, Jesus foi exposto às tentações, como todos os seres humanos, mas ele venceu a violência. Se Jesus é o único inocente, significa que Adão não foi o único culpado. Todos os seres humanos possuem esta ‘culpabilidade arquetípica’, na medida de suas possibilidades. Uma vez mais Girard, analisando o texto bíblico, mostra que assim como na concepção virginal, no nascimento, na paixão e morte de Jesus, nesta passagem de Paulo, a divindade encontra-se isenta de violência. Jesus vence a tentação, a violência, o desejo de vingança, e nos indica o único caminho capaz transformar o mundo, sem ódio, sem vingança, com amor.

Assim como Jesus, o simbolismo de Eva e Maria torna-se essencial para o feminino. Eva não tinha pecado, mas pecou, Maria, sem pecado original, com o seu ‘sim’ foi responsável por aquele que salvou a humanidade. Como já havia escrito Irineu, entre os anos 120-140, as mulheres possuem símbolos de sofrimento e redenção diferentes do homem.

Entretanto, as mulheres foram redimidas como os homens em Jesus. é em Maria que as mulheres conseguem se sentir como Eva, vendo em sua força, coragem, e fé, o resgate de suas identidades como mulheres, que enfrentam as turbulências da vida, e possuem a força do que significa ser mulher, na bonança e nas intemperes da vida, de enfrentar a violência, seguindo em frente impulsionada pela fé.

Segundo Gebara e Bingemer, Maria vive não só na história, mas também em Deus, e como tal adquire um significado simbólico para além da sua vida individual. Para elas, “Those who ‘live in God’ embody our unlimited yearning for life, the expression of our attachment to this history, to this earth of which we have been woven”.⁸⁶²

⁸⁶⁰ BÍBLIA..., 2006, 1 Cor 15,45.

⁸⁶¹ GIRARD. *Coisas ocultas...*, 2008, p.270.

⁸⁶² Tradução livre: “Aqueles que ‘vivem em Deus’ encarnam o nosso anseio ilimitado para a vida, a expressão do nosso apego a esta história, a esta terra da qual temos sido tecidos”. Cf. GEBARA, Ivone and BINGEMER, Maria Clara. *Mary*, p. 23

Na Patrística, Severiano interpretou a saudação de Isabel a Maria como uma revelação de ‘toda a economia de Cristo’ na qual a salvação de Eva é revelada em Maria. Segundo Beattie, a interpretação de Severiano traz Eva como uma humilde serva que passa a ser bendita em Maria e fala através dela. Ela que até então foi desprezada, doravante as gerações chamarão de Bem-aventurada. O Magnificat seria uma profecia que faz ligação entre Eva e Maria. “Eve is the symbol of the female sex who would have been ‘doomed to sentence of condemnation’ and ‘kept in sorrows’ had Christ not loosed her bond. She is the exaltation of the lowly and the hungry filled with good things”.⁸⁶³ Como Irineu dizia na Patrística, Maria, se torna “advogada” para o seu sexo, e proclama a salvação da mulher e bem-aventurada.

De acordo com Beattie, Eva e Maria são necessárias para revelar o significado pleno da história cristã para as mulheres. No livro de Genesis encontramos que as consequências do pecado são diferentes para Eva e Adão, dessa forma é importante uma narrativa diferenciada. Nesta perspectiva, Eva emerge como símbolo da mulher pecadora, assim como Adão é o símbolo do homem pecador, mas da mesma forma que a importância de Adão foi ser redimido por Jesus, a importância de Eva não reside no pecado, mas na sua redenção em Maria, a escolhida de Deus para dar vida a encarnação.

As a woman was the first to know good and evil and the first to suffer the consequences of that knowledge in the form of her own oppression, so a woman is the first to know the fullness of God’s reconciling love in her whole bodied being, and the first to experience liberation from oppression through becoming God’s chosen one in the incarnation”.⁸⁶⁴

Neste sentido é por Maria ser mulher que Deus fez uma nova aliança com a mulher através dela, e restaura o estado original de bondade e de comunhão entre Deus e o homem, e caem todas as opressões e hierarquias da história.

Eva foi resgatada, mas a estrutura patriarcal em que vivemos não permite às mulheres vivenciarem este resgate. Como explica Beattie,

The alienation between the sexes and the domination of woman by man is a consequence of the corruption of knowledge, so that the primary cause of injustices

⁸⁶³ Tradução livre: “EVA é o símbolo do sexo feminino que teria sido ‘condenada à sentença de condenação’ e ‘mantida em dores’, se não tivesse Cristo a libertado das amarras. Ela é a exaltação dos pequeninos e aos famintos que encheu com coisas boas”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother*, 1999, p.126.

⁸⁶⁴ Tradução livre: “Como a mulher foi a primeira a conhecer o bem e o mal e a primeira a sofrer as consequências do conhecimento em forma de sua própria opressão, então uma mulher é a primeira a conhecer a plenitude do amor reconciliador de Deus em todo o seu corpo, e a primeira a ter a experiência de libertação da opressão através de tornar-se a escolhida de Deus na encarnação”. Cf. *Ibidem.*, p.128.

the human capacity to establish hierarchies of power and domination based on a form of discriminatory knowledge which distinguishes between good and evil. So I am not saying that patriarchy itself is the root cause of injustice, but rather that the disordering of the relationship between the sexes, the self-divinization of the male in his identification with God and the exclusion of woman from godlikeness and therefore from personhood, is the first consequence of the fall and marks the beginning of patriarchy.⁸⁶⁵

Para Beattie, a causa raiz da injustiça não foi o patriarcado, mas todos os problemas que passaram a existir com a ‘queda’. O patriarcado seria uma das consequências que são sentidas até os nossos dias através da ‘violência, e em especial a ‘violência de gênero’.

E como consequência desse patriarcado, muitas leituras da Bíblia trazem a marca da interpretação androcêntrica de Gênesis, calcada na inferioridade, na submissão das mulheres, e na contínua visão de pecadora. Entre elas, citamos esta de Timóteo atribuída a Paulo, mas que diversos biblistas revelam ter sido escrita tardiamente.

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.⁸⁶⁶

De acordo com Tamez, o problema de fundo da violência de gênero é o caráter hierárquico do patriarcalismo como ‘princípio de organização social, cultural e religiosa’. Um princípio de organização social do gênero masculino que provoca exclusões, e cujo maior problema é o fato de ser absolutamente hierárquico. Segundo um documento dos Bispos dos Estados Unidos da América, “os homens que abusam das mulheres chegam a se convencer de ter o direito de fazê-lo, e outros mantêm o critério da inferioridade da mulher..., acreditando que ser homem significa dominar e controlar a mulher”.⁸⁶⁷

⁸⁶⁵ Tradução livre: “A alienação entre os sexos e a dominação da mulher pelo homem é uma consequência da corrupção do conhecimento, de modo que a causa primária da injustiça é a capacidade do homem estabelecer hierarquias de poder e dominação baseado em uma forma discriminatória de conhecimento que distingue entre o bem e o mal. Então eu não estou dizendo que o Patriarcado em si é a causa raiz de injustiça, mas sim que o desordenamento do relacionamento entre os sexos, a autodivinização do sexo masculino na sua identificação com Deus e a exclusão da mulher da semelhança com Deus, portanto da sua não personalidade, é a primeira consequência da queda e marca o início do patriarcado”. Cf. BEATTIE, *God's Mother*, 1999, p.126.

⁸⁶⁶ BÍBLIA..., 2006, 1Tim 3. Obs. De acordo com Jerome Murphy O’Conor, 1Tim junto com Tito e Colossenses, foram inspirados em 2Tim e institucionalizaram os ministérios na Igreja de um modo estranho ao próprio Paulo. De acordo com Mazzarolo, a maioria dos exegetas afirma que Paulo não escreveu nenhuma das cartas pastorais. O’CONOR, Jerome Murphy. *Paulo de Tarso*, p. 251; MAZZAROLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*.

⁸⁶⁷ TÁMEZ, Elsa. *Religião, gênero e violência*, p.154.

Lina Boff nos diz que “apresentar Maria como garantia da grandeza feminina, nos dá uma visão global conhecida como o ‘retorno do feminino’⁸⁶⁸”, onde estariam envolvidos ‘homem e mulher’. Para ela, seria o retorno da outra metade da humanidade que espera ser libertada da servidão da modernidade e da violência. Esperança que faz o ‘canto do Magnificat’ ter um significado especial para a América Latina, pois a sua releitura trouxe a perspectiva da libertação do ser humano, a reinterpretação da opressão de um povo pobre e sofrido, onde Deus condena a estrutura da exploração econômica e política deste povo.

Para Tamez, a teologia latino-americana ao colocar ‘os pobres’ como ponto referencial, mostrou as dimensões da compaixão e a misericórdia de Deus para com os que sofrem. “Contudo, nós, homens e mulheres dessa teologia, permanecemos com as categorias e imagens patriarcais. Talvez por isso os discursos bíblicos teológicos sejam ineficazes diante do assassinato de mulheres. Estamos diante de um enorme problema epistemológico”.⁸⁶⁹

De acordo com Gebara,

As the poor observe the daily massacre of children, women, men, and whole peoples, they begin to have trouble understanding our discourse concerning the plan of God, the love of God, and God's preference for the poor. ... In practice this image of God as liberator excludes women as much as does the image of God as "the Other," insofar as women continue to be the Pietas of war games, accepting on their knees the murdered bodies of husbands, lovers, brothers, sisters, children, parents.⁸⁷⁰

Segundo Beattie, para Gebara a teologia da libertação precisa modificar sua reconfiguração da narrativa teológica, pois esta acontece através da introdução de uma perspectiva ginocêntrica expondo a inadequação das narrativas existentes de modo a dar sentido aos dramas da vida das mulheres. Mas só o fato de identificar-se com a Pietá não permite que as mulheres pobres sejam agentes de suas próprias narrativas, mas que continuem a ser vítimas passivas das narrativas dos homens em relação à guerra e à violência. Esta identificação com Maria, que Girard chama de ‘mimética’, de acordo com Gebara, esconde o fato de que, ela, mulher “is a victim of patriarchal power, and her identification with Mary risks the perpetuation of her

⁸⁶⁸ BOFF, Lina. *Apresentar Maria como garantia da grandeza feminina*.

⁸⁶⁹ TÁMEZ. Op. cit, p.154.

⁸⁷⁰ Tradução livre: “Quando os pobres veem o massacre diário de crianças, mulheres, homens e povos inteiros, eles começam a ter dificuldade em entender o nosso discurso relativo ao plano de Deus, o amor de Deus e da preferência de Deus para com os pobres [...] Na prática esta imagem de Deus como libertador exclui as mulheres tanto como a imagem de Deus como "Outro", na medida em que as mulheres continuam a ser as ‘pietas’ de jogos de guerra, aceitando em seus joelhos os corpos assassinados de maridos, amantes, irmãos, irmãs, filhos, pais “. Cf. GEBARA, Ivone. *The Face of Transcendence as a Challenge to the Reading of the Bible in Latin*, p.175.

victimization insofar as it potentially leads to her passive acceptance of her situation".⁸⁷¹ É preciso que as mulheres possam ir além do seu entendimento circunstancial da situação. É necessário elas terem consciência de suas posições como vítima da cultura de violência masculina. "To become agent rather than victim from this new perspective would entail a more dramatic appropriation of Mary's symbolic potential, wresting it out of existing frameworks and refiguring it into a different narrative".⁸⁷²

Irigaray alerta que não se pode confundir a importância da encarnação com o significado socioeconômico das mulheres. Para ela, Maria foi escolhida por ser mulher, não por ser mulher pobre. Da mesma forma que, como Girard, citando Paulo, diz que Cristo resgatou em Adão todos os homens, o simbolismo do resgate de Eva, envolve todas as mulheres que também foram resgatadas por aquela que trouxe em seu ventre a salvação, independente do estado socioeconômico, permitindo-lhes a identificação com toda e qualquer mulher.

Em Eva/Maria está à mulher que desde o nascimento, por ser mulher, independente da sua situação financeira, já é discriminada, subjugada, humilhada. Se ambos, homem e mulher são sacrificados pelas estruturas políticas e econômicas de exploração, é a mulher que possui dupla ou tripla jornada de trabalho, ganha menos do que o homem, e sofre tanto a violência doméstica, como a institucional, patrimonial, e simbólica. Se as mulheres que tem uma boa situação financeira passam por toda esta situação, é possível imaginar o que enfrentam as que vivem na pobreza, ou mesmo na linha da miséria.

Referindo-se ao povo brasileiro, Lina Boff aborda a associação de Maria à dor, à luta, à força, à dor de Maria ao pé da cruz. Nossa Senhora das Dores, da Piedade, da Soledade, enfim, os inúmeros nomes que Maria recebe ligados a sua importante participação no mistério da encarnação. Segundo ela,

Para o nosso povo, que transita muito mais pelo sentimento, pelo coração, pelo afeto e pelas profundas emoções de que é capaz de comunicar e testemunhar para o mundo, Maria ao pé da cruz passa a ter um sentido plenificado a partir do mistério da Encarnação.⁸⁷³

⁸⁷¹ Tradução livre: "É uma vítima de um poder patriarcal e que sua identificação com Maria pode perpetuar a sua vitimização na medida em que pode leva-la a uma aceitação passiva da sua situação". Cf. BEATTIE, *God's Mother*, 1999, p. 26.

⁸⁷² Tradução livre: "Para se transformarem em agentes em vez de vítimas, a partir desta nova perspectiva implicaria uma dotação mais dramática do potencial simbólico de Maria, lutando fora dos quadros existentes e reconfigurando dentro de uma narrativa diferente". Cf. *Ibidem*.

⁸⁷³ BOFF, Lina. *Mãe vem nos ensinar a fazer da vida uma oblação*.

Não se esquecendo, como diz Gebara, que não basta ligar o sofrimento da mulher ao simbolismo de Maria, mas é preciso entender o contexto de violência em que ela está inserida na cultura androcêntrica em que vivemos. Para a mulher, o resgate de Eva através de Maria é símbolo de força, de coragem, de fibra, de transformação, de identificação como mãe, e como mulher. São milhões de mulheres, filh@s, e pessoas com características femininas ou que se sentem mulheres⁸⁷⁴, que podem ser encontrad@s nas grandes cidades, no interior, nos bairros ricos e pobres, nas periferias, e nas favelas da América Latina, que através de Nossa Senhora de Guadalupe, e no Brasil, através de Nossa Senhora Aparecida, sentem-se identificad@s e resgatad@s em Maria, a quem o povo pobre, principalmente, as mulheres negras nas CEBs⁸⁷⁵, aprenderam a chamar carinhosamente com Dom Helder⁸⁷⁶, de Negra Mariama⁸⁷⁷.

“Mariama, Nossa Senhora, mãe de Cristo e mãe dos homens!”⁸⁷⁸ Mariama, mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da Terra [...]”⁸⁷⁹ Nela, as mulheres, os que se sentem mulheres, e os que se tornam mulheres, encontram o símbolo da luta contra a violência, contra a opressão, dos que tentam

⁸⁷⁴ Este mesmo sentimento de fé, e esperança em Maria, e em Cristo, encontramos naquel@s que possuem características femininas, ou se identificam como mulheres, principalmente o grupo que, por insistência, teimosia, e com apoio de alguns padres, buscam, na Igreja Católica, um espaço em que possam continuar sua história. O que muitas vezes acontece, é que como a grande maioria, está excluída das igrejas, tem dificuldade de traduzir em palavras o seu sentimento religioso, entretanto, sem jamais negar a imensa fé que possui, fazendo questão de dizer o quão importante é a força que encontra nesta fé.

⁸⁷⁵ CEBs – (COMUNIDADES ECLESIAL DE BASE) - São grupos de cristãos leigos, geralmente pobres, que se reúnem ou em casas de famílias ou em centros comunitários para ouvir e aprofundar a Palavra de Deus, alimentando a comunhão fraterna e assumindo o compromisso cristão no mundo. COMUNIDADES porque são grupos formados por pessoas a partir do lugar onde moram, nos bairros, periferias, centro, morros, zona rural... que procuram viver relações fraternas de partilha, ajuda, solidariedade e serviço. ECLESIAIS, por se tratar de grupos de seguidores dos exemplos de Jesus, dos apóstolos, em comunhão com a Igreja. E de BASE porque está presente desde o começo da Igreja com os Primeiros Cristãos e também porque é vivida pelo povo que está na base humana e cristã, gente pobre ou pessoas que se colocam ao lado dos pobres. As CEBs nasceram no início da década de 60, da necessidade do povo se unir, participar da Igreja, conhecer os seus direitos, discutir os problemas que lhe afligiam e procurar resolvê-los. De lá pra cá estão espalhadas pelo Brasil, sendo regadas com muita fé, alegria e esperança. Muitos mártires, a exemplo de Jesus e dos primeiros cristãos, têm regado as CEBs, com o próprio sangue. Cf. COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. *O que é CEBs?*.

⁸⁷⁶ Dom Hélder Pessoa Câmara, nasceu em Fortaleza, em 7 de fevereiro de 1909 e morreu em Recife, em 27 de agosto de 1999. Bispo católico, arcebispo emérito de Olinda. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e grande defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil. Pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres, e a nãoviolência. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, e quatro vezes foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

⁸⁷⁷ Negra Mariama é o nome dado no Brasil, popularmente nas CEBs a Nossa Senhora Aparecida. Este nome tronou-se conhecido por conta de Dom Helder Câmara, que assim a chamava carinhosamente.

⁸⁷⁸ Homem aqui traz o sentido de 'ser humano', homem e mulher.

⁸⁷⁹ CÂMARA, Helder Dom. *Invocação à Mariama*.

roubar a dignidade do que é feminino, mas que junto com Maria insistem em seguir em frente, lutando para vencerem a violência e conseguirem ‘viver’ em um mundo de igualdade, respeito, e paz.

Para Beattie, na reconciliação entre Eva e Maria, o passado não é rejeitado, nem condenado, ele se incorpora na história da salvação, e nele a mulher resgatada é aquela que “who recognizes the past as the story of her own becoming -a grace-filled journey through a historical process of struggle, pain and joy, to the final recognition of the beauty of her own being in God”.⁸⁸⁰

4.5

Resumo

Em nosso trabalho doutoral dedicamos este capítulo à René Girard. Na primeira parte do capítulo abordamos os principais tópicos de sua teoria, procurando esclarecer o que é ‘desejo mimético, como ocorre, como se dá o desejo rivalista e o não rivalista, a diferença entre mediação interna e externa, o que é o complexo de Édipo para Freud, e a visão de Girard, mostrando como este mecanismo apontado por Girard influencia fortemente a vida de cada ser humano. Esclarecemos sobre o perigo da proximidade da mediação interna, da propagação da violência, e o papel da religião através dos ritos sacrificiais e do bode expiatório para conter a violência. Mostramos que para Girard, a única religião que apontou o caminho para o fim da violência foi o cristianismo, mas como o próprio Girard disse, ‘nem o cristão tem consciência disso’. Depois trouxemos a sua visão sobre o simbolismo negativo do sangue, a ligação com a sexualidade, a violência, e a associação com a mulher.

Em um segundo momento, com base nas conclusões de Girard sobre a ‘violência’, através de estudiosos de sua teoria, e dos estudos de gênero, correlacionamos a ‘violência contra o feminino’. Em seguida, da leitura negativa e androcêntrica de importantes passagens bíblicas sobre o sangue, a sexualidade, violência e feminino, fizemos reinterpretações a partir de uma visão de diversas importantes teólogas feministas, aprofundando a exegese, na busca do sentido original do texto.

⁸⁸⁰ Tradução livre: “Mulher resgatada é a mulher que reconhece o passado como a história da própria tornar-se- uma viagem repleta de graça através de um processo histórico de luta, a dor e alegria, para o reconhecimento final da beleza do seu próprio ser em Deus”. Cf. BEATTIE, *God’s Mother*, 1999, p.129.

Finalmente, com base na citação de Paulo, por Girard, abordamos a redenção de Adão, e de todos os homens através Cristo, correlacionando, simbolicamente, Maria ao resgate de Eva e de todas as mulheres.

Segundo Beattie, apontamos um caminho para a reestruturação da visão da mulher a partir da concepção virginal de Maria, do nascimento de Jesus, e do sacerdócio de Maria, como mãe. Como diz Agostinho, Maria simbolicamente é o resgate de todas as mulheres. Se a morte veio por uma mulher, a vida renasceu através de uma mulher. Para Bingemer, como vimos, as mulheres são privilegiadas, pois trazem em si, o sacramento do amor que dá vida.

Como indica Girard, a partir da concepção virginal de Maria, os evangelhos apontam para o caminho da ‘não violência’, separando ‘divindade’ e ‘violência’, ‘religião’ e ‘violência’, o que continuou no nascimento, na morte, e na ressurreição de Jesus. Para ele, o que o mundo e o cristão necessitam, é entender a mensagem cristã da ‘não violência’.

Se partirmos do que Girard nos mostra, e da mensagem cristã, para que a teoria de Girard venha a ser realmente útil, e nós possamos ter uma mudança de mentalidades a fim de termos relacionamentos igualitários e inclusivos, será preciso: - procurar, entender o que é o mimetismo, e como ocorre. - O que se pode fazer para evitar que o mimetismo continue a espalhar a violência, a fim de que a sociedade não precise fabricar mais monstros para serem ‘bodes expiatórios’.

Segundo Beattie, dentro do cristianismo, para que a Igreja Católica possa viver a sua verdadeira identidade como sinal de Cristo, é importante ter coragem: 1. de rever as interpretações bíblicas que a exegese atual feminista aponta como desviantes. 2. Olhar para Maria, e assumir o seu importante papel na encarnação de Jesus, e como mãe, a sua vocação sacerdotal. 3. Rever e reinterpretar os símbolos negativos em relação ao feminino de forma que as novas gerações possam através de símbolos positivos libertarem-se do medo do feminino, do medo da violência, e possam trabalhar e vivenciarem relacionamentos onde ‘todas’ possam estar incluídas.

Como cita Girard, e encontramos em Oséias⁸⁸¹, e em Mateus, a mensagem de Deus é clara e direta: “Ide, porém, e aprendei o que significa: “Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim chamar os justos, mas os justos mas os não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”.⁸⁸²

⁸⁸¹ BIBLIA..., 2006. Os. 6,6.

⁸⁸² Ibidem., Mt. 9,13.

5

Emmanuel Lévinas: Violência e a ética da alteridade

Em nosso segundo capítulo Emmanuel Lévinas também participou juntamente com outros grandes pensadores, trazendo uma visão geral sobre a violência. Nesse capítulo voltaremos a ele, para que, de uma forma mais específica, possamos conhecer o seu pensamento sobre a ‘violência no mundo’, e ‘o caminho’ que nos aponta em sentido contrário ao que apregoa a sociedade, pois Lévinas parte da ética da alteridade, do rosto do outro, tornando o ‘ser’ responsável pelo outro, para chegar à ‘paz messiânica’.

Desenvolveremos essa teoria com base na pesquisa que realizamos em livros, artigos e entrevistas com Lévinas, como também através de diversos estudiosos do seu pensamento. Entre os estudiosos, citaremos de modo especial Luiz Carlos Susin⁸⁸³ teólogo em que baseamos a nossa dissertação de mestrado em 2011, a partir do livro de sua tese de doutorado sobre Lévinas, ‘O homem messiânico’. Mas além dele, selecionamos outros importantes pesquisadores que possuem livros e artigos sobre Lévinas. Entre eles: - Na teologia: Ulpiano Vásquez Moro⁸⁸⁴, Maria Clara Bingemer.⁸⁸⁵ Na filosofia: Evaldo Kuiava,⁸⁸⁶ Nélio

⁸⁸³ Luiz Carlos Susin, frei capuchino, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, é professor na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (Estef), em Porto Alegre. Participa da direção editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. Membro fundador e ex-presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), ministra, frequentemente, cursos intensivos na área de teologia sistemática, tanto no Brasil como em outros países. Sua tese de doutorado foi sobre Emmanuel Lévinas, sendo autor do livro *O homem Messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Possui artigos sobre Lévinas e sobre outros temas, entre eles: *A criação de Deus; A vida dos outros; Nosso planeta, nossa vida; Teologia para outro mundo possível; Sarça ardente*.

⁸⁸⁴ Ulpiano Vásquez Moro, é Jesuíta, doutor em Teologia - Universidad Pontificia Comillas (1979). Atualmente é professor Emérito da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Sua tese de doutorado foi “El discurso sobre Dios en la obra de E. Levinas” que deu origem ao livro homônimo. É também autor do livro *A orientação espiritual – Mistagogia e Teografia*.

⁸⁸⁵ Maria Clara Bingemer - Sua biografia encontra-se no volume I deste trabalho doutoral

⁸⁸⁶ Evaldo A. Kuiava é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003), com estágio em Kassel - Alemanha. Atualmente é professor adjunto na Universidade de Caxias do Sul - UCS. Professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação. Trabalha como professor convidado na Université Lumière Lyon 2, França. Autor dos livros ‘*Ética, Política e Subjetividade*’; ‘*Filosofia, formação docente e cidadania*’; e de muitos outros artigos sobre Lévinas e outros temas. Cf. <http://www.escavador.com/sobre/571454/evaldo-antonio-kuiava>. Informações coletadas do Lattes em 29/10/2016. Acessada em 11/01/2017.

Vieira Melo⁸⁸⁷ – Na educação: - José Valdinei Miranda⁸⁸⁸, e outros que ainda traremos quando entrarmos em ‘Lévinas e a violência de gênero’.

Começaremos este capítulo com a biografia de Lévinas a fim de conhecermos a sua trajetória de vida, pois se trata de um pensador que, apesar de ter passado por duas guerras, e sofrido as consequências delas, escreveu sua teoria calcada na ‘alteridade’. Depois, entraremos nos aspectos gerais da teoria, e no final, abordaremos a ‘violência de gênero’ trazendo a leitura de Lévinas sobre o feminino, e em seguida uma leitura feminista da obra deste filósofo, com críticas e defesas a ele. Finalmente, ultrapassando as dificuldades de gênero, procuraremos pela ‘ética da alteridade’ traçar um caminho que nos dê possibilidades para acabarmos com a ‘violência de gênero’.

5.1

Biografia e pensamento: Emmanuel Levinas

Nasceu em Kaunas, na Lituânia, no ano de 1906. Desde pequeno teve contato com os clássicos da literatura russa, pois seu pai era dono de uma livraria, o que lhe possibilitou a leitura de Tolstoi, Gogol, e principalmente Dostoiévski. Ao mesmo tempo, como judeu, era constante a leitura da Bíblia.⁸⁸⁹

Em 1916, com oito anos teve que ir para a Ucrânia a fim de fugir da Guerra Russa. No entanto, com a expansão da Revolução Bolchevique que incorporou a Ucrânia em 1920 à Rússia, Lévinas em 1923 mudou-se para a França, onde acabou se naturalizando. “Estudou com Husserl e Heidegger, tendo sua tese de doutorado versado sobre a Teoria da Intuição na fenomenologia de Husserl”.⁸⁹⁰

Casou-se em 1932, em 1935 nasceu sua primeira filha e lançou sua primeira obra filosófica: *De L’evasion*, no V Tomo de *Recherches philosophiques*. Em 1939,

⁸⁸⁷ Nélvio Vieira Melo é doutor em Filosofia pela Università Pontificia Salesiana, Roma - Itália (1998). Atualmente é professor da Universidade Federal de Pernambuco, tem experiência de ensino na área de Filosofia e Educação e é pesquisador de temáticas sobre Emanuel Lévinas e Jean-Paul Sartre, ética, alteridade e subjetividade. Informações coletadas do Lattes em 08/01/2017

⁸⁸⁸ José Valdinei Albuquerque Miranda é doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto II da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação, Campus Universitário do Tocantins/Cametá (UFPA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do CUNTINS (UFPA). Entre os seus trabalhos citamos: *Hermenêutica e educação: O lugar do intérprete no diálogo com o texto/tradição*; *A Experiência Hermenêutica e a Pesquisa na Formação Docente*; *Sensibilidade ética em Emmanuel Levinas*.

⁸⁸⁹ IHU ON-LINE. *Emmanuel Lévinas – biografia*.

⁸⁹⁰ PILONETO, Luiz Éderson *A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas*.

durante a Segunda Grande Guerra foi convocado pelo exército francês para servir de intérprete das línguas russa e alemã, porém, em 1940 foi capturado pelos nazistas, tornando-se prisioneiro de guerra.

Sua esposa e filha permaneceram em Paris e sofreram as perseguições nazistas. Inicialmente, foram protegidas pela comunidade judaica, “mas em 1943, mãe e filha para escapar do holocausto esconderam-se no convento das Irmãs de São Vicente de Paula, em Orleans”.⁸⁹¹ Lévinas esteve preso em ‘campos para oficiais’, na Bretanha e na Alemanha, onde ficou até o final da guerra. Segundo os prisioneiros, Levinas carregava sempre um caderno, e quando lhe era possível, nele fazia anotações que no final da guerra se transformaram no livro “*Le Temps et l'Autre*”, publicado em 1947.

Ao todo ele ficou cinco anos longe de sua mulher. Seus pais, e irmã foram mortos pelos nazistas, sua sogra desapareceu após ser deportada, e ele viu inúmeros companheiros serem torturados e mortos. “Pelo menos 6 milhões de judeus foram exterminados em campos de concentração, vítimas de atrocidades cometidas pelo regime nazista”.⁸⁹²

Ao retornar à França após a guerra, de 1946 a 1964 dedicou-se à direção da Escola Normal Israelita Oriental de Paris e ao ensinamento da filosofia no Collège Phillosophique. “A partir de 1964 lecionou na Universidade de Potiers, na Universidade de Nanterre, na Sorbonne, etc”.⁸⁹³ Durante todo este tempo, e mesmo após parar de lecionar, continuou a escrever suas reflexões filosóficas que se tornaram respeitadas em todo o mundo através de suas obras.

Entre elas:

De l'existence à l'existant (1947) ; Le temps et l'autre (1947) ; En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger (1949) ; Difficile liberté (1963) ; Quatre lectures talmudiques (1968) ; - L'humanisme de l'autre homme (1972) ; Autrement qu'être ou au-delà de l'essence (1974) ; Noms propres (1976) ; Sur M. Blanchot (1976) ; Du sacré au saint, Cinq nouvelles lectures talmudiques (1977) ; L'au-delà du verset, Lectures et discours talmudiques (1982) ; A l'heure des nations (1988) ; Nouvelles lectures talmudiques (janvier 96).⁸⁹⁴

Morreu em 25 de dezembro de 1995.

⁸⁹¹ MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*, p.15.

⁸⁹² EM.COM.BR. *Pelo menos 6 milhões de judeus foram exterminados pelo nazismo*.

⁸⁹³ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*, p. 12.

⁸⁹⁴ L'INSTITUT D'ETUDES LEVINASSIENNES. *Biographie d'Emmanuel Lévinas*.

5.2 Violência em Lévinas

Lévinas viveu em uma sociedade caracterizada pelo darwinismo social, político e cultural. Sociedade que vivia a guerra e ansiava a paz através da dominação do ser humano sobre ‘outro’ ser humano, submetendo-o aniquilando-o totalmente, transformando-o em objeto manipulável, sem a menor dignidade, sem alteridade. Para ele, “o estado de guerra suspende a moral; despoja as instituições e as obrigações eternas da sua eternidade e, por conseguinte, anula, no provisório, os imperativos incondicionais”.⁸⁹⁵ A guerra torna a moral irrisória, e a política passa a ser a arte de prever e ganhar de qualquer forma a guerra, impondo-se como o exercício da razão. Presenciou como o humano pode se tornar desumano, vendo “o menosprezo no rosto dos vencidos, e a indiferença pela vida e pelo ‘outro’ no rosto dos vencedores”.⁸⁹⁶ Uma sociedade insensível e o egoísmo, a marca registrada em qualquer um que procurasse estabelecer relacionamentos. Segundo ele, “Não havia compromisso para com o Outro, portanto, não havia corresponsabilidade. A sociedade estava marcada por um anti-humanismo”.⁸⁹⁷

De sua vivência e observações concluiu que, no ocidente, a aspiração à verdade tem se desdobrado em uma filosofia de poder que traz violência e tirania. O que existe é a totalidade do ser voltado para si mesmo. “O que vive na totalidade existe como totalidade, como se ele ocupasse o centro do ser e fosse sua fonte, como se tirasse tudo do aqui e do agora”.⁸⁹⁸

De acordo com Ulpiano Vasquez, para Lévinas a violência faz parte da essência social do indivíduo. “La violencia es, entonces y en definitiva, la misma vida del individuo, su libre espontaneidad, su necesario egoísmo. El conocimiento y la autonomía, necesariamente totalizadores, son violencia”.⁸⁹⁹

Trata-se de uma sociedade na qual a organização da subjetividade e seu relacionamento com o outro estão fundamentados em uma consciência

⁸⁹⁵ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*, p.7.

⁸⁹⁶ No texto de ‘Piloneto’, encontramos a tradução de ‘visage’ como ‘rosto’, da mesma forma que Lévinas, mas Susin a quem iremos nos referir, muitas vezes, coloca como ‘olhar’. Cf. PILONETO, *A ética como*.

⁸⁹⁷ *Ibidem.*, 2010

⁸⁹⁸ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*, p.33.

⁸⁹⁹ Tradução livre: “A violência é, então e definitiva, a mesma vida do indivíduo, sua livre espontaneidade, seu necessário egoísmo. O conhecimento e a autonomia, necessariamente totalizadores são violência”. Cf. MORO, Ulpiano Vázquez. *El discurso sobre dios*, p.201

independente que busca assimilar o outro, pois traz em suas mediações, tais como: a história, o estado, a religião e as ciências, a função de legitimar o pensamento através de princípios universais. Todos tem que partir de uma mesma matriz racional e identitária considerada legítima, e com base nela, supervaloriza-se a epistemologia, a ética e a política, de modo que “as outras culturas, religiões e organizações sociais passam a ser hierarquizadas e julgadas sempre a partir desta posição referencial”.⁹⁰⁰

Para Ulpiano, Lévinas crê que o respeito e o amor ao próximo, da forma como a religião impõe, e o liberalismo, por serem ações privadas, tornam definitivamente a justiça impossível. “La injusticia gracias a la cual el yo vive en una totalidad social e histórica es, en efecto, siempre económica, y, por tanto, la justicia también habrá de serlo para ser auténtica”.⁹⁰¹ A injustiça será sempre uma violência com o cidadão.

Este rumo que a filosofia ocidental seguiu e sua escolha pelos princípios universais em detrimento da singularidade do ser humano e de sua transcendência, de acordo com Lévinas, é estimulador da violência.

Segundo Maria Clara Bingemer, para Lévinas qualquer tipo de segregação e exclusão como o antisemitismo é violência, uma radical intensificação do racismo, pois se trata de uma tentativa de ‘reduzir o outro ao mesmo’. Para ele, o racismo, em qualquer das suas modalidades é uma violência, “It is an attempt to eliminate the difference of the other by submitting its otherness to an ipseity - to the same”.⁹⁰² O crescimento de Hitler, e o genocídio foi uma expansão quantitativa do racismo, e a pura expressão da ‘violência em si’. Bingemer explica que segundo Lévinas, todo o ser humano é potencialmente racista, sendo capaz de realizar perversões como Hitler. “Those who just live their life and follow their nature without caring for otherness move inexorably toward the racism of Hitler and his followers”.⁹⁰³

Para este filósofo a violência fere, aniquila, e ainda vai além, porque obriga às pessoas a desempenharem papéis que não desejam, a trair, não apenas apenas

⁹⁰⁰ MIRANDA, José Valdinei. *Ética da Alteridade e Educação*.

⁹⁰¹ Tradução livre: “A injustiça graças à qual vivemos em uma totalidade social e histórica, é, com efeito, sempre econômica, e, portanto, a justiça também haverá que ser para se tornar autêntica”. Cf. MORO. *El discurso...*, 1982, p.201

⁹⁰² Tradução livre: “É uma tentativa de eliminar a diferenças dos outros por apresentar a sua alteridade a um ipseity – à mesma”. Cf. BINGEMER, M. C. L. et al.. *Otherness as Path toward Overcoming Violence*, p. 145.

⁹⁰³ Tradução livre: “Aqueles que apenas vivem a sua vida e seguem sua natureza sem cuidar da alteridade movimentam-se inexoravelmente em direção ao racismo de Hitler e seus seguidores” Cf. *Ibidem.*, p. 148.

compromissos, “mas a sua própria substância, levando-as a cometer atos que vão destruir toda a possibilidade de ato”⁹⁰⁴.

Quando temos a violência da guerra, ela instaura uma ordem que ninguém consegue ficar longe. Nada é exterior, porque ela não manifesta a exterioridade e o outro como outro. Os indivíduos se tornam portadores de formas, para os quais, embora não saibam, foram obrigados. “A face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de totalidade que domina a filosofia ocidental. Os indivíduos vão buscar nessa totalidade o seu sentido (invisível fora dela)”⁹⁰⁵. A unicidade é sacrificada em prol de um objetivo, pois só o sentido último é considerado importante. Até a paz que surge nos impérios pós-guerra é assentada ainda na guerra, e não devolve aos envolvidos suas identidades perdidas.

5.2.1

Violência e as mediações

Para tratar das inúmeras vontades existentes, toda sociedade tem suas mediações para agir como defesa, administrando os ‘eus’(egos) em expansão, procurando cuidar dos interesses de todos de modo igualitário. Para conseguir seu intento, dentro da racionalidade pública do Estado, a ‘administração’ leva à supressão de singularidades, e o indivíduo é tratado como universal, pois os critérios usados pela administração para medir o indivíduo são externos e gerais. Dessa forma, muitas vezes existe a dificuldade do indivíduo vir a se reconhecer nas administrações que existem para seu auxílio.

Apesar dessa dificuldade, Lévinas acredita que ainda assim esses ‘critérios’ sejam melhores do que a proliferação da violência. Para ele, se não houver mediação entre os inúmeros egos que crescem, e buscam a própria liberdade e felicidade, ela virá sem piedade, e “os primeiros a sofrerem com o aumento da violência são os marginalizados, os oprimidos, os que não têm reconhecimento, e já vivem na dificuldade de ser”⁹⁰⁶.

A mediação que procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania é feita pelo Estado. Uma ordem racional cuja função é de vigiar e normatizar a liberdade e a vontade nas relações entre ‘outros’ e ‘entre si’ através de “leis visíveis

⁹⁰⁴ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, 2008, p.8.

⁹⁰⁵ Ibidem., loc, cit..

⁹⁰⁶ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 194.

e duradouras, e autoridades com poderes reconhecidos de instituir, sancionar e revogar, havendo proteção contra o abuso, reconhecimento e igualdade”.⁹⁰⁷

Quando não se consegue este equilíbrio a violência se expande e como consequência pode surgir à tirania, ou seja, a dominação da vontade alheia, que acontece pela corrupção e usurpação do corpo e animalidade. Como também o Estado pode tirar as mediações e colocar as leis de modo não equilibrado, partindo para dominar as pessoas e instituições em função de seus interesses, exercendo violência, e perseguindo ‘os outros’; ou seja, aqueles que de alguma maneira não se enquadram dentro dos interesses do Estado.

Segundo Lévinas, outra possibilidade, é que em uma sociedade com tantos ‘eus’(egos), possam surgir situações que nem o próprio Estado seja capaz de controlar. Entre eles, citamos o estado de guerra, que Lévinas afirma ser a situação mais ‘antimessiânica’ existente. Para ele, “a paz é o grande bem da era ‘messiânica’”.⁹⁰⁸

Ao verificar as condições ontológicas e antropológicas que possibilitam o estado de guerra, Lévinas constata que a guerra revela o ser, totaliza, e instaura a sua própria ordem. Para quem está envolvido é como se fosse apenas um trabalho, e quem não for igual, não for um ‘mesmo’, torna-se o ‘outro’, o inimigo.

Segundo Lévinas,

Para a tradição filosófica, os conflitos entre ‘o Mesmo e o Outro’, resolvem-se pela teoria em que o Outro se reduz ao Mesmo ou, concretamente, pela comunidade do Estado em que sob o poder anônimo, ainda que inteligível, o Eu reencontra a guerra na opressão tirânica que sofre da parte da totalidade.⁹⁰⁹

Só quando consegue enxergar a transcendência do ‘outro’, percebendo o seu antagonista como ‘outro’, um hóspede no mundo do ser, possuidor de um rosto, de um olhar ou de uma palavra, o ser percebe que a guerra não é apenas um trabalho, mas ‘violência e guerra’.

O grande problema de quem faz a mediação da sociedade, mesmo os neutros, como a história, as ciências, a linguagem e a ontologia, que estão ligados ao conhecimento e foram feitos para servir a soberania do ‘eu’, é que se tornaram totalidades, servindo para medir o ‘ser’, tornando-se mais uma barreira para o ‘outro’ enfrentar. Um deus que possui a verdade e sua explicação é a final.

⁹⁰⁷ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 194.

⁹⁰⁸ LÉVINAS, *Totalidade e...*, 2008, p. 130.

⁹⁰⁹ *Ibidem.*, p. 34.

A história busca conquistar o ser como história, e para isso se une ao poder, colocando-se como horizonte último. As ciências, principalmente, as ciências humanas, da mesma forma que a história, desejam ser a explicação última e estabelecem o padrão antropológico ideal, não contando com as singularidades. Neste caso o mediano que coincide com o padrão é obsoleto, e o caso fracassado é posto à margem. Até a linguagem é deturpada e usada para iludir decidindo a verdade pelo tema. A subjetividade fica, então, reduzida e obrigada a uma obediência que vem da astúcia e corrupção da vontade e da liberdade. E a ontologia como filosofia primeira, acaba deixando de articular a missão do ser como cumprimento da justiça para transformar-se na filosofia da injustiça e do poder, procurando colocar a sociedade contra aqueles que reagem à suposta ‘não violência’ de uma totalidade harmoniosa apenas na aparência. Dessa forma, quando o ‘ser’ responde, procurando romper com a totalidade, ele possivelmente provoca sofrimento e morte.

Para Lévinas, a morte está relacionada com o ser, mas não é melhor que ele. Para responder e romper com a totalidade harmoniosa da sociedade, onde se reduz tudo ao Mesmo, de modo a humanizar o ser e a sociedade, a única possibilidade é encontrar ‘um melhor que ser’, ‘diferente do ser’ que esteja ligado ao Infinito.

5.3

Subjetividade e Infinito

Para Lévinas a subjetividade é a fonte de todo o sentido, sendo ela própria que se determina à medida que determina o ‘outro’ (a natureza, o ser humano) e exerce seu domínio sobre ele. A alteridade, então, é revelada a partir da subjetividade, e o ‘outro’ vem a ser instrumento de posição e determinação da subjetividade que o conquista, quando é objetivado.

Entretanto, antes de descobrir o ‘outro’ a subjetividade leva o ser a conseguir ser ele próprio, a encontrar o seu ‘eu’. É ela que o leva a superar os elementos míticos, divinizados, em relação às forças da natureza, e a terra.

Segundo Lévinas, a subjetividade é “fundada na ideia do infinito”.⁹¹⁰ “A escatologia põe a relação com o ser para além da totalidade ou da história, e não

⁹¹⁰ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p.12.

com o ser para além do passado e do presente”.⁹¹¹ Trata-se de uma relação que Lévinas percebe como excedente, sendo exterior à totalidade. Para ele, a ‘totalidade objetiva’ não consegue preencher o ‘ser’, só o conceito de infinito deveria exprimir essa transcendência em relação à totalidade, pois não é possível englobá-la numa totalidade, embora seja tão original como a totalidade. Ela está refletida no interior da totalidade e da história, no interior da experiência.

De acordo com este filósofo, é o escatológico que suscita os seres à responsabilidade, chamando-os a assumirem esta responsabilidade. Submete o ser a um juízo global da história que é exterior às guerras, pois está ‘além’ da história. Não é o juízo último que importa, mas o de todos os instantes da vida. “Todos os seres têm uma identidade ‘antes’ da eternidade, antes da conclusão da história, antes de os tempos estarem volvidos, enquanto ainda há tempo, enquanto os seres existem em relação, sem dúvida, mas a partir de si, e não a partir da totalidade”.⁹¹²

Esta ideia de ‘ser’ torna possível que entes sejam comprometidos tanto no ‘ser’ como ‘pessoalmente’, sendo chamados a responder, a terem voz na história, pois é assim que a paz pode ser gerada. Na guerra não se fala, não se tem voz, entretanto a visão escatológica rompe a totalidade das guerras e dos impérios, pois é a relação com o ‘infinito do ser’ que ultrapassa a totalidade. Uma visão diferente da moral, que na realidade complementa a percepção de que a ética é uma ótica.

Não se trata de uma visão escatológica em oposição à experiência da totalidade pelo protesto de alguém que proclame o seu egoísmo ou sua salvação. Este tipo de proclamação moral que vem do ‘subjetivismo puro do eu’ é refutado pela guerra, pela própria totalidade que revela suas necessidades objetivas.

Para Lévinas, todo ser humano antes de se tornar ‘ser’ foi eleito. “A ‘eleidade’ é a origem da alteridade do ser”.⁹¹³ Quando a criança nasce, essa eleição aparece como ‘sensibilidade’, e possui propriedades que influenciarão a subjetividade por toda a vida. Em primeiro lugar, a sensibilidade foi assignada.⁹¹⁴ Além disso, ela é vulnerável⁹¹⁵, e tem uma materialidade corporal cuja vocação é estar voltada ‘desde-o-Outro’ e ‘para-o-outro’.

O destino da subjetividade é “um destino de eleição, de responsabilidade de um-para-o-outro e de universalismo, onde se articula a messianidade da subjetivi-

⁹¹¹ Ibidem., p.9.

⁹¹² LÉVINAS. *Totalidade e...* 2008, p. 9.

⁹¹³ IDEM. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993, p. 63.

⁹¹⁴ Assignada - marca originalmente feita pelo outro. Cf. HOAUISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

⁹¹⁵ Vulnerável – exposto com possibilidade de ser ferido ou atacado. Cf. HOAUISS. *Dicionário*, 2009

dade em resposta ao Bem, superando a idolatria de si mesmo e a errância pagã no ser”.⁹¹⁶

Na ética levinasiana é a ‘subjatividade’ que determina as relações entre as pessoas, e ao mesmo tempo torna possível a vivência da ética com a quebra da totalidade da pessoa voltada apenas para si mesma. Mas, para que isto aconteça, a subjatividade percorre um difícil caminho.

Susin em seu livro ‘O homem messiânico’ descreve o trajeto da formação do eu, de acordo com Lévinas, de uma forma muito interessante e clara, que foi seguida em nossa dissertação de mestrado. Neste trabalho doutoral, devido à complexidade deste tema, não teríamos como, em apenas um capítulo, trazer toda a abordagem feita no livro, nem em nossa dissertação. Dessa forma, fizemos um recorte, mas procuramos trazer importantes aspectos da abordagem de Susin sobre a teoria levinasiana. Traremos ainda outros estudiosos sobre o pensamento de Lévinas.

5.3.1

Subjatividade: formação do eu na imanência.

Para Lévinas, quando a criança nasce “a sensibilidade é apenas sentimento, afetividade, afetação e consentimento”.⁹¹⁷ Originariamente, a sensibilidade se contenta com a finitude, atendendo ao que for imediato, encontrando-se em um mundo elementar, não precisando recorrer a fundamentos, pois não faz distinção, não tem entendimento.

De acordo com Susin, para Lévinas a primeira relação do ‘eu “é uma relação de gozo⁹¹⁸ e de alegria de viver (jouisement)⁹¹⁹, uma ‘fruição’⁹²⁰ do mundo na ‘fricção’ ao mundo, gozo que comporta também a surpresa, o perigo e a dor”.⁹²¹ Uma relação que embora envolva ‘surpresa, perigo e dor’, é boa e positiva, pois se trata de uma relação de prazer que acontece através da boca e dos alimentos. O

⁹¹⁶ LÉVINAS. Op. cit., 1993, p. 67.

⁹¹⁷ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p.12.

⁹¹⁸ Lévinas usa palavras e expressões marcantes em suas reflexões filosóficas. Neste capítulo conservaremos alguns termos e expressões importantes usados por ele, desejando ser fiel ao seu pensamento. Só faremos modificações quando o uso dessas palavras nos levarem ao risco de dificultar a compreensão do tema.

⁹¹⁹ “Jouisement” ou “jouissance” pode ser traduzido por “gozo”, mas de modo largo como fruição, alegria de viver, vibração no contato com o mundo, com toda gama de conotações, que vão do corpo, do afetivo até o grau mais espiritual. A vibração da sensibilidade no sofrimento também se inclui em “jouisement”, no pensamento de Lévinas. Cf. SUSIN, *O homem...*, p.35. Nota 12.

⁹²⁰ Fruir – desfrutar, gozar. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

⁹²¹ SUSIN. Op. cit, p.35. Nota 12.

alimento, porém, vai além da boca, pois qualquer coisa pode servir de alimento ao prazer de viver, e alimentar a felicidade. Após a consumação do alimento e o prazer, o ‘eu’ volta a si mesmo para repousar em si. Mas a relação com o mundo não termina aí, pois o mundo se coloca entre o ‘eu’ e o ‘si mesmo’, fazendo com que o ‘eu’ não retorne logo a ‘si mesmo’. Segundo Susin, ele faz “uma volta pelo mundo, atravessa um espaço, acaba por ex-tender-se, e assim se dis-tende e se desenrola, ou se desatola de si mesmo, num primeiríssimo êx-tase”.⁹²²

Ao final dessa trajetória feliz surge uma lembrança e uma necessidade que reconduzirá sempre o ‘eu’ através do mundo para si mesmo. Um retorno que será feito procurando saciar a ansiedade do ‘eu’ por si, ou seja, uma forma original da identificação que busca a própria felicidade.

Essa transcendência instantânea, Lévinas explica ser uma transcendência que se dá na imanência. Trata-se de um ‘egoísmo estrutural do ser no mundo’, necessário ao nascimento do ‘eu’, e que ocorre antes de existir qualquer problema de consciência. Ocorre quando ainda o ‘eu’ não tem referências à outra pessoa, é surdo e não quer se comunicar, ao mesmo tempo está faminto e quer nutrir-se, mas não se relacionar. Para Lévinas, tanto a solidão como o egoísmo são características do homem feliz que se aproveita do mundo, e pela mediação do mundo ‘dá-se a si mesmo’.

Quando o ‘eu’ atinge a felicidade, esta serve para encobrir a alteridade, a diferença, o ‘outro’, colocando todos felizes no mundo do ‘eu’. Lévinas se refere a isso como ‘consciência biológica ou consciência vital’.

Já o psiquismo que sente só surge quando o psiquismo original e originante do ‘ser’ desde a sensibilidade, abre espaço à interioridade, e quando o ‘eu’ em sua volta pelo mundo dá o consentimento afetivo à relação de gozo. Para Susin,

No sentir começa a interioridade do ‘ser’, acarretando o surgimento da ego-idade. A sensibilidade [...] a partir da fruição dos elementos não pertence à ordem do pensamento, mas à do sentimento, ou seja, da afetividade onde tremula o egoísmo do eu.⁹²³

O que a sensibilidade percebe, é sentida como verdade, sem se preocupar em distinguir. “A sensibilidade essencialmente ingênua basta-se num mundo insuficiente para o pensamento”.⁹²⁴ Como exemplo, citaremos a criança pequena que está centrada em si mesma, e se percebe como o centro do mundo.

⁹²² SUSIN. *O homem...*, 1984, p.35. Nota 12.

⁹²³ *Ibidem.*, p. 44.

⁹²⁴ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 128.

Segundo Lévinas o surgimento do psiquismo acontece ‘antes do saber’, e através do contato com uma exterioridade. “Sentir é precisamente contentar-se sinceramente com o que é sentido, fruir, recusar-se aos prolongamentos inconscientes, ser sem pensamento..”⁹²⁵

Nem o psiquismo nem a sensibilidade que condicionam o ‘eu’ estão ligados ao racional, mas segundo Susin, no psiquismo ocorre o que Lévinas chama de ‘independência dependente’. A felicidade e o prazer se identificam com o ‘eu’: ‘eu sou feliz’. O prazer sentido pelo saciar do alimento (comida, carinho, dinheiro) faz o ‘eu’ se achar pleno, único, soberano, acreditando que é autossuficiente. Com isso o ‘eu’ em seu retorno a si mesmo, não fica apenas como um consumidor do ‘outro’, mas rompe com a totalidade dos elementos, permitindo-se ser autossuficiente e livre: egoísta, sem problema de consciência, um egoísmo ‘inocente’ de si.

Para Lévinas, quando o ‘eu’ sai em busca da sua felicidade, a alteridade não é limite para ele, ao contrário, surge como oportunidade. Susin explica que o ‘outro’ não é reconhecido como diferente de si mesmo, e o ser aproveita para usufruir ao máximo a relação. “No gozo o eu não se opõe à relação, [...] usufrui, explora, consome e volta feliz a si mesmo”.⁹²⁶ O ‘eu’ é feito daquilo que o alimenta, em um mundo que ele percebe como tendo sido feito para ele, não existindo mais nada, nem razões, nem limites. Dessa forma, o ‘eu’ “pode viver liberto de todas as implicações, de todos os prolongamentos que o pensamento oferece”⁹²⁷. O ser, então, está no mundo apenas corporalmente para usufruir o gozo soberanamente, mas não se sente parte do mundo, nem se integra no mundo, existindo apenas em si mesmo.

Só quando o ‘eu’ rompe com a ‘totalidade dos elementos’, consegue realizar um movimento contrário à extensão, fazendo um movimento centrípeto, uma involução a si mesmo. Nesse caso, o ‘eu’ parece ser autônomo, não vindo de nenhum lugar, como se viesse de si mesmo. O ser, então, percebe-se como sujeito, soberano e soberbo. Uma soberania que traz uma dependência a alguém ou alguma coisa, no domínio de onde o ‘eu’ depende deste rompimento com a totalidade, desta separação radical, não sendo apenas uma separação eu-mundo, mas também uma separação de causa-efeito e criatura-criador.

⁹²⁵ Ibidem., p.131.

⁹²⁶ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 44.

⁹²⁷ LÉVINAS. Op. cit, loc. cit.

Isto nos indica que o ‘eu’, ao considerar-se um ser para si, no gozo do mundo, percebe que sua origem possa ser independente de um Infinito, de uma eternidade, da divindade, e que sua existência não tenha relação com um criador. Essa percepção do ‘eu’ *ex-nihilo*, Lévinas diz ser o ateísmo, que de acordo com ele, ‘é importante e necessário para a subjetividade’.

De acordo com Susin, o ateísmo desta interioridade ou subjetividade inocente, no pensamento de Lévinas não está negando Deus. Simplesmente não está preocupado com Deus. Trata-se de não precisar professar ou pensar qualquer relação pessoal com a divindade, pois o ser não está exigindo a presença de Deus, podendo até rejeitar esta presença, pois acredita não precisar de mais ninguém.

Para Lévinas, quando a subjetividade diz ‘eu’, colocando-se na primeira pessoa, significa estar vivendo na ‘soberania da interioridade’. Quando esta é conduzida a ‘ele-ela’, na terceira pessoa, a ligação é feita com a objetividade, a totalidade, a história, o universal, o conceito.

Segundo Susin este ser apresentado por Lévinas seria ainda um vivente, um ser que não conhece possibilidades melhores. Ele o associa ao “primeiro Adão”, mostrando que há positividade existente nesse primeiro ser, pois a separação existencial que ocorre do todo, o fez nascer como um ‘ser livre’ e capaz de ‘relação metafísica’. Só “um ‘eu’ sem raízes, sem passado, solitário e autossuficiente em sua solidão, pode também se abrir ao ‘outro’ sem totalitarismo”.⁹²⁸

Todo ser, inicialmente, é vivente, e pode permanecer como tal, tornando-se um animal feliz. Nem mesmo elementos da racionalidade como a economia, a produção, a arte, a teoria, a cultura e a política, podem modificá-lo se este ser permanecer no movimento centrípeto, voltado só para si mesmo. Esses elementos racionais podem até torná-lo animal racional, belo, prático, saudável, político, e culto, mas não há nada que possa forçá-lo a modificar essa atitude de vivente, natural, se ele próprio não quiser se relacionar com o ‘outro’.

O vivente tem uma consciência sem problemas, sem exterioridade. Ele ocupa o centro do mundo interior, e sua consciência não se preocupa em situar-se em relação a uma exterioridade.

Para Lévinas,

A identidade do vivente através de sua história não tem nada de misterioso: o vivente é essencialmente o Mesmo, o Mesmo que determina todo Outro, sem que o Outro jamais determine o Mesmo. Se ele determinasse, se a exterioridade se chocasse com

⁹²⁸ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 106.

o vivente, ele mataria o ser instintivo. O vivente vive sob o signo de: a liberdade ou a morte⁹²⁹.

5.3.2

Meio ambiente, economia, casa, e o saber

Nesta busca do prazer, o movimento do ‘eu’ leva o ser ao desconhecido, provocando tensão e ansiedade. Este desafio ao desconhecido pode ocorrer de várias formas, pelo esporte, pela dança, pelos jogos. Mas qualquer um deles ao finalizar, termina com a inquietação, e o ‘eu’ volta a si mesmo. Só na relação com o ‘meio ambiente’ isto não acontece, pois este se encontra sempre presente, e não pode ser possuído, apenas aproveitado. Como exemplo, citamos: a terra, e a água. Podemos aproveitar sua fecundidade, mas não a terra. Podemos usufruir a água, mas não todo o mar.

O elemento que o meio ambiente nos apresenta é imenso, e acima das possibilidades de posse do ‘ser’. O ser só pode usar o meio ambiente, retirar dele sua nutrição para viver, mas não consegue se apossar do todo. “O sólido da terra que me suporta, o azul do céu acima, da minha cabeça, o sopro do vento, a ondulação do mar, o brilho da luz, não se prendem a uma substância, vêm de nenhures”⁹³⁰ Exatamente por vir de nenhures⁹³¹ não me permite possuir a fonte, e isso delinea o futuro da sensibilidade e da fruição.

Além de inconstantes estes elementos da natureza possuem espessura própria e uma resistência que obriga a sensibilidade a adiar o prazer, mas assegurando-a para outro dia. Esse é o mundo da economia. A fruta que hoje se colhe, amanhã não poderá ser usufruída, pois sua colheita depende do tempo, do clima, e da época do ano. Dessa forma, surge a necessidade de se assegurar do futuro, provocando uma tensão do presente em relação ao tempo futuro. “O trabalho pode superar a indigência trazida ao ser não pela necessidade, mas pela incerteza do futuro”.⁹³² É preciso saber o momento certo para usufruir a boa hora do prazer, e o momento para guardar. Perde-se a noção do imediatismo, passando a ter importância, o tempo, a técnica e a consciência econômica.

⁹²⁹ LÉVINAS. *Entre nós*. Ensaios..., 2010, p. 34/35.

⁹³⁰ IDEM. *Totalidade e...*, 2008, p.133

⁹³¹ Nenhures – de lugar nenhum. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

⁹³² LÉVINAS. Op. cit, p.139.

Surge, então, a necessidade de um projeto que assegure economicamente o prazer. Uma vitória sobre o desconhecido na qual o mundo venha a ser uma ‘casa permanente e organizada. De acordo com Susin, uma organização que seguirá o mesmo processo da identificação no gozo, com o ‘eu’ saindo, relacionando-se no mundo, mas agora com as novidades do trabalho e da produção. Ele sempre retorna a si Mesmo, porém, importando e conservando o mundo exterior como propriedade estável. “Esta nova forma de viver faz surgir novas categorias e leis no ser: a fundação de um lar; a casa”.⁹³³

Segundo Evaldo A. Kuiava, “a condição a partir da qual, [...] o homem faz ‘economia’ – busca para assegurar a estrutura do gozo para o amanhã – é a casa”.⁹³⁴ Para Lévinas, a casa não é apenas um lugar para se morar, afastado do resto do mundo. Ela é um lar, o lugar onde se vive o recolhimento da vida interior, a intimidade, o afeto, e a porta da casa, a separação entre o mundo que se estende e o espaço interior do ‘eu’. Ela é “a morada, a habitação pertence à essência – ao egoísmo – do eu”.⁹³⁵ É a casa que liga corporeidade e materialidade à interioridade. Da casa a pessoa vai ao mundo e o mundo gira em torno da casa, mas a casa é um importante ponto de referência que impede o ‘eu’ de se perder no mundo.

A casa antecede o atuar economicamente, e é a condição necessária para o fazer e o saber econômico, trazendo a possibilidade de se conciliar o adiamento do gozo com o tempo da economia. É o centro de um mundo econômico, de onde se organiza a economia, e impede o esvaziamento imediato do gozo. Torna possível haver o mundo econômico, e permite ao ‘ser’ conservar a sua interioridade, pois nela o ‘eu’ pode se espalhar.

Segundo Lévinas, é através da mulher que o lar oferece o afeto necessário para a ligação entre interioridade e casa, com as condições necessárias para a suspensão do gozo e o necessário recolhimento ao ‘outro’.⁹³⁶ O *eros* é a possibilidade de uma descendência, de um futuro do eu, e a família é a possibilidade de concretização do lar e da economia.⁹³⁷

⁹³³ SUSIN. *O homem...*, 1984, p.54.

⁹³⁴ KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade*, p. 163.

⁹³⁵ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 136.

⁹³⁶ Falaremos da mulher na teoria de Lévinas ainda neste capítulo mais adiante. No tópico: Violência de gênero e Lévinas.

⁹³⁷ Mais adiante teremos um ítem voltado para a mulher e o feminino, onde aprofundaremos a visão levinasiana sobre este importante aspecto.

No mundo econômico o ‘eu’ continua a viver em relação e separação. A independência econômica é retirada da dependência ao mundo através da submissão ao trabalho, ao domínio e à importação. Mas, explica Susin, segundo Lévinas, o ser pode tornar-se um soberano através da habitação, das posses, e do dinheiro, passando “a economia a ser, então, garantia de continuidade de um paraíso terrestre”.⁹³⁸ Uma permanência em um paraíso que dependerá do trabalho e da posse.

Entretanto, para Lévinas “o pensamento não brota do trabalho e da vontade, o pensamento não equivale a um trabalho suspenso, a uma vontade neutralizada – o trabalho e a vontade, repousam sobre o pensamento”.⁹³⁹ A posição do ser racional, realiza-se como ‘vontade e trabalho’.

O pensamento começa com a possibilidade de conceber uma liberdade exterior à minha. Pensar uma liberdade exterior à minha é o primeiro pensamento. Ele marca a minha própria presença no mundo. A minha percepção mostra um rosto que possui algo que não tenho.

Para Lévinas, o conhecimento não é apenas um gozo gratuito do mundo. Embora haja o prazer, ele é a ligação com algo fora de si mesmo, e em confronto com a economia, o conhecimento dá uma volta ainda mais ousada no mundo para depois retornar em total soberania.

Para se teorizar, então é necessário haver uma suspensão e um distanciamento do agir, da mesma forma que para poder agir, o ‘eu’ precisa ter um distanciamento do prazer. O ser está sempre em ação: vive, sente prazer, trabalha, mas a vida não pode ser apenas ação. Ela também é ‘pensamento sobre a vida’, o que vem a ser um passo à frente. Teorizar é a liberdade na qual o ‘ser’ é capaz de parar a ação e refazer seu caminho.

A base deste salto é a ‘desconfiança’. Lévinas chama de ‘a primeira perda de inocência’, possível de acontecer por dois fatores: - o primeiro ocorre quando devido a um fracasso, a pessoa considera seus atos como falhos, incompletos e/ou errados. Dessa experiência surge a teoria como garantia e iluminação do ato. Entretanto, o objetivo principal, neste caso, é ‘o saber para a compreensão de si e do mundo’; na realidade, uma ‘afirmação de si Mesmo’. - o segundo ocorre quando

⁹³⁸ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 68.

⁹³⁹ LÉVINAS. *Entre nós...*, 2010, p.35.

há desconfiança sobre a moral dos próprios atos em relação ao ‘outro’. A teoria, então, surge objetivando ser justa, ou seja, correta pelo aspecto moral. Lévinas afirma que neste caso a teoria está ligada à ética, a uma experiência metafísica, e é necessário haver o reconhecimento de uma ‘alteridade’.

Para ele, todo o caminho a ser percorrido é fruto de uma recordação crítica que vem de um questionamento originado pela presença do ‘outro’, da ‘alteridade’. Porém apesar da recordação crítica, um ‘eu’ separado pode continuar ignorando o ‘outro’, surgindo à possibilidade de afirmar sua autonomia pela teoria através de um reforço de correções e potencialização da autonomia. É neste ponto que Lévinas critica e questiona a sociedade ocidental, que já nos referimos anteriormente. Trata-se de uma sociedade que escolheu dar prioridade ao si Mesmo, usando a moral como freio, e a teoria como forma de defender a liberdade do ‘eu’. Dessa forma, a liberdade que aparentemente encontra-se protegida pelo trabalho, no momento em que surge a possibilidade desta liberdade levá-lo ao fracasso, o ‘eu’ desperta a razão para a crítica. Porém, o ‘eu’ crítico não pode se criticar:

Esta liberdade espontânea não critica a si mesma e nem se justifica no seu novo lugar: como olho, não pode se ver. Mesmo quando reflete sobre si, reflete desde um eu ‘desdobrado’ em dois, e o ‘eu crítico’ fica livre e espontâneo fora da crítica, recolhido numa interioridade intocável, como um absoluto inquestionável.⁹⁴⁰

Nesse caso podemos dizer que a razão provém de uma necessidade de crítica, e ela nos dá condição de analisar tudo e a todos. Porém, a razão não permite analisar o próprio ‘eu’, e sem existir esta possibilidade de crítica, o ‘eu’ torna-se transcendental e puro, com o máximo de interioridade e de soberania.

O saber teórico dá ao ser a possibilidade de superação e de procurar o ‘sentido’ daquilo que faz. Uma busca de sentido importantíssima para a teoria, existindo, segundo Lévinas, um estágio do ser entre a economia e a teoria, onde se busca pelo saber sagrado atingir o inatingível. Um estágio sacral onde o ser, normalmente, procura em uma religião o endeusamento tático, uma idolatria originária.

Este estágio começa quando o ser percebe que há algo maior que ele e deseja atingir o que não consegue sozinho. O desejo, então, transforma-se em fome do inatingível, através do sagrado, mas essa admiração pelo sagrado tem a finalidade oculta de ‘adquirir’ o que a pessoa deseja. Pode até parecer que seja um amor desinteressado ao saber, mas na realidade o que existe é a dissimulação de desejo e de conquista. Neste caso, a economia está disfarçada no sagrado, mas no momento

⁹⁴⁰ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 70.

em que se atinge o que deseja, “seculariza e expulsa o sagrado e os deuses no saber dominam soberanamente”.⁹⁴¹

O processo do ‘conhecimento’ segue o mesmo caminho e transitoriedade do gozo, da posse, e da economia. Conhecer nada mais é do que: “possuir, tomar, agarrar, absorver e gozar, mesmo na forma mais lúcida e mais extática”.⁹⁴² Entretanto, mais uma vez Lévinas chega à independência dependente, onde o ‘eu’ rompe com a totalidade e traz novas categorias e articulações técnicas.

Segundo Susin:

Uma luz exterior que se passa por nada permite haver – ‘luz própria’ -: luz da consciência, intencionalidade, compreensão, identificação, apropriação, absorção, como um ‘trem da vitória’, pois nada no mundo – mundo de dados, objetos que se apresentam à luz, que são fenômenos – pode resistir ao novo poder de ecumenismo, o saber.⁹⁴³

O clímax do processo do conhecimento ocorre na identificação e na consciência do eu, através da autoidentificação. Após a trajetória pelo mundo, o ‘eu’ volta a si confirmado pelo eu-mesmo, devido a uma ênfase de si dada pelo sentido. Neste caso, é importante notar que para Lévinas o sentido de ‘identidade’ é diferente do que é dado na Psicologia. A ‘identidade’ para a Psicologia se refere à identidade individual e pessoal de cada indivíduo. Trata-se de uma construção dinâmica onde o indivíduo toma consciência de si através das relações subjetivas e objetivas, da linguagem e das experiências sociais. “É um processo ativo, afetivo e cognitivo da representação de si no ambiente em que se encontra; o que implica o surgimento do sentimento de permanência e de continuidade”.⁹⁴⁴ Já para Lévinas ‘identidade’ é perseverar em si mesmo, transformando o ‘outro’ em si mesmo, no ‘eu’ Mesmo.

5.3.2.1

O eu Mesmo: afirmação de identidade

Segundo Lévinas, o ‘eu’ é o fundamento e a origem do processo. É o único elemento que permanece em todo o processo de identificação sem se modificar. O mundo, como já vimos, é a casa do ser, mas não resiste ao poder de identificação do ‘eu’, e não forma com ele uma totalidade. O que temos no fim é o Mesmo. Na

⁹⁴¹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 73.

⁹⁴² *Ibidem.*, p. 74.

⁹⁴³ *Ibidem.*, p. 79.

⁹⁴⁴ *Identidade (psicologia)*.

representação dos objetos, o ‘eu’ deixa de ser antagônico a estes, sobressaindo a identidade do ‘eu’ diante da multiplicidade de objetos, mantendo-o inalterável.

O ‘eu’ sai de si, vai ao mundo, e diante do ‘outro’ interrompe o que poderia ser o reconhecimento de sua alteridade, voltando-o para si através da representação do ‘outro’, transformando o eu em o Mesmo. E o ‘outro’ não permanece ‘outro’, mas é assimilado através da representação no Mesmo, só o eu idêntico e mesmo permanece. “O outro é, então, outro-para-o-mesmo, e finalmente outro-no-mesmo”.⁹⁴⁵ Para Lévinas, isto é a concretização do egoísmo, e o princípio do idealismo.

O processo de identificação acontece na saída do ‘eu’ ao mundo exterior e retorno a si. A identidade do ‘eu’ toma todo o espaço e não dá possibilidade ao novo de se manifestar. E o ‘outro’ é percebido apenas para ser transformado no Mesmo, ou subjugado ao Mesmo. O interesse no ‘outro’ está apenas em sua tematização para representá-lo conceitualmente. Por sua vez, é importante frisar, como diz Kuiuava, “o ‘outro’ ao ser objeto de tematização já está expatriado de sua alteridade”.⁹⁴⁶

O fundamento do ser que reina é o Mesmo, e apesar de todos os obstáculos que surgem na história do ‘eu’, ele continua sendo o Mesmo, e procura transformar o ‘outro’ em ‘si Mesmo’. A ligação ‘fundamento-princípio-identidade’ e ‘ser-para-si’ trazem toda a experiência do ser para o ‘eu’, sendo sempre este o critério de sentido. Este critério permanece até mesmo através da ‘crítica’ e da ‘autocrítica’.

Como, anteriormente já foi visto, ao desconfiar de si, o ser pode lançar mão da ‘recordação crítica’, mas se esta encontrar ‘resistência’ é possível que a iniciativa do ‘eu’ venha a fracassar, surgindo ‘a identificação’ como forma de esclarecimento e compreensão.

Além da resistência há ainda outro fator pronto para impedir a crítica e a autocrítica, é o ‘desejo de dominação’ através das representações intelectuais. Um desejo frágil no qual não há consciência do domínio. Devido a sua fragilidade, as representações podem apagar o sentido de dominação, deixando uma abstração sem sentido dirigida à realidade de modo inadequado, provocando a necessidade de ultrapassar essa abstração para conseguir uma nova intencionalidade. Na realidade, as justificativas dadas para a rejeição são frágeis, e não cabem na atual conjuntura

⁹⁴⁵ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 91.

⁹⁴⁶ KUIUAVA. *Subjetividade...*, 2003, p. 170.

da sociedade, mas o receio de perder o domínio da situação traz a intransigência e novas intencionalidades e justificativas.

Segundo Lévinas, quando o ser desconfia de si, isto já é uma desconfiança da consciência e do saber, e obriga o próprio 'eu' fazer uma análise da consciência. Dessa forma, a crítica pode se tornar autocrítica, e a luz se voltar para dentro do 'eu'. "O 'eu' passa a ser um dado para si mesmo como reflexão, provocando uma espécie de cisão do 'eu'. O 'eu' crítico interroga a má consciência".⁹⁴⁷

Para este autor,

Má consciência: sem intenções, sem visada, sem a máscara protetora do personagem contemplando-se no espelho do mundo, seguro e a se posicionar. Sem nome sem situação e sem títulos. Presença que teme a presença, nua de todo atributo. Nudez outra que a do desvelamento, outro que a do pôr a descoberto da verdade.⁹⁴⁸

Por sua vez, como esta foge ao controle, precisa ser resgatada ao 'para-si' da identificação. Para Susin, "a nova tarefa consistirá em recuperar, limpar, explicitar, clarificar, aproveitar as intencionalidades implícitas".⁹⁴⁹

Susin nos explica ainda que quando ocorre à autocrítica, o que é difícil, isso acontece devido ao excesso de liberdade, que permite ao 'eu' uma suspensão de si mesmo:

O *surplus* de liberdade permite não só um salto sobre a realidade e uma colocação em parêntesis da realidade, mas também do próprio eu, uma neutralização e uma suspensão de si mesmo, do homem vivente que passa do ser ao ter, como posse do eu crítico.⁹⁵⁰

A 'autocrítica' leva a pessoa diante de um objeto absorver tanto a consciência na sua identificação, como o objeto pelo seu sentido. Ao mesmo tempo dá condições à pessoa de conservar a distância e a transparência necessária para esta autocrítica. No entanto, como já vimos, o 'eu' não consegue se criticar totalmente, e o trabalho da crítica, apesar de chegar a sua culminância, não consegue criticar tudo, existindo sempre algo que não foi criticado.

De acordo com Lévinas, o interesse está presente em todos os movimentos do ser. O 'eu' está sempre em busca da sua identificação, e nem mesmo o saber, a

⁹⁴⁷ A má consciência no mundo do ser é ingênua e provoca questionamentos. Trata-se de uma pre-consciência. Anotações pessoais de Susin, enviadas para mim por email, em 2011.

⁹⁴⁸ LÉVINAS. *Entre nós...*, 2010, p. 155.

⁹⁴⁹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 94.

⁹⁵⁰ *Ibidem.*, p. 95.

crítica e a autocrítica conseguem modificar o seu objetivo. “O ser é egoísta. Ou para não entendermos de forma moralista, o ser é ‘egótico’^{951 952}”.

O objetivo do ‘eu’ quando retorna a si, é a transformação do outro no Mesmo, sem reconhecer o outro em sua ‘alteridade’, enquanto ‘outro’. E quando esta redução do ‘outro’ para o mesmo não consegue ser feita, o ‘outro’ pode ser visto como uma ameaça, por colocar em risco a afirmação da identidade do ser.

5.3.2.2

O outro como ameaça da identidade

Na interioridade não há alteridade em si. Se a alteridade aparecer, já se expõe à assimilação, à posse, ao conhecimento. Mas, sem a presença do ‘outro’ ou seja, sem a exterioridade, não existirá interioridade, pois como diz Susin, a interioridade “se forma na relação de gozo, economia e saber”.⁹⁵³ A esta relação com o ‘outro’; na qual o ‘eu’ não considera a alteridade do ‘outro’, Lévinas chama de ‘relação análoga de transcendência’. O ‘outro’ apesar de estar rodeando o ‘eu’, não é reconhecido pelo ‘eu’ como ‘outro’. Esta é a primeira autonomia do ser, havendo, então, uma separação que forma a interioridade.

Susin nos dá alguns subsídios importantes para entendermos as razões de Lévinas. Ele diz que apesar do ‘outro’ participar do gozo, estar junto dos elementos, sendo mediador, ele sempre aparece vestido.

Um vestuário que vai desde o rosto asseado, o corpo velado, a observância de regras de decência até às instituições e posições sociais, funções, etc, desde as quais se apresenta velado pela função, pela ação, pelo ‘enquadramento’. Sem as formas e a formalidade, o outro se apresentaria ‘nu’ em sua alteridade, e provocaria perturbação. Escandalizar-se será então o modo de inculcar-lhe vergonha e obrigá-lo a se retirar como ‘in-coveniente’.⁹⁵⁴

O ‘outro’ aparece vestido através do charme, da beleza, pois sem isso a nudez não é aceita, e precisa se retirar. Por exemplo, a nudez feia, brutal, doente,

⁹⁵¹ Egótico – relativo a egotismo. Sentimento exagerado da própria personalidade, do próprio valor. Tendência a considerar e avaliar as coisas de um ponto de vista meramente pessoal; individualismo: há muito subjetivismo no que faz. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

⁹⁵² Anotações pessoais de Susin, enviadas para mim por email, em 2011.

⁹⁵³ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 102.

⁹⁵⁴ *Ibidem.*, p. 103.

deficiente, não traz prazer. Só na arte é que encontramos a exposição da nudez e mesmo assim, ela provoca inquietação e mistério. Na arte o ‘outro’ pode até fazer parte de algo, mas de qualquer forma não consegue ser como é realmente.

No nível econômico, o ‘outro’ é promessa de intimidade, de energia, de saída em direção ao futuro através do ‘eros’, da voluptuosidade e da carícia. No entanto, continua a não ser visto pela sua ‘alteridade’.

Na casa a alteridade é resguardada, pois a partilha acontece na intimidade, de modo a ficar distante de novas posses. Como já vimos, segundo Lévinas “A morada, a habitação, pertence à essência – ao egoísmo – do eu”.⁹⁵⁵ Entretanto, até na intimidade da casa e do outro, o ‘eu’ também pode ir além de sua condição, e apropriar-se do ‘outro’ negando a alteridade por trás da intimidade.

Já o colaborador, o trabalhador, o companheiro de negócios, e o comerciante, podem se inquietar, pois são separados como alteridades, e possuem as mesmas possibilidades de quem está a sua frente e também quer possuir: terra, trabalho, dinheiro. Mas essa aproximação não se dá pela alteridade, pois não há condição de fazer negócio com a alteridade; apenas com e pela economia. Para a relação econômica acontecer, ela traz regras de mediação que resguardam ‘um’ do ‘outro’. Essas mediações são as leis econômicas para ser possível fazer o intercâmbio.

O grande perigo existente na negociação ocorre quando um ‘eu’ quer ir além das condições, e ele próprio coloca as condições, tirando a força da mediação externa e resguardadora. Quando isso acontece, provoca um confronto baseado na lei do mais forte: assassinato, guerra, corrupção, tirania, hegemonia. Trata-se de um processo que pode ir até o fim, levando às piores consequências por não haver o reconhecimento da alteridade.

No nível do saber o ‘outro’ é representado. Mas, como realmente ‘outro’, ele fica de fora. Para Lévinas, o que impede de se pensar o ‘outro’ com sua alteridade é que normalmente a exterioridade está interiorizada para si mesmo. Mesmo “quando se pretende conservar um relacionamento, na simpatia ou na empatia, a intencionalidade existente no ‘eu’ que acolhe e compreende o ‘outro’, irá reduzi-lo a um *alterego*”.⁹⁵⁶ Por outro lado, o respeito ao ‘outro’ não se submete apenas à

⁹⁵⁵ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 136.

⁹⁵⁶ *Alterego* – trata-se de um outro eu. Cf. Ibidem., loc. cit.

razão, pois esta é insuficiente para deter o ‘eu’ em expansão. O que rege o princípio do gozo e da posse é o prazer.

Quando o ‘outro’ aparece, e ameaça a identificação do ‘eu’, leva a quem se sente ameaçado procurar torná-lo um Mesmo para si, e depois no Mesmo. Na economia através das regras de mediação, mesmo não reconhecendo a alteridade, pode haver um relacionamento pela ‘necessidade’, embora o ‘eu’ possa ir além para apropriar-se do ‘outro’.

Na realidade, o ‘outro’ quando não é ‘um igual’ capaz de se tornar o Mesmo, é percebido como uma ameaça para o ‘eu’. Em casa, no trabalho, nos relacionamentos sociais, políticos, religiosos, na vida em geral, o ‘outro’ ou não é reconhecido por estar vestido ou acaba por inquietar, perturbar, sendo visto como uma ameaça.

A ‘alteridade é uma novidade que revela uma antiguidade desconhecida, pois o ‘outro’, - que é anterior,- não pode ser dominado neste tempo, e “é por causa de sua irrupção, imprevisibilidade e a impossibilidade de medidas que o ‘outro’ se torna incômodo, inquietante, desarticulante, inconveniente, indomável, livre”.⁹⁵⁷ O ‘outro’ é separado em relação ao mundo, e esta ‘alteridade’ é que o constitui como ‘outro’, e não permite transformá-lo em identificação do Mesmo.

Na transcendência do ‘outro’ que se recusa à totalização e à dominação, encontra-se o maior perigo no mundo do ‘eu’: a recusa do outro à totalidade. Esta recusa pode receber a recusa do ‘eu’ à transcendência, e este desejar totalizar o outro de qualquer forma: vivo ou morto.

O assassinato é o auge da violência, e transforma-se em impotência. Quando se mata alguém não se busca apenas destruir um corpo, mas a sua alteridade. Nele não se precisa manter mais nada, é a totalização pela total negação, pela aniquilação e desaparecimento da vítima.

Segundo Lévinas, “Só posso querer matar um ente absolutamente independente, aquele que ultrapassa infinitamente os meus poderes e que desse modo não se opõe a isso, mas paralisa o próprio poder de poder. Outrem é o único ser que eu posso querer matar”.⁹⁵⁸

⁹⁵⁷ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 219.

⁹⁵⁸ *Ibidem.*, p. 193.

5.4

O diferente diante do rosto do Outro: alteridade, infinito, Deus

O ser em seu mergulho existencial no mundo do ser enfrenta uma série de possibilidades e impossibilidades. A primeira impossibilidade é provocada por outro ser, por sua vontade e materialidade. O ser é frágil e precisa enfrentar sua nudez e lutar pela vida através do seu próprio esforço.

Ao acompanharmos a trajetória da ‘subjetividade’ percebemos que ela precisa tirar sua independência da dependência, portanto se os elementos dos quais tirava sua independência faltarem, a subjetividade se perde, e não há mais a independência feliz e soberana. Susin nos diz que essa é a dramaticidade existencial: “o esforço e a dor por ser”.⁹⁵⁹ O ser precisa trabalhar para sobreviver.

Dessa forma, quando o trabalho não sustenta as necessidades básicas, ou falta trabalho, não existe uma base para que o ser seja soberano, e nem para ir ao ‘outro’. Se não houver pão, não haverá casa, não haverá porta, não haverá proteção para se ter intimidade, ameaçando toda a interioridade e a possibilidade econômica. O trabalho será sem gozo, sem economia. Será apenas trabalho por sobrevivência, mas sem futuro. Este tipo de trabalho é fruto de uma sociedade desorganizada sem tempo, sem consciência, que não se preocupa em colocar condições de vida entre o ser e o mundo do qual ele depende.

Na Bíblia o ‘outro’ é o pobre, o doente, o fraco, o discriminado, o perseguido, e o escravo, enfim, todo aquele que está no mundo, mas se encontra perdido em relação ao mundo e a si mesmo, pois não é aceito pela sociedade, não tem cidadania. É todo aquele que não tem prazer, felicidade, não se pode dominar, pois está impossibilitado de satisfazer suas necessidades. Sua interioridade não tem projetos, nem possibilidades, pois é “solitário, sem obras, sem história, sem recursos e sem economia, sem energia humana e sem bondade no ser”.⁹⁶⁰

O ‘outro’ é aquele que não têm história, que está à parte da sociedade, sempre faz parte de grupos minoritários e marginais, que apesar de serem os que mais precisam do Estado, por encontrarem-se à margem, de modo geral só recebem atenção quando são vistos como ameaça. Suas necessidades são insatisfeitas, e “eles não têm intimidade, nem futuro, nem habitação, portanto não há como existir o eu

⁹⁵⁹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 114.

⁹⁶⁰ *Ibidem.*, p. 201.

soberano”.⁹⁶¹ Todos estão ligados ao mesmo destino, estão excluídos e marginalizados. Para esses grupos, a lei pode desaparecer pela assimilação ou pela destruição dos que a ameaçam. Como diz Lévinas, a razão garante poder e vitória a quem tem mais poder.

Mas, segundo Lévinas, o que pode romper a subjetividade e resgatá-la é o que vem de fora do mundo, o ‘Outro’, com sua chegada provocando um impacto tão forte que venha a forçar o ‘eu’ a sair de si mesmo e transcender através da ética.

O ‘outro’ que vem de fora é o ‘bem além do ser’. O bem puro e incontaminado. Não se trata de um novo ser, mas do ‘Outro’⁹⁶² que vem ao ser e se revela porque é o ‘Bem’.

De acordo com Lévinas,

A ideia importante – quando evoco o rosto do outro, as pegadas do Infinito, ou a Palavra de Deus- é a de um significado de sentido que, originariamente não é tema, não é objeto de um saber, não é o ser de um ente, não é representação. Um Deus que diz respeito a mim mediante uma Palavra expressa no rosto do outro, é uma transcendência que não se tornará uma imanência. O rosto do outro é a sua maneira de significar.⁹⁶³

Susin nos informa que para Lévinas a autoridade de quem está diante do outro vem da sua ‘interioridade’, e a autoridade do ‘outro’ é proveniente de sua alteridade. Uma relação que não pode ser comparada, pois como a orientação vem do ‘outro’, - e ele é sempre imprevisível, - a relação é incerta, pois é impossível saber como agirá. O ‘Outro’ é Infinitude, transcendência, e possui uma perfeição de outra ordem que traz brilho próprio. “Só à luz do Infinito e perfeito é possível ver o finito e o imperfeito”.⁹⁶⁴

É desta ‘relação com o outro’ totalmente diferente que vem à ideia de Infinito. “O ‘outro’ é o ideal mais alto que a noção de ideal que provém dele”.⁹⁶⁵ E por ser ‘ideal’ é que o ‘outro’ suscita respeito à sua diferença e alteridade’ radical. É o distante, o Infinito que visita, que se aproxima e se torna mais próximo do que a própria pessoa. Mas, apesar de ‘vir de além’, não significa que esteja chegando de

⁹⁶¹ Ibidem., p. 116.

⁹⁶² Infinito, Deus.

⁹⁶³ LÉVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*, p. 27/28. Reprodução da entrevista dada por Lévinas a Angelo Boanchi, em Paris, do dia 14/04/1985, tendo sido publicada pela primeira vez em *Hermenêutica* (1985), número dedicado ao tema da violência. Consta também em E. Lévinas, *Alterité et transcendence*, p. 172-183.

⁹⁶⁴ SUSIN. *O homem...*, 1984, p.217..

⁹⁶⁵ Ibidem., p. 225.

um novo horizonte ou de outro lugar. O ‘outro’ se encontra no mundo do ser. E é através dele, com o choque que provoca, e através da ética, constituída pelo questionamento que o outro provoca, pela vergonha e o recuo do movimento solitário de domínio sobre o outro, que pode se dar à inversão da subjetividade, saindo de si para o ‘outro’, e reconhecendo sua alteridade.

Para este autor só na relação com o ‘outro’, o ‘eu’ poderá ser salvo do ‘mal de ser’. Mas quem é este ‘outro’ que Lévinas persegue cuja alteridade é pura e real? Susin nos informa que este ‘Outro’ não está ‘no mundo, nem no ser’. O ‘Outro’ vem de ‘outro tempo’, mas transporta ‘o tempo ao presente’ através da diacronia dos tempos. O ‘Outro’ é impensável, incompreensível, mas ao mesmo tempo é positivamente e concretamente ‘outro’.

Segundo Ulpiano, “El Creador no es el contexto de la creatura, es la exterioridad: el Infinito separado e irreductible a la Totalidad sinóptica y económica de un contexto o de una historia”.⁹⁶⁶

O pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro são modelos concretos de alteridade que o Antigo Testamento⁹⁶⁷ mostra como aliados da transcendência mesma de Deus que toma a sua ‘causa’, zelando por eles, exigindo que lhes faça justiça. Para o cristão, o Novo Testamento⁹⁶⁸ traz como o ‘escândalo do cristianismo’ Deus se colocando ao lado dos que sofrem, dando a eles prioridade, atendendo as suas necessidades, ao mesmo tempo em que o próprio Deus sofre, é marginalizado, e morre numa cruz.

A quatriade bíblica nos indica que o ‘outro’ é hóspede, olhar, palavra. O ‘outro’ é ‘hóspede’ absoluto neste mundo, e se entrega ao dono numa relação de ‘proprietário e estrangeiro’ em todas as suas necessidades. Não pertence a este mundo. É rosto, é ‘olhar’, pois é aquele que ‘não tem nada’. Seu ‘olhar’ é ‘nudez informe’, exposição externa e extrema, sem nenhuma defesa, e por isso é imediata sinceridade. É uma ‘palavra-olhar’ cheia de honra. É ‘palavra de mestre’ que como vem de fora, pode ser ‘alteridade e magistério’. Pode ser o autor da sua própria ‘palavra’, indo muito além de ensinar, pois é capaz de ultrapassar as obras, os fatos e as ideias.

⁹⁶⁶ Tradução livre: "O Criador não é o contexto da criatura é a exterioridade: o Infinito separado e irreductível a totalidade sinóptica e económica de um contexto ou de uma história". Cf. MORO, Ulpiano Vázquez. *El discurso sobre dios*, p.190.

⁹⁶⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006. Ex 22,22; Dt 10,18; Dt 14, 29 ; Dt 16, 11. 14; Dt 24, 17.19. 20. 21; Sl 146, 9; Jr 22, 3; Zc 7,10.

⁹⁶⁸ BÍBLIA, 2006. Tg, 1,27; 1 Tim 5,4.

O ‘outro’ ensina ainda a ‘transcendência’, pois é autoridade e mandamento. Uma autoridade que não está fundamentada no ‘ser’ ou na ‘razão’, mas na ordem do mandamento ‘não matarás’. Para Lévinas “a fruta proibida do paraíso é o ‘outro’”.⁹⁶⁹ A criação do mundo por Deus teria sido colocada no início das Escrituras para que sejamos capazes de compreender que o ser humano é apenas um hóspede na terra, e que todos nós temos direito à mesma hospitalidade oferecida por Deus. A própria narrativa já é um mandamento, e quando se diz “Deus é misericordioso, o mandamento está ordenando ‘sede misericordiosos’”.⁹⁷⁰

5.4.1

A ética diante do rosto

Para Lévinas o rosto é significação, não simplesmente um personagem num contexto.

Há no rosto uma pobreza essencial; a prova disto é que se procura mascarar tal pobreza assumindo atitudes, disfarçando. O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar.⁹⁷¹

Uma relação que vai além de alguém ser um professor em Sorbone, de ter um nome, da forma de se vestir. O rosto não é ‘visto’. “Ele é o que não se pode transformar em conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, levamos além”.⁹⁷² Não está correlacionado ao saber, trata-se de uma relação ética.

O rosto fala, e torna possível o discurso, provocando a resposta ou a responsabilidade ao rosto como uma relação autêntica. Para Lévinas, o discurso possui o dizer e o dito. “O ‘dito’ é uma necessidade da mesma ordem que impõe uma sociedade, com leis, instituições e relações sociais. [...] O dizer é o fato de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo, respondo-lhe”.⁹⁷³

O mandamento é ‘palavra’, o rosto diz ‘não a violência’, junto com os mandamentos ‘não matarás, não furtarás, não desejarás o que é do outro’. Entretanto, a obrigação para com o mandamento é apenas ‘ética’.

Segundo Ulpiano, para este autor:

⁹⁶⁹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 211.

⁹⁷⁰ Ibidem. Loc. cit.

⁹⁷¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*, p. 70.

⁹⁷² Ibidem., loc. cit.

⁹⁷³ Ibidem., p.71.

El rostro, que “se manifiesta asistiendo a su manifestación”, invoca al interlocutor, se expone a su respuesta y a su pregunta, a su deseo y a su responsabilidad. No se impone como una representación verdadera, ya que la posibilidad de la apariencia permanece. La imposición del rostro solicita la respuesta.⁹⁷⁴

De acordo com Susin, a ética proposta não é uma seção moral da teologia, mas uma compreensão teológica que nos ajuda a despertar para uma vida voltada ao ‘outro’ para a qual fomos ‘eleitos’ e criados pelo ‘Outro⁹⁷⁵’ antes de nos tornarmos ser. Trata-se de uma compreensão possível de nos ajudar como seres humanos a irmos além do ser, a fim de que cada um de nós possa se descobrir como um ser humano ‘desde-o-Outro-para-o-outro’, onde a primazia seja a ética como responsabilidade pelo outro, aceitando-o com toda sua alteridade.

A ‘ética’ é a impossibilidade de se escapar ao ‘olhar’ que observa desde o mandamento, mesmo quando este é violado. ‘É o mesmo ‘olhar’ onipresente a Caim após o crime, dizendo que diante do ‘olhar’ não há desculpas.

Segundo Lévinas, a sociedade ocidental “concebeu a moral como um conjunto de regras de conduta fundamentadas sobre a universalidade das máximas ou sobre um sistema hierarquizado dos valores”.⁹⁷⁶ Deste modo, a moral passou a ter em si mesma uma razão, entretanto sua relatividade histórica comprometeu as suas próprias normas morais.

Já a ética, significa ‘metafísica’ porque diz respeito à transcendência do outro. Uma transcendência que não é somente física e aponta para o futuro.

Segundo Lévinas,

O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente outro [...] O desejo metafísico não aspira ao retorno, porque é desejo de uma terra onde de modo nenhum nascemos. [...] O desejo metafísico não assenta em nenhum parentesco prévio; é desejo que não poderemos satisfazer. [...] O desejo metafísico tem outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. [...] Morrer pelo invisível – eis a metafísica.⁹⁷⁷

⁹⁷⁴ Tradução livre: O rosto que se revela, invoca o interlocutor a expor sua resposta e a sua pergunta, o seu desejo e a sua responsabilidade. Não se impõe como uma representação verdadeira, já que a possibilidade da aparência permanece. A imposição do rosto solicita a resposta. Cf. MORO. *El discurso...*, 1982, p.228

⁹⁷⁵ Para Lévinas há uma ‘equivocidade’ entre os termos o outro, e o Outro, cuja diferença só consegue ser vista no mundo do Bem. Esta ‘equivocidade’ aparecerá também em nosso texto.

⁹⁷⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à ideia*, p. 19.

⁹⁷⁷ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 20-21.

“Por metafísica, Lévinas entende uma relação ao ‘outro’ que se produz no desenrolar da existência terrena, sem culminar na totalidade divina ou humana, e na qual os sujeitos intervenientes se mantêm absolutos, transcendentos”.⁹⁷⁸

O pensamento ético de Lévinas, embora seja herança da tradição filosófica ocidental, rompe com a tradição. Não se trata de uma abordagem ética a partir da construção de um código de regras e leis para normatizar o agir moral das pessoas, nem mostra interesse na ética no sentido de uma reflexão crítica sobre valores morais. Ele não procura responder como se deve agir. Lévinas diz: “A minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas dar-lhe o sentido”.⁹⁷⁹

Lévinas defende uma anterioridade da ética em relação à ontologia. Segundo José Valdinei Miranda, “Lévinas demarca o início de um novo pensamento ético não mais subordinado à ontologia do ser ou ao modo de ser, mas descrito como um ‘outro modo que ser’ ou para além do ser”.⁹⁸⁰

Segundo Miranda, em Lévinas,

A ética não é descrita desde o formalismo do ‘dever ser’, e sim como relação face a face, relação de proximidade com o Outro. Enfim, a ‘ética’ é um acontecimento que inaugura o humano e inscreve, na relação ‘um-para-o-outro’ o sentido ético da sociabilidade entre os homens.⁹⁸¹

A ética é fundamentalmente a relação primordial entre o Eu e o Outro, aproximando dois mundos: o Mesmo e o Outro. “Uma relação caracterizada pelo movimento de transcendência que possibilita a saída do egoísmo do Mesmo em direção ao absolutamente Outro”.⁹⁸²

Para Lévinas, o ‘outro’ ao se colocar frente a frente, não é só alguém que difere de quem está à sua frente, mas é muito mais que isso. Ele é “transcendência, altura, excelência, mandamento e ensinamento, meu senhor”.⁹⁸³ Ele é enviado como quem necessita da bondade do ser que está a sua frente. Mas é alguém que também precisa receber alguns aspectos importantes, como ‘sua altura, excelência, e o próprio ser’, pois só através do ‘outro’ a subjetividade de quem está a sua frente

⁹⁷⁸ PILONETO. *A ética como...*, 2011.

⁹⁷⁹ LÉVINAS. *Ética e...*, 2007, p. 73.

⁹⁸⁰ MIRANDA, José Valdinei A. *Ética da alteridade e Educação*, p. 108

⁹⁸¹ *Ibidem.*, p. 108.

⁹⁸² *Ibidem.*, p. 109.

⁹⁸³ SUSIN, *O homem...*, 1984, p.257.

nascerá como bondade, e se resgatará do mal. Só através deste ‘outro’ a ‘subjetividade’ será capaz de receber dando, e poderá começar uma nova história, um novo destino.

De acordo com Lévinas, a relação ‘face a face’ é uma atitude moral que impede a totalização. Por exemplo, o que uma pessoa exige de si própria, não pode exigir do ‘outro’ porque não decide por ele. Não há como o outro ser obrigado a reagir igual, pois está separado de quem o questiona. Dessa forma, é uma relação assimétrica metafísica e ética que provoca uma irreciprocidade interpessoal. Só é possível se relacionar com o ‘outro’ como ele é.

É essa alteridade expressa no olhar de um rosto, que leva, mesmo que seja por um momento, quem mata ao desferir o golpe, reconhecer moralmente o ‘outro’ em sua transcendência, sabendo que não há desculpa para a sua violência. “O infinito apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes, e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria”.⁹⁸⁴ Se o ‘eu’ conseguir compreender esta miséria, esta nudez, não mata, ao contrário, se aproxima do Outro.

Segundo Etelvina Pires Lopes Nunes, ‘o outro enquanto rosto’, é aquele capaz de invadir, trespassar e ordenar que a pessoa não mate. Proibição que se transforma em ordem, na qual ‘o serviço ao outro’ passa a ser prioridade. Para ela, não é só o rosto que suplica, mas também os olhos, a boca, a palavra do outro que grita por justiça. As testemunhas e os privilegiados do rosto são a quadríade bíblica, que para nós, hoje, seriam as vítimas, os mártires, os excluídos. Segundo Etelvina: “O infinito atinge-me e faz-se voz interior que me fala pela minha própria voz”⁹⁸⁵.

A ética é um processo que começa no finito, mas no momento que ocorre a revelação, ocorre a inversão. Na ética o ser humano é chamado a dar o grande passo para a maturidade, a assumir responsabilidades através da sua própria decisão. A primeira palavra cabe ao ‘outro’, e questiona. “A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder”.⁹⁸⁶ Ela reúne as características necessárias para dar responsabilidade à subjetividade, ao mesmo tempo em que aprofunda sua unidade com ‘responsabilidade’ e

⁹⁸⁴ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 194.

⁹⁸⁵ NUNES, Etelvina Pires Lopes. *O outro e o rosto*. Problemas da alteridade em Emmanuel Lévinas. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1993, p. 252.

⁹⁸⁶ LÉVINAS. Op. cit, p.192.

‘bondade’. Ela traz em si o relacionamento social e o religioso, sem ideologia ou mito, permitindo que o ser humano possa ser um adulto sociável e religioso.

A relação ética é “projeto de uma cultura que precede a política e que, na proximidade que vai do eu ao próximo, que ela significa, não se reduz a uma deficiência qualquer, ou ‘privação’ em relação à unidade do Uno”.⁹⁸⁷ Trata-se de uma relação com o ‘outro’, enquanto ele, ‘outro’, e não uma relação com o ‘outro’ reduzido ao ‘Mesmo’.

5.5

A reconstrução da Identidade como ética.

5.5.1

O ser para o outro

Para ser possível uma relação com o outro que não procure transformá-lo em um Mesmo, é preciso reconstruir a identidade, havendo uma mudança de rumo, onde aconteça que, em vez do eu voltar-se só para ‘si Mesmo’, ele se volte para o ‘outro’.

Para Lévinas, “a fórmula platônica colocando o Bem além do ser é a indicação mais geral e mais vazia que os gregos”.⁹⁸⁸ Para ele, o problema entre o Bem e sua relação como o ser é mais amplo. Embora conhecesse a análise e interpretação heideggeriana desta fórmula, o seu modo de interpretar e abordar foi muito diferente, pois Lévinas desvinculou-a da existência autêntica ou da afirmação de si no ser, procurando sair do ontológico para o ético.

Para ele,

...o bem é a passagem ao outro, ou seja, uma maneira de relaxar minha tensão sobre meu existir a guisa de cuidado para consigo, no qual o existir de outrem é mais importante que o meu. O bem é esse excedente de importância de outrem sobre mim, cuja possibilidade, na realidade, é a ruptura do ser pelo humano ou o bem no sentido ético do termo.⁹⁸⁹

O ‘outro’ ao se colocar frente a frente, não é só alguém que difere de quem está à sua frente, é muito mais que isso. Ele é “transcendência, altura, excelência,

⁹⁸⁷ LÉVINAS. *Entre nós...*, 2005, p. 272.

⁹⁸⁸ LÉVINAS, Emmanuel. *Da Existência ao Existente*, p. 9.

⁹⁸⁹ POIRIÉ, F. *Emmanuel Levinas*, p.93.

mandamento e ensinamento, meu senhor”.⁹⁹⁰ Ele é enviado como quem necessita da ‘bondade’ da pessoa que está a sua frente, a qual também precisa receber alguns aspectos importantes, como a altura, excelência, e o próprio ser’ do ‘outro’. Só através do ‘outro’ a subjetividade nascerá como bondade, e se resgatará do mal, sendo capaz de receber dando, e poderá começar uma nova história, um novo destino.

A ética pode surgir diante da presença de uma alteridade chocante⁹⁹¹ que leve a subjetividade⁹⁹² transcender para além do ser. Isto acontece, segundo Lévinas, porque a alteridade que vem de fora, através do outro,⁹⁹³ ao se chocar, por causa da ética, interpela, levando o ser para ‘além do ser’. “[...] Este movimento que conduz um existente em direção ao Bem não é uma transcendência pela qual o existente eleva-se a uma existência superior, mas uma saída do ser e das categorias que o descrevem, uma excedência”.⁹⁹⁴

A partir do ‘outro’, o ser pode despertar e mostrar uma capacidade de libertação em relação ao mundo como princípio. Ao mesmo tempo, a subjetividade que se encontra alienada dentro do mundo, ao perceber sua origem nas mediações, vê a possibilidade de sair da prisão em que se encontra, e ir em direção ao ‘outro’.

De acordo com Nélio Vieira Melo:

O para-o-outro não é senão o modo de ser existente, o para-o-outro é toda a materialidade da pessoa humana. É o sujeito frente a frente à realidade do outro, como um outro, como uma totalidade. Não como uma totalidade universal que, pela sua facticidade totalizadora é nadificada pelo fato da sua própria existência ser para-a-morte, mas uma totalidade destotalizadora, na qual o sujeito é senhor de seu próprio existir, graças ao apelo do outro que o libera e o põe em um estado de êxodo.⁹⁹⁵

⁹⁹⁰ SUSIN. *O homem...*, 1984, p.257.

⁹⁹¹ Alteridade chocante refere-se ao ‘outro’: o pobre, a viúva, o estrangeiro, o doente. Em suma, aos excluídos da sociedade.

⁹⁹² Subjetividade, o eu, o ente consciente, a consciência.

⁹⁹³ Continuaremos neste capítulo usando ‘outro’ para representar tanto o feminino como o masculino, pois é assim que Lévinas procede.

⁹⁹⁴ LEVINAS. *Da Existência ao...*, 1998, p. 9.

⁹⁹⁵ MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*, p.83.

5.5.1.1 Consciência - desejo

Para Lévinas, o ‘ser-para-o-outro’ é um caminho que segue na contra corrente do ‘eu’. O ‘para’ muda de direção, como se fosse um novo nascimento, saindo do ‘para si’ e transformando-se em ‘para o outro’. Segundo Susin, um modo de ser que ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Ser moralmente é ser justificado”.⁹⁹⁶

De acordo com Lévinas, “a ética é uma ‘relação interpessoal fundacional’. A ética não é uma etapa”.⁹⁹⁷ Diante do ‘outro’ que é exterioridade e anterioridade, e ‘alteridade chocante’, quem está à sua frente pode ser colocado em uma crise total, e a partir daí romper todo o egoísmo, desmontando as justificativas, provocando uma explosão que desarma e leva o ‘eu’ a enxergar o ‘outro’ que está diante dele. Esse sair para o outro, não é fácil, mas é a descoberta da humanidade, do bem. Segundo Lévinas: “Eu penso que é a descoberta de fundo de nossa humanidade, a própria descoberta do bem no encontro de outrem – Eu não tenho medo do termo “bem”; a responsabilidade para com o outro é o bem. Isso não é agradável, é bem”.⁹⁹⁸

Essa contracorrente começa com um questionamento que vem do ‘outro’, tira o ser do foco de si mesmo, e com a ‘má consciência’ vai provocando a paralisação do movimento soberano. Um questionamento que vem de uma exterioridade que não pode ser reduzida ao eu, e coloca o ser em crise.

Este ‘outro’ é diferente de si, e não pode ser transformado em um Mesmo, pois como ‘o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’ está a questionar, a chamar à diaconia. Este chamamento coloca o ser em direção contrária a si mesmo, ao seu egoísmo, levando-o a nascer novamente. Mas um nascer como servo, não mais como a pessoa autosuficiente e soberana de antes, mas alguém mais livre e humilde.

Segundo Lévinas, existe a ‘boa consciência’, e a ‘má consciência’, à qual já nos referimos anteriormente. A ‘boa consciência’ traz proposições que podem ser verdadeiras ou falsas, mas estas são transformadas em verdades que levam à

⁹⁹⁶ SUSIN. *O homem...*, 1984, p.258.

⁹⁹⁷ *Ibidem.*, p. 260.

⁹⁹⁸ POIRIÉ, F. *Emmanuel...* 2007. p. 82-83.

identificação, não trazendo mudanças. Já a ‘má consciência’ é a resistência à compreensão intelectual e à força da razão. A ‘má consciência’ provoca o nascimento do eu oriundo do ‘Outro’, levando o ser a uma resposta ao ‘outro’ pela ruptura da identidade, e a capacidade para assumir responsabilidades pelo ‘outro’.

O questionamento que vem do ‘outro’ traz a vergonha moral, o que significa à ruptura do círculo da totalidade onde se fechava a ‘subjetividade solitária’, dando a ela a possibilidade de nascer novamente, como um processo de cura. Da vergonha moral surge o desejo. Um desejo cuja origem é o ‘outro’.

Pode-se tentar passar indiferente pelo ‘outro’ ou procurar não notar quando este passa, mas a presença do ‘outro’ é capaz de provocar um estremecimento e o desmoronamento do mundo, fazendo surgir “o desejo do absolutamente ‘Outro’, para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o ‘Outro’ para além das satisfações”.⁹⁹⁹ “No desejo, o Eu (Moi) põe-se em movimento para o ‘Outro’, de maneira a comprometer a soberana identificação do Eu (Moi) consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa”.¹⁰⁰⁰ O desejo é a subjetividade se abrindo e começando um caminho que não tem retorno em si, pois o desejo leva a subjetividade a sentir mais desejo, a penetrar mais no Infinito, sem jamais se saciar. “O desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”.¹⁰⁰¹

O desejo vem de fora como revelação, mandamento do bem, e consciência moral. Ele liberta do mundo e de si, da riqueza, do ter, do ser, do poder, levando a pessoa a dar mais do que tem e do que pode doar. “No desejo, o ser do Eu apresenta-se ainda mais alto, dado que pode sacrificar a própria felicidade ao seu desejo”.¹⁰⁰²

5.5.1.2 Linguagem – Liberdade

Um rosto possui uma face que olha e fala, e é a palavra quem dá o princípio entre pessoas. Uma face vem antes do princípio e envia a palavra, permanecendo

⁹⁹⁹ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 20-21.

¹⁰⁰⁰ LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*, p. 49.

¹⁰⁰¹ LÉVINAS. *Humanismo...*, 1993, p.49.

¹⁰⁰² *Ibidem.*, p. 51.

para além do sistema, em outro plano. Palavra que vai além do simbolismo e é capaz de fazer justiça, onde a história não fez.

Nesta palavra original que é resposta ao Infinito, surge a possibilidade de falar de si, sem precisar de intermediação e sem o processo solitário de auto-identificação. Do face a face surge a sinceridade e a justiça, tornando possível o ‘eu ser eu’ em resposta ao chamado do ‘outro’.

Mas Lévinas chama a atenção que do ‘outro’ pode também vir o erro, e a teoria. Para isso não acontecer é necessário que tenhamos uma verdade intelectual que venha de uma alteridade absoluta anterior à ontologia, uma transcendência na qual não haja o domínio da compreensão, mas que comande a compreensão.

Para este filósofo, a chave para se entender o mundo está no ensinamento sobre o mundo que o ‘outro’ traz através da sua palavra. Este por ter uma transcendência absoluta em relação ao mundo, e pela relação anterior e exterior ‘outro-palavra-mundo’ não corre o perigo de formar totalidade e absorver o mundo.

A linguagem não tem lugar no interior de uma consciência, vem-me de outrem e repercute-se na consciência pondo-a em questão, o que constitui um acontecimento irreduzível à consciência, onde tudo sobrevém a partir do interior, mesmo a estranheza do sofrimento.¹⁰⁰³

Susin explica que a palavra ao ser enviada pelo ‘outro’, provoca uma explosão na razão que até então queria ser pensamento e ordem universal, doadora última de sentido. Porém, ao ser iluminada pela palavra do ‘outro’, a razão descobre estar sendo usada para corromper ou entrar em acordos dentro de sua totalidade. A luz tira a razão da solidão e da prisão da identidade, despertando-a para a universalidade da multiplicidade e da paz.

O choque que a presença do ‘outro’ provoca, desperta a liberdade dando-lhe consciência da injustiça, da imoralidade, levando-a a recuar. “Diante da palavra do ‘outro’, no questionamento que vem da sua altura e nudez, que na vergonha e no recuo, a liberdade expulsa de si mesma sem reservas a arbitrariedade”.¹⁰⁰⁴

A separação entre liberdade e arbitrariedade dá à liberdade possibilidade de tomar outro rumo. Esta mudança só é possível porque é o ‘Outro’ em sua altura e humildade, quem convoca e julga a liberdade.

Justificação moral da liberdade não é nem certeza, nem incerteza. Não tem estatuto de um resultado, mas realiza-se como movimento e vida. Consiste em apresentar à

¹⁰⁰³ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 199.

¹⁰⁰⁴ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 288.

sua liberdade uma exigência infinita [...] em relação a si, na superação de toda a boa consciência.¹⁰⁰⁵

Ao julgar a liberdade o ‘outro’ sem condenar ou acabar com a ‘liberdade’, retira a violência, investindo-a de missão. Esta missão é a justificação da liberdade que se torna reta, voltada para a justiça. Uma liberdade voltada para a responsabilidade do outro, cujo fundo é a bondade. Um relacionamento de respeito, obediência, docilidade e fidelidade, onde o ‘outro’, que é mandamento, sustenta, ensina e estimula a liberdade. É o mestre da liberdade.

Para Lévinas, a liberdade e a vontade são características do humano soberano e *ex-nihilo*. No entanto, quando estão diante do ‘outro’, a razão e a verdade estão condicionadas à palavra e ao ensinamento do ‘outro’, e a liberdade se desarma. Diante do questionamento do ‘outro’ a liberdade vê sua irracionalidade, arbitrariedade, capacidade para a mais cruel violência, e não conseguindo dar uma razão a si mesma, um sentido para além de si mesma, fica injustificada. “O tu não cometerás assassinio que esboça o rosto em que o Outrem se produz, submete minha liberdade a julgamento”.¹⁰⁰⁶

5.5.2

Eleição – Responsabilidade

Segundo Lévinas, a mudança do ‘ser para o outro’ só é possível porque todo ‘ser humano’ antes de se tornar ser foi eleito. “A ‘eleidade’ é a origem da alteridade do ser”.¹⁰⁰⁷

A ‘assignação’ é uma marca anterior ao ‘ser’ feita originalmente pelo ‘Outro’. Marca que se revela como ‘vestígio’, através de três características importantes: - o acusativo, - o nome, e - a sensibilidade corporal.

O ‘acusativo’ ou ‘endividamento’ é uma marca positiva, pois é vestígio do divino no ‘ser’, é comunicação do ‘Outro’, do Infinito. “Somente um ser que transcende o mundo - um ser absoluto - pode deixar um vestígio”.¹⁰⁰⁸ Marca que quanto mais o ser se abre ‘para o outro’, mais o persegue acusando-o.

¹⁰⁰⁵ LÉVINAS. Op.cit, p. 302.

¹⁰⁰⁶ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 301.

¹⁰⁰⁷ LÉVINAS. *Humanismo...*, 1993, p. 67.

¹⁰⁰⁸ *Ibidem.*, p.65.

“O nome também indica criaturalidade e eleição”.¹⁰⁰⁹ Ele vem antes da ‘consciência’ e é criador da ‘consciência’ e ‘identidade’. O nomeado é criado pela nomeação, e levado a uma ‘resposta’ e ‘responsabilidade’ por uma vocação criada pelo ‘Outro’, que leva ao ‘outro’.

O mesmo acontece com a ‘sensibilidade corporal’. Como marca da eleição, surge antes da ‘consciência’, e se expõe à ‘proximidade’ tornando-se ‘vulnerável’. A sensibilidade ao ser tocada, desperta a ‘subjetividade’ para uma significação, devolvendo-a a sua ação original, e levando-a ‘para o outro’. Quando a proximidade ao ‘outro’ se dá regida pelo ‘mundo do Bem’, sem mediações mundanas, sem intermediações, a ‘sensibilidade’ vibra em função do ‘outro’. Ela sente alegria e sofrimento ‘pelo outro’ e ‘para o outro’ antes mesmo da consciência.

Susin explica que o sujeito já é destinado à missão ‘desde antes’ de ser, e por isso sofre em passivo, e desperta para a ‘missão’ devido a uma ‘inadequação’ que sente no tempo presente. Essa ‘inadequação’ leva a ‘subjetividade’ a uma tensão, e a um movimento de retorno que não é a ele próprio como ‘identificação’ e nem ao ‘mundo do ser’, mas a um passado capaz de retornar à sua pré-origem. Segundo Susin, “Lévinas enfatiza esta recorrência como contração, retirada, exílio, deportação, não-lugar, incondição [...] aquém do ponto de partida, aquém de limites e até aquém de nada”.¹⁰¹⁰ Trata-se de um recuo à ‘diacronia do tempo’, chegando à angústia mais profunda, a ‘angústia de nascimento ao Outro ou conversão ao Outro’, à proximidade do ‘Outro’. Não é um retorno à eternidade, mas uma volta à diacronia do tempo, pois ela é um ‘desígnio do tempo’.

Para Lévinas, o vestígio, o chamado, e a acusação que ocorrem pela ‘eleição’ são os responsáveis por direcionar a ‘subjetividade’ a sair de si em direção ao outro, e a responsabilizar-se por ele.

A responsabilidade é a resposta dada à vocação criada pelo ‘Outro’ em um tempo anterior ao ‘ser’. Responsabilidade’ que só é despertada quando o ‘outro’, através do rosto leva a ‘subjetividade’ para ‘além do ser’, para o ‘mundo do Bem’. ‘Responsabilidade’ que também está ligada à ‘eleição’. Sua inscrição é pré-originária, pertencente a uma ‘subjetividade’ que não está subordinada aos

¹⁰⁰⁹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 315.

¹⁰¹⁰ *Ibidem.*, p. 320.

domínios do ‘ser’ e da consciência, e por isso capaz de transformar o ser em um ‘outro modo que ser’. Para Lévinas, esta transformação ocorre quando “a condição ontológica desfaz-se, ou é desfeita na condição ou incondição humana. Ser humano significa: viver como se não se fosse um ser entre os seres”.¹⁰¹¹

No ‘mundo do Bem’ a consciência mais profunda da ‘subjetividade’ é a de ‘eleição’, ‘responsabilidade’ e ‘paciência.’

A ‘eleição anárquica’ da ‘subjetividade’ possibilita ao ‘ser’ uma ‘transcendência’ que é anterior à história, e à liberdade da subjetividade permitindo-lhe dizer um ‘sim incondicional’. “Quando na presença de outrem digo ‘Eis-me aqui!’, este é o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver”.¹⁰¹²

O ‘Eis-me aqui’ reconduz a criatura ao seu original, à ‘passividade’ de ‘resposta’ antes de conhecer a pergunta feita como convocação, antes da decisão. ‘Resposta’ que é obediência à convocação feita pelo Infinito.

Lévinas diz: “Como responsabilidade eu compreendo a responsabilidade por ‘outrem’, portanto como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto”.¹⁰¹³

Para ele, a consciência de ‘eleição’ traz a consciência de ‘responsabilidade’, e esta vê a vocação como um dever, tornando cada sujeito responsável independente da resposta do ‘outro’. Ele é o “único comprometido com o ‘bem’ como responsabilidade assimétrica”.¹⁰¹⁴ O ‘outro’ não é obrigado a responder, e quando o fizer sua reação será sempre inesperada. Trata-se de uma responsabilidade sem limites.

5.5.3

A responsabilidade leva à substituição

Trata-se de uma ‘responsabilidade’ oriunda de uma ‘aliança ao Bem’ na qual ‘o eleito’ torna-se ‘responsável’ pela vivência da ‘ética.’ A ‘subjetividade’, então,

¹⁰¹¹ LÉVINAS. *Ética e...*, 2007, p. 83.

¹⁰¹² *Ibidem.*, p. 88.

¹⁰¹³ *Ibidem.*, p.79.

¹⁰¹⁴ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 329.

assignada é separada, isolada, de modo a sentir-se como ‘responsável’. Um isolamento que ultrapassa a cultura, a história e os interesses.

Para Lévinas, o tempo em que o ‘Se’ foi assignado pertence a um passado e não pode ser recuperado, nem assumido no presente. Vem desde um ‘antes’, absoluto, incapaz de ser lembrado, e que ele chama de ‘síntese passiva do tempo’. Síntese comandada desde ‘Outro’, nomeada positivamente de ‘eternidade’.

No presente a corporeidade (Se) se encontra sempre em saída da juventude para o ‘início de envelhecimento’, num processo de perda para trás e para frente. O futuro é o tempo que se estende, ultrapassando a ‘síntese ativa do tempo’.

Dessa forma, a ‘paciência’ é o ultimo modo da síntese passiva do tempo. É tempo como espera, tempo na passividade. É este tempo e modo que movem a subjetividade eleita e responsável, em forma de ‘doação e sacrifício’ no mundo do Bem.

A síntese passiva do tempo, a paciência, é espera sem fim esperado, traída pelas expectativas determinadas e satisfeitas com aquilo que vem sob a forma de uma apreensão e compreensão. O tempo como espera - paciência, mais passiva que toda passividade correlativa a atos - espera o inapreensível.¹⁰¹⁵

Segundo este filósofo, paciência diz respeito à relação ao ‘outro’, à proximidade anárquica do outro no mundo do Bem. Tempo de esperança humana em ‘Deus e no outro’, tempo de uma vocação que vai ‘além’. Tempo em que a ‘subjetividade’ poderá vivenciar a consciência mais profunda do ser humano, que como já vimos, é a de ‘eleição, responsabilidade e paciência’.

De acordo com Lévinas, é no ‘reino do Bem’, oriundo da passividade, que a ‘paciência’ tem a sua obra: um ‘drama a três’ de linguagem ‘ética’. Nessa obra, ‘paciência’ e ‘drama a três’ se movem sob dois aspectos importantes: - O primeiro é que a relação existente entre o ‘eu’ e o ‘outro’ não busca reciprocidade. O ‘um vai ao outro’ sem a exigência da responsabilidade do ‘outro’ em relação ao ‘um’.

- O segundo é que o ‘bem’ e o ‘outro’ não podem ser dissociados. O ‘bem’ não deixa o ser humano ir a Deus, sem o ‘outro’ ou seja, sem ‘bondade’, e tampouco o ser humano não pode ir ao ‘outro’ sem o ‘Bem’, Deus. Dessa forma, o ‘Bem’ vem ao ser humano sob a forma de ‘dever’ que este sente em relação ao ‘outro’. Um ‘dever’ tão forte que chega a ‘desejar o indesejável’.

¹⁰¹⁵ LÉVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p. 80. ¹⁰¹⁵

Na obra da paciência o ‘outro’ está sempre presente, e a ‘aproximação’ do ‘ser’ e o ‘outro’ é importantíssima.

Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa natureza e que desenvolvemos também na nossa existência.¹⁰¹⁶

O ‘Outro’ invisível surge no olhar do ‘outro’, ‘do próximo’, do irmão através da ‘aproximação’. Isto porque “aproximação” é desígnio da ‘síntese passiva do tempo’.¹⁰¹⁷ “A proximidade do próximo é minha responsabilidade por ele: aproximar-se é tornar-se responsável pelo irmão; ser responsável por seu irmão é ser refém”.¹⁰¹⁸ Isto acontece neste mundo, onde ambos, o ‘ser’ e o ‘outro’ se encontram como ‘corporeidade’ e ‘imediatez’.

Na ‘aproximação’ o ‘contato’ é decisivo. O ‘Outro’ que não pertence a este mundo, localizado no Infinito, aproxima-se sem intermediários mundanos, sem qualquer simbologia ou imagens, e nesse contato, a ‘imediatez’ e a ‘corporeidade’ são essenciais.

De acordo com Lévinas, este relacionamento aos poucos vai se tornando mais do que um simples contato, passando a ser desejo incontrolável de aproximação, chamado por Lévinas de ‘obsessão’. Não como algo patológico, mas como manifestação de responsabilidade, como um dinamismo de resposta. É uma forma incontrolável de possuir o ‘outro’, num relacionamento assimétrico e irrecíproco. “O modo positivo de universalização passiva, universalização do *passio*’¹⁰¹⁹ pelo outro e por todos”.¹⁰²⁰

Quando o corpo criado e vulnerável já despertou para o ‘outro’, e passa a enxergar o ‘outro’ com olhar tocado e inspirado, doando-se totalmente através das coisas e de si mesmo, pode acontecer o que Lévinas chama de ‘encarnação’. Ocorre quando, no contato com o pobre, o oprimido, surge o clamor e o sofrimento de ter tudo, enquanto o ‘outro’ não tem nada, de poder gozar de seus direitos, enquanto o ‘outro’ é discriminado, excluído por preconceito, e surge a vergonha, a sensação de dívida, e a pessoa alimenta àquele que no corpo é excelência da alteridade, ou doa

¹⁰¹⁶ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p.188.

¹⁰¹⁷ SUSIN. *O homem...*, 1984, p.334.

¹⁰¹⁸ LÉVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p.106.

¹⁰¹⁹ *Passio* - do latim, paixão.

¹⁰²⁰ SUSIN. *Op. cit.*, p. 338.

o seu tempo, energia e trabalho para lutar pelos seus direitos. Gestos que são alimentados pela ‘fome de justiça’ que nunca termina, sempre quer mais, que possui um desejo infinito. Fome que deixa o ser humano inquieto, solidário e inspirado, levando-o a dar-se, transcender-se.

Para Lévinas, a culminância da encarnação acontece na ‘maternidade’, embora a paternidade e a filiação também podem assumir esta dimensão. “O amor do pai pelo filho realiza a única relação possível com a própria unicidade de um outro e, nesse sentido, todo o amor se deve aproximar do amor paterno”.¹⁰²¹ Nos desígnios do Bem as relações familiares formam o drama a três; ‘subjetividade, o outro e Deus’; numa relação irrecíproca, assimétrica, e de modo ético.

Fora dessa relação, só a ‘fraternidade’ possui essas três dimensões e tem abertura à universalidade. A fraternidade é o lugar da singularidade e unicidade pela responsabilidade, irreciprocidade e obsessão. E também é o lugar da multiplicidade porque só através da comunidade é possível se unir no dever ao ‘outro’ em um encontro onde não haja reciprocidade, pois ser fraterno é ser irmão, ser ‘guardião do irmão’. É fruto de uma ‘eleição’ feita pelo ‘Bem’ e que o ‘eleito’ em primeiro lugar, o primogênito, não recebe regalias, mas ‘responsabilidade’ em relação a todos.

De acordo com Lévinas, como criaturas que possuímos uma materialidade corporal (Se), marcada originalmente por ‘outro’ ‘antes de vir ao ser’, nosso envelhecimento biológico e a morte não são puros acidentes. São fatores que contribuem para um acontecimento que vai ‘além do ser’. Para ele, o sofrimento reduz a soberba do ‘eu’, e coloca quem sofre em passividade corporal, canalizando sua vulnerabilidade e expectativas para um futuro ‘além do ser’, na possibilidade de encontrar o ‘Outro’. Sofrer não significa suportar apenas a dor humana, mas a ‘dor de sofrer’, o que é muito mais abrangente, pois é a dor de suportar, de sofrer ‘desde alguém’ e ‘para alguém’.

A subjetividade, a constituir-se no próprio movimento em que lhe incumbe ser responsável pelo outro, vai até a substituição por outrem. Assume a condição ou a incondição - de refém. A subjetividade como tal é inicialmente refém; responde até expiar pelos outros.¹⁰²²

¹⁰²¹ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 277

¹⁰²² LÉVINAS. *Ética e...*, 2007, p. 83.

Expiar é sofrer ‘desde o Outro’, mostrando a origem do sofrimento. É ‘Outro’ que persegue, perturba, e confunde pela impossibilidade de ser controlado. Quanto mais o ‘Outro’ persegue, e mais justo for o sofredor, maior é a dor. Além disso, somos responsáveis pela nossa própria perseguição. “O eu é perseguido e, em princípio, ele é responsável pela perseguição que ele sofre”.¹⁰²³

Segundo Lévinas todo o sofrimento humano está ligado à relação interpessoal, e a própria violência em que vivemos na atualidade nos mostra isso. No entanto, sempre existe a possibilidade de se evitar o aumento da violência não revidando, pelo ‘poder de sofrer pelo outro e expiar’. Um poder que não vem do ser humano, mas do ‘*surplus*’ de piedade do ‘Bem além do ser’. Uma força capaz de transformar a ‘violência’ e o ‘sofrimento’ em ‘redenção’ ou ‘piedade’, levando não mais a sofrer ‘desde o Outro’, mas sofrer ‘para o outro’. Reinterpreta-se o que causa o sofrimento, surgindo a ‘piedade’. Nesse caso, a ‘expição’ é possível pelo *surplus* na ‘passividade’ que a corporeidade ‘assignada’ possui, provocada pela ‘responsabilidade’. Segundo Susin:

A passividade - o sofrimento vindo a mim ‘desde o outro’ - dobra-se na concha acolhedora e parabólica da piedade, reflexiona no encontro da dor com a significância sustentada pela piedade e retorna ao outro no modo da paciência, sofrimento de mim para-o-outro.¹⁰²⁴

A expiação é viver e morrer por alguém. Isto pode ser desde uma simples intercessão ou chegar a dar a vida por alguém. Abraão é um exemplo de alguém que foi servo de Deus, não teve direitos para si, e somente deveres com todos.¹⁰²⁵ Segundo Susin, “Abraão só ganha o filho, a descendência e o futuro, porque ouve a ordem de Deus e a obedece, tudo isso pertencendo, pois, a Deus”.¹⁰²⁶

Este sofrer por último sem retribuir a violência, mas suportando-a e ao sofrimento do mundo, sem que o outro sofra igualmente, por tudo e por todos, segundo Lévinas, faz parte da estrutura da ‘subjetividade’. “Sou responsável de uma responsabilidade total que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros”.¹⁰²⁷ Para ele, cada um de nós deve ser o ‘Messias’.

¹⁰²³ LEVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p.121.

¹⁰²⁴ *Ibidem.*, p.367.

¹⁰²⁵ Vide BÍBLIA, Gn12-25.

¹⁰²⁶ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 370.

¹⁰²⁷ LÉVINAS, *Ética e...*, 2007, p. 82.

Esse aniquilamento só é possível por sermos marcados originalmente pelo ‘Outro’ e pela obediência ao ‘outro’. Estes dois fatores despertam a ‘subjetividade’, tornando-a totalmente voltada e responsável pelo ‘outro’, seguindo os desígnios do ‘Bem’, no drama a três. O sofrimento que ocasiona a piedade é um sofrimento para Deus. Traz o vestígio de Deus que está sofrendo com aquele que sofre.

‘Expição’ e ‘Substituição’ estão interligados. De modo geral ‘substituir’ alguém significa ocupar o seu lugar, o seu espaço. No entanto, ‘substituir’ é ‘fazer o serviço ao outro’, colocando-se a seu serviço, sem nome, autoridade, sem dinheiro e conceitualização. É colocar-se como ‘servo’ sob o nome e autoridade de quem substitui. “Todo serviço é substitutivo e todo servo é um substituto”.¹⁰²⁸

A obra da paciência é um percurso ético e tanto a expiação como a substituição são partes deste processo.

A identidade quando morre, apesar de não ser amparada por mais nada, ela se torna condição para o ‘outro’, um ‘universal concreto’, ou seja ‘um ponto de apoio para o universo.’ A identidade, então, fica sem ter onde repousar e torna-se uma base ética para outros repousarem: o ‘subjectum universal’, que será o ‘servo de todos’. “Subjectum é quem sofre e suporta o que lhe vem ao encontro como acusação, não dominando e nem identificando, mas servindo, ou seja, substituindo e tomando sobre si a carga dos outros”.¹⁰²⁹ “Posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me”.¹⁰³⁰ O substituir o outro é uma condição na qual se encontram presentes, a submissão de ser refém, e a excelência da própria subjetividade. Nesse caso a excelência do ‘outro’ e o serviço do ‘um ao outro’ “exaltam o um como servo e refém à liberdade e à atividade no cumprimento da vocação de Subjectum para além do mundo”.¹⁰³¹

O ‘indivíduo’ no “modo subjectum, não domina, não se iguala, não se homogeneiza, nem se defende, pondo-se em dialética de contrários que terminam num todo de forças antagônicas”.¹⁰³² Um ‘indivíduo’ mais forte que a morte, singular, vestígio e resposta.

‘Singularidade’ que é vista na ética como ‘bondade pura’. Bondade que está ligada ao modo de ser de cada ‘um’. Nesse modo o indivíduo é simples e singular,

¹⁰²⁸ Ibidem., p. 378.

¹⁰²⁹ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 380.

¹⁰³⁰ LÉVINAS. Op. cit, p. 84.

¹⁰³¹ SUSIN. Op. cit, loc.cit..

¹⁰³² SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 384.

pois “é a ‘bondade’ que possui o indivíduo e não o indivíduo que possui a bondade”.¹⁰³³

Do Subjectum nasce um novo poder capaz de obedecer ao Bem e suportar o insuportável, aguentando o peso do universo: o poder messiânico’. Um ‘poder’ que parte do Bem, do Infinito, parte de um dever que vem antes do ‘poder’ e gera o ‘ser humano voltado para a humanidade.

5.5.4 Ser-para- todos e a paz messiânica

O ser humano voltado para todos é aquele que se sente responsável pela humanidade. O ‘outro’, o oprimido que sofre e morre é sua responsabilidade, e com isso a subjetividade exige de si sacrifícios, chegando a abrir mão de si mesma, dos seus direitos e até de defender a própria vida. Qualquer direito seja político, ou psicológico, ou físico, passa a não existir para atender às necessidades do ‘outro’. Neste caso, os direitos legítimos são os do ‘outro’ antes mesmo dele ter conhecimento desses direitos.

Nessa nova compreensão do ‘ser’ em que o ‘outro’ é primazia, quem dita os direitos da ‘subjetividade’ é o ‘outro’. Há uma missão a cumprir que atingirá a muitos. “Ser é responsabilidade dentro da responsabilidade de encarnação e devotamento”.¹⁰³⁴ O ‘ser’ agora é ‘bondade’, é ‘singularidade e unicidade’, mas também ‘pluralidade’, porque “a transcendência ou a bondade produz-se como pluralismo”.¹⁰³⁵ Neste caso o ser é responsável pelos muitos ‘outros’.

Estes ‘outros’ que se apresentam, Lévinas os chama de ‘terceiro’ e representará todos os ‘outros’. Susin nos diz “Na nudez do ‘outro além do ser’, no seu desfalecimento do ‘ser’, no seu infinito de altura e de despojamento ‘cabem todos os outros’”.¹⁰³⁶

Mas ‘ser para outrem’ não é negar o ‘eu’ que se encontra na universalidade, é não fazer do frente a frente apenas uma modalidade. De acordo com Lévinas, “a bondade não irradia sobre o anonimato de uma coletividade que se oferece

¹⁰³³ Ibidem., p. 385.

¹⁰³⁴ Ibidem., p. 409.

¹⁰³⁵ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p.303.

¹⁰³⁶ SUSIN. Op. cit, p. 410.

panoramicamente para nela se absorver. Implica um ser que se revela num rosto”.¹⁰³⁷

Devido à exposição e vulnerabilidade da sensibilidade, o ‘ser’ se abre a ‘todos os outros’, sem escolher quem é o ‘outro’. Do ‘olhar do outro’ propondo por toda a humanidade surge a ‘família sem fronteiras’, com o universo pesando e exigindo que o ‘ser’ seja suporte ‘universal’. Se olharmos a humanidade, então, como uma família, teremos uma relação de ‘proximidade plural’ na qual será necessário fazer justiça à ‘singularidade’ de ‘todos’. Isto significa que há necessidade de se ter uma ‘relação de igualdade ética’, responsável, na qual todos, sem exceção, estejam incluídos. Numa relação de responsabilidade, e de justiça. Onde mesmo na proximidade haja um afastamento para que possa se fazer ‘justiça’ na igualdade a todos, no reconhecimento da singularidade e na diferença de cada um. Trata-se de uma responsabilidade de ‘proximidade’ que faz justiça conhecendo as distâncias, incluindo os próximos e os distantes. Em Isaías encontramos “Paz, paz ao próximo e ao distante”.¹⁰³⁸

Nesse caso, na relação entre duas pessoas a justiça se apresenta como ‘dom e perdão imediato’, pois é uma relação íntima, e absorve as distâncias. Mas, quando há multiplicidade, quem está distante é sempre o ‘terceiro’ e representa todos os que estão na ‘proximidade e fraternidade’, mas não estão presentes. É necessário, então, trazer medidas que combatam ao mal e promovam a ‘justiça’ para todos. Se só houvesse outrem diante de mim, diria até o fim: devo-lhe tudo. Sou para ele. E isto vale inclusive para o mal que me faz; não sou seu igual, estou sempre sujeito a ele. “Minha resistência começa quando o mal que me faz é feito contra um terceiro que é também meu próximo”.¹⁰³⁹

Segundo Lévinas, se o mal está atingindo ‘o terceiro’ é necessário desfazer este mal. Susin diz que para Lévinas, “é na obra e não apenas na intenção que se permanece ligado ao mal”.¹⁰⁴⁰ O ser humano é mais do que sua intenção e consciência, por isso pode não ser o autor do mal, mas o seu instrumento. Para combater este mal são necessárias, então, medidas de justiça.

Nesse caso, a voz do ‘terceiro’ instiga a cobrança na ‘subjetividade’ da responsabilidade por todos, e clama por ‘justiça’, exigindo o combate ao mal.

¹⁰³⁷ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p.303,

¹⁰³⁸ BÍBLIA..., 2006, Is 57, 19.

¹⁰³⁹ LÉVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p. 120-121.

¹⁰⁴⁰ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 414.

Na relação com o outrem sempre estou em relação com o terceiro. Mas, ele também é meu próximo [...] na realidade, a relação com outrem nunca é só relação com outrem; desde já o terceiro está representado em outrem; na própria aparição do outro o terceiro já está a me olhar. Isto faz com que a relação entre a responsabilidade para com outrem e a justiça seja extremamente estreita.¹⁰⁴¹

Para impedir a violência ao terceiro, Lévinas vê, inclusive, a necessidade de reprimir o ‘outro’ que violenta o terceiro: a repressão justificada. “Violência sofrida pelo terceiro que justifica que se pare com violência a violência do outro (...) não se pode admitir que se persiga terceiros”.¹⁰⁴²

É hora do ocidente! Hora da justiça que toda caridade exigiu. Eu o tenho dito: é em nome da responsabilidade por outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo discurso da justiça se põe em movimento, sejam quais forem às limitações.¹⁰⁴³

O ser humano ‘Subjectum’ é refém da justiça, e como tal responsável pela realização e ‘medidas para todos’. Medidas que devem conter cuidados especiais, pois delas nascerá à ‘consciência’ para se ter ‘justiça’ entre muitos.

O ‘Subjectum’, então, ao tomar qualquer decisão, deve ter a preocupação:

1. De tomar medidas contra o ‘outro’, quando este violentar o ‘terceiro’. Medidas que não envolvam ideologia ou violência, a fim de fazerem a mediação para se obter a justiça e a paz.
2. Ter na universalidade a preocupação com a ‘singularidade de cada um’, analisando suas necessidades e possibilidades.
3. ‘Todos’ devem estar em um lugar ‘visível’ para que seja possível, cuidadosamente, analisar cada situação e todos os envolvidos.

Para Lévinas, quem persegue a justiça não consegue se calar, e não dar o ‘testemunho’. O ‘testemunho’ externaliza a dor do ferimento que foi feito antes de se tornar ‘ser’, e extravasa na ‘sinceridade’, rompendo barreiras e interesses. Ele não precisa de provas, é um ‘Dizer’ inspirado no Infinito. “O sujeito que diz ‘Eis-me aqui!’, dá testemunho do Infinito”.¹⁰⁴⁴ É um profeta do Infinito.

Na voz do Subjectum, na sua responsabilidade universal e incondicional encontramos o ‘vestígio do Infinito’.

O infinito não está diante de mim. Sou eu quem o exprime, precisamente ao fazer sinal da doação do sinal, sinal do ‘para-o-outro’, em que me des-interesso; eis me

¹⁰⁴¹ LÉVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p. 119.

¹⁰⁴² Ibidem., loc. cit.

¹⁰⁴³ LÉVINAS. *Entre nós...*, 2005, p. 294.

¹⁰⁴⁴ LÉVINAS. *Ética e...*, 2007, p.88.

aqui. Acusativo maravilhoso: eis-me aqui sob vosso olhar, obrigado, vosso servidor. Em nome de Deus. Sem tematização!¹⁰⁴⁵

‘Profeta e testemunho profético’ caminham juntos. “O profeta não só proclama e dá glória com sua boca ao gesto ético do Subjectum, mas o universaliza com ‘proclamação’ e mandamento’ a todo”.¹⁰⁴⁶ ‘Yahweh e Eloim’, ‘misericórdia e igualdade’ juntos no anúncio de justiça. ‘Profeta’ e ‘Subjectum’ estão juntos, um no grito profético, outro no gesto, mas ambos fazem parte da mesma força e desígnio.

Nessa tarefa profética Lévinas inclui não só o ‘profeta’, mas o sábio, o pensador, a filósofo, o teólogo e todas as tarefas referentes à economia, política, literatura, e arte. As diversas mediações movidas pelo ‘mundo do Bem’, partem da ‘imolação e substituição’ e se convertem em serviço à ‘universalidade’. É o ‘ser-para-todos’ guiado pelo ‘grito do profeta’ que clama por ‘justiça’. Todos baseados na mesma linha de sentido, a igualdade calcada na singularidade, e na responsabilidade de cada Subjectum como ser-para-todos.

As mediações, ao se encontrarem livres da violência produzida pela posse e totalitarismo, tornam-se necessárias e vitais. A ‘economia’ calcada em regras, dentro da estrutura de compra e venda, na intercambialidade encontra a possibilidade de construir uma sociedade voltada para ‘muitos’, com ‘bens para todos’. As mediações ‘obra e dinheiro’ permitem que o ‘ser humano’ possa cumprir sua ‘responsabilidade’ por aqueles que não conhece, podendo haver relação social onde seja possível trocar e mensurar o que se quer trocar.

A ‘justiça’ é o fundamento de toda base social, mas ela só se realizará sem distorções se for feita “por quem for capaz primeiro de distribuir começando pela doação do próprio bocado”.¹⁰⁴⁷ Cada um deve ser capaz de expiar e substituir.

A base da política deve ser a ‘responsabilidade pelo outro’, visando leis que favoreçam as medidas de justiça, protejam o ‘outro’ e o terceiro, resguardando a todos, de modo a haver uma unidade na pluralidade.

Para Lévinas,

A unidade da pluralidade é a paz, e não a coerência de elementos que constitui a pluralidade. A paz não pode, pois, identificar-se com o fim dos combates por falta de combatentes, pela derrota de uns e a vitória dos outros, isto é, com os cemitérios

¹⁰⁴⁵ LÉVINAS. *De Deus que vem...*, 2002, p.110.

¹⁰⁴⁶ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 419.

¹⁰⁴⁷ *Ibidem.*, loc.cit.

ou os impérios universais futuros. A paz deve ser a minha paz, numa relação que parte de um eu e para o Outro, no desejo e na bondade em que o eu ao mesmo tempo se mantém e existe sem egoísmo.¹⁰⁴⁸

Nem mesmo o Estado pode ser a última palavra sobre universalidade social, pois se assim o fizer, trocará a estrutura universal a serviço de todos, para se tornar uma totalidade opressora. Toda universalização deverá ter como objetivo incluir todos, a grande família humana, numa sociedade centralizada em torno dos grupos menos favorecidos. Para ele, não pode haver separação entre vida pública e privada, entre vida religiosa e vida política.

Susin nos explica que para este filósofo:

Religião é a relação ética de responsabilidade an-árquica ao outro que tem fome e frio e de responsabilidade universal na justiça a todos, a religião deve se tornar politicamente promoção, zelo, crítica e inclusive possibilidade de revolução.¹⁰⁴⁹

Para comandar o Subjetctum na sua missão de ‘responsabilidade pela justiça’, onde ele precisa ser a ‘voz da justiça’, Lévinas afirma que “o sábio é insubstituível porque coincide com o homem responsável que se define mais por esta vigilância oral e mental ao outro do que pelo seu conhecimento”.¹⁰⁵⁰

Finalmente, Susin na busca da ‘messianidade do ser’ em Lévinas chega à importância da recuperação do ‘eu’ de cada pessoa. Se a cada pessoa é dada a ‘responsabilidade’ do compromisso com o ‘outro’, é preciso tomar medidas para cumprir a responsabilidade com todos e consigo mesmo’.

Nesse caso, cada pessoa deve ter “em primeiro lugar o direito de ser”¹⁰⁵¹, mas também o direito de ter, de sonhar, de amar. Ter tempo e atenção para ‘si próprio’, e de se tornar ‘um-para-si’.

Segundo Susin, Lévinas deseja uma revolução permanente. Uma revolução que tenha como objetivo a obtenção dos valores pelos quais se luta, de modo que possa haver, sem violência, crítica, e alternância de poder. Uma revolução regida pelo ‘mundo do Bem’, na qual “o ser humano responsável por todos, está, graças a esta energia transcendental, além da alternância”.¹⁰⁵² Uma revolução ‘singular’ e ‘responsável’, feita no ‘face a face’.

Uma revolução que nos permitirá ter uma sociedade voltada ao ‘outro’, na qual a justiça será o único grande objetivo, e ‘todos’ possam ser aceitos, respeitados

¹⁰⁴⁸ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 304.

¹⁰⁴⁹ SUSIN. Op. cit., p. 424. Vide nota 511.

¹⁰⁵⁰ Ibidem., p. 430.

¹⁰⁵¹ SUSIN, *O homem...*, 1984, p. 431.

¹⁰⁵² SUSIN, *O homem...*, 1984 p. 438.

e amados em sua singularidade, sem preconceito, discriminação, nenhum tipo de violência. Uma sociedade onde a ‘justiça’ será o único grande objetivo.

A paz messiânica é aquela em que está incluída toda a humanidade, como uma grande família. Surge como fruto de uma incondicional não indiferença da fraternidade universal para a qual o sujeito se define e na qual desperta à vocação e à ação política.¹⁰⁵³

5.6

‘Violência de gênero’ e a ética levinasiana

Em busca desta sociedade que possa ter a justiça como objetivo, onde a violência venha dar lugar à paz messiânica, e a inclusão não seja apenas a tolerância, mas sim a participação ativa do outro, à partir do outro, como o totalmente outro, após vermos neste capítulo os aspectos gerais e essenciais da teoria levinasiana e o caminho da ‘ética da alteridade’, será importante refletirmos sobre o desenvolvimento do seu pensamento. Um processo em que a mulher e o feminino foram vitais, pois para ele, a mulher é a total alteridade. Para entendermos esse caminho, comentaremos algumas de suas obras nas quais ambos receberam uma atenção especial. Entretanto, sua ousadia mereceu algumas importantes críticas de célebres feministas como Simone de Beauvoir¹⁰⁵⁴, Luce Irigaray¹⁰⁵⁵, Stella Sanford,¹⁰⁵⁶ Drucilla Cornell¹⁰⁵⁷, Carole Pateman,¹⁰⁵⁸ que aqui comentaremos.

¹⁰⁵³ Ibidem., p. 425. Vide nota 512.

¹⁰⁵⁴ Simone de Beauvoir nasceu e morreu em Paris, França (de 1908 a 1986). Estudou Letras e Filosofia na Universidade de Sorbonne. Foi uma das escritoras mais influentes do ocidente, suas ideias tratavam de questões ligadas à independência feminina e o papel da mulher na sociedade. Sua obra refletia a luta feminina e as mudanças de papéis estabelecidos, assim como a participação nos movimentos sociais. Foi autora de “*O Segundo Sexo*” (1949), “*Os Mandarins*” (1945), “*Memórias de uma Moça Bem Comportada*” (1958) e “*A Força da Idade*” (1960) “*Todos os Homens São Mortais*” (1946) “*A Força das Coisas*”, (1964) e “*A Velhice*” (1970).

¹⁰⁵⁵ Luce Irigaray nasceu em Bilton, Bélgica, em 1932. É filósofa, feminista, tem doutorado em Linguística. É uma pensadora interdisciplinar. Sua segunda tese de doutorado foi “*Espelho da Outra Mulher*”, com a qual obteve reconhecimento como teórica feminista e filósofa no continente europeu. Entre seus livros, citamos: “*Uma ética da Diferença Sexual*”, o que contribuiu para firmar a sua reputação como filósofa no continente.

¹⁰⁵⁶ Stella Sanford, após a conclusão do seu doutorado na Universidade de Essex em 1997, com a tese “*Lévinas and the question of the Feminine*” trabalhou em várias universidades do Reino Unido até que entrou para o Centro de Investigação em filosofia europeia moderna em 1999, em Middlesex University. Pesquisa e escreve sobre Filosofia de sexo e gênero.

¹⁰⁵⁷ Drucilla Cornell é uma filósofa e feminista americana cujo trabalho tem influenciado a filosofia política e jurídica, a ética, e a desconstrução da teoria crítica do feminismo. Cornell é professora de Ciência Política da literatura comparativa, e estudos de gênero na Rutgers University, Estado de Nova Jersey; Professora Extraordinaire da Universidade de Pretória, África do Sul; e professor visitante no Birkbeck College da Universidade de Londres.

¹⁰⁵⁸ Carole Pateman nació en 1940, es una teórica política y feminista de origen británica. Obtuvo un doctorado en la Universidad de Oxford. Desde 1990, la profesora Pateman ha enseñado en el

Teremos ainda, além do próprio Lévinas, uma visão do seu pensamento através de outros pensadores. Entre eles, Magali Mendes de Menezes,¹⁰⁵⁹ Carla Rodrigues¹⁰⁶⁰, e Tatsu Uchida,¹⁰⁶¹ Ciro Marcondes Filho¹⁰⁶² e Jacques Derrida.¹⁰⁶³ E por fim, procuraremos trazer uma compreensão do pensamento de Lévinas que ultrapassa a visão de gênero, ampliada para o ‘ser humano e o outro’, de modo a podermos compreender a ‘violência de gênero’ tão presente na atualidade, e buscarmos na ‘ética da alteridade’ a luz preciosa que precisamos.

5.6.1

O feminino para Lévinas

Para Lévinas, é através da mulher que no lar há o afeto necessário para a ligação entre interioridade e casa, com as condições necessárias à suspensão do gozo e o necessário recolhimento ao ‘outro’. Para ele, “a mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da casa e da habitação”.¹⁰⁶⁴

Departamento de Ciencia Política en la Universidad de California en Los Ángeles (UCLA).¹ En 2007, fue nombrada miembro de la Academia Británica. En 2012 recibe el Premio Johan Skytte de ciencia política. Ella es el autor de *The Disorder of Women: Democracy, Feminism, and Political Theory; The Sexual Contract; The Problem of Political Obligation*.

¹⁰⁵⁹ Magali Mendes de Menezes possui doutorado em Filosofia pela Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. É presidenta da ASAFI (Associação Sul Americana de Filosofia e teologia interculturais). Socia-fundadora do CEBEL (Centro de Estudos brasileiros sobre Emmanuel Lévinas) tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: etica, filosofia, alteridade, gênero e filosofia intercultural. É autora de diversos artigos em livros e revistas acadêmicas. Entre eles: *A trama do corpo e da palavra em um dizer que se faz feminino; O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino*.

¹⁰⁶⁰ Carla Rodrigues é doutora em Filosofia (PUC-Rio), professora do Departamento de Comunicação Social da mesma universidade. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Ética e Desconstrução (PUC-Rio) e do Khôra – laboratório de filosofias da alteridade (UFRJ). É autora, entre outros, de “*Betinho - sertanejo, mineiro, brasileiro*”; “*Coreografias do feminino*”.

¹⁰⁶¹ Tatsu Uchida, filósofo Japonês. Escreveu *Emmanuel Levinas et la phénoménologie de l’amour [Levinas to Ai no Gensyôgaku]*.

¹⁰⁶² Ciro Marcondes Filho, sociólogo e jornalista, e doutor pela Universidade de Frankfurt (RFA). Titular da Cátedra Unesco de Divulgação Científica no Brasil, foi livre docente, professor adjunto e é professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP desde 1987. Além de ministrar, na USP, aulas de graduação em jornalismo e comunicação desde 1974. Coordena o Projeto de Pesquisa “Nova Teoria da Comunicação”.

¹⁰⁶³ Jacques Derrida nasceu em 1930, na Argélia, e morreu em Paris em 2004. Com uma obra imensa, a rondar os 100 títulos, ao qual se junta a edição em curso dos seus Seminários, é o filósofo mais traduzido no mundo. Lecionou em Sorbone, e na École Normale Supérieure de Paris onde também foi Director de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales. Entre seus livros citamos: *États d’âme de la psychanalyse*, Galilée ; *Tourner les mots. Au bord d’un film; Foi et Savoir; Le siècle et le pardon, entretien avec Michel Wieviorka*.

¹⁰⁶⁴ LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p. 148.

Em seu livro *De l'existence à l'existant* (1947), escrito antes e durante a segunda guerra mundial, o feminino surge como um conceito, e Lévinas procura compreender a ideia do 'ser' em geral e seu nascimento, que ele chama de 'hipóstase' - passagem do ser a algo. O ser é concebido como um substantivo, um nome, um existente que emerge a partir do existir. Um movimento que Lévinas considera insuficiente, e que só a presença da mulher como 'outro' é capaz de romper a solidão do sempre presente, a luz da consciência, para oferecer ao 'eu' um futuro. Para ele, a mulher é a alteridade abrindo uma nova dimensão no sujeito, pois, o recomeçar precisa vir do outro.

Só rompendo a hipóstase o ser consegue situar-se no tempo. De acordo com Lévinas, há duas formas radicais que atingem o sujeito, e o levam à 'perda do controle', são eles: a morte e a alteridade do Eros.

Na morte, o sujeito é pura passividade, e deixa de ter 'poder', deparando-se com algo absolutamente outro. Ele não é um devir do tempo. No Eros, ou seja, na relação erótica, o outro, o feminino, é mistério. Segundo Ciro Marcondes, para Lévinas: "Só em Eros, na relação com o outro que não ocorre pela comunhão – pois, para ele, Eros não tem caráter fusional –, pelo colocar-se em seu lugar, mas pelo mistério é que o sujeito pode invadir o devir".¹⁰⁶⁵

Segundo este autor, o outro não poderá ser possuído, pois se retira em seu mistério. O outro não será liberdade, pois liberdade remete à submissão e à servidão. Para haver, então, comunicação é preciso que o Eros não seja posse nem poder.

De acordo com Menezes, em *De l'existence à l'existant* (1947), Lévinas diz:

A intersubjetividade assimétrica é o lugar de uma transcendência em que o sujeito, conservando completamente sua estrutura de sujeito, tem a possibilidade de não retornar fatalmente a ele mesmo, de ser fecundo e, digamos, a palavra antecipando a de ter um filho.¹⁰⁶⁶

Segundo Lévinas, o feminino, ao retirar o 'eu' da solidão é fecundo, pois recebe a tarefa de abrir o tempo e trazer o filho. Não se trata de uma figura de linguagem, mas como a mulher mesma, a alteridade primeira. "A relação do feminino com o próprio sentido da alteridade, provoca uma profunda reviravolta no sujeito".¹⁰⁶⁷

¹⁰⁶⁵ MARCONDES Filho, Ciro. *O outro como um mistério e o feminino como a alteridade absoluta*, p. 58.

¹⁰⁶⁶ MENEZES, Magali M. *O pensamento de Emmanuel Lévinas*, p. 165.

¹⁰⁶⁷ Ibidem., p.22

A primeira alteridade completa está na diferença do humano feminino para o humano masculino, embora não seja uma diferença de conteúdo empírico ou psicológico ou sociológico, e sim no sentido de ‘ser’. Segundo este filósofo, a mulher é calor humano, afeto, doçura. Uma doçura que se espalha e possibilita haver um espaço interior para fortalecer o ‘eu’.

Em sua obra *Le temps et l'autre* (1947) este filósofo fala da importância do feminino na construção da ‘subjetividade’. O feminino é mistério, fugindo da luz, mantendo sua alteridade, e permanecendo como o absolutamente outro. Não é oposição ou complemento, e tratando um pouco mais sobre a relação erótica afirma que não há nesta relação uma fusão de elementos, simetria na qual seja obrigatória a reciprocidade. Há uma diferença, inclusive sexual, que mostra uma realidade fundamentalmente múltipla em si mesma. "La différence entre les sexes n'est plus une dualité de deux termes complémentaires, car deux autres conditions supposent une entité unique".¹⁰⁶⁸

Em *Ethique et Infini. Dialogues avec Philippe Nemo* (1982)¹⁰⁶⁹, Lévinas volta a este tema explicando:

A alteridade e a dualidade não desaparecem na relação amorosa. A ideia de um amor que seria uma confusão entre dois seres é uma falsa ideia romântica. O patético da relação erótica reside no fato de serem dois, e de o outro ser aí absolutamente outro.¹⁰⁷⁰

Para ele, na relação erótica, o ‘outro’ é o feminino, o absolutamente outro, e o ‘eu’, o pai, é o intermediário para que o ‘eu’ possa viver a fraternidade.

Sobre o feminino e o masculino, ele afirma que quando fala do feminino não se refere apenas às mulheres, da mesma forma que ao falar do masculino não está relacionando apenas aos homens, mas falar a um tempo no qual o ser humano é feito de feminino e masculino. E afirma que:

Talvez [...] todas as alusões às diferenças ontológicas entre masculino e feminino parecerão menos arcaicas se, no lugar de dividir a humanidade em duas espécies (ou em dois gêneros) elas queiram significar que a participação no masculino e no feminino fossem próprias de todo ser humano.¹⁰⁷¹

¹⁰⁶⁸ Tradução livre: “A diferença dos sexos não é mais uma dualidade de dois termos complementares, pois dois termos complementares supõem um todo preexistente”. Cf. Lévinas, Emmanuel. *Le temps et l'autre*, p.78.

¹⁰⁶⁹ No Brasil a primeira edição do livro *Ética e infinito*. Diálogos com Philippe Nemo foi em 1988.

¹⁰⁷⁰ LÉVINAS. *Ética e...*, 2007, p.520.

¹⁰⁷¹ *Ibidem.*, 2007, p. 61,

Totalité et infini. Essai sur l'extériorité (1961), trata a questão do feminino com destaque em dois momentos: na casa e na relação erótica. Neste livro, Lévinas amplia o feminino, não mais o relacionando a casa exclusivamente, mas o ligando a uma dimensão humana.

Ele procura deixar claro que embora a mulher seja um dos pontos cardeais para a vida interior, “a ausência empírica do ser humano de ‘sexo feminino’ numa morada nada altera a dimensão de feminilidade que nela permanece aberta, como o próprio acolhimento da morada”.¹⁰⁷² Segundo este autor, referir-se ao feminino não significa estar apontando a mulher, enquanto gênero, do mesmo modo que o masculino não se relaciona necessariamente ao homem, mas à dimensão da afetividade. De acordo com Lévinas, o feminino está ligado à familiaridade, à hospitalidade, e o masculino, à caça, ao elemento, e à construção da obra. A diferença é econômica, e importante para a passagem do gozo imediato ao mundo econômico. A sexualidade e a diferença ‘masculino-feminino’ são condições para a existência do mundo econômico. A relação erótica segue a dinâmica do gozo. Há um êxtase, uma consumação e um retorno em si que passa pelo ‘outro’, embora na verdade “seja um dar-se a si mesmo através do ‘outro.’”¹⁰⁷³ Lévinas percebe na busca amorosa um relacionamento solitário a dois que chama de ‘egoísmo a dois’. Porém, neste relacionamento egoísta permanece a dualidade e a transcendência de ambos, pois o ‘outro’ não é consumido. “É um relacionamento necessário e positivo. Trata-se de um relacionamento que traz ‘intimidade’”.¹⁰⁷⁴

O masculino, sujeito, aparece como viril e herói da batalha, e o feminino é o mistério, o segredo que não se deixa revelar, sendo capaz de desestruturar a identidade mostrando algo que é incognoscível.

A mulher para Lévinas é, então, ao mesmo tempo, presente e porta do futuro. Através do filho, pela fertilidade, impõe-se como o ‘futuro no ser’. Nesse caso, o *eros* é a possibilidade de uma descendência, de um futuro do eu, e a família é a possibilidade de concretização do lar e da economia.

No mundo econômico, o ‘eu’ continua a viver em relação e separação. A independência econômica é tirada da dependência ao mundo, através da submissão ao trabalho, ao domínio e à importação. O ser pode tornar-se um soberano através da habitação, das posses, e do dinheiro, passando “a economia a ser, então, garantia

¹⁰⁷² LÉVINAS. *Totalidade e ...*, p.150.

¹⁰⁷³ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 59.

¹⁰⁷⁴ MENEZES. Magali M. *O pensamento de...*, 2008, p. 19.

de continuidade de um paraíso terrestre”.¹⁰⁷⁵ A permanência nesse paraíso dependerá do trabalho e da posse.

O ser vive em um mundo exterior, e relaciona-se com ele economicamente. O mundo é feito para ele, e através do fazer econômico e do ter, incorpora o mundo a si.

De acordo com Susin, se seguirmos o pensamento de Lévinas, o ser é soberano e não resiste à sua apropriação. Dessa forma, o ‘eu’ pode perseverar em sua soberana solidão, ou então ser conduzido pelo afeto familiar e a promessa de futuro através da fecundidade e do filho ao encontro com o feminino, - “a luz que inaugura este novo modo de ser, luz através da qual se vê o mundo da economia”.¹⁰⁷⁶

Em *Difficile liberte: essais sur le judaïsme* (1963), Lévinas traz os ensinamentos do Talmude e afirma que as mulheres sempre estiveram presentes e atuaram com grande importância na história de Israel. Atribui às matriarcas a orientação dos homens na história messiânica. Débora, Tamar, Noemia, Sara, Rebecca, Lea, Raquel, Ruth, são citadas por ele salientando que além da importância histórica, as mulheres tinham um papel essencial no desenvolvimento da interioridade. Para ele, “La maison est une femme”¹⁰⁷⁷, e mostra que a mulher é importante para que o homem possa ter uma vida pública. Ela é a responsável por tudo que envolve o homem; a vida espiritual, a paz doméstica, e a ética. Para Lévinas, esta é a vocação ontológica do feminino “la vocation qu'aucune conquête”¹⁰⁷⁸. A mulher tem um trabalho silencioso que representa a dimensão da interioridade, tornando o mundo habitável.

Du Sacré au Saint : cinq nouvelles lectures talmudiques (1977), é formado por textos que foram proferidos em palestras dadas por Lévinas entre 1969 e 1975 durante o colóquio dos intelectuais judeus de língua francesa, e mais alguns outros textos que ele chamou de confessionais. Entre eles, há um texto dedicado à criação da mulher cujo título foi dado por Lévinas em homenagem ao filme de Brigitte Bardot: “E Deus criou a mulher”.

Nesse texto Lévinas traz diferentes interpretações sobre a criação, começando com um trecho do tratado de Berakhot¹⁰⁷⁹ onde dois rabinos descrevem a criação

¹⁰⁷⁵ SUSIM. *O homem...*, 1984, p.68.

¹⁰⁷⁶ Ibidem., loc. cit.

¹⁰⁷⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Difficile liberte*, p.52.

¹⁰⁷⁸ Tradução livre: “A vocação daquela que não conquista”. Cf. Ibidem., 1963, p.53.

¹⁰⁷⁹ O Tratado de Berachot faz parte do Talmud ou Guemará, obra milenar do judaísmo rabínico. Berachot trata basicamente de assuntos relacionados a bênçãos, orações, e rituais, porém como é

do homem e da mulher. Para um, a mulher teria um rosto como o homem tendo a mesma condição do homem. Para o outro, a mulher nasceria de uma costela, sendo a sua criação uma obra secundária.

De acordo com Rodrigues, neste texto “está em jogo primeiro à questão do humano, fora da divisão entre masculino e feminino. Discute-se a dualidade e como essa dualidade participa na definição do que é o humano”.¹⁰⁸⁰

Para Lévinas, o humano em sua origem é dual. Menezes explica que não se trata de uma dualidade ‘andrógina’. Deus teria criado dois sendo um. Um primeiro homem teria duas faces.¹⁰⁸¹ Segundo Lévinas, o ser humano é dual por ser dividido entre consciência e a liberdade. Encontrando-se entre a lei que lhe foi dada pelo criador, e a sua existência, onde está presente o desejo pelas coisas do mundo. Existência que se encontra não só dividida pelas escolhas, mas “na tensão entre a lei que me é dada e minha natureza, incapaz de se submeter, sem contradição essa lei”.¹⁰⁸²

De acordo com Menezes, para Lévinas “entre a liberdade e a obediência, o erótico e o sagrado, a lei e a natureza, a humanidade está cindida em si mesma”.¹⁰⁸³ A obediência à lei impede que o ser humano se feche em si, criando uma interioridade que o induz a ter obrigação com o outro. Deus observa o ser humano em todos os sentidos, levando-o a estar aberto, fazendo com que tenha esse sentido de responsabilidade imposto pela lei. Segundo Menezes, para Lévinas “a responsabilidade para o outro apresenta uma relação nova, em que um não desaparece no outro, não é fusão, mas instauração da separação”.¹⁰⁸⁴

Rodrigues nos diz que Lévinas afirma não entender como os rabinos não perceberam nas duas faces do humano, as duas faces do casal, onde já haveria a compreensão de que na criação do humano estaria previsto a criação do homem e da mulher. Seria nessa cabeça de duas faces que se teria inscrito pela primeira vez “a minha responsabilidade pelo outro, sem que eu e outro formemos – e nos reconhecendo mutuamente um nos olhos do outro – uma correlação de termos,

próprio do Talmud, muitos outros temas são abordados no Tratado. Cf. Talmud.Bavli Berachot. Ed. Yeshivá Lubavitch, 2012, Cap. 7-9.

¹⁰⁸⁰ RODRIGUES, Carla. *A costela de Adão*, p. 381.

¹⁰⁸¹ Isto não significa ter a ‘cabeça de jano’. Jano teria sido o regente do Lácio, região da Itália Central, sendo o responsável pela idade de ouro. O seu nome está também associado às trocas e colheitas. Ele tinha duas faces, uma olhando para a frente e outra para trás, e dele derivam os nomes do monte Janículo e o rio Jano, pois ele viveu na montanha.

¹⁰⁸² LÉVINAS, Emmanuel. *Du sacré au saint*, p. 129.

¹⁰⁸³ MENEZES, Magali Mendes de. A trama do corpo e da palavra em um dizer que se faz feminino, p. 253.

¹⁰⁸⁴ Ibidem., loc.cit..

imediatamente recíprocos”¹⁰⁸⁵ Haveria uma dualidade não recíproca onde estaria a diferença entre os sexos.

Em relação à mulher ter vindo da ‘costela de Adão’ os dois rabinos também não se entendem. Um rabino diz que a costela seria um rosto e o outro afirma que seria uma cauda. Ambos concordam que a mulher é criada a partir do humano, entretanto,

aquele que considera a costela um rosto pensa em igualdade entre feminino e masculino e entende a diferença e a relação sexual como parte do conteúdo essencial do humano. Aquele rabi que associa a costela a uma cauda, embora reconheça que a mulher veio ao mundo como um ato divino da criação, entende a particularidade do feminino como coisa secundária.¹⁰⁸⁶

Sobre este debate Lévinas se pronuncia dizendo que a mulher não é secundária, e sim a relação com a mulher. O secundário seria a relação com a mulher enquanto mulher, pois isto não é primordial no ser humano.

Deus iria criar dois seres separados e iguais, mas percebeu que isto resultaria em guerra, então criou a diferença sexual. Era necessário criar uma diferença que não interferisse na igualdade. “Seria necessária uma diferença de sexo; e, a partir daí, certa preeminência do homem, uma mulher vinda mais tarde e, como mulher, apêndice do humano”.¹⁰⁸⁷

Segundo ele, o Talmude ensina que a mulher foi retirada do homem, vindo depois dele, “[...] a própria feminilidade da mulher está nessa posterioridade inicial”.¹⁰⁸⁸

Para Lévinas, “a criação do homem foi a criação de dois seres em um só, mas de dois seres de dignidade igual; a diferença e a relação sexual pertencem ao conteúdo essencial do humano”.¹⁰⁸⁹ Ambos devem assumir a responsabilidade para que haja igualdade. Porém, o que ocorre é que “na ordem do inter-humano, igualdade perfeita e mesmo superioridade da mulher, capaz de dar conselho e direção. Segundo os costumes, é preciso, contudo, independentemente de toda a finalidade, que o homem indique a direção do caminho”.¹⁰⁹⁰

Em *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (1974) Lévinas abandona de vez o feminino arraigado ao ontológico, e trata da responsabilidade como estrutura essencial e fundamental para a subjetividade, descrevendo-a em termos de ética. O

¹⁰⁸⁵ LÉVINAS. *Du sacré...*, 1977, p.132.

¹⁰⁸⁶ RODRIGUES. *A costela...*, 2011, p. 382.

¹⁰⁸⁷ LÉVINAS. Op. cit, p. 142.

¹⁰⁸⁸ Ibidem., p. 142.

¹⁰⁸⁹ Ibidem., p. 134.

¹⁰⁹⁰ LÉVINAS. *Du sacré...*, 1977p. 144.

seu olhar foi ultrapassando o gênero, e se expandindo para a humanidade, na ‘ética da alteridade’.

5.6.2

Uma leitura feminista de Lévinas

Lévinas trouxe a ‘mulher e o feminino’ para a sua reflexão, valorizando e usando os dois termos como alteridade, mistério e amante. Mas apesar disso, não foi difícil para Simone de Beauvoir, Luce Irigaray, e outras feministas, ao fazerem uma leitura minuciosa do pensamento deste autor, perceberem uma visão androcêntrica em sua abordagem.

Em seu livro *Le deuxième sexe*, Beauvoir critica a definição da mulher na teorização tradicional, explicando que esta sempre acontece em termos do que falta ao homem, sendo o homem o sujeito, a essência, o absoluto, e a mulher, a subordinada, o que não é essencial, o relativo. “L’humanité est mâle et l’homme définit la femme n’est pas en elle-même mais aussi par rapport à elle ; elle n’est pas considéré comme un être à part entière”.¹⁰⁹¹ Neste contexto Beauvoir cita que Lévinas em seu livro *Le temps et l’autre* (1947) apresenta colocações típicas do preconceito contra as mulheres, descrevendo a condição feminina como ‘o absolutamente contrário contrário (*le contraire contraire absolument*)’.

L’absolument contraire contraire (le contraire absolument contraire), dont la contrariété n’est en aucune façon affecté par la relation qui peut être établie entre elle et son corrolaire, la contrariété qui permet à ses termes de rester absolument d’autres.¹⁰⁹²

Para ela, Lévinas afirma o privilégio masculino, que se encontra alinhado com a tradição androcêntrica em que a mulher é sempre definida e diferenciada em comparação ao homem.

Sobre o ‘mistério’, segundo Beauvoir: “Quand il écrit que la femme est un mystère, elle suppose que c’est un mystère pour l’homme. Afin que cettedescription

¹⁰⁹¹ Tradução livre: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mesma, mas em relação a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Cf. Beauvoir, *Le deuxième sexe*, Paris: Gallimard, 1949, 15, n.1.

¹⁰⁹² Tradução livre “O absolutamente contrário ao contrário (le contraire absolument contraire), cujo oposição não é de modo algum afetada pela relação que pode ser estabelecida entre ele e o seu corolário, o que permite que seus termos de oposição permaneçam absolutamente outros” Cf. *Ibidem.*, p.15.

qui se présente avec l'intention vise est, en réalité, une affirmation de privilèges masculins”.¹⁰⁹³

Para esta filósofa, a descrição tradicional de feminilidade como a misteriosa e ameaçada realidade está associada à teoria do eterno feminino, na qual a feminilidade constitui uma imutável essência platônica ou é determinada por um órgão fisiológico especial, designadamente, o ovário.

Luce Irigaray também considera os textos de Lévinas androcêntricos. Para ela, descrever a mulher como a passiva amada é reduzir o status de mulher, e quando Lévinas fala do ‘eros’, ele coloca a mulher como condição necessária para a realização da transcendência ética do homem, no entanto, a exclui da verdadeira relação ética. Embora admita que a reflexão de Lévinas sobre o feminino possa abrir certas possibilidades de desenvolvimento, Irigaray argumenta, “the feminine plays only a marginal role in Lévinas’s philosophy; he does not really include sexual difference into the fundament of his philosophy of the Other”.¹⁰⁹⁴

Lévinas também recebeu críticas de Stella Sanford, que considera a relação entre a reflexão filosófica, a categoria, e o conteúdo empírico, o critério para avaliar se Lévinas contribui ou não para o feminismo. De acordo com Sanford, embora haja preocupação com o feminino nos escritos de Lévinas, eles são essencialmente filosóficos e não trata das mulheres na vida real.

Tatsuru Uchida defendeu Lévinas das críticas feministas dizendo que este filósofo quis trazer uma nova ideia de mulher, criticando e ultrapassando as proposições da filósofa feminista. Para ele, o livro *Totalité et infini. Essai sur l’extériorité* (1961)¹⁰⁹⁵ teria sido uma resposta às críticas feitas por Beauvoir. O feminino em Lévinas não é a mulher ou a essência da mulher, nem ele está se referindo a mulher empiricamente, nem a igualdade ou reciprocidade, mas valorizando a diferença entre os sexos de modo a encontrar um caminho para a ética. “Pour Lévinas, l’essentiel n’est pas la réciprocité mais la différence. Dans

¹⁰⁹³ Tradução livre “Quando se escreve que a mulher é mistério, subentende que é mistério para o homem. De modo que essa descrição que se apresenta com intenção objetiva é, na realidade, uma afirmação do privilégio masculino”. Cf. Beauvoir, *Le deuxième...*, 1949, p. 17.

¹⁰⁹⁴ Tradução livre: “O feminino desempenha apenas um papel marginal na filosofia de Lévinas; ele realmente não inclui a diferença sexual no fundamento de sua filosofia do Outro”. Cf. MA, Lin. *Character of the feminine in Lévinas and the Daodejing*.

¹⁰⁹⁵ No Brasil, intitulado *Totalidade e infinito*.

cette leçon, il montre la différence – ou la « diachronie » – entre la femme et l’homme. C’est cette diachronie qui rend possible l’éthique”.¹⁰⁹⁶

Uchida chama ainda atenção que no livro *Quatre lectures talmudiques*, (1968)¹⁰⁹⁷, Lévinas mostra o perigo de se olhar só para a igualdade, e salienta a desigualdade:

Não é, pois, em termos de igualdade que se põe todo o problema da mulher. E a partir de agora nosso texto procurará mostrar a importância de certa desigualdade, ainda que ela se deva puramente ao costume. [...] Das duas faces, a masculina e a feminina, qual comanda a caminhada? Aqui, a igualdade, sem mais considerações, leva ao imobilismo ou à implosão do ser humano.¹⁰⁹⁸

Segundo Drucilla Cornell entender a mulher como diferente, não significa que ela é desigual, e questiona se seria possível valorizar a especificidade feminina. Carole Pateman resume o debate explicando que após a revolução Francesa, apesar de se apregoar que o ideal de cidadania deveria ser alcançado por todos, a sociedade patriarcal permitiu apenas se optar entre duas alternativas: “tornar-se mulher “como homens”, e assim sujeito de direitos, ou afirmar a especificidade das mulheres, o que não confere nenhum valor às mulheres para torná-las cidadãs”.¹⁰⁹⁹ Em relação à Lévinas, afirmou que seus textos trazem a mulher na tradição judaica, valoriza as especificidades das mulheres, mas, continua citando os costumes, que as mantêm fora da vida pública.

Vamos finalizar as críticas e defesas à Lévinas, trazendo Jacques Derrida para quem há duas possibilidades de se compreender Lévinas. Na primeira encontraremos a tradicional separação hierárquica entre masculino e feminino, onde se valoriza o masculino, e à mulher atribui-se características essencialistas da tradição. Na segunda, apesar dos aspectos tradicionais e androcêntricos presentes, perceberemos que para Lévinas o feminino é o ser de acolhimento por excelência, a hospitalidade absoluta, “a origem pré-ética da ética”.¹¹⁰⁰ Para ele, Lévinas amplia o feminino para além da mulher, colocando-o como importante para se ter uma abertura à ética e à alteridade.

É baseado neste segundo sentido, ao qual se refere Derrida, que faremos a nossa leitura, ampliando a interpretação para além de gênero, de modo a

¹⁰⁹⁶ Tradução livre: "Para Lévinas, o essencial não é a reciprocidade, mas a diferença. Nesta lição, ele mostra a diferença - ou o "diachronie" - entre a mulher e o homem. É este diacronismo que torna possível a ética". Cf. MURAKAMI, Yasuhiko; NAKA, Mao. *Dans une culture sans Dieu*.

¹⁰⁹⁷ No Brasil intitulado *Quatro leituras talmúdicas*.

¹⁰⁹⁸ LÉVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*, p.155.

¹⁰⁹⁹ RODRIGUES. *A costela...*, 2011, p. 380.

¹¹⁰⁰ DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 60.

compreender o que impulsiona a ‘violência de gênero’, e como conseguir vence-la. Uma compreensão sobre Lévinas, que, hoje, parece existir, quando várias feministas dialogam com este filósofo, em seus livros em busca da ‘ética da alteridade’. Entre elas, cito Judith Butler¹¹⁰¹ em seu livro *Giving an Account of Oneself: A Critique of Ethical Violence*¹¹⁰² que ao dialogar com vários pensadores, inclui Lévinas, reconhecendo-o como aquele que propõe que a ética esteja a partir do outro, inteiramente outro, e ainda assim reconhecido.

5.6.3.

Compreendendo Lévinas – na atualidade - para além da ‘violência de gênero’.

Para Lévinas, o ser vem ao mundo do ‘ser’, e o seu ‘eu’ sai ao mundo em busca da sua própria felicidade. Esta busca seria o seu principal objetivo. Ele sai de si, vai ao mundo e sempre retorna para si. E como tem dificuldade de reconhecer a alteridade, pois sua subjetividade estaria fechada para o ‘outro’ por estar na busca da afirmação da sua identidade, procura reduzir sempre o ‘outro’ a si mesmo, a um igual, a um mesmo.

Para impedir que o ‘eu’ faça essa redução e possa haver relações econômicas, existem regras de mediação no ‘mundo do ser’ que resguardam um ser do outro a fim de se poder realizar o intercâmbio. Essas mediações são leis de economia, organizadas pelo Estado que visam harmonizar os inúmeros eu’s. Mas o ‘outro’ quando não é visto em sua alteridade, e não pode ser reduzido a um mesmo, pode ser percebido como ameaça, e o ser ir além das condições impostas pelas mediações, colocando suas próprias condições, tirando, portanto, a força da mediação externa. Sem a intermediação o ‘eu’ procura anular ou eliminar o diferente.

Como a nossa sociedade é marcada e administrada, principalmente, por homens, e o padrão ‘masculino’ ainda é o modelo, o feminino seria a alteridade, o totalmente diferente, que é visto como secundário. É importante em termos de ações

¹¹⁰¹ Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense. Nasceu em 1956 em Cleveland, Ohio, EUA, e se tornou uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. De suas obras citamos: *Feminism and the subversion of identity*; *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*; *Undoing Gender*; *Relatar a si mesmo – crítica da violência ética*.

¹¹⁰² No Brasil o livro recebeu o nome de *Relatar a si mesmo – crítica da violência ética*.

ligadas a casa, ao estar disponível para servir ao masculino, entretanto, suas especificidades são desrespeitadas e menosprezadas.

Devido às normas trazidas pelas mediações sociais, o ser pode conseguir conviver com o diferente, obedecendo às normas, reprimindo e controlando seus atos discriminatórios, embora estes existam ocultos e subjetivos. Porém, ao sentir-se ameaçado pela alteridade que não aceita no ‘outro’, o ser pode ultrapassar as mediações e procurar anular ou excluir o diferente através de atos ‘discriminatórios’ abertos e objetivos, que podem chegar à extrema violência, e até à morte. É o que percebemos acontecer em relação ao feminino.

A história ligada a todos que possuem características femininas mostra o quanto à discriminação às mulheres e ao grupo LGBTTI foi se perpetuando, e só a partir do início do século XX os dois grupos começaram, de forma mais estruturada, em caráter mundial, a reagir às normas impostas pela sociedade em relação a eles, organizando-se em movimentos ligados à igualdade e às diferenças femininas para lutar pelos seus direitos.

A mulher rejeitando os papéis, anteriormente, dados a ela, sai de casa para, no espaço público estudar, ter uma profissão, decidir a sua vida particular e comunitária a partir do voto, exigindo os seus direitos, rebelando-se à submissão e dominação masculina. O grupo LGBTTI não mais aceitando esconder-se e a permanecer em becos, sem direitos, como doente mental, ou sendo considerado como a escória da sociedade. O grupo passa a se organizar e a mostrar que seus membros são sadios, lutando pela igualdade enquanto cidadãos, e pelo respeito à identidade de gênero e a diversidade sexual.

O resultado dessa luta é que de um lado a mediação estatal tem reconhecido cada vez mais os direitos, tanto das mulheres como dos LGBTTIs, e de outro a violência contra ambos aumenta, pois no momento em que o outro, o feminino, não permite ser o Mesmo do eu, ele provoca rejeição, podendo gerar o desejo de excluir, eliminar totalmente o diferente. Dessa rejeição surgem diferentes tipos de violência, tais como: a violência simbólica, psicológica, emocional, patrimonial, física, podendo chegar ao assassinato.

Para Lévinas, a transformação do ‘eu voltado para si’ para o ‘eu que vai em direção ao outro’ só pode acontecer frente ao diferente, ao outro, pela ética. O

‘outro’ que vem de fora se desvela, e ao chocar, provoca na má consciência¹¹⁰³, ou seja, um questionamento que pode desencadear um desejo ético metafísico. Este desejo, então, leva o ‘eu’ a inverter ou converter a sua trajetória, saindo de si mesmo para o outro.

Segundo este filósofo, “o desejo metafísico tem outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como bondade – o desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite”.¹¹⁰⁴

Lévinas situa a mulher na casa, no relacionamento familiar, como aquela que se apresenta com alteridade, que constitui o lar e ao mesmo tempo reside no mistério além da posse e da intimidade, por isso mesmo importantíssima enquanto *‘famme’* na relação familiar.¹¹⁰⁵ Para ele, a relação erótica se dá sem fusão, resguardando a essência que afirma a presença do outro: ‘esta ausência do outro é precisamente sua presença enquanto outro’.

Para ele, o sexo não é uma diferença específica, entre outras. A divisão entre gêneros e espécies não incide sobre a realidade concreta, e a diferença sexual seria uma “estrutura formal” que toca a realidade de um modo diferente podendo condicionar a possibilidade da realidade. Segundo Lévinas, “condiciona a realidade como multiplicidade”.¹¹⁰⁶

De acordo com Lévinas, no feminino encontra-se a possibilidade extraordinária de dar-se numa relação e furtar-se dela ao mesmo tempo, sendo como luz sobre os objetos, e no mistério do feminino estaria permanentemente ocultando-se à luz. A nosso ver, este é um perceber a mulher, da mesma forma como vem ocorrendo ao longo da história, até mesmo na atualidade. É a tentativa de ocultar a mulher, colocando-a no papel de serviçal, ou transformando-a em um Mesmo ou abafando-a, e em situações mais graves, eliminando-a. Em relação ao grupo LGBTTI, o mesmo tem acontecido. Através da história do feminino é possível visualizar a tentativa de afastar, transformar, ocultar ou eliminar este grupo da sociedade.

A reação ao diferente de si é sempre muito forte, e nem o conhecimento e o saber, através da crítica e da autocrítica, conseguem transformar o ser porque são elementos do ‘mundo do ser’. Por este motivo vemos, que com todo conhecimento,

¹¹⁰³ Para Lévinas, a má consciência é a consciência sem a máscara de um personagem que contempla o mundo para se ver. É ela que nos permite resistir às compreensões intelectuais, e à razão, tornando-nos capazes de sair de nós mesmos para o outro. Cf. LÉVINAS, *De Deus que vem...*, 2002, p. 229.

¹¹⁰⁴ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 20.

¹¹⁰⁵ Famme = o feminino. *Ibidem.*, p.147.

¹¹⁰⁶ LEVINAS, Emmanuel. *El Tiempo y el Otro*, p. 128.

que, hoje, já se possui sobre estes grupos, capaz de desfazer as questões relativas às diferenças, que consideravam o feminino inferior, e até mesmo abominável, como o grupo LGBTTI, a introjeção do preconceito e a dificuldade de se conseguir enxergar ‘o outro enquanto outro’ estão presentes em inúmeras pessoas, inclusive em cientistas. São pessoas que sabem, mas contestam e não conseguem modificar sua visão, ou ainda religiosos que não aceitam nem desejam dialogar com a ciência. Atitudes que buscam justificativas em leituras literais da Bíblia, ou em doutrinas não atualizadas.

Até mesmo as intermediações que surgiram pela necessidade de se agir em defesa dos cidadãos e administrar em prol de interesses comuns da sociedade, consideram como ameaça os grupos que diferem do padrão ideal ou paradigmático. Os critérios que os responsáveis pelas intermediações usam para medir o indivíduo são externos, universais e racionais, não havendo lugar para singularidades, nem para minorias. O Estado, por exemplo, procura harmonizar as diversas autonomias e evitar a tirania, mas sua administração visa o interesse de um ‘eu’ universalizado. Quando o Estado em favor do ‘bem comum’ passa a impor condições, os grupos que não se enquadram de alguma forma no padrão são, logo, perseguidos. Alguns desses grupos são minoritários, como o grupo LGBTTI (cerca de 10% da população)¹¹⁰⁷, e outros, como o da mulher, embora não seja minoritário, em muitos países orientais ainda não possuem o mínimo de cidadania, e mesmo no ocidente, encontra em inúmeros países, inclusive no Brasil, dificuldade de ter representatividade feminina significativa para participar efetivamente das decisões ligadas aos seus interesses nos poderes do Estado.

No Superior Tribunal de Justiça (STJ), dos 33 ministros, seis são mulheres. No Tribunal Superior do Trabalho (TST) há seis mulheres entre os 27 ministros. [...] Na administração pública, 39,7% são mulheres. O que não acontece no topo. Os cargos comissionados, os chamados DAS (direção e assessoramento superior) têm uma exclusão sexual clara.¹¹⁰⁸

Em relação ao grupo LGBTTI, como já abordamos em nosso terceiro capítulo, em muitos países o grupo é criminalizado, e em outros, inclusive no Brasil, a representatividade é mínima. Na realidade, um dos maiores desafios do grupo ainda está no combate às desigualdades mais básicas. Sua meta,

[...] equilibrar-se contingencialmente entre polos dos pares igualdade/diferença e solidariedade/ identidade, de modo a confrontar a fragmentação e unir forças para a

¹¹⁰⁷ CAMARGO, Aline. *População gay equivale a 10% do povo brasileiro*.

¹¹⁰⁸ ALMEIDA, Cassia. *Desigualdade no topo*, p. 27.

promoção da justiça social para a diversidade de sujeitos que poderiam ser tomados como integrantes da base do movimento.¹¹⁰⁹

No Brasil a violência de gênero é muito elevada. Já no início de 2017, as manchetes de jornais estamparam: “Durante o carnaval a cada 4 minutos uma mulher foi agredida”.¹¹¹⁰ E de janeiro a fevereiro de 2017, a rede Transbrasil trazia em seu site, “Assassinatos”,¹¹¹¹ anunciando que 11 travestis já tinham sido mortas brutalmente.

Em relação à dominação do ‘outro’, Lévinas nos diz que no nível do saber, o ‘outro’ é representado intelectualmente, mas como ‘Outro’¹¹¹², sua alteridade fica fora da interioridade. Por isso, é impossível o ‘eu’ pensar no ‘Outro’ como ‘outro’, não estando aquele interiorizado em si mesmo.¹¹¹³ O ‘eu’, na verdade, desconhece o ‘Outro’.

A desconfiança do ‘eu’ em si mesmo pode provocar uma recordação crítica, mas o ‘eu’ encontra resistência durante o processo crítico, surgindo o esclarecimento e a compreensão como uma teoria de justificação. Por exemplo: “ao se rejeitar um cargo de comando à mulher, afirma-se que a mulher é feita para obedecer”¹¹¹⁴; ou “não aceito gays porque a Bíblia diz que são abomináveis”.¹¹¹⁵

Além disso, o ‘ser’ enfrenta o condicionamento da realidade pelo desejo de dominação. Este desejo, muitas vezes, é frágil e o seu sentido pode ser apagado, ficando apenas um desejo de dominação dirigido à realidade de modo inadequado, existindo, então, a necessidade de dar um novo sentido, uma nova intenção. Como exemplo, podemos citar as instituições que procuram justificar a rejeição da participação de mulheres ou de membros do grupo LGBTTI em seu quadro de funcionários, com justificativas que não fazem mais sentido para os nossos dias. Entretanto insistem porque por trás de toda justificativa está o desejo de dominação, e da conservação de algo que percebem como tendo a possibilidade de abalar o poder ‘masculino’.

¹¹⁰⁹ FACCHINI, Regina. *Histórico da luta de LGBT no Brasil*.

¹¹¹⁰ EXTRA. *Durante o carnaval a cada 4 minutos uma mulher foi agredida*.

¹¹¹¹ RedeTRANS. *Assassinatos*.

¹¹¹² Colocamos o ‘Outro’ em maiúsculo aqui para diferenciar do ‘outro’. O Outro é o diferente, que não é possível reduzir em um ‘si mesmo’. O ‘outro’ é o que não sou eu, mas pode se assemelhar a mim, portanto possível de se reduzir em um ‘si mesmo’.

¹¹¹³ LÉVINAS. *Totalidade e...*, 2008, p. 91.

¹¹¹⁴ MIRANDA, Liliana C. de. *A percepção da mulher no mercado de trabalho*, p.62.

¹¹¹⁵ PLUGADOS COM DEUS.

O desejo de dominação está em cada ser humano na vontade de reduzir o outro a si mesmo. Mas este desejo pode passar do particular para o universal, e embora as mediações, como os órgãos institucionais do Estado, tenham a função de harmonizar as autonomias, as medidas empregadas para combater a violência podem se expandir e gerar ‘o despotismo, a ditadura, a hegemonia, a tirania’. Segundo Bingemer, Lévinas identifica o dinheiro como um meio prático de independência e dominação sobre os outros, “since it is evidently a tool for achieving virtually everything else. Such a relation to money makes it a form of practical totalization and, in that sense, violence”.¹¹¹⁶

Junto com os órgãos institucionais do Estado, podemos colocar todo aquele que busca uma hegemonia no pensamento. Neste caso citamos o Cristianismo que caminhou lado a lado com o Estado por muito tempo, e ainda hoje, no Brasil, apesar da separação existente ‘Estado e Religião’, “as igrejas cristãs continuam a lutar para que as leis e políticas públicas feitas pelo governo estejam de acordo com a moral oficial cristã estabelecida pelas igrejas”.¹¹¹⁷

Lévinas mostrou a feminilidade como um conteúdo que não era importante por sua efetividade real, mas por ser ‘uma qualidade da diferença’. Diferença que pode levar a uma autêntica relação, “surgindo uma dupla que não signifique apenas a dualidade numérica, dois, mas fundamentalmente a ‘sociedade entre dois’”.¹¹¹⁸ Uma socialidade necessária para tornar possível o que ele chama de ‘epifania excepcional do rosto’. Rosto que se apresenta nu, frágil e silencioso, mas profere silenciosamente uma palavra ordenadora que diz: “não matarás”, fazendo surgir todo um projeto filosófico: a ética.

A ‘ética’ que me impede de escapar ao ‘olhar’, que observa desde o mandamento, mesmo quando este é violado. Que traz o mesmo ‘olhar’ onipresente a Caim após o crime, dizendo que diante do ‘olhar’ não há desculpas.

Segundo Souza, para Lévinas “o apelo a não matar exprime a força da ética que deve aparecer como uma conduta viva e empiricamente dada”.¹¹¹⁹

Diante desta sociedade tão violenta, deste ser antropológicamente fechado, e voltado para si, Lévinas nos mostra que para transformá-lo em ‘diferente do ser’,

¹¹¹⁶ Tradução livre: “[...] pois é evidentemente uma ferramenta para alcançar praticamente todo o resto. Tal relação com o dinheiro leva a uma forma de totalização prática e, nesse sentido, a violência”. Cf. BINGEMER. *Levinas Studies 3. Otherness...*, p. 147.

¹¹¹⁷ É o caso das leis que envolvem a população LGBT. Como as igrejas não admitem em suas doutrinas, eles procuram impedir suas promulgações.

¹¹¹⁸ LEVINAS. *El Tiempo y el Otro*, 1993, p. 74.

¹¹¹⁹ SOUZA, José Tadeu Batista de. *Erótica e alteridade em Lévinas*, p.255.

em ‘melhor que ser’ só existe o caminho da ética, pois esta abrange o ‘ser-para-além-do-ser’. Só ela é capaz de unir o relacionamento social e o relacionamento religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em um adulto sociável e religioso.

Só através dela, o outro representado pelo ‘pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro’, pode ser a luz, a abertura para que o ‘eu’ se abra à exterioridade e possa ver a luz do ser. Mas, diante do face a face, do choque ocasionado pela alteridade, o ser pode também rejeitar a alteridade, não transcendendo a si e continuando a ser um vivente. Pode até ser alguém culto, bonito, mas não humanizado, alguém que permanece cheio de preconceito, praticando atos discriminatórios cabíveis de conter forte violência. Porém, segundo Lévinas, até este ‘ser’ poderá vir a se transformar, caso ‘a má consciência’ comece a questionar, desconfiada do seu comportamento, podendo surgir, então, o processo de inversão do ‘eu’ de si para o ‘outro’, levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico; que é a ética.

Para Lévinas, a ética é o único meio de nos levar a um ‘humanismo baseado no outro’. “Um projeto que visa resgatar a transcendência da libertação do homem pelo homem”.¹¹²⁰ Um serviço profético onde a justiça e a igualdade social são estabelecidas em uma relação onde o eu será sempre o primeiro a responder pelo outro e por toda a humanidade. Por essa ótica, podemos entender o rosto do outro sendo aquele que manifesta o vestígio de Deus sem que consigamos tematizá-lo ou conhecê-lo.

Não será fácil para uma sociedade que estimula a autonomia e o Mesmo conseguir viver a ‘ética da alteridade’ proposta por Lévinas, pois os limites causados pela finitude do ser trazem possibilidades e impossibilidades ao ser, e a injustiça tem sido uma realidade. Mas é dentro desse projeto de humanização do ser comandado pelo ‘outro’ que acreditamos estar à possibilidade de mudança da sociedade, com o fim ou a diminuição significativa da ‘violência de gênero’.

Uma mudança possível, se como disse Lévinas em *Ethique et Infini. Dialogues avec Philippe Nemo* (1982), “[...] no lugar de dividir a humanidade em duas espécies (ou em dois gêneros) elas queiram significar que a participação no masculino e no feminino fossem próprias de todo ser humano.”¹¹²¹

¹¹²⁰ MELO, Nélcio Vieira de. *A ética da...*, 2003, p. 278

¹¹²¹ LÉVINAS, *Ética e...*, 2007, p. 61.

5.7

Resumo do capítulo

Neste capítulo retornamos a Emmanuel Lévinas, buscando através da ‘ética da alteridade’ compreender a violência para além de gênero, buscando um caminho para vencer a violência, e particularmente, a ‘violência de gênero’.

Logo na primeira parte, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da biografia de Lévinas. Judeu, Lituânio, vivenciou duas guerras, passando parte de sua vida em uma sociedade que ansiava a paz através da dominação do ser humano sobre outro ser humano, aniquilando-o, procurando deixá-lo sem dignidade, sem alteridade. Entretanto, buscou um caminho contrário em suas reflexões, algo que levasse o ‘ser’ a ultrapassar a imanência, e através da ética, viver para o outro, a partir do outro, tornando-se, de fato, um ‘ser humano’.

Para um melhor entendimento da teoria levinasiana, procuramos esclarecer o que é ‘violência’, trazendo colocações importantes dos teólogos Ulpiano Vasquez e Maria Clara Bingemer. Em seguida, através da visão do teólogo Luiz Carlos Susin, vimos o papel e os possíveis conflitos existentes com as mediações, a importância da subjetividade como fonte de todo o sentido, acompanhando a sua formação, e como ela própria se determina à medida que determina o ‘outro’ (a natureza, o ser humano) e exerce seu domínio sobre ele.

Para Lévinas ‘o meio ambiente, a economia, a casa’, e o saber são vitais na construção da noção do tempo, da técnica e da consciência econômica. Assim, procuramos mostrar que o meio ambiente ensina ao ser humano que não é possível se apossar de tudo, e que existe o momento certo para usufruir a boa hora do prazer, e o momento para guardar. A casa antecede o atuar economicamente, sendo a condição necessária para o fazer, e o saber econômico.

Analisando o processo de formação da subjetividade, verificamos que o ‘eu’ busca a ‘afirmação da sua identidade’, e para alcançar o seu objetivo tenta transformar o outro em um Mesmo. Nem a crítica e nem a autocrítica podem modificar e o ‘eu’ que permanece sem reconhecer a ‘alteridade’, enquanto ‘outro’.

‘O diferente diante do rosto do Outro: alteridade - Infinito – Deus’ foi o título dado ao item no qual procuramos responder quem é este outro, aquele que não é igual, que não pode se tornar o Mesmo, sendo considerado como o outro diferente do Mesmo. ‘Outro’ que pode ser percebido como uma ameaça ao ‘eu’. Em casa, no trabalho, nos relacionamentos sociais, políticos, religiosos, no cotidiano, o ‘outro’ não é reconhecido por estar vestido, pois se for reconhecido, perturba, sendo visto

como uma ameaça. O ‘outro’ é aquele que está à margem da sociedade, faz parte de grupos minoritários que não possuem a total cidadania, e apesar de serem os que mais precisam do estado, de modo geral só recebem atenção quando são vistos como ameaça. Mas, para Lévinas, este ‘outro’ vem de fora, é o ‘bem além do ser’. Não é um novo ser, ele é o Outro, o infinito, Deus.

Só a alteridade, pela ética é capaz de modificar a direção do ser para ‘si Mesmo’ para ‘o outro’, através da reconstrução da Identidade. Segundo Susin, esse modo de ‘ser para o outro’, ocorre pela “consciência moral, linguagem moral, conhecimento moral, pensamento moral, diaconia, bondade e justiça, nas quais fica inteiramente convertido todo o ser anterior. Ser moralmente é ser justificado”.¹¹²² O choque que a presença do ‘outro’ provoca, desperta a liberdade dando-lhe consciência da injustiça, levando-a a recuar, e a mudar o rumo.

Segundo Lévinas, esta mudança ocorre porque todo ser humano antes de se tornar ‘ser’ foi eleito. E essa “eleidade é a origem da alteridade do ser”¹¹²³, que lhe trouxe uma ‘assignação’. Uma marca anterior ao ser que foi feita originalmente pelo Outro, e se revela como ‘vestígio’. E através do chamado e da acusação percebida quando o indivíduo toma consciência de sua eleição, direciona a subjetividade a sair de si em direção ao outro e a responsabilizar-se por ele. Transformação que ocorre quando “a condição ontológica desfaz-se, ou é desfeita na condição ou incondição humana. Ser humano significa: viver como se não se fosse um ser entre os seres”.¹¹²⁴

Como mostramos, ‘a responsabilidade leva à substituição’, pois causa o desejo de se ter mais do que um simples contato, provoca um desejo incontável de aproximação. Um desejo que leva a um relacionamento assimétrico e irrecíproco, como um modo de universalização passiva pelo outro e por todos. Esse indivíduo singular pode chegar ao modo ‘subjectum’, possuindo uma forma de viver na qual não domina, não se iguala, e não se defende, colocando-se em uma dialética de contrários no uso de forças antagônicas. Um ‘indivíduo’ mais forte que a morte, que na ética, Lévinas chama de ‘bondade pura’.

No último item da ‘reconstrução da identidade’, intitulado ‘Ser-para- todos e a paz messiânica’ chegamos ao ápice da teoria levinasiana. Do Subjectum nasce um novo poder capaz de obedecer ao Bem, tendo condições de suportar o insuportável, aguentando o peso do universo: o poder messiânico’. Um ser humano voltado para

¹¹²² SUSIN. *O homem...*, 1984, p.258.

¹¹²³ LÉVINAS. *Humanismo do...*, 1993, p. 67.

¹¹²⁴ IDEM. *Ética e...*, 2007, p. 83.

a humanidade, capaz de seguir o caminho inverso da violência, o caminho do respeito, do amor e da paz.

Ao referir-se a casa, Lévinas trabalhou em diversos textos a mulher e o feminino como a alteridade, o outro totalmente outro. Tanto a ‘mulher’ como o ‘feminino’ tiveram grande importância desde o início de suas reflexões, podendo-se perceber um desenvolvimento na obra de Lévinas em relação à visão feminina.

A Bíblia também foi essencial nas reflexões deste filósofo, e os dois livros por nós aqui citados, *Quatre lectures talmudiques*, (1968), *Du Sacré au Saint: cinq nouvelles lectures talmudiques* (1977), trouxeram lições do talmude, e a imagem da mulher judia, sua atuação na vida da família, e na vida pública do homem judeu, mostrando a importância dessa imagem na reflexão desse autor.

Através de uma visão cronológica de seus livros, das críticas que recebeu de grandes feministas como, Simone de Beauvoir, Luce Irigaray, Stella Sanford, Drucilla Cornell, Carole Pateman, e dos comentários de alguns estudiosos: Jacques Derrida, Tatsuru Uchida, Magali Mendes de Menezes, Carla Rodrigues, e Ciro Marcondes Filho, procuramos mostrar como Lévinas foi repensando algumas questões sobre o feminino e ultrapassando o referencial de gênero ligado a ontologia para o patamar da ‘humanidade’, trazendo a alteridade como o outro, o diferente em um grupo social, o marginalizado, o excluído.

Na Bíblia o outro é o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro, enfim, todo aquele que está fora da sociedade, e se trouxermos para a atualidade, poderemos pensar na mulher e no grupo LGBTTI como os excluídos, que através da ‘Ética da alteridade’, de Lévinas, não serão só aceitos ou tolerados, mas terão uma inclusão através de uma participação ativa na sociedade, obtendo em todos os sentidos a igualdade de direitos, e as suas diferenças respeitadas. Junto com esses grupos podemos colocar outros, tais como: o negro, o judeu, e todos que são ou já foram excluídos da sociedade.

Como diz Lévinas, pela ética da alteridade poderemos chegar à outra visão da humanidade, na qual o outro, a alteridade é a nossa referência e não o contrário. A partir daí então, as pessoas poderão “passar a considerar as outras como diferentes de si mesmas; elas são o *alter*, com suas cargas neurais próprias, com suas manifestações religiosas que as distinguem e também as identificam no seu DNA”.¹¹²⁵ Afinal, “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim, sendo Deus não faz acepção de

¹¹²⁵ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*, p.36.

peças”.¹¹²⁶ Pois, como disse Paulo: “Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo”.¹¹²⁷

¹¹²⁶ Ibidem., p. 36. Cf. BÍBLIA, Dt 10,17.

¹¹²⁷ BÍBLIA. Gl 3, 28.

6

A inclusão de todas

Após vermos diferentes visões sobre ‘violência’, ‘gênero’ e ‘violência de gênero, percorreremos a ‘história do feminino’, desde a pré-história até os nossos dias, e analisamos o pensamento de dois importantes pensadores: - René Girard que nos mostrou, de forma profunda, o mimetismo que envolve as nossas relações, e como algumas sociedades, ao invés de procurar profundas transformações, ainda, hoje, usam o ‘bode expiatório’ como solução. Acentua ainda a importância da conscientização das nossas ações miméticas para poder transformá-las, trocando ações provenientes do desejo mimético por outras oriundas de um desejo unido ao respeito e a misericórdia. – e Lévinas, que apontou o caminho do ego na formação da subjetividade, e mostrou que apesar da busca do ‘ego’ pela própria satisfação, por termos sido assignados pelo Infinito antes de irmos a ‘ser’, temos condições de, diante do rosto do outro, vivenciarmos a ética da alteridade. Inspirados, então, nos dois pensadores, buscaremos, neste capítulo, com o olhar da fé cristã, com base na ‘antropologia teológica’, refletir sobre o ‘Deus cristão e o ser humano’ que experiencia Deus através da história, do mundo, e de si próprio, procurando um caminho ético que nos leve a um novo paradigma do ser humano capaz de incluir a ‘todas’. Começaremos trazendo a imagem do Deus cristão em sua relação com o ser humano, e a partir daí continuaremos refletindo, através de um recorte que fizemos, sobre pontos que nos ajudarão na conclusão de nossa tese, com base em Karl Rahner¹¹²⁸, Adolphe Gesché¹¹²⁹, Alfonso Garcia Rubio¹¹³⁰ e outros importantes teólogos e estudiosos.

¹¹²⁸ Karl Josef Erich Rahner - Teólogo alemão, nasceu em 1904, em Brisgovia, nacionalizado austríaco. Durante o concílio ele e Ratzinger entenderam-se bem, só no pós-concílio é que os caminhos se dividiram. Para Rahner, o Concílio foi o início de um caminho para uma transformação ‘estrutural da Igreja’. Rahner ressalta a descontinuidade operada pelo Concílio, Ratzinger interpretará o Concílio no sentido da continuidade. Rahner é considerado por muitos como o maior teólogo do século XX.

¹¹²⁹ Adolphe Gesché - Nasceu em 1928 em Uccle. Sacerdote, em 1957 obteve a licenciatura em teologia pela Universidade Católica de Lovaina, e em 1958, concluiu o doutorado em teologia pela mesma universidade. Nos anos seguintes, dedicou-se a ensinar teologia moral no Seminário Maior de Malinas, e em 1986 tornou professor universitário.

¹¹³⁰ Alfonso García Rubio é padre diocesano espanhol, radicado no Brasil desde 1959. Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Itália, é escritor e foi professor de Antropologia

6.1

Deus e o ser humano

"Deus é amor".¹¹³¹

A Sagrada Escritura narra esta ‘história do amor’ de Deus pelo homem, e já na criação, revela-nos que, tudo que Deus criou é bom: a natureza, os animais, e o ser humano. No topo da criação está o ser humano. O primeiro ato salvífico de Deus foi a criação, e esta foi feita pelo ‘infinito amor’ que Deus nutre por seus filhos. Deus cria e salva imediatamente. Um processo que vai se clarificando a partir da revelação do próprio Deus.

Segundo Gesché, ter um Deus criador significa que “é a liberdade, e não a fatalidade ou o destino a guiar o cosmo e a história humana”.¹¹³²

Para Garcia Rubio, “O homem e por causa dele o mundo todo criado, encaminha-se, segundo o desígnio de Deus, para a plenitude da salvação”.¹¹³³

Rahner nos diz que “Jesus de Nazareth é a perfeita autoexpressão de Deus no espaço e no tempo”.¹¹³⁴

A história da salvação começa com um Deus criando o mundo, e tem seu clímax com a vinda de seu Filho, que se esvazia dos privilégios de sua divindade para se tornar humano, e por seu imenso amor dá a vida pelo ser humano.

6.1.1

O Deus cristão

Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.¹¹³⁵

De acordo com a teologia da criação, o primeiro livro da Bíblia nos revela que a causa de toda a criação foi a ‘bondade’ de Deus. “Deus viu que a luz era boa.

Teológica e de Cristologia nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Teologia da PUC/RJ.

¹¹³¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1Jo 4,8.

¹¹³² GESCHÉ, A. *O ser humano*3, p.56.

¹¹³³ RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade*, p.219.

¹¹³⁴ O’DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*, p.57.

¹¹³⁵ BÍBLIA, 2006, Fl 2,

[...]”¹¹³⁶ e criou inúmeros elementos. O último foi aquele que Deus criou à sua imagem e semelhança. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. [...] Homem e mulher ele os criou”.¹¹³⁷

Segundo a Bíblia “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.¹¹³⁸

A Fides Damasi (DS, 71) revela que o Deus cristão é único, mas não é solitário. Segundo Garcia Rubio, esta proclamação foi desconcertante para o pensamento filosófico da época,¹¹³⁹ pois significava que era “proclamado pela fé cristã: em Deus, no único Deus, existe a relação, existe o amor! Ou melhor ainda: Deus em si mesmo é Amor! Deus é Liberdade!”¹¹⁴⁰ Para Ratzinger,¹¹⁴¹ isto era o mesmo que dizer que a relação e o amor são tão divinos quanto a substância! Realizava-se assim uma radical subversão no conceito de Deus, e o mundo passava a ser visto “como o espaço vital do amor. Ele se torna palco das liberdades e aceita o risco do mal”.¹¹⁴²

É desse amor incondicional, misericordioso, cheio de compaixão que nos fala a parábola do Filho pródigo, onde o amor do Pai é tão grande que recebeu o filho que estava perdido sem recriminações, sem condições. Sua alegria era tanta que não esperou que o filho fosse até ele, e correu em sua direção. “Ele estava ainda longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos”.¹¹⁴³

Este mesmo ‘amor’, nós o encontramos tanto na parábola da ‘ovelha perdida’ como na da ‘dracma perdida’: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento”.¹¹⁴⁴ Trata-se de um Deus cuja lógica difere da nossa, pois é baseada no seu intenso amor, como ainda nos mostram as parábolas

¹¹³⁶ Ibidem., Gn 1,4.

¹¹³⁷ Ibidem., Gn 1,26; 27.

¹¹³⁸ Ibidem., Jo 3, 16.

¹¹³⁹ Provavelmente o Concílio romano de 382. Cf. FIDES DAMASIO.

¹¹⁴⁰ RUBIO, Alfonso Garcia. *Novos rumos da antropologia teológica*, p.264.

¹¹⁴¹ Bento XVI (*em latim: Benedictus P.P. XVI*), nascido Joseph Aloisius Ratzinger (Marktl am Inn, 16 de abril de 1927), é Papa Emérito e Romano Pontífice Emérito da Igreja Católica. Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013,^{[2][3]} quando oficializou sua abdicação. Desde então, é Bispo emérito da Diocese de Roma. É membro de várias academias científicas da Europa como a francesa *Académie des sciences morales et politiques* e recebeu oito doutorados honoríficos de diferentes universidades, entre elas da Universidade de Navarra. Possui 38 livros.

¹¹⁴² RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 119.

¹¹⁴³ BÍBLIA, 2006, Lc 15, 20.

¹¹⁴⁴ Ibidem., Lc 15, 7.

dos ‘dois servidores’, dos ‘trabalhadores da undécima hora’, e do ‘fariseu e do publicano’.¹¹⁴⁵ “É um Deus que não avalia o homem pelo que ele realiza no campo religioso ou moral, mas um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”.¹¹⁴⁶

O próprio Jesus, no evangelho de Lucas, quando nos apresenta o reino de Deus afirma que este é um reino cujo domínio não é o do juízo, mas do ‘amor’, onde prevalece o ‘perdão e a misericórdia’. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai e vos será perdoado. [...], pois com a medida com que medirdes sereis medidos também”.¹¹⁴⁷

Para França Miranda¹¹⁴⁸, o Novo Testamento nos apresenta a soberania de Deus não mais baseada em leis para serem obedecidas. O reino surge de uma realidade voltada para o ser humano e as bem-aventuranças nos trazem uma nova imagem de Deus. “Um Deus que é Pai, com predileção pelos mais necessitados, sempre aberto aos pecadores”.¹¹⁴⁹

Como vimos no terceiro capítulo, Xavier Pikaza¹¹⁵⁰ levanta a hipótese de que “Jesus curou o servo do centurião romano”,¹¹⁵¹ que era seu amante. Neste caso, Jesus não se colocou como moralista, não exigiu que o centurião rompesse o sua relação de amor, e como disse Pikaza, libertou-os para “que o vivam na fé e no amor do Reino”.¹¹⁵²

Para Rahner, em Jesus Deus expressou-se totalmente, e o homem, como criação de Deus, é uma autoexpressão menor de Deus, pois embora explicito o ser de Deus, há uma diferença infinita entre criador e criatura. Por isso mesmo, só em Cristo o ser humano é capaz de vencer o mal e a violência. Segundo este autor, “a criação existe como preparação para o que Deus quer dizer em Jesus. A própria criação é uma abertura para a união hipostática”.¹¹⁵³

¹¹⁴⁵ IDEM. *Ibidem.*, Lc, 7, 41-43 ; Mt 20,1-15; Lc 18, 9-14.

¹¹⁴⁶ MIRANDA, Mario França. *Libertados para a práxis da justiça*, p. 28.

¹¹⁴⁷ BÍBLIA. Op. cit, Lc 6, 36-38.

¹¹⁴⁸ França Miranda é padre jesuíta, professor emérito do departamento de teologia da PUC-Rio. De sua obra citamos: *Salvação de Jesus Cristo; Existência cristã hoje; Aparecida: a hora da América Latina*.

¹¹⁴⁹ MIRANDA. *Libertados para...*, p. 26

¹¹⁵⁰ Xabier Pikaza Ibarrodo – sua biografia encontra-se no volume I deste trabalho.

¹¹⁵¹ BÍBLIA, 2006, Mt, 8,5-13.

¹¹⁵² PIKAZA, Xavier. *Jesus cura o amante do centurião*.

¹¹⁵³ O’DONNELL, John. *Introdução à teologia dogmática*, p.57.

O Deus cristão é ‘Amor’, e um amor tão intenso, tão verdadeiro, que poderíamos repetir Michael Himes¹¹⁵⁴ e dizer que Deus é o próprio ‘verbo Amar’.

Não podemos experimentar a Deus se não amamos nossos irmãos, e não podemos amar nossos irmãos se não experimentarmos a Deus. [...] Deus é muito mais um verbo do que um substantivo, e é muito mais o verbo amar do que alguém que ama. [...] De certo modo, a demonstração cristã da existência de Deus pode ser resumida na seguinte frase: “Eu amo você, logo Deus existe”.¹¹⁵⁵

O Deus cristão é um Deus que chora e ri com as tristezas e alegrias do ser humano. Um Deus como o qual o povo se identifica na dor, na crucificação e a quem entrega a sua luta pela justiça. Um Deus que a Bíblia nos mostra sua preferência pelo pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro. Enfim, pelos excluídos da sociedade, no qual “concretiza uma dimensão da salvação e exprime a esperança de libertação dos pobres”.¹¹⁵⁶

Jesus não revogou nenhum dos mandamentos escritos por Moisés, mas o evangelho de Marcos nos diz que deixou dois mandamentos e reconheceu no escriba que demonstrou entender a profundidade deste amor, que ele não estava longe do reino de Deus.

O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este.¹¹⁵⁷

Em João temos a dimensão do amor que Deus tem por nós e deseja que tenhamos por nosso irmão. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.¹¹⁵⁸ A dimensão que deve ter o ‘amor’ pelo nosso ‘irmão’, o nosso ‘próximo’, ou o ‘outro’ é o amor de Deus. É o amor que dá a vida pelos amigos e também pelos seus inimigos, pois Jesus nos manda amar até mesmo os nossos inimigos. “Por aqueles que conhece e que não conhece. Pelos justos e pecadores, porque o sol nasce igualmente para todos. E foi por todos que Jesus deu a sua vida”.¹¹⁵⁹

Jesus comia com os pecadores. Fez da mesa lugar da partilha, lugar sagrado, a antecipação do grande banquete escatológico onde todos participarão. Ele jamais

¹¹⁵⁴ Michel Himes é doutor em teologia e professor do Boston College. De sua obra citamos: *Ongoing Incarnation: Johan Adam Mohler and The Beginings of Modern Ecclesiology*; *Doing the Truth in love: Conversations about God*; *Fullness of faith: The Public significance of Theology*.

¹¹⁵⁵ HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*.

¹¹⁵⁶ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 217.

¹¹⁵⁷ BÍBLIA, 2006, Mc 12, 29-31

¹¹⁵⁸ *Ibidem.*, Jo 15,12 -13.

¹¹⁵⁹ *Ibidem.*, Mt 26, 26-29.

excluiu alguém; ricos, pobres, pecadores, tampouco aquele que o traiu. Um Deus-Agape que se tornou homem-servidor e deixa como legado de seus discípulos o ‘serviço’ ao outro, como ele fez em sua vida.

Durante a ceia [...] depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. [...] ‘Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu fiz, também vós o façais.’¹¹⁶⁰

Segundo Garcia Rubio, este “é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, um Deus que assume o sofrimento e a morte de Jesus, e, inseparavelmente, o sofrimento e a morte de todos os seres humanos”¹¹⁶¹

Um Deus que em Tiago nos diz “Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”.¹¹⁶²

E quem é este ser humano com quem Deus interage?

El hombre es uno entre muchos. Por razón de su esencia, se halla en el espacio y en el tiempo. Por cuanto su quiddidad es quiddidad de la materia y es tal por sí misma, es una entidad que puede fundamentalmente repetirse como idéntica. El hombre particular es por principio uno dentro de un género”.¹¹⁶³

6.1.2 O Ser humano

Tudo que Deus criou é bom: a natureza, os animais, e o ser humano. No topo da criação está o ser humano. Deus criou o homem e a mulher para serem seus cocriadores, multiplicarem-se e administrarem o mundo. Ambos foram criados à imagem e semelhança deste Deus relacional que criou o ser humano com capacidade de se relacionar, aberto ao outro, capaz de cuidar, zelar, amar. E o primeiro ato salvífico de Deus foi criar e salvar, imediatamente, o ser humano. Um

¹¹⁶⁰ Ibidem., Jo 13, 2-15.

¹¹⁶¹ RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 93.

¹¹⁶² BÍBLIA, Op. cit, Tg 1, 27.

¹¹⁶³ Tradução livre: “O homem é um entre muitos. Em razão de sua essência, está localizado no espaço e no tempo. Por quanto o seu *quiddidad quiddidad* é da matéria e é por si mesmo, é uma entidade que pode ser repetido como basicamente idénticos. O especial é o homem em princípio um dentro de um género”. Cf. RAHNER, K. *Oyente de La Palabra*, p. 173.

amor tão intenso que a Bíblia, do Antigo Testamento ao Novo Testamento, dá testemunho e faz dele o fio condutor de seu texto.

O ‘coração da fé Cristã’ é cristocêntrico. Deus cria o ser humano para salvar, e esta salvação se dá pelo amor de Deus que se manifesta de modo concreto na pessoa de Jesus. Por este motivo, podemos dizer, que a ‘subjetividade cristã’, na relação com toda alteridade, tem a condição ‘messiânica do cristão’, como a subjetividade do ‘seguidor’ de Jesus; discípulo e apóstolo.

Para Rahner, o auge de todo processo evolutivo é o ser humano, “o espírito-na-matéria que é uma abertura total para Deus. É claro que se Deus deseja exprimir-se fora da Trindade, o fará no humano”.¹¹⁶⁴ “El hombre es la absoluta apertura al Ser, en general, en una diferencia permanente ontología inconclusa”,¹¹⁶⁵ e esta abertura lhe dá a possibilidade de particularizar todo conhecimento.

Só um Ser transcendental é capaz dessa abertura, pois só é transcendental o que é espírito. Assim, como o ser humano é espírito, a transcendência faz parte da sua natureza, e a primeira intenção do conhecimento humano é dirigir-se ao ente. A realidade intrínseca do ser humano é sua finitude, e esta experiência o possibilita apontar o ilimitado, superando e transcendendo a finitude.

A Revelação de Deus aconteceu e acontece àquele que está apto a acolher esta revelação, e segundo Rahner, isso ocorre no ‘ser humano’ devido à estrutura fundamental do seu ‘ser’, pois só ele é capaz de ouvir à Palavra de Deus. Mesmo ainda não sendo partícipe da visão imediata de Deus, o ser humano pode contar com uma possível ‘revelação de Deus’.

O ser humano “é pessoa e sujeito,¹¹⁶⁶ livre e histórico. Para Rahner, à medida que se torna consciente de si como o produto do que lhe é radicalmente estranho, o ser humano se experimenta como ‘sujeito e pessoa’, podendo se perceber de múltiplas maneiras. Deus lhe deu o livre arbítrio, e sua liberdade ocorre na história, no seu dia a dia. Ele olha para o seu interior, e constata que veio a existir mediante outra realidade que ele próprio não é. “E a outra realidade de que proveio, é a natureza implacável e impessoal que abarca também a ‘história’ que, sob este prisma, também se pode interpretar como natureza”.¹¹⁶⁷

¹¹⁶⁴ O’DONNELL. *Introdução...*, 1999, p.57.

¹¹⁶⁵ Tradução livre: “O homem é a absoluta abertura ao Ser em geral em permanente diferença ontológica inacabada”. Cf. RAHNER, K. *Oyente de La Palabra*, 1967, p. 89.

¹¹⁶⁶ RAHNER. *Curso Fundamental da Fé*, São Paulo: Paulus, 1989, p. 39.

¹¹⁶⁷ *Ibidem.*, p. 41.

A ‘coautoria’ dada por Deus ao ser humano acontece na história. Para Rahner, não existem papéis predeterminados, e o mundo não é uma natureza sagrada, e sim o material através do qual a atividade criadora do homem age. Dessa forma, não é na natureza, mas nele próprio e no mundo que conhece e administra, que o ser humano, através da ‘abertura do seu espírito’, é capaz de fazer a experiência da sua condição criada e encontrar Deus. “A experiência de Deus vem da autotranscendência existencial, que acontece no ato de ‘amor ao próximo’”.¹¹⁶⁸

A dimensão da historicidade é tão importante que Rahner chama a atenção para o perigo que o ser humano corre ao não considerar a história a partir do seu próprio ‘ser’. Isso porque, sendo espiritual, a pessoa humana pode acreditar que tenha condições de tentar elevar-se, como espírito, acima de sua própria história, de emancipar-se dela, e acabar dispensando-a, de antemão, como possível lugar de uma Revelação. No entanto, como espiritual, é importante que a pessoa perceba que ela tem a possibilidade e a condição de assumir, e tornar-se a sua própria história, fazendo acontecer um momento intrínseco da sua condição espiritual.

Para Rahner, a liberdade do ser humano pode ser categórica, através da escolha de ações particulares, ou transcendental, ligada à escolha fundamental de estar com Deus. Embora a liberdade transcendental esteja intrinsecamente ligada à categórica, a essência da identidade humana se define pela liberdade transcendental em relação a Deus e ao próximo.

Gesché nos diz que o ser humano foi criado para criar, ele é o ser criado-criador. Este ser “recebe na criação a liberdade, que lhe é dada como dom, como vocação a ser realizada”.¹¹⁶⁹ E com esta liberdade este ser confronta a realidade, que o leva a um dinamismo gerador de aprendizagens e experiências, pois é um ser que se constrói na relação com o outro. E o outro evoca a existência de quem com ele se relaciona. É o outro, o próximo, que na relação provoca a saída para existir, para ser reconhecido, dando-lhe capacidade de amar. É o outro que permite a cada pessoa conhecer o sentido da sua liberdade, e reconhecer a responsabilidade diante dele. Trata-se de uma liberdade transcendental, de responsabilidade infinita.¹¹⁷⁰

Segundo Garcia Rubio, “Na visão bíblico-cristã do ser humano, referimo-nos sempre ao processo de humanização que liberta do fechamento na própria subjetividade para a vivência da alteridade”. Uma afetividade madura leva a abertura da subjetividade, possibilitando ao ser humano vivenciar um amor que

¹¹⁶⁸ Ibidem., p. 527.

¹¹⁶⁹ GESCHE, Adolph. *O sentido*, p.18-19.

¹¹⁷⁰ Ibidem., p. 28-29.

passa pelo irmão, como vemos em Jesus. Ele não colocou regras morais ou rituais, o importante era ‘amar concretamente’. Quem ama como o Pai ama o ser humano vê as necessidades do seu irmão para procurar saná-las. Não pode ver o seu irmão passar fome, ser discriminado, excluído, e ficar calado diante da injustiça. Quem ama não discrimina, não persegue, não mata. Quem ama trabalha em prol do seu irmão, luta pela justiça. Paulo afirma: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé agindo pela caridade”.¹¹⁷¹ A norma moral que irá determinar o comportamento de cada cristão deverá ser o ‘amor maior’; a ‘caridade’.¹¹⁷²

6.2

O Deus cristão e o ser humano

Segundo Ranher, a autocomunicação de Deus é ato da mais alta liberdade de Deus, “que se abre em sua intimidade última e em amor absoluto e livre”.¹¹⁷³ Uma autocomunicação divina sobrenatural do mais livre amor que ocorre na graça é sobrenatural. Trata-se de um milagre do mais livre amor de Deus. É uma graça livre, indevida e gratuita dada à criatura espiritual, e não leva em conta o pecado, é puro amor.

O verdadeiro núcleo da mensagem é a autocomunicação de Deus, pois esta é a sua mais completa expressão da liberdade. Deus em sua liberdade absoluta deseja pessoalmente relacionar-se com o ser humano. E este chamado fica pendente da liberdade, da aceitação ou não de um encontro pessoal com Deus.

“A autocomunicação do Deus infinito transcendendo toda realidade criatural e todo divino dom finito, foi dada a Jesus e nele apenas é prometida, oferecida e garantida a nós por meio dele”.¹¹⁷⁴ Deus Pai pelo seu amor, em sua mais completa expressão de liberdade se autocomunica através de seu filho, Jesus Cristo, “tornando-se ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem”.¹¹⁷⁵ Dessa forma, o homem é “evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita, e que perdoa”.¹¹⁷⁶

¹¹⁷¹ BÍBLIA..., 2006, Gl 5, 6.

¹¹⁷² Ibidem., 1Cor 13, 1-13.

¹¹⁷³ RAHNER, *Curso...*, 1989, p. 153.

¹¹⁷⁴ LINHARES, Jussara F. D. Santos. O homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita e que perdoa, p.72.

¹¹⁷⁵ RAHNER, *Curso...*, 1989, p. 145.

¹¹⁷⁶ RAHNER, *Curso...*, 1989, p. 145.

É através da revelação que ocorre em Cristo que temos acesso ao conhecimento do Deus uno e trino. O Novo Testamento nos diz que “Jesus revelando-nos o Pai, se nos dá a conhecer como Filho, e que depois da sua ressurreição envia-nos, da parte do Pai, o Espírito Santo que desceu sobre ele no batismo, e na força do qual cumpriu sua missão”.¹¹⁷⁷

De acordo com o Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, 2.

Aprouve a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação.¹¹⁷⁸

A *Dei Verbum*, 6, diz ainda que só Deus é a salvação, e esta se dá através Jesus Cristo. Segundo Rahner, em Deus Pai, a liberdade é absoluta, e no ser humano, é dom de um amor infinito que deseja se expressar, e esta expressão consiste na comunicação de Deus, em Si mesmo e ao homem.

Para Rahner é em Pentecostes que culminam todos os eventos; - Páscoa, morte e ressurreição, em busca da plenitude. Em Pentecostes foi revelado o Espírito de Cristo crucificado e ressuscitado, que em sua emanção e em seu trabalho no mundo, partilha da finalidade de Cristo em si. “[...] Pentecost is the manifestation of the Spirit is never withdrawn from the world until the end of times”.¹¹⁷⁹

O Espírito Santo age no mundo, e Deus no seu amor se autocomunica, e no ser humano pessoa-liberdade se fundem e se trata de uma relação ‘absoluta’. A natureza da liberdade, no ser humano, além da liberdade, aponta para uma direção teleológica¹¹⁸⁰ “[...] deriva de Deus e é dirigida para Deus. [...] Em outras palavras,

¹¹⁷⁷ LADÁRIA, Luis F. *Deus vivo e verdadeiro*, p. 37

¹¹⁷⁸ PAPA PAULO VI. *Constituição dogmática DEI VERBUM sobre a revelação divina*.

¹¹⁷⁹ Tradução livre: “Pentecostes é a manifestação vital de que o Espírito jamais se retirará do mundo até o final dos tempos”. Cf. LEHMANN, Karl; RAFFELT, Albert (ed.). *Karl Rahner: the Content of Faith*, p. 362.

¹¹⁸⁰ Teleológico – vem do grego τέλος, significa - finalidade, - logía, estudo. É o estudo filosófico dos fins, ou seja, do propósito, objetivo ou finalidade. Refere-se a argumento, conhecimento ou explicação que relaciona um fato a sua causa final.

Deus tem de ser encontrado não de maneira reflexa, em cada ato de liberdade, mas como seu alicerce e seu termo último”¹¹⁸¹.

Pela liberdade transcendental, o ser humano deseja Deus, experimenta Deus, e é levado em cada ato de sua liberdade finita, pelo mistério da ‘transcendência’ ao encontro de Deus.

É na liberdade diária, vivida na sua história, que o ser humano aceita ou rejeita a oferta de Deus. É através da liberdade que é possível ao ser humano mover-se em direção a Deus, sendo a natureza e a direção da liberdade o fundamento da salvação ou da condenação absoluta.

Segundo Gesché, através da encarnação, Deus fez o encontro com o ser humano, em sua realidade, no corpo humano. Dentro dos contornos da história, com limites de agir, ultrapassando barreiras, Deus age e salva. “O corpo que o Senhor assume é da mesma carne, da mesma natureza que o nosso”.¹¹⁸² Para Gesché, com isso o cristianismo inaugurou a ideia cristã do corpo. Em um corpo de carne, Deus sentiu o que de mais íntimo, a sensibilidade, a fragilidade, as experiências boas e ruins da vivência existencial.

6.2.1

Salvação e o amor de Deus

A salvação está ligada à autorrealização do ser humano, em sua liberdade, diante de Deus. Deus não deseja ter um monólogo, mas uma relação profunda com o ser humano. Convida, chama, e deseja que haja:

Um diálogo longo e dramático entre Deus e a sua criatura, pelo qual Deus confere ao homem o poder de responder à sua Palavra, com a liberdade, que é dom que incessantemente nos abastece. [...] O homem é co-autor deste drama que é a um só tempo divino e humano e que tem seu desenrolar na história ¹¹⁸³.

Para Rahner, o mundo não é um palco de teatro onde o ser humano desempenha papéis predeterminados. O ser humano, embora muitas vezes não perceba, experiencia diariamente a Deus, e é primordial que descubra e procure compreendê-lo. O importante não é falar sobre Deus, o imprescindível é sentir a experiência da redenção de Deus.

¹¹⁸¹ RAHNER, Karl *Teologia da Liberdade*, p. 87.

¹¹⁸² GESCHÉ, O *Sentido*, 2005, p. 39.

¹¹⁸³ RAHNER, Karl. *Teologia e Novo Testamento*, p. 111.

A autocomunicação de Deus é um processo que acompanha a história da salvação e revelação. Ela acontece pela ‘graça de Deus’, fundamento permanente, gratuito, através da oferta que Deus faz ao ser humano, na história, e espera a sua decisão. Esta resposta, então, é dada no dia a dia de cada pessoa, pois na própria oferta de Deus já se encontra a condição necessária para a possibilidade de acolhimento do ser humano.

Segundo Rahner, a graça é o existencial sobrenatural capaz de garantir ao ser humano a possibilidade de encontrar-se com Deus e ter com Ele um diálogo, através do qual possa transcender e ir à presença do mistério. Diante dessa auto-oferta de Deus ele deve se posicionar com um ‘sim’ ou ‘não’ em sua liberdade. Embora, nunca venha a poder abarcar a totalidade dessa experiência transcendental pela própria reflexão, o ser humano é capaz de se abrir a ela, para se encontrar com Deus e sua absoluta bondade.

Pela sua liberdade, o ser humano pode fugir à experiência de transcendência, e passar sua vida fazendo escolhas categoriais ao seu próprio serviço, e ao serviço do sistema. Pode viver distante de si mesmo, sem se preocupar com coisas que possam ultrapassar os limites deste mundo, ou colocando sobre si e suas tarefas a existência categorial, ou vivendo uma categorialidade desesperada na existência humana, onde nada faz sentido.

O ser humano tende a se abrir a Deus e a desejar segui-lo, mas os atos de uma pessoa podem vir de uma ‘boa ou má’ decisão, por isso há momentos na vida em que toda pessoa se percebe pecadora. Em meio à decepção de se admitir pecador, o cristão deve perceber que não é o único pecador em toda a humanidade. “No entanto, a nossa liberdade é uma realidade pela qual cada um não só é responsável, mas também deve ser responsabilizado”.¹¹⁸⁴ Cada ato realizado é impossível de ser apagado, pois suas marcas ficam eternizadas.

Como o ser humano vive em sociedade, e não isoladamente, sua natureza encontra-se contaminada pelo pecado de outros, ou como diz Rahner, pela culpa de outros. Cada ação, mesmo quando boa, pode ter surgido, muitas vezes, por interesses escusos.

Para Rahner, a liberdade humana já está codeterminada pelo pecado, e se arrasta em uma corrente que perpassa o tempo, contaminando e avançando rumo ao futuro. O pecado acontece quando no exercício da liberdade transcendental diz-se ‘não’ a Deus; o que é uma possibilidade dentro da liberdade. Mas isso representa algo de falho, autodestrutivo e autocontraditório. Segundo Rahner, “todo ‘não’

¹¹⁸⁴ RAHNER, *Curso...*, 1989, p. 53.

sempre toma emprestado do ‘sim’ a vida que possui, porque o ‘não’ só se pode entender a partir do ‘sim’ e não o contrário”¹¹⁸⁵. Embora seja complexo, é muito importante à compreensão de que o verdadeiro ‘não a Deus’ não é apenas a soma moral que podemos obter de nossas ações boas ou más, na realidade; o ‘não’ a Deus pode acontecer no ser humano “no sentido de que sua subjetividade não distingue de si e não pode descarregar-se, ele é realmente mau e entende este mal como o que ele é e que definitivamente quer ser”¹¹⁸⁶. Jamais o ser humano saberá, realmente, se o que é ‘objetivamente culposos’ é um ‘não’ contra Deus em uma situação, onde a necessidade manipulou a liberdade. Situação, inclusive, que pode ter sido gerada por um ‘sim’ anteriormente dado a Deus. Dessa forma, todo ser humano, a qualquer momento, pode ‘ser’ ou ‘não’ pecador, e se não for agora, pode vir a se-lo no futuro.

Tavares,¹¹⁸⁷ ao analisar o que pode levar à deturpação da práxis, explica que quando o ser humano não consegue transcender as dificuldades situacionais para realizar os seus projetos, pode vir a ter duas formas de agir. Uma subpráxis, ou seja, ter um processo de alienação, não visualizando um futuro diferente; ou pode ter a antipráxis, uma práxis manipuladora, reduzindo o outro, para a manutenção dos seus próprios interesses. “Não se enxerga o outro na alteridade, não se respeita o outro como pessoa em sua dignidade e direitos”.¹¹⁸⁸

Segundo Rahner, “pecar é uma possibilidade que acompanha o ser humano, e esta ameaça que o sujeito livre representa para si mesmo é permanente e jamais superável”.¹¹⁸⁹ Entretanto, a promessa de Deus ao ser humano já existia como graça antes do pecado, não tendo sido para perdoar que Deus quis se autocomunicar, e sim para amar. Se Deus é amor, não é possível pensar o pecado fora do seu campo do amor.

¹¹⁸⁵ *Ibidem.*, p. 126.

¹¹⁸⁶ *Ibidem.*, p. 129.

¹¹⁸⁷ Cassia Quelho Tavares é graduada em Enfermagem pela Universidade Gama Filho, Graduada, Mestre e Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente no Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Ciências Aplicadas ao Sistema Musculoesquelético da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lecionou até 2016 na PUC-Rio, no Departamento de Teologia, e atuou como Enfermeira no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia Jamil Haddad (INTO) na Área para Política Nacional de Humanização. Possui artigos e livros dentro da ética cristã. Entre eles cito: *Ética Cristã. Iniciação Teológica*.

¹¹⁸⁸ TAVARES. Cassia Quelho. *Ética Cristã*2, p.53.

¹¹⁸⁹ RAHNER, *Curso...*, 1989, p. 131.

6.2.2

Como responder ao Amor que nos interpela.

Se o pecado é sempre uma possibilidade no ser humano, como o cristão, na atualidade, onde as verdades não são mais aceitas como absolutas, pode saber que a decisão tomada está de acordo com a sua posição fundamental voltada ao Transcendente?

O mundo em que hoje o ser humano vive possui uma enorme complexidade devido à interdependência existente entre os povos e sociedades da terra. O pluralismo religioso, as necessidades, as singularidades dos povos e de cada pessoa, levam a uma grande diversidade de pensamentos e ações já presentes na sociedade, como consequência do progresso da ciência, e da estrutura das sociedades, cujos resultados provocam uma complexidade da situação da vida. Por isto na hora de realizar a síntese da fé, com sua consciência e com o conjunto de saber, o cristão encontra problemas aos quais precisa dar soluções pessoais. Para Rahner uma pessoa atingiu a ‘maioridade’ quando esta de forma responsável, examina, procura se instruir, valoriza o conhecimento das pessoas especializadas e de outras instâncias legítimas, além de ter a coragem para tomar uma decisão de acordo com a sua consciência, mesmo quando atacada pelos demais. O maior de idade ou aquele que atinge a maioridade é maduro, leva uma vida de esforço moral e de responsabilidade, com certa ideia do que é maturidade humana, “y sabe que toda persona se encuentra siempre en camino hacia ella y que únicamente la alcanza por completo cuando se realiza en una muerte aceptada en serenidad y en esperanza”.¹¹⁹⁰

Segundo Rahner, é importante que essa pessoa tenha certo conhecimento da ‘hierarquia de verdades da fé’, procurando aprofundar-se nas convicções fundamentais centrais e existencialmente significativas, não negando os ensinamentos secundários, mas procurando situá-los no lugar que lhes corresponde de fato. “Se puede mantener simultáneamente un conocimiento científico-profano y una doctrina de fé”.¹¹⁹¹

¹¹⁹⁰ Tradução livre: “e sabe que toda pessoa se encontra sempre rumo ao caminho feito por ela, e que só o atinge plenamente quando ele se realiza em uma morte aceita com serenidade e esperança”. Cf. RAHNER, Karl. *El Cristiano Mayor de Edad*, p. 37.

¹¹⁹¹ Tradução livre: “Pode-se manter simultaneamente um conhecimento científico-profano e uma doutrina de fé”. Ibidem., p 38-39.

Para este autor, é importante o cristão não se precipitar, tampouco ser arrogante, ele deve agir com paciência, mas quando for necessário, mesmo sem o respaldo institucional desejado, decidir por si mesmo, sem que alguém precise lhe dizer o que deve fazer. Entretanto, é importante que perceba que quando isto acontece, o cristão não está abandonado, mas encontra-se diante de Deus com o veredito na solidão de sua consciência. É necessário, então, orar, buscar as luzes e os sinais divinos, a fim de encontrar coragem para assumir essa responsabilidade adulta. “La adultez es una carga de responsabilidad, elevada tarea en el proceso de maduración del cristiano y una parte de la liberación de la libertad hacia su ser pleno, la cual es un regalo de la gracia de Dios”.¹¹⁹²

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual diz:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado (9). A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser (10). Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo (11). Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer à reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado.¹¹⁹³

¹¹⁹² Tradução livre: “A maioria é uma carga de responsabilidade, uma tarefa elevada no processo de amadurecimento do cristão e parte da libertação de sua liberdade rumo à plenitude, que é graça de Deus”. Cf. *Ibidem.*, p. 43.

¹¹⁹³ Papa Paul VI. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual, n.16.

Nenhuma palavra externa pode substituir o juízo e a reflexão da própria consciência. Segundo Correa Lima¹¹⁹⁴, no mundo católico é comum se dizer que o papa é o ‘Vigário de Cristo’ na terra, o seu legítimo representante. Entretanto, antes dele e de qualquer outro, a própria consciência representa Cristo para o fiel. “Na Igreja há um ofício de ensinar com autoridade a serviço da palavra de Deus: o magistério. Ele é exercido pelo papa e pelos bispos e deve ter a adesão de toda a Igreja. Mas o magistério não substitui a consciência dos fiéis, nem está acima dela”.¹¹⁹⁵

De acordo com a ética cristã, o reino de Deus e o seguimento de Jesus Cristo são a fundamentação teológica da ação moral. Segundo Tavares, a base da fé cristã e o núcleo central da revelação cristã encontram-se no fato de Deus tomar a forma humana em Jesus de Nazaré. “O reino de Deus, categoria ética fundamental e princípio de ação, abre uma perspectiva dinamizadora para o agir do cristão”.¹¹⁹⁶

É um reino de paz, justiça, perdão, liberdade e amor! Onde a misericórdia está acima da legalidade em prol do ser humano. Este reino irrompe no mundo através de Jesus com suas palavras e gestos, trazendo um novo modo de agir cuja inspiração encontra-se no agir do Deus do reino.

Para Rahner existem duas dimensões, ‘a pessoa humana’ e ‘a histórica’. Uma mesma pessoa realiza atos ‘errados’ e ‘certos’, por isso o importante é “como a pessoa define a si própria em relação a Deus, a si mesma e aos outros”.¹¹⁹⁷ Rahner e os teólogos que o seguiram, também chamados de revisionistas, sustentam uma moralidade centrada na relação, baseada na opção fundamental. A pessoa realiza, diariamente, atos categóricos particulares relacionados à sua opção fundamental, dessa forma se a postura fundamental dela for voltada ao outro e a Deus, não será um ato isolado que mudará o seu caminho.

Salzman & Lauwler¹¹⁹⁸ indicam que para Rahner o ser humano possui muitas camadas e uma essência interior que vai se exteriorizando. As escolhas categóricas que fizer refletirão nas suas camadas, inclusive nas periféricas, mas não definirão

¹¹⁹⁴ Luis Correa Lima é professor do departamento de teologia da PUC-Rio, e coordenador do Curso de Pesquisa Diversidade sexual – cidadania – religião. Alguns de seus artigos: *Homoafetivi dade e evangelização*; *Linguagem: A Igreja e a descriminalização da homossexualidade*; *Teologia e Sexualidade: Portas abertas pelo Papa Francisco* (Org. L.C. Lima).

¹¹⁹⁵ LIMA, Luis Correa. *O cristão adulto e a sexualidade*. Desejo e mistério, 2013, p. 61.

¹¹⁹⁶ TAVARES, Cassia Quelho. *Ética Cristã*, p.55.

¹¹⁹⁷ SALZMAN, Todd A. & LAWLER, Michael G. *A pessoa sexual*, p. 143.

¹¹⁹⁸ Todd Salzman e Michael Lawler são professores do departamento de Teologia de Universida de Creighton, nos Estados Unidos. Autores do livro *A pessoa sexual*.

quem ele é em sua essência. “O ser humano é finito, capaz de inconsistências, e suas escolhas categóricas não refletem necessariamente sua postura fundamental”.¹¹⁹⁹ Para os teólogos revisionistas há dez dimensões que precisam ser analisadas quando se pensa em uma ‘pessoalidade autêntica’. São elas: a dimensão histórica, o desenvolvimento da compreensão humana, a cultura, a estrutura social, os conceitos e a linguagem, o contexto, a relação, a ciência e os estudos interdisciplinares, o diálogo inter-religioso, e a teologia.

Segundo Moser¹²⁰⁰ e Leers¹²⁰¹ cada documento oriundo do Concílio Vaticano II trouxe uma base sólida e riquíssima para a renovação da teologia moral. Para Tavares, as linhas centrais desta Moral Renovada, segundo estes autores são:

1. Moral mais inspirada nas Sagradas Escrituras; 2. Moral cristocêntrica. 3. Produzir frutos para a vida do mundo. 4. Do pessimismo ao otimismo realista; 5. Cultivo de uma visão unitária e integral do ser humano, na busca da superação de todo dualismo; 6. A graça é mais forte do que o pecado; 7. Do legalismo à descontração do Amor, deixando-se conduzir pelo seguimento de Jesus Cristo.¹²⁰²

De acordo com Junges,¹²⁰³ o que determina o ser humano é o mundo ao seu redor, e a sua práxis neste mundo. Segundo este autor, “qualquer discurso ético depende de pressupostos antropológicos que dizem respeito especialmente ao modo de entender a ação humana”.¹²⁰⁴

Ao se pensar na resposta do ser humano a Deus, é fácil perceber que o ‘sim’ ou o ‘não’ do ‘ser humano’ sempre passa pelo outro. Dessa forma, é preciso ver a consciência histórica como um ponto fundacional para a ética, compreendendo que, “como aspectos da personalidade autêntica e da completude humana, os bens básicos

¹¹⁹⁹ SALZMAN & LAWLER. *A pessoa...*, 2012, p. 144.

¹²⁰⁰ Frei Antônio Moser era Diretor Presidente da Editora e do Editorial Vozes, professor de Teologia Moral e Bioética no Instituto Teológico Franciscano (ITF) em Petrópolis/ RJ, Pároco da Igreja de Santa Clara, Diretor do Centro Educacional Terra Santa. Conhecido conferencista. Escreveu 27 livros. Participou como co-autor de diversas obras e muitos artigos científicos em revistas nacionais e alguns em revistas internacionais.

¹²⁰¹ Ferdinand Leers, conhecido no Brasil como Frei Bernardino, era natural de Bergen Op Zoom, na Holanda, onde nasceu em 1919. Entrou para a Ordem Franciscana da Holanda em 1938, e foi transferido para o Brasil em 1951. Foi professor do Seminário Franciscano em Divinópolis, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Divinópolis, Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus. Deixou inúmeros livros publicados.

¹²⁰² TAVARES. *Ética...*, 2012, p.41. Citado neste livro em nota retirada de MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral, impasses e alternativas*, p. 55-62.

¹²⁰³ José Roque Junges é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, e doutorado em Teologia Moral pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma. Atualmente é professor de bioética nos cursos de graduação da área de saúde e professor/pesquisador do PPG em Saúde coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

¹²⁰⁴ JUNGES, J.R. *Evento Cristo e Ação humana*, p. 46.

são universais”.¹²⁰⁵ E por isto a consciência histórica tem as suas particularidades, e se torna essencial analisar a ‘natureza’ dos aspectos pessoais, do seu papel e função na ética normativa. É importantíssimo pensar o universal e o particular na antropologia, ou seja, na natureza humana.

Gesché também chama a atenção para o fato de que a liberdade está condicionada pela história de vida do ser humano. Ela é situada no tempo e no espaço, e é preciso usá-la para a libertação da própria liberdade. Este autor afirma que toda pessoa pode e deve usar a liberdade para se libertar do mal que não consegue evitar. Mal que já está instalado na sociedade, e que cada pessoa interage com ele desde o início da sua existência.

No início da história da humanidade, o mal penetrou e feriu a dignidade do homem, escravizando-o em sua liberdade, gerando exclusão, injustiças. Deus nunca se ausentou do combate ao mal, e podemos visibilizar sua presença na superação dos males que nos alcançam e reduzem a nossa condição humana.

Para este autor, “a liberdade é apelo à criação”¹²⁰⁶, ou seja, deve apontar para o início, para a ação criativa do ‘ser humano’ em sua existência histórica. A manifestação de Deus se deu no interior de um ‘corpo humano’. Deus desejou e realizou o encontro no corpo humano, integrando-se à história de vida do ser humano. Dessa forma, ir ao encontro do outro é uma exigência de vida, de crescimento e de reconhecimento. Nesse contexto, Deus pede que o ser se torne realmente ‘humano’, a partir do que já lhe é próprio, a sua liberdade. Segundo Gesché, “aí se encontra um humanismo propriamente inédito”.¹²⁰⁷ Jesus mostra que não adianta reconhecer o obstáculo, é importante ultrapassá-lo, e caminhar em novas direções, transformando os condicionamentos negativos em condições positivas.

Para Gesché, mesmo a morte de cruz tendo sido resultado de uma vida cujas ações procuravam transformar a realidade, e estavam direcionadas para os excluídos, os pobres, os marginalizados, nela Jesus deu-nos a resposta de um caminho para além da realidade: a ressurreição. A lógica dialética da morte e da vida, “venceu a morte pela morte,”¹²⁰⁸ e nos diz que é preciso promover o ‘encontro com a vida’, pois o esforço de superação da morte coloca o ser humano, diante de

¹²⁰⁵ SALZMAN & LAWLER *A pessoa...*, 2012, p.146.

¹²⁰⁶ GESCHÉ. *O Sentido*, p. 43.

¹²⁰⁷ *Ibidem.*, p. 89.

¹²⁰⁸ GESCHÉ. *O Sentido*, p. 91.

Deus. Isto significa que o sofrimento, a miséria, e a violência podem ser transformados em condições favoráveis à revelação de Deus. É necessário, então, denunciá-los com a mesma coragem e fidelidade de Jesus ao projeto do Pai. O caminho é o ser humano, o próprio corpo, marcado e glorificado, nas lutas e nas vitórias.

Cabe ao ser humano buscar a ‘libertação da liberdade’, ou seja, libertação da ‘liberdade acidentada’, ou do “erro que se situa nas origens históricas, não no princípio da criação e da liberdade”.¹²⁰⁹ Isto significa que a liberdade conduz à libertação, que apesar de estar condicionada, presa a sistemas, pode ser reinventada. Uma missão que propõe ‘responsabilidade’ por novas tarefas que venham a surgir durante o processo de libertação.

Para Garcia Rubio, entre as dificuldades do ser humano para responder e vivenciar o ‘sim’ a Deus através de um processo consciente de conversão, encontra-se ‘a sombra’, ou seja, ‘o lado sombrio do ser humano’.

A sombra foi um conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung¹²¹⁰. “É a parte negativa da personalidade, isto é, a soma das propriedades ocultas e desfavoráveis, das funções mal desenvolvidas e dos conteúdos do inconsciente pessoal”¹²¹¹ São os desejos que a pessoa procura negar ou esconder, por estarem fora dos padrões sociais ou morais. Ex: Desejos reprimidos, instintos animais.

No entanto, segundo Garcia Rubio, para Jung é importante confrontar a sombra, não negá-la, pois só a reconhecendo, e a confrontando, ela poderá vir “a expressar-se de maneira construtiva, ou ao menos, de maneira menos negativa”.¹²¹² Se for negada, a ‘sombra’ tenderá a expressar-se destrutivamente, e seu crescimento levará à diminuição da energia da pessoa, pois “o que é deixado para trás, na sombra, pode vir a camuflar-se ainda mais e a voltar-se contra o próprio sujeito”.¹²¹³

¹²⁰⁹ Ibidem., p. 32-33.

¹²¹⁰ Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu conceitos importantíssimos como a personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo, inconsciente coletivo. Entre os inúmeros livros que escreveu, encontram-se: *Estudos psiquiátricos; Estudos experimentais; Psicogênese das doenças mentais; Freud e a psicanálise; Símbolos da transformação; Tipos psicológicos; Psicologia do inconsciente; O eu e o inconsciente; A energia psíquica; e A natureza da psique.*

¹²¹¹ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*, p. 58.

¹²¹² RUBIO, Alfonso Garcia. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*, p. 27.

¹²¹³ Ibidem., p. 27. Cf. Nota 22, WHITMONT, E. C., “A evolução da sombra”, p.39.

Garcia Rubio reforça que para haver o ‘processo de conversão’ é necessário que a pessoa aprenda a se ver como realmente é, pare de fantasiar em termos de perfeição. Reprimir a existência da sombra leva a pessoa a projetar que os outros são ‘maus’, errados. São sempre os outros que devem ser excluídos, condenados, excomungados. “Nossas projeções transformam o mundo a nossa volta num ambiente que mostra a nossa própria face, mesmo que não a reconheçamos como nossa”.¹²¹⁴ Ao se viver isso em comunidade, normalmente a pessoa percebe os outros perturbando a paz, sendo invejosos, levando a pessoa a sofrer, pois não consegue ver a sua sombra, o mal que tem dentro de si mesma. Como consequência surge uma crescente solidão e o fechamento nesse mundo de projeções e decepções. O mesmo pode acontecer em uma comunidade, grupo, ou sociedade, pois é mais fácil projetar que em outros grupos está o mal, para não olhar o que acontece nesse grupo, ou sociedade.

De acordo com Garcia Rúbio, o ser humano possui uma tendência à acomodação que o leva, muitas vezes, a não procurar olhar as suas sombras, de modo a se desenvolver, evoluir, converter-se. Esta tendência é chamada de ‘concupiscência’. Com base em J. L. Segundo, e Teilhard de Chardin, ele apresenta uma importante analogia entre o pecado original e a entropia, na perspectiva evolutiva do ser, indicando que, apesar da concupiscência, o ser humano pode ser transformado qualitativamente.

Segundo a perspectiva evolutiva,

A) A energia básica do universo permanece estável quantitativamente ao longo de toda a evolução (princípio da conservação de energia). Tal é a primeira lei da termodinâmica; B) A energia se conserva, mas quando atua, degrada-se. Existe uma tendência geral à degradação da energia, uma tendência para sínteses mais fáceis e imediatas (segunda lei da termodinâmica; C) A evolução realiza-se deslocando a energia de uma função para outra e concentrando-a; D) Em consequência, a energia é trabalhada por uma dupla tendência: - degradação (conhecida como ‘entropia’) quantitativamente majoritária – concentração (nega-entropia) quantitativamente minoritária; E) Entre as duas tendências, se dá, contudo, uma articulação: a multidão dos menos aptos é utilizada como suporte necessário para o aparecimento de uma síntese superior (matéria inorgânica – matéria viva – sistema nervoso – vida consciente humana).¹²¹⁵

Ao compararmos a perspectiva evolutiva que ocorre nas etapas pré-humanas da evolução com o plano humano, verificaremos que: - A ‘entropia’, ou seja, a

¹²¹⁴ Ibidem., p.28. Cf. Nota 24, WHITMONT, E. C, art. cit., p. 40.

¹²¹⁵ RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade*, p. 655.

‘degradação energética’ ocorre em oposição à evolução, sendo responsável pela tendência a sínteses mais fáceis e imediatas. Ela é quantitativamente dominante, mas pode ser vencida em termos qualitativos pela nega-entropia, e reutilizada em fases superiores de evolução.

Na teoria do pecado original: - a ‘concupiscência’ é a tendência não voluntária ou a tendência que se opõe à libertação do ser humano. Inclina o ser humano ao pecado, levando-o a desejar sínteses imediatas de menos esforço. Esta tendência é dominante quantitativamente, e não foi eliminada pela redenção de Cristo. Entretanto, assim como a entropia pode ser vencida qualitativamente pela nega-entropia, embora quantitativamente a concupiscência continue, ela pode ser “vencida qualitativamente pela ‘redenção de Cristo’ e pela ‘vivência da graça divinizante’; utilizada a serviço da libertação humana”.¹²¹⁶ Só com o amor e a misericórdia de Cristo é possível vencer o mal.

Essa analogia leva-nos ainda a concluir que, no período pré-humano da evolução, o pecado e a libertação já atuavam, pois o universo sempre esteve inclinado a sínteses fáceis. Em relação a isso, J. L. Segundo lembra-nos que, os escritos Joaninos, no Novo Testamento, mostram o pecado tanto em nível pessoal, como na dimensão cósmica - estrutural - universal; e é Cristo, que ilumina, critica este mundo, e salva. Dessa forma, na pessoa de Jesus Cristo está o triunfo qualitativo sobre o quantitativo, embora o ‘mal’ quantitativamente continue. Dessa forma, só “em Cristo e com Cristo, o ser humano tem força para romper o círculo do mundo velho, degradado, que se fecha para viver a síntese mais difícil que em última análise, é o amor”.¹²¹⁷

Garcia Rubio também nos diz que, “do ponto de vista da fé, o que torna o ser humano único entre todas as demais criaturas é ter sido criado para receber Deus”.¹²¹⁸ E por isto mesmo, ele só é completo em Deus. Como dizia Santo Agostinho: “[...] nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós”¹²¹⁹. Dessa maneira, podemos concluir que a ‘especificidade da pessoa humana’ está em ter sido criada por Deus, para Deus, possuindo uma vocação que ultrapassa o humano, e a atrai para Deus, que a dinamiza pelo Seu

¹²¹⁶ Ibidem., 2001, p. 656.

¹²¹⁷ RUBIO. *Unidade na...*, 2001, p. 656. Cf. nota 117, citação do livro de: SEGUNDO, L. Juan. *Teologia aberta para o leigo adulto*, p.53-62.

¹²¹⁸ RUBIO, Alfonso Garcia. *Antropologia*, p.39

¹²¹⁹ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, p.37.

amor. “Dinamismo de amor capaz de unir nela, o humano e o divino”¹²²⁰. Deus ainda dá ao ser humano o livre-arbítrio para decidir o seu caminho. Liberdade através da qual ele escolhe acolher ou não Aquele que o completa, o ama, e deseja tê-lo com Ele; Deus.

Até o início da era cristã o sentido de ‘pessoa’ era embrionário, e o conceito de ‘pessoa humana’ como temos hoje surgiu com o cristianismo. Uma noção baseada na figura real de ‘Jesus’, que por ser considerado, na revelação cristã, filho de Deus, deu ao ser humano, individualmente, um valor absoluto, sendo visto como ‘filho de Deus’ adotivo. Nesta percepção o ‘ser humano’ passou a ser percebido como ‘pessoa humana’, ‘integrada em corpo e espírito.

Na atualidade, o cristianismo ocidental “tem valorizado o caráter dinâmico, histórico e funcional”¹²²¹, afirmando que cada pessoa é criada à imagem e semelhança de Deus. Cada pessoa é “única e irrepitível, distinta dos outros seres humanos, do cosmos e de Deus”¹²²², chamada por Deus a autopossuir sua vida; desenvolver a capacidade de uma escolha livre; “e pensar, sentir, e agir como pessoa, com a sua vocação pessoal”.¹²²³ Embora a graça de Deus seja direcionada a todos, a pessoa a recebe individualmente, e na sua singularidade toma a decisão de acolher ou não a Deus, e como deseja acolhê-lo.

Para Garcia Rubio, a pessoa humana possui diversas dimensões (interiorização e abertura, espiritualidade e corporeidade, razão e afeto) que necessitam ser vividas na unidade para que possa ser ‘um humano integrado’, e como tal dar a sua resposta a Deus. Entretanto, o ser humano pode ser fechado em si mesmo, ter a subjetividade fechada, coisificando e instrumentalizando a sua relação. Este indivíduo, então, quando é religioso, aceita um Deus na medida em que ele responde à sua expectativa. O divino é usado para interesse próprio, e da mesma forma ele utilizará as relações com os seres humanos. “O outro só é aceito quando pode responder às suas necessidades e o seu relacionamento com a natureza também é meramente utilitário. [...] O outro (Deus, homem, mulher, filho) não é aceito como outro”.¹²²⁴

Mas o ser humano pode vivenciar a ‘subjetividade aberta’, e dessa forma vivencia, em sua liberdade, a alteridade. Ou seja, a aceitação e a valorização do

¹²²⁰ RUBIO. Op. cit, 2011, p.40.

¹²²¹ Ibidem., p.249.

¹²²² Ibidem., p.27.

¹²²³ RUBIO. *Antropologia*, 2011, p.28 passim.

¹²²⁴ RUBIO. *Nova evangelização e maturidade afetiva*, p. 22.

outro como outro, na sua diferença. Isto acontece por ele ter superado o medo do diferente, o narcisismo. “Na relação com Deus, a pessoa é capaz de abrir-se à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação,”¹²²⁵ superando a tentação de ter um Deus de acordo com a sua expectativa humana. “Em suas relações interpessoais, é capaz de reconhecer e aceitar a mulher como diferente e vice-versa. O pai e a mãe aceitam o filho e a filha como diferentes, como outros a serem respeitados e valorizados”.¹²²⁶

Para viver, singularmente, a sua especificidade, ‘a pessoa humana’ precisa desenvolver as suas dimensões de forma dinâmica e inter-relacionadas, pois todas as dimensões são importantes e cada ser humano forma uma unidade, como exemplo, citamos: - corporeidade e espiritualidade -, elas precisam estar juntas, seja na relação com o outro, com Deus, consigo mesmo, e com a natureza, pois são dimensões interrelacionadas de uma mesma pessoa, envolvendo todas as outras dimensões. Diante disso, podemos concluir que é importante o ser humano estar integrado para voltar-se a Deus, e encontrar na sua misericórdia e graça divina a ‘nega-entropia’ para transformá-lo.

De acordo com Tavares, a ética cristã nos mostra que o caminho para a transformação do ser humano é a ética de Jesus. É uma mensagem libertadora, revelando em profundidade todo o Amor de Deus por todos os seres humanos.

Para ela:

A ética de Jesus é a ética do mandamento do Amor e das Bem-Aventuranças. Todo ser humano é convidado a assumir em sua vida a dinâmica do amor que transforma que liberta e que ensina a viver melhor encontrando novo sentido em sua existência.¹²²⁷

6.3 Do Mimetismo à misericórdia

O resumo que fizemos de alguns aspectos da antropologia teológica dos autores que escolhemos, mostrou-nos: - A autocomunicação do Deus ‘todo poderoso no Amor’, que na criação, cria e salva o ser humano, dando-lhe a graça e a liberdade, comprometendo-se a estar pessoalmente com ele, antes mesmo do

¹²²⁵ Ibidem., p.24.

¹²²⁶ Ibidem., loc. cit.

¹²²⁷ TAVARES. *Ética...*, 2012, p.87.

pecado acontecer. Promessa que cumpre através de seu filho, Jesus, que encarna, vive e mostra o caminho da misericórdia, e ainda hoje, por meio do Espírito Santo continua a se revelar para cada geração. - O ser humano, criado para se relacionar, para se tornar cocriador, recebedor da graça divina e da liberdade, e que ao pecar, viu seu pecado penetrar e espalhar-se pelo mundo de tal forma que contaminou as diversas sociedades. Até hoje, mesmo depois do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o ser humano tem dificuldade de libertar a sua liberdade, e responder com o seu amor a Deus. Ação que só se é capaz de realizar através da Misericórdia e o amor de Jesus Cristo.

Em vista dessa constatação, perguntamos, então: - Será possível à luz da teologia, na contemporaneidade, em um mundo de estrutura patriarcal, através das reflexões de Girard sobre a teoria mimética, traçar pistas para termos um ser humano que, de forma igualitária, respeite as diferenças entre masculino, feminino, e outros gêneros, e possa viver harmoniosamente suas relações?

Sabemos que existem vários fatores que impedem o humano de vencer o pecado, ou como Gesché fala, de resgatar a sua liberdade, ou ainda Rubio Garcia, vencer qualitativamente a concupiscência. Entre eles, Girard nos aponta o desejo mimético. No capítulo 4 deste trabalho doutoral fizemos a explanação sobre a teoria de René Girard, o que aqui relembremos e buscaremos, em algumas ‘passagens bíblicas’ e na ‘antropologia teológica’, refletir sobre as dificuldades apontadas por Girard, e pensar como a teologia e a sociedade podem se unir em um projeto para acabar com a violência de gênero.

6.3.1

A trajetória do pecado enquanto mimetismo

Inicialmente é importante lembrar que René Girard era historiador e filólogo, e não teve intenção de fazer teologia. As nossas reflexões serão apenas uma tentativa de procurar entender a teoria mimética sob o olhar da teologia, principalmente da Antropologia Teológica. Além das reflexões que fizemos, existem outras que também podem e devem ser trabalhadas, mas devido ao objetivo do trabalho, optamos por escolher as que se encontram abaixo.

No item anterior, constatamos que segundo Rahner, “a natureza do pecado original deve ser entendida corretamente a partir da compreensão do resultado que a culpa de determinado homem ou determinados homens acarreta para a situação

da liberdade de outras pessoas”.¹²²⁸ Dessa forma, devido a todos os seres pertencentes ao ‘gênero humano’ viverem no mundo e na história, com toda a situação originária de liberdade sendo mediada neste mundo; os atos de uma pessoa podem interferir na liberdade de outra pessoa. Com base nessa afirmação, olhando para o mundo ao nosso redor, podemos dizer que, em algum momento, no início da história da humanidade, os atos humanos interferiram negativamente na liberdade do outro, e assim o pecado foi penetrando e se espalhando.

Se retornarmos à história do feminino, no terceiro capítulo deste trabalho doutoral, será possível perceber que na pré-história a mulher era tida quase como ‘deusa’, em algumas épocas até mesmo como ‘deusa’; o sagrado pertencia às deusas. O sangue menstrual, ser mãe, amamentar, e o sangue que a mulher derramava durante e após o parto de seus filhos, assustava ao homem, e ao mesmo tempo a colocava em um alto patamar. Da mesma forma, havia uma visão sagrada em relação aos que tinham características femininas. No entanto, quando o homem descobriu que tinha participação na concepção dos bebês, e que havia a possibilidade de produzir instrumentos e armas, isto lhe deu força e poder, provocando mudanças nas relações existentes. Com o tempo o patriarcado se instalou, e a visão da inferioridade da mulher veio junto com os deuses masculinos, e até mesmo com o Deus forte e todo poderoso. Segundo Tamez¹²²⁹, a imagem preponderante do Deus como homem e pai deve-se a uma sociedade que se fundamentou e girava ao redor desse eixo patriarcal, e ainda hoje é assim.

O sangue passou a ser ligado à impureza, surgindo o medo de entrar em contato com ele. Medo que se refere ao fato de a impureza estar ligada à violência, que sempre vem com o sangue e a morte, surgindo à premissa: “Fora dos sacrifícios rituais, o sangue é impuro”.¹²³⁰

Segundo Girard, a menstruação periódica da mulher impressionava os homens porque a sexualidade estava ligada às mais diversas formas da violência, como o rapto, violação, defloração, sadismo que levavam a dor e ao sangue do parto capaz de levar à morte mãe e filho. Ainda hoje este medo encontra-se introjetado em homens e mulheres. Para Girard, todo desejo é mimético, e isto inclui o desejo sexual que se assemelha a uma energia acumulativa que se for constantemente contida pode causar transtornos, e levar à violência. Para conter esta corrente de

¹²²⁸ MAZZAROLO, Isidoro. *A Bíblia em suas mãos*, p.82.

¹²²⁹ Elza Tamez é teóloga, doutora em Bíblia pela Universidade de Lausanne. Embora seja Mexicana, vive atualmente em Costa Rica, onde foi para poder fazer Faculdade de Teologia. Entre as suas obras citamos: *Descubriendo rostros distintos de Dios*; *Aurora Teología de la liberación y contexto literario*; *Las mujeres en el movimiento de Jesús, el Cristo*.

¹²³⁰ GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*, p.49

desejo sexual e mimético, junto com a violência trazida pela sexualidade, a solução encontrada pelas sociedades era e são os rituais sacrificiais.

Essa transferência do sangue e da sexualidade para a violência veio em detrimento do sexo feminino, com a visão da impureza e da fragilidade da mulher.

Na Bíblia, de acordo com Phyllis Trible¹²³¹, a história de Adão e Eva interpretada pela ‘tradição’ coloca a mulher menos inteligente, frágil, e ao mesmo tempo perigosa e pecadora. Nesta passagem bíblica, a interpretação tradicional traz a complementariedade entre homem e mulher, com a mulher submissa ao homem. Ela é sua ajudante, sua auxiliar. A iniciativa para tê-la como companheira é do homem, e no pecado a mulher é a ambiciosa que o insufla a desobedecer a Deus. Entretanto, a leitura feminista feita por Trible, não percebe a Bíblia como hostil às mulheres, e como já vimos, com detalhes, em nosso terceiro capítulo, a percepção bíblica legitimando a superioridade masculina sobre o feminino não existe para ela: Eva e Adão são iguais aos olhos de Deus. Segundo Trible, “*Adham* is basically androgynous; one creature incorporating two sexes”.¹²³² Só após a mulher ser criada é que o conceito de gênero aparece em Gn 2,23, com duas palavras novas *ish* (macho) e *ishshah* (fêmea), que vem sublinhar uma interrelação e interdependência dos sexos. Inclusive nem *Adham*, e depois de nomeado, *Ish*, parece ter grande autonomia, pois inicialmente Javé tem o comando diante de um *Adham* silencioso, e com a criação de *Ishshah*, a decisão tomada por *Ish* é calcada no que a serpente diz à *ishshah*.

Temos aqui duas interpretações diferentes do texto bíblico que representa o início da humanidade com a criação do homem e da mulher, e o surgimento do pecado. A visão tradicional que vigorou por séculos, marcando ainda hoje, em muitos lugares, a perspectiva de submissão da mulher; e a visão feminina que mostra o primeiro ser humano como andrógino, e depois em igualdade de gênero.

A primeira interpretação traz a percepção patriarcal superior do homem em relação à mulher onde é visível ver, na interpretação, ao se colocar o homem acima da mulher, o desejo mimético de ser o ‘todo poderoso’, o deus, aquele que tudo pode, e a rivalidade como usual em seus relacionamentos. Rivalidade que se desconhece como surgiu, mas que permanece na atualidade, comandando os

¹²³¹ Phyllis Trible nasceu em 1932. É feminista e teóloga biblista. Foi professora da Universidade de Wake Forest, e em 1980 foi nomeada professora de Sagrada Escritura, no Seminário da União. Segundo John J. Collins, "Phyllis Trible, mais do que qualquer outro estudioso, coloca a crítica feminista na agenda da bolsa bíblica na década". Entre seus livros e artigos citamos *Eve and Adam: Genesis 2-3 Reread. Andover Newton Theological School, 1973*.

¹²³² Tradução livre: *adham* é basicamente um andrógino, uma criatura que incorpora dois sexos. Cf. TRIBLE, Phyllis. *Eve and Adam*, p.1.

relacionamentos em geral. Na segunda interpretação, feita na contemporaneidade em uma perspectiva feminista, encontramos a importância de ambos (homem e mulher), e a busca pela igualdade.

Na atualidade os biblistas, de modo geral fazem a interpretação de Gênesis sem discriminar a mulher, procurando mostrar a igualdade para todos. Mesmo quando a mulher não está citada explicitamente, é incluída através da generalização. Como exemplo, trazemos Westermann¹²³³, para quem a semelhança divina do ‘homem’ com Deus não é um quê adicionado ao ‘homem’, mas é o próprio ‘homem’. Não é apenas parte dele, como suas energias espirituais, seu livre arbítrio, sua personalidade, consiste no ‘homem’ enquanto criatura. Citando Barth, diz: “O ‘homem’ não seria ‘homem’ se não fosse também imagem de Deus. Ele é imagem de Deus por ser ‘homem’”¹²³⁴ Ainda cita Bauer: “O fato vale para todos os seres humanos, sem distinção étnica, racial, religiosa ou ideológica”.¹²³⁵ E completa dizendo que “todos gozam da mesma dignidade que decorre da semelhança com Deus. Ela é ainda a razão de ser dos direitos humanos”.¹²³⁶

Mazzarolo¹²³⁷ faz uma explanação interessante e importante em relação a Adão e Eva. Trata-se de um texto dentro de um livro de sabedoria e não de história, com personagens não históricos, mas representativos. Na época em que foi escrito o povo hebreu estava no exílio da Babilônia, e o texto parece projetar a saudade de um passado possível ou pelo menos projetado. Pode também ter sido uma forma utópica de pregação mostrando a possibilidade de mudança, a fim de se construir um mundo sem tanta violência, capaz de permitir a todos serem o que são: “imagem e semelhança de Deus”.¹²³⁸

O paraíso bíblico¹²³⁹ seria uma utopia a ser realizada que devido às imperfeições e injustiças está longe de ser vivida, pois o mundo que se apresenta

¹²³³ Claus Westermann, de (7 October 1909 – 11 June 2000) Alemão, pastor protestante, foi professor da University of Heidelberg. É considerado um dos principais estudiosos do antigo testamento do século XX.

¹²³⁴ WESTERMANN, Claus. Teologia do Antigo Testamento, p.84 Citando K. Barth, KD III, 1 106s.

¹²³⁵ Ibidem., loc. cit. Citação de J Bauer (ed), Zum Thema Menschenrechte, 1977.

¹²³⁶ Ibidem., loc. cit.

¹²³⁷ Isidoro Mazzarolo nasceu em Veranópolis, serra gaúcha, capital brasileira da longevidade, 16/07/1953. cursou filosofia na Universidade de Caxias do Sul/RS (1976) e o bacharelado em teologia na PUC-RS (1980). É mestre em exegese bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma (1986) e doutor em teologia bíblica pela PUC-Rio (1992); PhD em exegese bíblica pela École Biblique et Archéologique de Jérusalem (1996). Atualmente é professor na PUC-Porto Alegre. Possui diversos livros: *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia; Primeira e Segunda Cartas aos Tessalonicenses; Cartas de Tiago e Judas, exegese e comentário; Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo; Jesus e a Física Quântica.*

¹²³⁸ BÍBLIA, 2006, Gn 1,27.

¹²³⁹ Ibidem., Is. 65,17;66,22.

possui muitos filhos de Deus afastados “do seu direito de viver, devido à exploração de seu trabalho e da sua dignidade”.¹²⁴⁰ Para este autor, a liberdade humana é o principal fator de semelhança a Deus, através do qual pode reger a sua trajetória e governar-se”.¹²⁴¹ Com base nesta liberdade, Deus permitiu aos seus filhos fazerem o que desejassem, mas proibiu tocar nos frutos da “árvore que está no centro de jardim”¹²⁴² Para Mazzarolo, a árvore da ciência ou a árvore do centro do jardim não significa uma questão de conhecimento divino, mas uma questão de limite. O outro é a medida limite.

A partir dessa premissa cabe a cada ser humano se abrir para a partilha e para relacionamentos harmoniosos, onde ninguém possa vir a se julgar melhor ou maior que o outro, nem violar o espaço da sua individualidade.

A serpente significa a força maligna do mau conselho¹²⁴³. “É a tentação constante, que ainda hoje se repete, de eliminar o ‘outro’ usando todos os meios, desde os mais simples e ingênuos até os mais sofisticados da criminalidade”.¹²⁴⁴ Segundo Mazzarolo, ser igual aos deuses significa tomar posse do ‘outro’, ter o mesmo direito dos deuses sobre o ser humano. A desobediência de Adão e Eva foi comer o fruto da árvore do meio do jardim, o que representa invadir o espaço do outro, sua individualidade. No relato da Árvore da vida podemos notar que o ‘outro’ é propriedade exclusiva de Deus.

Segundo Girard, no A.T., no livro de Gênesis já encontramos o mimetismo presente. A história de Adão e Eva é uma cadeia mimética evidente, e mostra o desejo marcante do ser humano que vem acontecendo desde o início da humanidade; o poder. ‘Eu posso, eu quero o que você tem, e eu pego’.

Do mesmo modo, diz Girard, temos a presença da inveja no assassinato de Abel. Como vimos no quarto capítulo, ciúme, inveja e ódio são gerados pelo ressentimento, e por trás desses sentimentos encontra-se escondida a ‘mimeses do desejo’ e ‘as rivalidades’ que surgem da ‘triangularidade’. Dessa forma, o ciúme e a inveja são direcionados a uma terceira pessoa: o objeto. Podemos aqui também lembrar a passagem, em 2 Samuel, quando Davi manda colocar Urias na frente das tropas, para ele morrer e Davi ficar com sua mulher.¹²⁴⁵

¹²⁴⁰ MAZZAROLO. *A Bíblia em suas mãos*, p.82-83.

¹²⁴¹ *Ibidem.*, p. 83.

¹²⁴² BÍBLIA, 2006, Gn, 3,3.

¹²⁴³ *Ibidem.*, Jo 18,14.

¹²⁴⁴ *Ibidem.*, Gn 3,1-13.

¹²⁴⁵ *Ibidem.*, 2 Samuel 11, 2-27

De modo geral, as relações triangulares rivalísticas pessoais ocorrem em um grupo social. Inicialmente a rivalidade pode ocorrer em uma relação pessoal, afetando apenas o sujeito e seu modelo, com consequências limitadas, mas dependendo do que esteja acontecendo no grupo social ao qual pertencem, de acordo com os sucessos e as frustrações que vivam, essas relações conflitivas podem se expandir, havendo mais e mais rivalidades e conflitos. Segundo Girard esses conflitos precisam ter uma forma de controle institucional para que não haja desintegração social. Inúmeras sociedades arcaicas foram destruídas por não conseguirem acabar com a ‘espiral da violência’, por não possuírem leis que pudessem impedir que as rivalidades provocadas pelo desejo mimético se espalhassem, e utilizaram-se do ‘bode expiatório’ para trazer novamente a paz à sociedade, antes que elas se dizimassem.

O bode expiatório é alguém não pertencente ao grupo, ou alguém considerado como aquele que subverte a lei, sendo demonizado, e quando um grupo ou sociedade se encontra em alto nível de rivalidade, procurando conter a agressividade, coloca no bode expiatório a sua válvula de escape. A morte da vítima sacrificial, sempre ligada ao sagrado, traz novamente a paz tanto no plano individual como no coletivo, e a sociedade volta a estar ligada em prol de uma causa comum. Os ritos sacrificiais surgiram com este intuito.

Nas sociedades arcaicas, o deus era visto sempre como culpado, mau, perigoso, e maldoso. Na Bíblia, na passagem em que Abraão sacrifica o carneiro em vez do filho, podemos perceber que vai havendo uma mudança na visão de Deus, pois é Ele que mostra não desejar o sacrifício do filho de Abraão, e a partir de então, o sacrifício de seres humanos começou a ser substituído por animais. “Então levantou Abraão os seus olhos e olhou; e eis um carneiro detrás dele, travado pelos seus chifres, num mato; e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho”.¹²⁴⁶

Segundo Girard, quando em Gênesis diz que o sacrifício de Abel e não de Caim foi aceito por Deus, em outras palavras já está se dizendo que Caim mata o irmão e Abel não. “O carneiro primogênito morto por Abel era uma vítima sacrificial que aplacava a violência de Abel”.¹²⁴⁷ Ele teve um substituto para desviar a raiva do irmão, uma válvula de escape importante que Caim não teve, então, este mata o irmão. Como Caim permanece vivo, esta inversão sacrificial vai criar um

¹²⁴⁶ BÍBLIA..., 2006, Gn 22,13.

¹²⁴⁷ REYES, Júlia. *A vítima expiatória redescoberta*

novo modelo na história da humanidade, embora o mimetismo permanecesse. Caim matou, mas não foi permitido matar Caim.

A inveja é uma característica da presença do mimetismo, que facilmente se proliferou, pois, imediatamente depois do assassinato de Abel, a lei contra o assassinato foi criada: ‘aquele que mata será punido sete vezes’. Para Girard, essa lei representa a fundação da cultura, a pena capital no qual o assassinato original se repete, com todos tomando parte nele, e ninguém sendo o responsável.

Na passagem bíblica da bênção de Jacó por seu pai Isaac,¹²⁴⁸ Girard nos diz que o texto bíblico “pretende revelar um fenômeno de substituição”.¹²⁴⁹ E na história de Jó, Girard entende que ele teria sido a primeira vítima expiatória do Antigo Testamento, embora não tivesse se intimidado diante de seus perseguidores, exigindo justiça, e no fim ainda reagindo e pedindo um encontro com Deus para provar a sua inocência. É possível ver neste texto o mecanismo do ‘bode expiatório’ que só não se concretiza porque Jó conseguiu provar a sua inocência.

Apesar de Girard considerar o sacrifício eficaz, para ele, o mecanismo do bode expiatório vai perdendo sua razão de ser, embora ainda hoje esteja presente de várias maneiras. “O sacrifício é a instituição primordial da cultura humana. Ele está enraizado no mimetismo”.¹²⁵⁰ Razão pela qual o sangue é o elemento primordial em um sacrifício.

Em Israel os rituais sacrificiais eram tão importantes que havia 3 tipos:

1- a oferenda das primícias e dos primogênitos, no qual os primogênitos eram substituídos por um animal. Sacrifício que vemos ligado à substituição de Isaac pelo animal no sacrifício de Abraão. 2- Holocaustos e sacrifícios de comunhão, com ritos de louvor, e oferecimentos de animais. 3 – O sacrifício pelos pecados e reparação.¹²⁵¹ Este último muito criticado pelos profetas que diziam esta não ser a vontade de Deus, pois “Deus quer misericórdia e obediência”.¹²⁵²

Para Girard, o último mandamento do Decálogo: “não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento”,¹²⁵³ está enumerando os objetos que não devem ser desejados por um ser humano em relação

¹²⁴⁸ BÍBLIA..., 2006, Gn 27,1-29.

¹²⁴⁹ GIRARD. *A violência e...*, 2008, p.17.

¹²⁵⁰ GIRARD, René. *O Sacrifício*, p. 93- 94.

¹²⁵¹ BARROS, Marcelo. *Entre o ser e o não ser*.

¹²⁵² BÍBLIA..., Op. cit, Dt. 26, 1; Ex. 13, 11- 16; Lv. 3; Lv.7, 11- 15; Lv. 4, 1 – 5, 26 ; Os. 6, 6; Mq. 6, 6- 8, Jr.7.

¹²⁵³ BÍBLIA..., 2006, Ex. 20,17.

ao outro, e que são comuns ao ‘desejo mimético’. Ao denominar o próximo, já está se estendendo àqueles que o triângulo atinge.

Como já vimos anteriormente, a rivalidade e os obstáculos surgem na vida das pessoas ocasionados pela imitação do desejo. Para Girard, o ‘desejo’ é a própria ‘crise mimética’, e o máximo da rivalidade entre as pessoas. Em qualquer atividade privada, “desde o erotismo à ambição profissional ou intelectual”¹²⁵⁴ o desejo está presente.

O ‘desejo é mimético’, portanto não é inato, pois surge do desejo de outro. Isto significa que o desejo não é uma escolha, mas algo ligado à perspectiva do desejo não pertencer à própria pessoa, e estar baseado no ‘outro’, na relação sujeito - modelo/ mediador. O menino imita o pai tendo-o como modelo, dessa forma, este pai pode ser violento ou não, e na perspectiva com que ele percebe as pessoas, principalmente, os relacionamentos ligados ao feminino, isto interferirá em seu julgamento, e poderá levar a criança pelo mimetismo a exercer a violência de gênero. Por exemplo, o menino, mesmo quando sofre ao ver o pai realizar algum tipo de violência com a mãe, é comum repetir o mesmo comportamento em seus relacionamentos futuros. Na base de seus relacionamentos haverá não só a desigualdade de percepção da mulher, mas o mimetismo que poderá leva-lo à violência.

A desvalorização da mulher e o preconceito em relação aos homossexuais, às transexuais, de modo geral começam na família, escola e igreja. São resultados da forma como pensam e agem seus ‘modelos’: pais, professores, padres, pastores, enfim, todos que eram importantes para eles. Todo referencial positivo ou negativo sobre alguém ou alguma coisa é introjetado, e no futuro a violência se realiza, sem que o sujeito identifique a razão da hostilidade e da violência que dirige ao outro. Podemos até dizer que a morte de homossexuais, travestis e transexuais por grupos de extermínio ou mesmo por pessoas isoladas, possuem características de ‘vítimas sacrificiais’.

O ser humano pensa ser totalmente livre, mas seus condicionamentos o cerceiam de muitas formas. A liberdade humana encontra-se condicionada pelo pecado que perpassa o tempo, contaminando e avançando em direção ao futuro.

¹²⁵⁴ GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, p.338.

Garcia Rúbio aborda o pecado em uma perspectiva evolutiva, mostrando que segundo J. L. Segundo, nossa dificuldade de transformar, de mudar é proveniente da entropia ou degradação energética, que analogicamente seria a ‘concupiscência’, na doutrina tradicional do pecado. Como todo ser humano a possui, é levado a se acomodar, e não se importar em mudar, evoluir. Para Garcia Rúbio, só através da ‘nega-entropia’ é possível vencer a ‘entropia’, e a evolução seguir o seu curso. O que corresponde a dizer que, embora a concupiscência quantitativamente não acabe, “pode ser vencida qualitativamente pela redenção de Jesus Cristo, e pela vivência da graça divinizante, utilizada a serviço da libertação humana”.¹²⁵⁵ Dessa forma, podemos dizer que só pela aproximação de Cristo, pela vivência do seu seguimento, o ser humano que vive impulsionado pelo desejo mimético, terá condições de vencê-lo, e como tal quebrar a cadeia de violência.

Em nossa cultura, a ‘violência de gênero’ está tão impregnada, que pode ser confundida com algo natural, e a ‘entropia’ ou ‘concupiscência’ faz com que as pessoas sintam que não há solução, não há como mudar, e pensem: - ‘A mulher sempre foi tratada desta maneira, porque modificar?’ - ‘O grupo LGBTTI sempre recebeu piadas, foi ridicularizado, e não faz mal eu também rir e debochar. ’ - ‘O meu bisavô agia assim, o meu avô, o meu pai, os amigos do meu pai, os meus amigos. Enfim, esse é o comportamento que a sociedade espera de mim, e é assim que também preciso agir para mostrar a minha masculinidade’-. Dessa forma, muitos relacionamentos já começam impregnados de preconceitos, de percepções deturpadas, e a violência devido ao mimetismo se normatiza. Dentro deste contexto encontramos líderes políticos e religiosos, que com justificativas calcadas na vontade de Deus, realizam discursos e agem focalizando a submissão da mulher, a dominação do homem sobre ela, e o quanto o grupo LGBTTI é abominável, e não podem ter os mesmos direitos dos demais cidadãos. Discursos que fomentam o ódio e a violência de gênero, sem que seus autores percebam o mal gerado pelas suas palavras e ações miméticas que também geram mimetismo. Ações impregnadas de ‘violência’ e percebidas como ‘necessária’ e ‘corretiva’ por quem o faz.

Segundo Rahner, o pecado acontece quando no exercício da liberdade transcendental diz-se objetivamente ‘não’ a Deus, e isto poderá levar a ações deliberadamente violentas contra a mulher e o grupo LGBTI, como forma de externar ‘poder’, ‘sadismo’. O que ainda poderá ser questionado se estes atos são

¹²⁵⁵ RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade*, p.656.

realmente uma negativa a Deus, dada com liberdade, ou por mimetismo, condicionamento, doença. Pois mesmo quando a postura fundamental é de ‘sim’ a Deus, diversas ações categoriais podem estar contrárias à misericórdia de Deus, por estar o ser humano influenciado pela cultura, pelos discursos religiosos, e pela sua história de vida, levando-o a acreditar que seus atos violentos contra esses dois grupos sejam aceitáveis.

Parece que a grande dificuldade em relação à ‘violência de gênero’ encontra-se no fato de que estes atos, apesar de negativos, violentos, e criminosos, não parecem ser percebidos como pecado, devido a uma cultura sexista, fruto do patriarcalismo, que ainda traz o homem como padrão de ser humano, e como tal exerce a dominação social sobre a mulher.

Para Beattie,¹²⁵⁶ a violência de gênero está vinculada à inferioridade dada ao sexo feminino, a autodivinização do sexo masculino, e a exclusão da mulher de sua semelhança a Deus, levando-a a ‘não pessoalidade’. Para ela, “it is the first consequence of the fall and marks the beginning of patriarchy”.¹²⁵⁷

De acordo com Garcia Rubio, a visão do ser humano em relação a si e ao outro influencia as suas relações, inclusive na vivência das dimensões básicas sociais e da fé cristã. É possível a subjetividade estar aberta a determinados aspectos e fechada em relação a outros. Para vivermos na integridade todas as dimensões, faz-se necessário estar atento às dificuldades que as pessoas e grupos possuem. Por exemplo, uma comunidade eclesial pode desenvolver a sensibilidade para a oração, para as celebrações litúrgicas, devoções, e ao mesmo tempo não enxergar a existência da violência de gênero naquela comunidade, desde a estruturação e organização da comunidade que deixam as mulheres de lado nas decisões, dando as principais coordenações aos homens, ou aos casais, mas sempre com a necessidade da presença masculina. O mesmo acontecendo com as pessoas que têm características femininas. Os membros da comunidade tão fervorosos em suas orações, que tanto falam de amor, e misericórdia agem contra elas, marginalizando, excluindo-as e aos membros que procuram reagir às injustiças ali presentes.

Como diz Tamez, o patriarcado é uma organização social hierárquica, estruturada pelo gênero masculino, que por séculos tem levado à violência de

¹²⁵⁶ A biografia de Tina Beattie encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹²⁵⁷ Tradução livre: “É a primeira consequência da queda e marca o início do patriarcado”. Cf. BEATTIE, Tina. *God’s mother. Eve’s Advocate*, p.126.

gênero. Trata-se de uma organização difícil de ser transformada, pois está no cerne das sociedades, sendo os próprios homens que, de modo geral, governam e legislam as sociedades, e o fazem em favor da continuidade estrutural.

Como exemplo, cito os programas que surgem, com o apoio da ONU¹²⁵⁸, da OMS¹²⁵⁹, que objetivam a ‘igualdade de gênero’, e o ‘respeito ao diferente’, através de uma educação que estimule o respeito e a aceitação da igualdade de gênero. Imediatamente vários grupos se organizam, e de modo geral, levam ao descrédito os responsáveis pelos programas, como no caso dos ‘estudos de gênero’, chamados por estes grupos de ‘ideologia de gênero’, generalizando, desprestigiando, e até ridicularizando os profissionais que se dedicam a este estudo. Algo tão forte que envolve setores importantes da sociedade, como grupos pertencentes às igrejas cristãs, cujos argumentos não acompanham ao desenvolvimento das ciências e da realidade que envolve os atingidos, misturando ideologias políticas com a questão de gênero. Entretanto, esses grupos são credibilizados pelos que têm poder decisório; em sua maioria homens que desejam manter a estrutura familiar na qual os filhos e a mulher são submissos ao pai. De acordo com os bispos da Igreja Católica dos Estados Unidos da América “os homens que abusam das mulheres chegam a se convencer ter o direito de fazê-lo [...] e outros mantêm o critério da inferioridade da mulher [...], acreditando que ser homem significa dominar e controlar a mulher”.¹²⁶⁰

No Brasil não é diferente, diversos setores mostram-se assustados com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade em relação ao discurso social de ‘igualdade de gênero’, e o ‘respeito ao diferente’. Nesses setores, encontram-se grande parte das igrejas cristãs e católica, que procuram impedir qualquer ação educacional neste sentido, com a justificativa que este tipo de educação destruirá a família. Foi o que aconteceu com o Plano Nacional de Educação, e agora com os planos estaduais e municipais, que tiveram retiradas as palavras ‘gênero’ e ‘orientação sexual’, com a argumentação de que este tema não deve ser abordado nas escolas, mas com os pais e mães, nas próprias residências dos alunos. Importante lembrar que no Brasil, como vimos no terceiro capítulo, a ‘violência de

¹²⁵⁸ ONU - Organização das Nações Unidas.

¹²⁵⁹ OMS – Organização Mundial de Saúde.

¹²⁶⁰ TÁMEZ, Elsa. *Religião, gênero e violência*, p.154.

gênero’ possui altos índices, com meninas sendo estupradas, casando, e engravidando muito cedo: “No Brasil, em 2011, 25 mil meninas entre 10 e 14 anos deram à luz”.¹²⁶¹ Muitas dessas meninas foram estupradas dentro da própria casa, pelos pais, padrastos, namorados das mães, ou outros membros da família, “70% das vítimas de estupro no Brasil são crianças e adolescentes”.¹²⁶² Da mesma forma vimos o alto índice de violência contra o grupo LGBTTI, através do bullying que ocorre na escola, na igreja, ou na própria casa, levando-o inclusive ao suicídio: “Estudante de 12 anos comete suicídio em Vitória após sofrer bullying na escola”¹²⁶³

A violência de gênero não é realizada só por pessoas marginais, ou que conscientemente disseram ‘não’ a Deus. Na realidade, esta violência é feita, na maioria das vezes, por indivíduos que se percebem e são percebidos como bons cidadãos, cristãos, amorosos pais de família, e justificam seus atos colocando a culpa na mulher ou no grupo LGBTTI, e acreditam que por serem homens, tudo podem. Como exemplo trarei o caso do ator José Mayer, que assediou sexualmente uma colega de trabalho na TV Globo; a figurinista Suslem Tonani. Este ator não só a constrangeu com palavras que a envergonharam, mas tocou em suas partes íntimas sem permissão. Entretanto, ele afirmou ter sido apenas uma brincadeira. Tonani o denunciou ao Rh da Rede Globo, além de colocar nas redes sociais da internet, e o ator acabou sendo afastado da emissora, e pressionado, publicamente a pedir desculpas. Em sua carta de desculpas, Mayer explica seus atos como ‘fruto de uma época’. “Tristemente, sou sim fruto de uma geração que aprendeu, erradamente, que atitudes machistas, invasivas e abusivas podem ser disfarçadas de brincadeiras ou piadas. Não podem. Não são”.¹²⁶⁴

Como diz Rahner, pecar é uma possibilidade que acompanha o ser humano, e é uma ameaça permanente “e jamais superável”,¹²⁶⁵ pois temos a liberdade. Mas se o Deus cristão é amor, a violência não faz parte de Deus. Ela vem do ser humano, embora, segundo Girard, não seja inata, mas faça parte de uma cadeia mimética difícil de interromper, que pode estar entre as ações consequentes do que Garcia Rubio coloca como ‘sombra’. “O lado escuro existente em todo ser humano e em

¹²⁶¹ GLOBO NEWS. *Número de adolescentes grávidas chega a 7,3 milhões, aponta ONU.*

¹²⁶² O POPULAR. *70% das vítimas de estupro no Brasil são crianças e adolescentes.*

¹²⁶³ GGN. *Estudante de 12 anos comete suicídio em Vitória após sofrer bullying na escola.*

¹²⁶⁴ EXTRA. *Acusado de assédio, José Mayer admite em carta que errou e pede desculpas.*

¹²⁶⁵ RAHNER, *Curso...*, p. 131.

todas as coletividades”.¹²⁶⁶ A sombra “representa as características que a personalidade consciente recusa-se a admitir e, portanto, negligencia, esquece e enterra [...] até redescobri-las em confrontos desagradáveis com os outros”.¹²⁶⁷

Talvez na grande maioria das vezes desconheça-se a razão porque se age desta ou daquela maneira. Por que se é agressivo com alguém, quais os desejos miméticos que estão reprimidos, e como quebrar esta cadeia mimética, ou parar de transformar grupos que diferem do padrão em vítimas expiatórias. A subjetividade é muito forte em nossas vidas, sendo mais fácil colocar a culpa nos outros do que olhar para dentro de si ou da sociedade em que se vive. Como exemplo, volto a citar o medo de certos grupos de se debater ‘Gênero’ nas escolas, com a justificativa de que este tema possa levar à destruição das famílias; ou que meninas e meninos tornar-se-ão gays. Parece aqui que poderia se pensar na dificuldade de olhar a ‘sombra’ existente em algumas pessoas, projetando no outro as suas dificuldades, ou em olhar a sociedade, e verificar que as famílias podem ser destruídas não por falar de um assunto polêmico, mas pelos relacionamentos rivalistas, violentos, sem respeito e sem amor existentes e crescentes na sociedade. Segundo Garcia Rubio, para que se viva na integração da personalidade e, venhamos a realizar um processo de transformação ou de conversão, é importante a pessoa procurar conhecer a sua realidade, perceber as suas imperfeições e não se enganar, pensando ser o que não é. Desse conhecimento, embora jamais o ser humano possa vir a se conhecer totalmente, ele poderá tomar consciência de suas fraquezas, e riquezas para que através da sua livre vontade, venha a se abrir à força do amor de Deus, a fim de impedir que sua vida seja regida pelo desejo mimético ou venha a criar vítimas sacrificiais.

A Antropologia Teológica mostra-nos que embora o mal não seja constitutivo de uma pessoa, ele penetrou no mundo através do ser humano e a tendência a sínteses mais simples o mantém, e só o amor de Cristo pode vencê-lo. Para Girard, o desejo mimético leva à violência, e o caminho para romper a cadeia mimética, já foi mostrado pelo cristianismo. Porém, nem mesmo o cristão acreditou e seguiu o caminho do Deus cristão, amoroso, e misericordioso.

¹²⁶⁶ RUBIO, Alfonso Garcia. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*, p. 23.

¹²⁶⁷ *Ibidem.*, p.24. Referente a citação da nota 13. ZWEIG, C-ABRAMS,J. “ O lado da sombra na vida cotidiana”, p.17.

6.3.2

A misericórdia do Deus Cristão vencendo a cadeia mimética

Em todas as sociedades o desejo mimético existe, e com ele a crise mimética tem aumentado, devido à falta de recursos catárticos. É através do mimetismo que a cultura e seus comportamentos são adquiridos. Nele está fundamentado “aprendizagem, educação, iniciação,”¹²⁶⁸ e embora este faça parte da aprendizagem, a criança precisa ser sempre orientada para que também aprenda a diferença das condutas que deve ou não imitar para que não chegue a rivalidade. Na Bíblia, no livro de Provérbios, encontramos: “Filho meu, não te ponhas a caminho com eles; desvia o teu pé das suas veredas; porque os seus pés correm para o mal, e se apressam a derramar sangue”.¹²⁶⁹ Para Alison¹²⁷⁰, segundo Girard embora todo desejo seja mimético, ele pode levar à ‘rivalidade’ ou não. O importante, então, é desenvolver o desejo pacífico/criador, sem rivalidade, e trabalharmos para o desenvolvimento da outra pessoa, não permitindo que surja a rivalidade. “O desejo possessivo ou rivalístico é o comum, e a grande dificuldade encontra-se em termos a possibilidade de uma emulação¹²⁷¹, uma imitação não rivalística”.¹²⁷² Para Girard, as relações rivalísticas ou não rivalísticas podem acontecer, independente de gênero, e da orientação sexual de uma pessoa. O que interfere nas relações é a percepção que cada um tem do outro, e de si, a consciência ou não da tendência que existe em cada pessoa de produzir relacionamentos rivalísticos, procurando conscientemente desenvolver o desejo pacífico, criador, sem rivalidade.

No Novo Testamento, Jesus, dá-nos essa perspectiva. Na sua concepção, nascimento, vida, paixão, morte e ressurreição, encontra-se a possibilidade de se vivenciar uma nova perspectiva de vida, fora da violência mimética, e das vítimas sacrificiais. A partir de Jesus novas propostas de relacionamentos podem ser feitas com a possibilidade de se incluir a ‘tod@s’. Tem-se um modelo de ser humano,

¹²⁶⁸ GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, p.339

¹²⁶⁹ BÍBLIA, 2006, Prov 1,15,16

¹²⁷⁰ A biografia de James Alison encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹²⁷¹ *Emulação* - Sentimento que leva ao zelo e à atividade para igualar os outros no que é bom. Cf. HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

¹²⁷² ALISON, James. *Uma fé para além do ressentimento*.

integrado, aberto ao outro, cujas ações são voltadas para o mais necessitado, colocando as necessidades e a misericórdia acima das regras e leis religiosas.

Na concepção virginal de Maria vemos uma ausência total de mimetismos violentos, havendo a separação entre ‘divindade e violência’, ‘religião e violência’. Como indica Girard, os evangelhos apontam a partir da concepção virginal de Maria, o caminho da ‘não violência’. Nele podemos ver a ‘divindade’ respondendo à ‘violência’ com a não violência, o que acontece, ‘da concepção à ressurreição de Jesus’.

As ações de Jesus não seguem a cadeia do desejo mimético, e no uso da sua liberdade, ele busca força no Pai, procurando estar sempre em constante oração para, seguindo a sua vontade, não entrar na cadeia mimética, e apontar quais os mimetismos e rituais sacrificiais realizados pelos que estavam no ‘poder’ em detrimento dos mais fracos. Em Jesus encontramos o caminho que deve ser seguido pelo ser humano para vencer o pecado, para o resgate de sua liberdade, de modo a irmos ter relações baseadas na igualdade, no respeito ao outro, trilhando o caminho para, como ele, Jesus, ser capaz de vencer o pecado, vencer a morte, nem que seja, como disse Gesché sobre Jesus: “venceu a morte pela morte”.¹²⁷³

Nos evangelhos encontramos a denuncia de que Jesus foi vítima sacrificial, mas diferente do que sempre aconteceu. Esses textos não clamam por vingança, ao contrário, dizem com toda clareza que Deus não quer sacrifícios, mas misericórdia.

Beattie nos mostra que Luce Irigaray encontra no ‘nascimento virginal’ uma forma de relação entre o divino e as mulheres, não existente antes, uma relação baseada no amor. O Novo Testamento traz uma valorização tão grande das mulheres por Jesus que podemos considerar, dentro do contexto da época, que ele realizou uma verdadeira revolução. As mulheres estão em todos os momentos-chaves da vida e do ministério de Jesus, como participantes, e testemunhas: da concepção até a ressurreição, e ascensão aos céus. Jesus não fez qualquer discriminação, não excluiu ninguém, nem mesmo aquele que o trairia. O mesmo acontecendo com os que tinham características femininas, como nos sugere Pikaza, ao reinterpretar¹²⁷⁴ a passagem do ‘servo amante do centurião’.¹²⁷⁵

Olhando para Jesus é possível compreender a importância de se vivenciar a unidade das dimensões existentes em cada ser humano, entre elas, ‘corporeidade e espiritualidade’, para que através da liberdade transcendental seja possível

¹²⁷³ GESCHÉ. *O Sentido*, p. 91.

¹²⁷⁴ PIKAZA, Xavier. *Jesus cura o...*, 2009.

¹²⁷⁵ BÍBLIA..., 2006, Mt 8:5-13 e Lc 7:1-10.

responder de forma consciente e positiva ao Deus do amor. Procurar conhecer as sombras capazes de levar a concretização do desejo mimético à violência, ao desprezo, ao preconceito, à eliminação do outro, para que essa conscientização ajude na libertação das amarras.

Girard identifica o ‘desejo mimético’ com o que a Bíblia chama de Satanás, e nós podemos identifica-lo como ‘mal’. Reconhece a percepção de dois tipos de violência: - a violência sacrificial’, na qual se percebe o mal como o demônio vindo para agir contra a pessoa; - e a violência ‘não sacrificial’, onde se reconhece o mal dentro da própria pessoa. Importantíssimo entender esta diferença, pois sem ela, a violência se propaga.

Quem percebe o mal fora de si, normalmente coloca a culpa de todos os dissabores, inclusive da violência, em Satanás, e somente os rituais sacrificiais podem aliviar a tensão.

Para Mauleon,¹²⁷⁶ nos rituais sacrificiais das civilizações arcaicas matava-se em nome de Deus ou deuses para obter o que se desejava, e a salvação. Na atualidade, no auge da secularização, a dinâmica não muda, pois se mata em nome da pátria ou de outro referencial que se sacralizou. “A lógica do sacrifício não mudou, e podemos vê-la acentuada nos campos da política e da economia”.¹²⁷⁷ Esse autor cita como exemplos sacrificiais, a prática nazista e o atual jihadismo.

Para quem percebe o ‘mal e o bem’ dentro de si, percebendo-o como o ‘joio e o trigo’ existente em si e em cada pessoa, há maior possibilidade de se conscientizar e reconhecer a existência do mimetismo que leva à violência, e que cada pessoa é a responsável pelo rumo que tomará o seu desejo mimético. Como diz Rahner, o relacionamento com o Transcendente poderá ser negado, ou vivenciado na superficialidade ou em profundidade. Segundo Garcia Rubio, só será possível vencer a tendência ao conformismo, à vontade de deixar as coisas como estão, de permitir que o desejo seja repleto de rivalidade e violência, através da força do amor e da misericórdia de Cristo, respondendo à violência, sem violência.

A ‘conversão’ que Girard, por muito tempo, indicou como solução, não parecia mais crível nos últimos tempos de sua vida, pois, para ele, a conversão só acontece se a pessoa aceitar os limites da ‘mediação externa’, com leis e regras que

¹²⁷⁶ Xabier Etxeberria Mauleon é espanhol, professor emérito da Universidad de Deusto – Espanha e doutor em Filosofia pela mesma universidade. Entre suas publicações estão *La educación para la paz reconfigurada. La perspectiva de las víctimas* (Madri: Ed. Catarata, 2013) e *La construcción de la memoria social: el lugar de las víctimas* (Santiago de Chile: Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, 2013).

¹²⁷⁷ MAULEON, Xabier E. *A prática do sacrifício, hoje, é a prática da barbárie.*

levem ao reconhecimento da necessidade de se renunciar ao objeto do desejo para não haver a cadeia mimética. Entretanto, “em um mundo dominado pela mediação interna, tal opção se encontra cada dia mais distante”.¹²⁷⁸

Mas é preciso conhecer os riscos do mimetismo, e o cristão precisa mostrar-se como alguém que atingiu a maioria usando a consciência para buscar soluções, mesmo que elas fujam da tradição eclesial, de modo que possa haver uma verdadeira identificação com o outro, relacionando-se sem rivalidades.

Nesse sentido é importante lembrar que o amor a Deus passa pelo próximo, não sendo possível amar a Deus, e odiar o próximo. “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”¹²⁷⁹

Como já dissemos, quem ama, cuida, não maltrata, não espanca, não exclui, não mata. Jesus em sua vida pública sempre esteve ao lado dos que sofriam, dos marginalizados, dos excluídos, comendo com eles, perdoando, curando, incluindo-os na sociedade. E como tal é missão do cristão, seguir as palavras e ações de Jesus.

A partir da concepção virginal de Maria, do nascimento de Jesus, e do sacerdócio de Maria, é possível perceber a ação da divindade agindo sem violência. A figura de Maria é importantíssima, nesta trajetória, pois como revelava Agostinho, simbolicamente, ela é o resgatado de todas as mulheres. Se a morte veio por uma mulher, a vida renasceu através de uma mulher. “The birth of the Lord encouraged each to hope for salvation. The male sex is honored in the flesh of Christ; the female is honored in the mother of Christ. The serpent's cunning has been defeated by the grace of Jesus Christ!”¹²⁸⁰

Em relação a isso, Bingemer nos diz que as mulheres são privilegiadas, pois trazem em si o sacramento do amor que dá vida. Elas podem ser as próprias expressões usadas, tanto na ‘transubstanciação’ como na ‘presença real’, pois antropologicamente, possuem em seu próprio corpo a possibilidade de compreender a divina eucaristia. “Durante o processo de gestação, parturição, proteção e nutrição

¹²⁷⁸ GIRARD, René. *René Girard e o desejo mimético*.

¹²⁷⁹ BÍBLIA, 2006, 1 Jo 4,20.

¹²⁸⁰ Tradução livre: “O nascimento do Senhor incentivou em cada um a esperança de salvação. O sexo masculino é honrado na carne de Cristo; o sexo feminino é homenageado na Mãe de Cristo. A astúcia da serpente foi derrotada pela graça de Jesus Cristo!” Cf. WARE, Kallistos. *Mary Theotokos in the Orthodox Tradition*. Wallington: The Ecumenical Society of the Blessed Virgin Mary, May 1997, p. 232.

da nova vida, o sacramento da Eucaristia, o ato divino por excelência está acontecendo de novo”.¹²⁸¹

Como afirma Beattie, Eva e Maria são essenciais para a revelação e ressignificação da mulher, trazendo o significado pleno da história cristã para as mulheres. O livro do Gênesis mostra que as consequências do pecado são diferentes para Eva e Adão, pois, apesar dos dois serem símbolos de ‘pecadores’, houve uma percepção diferente dos dois. Adão foi redimido por Jesus, e sua importância não reside no pecado, mas na sua redenção por Jesus. No entanto, Eva, trazendo nela todas as mulheres, aos olhos do ‘mundo patriarcal’ ainda não foi resgatada por Maria. Da mesma forma que Adão foi redimido por Jesus, é essencial perceber que a importância de Eva não reside no pecado, mas na sua redenção em Maria, a escolhida de Deus para dar vida à encarnação.

Foi por Maria ser mulher que Deus fez uma nova aliança com a mulher através dela, restaurando, da mesma forma que Jesus fez com Adão, o estado original entre Deus e a mulher. É preciso que este resgate seja finalmente aceito.

Entretanto, como vimos em nosso terceiro capítulo, o próprio cristianismo não seguiu a revolução de Jesus, e logo que o ritual sacrificial entrou na liturgia do cristianismo as mulheres foram afastadas das liturgias, e depois colocadas em mosteiros, e oficialmente afastadas das decisões da igreja, sofrendo inúmeras violências durante séculos, sendo consideradas incapazes, pecadoras, bruxas, sempre tendo a interpretação tradicional de Eva na base da justificativa.

Para Tamez, a teologia latino-americana conseguiu colocar as dimensões da compaixão e da misericórdia de Deus para com os que sofrem, mas as mulheres permaneceram com as categorias e imagens patriarcais. Dessa forma, “talvez os discursos bíblicos teológicos sejam ineficazes diante do assassinato de mulheres. Estamos diante de um enorme problema epistemológico”.¹²⁸²

Gebara¹²⁸³ diz que somente a identificação de Maria com os dramas da vida das mulheres pobres não as transformam em agentes. Para Girard esta identificação e apenas mimética, e para Gebara esconde o fato de ser uma vítima do poder patriarcal, e sua identificação com Maria pode perpetuar a vitimização, “as it potentially leads to her passive acceptance of her situation”.¹²⁸⁴

¹²⁸¹ BINGEMER, Maria Clara. *A Eucaristia e o corpo feminino: presença real, transubstanciação, comunhão*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v.45, n.127, Set./Dez.2013, pdf, p. 405.

¹²⁸² TÁMEZ, Elsa. *Religião, gênero e violência*, p.154.

¹²⁸³ A biografia de Ivone Gebara encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹²⁸⁴ Tradução livre: “como pode potencialmente leva-la a uma aceitação passiva da sua situação”. Cf. BEATTIE, *God's Mother*, 1999, p. 26.

É necessário que as mulheres tenham consciência de suas posições como vítimas da cultura de violência masculina. Para isso, torna-se preciso dar mais dramaticidade ao potencial simbólico de Maria, “wresting it out of existing frameworks and refiguring it into a different narrative”.¹²⁸⁵

Como diz Gebara, não basta ligar o sofrimento da mulher ao simbolismo de Maria, mas é preciso levá-la a entender o contexto de violência em que ela está inserida na cultura androcêntrica em que vivemos. Nesse caso, o resgate de Eva através de Maria é símbolo de força, de coragem, de fibra, de transformação, de identificação como mãe, e como mulher. Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, nas CEBS¹²⁸⁶ é chamada de Mariama,¹²⁸⁷ e representa esta força, esta garra, a mulher que luta contra a sua própria opressão, ou podemos dizer, contra os desejos miméticos masculinos que a oprimem.

Sem dúvida, será um trabalho de longa duração. A introjeção da subserviência da mulher, a superioridade masculina, o direito de propriedade do masculino sobre o feminino, o menosprezo e a exclusão das pessoas que possuem características femininas, apesar das conquistas femininas e do grupo LGBTTI, encontram-se ainda em ascensão. Entretanto, acreditamos que se conseguirmos fazer a ‘teologia’ entender a grande importância do seu papel para o fim da ‘violência de gênero’, poderemos realizar uma transformação dentro e fora da Igreja. Podemos, então: - Iniciar pela conscientização e valorização das mulheres e do grupo LGBTTI do que realmente são para Deus. - Rever o significado da redenção pelo corpo da mulher, de modo a não existir barreiras no entendimento da redenção de Cristo. - Através da ligação Maria/Eva, reconhecer o resgate do feminino feito por Maria, levando a uma transformação nos discursos religiosos e nas ações relativas à mulher e ao grupo LGBTTI, como também de suas atuações no mundo e na Igreja. - Dar o devido valor às hermenêuticas femininas, trazendo-as para o conhecimento dos fiéis e do público em geral, mostrando a igualdade entre os sexos e o respeito às diferenças. Conscientizando que a desigualdade e a violência ao feminino encontradas na Bíblia, não faziam parte da vontade de Deus, mas do contexto da época onde a figura feminina misturava-se com o sangue, a violência da sexualidade, do desejo mimético que crescia em ambiente onde a mulher era

¹²⁸⁵ Tradução literal: “lutando fora dos quadros existentes e reconfigurando dentro de uma narrativa diferente”. Cf. *Ibidem.*, p. 26.

¹²⁸⁶ CEBS – (COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE) - São grupos de cristãos leigos, geralmente pobres, que se reúnem ou em casas de famílias ou em centros comunitários para ouvir e aprofundar a Palavra de Deus, alimentando a comunhão fraterna e assumindo o compromisso cristão no mundo. Maiores detalhes vide Nota 833 – capítulo 4.

¹²⁸⁷ Dom Helder carinhosamente chamava Nossa Senhora Aparecida de Mariama.

propriedade do homem, e os rituais sacrificiais eram utilizados para diminuir a violência, pois o mal sempre vinha de fora.

Reconhecer a importância das mulheres que, como diz Bingemer, acontece através do seu corpo, e do seu amor maternal. “Antropologicamente, as mulheres possuem em sua corporeidade a possibilidade física de compreender a divina eucaristia”.¹²⁸⁸ Admitir a revolução feita por Jesus em relação às mulheres, e a existência do apostolado das mulheres, que como já citamos, Tepedino nos diz que embora não fossem nomeadas entre os doze pelo contexto da época que invisibilizava às mulheres, foi reconhecidamente vivenciado. Divulgar a importância de Maria Madalena, que participou ativamente do aprendizado dado por Jesus, esteve no calvário com Maria, sua mãe, e foi à primeira testemunha da Ressurreição de Jesus. “Então, Jesus falou: ‘Maria!’ Ela voltou-se e exclamou, em hebraico: ‘*Rabûni!*’ (que quer dizer: Mestre)”¹²⁸⁹ Admitir que Maria vivenciou tanto o diaconato como o sacerdócio maternal. Buscar a conversão com base na antropologia teológica oriunda do Concílio Vaticano II, para que, como diz o papa Francisco, possamos encontrar na misericórdia de Cristo o caminho da ‘não violência’. Acreditamos que só assim o desejo não rivalista possa imperar nos relacionamentos, promovendo o crescimento mútuo, no respeito e no compromisso com o outro.

6.4

Do ego à ética da alteridade

Da mesma forma que fizemos no item anterior, prosseguiremos com a nossa pergunta, só que agora em cima da teoria de Emmanuel Lévinas: - Será possível à luz da teologia, na contemporaneidade, em um mundo de estrutura patriarcal, através das reflexões de Lévinas sobre a dificuldade do ‘ego’ se abrir ao outro, e da mudança que pode ocorrer pela ‘ética da alteridade’, traçar pistas para termos um ser humano que, de forma igualitária, respeite às diferenças entre masculino e feminino, e possa viver harmoniosamente suas relações? Um ser humano que possa aceitar e incluir a ‘todas’?

¹²⁸⁸ BINGEMER. *A Eucaristia...*, 2013.

¹²⁸⁹ BÍBLIA..., 2006, Jo 20,16.

Procuraremos responder essa pergunta, lembrando alguns itens da teoria de Emmanuel Lévinas, já abordados em nosso quinto capítulo, e os refletiremos a partir de algumas passagens bíblicas e reflexões que faremos à luz de determinados tópicos da ‘antropologia teológica’. É importante colocar que Lévinas não era cristão, e sim Judeu, portanto a reflexão que aqui faremos, com base em Rahner, Gesché, Garcia Rubio, e outros importantes teólogos, será uma tentativa de pensarmos teologicamente a teoria de Lévinas para nos inspirarmos no perfil do ser humano que desejamos chegar.

6.4.1

O eu e a busca do Mesmo.

De acordo com Susin, para Lévinas “a fruta proibida do paraíso é o outro”.¹²⁹⁰ A criação do mundo por Deus foi colocada no início das Escrituras para compreendermos que o ser humano é apenas um ‘hóspede na terra’, e que todos nós temos direito à mesma hospitalidade oferecida por Deus. No entanto, a Bíblia nos informa que em um determinado momento Adão e Eva desobedeceram a Deus e o pecado entrou no mundo. Desobediência, que segundo Mazzarolo, foi comer o fruto da árvore do meio do jardim, invadindo o espaço do outro, sua individualidade para realizar a vontade, o desejo do invasor. Rahner nos diz que quando o mal entra no mundo, a liberdade humana fica codeterminada pelo pecado, e contamina o mundo.

Lévinas ao explicar a formação da subjetividade do ‘ser’ diz que desde a primeira incursão do ‘eu’ no mundo do ‘ser’ quando o alimento o leva a sentir prazer, o ‘eu’ (ego) prossegue na busca de sua felicidade, do que lhe é prazeroso. Para ele, o ser humano é ‘egoísta’, voltado para si, e está sempre buscando agir em prol do seu próprio interesse. Na procura da felicidade, o ‘outro’ pode lhe interessar quando se tornar útil à realização de seus projetos. Segundo Garcia Rubio, este seria o ser humano quando se encontra fechado em si mesmo, com a subjetividade fechada, coisificando e instrumentalizando a sua relação. Esta colocação remete-nos a Rahner para quem os atos de uma pessoa podem interferir na liberdade de outra, positivamente, ou negativamente. Se as ações de uma pessoa tendem a ser para o seu próprio benefício, e ela utilizar o outro, prejudicando-o, estes atos estão

¹²⁹⁰ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*, p.211.

interferindo negativamente na liberdade do outro, em prol de si mesmo. Segundo Gesché, a liberdade de cada pessoa está condicionada a sua história de vida, e o mal já instalado na sociedade, leva cada um a interagir com ele, desde o início da sua existência. Ao pensarmos nisso, diversos exemplos podem ser citados, como o de certos políticos brasileiros que usam as leis em seus próprios benefícios e dos que os ajudam a se eleger, roubando, aceitando propinas, tirando benefícios do povo, não dando benefícios, sem demonstrarem o menor arrependimento. Lévinas prossegue, dizendo que, como o ser está sempre voltado para si, ele tem dificuldade de reconhecer à ‘alteridade’, o ‘outro’, pois na busca da sua identidade sempre procura reduzir o outro a um igual, a um Mesmo.

Garcia Rubio chama a atenção que a pessoa quando está com a sua ‘subjetividade fechada’, não consegue enxergar o outro, só a si próprio, e suas necessidades. Como já vimos, anteriormente, neste caso, “o outro só é aceito quando pode responder às suas necessidades e o seu relacionamento com a natureza também é meramente utilitário. [...] O outro (Deus, homem, mulher, filho,) não é aceito como outro”.¹²⁹¹

É comum, por exemplo, desde pequenas as pessoas procurarem outras que pensem e ajam como elas próprias. No entanto, se os pais, professores, padres, pastores, ou líderes pastorais favorecerem as crianças à possibilidade de perceberem a existência de pessoas com vidas diferentes, pensamentos diversos, e até lidar com crianças com etnias, religiões, sexualidade, e gênero diversificados, isto lhes proporcionará, desde cedo, a oportunidade de descobrir a ‘alteridade’. Fato que possivelmente irá ajuda-las na formação do ego, e na abertura de suas subjetividades, descobrindo que ser diferente não significa ser mau, e sim ser apenas ‘diferente’, e como tal @ diferente deve ser respeitad@. Mas é possível que muitas pessoas vivam, e nunca aceitem @ diferente, conservando suas subjetividades ‘fechadas às outras’, sempre voltadas para as suas histórias, para si mesmas, para as suas famílias, para as comunidades religiosas as quais pertencem.. Estas pessoas poderão ter muita dificuldade em aceitar, por exemplo, que: - A ‘mulher’ tenha posicionamentos diferentes, execute ações que fujam ao que vivenciaram desde pequenos, e a sair dos costumes de seu grupo, de sua comunidade, e a se posicionarem de forma contrária às decisões da comunidade. - Aceitar e incluir alguém do grupo LGBTTI, verificando que el@ é diferente, mas é um ser humano, e como tal, amad@ incondicionalmente por Deus. - Políticos

¹²⁹¹ RUBIO. *Nova evangelização e maturidade afetiva*, p. 22.

religiosos votem de modo a dar os mesmos direitos ao grupo LGBTTI que os demais cidadãos.

Para Lévinas, ao se dizer ‘eu’, na primeira pessoa, o ser está vivendo na soberania da interioridade, ao conseguir dizer ele-ela, na terceira pessoa, está saindo de si para realizar uma conexão com a objetividade, a totalidade, a história, o universal. O ‘ser’ fechado em si mesmo, seria ainda um vivente, que não conhece possibilidades melhores. Ele tem uma consciência sem problemas, sem exterioridade, está no centro do mundo interior, e para ele isto basta. Susin o associa ao “primeiro Adão”, e mostra que nele também existe a separação existencial do todo, que o fez nascer livre e capaz de ter uma relação metafísica, pois foi assignado pelo Infinito; o que significa que ainda poderá sair do movimento centrípeto, voltado para si mesmo e se modificar, abrindo-se ao outro. “Só um ‘eu’ sem raízes, sem passado, solitário e autossuficiente em sua solidão, pode também se abrir ao ‘outro’ sem totalitarismo”.¹²⁹²

De acordo com Lévinas, não será a racionalidade, a economia, a produção, a política, a cultura, que irá modificar alguém. Uma pessoa pode tornar-se culta, bela, racional, e continuar a não enxergar o ‘outro’. Como exemplo podemos citar: - a ‘violência doméstica’ que acontece tanto em ambientes pobres e de pouca instrução, como em ambientes ricos e cultos. A falta de enxergar o outro como alguém que tem vontade própria, de se relacionar realmente com o diferente independe de fator social e cultural. - a história de Narciso, na mitologia, onde o belo jovem pelo qual as mulheres se apaixonavam, era tão centrado em si mesmo que não conseguia abrir-se e relacionar-se. Era alguém insensível, superficial e não-empático. Porém, um dia ele se deparou com a própria imagem refletida no lago e por ela se apaixonou. Quando descobre que aquela imagem seria dele mesmo, percebe que mesmo sendo voltado só para si, ele não sabia quem era, pois não se permitia se conhecer. Desse momento em diante, Narciso não consegue ser o mesmo. “Ele precisa mudar... A transformação... A metamorfose”.¹²⁹³

Existem no mundo diferentes Narcisos, entre outros: - Aquele que acredita, por exemplo, que uma mulher homossexual (lésbica) ou seja, que não tem desejo por homens, precisa se relacionar sexualmente com ele, nem que seja à força, pois conhecerá um ‘homem de verdade’, e deixará sua homossexualidade. - Aquele que

¹²⁹² SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 106.

¹²⁹³ CAPRIOTI, Letícia. *Narciso acha feio o que não é espelho*.

não se importa com o amor que lhe é dedicado, humilhando e desprezando quem lhe dedica este sentimento. - Aquele que por não ser mais desejado pela namorada, amante, esposa, é capaz de espancar, e matar. - Mas, para Lévinas, qualquer um pode mudar, pois todos os seres foram assignados pelo Infinito antes de vir ao mundo do 'ser'.

De acordo com Garcia Rubio, esta mudança pode acontecer se houver a superação do medo do diferente, do narcisismo, e nesse caso, “na relação com Deus a pessoa é capaz de se abrir à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação,”¹²⁹⁴ superando a tentação de ter um Deus de acordo com a sua expectativa humana. No entanto, muitos passam a vida, superficialmente, e jamais se abrem ao outro.

Lévinas chama muito a atenção para a dificuldade do ser humano em sair de si mesmo para o outro. Segundo ele, na eterna busca do prazer, o movimento do 'eu' leva o ser ao desconhecido, provocando alegria, tensão e ansiedade, mas depois ele retorna a si. Na relação com o 'meio ambiente', segundo este autor, a natureza não pode ser possuída, apenas aproveitada. É possível aproveitar a fecundidade da terra, mas a terra não pertence ao homem. Ele pode usufruir da água, mas não de todo o mar. Para ele, o contato com o meio ambiente leva o ser humano a aprender, a esperar, a saber qual é a hora certa de plantar, de colher, enfim, de perceber que tudo tem o seu tempo e que precisa ser respeitado.

No entanto, da mesma forma que o ser humano tem procurado se apropriar do 'outro ser', como lhe convém, principalmente do 'outro' que interiorizou como subalterno, como é o caso do feminino, o vemos procurando dominar os mares, rios, lagos, os animais, a terra. Não se trata de um relacionamento harmonioso, e sim destrutivo, esquecendo que dominar não significa destruir.

Isto é tão sério e forte que na atualidade foi feita a Encíclica *Laudato Si*, pelo Papa Francisco, sobre o cuidado com a casa comum, procurando mostrar a necessidade do diálogo que deve existir com o planeta, nossa casa comum (3); reconhecer a grandeza, a urgência da conscientização sobre o respeito à natureza (15), e do perigo do homem destruir a si mesmo (79); pensar na construção do futuro do planeta (14); e assegurar um debate científico e social, responsável e amplo com base em toda informação disponível (135).¹²⁹⁵

¹²⁹⁴ RUBIO, Alfonso Garcia. *Nova evangelização e maturidade afetiva*, p.24.

¹²⁹⁵ Estes são os objetivos que retiramos da Encíclica. Cf. PAPA FRANCISCO. *Laudato si*.

De acordo com a teologia da criação, o primeiro livro da Bíblia revela-nos que a causa de toda a criação foi a ‘bondade’ de Deus. “Deus viu que a luz era boa. [...]”¹²⁹⁶ e criou inúmeros elementos. O último foi aquele que Deus criou à sua imagem e semelhança. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. [...] Homem e mulher ele os criou”.¹²⁹⁷ E deu a eles a coautoria. Uma coautoria que, segundo Rahner acontece na história, para a qual não há papéis determinados, nem natureza sagrada. Trata-se de um material que o ser humano, através de sua criatividade, e o mundo ao qual conhece e administra, pela abertura do seu espírito é capaz de fazer a experiência da sua condição criada e encontrar Deus. “A experiência de Deus vem da autotranscendência existencial, que acontece no ato de ‘amor ao próximo’”.¹²⁹⁸

De acordo com Garcia Rubio a ‘subjetividade aberta’ leva cada pessoa a procurar viver um relacionamento harmonioso com o outro, com a natureza, consigo mesmo, e com Deus. “Na relação com Deus, a pessoa é capaz de abrir-se à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação”.¹²⁹⁹ O pecado acontece quando se rompe a harmonia com qualquer um desses quatro elementos. Se há dificuldade no relacionamento com o outro, haverá também dificuldade em relacionar-se com a natureza, consigo mesmo e com Deus. Ao se quebrar a relação harmoniosa com um dos elementos, todos os demais sofrem as consequências e se desarmonizam. Em algum lugar da história da humanidade, essa harmonia foi quebrada, e com a contaminação do pecado, do mal, o difícil tem sido conseguir a harmonia.

São as mediações que colocam regras para que o ser humano possa se relacionar no mundo econômico sem que só a vontade de um prevaleça em desvantagem do outro. Como diz Lévinas, essas mediações são leis de economia, organizadas pelo Estado procurando harmonizar os inúmeros eu’s. No entanto, quando o ‘outro’ não é visto em sua alteridade, e não permite que o reduzam a um mesmo, ele pode ser percebido como ameaça, e aquele que o vê como ameaça, pode ir além das condições impostas pelas mediações, colocando suas próprias condições, tirando, portanto, a força da mediação externa. Sem a mediação o ‘eu’ procura anular ou eliminar o diferente, podendo cometer até o assassinato do diferente percebido como ameaça. Para Bingemer, segundo Lévinas qualquer ser

¹²⁹⁶ BÍBLIA..., 2006, Gn 1,4.

¹²⁹⁷ Ibidem., Gn 1,26; 27.

¹²⁹⁸ RAHNER. *Curso Fundamental da fé*, p. 527.

¹²⁹⁹ RUBIO. *Nova evangelização...*, 1993, p. 24.

humano é potencialmente capaz de realizar perversões como as de Hitler. É necessário cuidar da alteridade, caso contrário, “Those who just live their life and follow their nature without caring for otherness move inexorably toward the racism of Hitler and his followers”.¹³⁰⁰

A violência pode ser de uma pessoa para a outra, mas também pode vir do Estado que ao invés de fazer a mediação, decide dominar a vontade alheia, com a tirania, devido à corrupção, à usurpação do corpo e animalidade.

Na Bíblia encontramos leis feitas de modo a prevalecer o bem comum. No decálogo, por exemplo, podemos ver a preocupação de preservar o que era do ‘outro’. Não roubar, não matar, e não cobiçar a mulher. São as negativas principais das ações oriundas do ‘ego’ que não poderiam ser feitas. Citamos também, no Novo Testamento, o exemplo de Jesus sempre se colocando ao lado do pobre, do marginalizado, do excluído, da mulher, daquele que sofre, mostrando o caminho a ser seguido, de modo a não se permitir que o ‘ego’ domine.

Segundo Lévinas, os critérios usados pelas mediações são externas, universais e racionais, não deixando lugar para as singularidades, e minorias. O estado democrático, por exemplo, possui leis que buscam harmonizar as diversas autonomias, tentando evitar a injustiça e tirania. Mas, o interesse é de um ‘eu’ universal, do bem comum, e aqueles que não se enquadram são logo considerados perniciosos, e muitas vezes, perseguidos, excluídos, marginalizados. O mesmo critério, de modo geral, ocorre nas doutrinas religiosas, pois as pessoas que não se enquadram são excluídas de uma forma ou de outra. Podemos citar, na igreja católica, a dificuldade em aceitar a mulher no ministério principal, e a participação do grupo LGBTTI na vida da igreja. Por mais que o papa Francisco explicita que a misericórdia deve estar acima de qualquer outra questão, a reação contrária é muito forte. O papa ainda exemplifica, ‘Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar’?¹³⁰¹

Para se enfrentar o mundo econômico surge a necessidade de um projeto que assegure economicamente o prazer, e Lévinas, então, traz a casa, o lar. Um lugar onde é possível viver o recolhimento da vida interior, da intimidade, o afeto. Neste caso, a porta da casa surge como a separação entre o mundo que se estende e o espaço interior do ‘eu’. “A morada, a habitação pertence à essência – ao egoísmo –

¹³⁰⁰ Tradução livre: “Aqueles que apenas vivem a sua vida e seguem sua natureza sem cuidar da alteridade movimentam-se inexoravelmente em direção ao racismo de Hitler e seus seguidores” Cf. BINGEMER, M. C. L. et al. *Otherness as Path Toward Overcoming Violence*, p.148.

¹³⁰¹ DIAS, Adriana Lopes. “Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar”.

do eu”.¹³⁰² Da casa a pessoa vai ao mundo, e o mundo gira em torno da casa, mas a casa impede que o ‘eu’ se perca no mundo. Lévinas liga o lar ao afeto necessário para a interioridade, sendo o *eros* a possibilidade de uma descendência, de um futuro do eu; e a família, a possibilidade de concretização do lar e da economia. Dessa forma, a primeira alteridade completa estaria na diferença do humano feminino para o masculino, mesmo não sendo uma diferença de conteúdo empírico ou psicológico ou sociológico, mas no sentido de ‘ser’. Segundo este filósofo, a mulher é calor humano, afeto, doçura, possibilitando haver um espaço interior para fortalecer o ‘eu’. “A relação do feminino com o próprio sentido da alteridade, provoca uma profunda reviravolta no sujeito”.¹³⁰³

No texto ‘E Deus criou a mulher’, Lévinas faz diferentes interpretações sobre a criação, começando com um trecho do tratado de Berakhot¹³⁰⁴ onde traz dois rabinos descrevendo a criação do homem e da mulher. Para um, a costela seria um rosto e a mulher teria a mesma condição do homem. Este rabino aceita a igualdade entre feminino e masculino, sendo a ‘diferença’ e a ‘relação sexual’ parte do que é essencial do humano. O outro “associa a costela a uma cauda e vê a criação da mulher como um ato divino, mas entende a particularidade do feminino como coisa secundária”.¹³⁰⁵ No entanto, Lévinas afirma que a mulher não é secundária, e sim a relação enquanto mulher, pois isto não é primordial no ser humano. Para ele, Deus iria criar dois seres separados e iguais, mas esta igualdade traria a guerra, então criou a diferença sexual.

Isso nos lembra à interpretação bíblica dada por Tribble em relação a Gênesis, onde ela diz: “*Adham* is basically androgynous; one creature incorporating two sexes”.¹³⁰⁶ A androginia de Adão só teria se modificado quando a mulher foi criada, surgindo então o conceito de gênero em Gn 2,23, com duas palavras novas *ish* (macho) e *ishshah* (fêmea). Lévinas não vê da mesma forma que esta teóloga, mas afirma que, tanto o sexo masculino como o feminino, possuem dentro de si, o feminino e masculino.

Para Lévinas, o que leva uma pessoa sair de si em direção ao outro é o próprio outro, o totalmente diferente, que vem de fora, e se desvela. Entretanto, para Garcia

¹³⁰² LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*, p.136.

¹³⁰³ MENEZES, Magali Mendes de. *O pensamento de Emmanuel Lévinas*.

¹³⁰⁴ O Tratado de Berachot faz parte do Talmud ou Guemará, obra milenar do judaísmo rabínico. Berachot trata basicamente de assuntos relacionados a bênçãos, orações, e rituais, porém como é próprio do Talmud, muitos outros temas são abordados no Tratado. Cf. Talmud.Bavli Berachot. Cap. 7-9 Ed. Yeshivá Lubavitch, 2012

¹³⁰⁵ RODRIGUES. *A costela...*, 2011, p. 382.

¹³⁰⁶ Tradução livre: *adham* é basicamente um andrógino, uma criatura que incorpora dois sexos. Cf. TRIBBLE. *Eve and...*, 1973, p. 1.

Rubio, a tendência que o ser humano traz de não se envolver, de não desejar fazer o mínimo esforço, chamada de concupiscência, ou analogicamente, de entropia, pode levar a uma acomodação. Talvez até uma acomodação que possa impedir a pessoa de se colocar realmente diante do rosto do outro, do olhar, da sua nudez, levando-o a permanecer fechado ao outro, sem a menor empatia. As justificativas virão e normalmente surgem calcadas em passagens bíblicas, ou normas morais. Como exemplo, cito uma pessoa ligada a uma ordem religiosa que participou de um curso sobre ‘Diversidade sexual’. O programa do curso tinha uma ‘parte teórica’, através de informações científicas e teológicas, e uma ‘parte vivencial’, onde eram passados filmes sobre o tema seguidos de debates, testemunhos de pessoas convidadas pelo curso para contar a sua história de vida, e participar de trabalhos de grupo. Este aluno só compareceu à parte teórica, sendo visível a sua preocupação em não se envolver. Parecia não desejar estar diante do ‘rosto do outro, e evitava, consciente ou inconscientemente, tudo que poderia leva-lo a sair do curso com outra visão sobre o grupo LGBTTI.

As normas religiosas podem se tornar tão fortes que a pessoa pode encontrar dificuldade em usar a ‘misericórdia’ tão falada pelo Papa Francisco, e mesmo com todo esclarecimento científico, em usar a sua própria consciência.

Como já vimos, um grande perigo e obstáculo para a conversão, e abertura ao outro, é a sombra. Como diz Jung, é muito importante que a pessoa tome conhecimento da sua sombra, não negá-la, confrontando-a, pois a negação poderá levar a pessoa a expressar-se de forma destrutiva, através da projeção de que os outros são os maus, os errados. Nesse caso, a vontade de apagar de dentro de si próprio o que vê no outro e incomoda, pode levar a pessoa a desejar e a agir para a exclusão, a excomunhão do outro. Refletindo sobre esta teoria, é possível perceber que a forte transhomofobia existente na sociedade atual, pode revelar que certas sombras não estão sendo devidamente trabalhadas.

Segundo Lévinas, a dualidade do ser humano está na sua divisão entre consciência e a liberdade. Existe a lei dada pelo criador, mas também o desejo pelas coisas do mundo provocando uma divisão de escolhas e uma tensão “entre a lei que me é dada e minha natureza, incapaz de se submeter, sem contradição a essa lei”.¹³⁰⁷ Em relação a isso, Rahner nos diz que o ser humano “é pessoa e sujeito,¹³⁰⁸” livre e histórico. Uma pessoa possui várias dimensões, e entre elas a dimensão humana e histórica. As ações vivenciadas dependem, então, da vida, da

¹³⁰⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Du sacré au saint*, p. 129..

¹³⁰⁸ RAHNER. *Curso...*, 1989, p. 39..

história, das necessidades de cada pessoa. De acordo com Marcos 2,27 “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado”.¹³⁰⁹ Isto significa que apesar de existir a lei religiosa para ser respeitada, conforme a liberdade dada por Deus e as necessidades deste ser humano, ele de acordo com a sua consciência, poderá segui-la ou não. Em Mc 2,25-26 também encontramos,

Nunca lestes o que fez Davi, quando se achou em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? Ele entrou na casa de Deus, sendo Abiatar príncipe dos sacerdotes, e comeu os pães da proposição, dos quais só aos sacerdotes era permitido comer, e os deu aos seus companheiros.¹³¹⁰

Segundo o Concílio Vaticano II o ser humano possui uma lei escrita pelo próprio Deus que deverá seguir, pois por essa lei será julgado (9).

A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser (10). Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo (11).¹³¹¹

Gesché informa que foi no corpo humano que Deus fez o encontro com o ser humano através da encarnação, e é na história, com limites de agir, ultrapassando barreiras, que Deus age e salva. Foi em um corpo de carne que Deus sentiu o que de mais íntimo, mais sensível e frágil existe no ser humano. Enfim, as experiências boas e ruins da vivência existencial.

Segundo Rahner uma mesma pessoa realiza atos errados e certos, sendo então, importante “como a pessoa define a si própria em relação a Deus, a si mesma e aos outros”.¹³¹² É na liberdade diária, vivida na sua história, que se aceita ou rejeita a oferta de Deus, e isto ocorre através da liberdade. É a natureza e a direção da liberdade o fundamento da salvação ou da condenação absoluta. Se a sua postura fundamental for voltada ao outro e a Deus, um ato isolado não mudará o seu percurso. “Pecar é sempre uma possibilidade que acompanha o ser humano, e esta ameaça que o sujeito livre representa para si mesmo é permanente e jamais superável”.¹³¹³

Devido à dificuldade de fazer suas escolhas no mundo pluralista como o que hoje vivemos, Rahner recomenda que cada pessoa tenha certo conhecimento da

¹³⁰⁹ BÍBLIA..., 2006, Mc 2,27.

¹³¹⁰ BÍBLIA..., 2006, Mc 2,25-26

¹³¹¹ PAPA Paulo VI. *CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES*.

¹³¹² SALZMAN, Todd A. & LAWLER, Michael G. *A pessoa sexual*, p. 143.

¹³¹³ RAHNER, *Curso...*, p. 131.

‘hierarquia de verdades da fé’, e com base nessas verdades, procure situa-las no lugar que lhes corresponde de fato e viva de acordo com a sua consciência. De acordo com França Miranda, o fundamento da fé para o Concílio Vaticano II é “o mistério da morte e ressurreição de Jesus como núcleo da totalidade do mistério de Cristo e acesso a manifestação da Trindade”.¹³¹⁴ Isto nos leva a uma relação de incondicional amor entre o Deus Trino e o ser humano.

Para Rahner, o ser como finito contém inconsistências, e por este motivo “suas escolhas categóricas não refletem necessariamente, sua postura fundamental”¹³¹⁵ Para os teólogos revisionistas, ao se pensar em personalidade autêntica, é preciso ver a interferência em cada ‘ser’, da sua historicidade, da sua compreensão humana, da cultura, da estrutura social, e da religião. Cada ação categórica do ser humano reflete todas as dimensões que o envolvem.

Gesché chama a atenção que a morte de Jesus resultou de suas ações em prol dos pobres, dos marginalizados, onde ele procurava modificar a história, a vida. Sua morte mostrou-nos um caminho que vai além da realidade: a ressurreição, e nos revelou a importância de se promover o ‘encontro com a vida’, indo ao encontro do outro.

6.4.2

A ética da alteridade como caminho para a inclusão

Segundo Rahner, ao nascer o ser humano recebe a graça livre, indevida e gratuita de Deus, da sua autocomunicação que não leva em conta o pecado porque é puro amor. Não é uma graça dada só aos batizados ou justificados, mas a todos. Trata-se de uma autocomunicação que diz respeito ao ser com tal, atingindo às profundezas de sua subjetividade, de sua experiência transcendental. Uma autocomunicação que ficará a espera de uma resposta do ser humano, que pode acolher ou não a graça que recebe.

A postura fundamental a Deus e ao outro, deve ser através de ações constantes que procurem transformar o sofrimento, a miséria, possibilitando uma melhoria de vida a aquel@ que precisa. Em relação à violência de gênero, colocando-se em posição de denunciar a violência, e seus agressores, com a mesma coragem e

¹³¹⁴MIRANDA. Mario França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*, p.100. Nota 29. Cf. W. HENN, *The Hierarchy of Truths and Christian Unity*, *Ephemerides Theologicae Lovanienses* (1990) 111-142, aqui 112.

¹³¹⁵ SALZMAN & LAWLER. *A pessoa...*, 2012, p. 144.

fidelidade de Jesus ao projeto do Pai. Qualquer mudança só poderá vir acontecer através do ser humano, com o seu próprio corpo, trazendo nele as marcas das lutas e vitórias do dia a dia. Ir ao encontro do outro é uma exigência da vida de Jesus.

Gesché nos informa que, com a liberdade dada, cada pessoa confronta a realidade que a leva viver inúmeras aprendizagens e experiências. O ‘ser’ se se constrói na relação com o outro, e este ‘outro’ evoca a existência de quem com ele se relaciona. É o outro, o próximo, que na relação provoca a saída para existir, para ser reconhecido, proporcionando àquele com quem se relaciona, a capacidade de amar. Dessa forma, é o outro que permite a cada pessoa conhecer o sentido da sua liberdade, e reconhecer a responsabilidade diante dela. “Uma liberdade transcendental, de responsabilidade infinita”.¹³¹⁶

Para Lévinas, só o que vem de fora do mundo, o Outro, é capaz de romper e resgatar a subjetividade. A chegada do Outro pode provocar um impacto tão forte que force o ‘eu’ a sair de si mesmo e o leve a transcender através da ética. O ‘Outro’ é o ‘bem além do ser’, é Deus, o Infinito que se revela no ‘outro’. Embora esteja no mundo do ser, é o Infinito que visita, que se aproxima através do outro, provocando um choque através da ética.

Jesus, o Deus que se fez homem, passou a sua vida pública servindo o mais fraco, o pobre, o marginalizado. E quando a ele perguntaram qual era o maior mandamento da lei, Jesus disse:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento! Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Toda a Lei e os profetas dependem desses dois mandamentos.¹³¹⁷

Segundo Lévinas, ao se estar diante do rosto do outro, a má consciência pode provocar questionamentos, surgindo a ‘vergonha’, chegando ao desejo, e este levar ao recuo do movimento de domínio sobre o outro, com a inversão da subjetividade, que passa a sair de si para o ‘outro’, reconhecendo sua alteridade. Só na relação com o ‘outro’, o ‘eu’ poderá ser salvo de permanecer fechado em si mesmo. O ‘Outro’ é impensável, incompreensível, mas ao mesmo tempo é positivamente e concretamente o ‘outro’, aquele que vem de outro tempo e se transporta ao tempo presente através da diacronia dos tempos. Isso nos remete novamente a Rahner, para quem “a experiência de Deus vem da autotranscedência existencial, que acontece

¹³¹⁶ GESCHÉ. *O sentido*, p. 28-29.

¹³¹⁷ BÍBLIA... 2006, Mt 22,34-40.

no ato de ‘amor ao próximo’”.¹³¹⁸ Jon Sobrino,¹³¹⁹ afirma que o Deus cristão é um Deus como o qual o povo se identifica na dor, na crucificação e entregando a ele, sua luta pela justiça. Um Deus cuja preferência, diz a Bíblia, foi feita pelo pobre, pela viúva, pelo órfão e pelo estrangeiro; os excluídos da sociedade, e através dos quais se “concretiza uma dimensão da salvação e exprime a esperança de libertação dos pobres”.¹³²⁰ Para Lévinas a tríade bíblica é o ‘outro’, hóspede, rosto, olhar, palavra. É o rosto do outro através do olhar que exprime o sentimento, e do discurso que chega ao sujeito, que provoca a resposta ou a responsabilidade ao rosto como uma relação autêntica. O rosto que diz ‘não a violência’, junto com os mandamentos ‘não matarás, não furtarás’, traz uma obrigação ‘ética’.

Para Bingemer, “o que lévinas expõe como ética, a mística já o tem vivido desde o início dos tempos”.¹³²¹ Esta linguagem que diz do desejo de assumir e tomar sobre si a dor do outro, essa práxis de efetivamente dispor-se a fazê-lo, é parte integrante do que a cultura ocidental vem construindo como proposta de humanidade.

Quando a subjetividade começa a se abrir, é o início de um caminho que não tem retorno mais em si, pois o desejo leva a subjetividade a sentir mais desejo, a penetrar mais no Infinito, sem jamais se saciar. Para Garcia Rubio, só através de uma afetividade madura é possível ter a abertura da subjetividade, levando o ser humano a vivenciar um amor que passa pelo irmão, como vemos em Jesus.

Jesus não colocou regras morais ou ritualísticas, a única ação importante para ele era ‘amar concretamente’. Segundo Paulo os ritos tão importantes de outrora, perderam a razão diante do amor vivenciado por Jesus. A circuncisão, essencial como entrada no judaísmo, em Cristo perdeu o significado, sendo o importante “a fé agindo pela caridade”.¹³²² A única norma moral do cristão deveria ser a caridade. De acordo com Bingemer, a dignidade das mulheres foi resgatada por Jesus através

¹³¹⁸ RAHNER. *Curso...*, 1989, p. 527.

¹³¹⁹ Jon Sobrino é um sacerdote e teólogo espanhol que vive em San Salvador desde de 1957, importante expoente da Teologia da Libertação. Recebeu o doutorado em Teologia em 1975 na Hochschule Sankt Georgen em Frankfurt, Alemanha. Recebeu também o título de doutor honoris causa de nove universidades insere entre os teólogos segunda geração da Teologia da Libertação, na qual também estão incluídos Leonardo Boff e Ignacio Ellacuría. Foi assessor teológico de Dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, assassinado pela direita salvadorenha em março de 1980. *Entre os seus livros citamos: Mysterium Liberationis. Grundbegriffe der Theologie der Befreiung com Ignacio Ellacuría; Fuera de los pobres no hay salvación: pequeños ensayos utópico-proféticos; Terremoto, terrorismo, barbarie y utopía. El Salvador, Nueva York, Afganistán; La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas.*

¹³²⁰ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 217.

¹³²¹ BINGEMER, Maria Clara. *Humanismo do desejo*, p. 177. Acessada em 27/06/2017.

¹³²² BÍBLIA..., 2006, Gl 5, 6.

da sua práxis libertadora, e “a Igreja Primitiva parece ter assimilado as esperanças de Jesus ao introduzir um ritual de iniciação não sexista, tal como o batismo”,¹³²³ onde as mulheres foram incluídas, o que não acontecia no Judaísmo.

Segundo Lévinas é o choque que a presença do ‘outro’ provoca, que desperta a liberdade da pessoa, levando-a a tomar consciência da injustiça, e da arbitrariedade feita ao outro. Essa consciência leva ao desejo que surge como um mandamento capaz de libertar a pessoa do mundo, de si mesma, da riqueza, do ter, do ser, do poder, levando-a a dar mais do que tem e do que pode doar. Uma liberdade capaz de levar à responsabilidade do outro, e a um relacionamento de respeito, obediência, docilidade e fidelidade. O outro é mandamento, sustenta e estimula a liberdade.

Jesus ao lavar os pés dos seus discípulos, mostrou que o caminho a ser seguido é o do serviço ao outro. Ele, como Deus, veio para servir, e o ser humano que deseja segui-lo deve servir a Deus e ao próximo. Este é o sentido da nossa existência, servir o ‘outro’, a quem necessita.

De acordo com Susin, a ética proposta por Lévinas, não é uma seção moral da teologia, mas na realidade uma compreensão teológica que nos ajuda a despertar para uma vida voltada ao ‘outro’ para a qual o ‘ser’ foi ‘eleito’ e criado pelo ‘Outro’¹³²⁴ antes de se tornar ser. Esta compreensão pode ajudar a pessoa ir além do ‘ser’, tornando-se alguém aberto ao outro, e a primazia possa ser a ética como responsabilidade pelo outro, aceitando-o com toda sua alteridade.

Para Lévinas o ser é assignado antes de vir a ‘ser’, e esta é uma marca feita originalmente pelo ‘Outro’. O vestígio, o chamado, e a acusação que ocorrem pela ‘eleição’ são os responsáveis por direcionar a ‘subjetividade’ a sair de si em direção ao outro, e a responsabilizar-se por ele.

A responsabilidade é a resposta dada à vocação criada pelo ‘Outro’ em um tempo anterior ao ‘ser’, e pertence a uma ‘subjetividade’ que não está subordinada aos domínios do ‘ser’ e da consciência, por isso capaz de transformar o ser em um ‘outro modo que ser’. Para ele, o ‘Eis-me aqui’ reconduz o ‘ser’ ao seu original como ‘criatura’, à ‘passividade’ de ‘resposta’ antes de conhecer a pergunta feita

¹³²³ BINGEMER. *La mujer...*, p.92passim.

¹³²⁴ Para Lévinas há uma ‘equivocidade’ entre os termos o outro, e o Outro, cuja diferença só consegue ser vista no mundo do Bem. Esta ‘equivocidade’ aparecerá também em nosso texto.

como convocação, antes da decisão. A consciência de eleição leva à consciência da ‘responsabilidade’, e esta vê a vocação como um dever, tornando cada sujeito responsável independente da resposta do ‘outro’. O ‘outro’ não é obrigado a responder, e quando o fizer sua reação será sempre inesperada. Trata-se de uma responsabilidade sem limites.

Podemos aqui lembrar, do ‘Eis-me aqui’ de Abraão, Jacó, Moisés, Samuel, Isaías,¹³²⁵ e o mais extraordinário de todos, pois através dele, o Deus se fez carne, se fez corpo através de seu corpo, do seu amor; Maria. “[...] Sou a serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra. Então o anjo a deixou”.¹³²⁶

Para Lévinas, a resposta é a obediência à convocação feita pelo Infinito. Segundo Gesché a resposta vem do resgate da liberdade do ser humano. Ir ao encontro do outro, é uma exigência de vida, e Deus pede que o ser seja realmente ‘humano’. Se há obstáculos, o importante é ultrapassá-los, transformando os condicionamentos negativos em positivos.

Segundo este autor, no contato com o oprimido pode surgir o sofrimento de se ter tudo, enquanto o ‘outro’ não tem nada, de poder usufruir de seus direitos, enquanto o ‘outro’ é discriminado, excluído por preconceito. Desse encontro pode vir à vergonha, a sensação de dívida, e a pessoa passa a doar o seu tempo, sua energia e trabalho para lutar pelos direitos do outro. Uma ‘fome de justiça’ que sempre quer mais, que possui um desejo infinito. Fome que deixa o ser humano inquieto, solidário e inspirado, levando-o a dar-se, transcender-se.

Ir em direção ao outro é um caminho sem retorno, no qual da responsabilidade surge o colocar-se no lugar, substituir e expiar pelos outros. O sofrimento humano tem ligação com a relação interpessoal, então podemos dizer que, possui relação com a violência e a violência de gênero. Mas a violência é possível de ser evitada pelo poder de alguém sofrer pelo outro e expiar. Um poder do *surplus* de piedade do Bem além do ser. Uma força capaz de transformar a violência, colocando-se a sofrer pelo outro, em substituição do outro, e até a expiação. Isto traz a reinterpretação do sofrimento, podendo surgir a piedade, possibilitando a expiação provocada pela responsabilidade.

A expiação é viver e morrer por alguém. Abraão é um exemplo de alguém que foi servo de Deus, não teve direitos para si, e somente deveres com todos.¹³²⁷

¹³²⁵ BÍBLIA..., 2006, Gn 22,11; Gn 31,11; Ex 3,4; Sm 3,16; Is 65,1;

¹³²⁶ Ibidem., Lc 1,38.

¹³²⁷ Ibidem., Gn12-25.

Segundo Susin, “Abraão só ganha o filho, a descendência e o futuro, porque ouve a ordem de Deus e a obedece, tudo isso pertencendo, pois, a Deus”.¹³²⁸

Este sofrer por último sem retribuir a violência, mas suportando-a e ao sofrimento do mundo, sem que o outro sofra igualmente, por tudo e por todos, segundo Lévinas, faz parte da estrutura da ‘subjetividade’. “Sou responsável de uma responsabilidade total que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O ‘eu’ tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros”.¹³²⁹ Para ele, cada um de nós deve ser o ‘Messias’.

Na Bíblia encontramos em João “Não existe maior amor do que este: de alguém dar a própria vida por causa dos seus amigos”.¹³³⁰ Ou ainda, “Eu Sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas”.¹³³¹ E em 1 João: “Nisto conhecemos todo o significado do amor: Cristo deu a sua vida por nós e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos”.¹³³² Trata-se de um amor que dá a vida pelos amigos, e pelos inimigos, pois Jesus manda amar até mesmo os inimigos. Aqueles que se conhece e os que não se conhece, como também “os justos e pecadores, porque o sol nasce igualmente para todos. E foi por todos que Jesus deu a sua vida”.¹³³³

‘Substituir’ é ‘fazer o serviço ao outro’, colocando-se a seu serviço, sem nome, autoridade, sem dinheiro e conceitualização. É colocar-se como ‘servo’ sob o nome e autoridade de quem substitui.

Para Lévinas, a obra da paciência é um percurso ético e tanto a expiação como a substituição são partes deste processo. A identidade quando morre fica sem ter onde repousar e torna-se uma base ética para outros repousarem: o ‘subjectum universal’, que será o ‘servo de todos’.

O ser humano voltado para todos é aquele que se sente responsável pela humanidade. O ‘outro’, o oprimido que sofre e morre é sua responsabilidade, e com isso a subjetividade exige de si sacrifícios, chegando a abrir mão de si mesma, dos seus direitos e até de defender a própria vida.

Para Susin, na busca da ‘messianidade do ser’, Lévinas chega à importância da recuperação do ‘eu’ de cada pessoa. Se a cada pessoa é dada a ‘responsabilidade’ do compromisso com o ‘outro’, é preciso tomar medidas para cumprir a

¹³²⁸ SUSIN. *O homem...*, 1984, p. 370.

¹³²⁹ LÉVINAS, *Ética e...*, 2007, p. 82.

¹³³⁰ BÍBLIA..., 2006, Jo 15, 13.

¹³³¹ IDEM, *Ibidem*, Jo 10,11-15.

¹³³² *Ibidem.*, 1 Jo 3,16.

¹³³³ *Ibidem.*, Mt 26, 26-29.

responsabilidade com todos e consigo mesmo’. Lévinas deseja uma revolução permanente. Uma revolução que tenha como objetivo a obtenção dos valores pelos quais se luta, sem violência. Uma revolução regida pelo ‘mundo do Bem’, na qual “o ser humano responsável por todos, está, graças a esta energia transcendental, além da alternância”.¹³³⁴ Uma revolução ‘singular’ e ‘responsável’, feita no ‘face a face’ e possa levar ao respeito, à aceitação e à inclusão de todas.

Uma revolução que o Deus cristão começou há mais de dois mil anos ao se dedicar ao necessitado, ao outro, ao marginalizado, e excluído, sendo preso e crucificado. Um Deus único, não solitário, no qual existe a relação, existe o amor! Que mostrou que o Deus em si é Amor! É liberdade! Um amor incondicional, misericordioso, cheio de compaixão como nos fala a parábola do Filho pródigo, a da ovelha perdida, a da dracma perdida. Um Deus cuja lógica difere da nossa, pois é baseada no seu intenso amor, como ainda nos mostra as parábolas dos ‘dois servidores’, dos ‘trabalhadores da undécima hora’, e do ‘fariseu e do publicano’.¹³³⁵ “Um Deus que não avalia o homem pelo que ele realiza no campo religioso ou moral, mas um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”.¹³³⁶

Como diz Garcia Rubio, O ‘Deus cristão’ é ‘todo poderoso no amor’, e através de sua autocomunicação sempre se revelou interagindo com o ser humano, tendo o clímax de sua revelação, em Jesus Cristo. E ainda hoje, apesar de tudo já ter sido revelado em Jesus Cristo, Ele continua, através do Espírito Santo, a se autocomunicar em seu infinito e incondicional amor, e espera que o ser humano corresponda a este amor através do outro, dando continuidade a vivência deste amor.

Uma revolução que nos permitirá ter uma sociedade voltada ao ‘outro’, na qual a justiça será o único grande objetivo, e ‘todos’ possam ser aceitos, respeitados e amados em sua singularidade, sem preconceito, discriminação, nenhum tipo de violência. Uma sociedade onde a ‘justiça’ será o único grande objetivo.

Como disse o Papa Francisco em sua viagem ao Egito, “No tengáis miedo a amar a todos, amigos y enemigos, porque el amor es la fuerza y el tesoro del creyente”.¹³³⁷

¹³³⁴ SUSIN, *O homem...*, 1984 p. 438.

¹³³⁵ BÍBLIA, 2006, Lc, 7, 41-43 ; Mt 20,1-15; Lc 18, 9-14.

¹³³⁶ MIRANDA. *Libertados para...* 1991, p. 28.

¹³³⁷ Tradução livre: “Não tenham medo de amar a todos os seus amigos e inimigos, porque o amor é a força e a riqueza do crente”. ACIPRENSA. *Papa Francisco a católicos en Egipto*.

6.5

Um cristianismo inclusivo e participativo para ‘todas’

A realização deste trabalho doutoral teve início visando à comprovação de nossa tese de que, é possível a partir de um novo paradigma de ser humano que não esteja baseado na supremacia masculina, participar com maior liberdade da integração de suas dimensões, e da essência integradora das relações interpessoais, de modo que suas interrelações possam ser calcadas no respeito às diferenças, e nos direitos iguais onde ‘todas’ sejam incluídas. Ou seja, um ser humano que contribua para a inclusão e participação efetiva de todas as mulheres e pessoas com características femininas na sociedade, de modo a termos, se não a extinção total, uma significativa diminuição da ‘violência de gênero’ no mundo.

Sabemos das dificuldades existentes para este perfil de ser humano, visto que, como mostramos nos capítulos anteriores, desde a formação da sociedade patriarcal esta supremacia masculina tem sido uma realidade, e a própria teologia, colaborou para esta visão, e embora hoje declare outra realidade, a nosso ver, a teologia precisa se posicionar com mais clareza, e firmeza com base nos próprios evangelhos e na antropologia teológica, buscando na formação de seus interlocutores, discurso e ações contrárias à violência de gênero.

O avanço das ciências, a virada antropológica na teologia, e o Concílio Vaticano II são responsáveis por grandes mudanças na Igreja, com um número cada vez maior de teólogos moralistas concordando que o ser humano deva ser analisado com base em suas interrelações, e não em seus atos, chamando atenção, inclusive, para a importância da história, da cultura, dos condicionamentos na vida de cada pessoa, e outros aspectos que precisam ser levados em consideração, sendo necessário repensar qual é o sentido de ‘natural’, e da ‘lei natural’. É importante levar em consideração que as pessoas trazem significativas diferenças que independem de sexo e gênero, pois são variáveis específicas de cada pessoa.

Mais do que nunca, agora, com o Papa Francisco: - reconhecendo a discriminação feita à mulher, valorizando a participação dela na igreja, desejando que venha a ocupar cargos decisórios, e a fazer parte de ministérios importantes; - com a sua solicitação para o aprofundamento da teologia ligada à mulher, (embora esta teologia já exista, só que nunca foi dada a devida importância), - ao mesmo tempo em que procura resgatar o sentido da misericórdia na Bíblia para que possa

ser vivida na Igreja e na vida cristã, de modo que o amor, e a responsabilidade com o outro seja o essencial na praxis cristã; é importantíssimo que a teologia busque este novo paradigma de ser humano, e trabalhe com afinco em prol dele.

Mas como seria esse novo paradigma de ser humano, e como trabalharíamos na teologia para atingir este fim?

A trajetória que analisamos dada por Girard aponta que o principal caminho para se acabar com o mal, ou seja, terminar a violência provocada pela cadeia mimética é a ‘não violência’, e a conscientização da necessidade de não se deixar levar pelo desejo mimético, não permitindo que se forme a cadeia mimética, nem que se prossiga utilizando a vítima expiatória para acabar com a crise mimética. Da mesma forma, Lévinas, que também já foi analisado amplamente neste trabalho, mostra o caminho da formação da subjetividade, de como o ser fica centrado em si mesmo, e mostra-nos que só através da ‘ética da alteridade’ podemos ter um caminho direcionado à paz, à inclusão, com a participação de ‘todas’ na sociedade.

Acreditamos que para atingir o que Girard e Lévinas indicam, seja essencial a participação da teologia. Gebara afirma:

É preciso desconstruir a imagem negativa da mulher pecadora, redescobrir o papel das mulheres heroínas nos livros bíblicos e reivindicar a feminização de conceitos teológicos com a ideia de incluir um princípio feminino também na noção de Deus e da Santíssima Trindade. Valorizar o papel de Maria não como a virgem submissa e santa, mas como protagonista na história do cristianismo. Questionar a misoginia dentro da tradição cristã e dar visibilidade às questões contemporâneas e legítimas das mulheres na Igreja.¹³³⁸

Concordamos com cada item citado por Gebara, e ainda acrescentaremos outros. Mancuso,¹³³⁹ também fala da necessidade desta resposta teológica a violência, e citando Sacks,¹³⁴⁰ “Não temos outra escolha senão reexaminar a teologia que leva ao conflito violento; se não fizermos esse trabalho teológico, encontrar-nos-emos diante da persistência do terror”.¹³⁴¹

Segundo este autor, para Sacks, a raiz da violência “tem a ver com a nossa identidade mais profunda: nós somos potencialmente violentos por sermos animais sociais”.¹³⁴² O ser humano tende a formar grupos, e o altruísmo leva as pessoas a

¹³³⁸ MORAES, Madson de. *Uma freira feminista*.

¹³³⁹ A biografia de Vito Mancuso encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹³⁴⁰ Jonathan Sacks nasceu em Londres (Inglaterra) em 8 de Março de 1948. É professor visitante em várias universidades na Grã-Bretanha, Estados Unidos e Israel. Ganhou vários prêmios internacionais, incluindo o Prêmio de Jerusalém em 1995. Autor de 25 livros, entre eles: *The dignity of Difference* pelo qual recebeu o Grawemeyer Prize for Religion em 2004.

¹³⁴¹ MANCUSO, Vito. *Nós, eles*,.

¹³⁴² MANCUSO. *Nós, eles*....

se sacrificarem pelo grupo, podendo “cometer atos de violência com as pessoas que são percebidas como ameaças ao grupo”.¹³⁴³ Se de um lado a capacidade de se relacionar leva a gerar casais, famílias, amizades; por outro lado, as comunidades também geram grupos, clãs, brigadas. Sacks diz em seu livro:

Ogni gruppo comporta l’aggregazione di più individui per formare un Noi collettivo. Ma ogni Noi si definisce a fronte di un Loro, quelli che non sono come noi. Una cosa è impossibile senza l’altra. Inclusione ed esclusione vanno di pari passo.¹³⁴⁴

Para ele, a religião não gera diretamente a violência, mas sustenta os grupos de modo muito mais eficaz do que qualquer outra força, sendo ao mesmo tempo geradora de solidariedade e de intolerância”.¹³⁴⁵

Le grandi fedi del mondo hanno detto cose sublimi sull’amore, la compassione, il sacrificio e la carità. Ma questi nobili sentimenti sono spesso rimasti entro i confini dei correligionari o, perlomeno, dei potenziali correligionari. Contro i miscredenti, i membri di un’altra fede o agnostici, e quelli della nostra fede che riteniamo essere eretici, la religione può essere dura e spietata.¹³⁴⁶

Sacks fala da necessidade de se trocar o Nós/ Eles, que ainda está na base da rivalidade entre as três religiões abraâmicas para ‘o todos’. É necessário se fazer a mudança de paradigma que o nosso tempo impõe: antes a fé era finalizada ao Nós; agora, deve ser finalizada ao Todos: ao Nós + Eles. É preciso adotar o critério da ‘contranarrativa’, algo externo ao texto sagrado, mas importantíssimo. “Não é a coerência do texto em si, nem a tradição interpretativa: o critério decisivo é a paz”, e o primado cabe à ética.

Segundo Mancuso, para Sacks, o livro de Gênesis descreve dois pactos: “o primeiro com Noé e toda a humanidade, o segundo com Abraão e os seus filhos”. O essencial é compreender que o segundo pacto particular aconteceu em função do primeiro pacto ‘universal’, e não vice-versa, como as religiões sempre pensaram. Isso nos mostra que a escolha essencial para a paz é ‘o Todos’. Sacks sugere como caminho para se chegar à paz, a ‘teologia do outro’, na qual através da ética,

¹³⁴³ Ibidem.

¹³⁴⁴ Tradução livre: “Cada grupo envolve a agregação de vários indivíduos para formar um coletivo de ‘nós’. Mas cada um de nós define a si próprio em face daqueles que não são como nós. Uma coisa é impossível sem a outra. Inclusão e exclusão caminham lado a lado”. Cf. SACKS, Jonathan. *Non nel nome di Dio*.

¹³⁴⁵ MANCUSO. *Nós, eles...*

¹³⁴⁶ Tradução livre. “As grandes religiões do mundo têm dito coisas sublime no amor, compaixão, de sacrifício e de caridade. Mas estes nobres sentimentos muitas vezes permaneceram dentro dos limites de seus correligionários ou pelo menos dos potencialmente correligionários. Contra os infiéis, os membros de outra fé ou agnósticos, e aqueles da nossa fé que nós consideramos ser hereges, a religião pode ser dura e implacável”. Cf. SACKS, op. cit, 2017.

procura-se gerar um desejo de identificação com o inimigo, renunciando ao poder, ao ódio, e a optando pela vida ao ser capaz de se imaginar como o Outro. Sacks, da mesma forma que Lévinas, também é Judeu, e ambos trazem uma mensagem muito próxima do cristianismo que é a da universalidade do amor. Se formos ao Novo Testamento, encontraremos em Tiago, “Meus irmãos, vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo ‘glorificado’ não deve admitir acepção de pessoas”.¹³⁴⁷

Portanto, Girard, Sacks, Lévinas, Gebara, buscam como nós uma mudança de paradigma. Se trouxermos a reflexão de Sacks para a violência de gênero, poderemos dizer que é essencial trocar o ‘Nós e elas’, por ‘Todas’. ‘Todas’ as mulheres e pessoas com características femininas, pois não há superior ou inferior ao outro, melhor ou pior, santo ou demônio, ‘todas’ são iguais perante Deus.

A nosso ver, para termos um novo perfil de ser humano é preponderante resgatar o ‘ser’ para que venha a se tornar realmente a imagem e semelhança do Deus que em si mesmo é amor, liberdade, autocomunicando-se também na liberdade e respeito à liberdade do ser humano. “Um Deus trino, no qual, segundo Boff, o número três funciona como um símbolo para sinalizar que sob o nome Deus há comunhão e não solidão, distinções que não excluem, mas que se incluem, que não se opõe, mas se compõem”.¹³⁴⁸

Um ser humano, que tenha como modelo um Deus que, como nos revela Jesus em suas parábolas, é o Pai que ama tanto o filho, que o aceita sem impor condições;¹³⁴⁹ o pastor que é capaz de deixar 99 ovelhas para procurar a que está perdida.¹³⁵⁰ Um Deus que coloca a misericórdia acima de regras morais ou religiosas, pois o ser humano é mais importante. Um Deus cuja lógica é o amor, e esta é diferente da do ser humano, como mostra, entre outras, a parábola dos ‘trabalhadores da undécima hora’¹³⁵¹, e a do ‘fariseu e do publicano’¹³⁵².

Um Deus que ama incondicionalmente, e embora não faça distinção entre seus filhos está preferencialmente junto àqueles que mais precisam por serem subjugados, marginalizados, excluídos pela sociedade, e espera que a resposta dada pelo ser humano à graça que recebe de sua autocomunicação, seja também em prol do outro, pois como é possível amar a Deus que não vemos, sem amar ao ser humano que vemos sofrer. O ser humano é criação de Deus, mas também é criatura

¹³⁴⁷ BÍBLIA..., 2006, Tg 2,1

¹³⁴⁸ BOFF, Leonardo. *No princípio está a comunhão, não a solidão.*

¹³⁴⁹ BÍBLIA. Op.cit, Lc 15:11-32

¹³⁵⁰ Ibidem., LC 15,1-7

¹³⁵¹ Ibidem., Mt 20:1-16

¹³⁵² Ibidem., Lc18:9-14

com todas as limitações de ter sido criado. É semelhante a Deus em sua capacidade de relacionar, de racionar, de amar, mas sozinho não consegue vencer as limitações de sua finitude, o seu egoísmo, o mal e a violência. Como diz Rahner, embora receba a graça de Deus, o ‘ser’ é uma autoexpressão menor de Deus, e precisa Dele para vencer as suas limitações. Mas como é criado por Deus e salvo pelo amor manifestado de Deus em Jesus, na relação com a alteridade, o seguidor de Jesus, tem a possibilidade de ter em sua subjetividade a condição messiânica do discípulo e apóstolo de Jesus.

Se o Deus cristão é um Deus que se relaciona com o ser humano, sorrindo e sofrendo com ele, amando-o tanto que deu a vida em favor da dele, seu seguidor deve, seguir os seus passos, não necessariamente morrendo como ele, mas sentindo-se responsável, servindo ao outro, e escolhendo o caminho da não violência. Segundo o evangelho de Marcos, Jesus deixou dois mandamentos: “[...] Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que este”.¹³⁵³ Junto com os mandamentos, Jesus também deixou aos seus discípulos a forma concreta de como agir, através da sua vida de serviço, ao se colocar na última ceia a ‘lavar os pés’ dos seus apóstolos¹³⁵⁴, e ao dar a sua vida por todos.¹³⁵⁵

Este Deus é um Deus solidário com o sofrimento de cada ser humano, é um Deus que em sua autocomunicação nos dá a graça divina, e espera a resposta de cada um. Resposta que, como já vimos, está influenciada, e condicionada à relação consigo mesmo, à integração de suas camadas ou dimensões, à relação com o mundo ao seu redor, e a sua relação com Deus.

Acreditamos na necessidade de reexaminar a teologia que tem servido de justificativa para a violência de gênero, e transforma-la em uma teologia na qual a ética baseada na relação de amor do Deus Trino possa resgatar a imagem e semelhança de Deus que existe dentro de cada pessoa através da graça. Dessa forma, o ‘ser’ poderá converter-se, dimensionando a sua humanidade, e tendo condições de transformar a sociedade patriarcal em uma sociedade relacional, capaz de ser ao mesmo tempo, igualitária e diferencial.

¹³⁵³ BÍBLIA..., 2006, Mc 12, 29-31.

¹³⁵⁴ Ibidem., João 13:1-17.

¹³⁵⁵ Ibidem., Mt 27,1-66.

Para isto acontecer será necessário resgatar e reconhecer a importância do trabalho que vem sendo feito há longo tempo pelas teólogas feministas, nos quais, eu mesma baseei parte desta tese. São trabalhos que trazem reflexões importantes sobre ‘violência de gênero’ dentro do foco feminista, trazendo reinterpretações bíblicas, a experiência de seus trabalhos teológicos, pastorais e o de ser mulher. Experiência muito especial, pois só a mulher e o grupo LGBTTI sofrem, no dia a dia, ‘a violência existente contra o feminino’.

É essencial que se complete os estudos e debates sobre a questão da ordenação de mulheres. Embora endossando a negativa de João Paulo II sobre a ordenação de mulheres como presbíteras, o Papa Francisco criou uma comissão de estudo para incluir mulheres diaconisas. O diácono está na esfera das três principais ordens sacerdotais dos católicos: episcopado, sacerdócio e diaconato. Há dois tipos de funções para estes últimos: os transitórios são aqueles que recebem o grau de maneira temporal, enquanto tentam atingir o sacerdócio - ou seja, tornar-se padre - e os permanentes, os que já são casados ou pretendem se casar e não têm objetivos de serem religiosos dos mais altos níveis. De acordo com Gary Macy¹³⁵⁶ até a metade do século XII, as mulheres eram ordenadas diaconisas, serviam como bispas, distribuía comunhão e até ouviam confissões. Para ele, “The history of Christianity is replete with references to the ordination of women. There are rites for the ordination of women; there are canonical requirements for the ordination of women”.¹³⁵⁷ Entretanto, começou a mudar a partir do século XI, quando houve o movimento da reforma gregoriana que trouxe a implantação do celibato como parte do programa de reforma, e a combinação do celibato com o direito romano e canônico, trouxe a divulgação de interpretações bíblicas que inferiorizavam as mulheres, estigmatizando-as como seres inferiores e incompetentes, sendo impedidas de ocupar qualquer cargo.

Os estudos que estão sendo feitos pelo grupo de teólog@s criado pelo Papa, pretende verificar, entre outras coisas, se a ordenação que era feita no passado para as mulheres se assemelhava à dos homens, se pode ser considerado ordenação, e que funções as mulheres poderão ter. “O assunto de incorporar as mulheres em ritos é um tema caro ao papa Francisco”.¹³⁵⁸ É primordial que a mudança comece internamente.

¹³⁵⁶ A biografia de Gary Macy encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹³⁵⁷ Tradução livre: “A história do Cristianismo está repleta de referências para a ordenação de mulheres. Existem ritos para a ordenação de mulheres; existem exigências canônicas para a ordenação de mulheres”. Cf. MACY, Gary. *The Hidden History of Women's Ordination*9, p.4.

¹³⁵⁸ AGÊNCIA BRASIL. *Papa cria comissão de estudo para incluir mulheres diaconisas*.

Como propõe o Papa Francisco, é necessário seguir o evangelho, e as decisões e ações devem estar plenas de justiça e misericórdia. Em uma sociedade laica e religiosa onde a mulher e o grupo LGBTTI têm sido por séculos inferiorizados, e injustiçados, como vimos em nosso trabalho, para se fazer justiça e chegarmos a igualdade será necessário que a teologia não seja uma expectadora, ou colaboradora, mas participe ativamente, sem relações rivalistas, da transformação do ser humano e da sociedade, propondo outras interpretações, através de novas exegeses e hermenêuticas.

Dentro deste contexto, nosso seguimento será o de Jesus, e como tal o caminho será o da ‘não violência’. Para isso precisar-se-á resgatar, que todas as pessoas são iguais perante Deus, e isto inclui homens, mulheres, brancos, negros, índios, homossexuais, transexuais. Deus respeita as diferenças, e como tal é preciso respeitar as diferenças de cada pessoa. Algumas pessoas apresentam diferenças maiores do que outras, e por mais que seja difícil conviver com a diferença, isto é muito importante, pois o diferente, mesmo fugindo ao padrão da sociedade, não é inferior, nem melhor, é apenas diferente, e precisa ser respeitado. Para ser homem, valente, corajoso, não é necessário ser grosseiro, violento, tampouco oprimir, dominar, excluir, violentar, matar. Esses verbos não fazem parte de nenhum mandamento de Deus, pois Deus é todo poderoso no amor. Jesus, o Deus que se fez ‘homem’, é um modelo de ser humano ‘sem violência’, no entanto mostrou-se corajoso, e nunca se intimidou quando precisou defender os fracos e oprimidos. Não foi moralista, mas denunciou as desigualdades, enfrentou os opressores, expulsou os vendilhões do templo¹³⁵⁹, ao mesmo tempo em que sabia ser gentil, agir com compaixão, dar o perdão, ser um amigo amoroso que não escondia suas emoções.

Será essencial a revisão das ‘interpretações tradicionais bíblicas’ que levem à inferioridade da mulher, e à abominação da homossexualidade, para outras atualizadas, que consigam através de novas exegeses e hermenêuticas, outras interpretações. Por exemplo, cito Jesus, que conforme nos mostra o Novo Testamento fez uma revolução em relação às mulheres. Valorizou-as, conversou, colocou-as como testemunhas, até mesmo como apóstolas, como nos informou Tepedino ao citar Fiorenza: “As mulheres exerciam liderança como apóstolas em

¹³⁵⁹ BÍBLIA..., 2006, Jo 2,13-25.

situação de igualdade com os 12,”¹³⁶⁰ e o motivo da invisibilidade feminina entre os apóstolos estaria na prática da época de não nomear mulheres, já que eram marginalizadas por serem mulheres, só obtendo cidadania quando vinculadas a algum personagem masculino, como por exemplo, o marido ou o filho. Apesar disso, devido à importância que tiveram, o Novo Testamento cita, na época de Jesus, Maria, sua mãe, Maria de Magdala, Marta e Maria. “Nos atos dos apóstolos e nas cartas de Paulo, encontramos como líderes, Prisca, Lídia, Ápia, Trifena, Trifosa, etc”.¹³⁶¹ Segundo Fiorenza, nas cartas genuínas de Paulo, Junia possui o título de apóstola, e Febe, de diácona. Enquanto as reuniões foram feitas em casas de família, muitas mulheres tiveram lideranças.

Até mesmo o batismo cristão, como nos mostra Bingemer, revolucionou os primórdios do cristianismo. O batismo cristão não é ‘sexista’, e com isso concedeu à mulher cidadania plena religiosa, o que não havia em Israel, em relação à iniciação judaica, pois só o homem podia ser circuncidado.

As epístolas paulinas tão usadas, no passado, nos discursos religiosos cristãos para enfatizar a submissão feminina, como por exemplo, “as mulheres devem se calar na igreja”,¹³⁶² hoje nelas se reconhece duas possibilidades. De acordo com Croatto,¹³⁶³ Paulo estava inserido numa práxis cultural patriarcal onde se idealiza os homens em detrimento das mulheres. E a segunda, de acordo com O’Connor, é que seria uma inserção posterior a Paulo, como hoje já se reconhece que aconteceu em diversas outras passagens.¹³⁶⁴

Conforme já vimos em nosso trabalho, com detalhes, no terceiro capítulo, a passagem do servo do centurião romano,¹³⁶⁵ através da interpretação de Pikasa, levanta a hipótese que o ‘servo fosse o amante do centurião romano’. Pikasa faz uma exegese e hermenêutica desta passagem, revelando o contexto dos quartéis na época de Jesus, mostrando que era comum, os servos serem amantes de seus oficiais romanos. Em sua análise ele nos informa ainda que a palavra ‘pais’ pode ter três significados: servo, filho e amante (quase sempre jovem). Esta passagem precisa ser debatida, de modo a ser possível perceber, que embora Jesus fosse judeu, e o “o

¹³⁶⁰ TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*, p. 90.

¹³⁶¹ CAMPOS, Mônica B. *As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina*, p.9.

¹³⁶² BÍBLIA..., 2006, 1 Cor 14, 34-35.

¹³⁶³ A biografia de José Severino Croatto encontra-se no volume I deste trabalho doutoral.

¹³⁶⁴ O’CONNOR, M. Jerome. *Paulo, biografia crítica*, p.296. A nota de rodapé (145) afirma que esta pequena frase, foi acrescentada tardiamente para ficar em harmonia com a passagem não paulina de 1 Tim 2, 11-14.

¹³⁶⁵ BÍBLIA..., 2006, Mt 8:5-13 e em Lc 7:1-10

ato sexual entre iguais” não fosse aceito, Jesus não negou curar o servo, não lhe censurou, ao contrário, elogiou a fé do centurião.

O mesmo tipo de trabalho deve ser feito com o Antigo Testamento. A primeira é a feita por Trible, que também já analisamos detalhadamente em nosso terceiro e quarto capítulo. Nesta passagem de Gênesis, Trible traz *adham*¹³⁶⁶ como ‘andrógino’, um ser com os dois sexos que só após a criação de Eva se torna *ish* (macho), e Eva, *ishshah* (fêmea). Foi preciso a intervenção divina para criar aquela que é sua igual, não tendo *adham* nenhuma autoridade sobre ela, ou qualquer outra mulher. Esta visão concede a mulher e ao homem a igualdade diante de Deus e todo o ser humano.

A interpretação dada ao Deus bíblico, baseada em uma sociedade patriarcal, tem trazido em cada discurso sobre Deus a marca cultural masculina. Embora tanto os homens como as mulheres tenham sido criados à imagem de Deus, segundo Tamez, “muitas vezes a manifestação divina como masculina cria dogmas que promovem a desigualdade”.¹³⁶⁷ Bingemer nos diz que ao falarmos Deus-Pai nos referindo a um Deus que também é mãe. “A geração eterna do Filho pelo Pai é tão plena e perfeita que num único Filho resplandece toda ternura materna e todo vigor paterno de seu amor”.¹³⁶⁸ A mudança da visão patriarcalista para o Deus Trino, relacional é importantíssima.

A Bíblia usa em diversos momentos linguagem feminina para se referir a Deus. Entre essas passagens, citamos Isaías, onde Deus-Pai é comparado à mãe que não abandona o filho.¹³⁶⁹ E mais recentemente, o Papa João Paulo I disse: “Deus é Pai e Mãe”.¹³⁷⁰ Para Bingemer, a denominação feminina não pode ser apenas para a pessoa do Pai, pois da economia trinitária flui da forma mais profunda o amor de Deus pela humanidade. É um amor inclusivo, que não deixa fora de si o pobre ou os pequenos deste mundo. Cada pessoa da Trindade possui de forma harmonizada, características masculinas e femininas. Trata-se de “uma comunidade de amor que se revelou também no feminino, assim como no masculino”.¹³⁷¹ É preciso resgatar no discurso teológico este Deus Pai/Mãe, relacional, amor.

¹³⁶⁶ Ibidem., Gn.2,17

¹³⁶⁷ TÁMEZ Elsa. *Religião, gênero e violência*, p. 153.

¹³⁶⁸ BINGEMER, Maria Clara. *Entrevista de Maria Clara Bingemer*.

¹³⁶⁹ BÍBLIA..., 2006, Is 49,15

¹³⁷⁰ O ARCANJO NO AR. Op. cit, 2009.

¹³⁷¹ Ibidem., 2009

Dando continuidade à reinterpretação de textos bíblicos, trazemos os de Sodoma, no Antigo Testamento, retornando a interpretação original de que a cidade de Sodoma teria sido castigada devido à atitude de seus cidadãos contra os estrangeiros, e não por causa da prática de atos sexuais entre iguais. Como vimos no terceiro capítulo deste trabalho, esta interpretação surgiu séculos depois, no cristianismo. É importante esclarecer que ‘a prática dos atos sexuais entre iguais’ são considerados abomináveis ou impuros, na Bíblia, não pelas mesmas razões morais da atualidade, mas por que se encontravam: - dentro de rituais pagãos, o que era considerado traição a Deus. – e no Código Sagrado, fazendo parte de uma relação onde é também considerada impura a lagosta, o camelo, o porco, o camarão, e diversas práticas que tinham diferentes tipos de elementos, ou dois tipos de fibra. Além dessas, constava na relação, as impurezas periódicas, como a menstruação das mulheres, a emissão do esperma pelo homem, o participar de um enterro ou dar à luz.

O sentido de impureza ou abominação que encontramos na Bíblia é “a violação das regras de pureza que governavam a sociedade israelita e faziam com que o povo judeu fosse diferente dos demais povos”.¹³⁷² Tratavam-se de atos voltados para a ‘não procriação’, o que contrariava as necessidades de uma época em que era necessário povoar Israel para torná-la uma grande nação, e nenhuma semente poderia ser usada fora deste contexto, pois se acreditava que em cada esperma desperdiçado havia uma semente, e perde-la era considerado ‘abominável’, e o transgressor condenado à morte. Foi o que aconteceu com Onã, que embora não estivesse praticando ‘atos sexuais entre iguais’, foi morto por Deus.

Então disse Judá a Onã: Toma a mulher do teu irmão, e casa-te com ela, e suscita descendência a teu irmão. Onã, porém, soube que esta descendência não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando possuía a mulher de seu irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência a seu irmão. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou.¹³⁷³

Além dessas análises que aqui trouxemos, existem muitas outras. Algumas, já reinterpretadas e refletidas, anteriormente, em nosso trabalho, que também precisam ser levadas em consideração. E ainda outras passagens, que trazem o objetivo geral bíblico; o amor de Deus. Nas mensagens do Deus que cria e salva,

¹³⁷² HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, p. 50.

¹³⁷³ BÍBLIA..., 2006. Gn 38, 8-10.

do Deus que em Jesus mostrou todo o seu amor serviço e a misericórdia, reforçando que o amor de Deus é incondicional, inclusivo e justo.

De acordo com Beattie, é também necessário que da mesma forma que existe uma interpretação Bíblica onde o homem/Adão foi redimido por Jesus, o segundo Adão, possa se estender e refletir, que a mulher foi a primeira a conhecer o bem e o mal, e a sofrer as consequências deste conhecimento. A mulher foi também a primeira, através Maria, a conhecer o amor reconciliador de Deus em seu corpo e a libertação da opressão. De acordo com Beattie, Eva e Maria são necessárias para revelar o significado pleno da história cristã para as mulheres. Foi por Maria ser mulher que Deus fez uma nova aliança com a mulher através dela, restaurando o estado original de bondade e de comunhão entre Deus e o homem, caindo, assim, todas as opressões e hierarquias da história. Dessa forma, é importantíssimo que a sociedade, finalmente, venha redimir a mulher/Eva de seu pecado, pois até hoje, certos textos, artigos, livros e discursos religiosos colocam a mulher como a tentadora, a traidora, a culpada, sempre deixando claro que o homem não resiste, rende-se aos seus encantos, e seus erros são ocasionados por causa da mulher. É em Maria que a mulher consegue se sentir como Eva/Maria vindo em sua força, coragem, e fé, o resgate de sua identidade como mulher. É em Maria que a mulher sente-se resgatada do pecado de Eva. Aquela que enfrenta as turbulências da vida, e possui a força do que significa ser mulher, na bonança e nas intemperes da vida, de enfrentar a violência, seguindo em frente impulsionada pela fé. Assim como Jesus, o simbolismo de Eva e Maria torna-se essencial para o feminino. Eva não tinha pecado, mas pecou; Maria, sem pecado original, com o seu ‘sim’ foi responsável por aquele que salvou a humanidade.

As a woman was the first to know good and evil and the first to suffer the consequences of that knowledge in the form of her own oppression, so a woman is the first to know the fullness of God’s reconciling love in her whole bodied being, and the first to experience liberation from oppression through becoming God’s chosen one in the incarnation”.¹³⁷⁴

O retorno aos textos bíblicos de Maria é essencial, de modo a valorizar a mulher Maria, Mãe de Jesus e de Deus, que teve a coragem de dizer ‘sim’, entregando-se totalmente à vontade de Deus, baseada apenas na fé, mesmo sabendo que poderia morrer apedrejada ao descobrirem sua gravidez. Que embora tenha

¹³⁷⁴Tradução livre: “Como a mulher foi a primeira a conhecer o bem e o mal e a primeira a sofrer as consequências do conhecimento em forma de sua própria opressão, então uma mulher é a primeira a conhecer a plenitude do amor reconciliador de Deus em todo o seu corpo e a primeira a ter a experiência de libertação da opressão através de tornar-se a escolhida de Deus na encarnação”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother*, 1999, p.128.

vivenciado uma concepção virginal ‘sem violência’, precisou como mulher, proteger o seu corpo de possíveis violações, e não encontrou um local que a acolhesse para que o seu filho nascesse. Após o nascimento, precisou fugir de Israel e migrar, refugiando-se no Egito. Enfrentou os inúmeros desafios de ser mãe de Jesus, frente ao próprio filho, à família e aos demais, encontrando-se de ‘pé’ em sua crucificação, e junto com Maria Madalena, foi testemunha da ressurreição, e depois, como discípula, em Pentecostes. Será importante, em vez de se valorizar a sua submissão e santidade, mostrar Maria, como exemplo de mulher que vivenciou, simbolicamente, tanto o diaconato como o sacerdócio maternal, tendo sido ‘protagonista da história da salvação’, deixando seu exemplo de amor, força, coragem e fé. Como nos sugere Gebara, é preciso que as mulheres possam ir além do seu entendimento circunstancial da situação, tendo consciência de serem vítimas da cultura de violência masculina. E exatamente por isso, “to become agent rather than victim from this new perspective would entail a more dramatic appropriation of Mary’s symbolic potential, wresting it out of existing frameworks and refiguring it into a different narrative”.¹³⁷⁵

O mesmo tipo de reflexão e divulgação é preciso fazer em relação à história do cristianismo, percebendo, entre outras tantas coisas, que a Igreja em determinado momento, ao precisar escolher entre a revolução de Cristo em relação ao feminino e o desenvolvimento do cristianismo, no mundo patriarcal, optou pelo segundo. A mudança que existiu desde a aproximação do cristianismo com o estoicismo, que influenciou e ainda influencia a visão da mulher. É necessário, então, trocar a percepção da pecadora, demoníaca, do corpo como pecado, como também da santa que existe apenas para procriação, cuidar da casa e dos filhos, para uma mulher em igualdade de capacidade com os homens, que luta pelo seu espaço público com igualdade salarial, e respeito às diferenças como possibilidades de divisão de tarefas domésticas e filiais, cujos corpos, como diz Ivone Gebara, “exigem outra forma de conceber ética, democracia, política, economia, relação com a natureza, entre outras questões do existir em si e de si com o mundo”.¹³⁷⁶

A relação entre o medo do simbolismo do sangue com a mulher, proporcionado pela violência ligada à sexualidade tem sido inconscientemente uma

¹³⁷⁵ Tradução literal: “Para se transformarem em agentes em vez de vítimas, a partir desta nova perspectiva implicaria uma dotação mais dramática do potencial simbólico de Maria, lutando fora dos quadros existentes e reconfigurando dentro de uma narrativa diferente”. Cf. BEATTIE. *God’s Mother*, 1999, p. 26.

¹³⁷⁶ ANDRADE, Paula. *O pensar a partir do corpo e da cultura*.

das barreiras de um relacionamento harmonioso entre homens e mulheres, de se enxergar as mulheres como impuras, pecadoras como Eva, inclusive afastando-as dos ritos sacrificiais. É necessário, então, se repensar o simbolismo do sangue que traz a vida, como no nascimento de uma criança, e o significado da redenção pelo corpo da mulher, para que não haja barreiras no entendimento da redenção de Cristo. O medo é uma barreira para a experiência da liberdade, da alegria e da plenitude de vida que foi prometida para ambos, homens e mulheres através da redenção do ser humano em Cristo. Segundo Gesché foi no corpo humano que Deus fez o encontro com o ser humano, em sua realidade, através da encarnação. Dentro dos contornos da história, com limites de agir, ultrapassando barreiras, Deus age e salva. Para Beattie, em Maria foi feito o resgate de Eva/mulher. Segundo esta autora, a missa já traz o simbolismo da fertilidade e da morte com a atividade materna. Segundo Bingemer, as mulheres podem levar em si, tanto o selo da imagem de Deus como podem ser no mundo real “presença crística”, pois através do seu corpo, e do seu amor maternal já se encontra, “o sacramento da Eucaristia, o ato divino por excelência está acontecendo de novo”.¹³⁷⁷ Quem tem o seu corpo como alimento para a vida não traz em si a violência.

Para finalizar, é necessário que a teologia esteja consciente das mudanças científicas, psicológicas, e legais que estão ocorrendo na atualidade, mantenha-se presente na sociedade conhecendo suas transformações, necessidades e o sofrimento do seu povo, para que, de acordo com o Concílio Vaticano II, e a *Gaudium et Spes*, 4, “frente aos sinais dos tempos, possa interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura e da relação entre ambas”.¹³⁷⁸

¹³⁷⁷ BINGEMER, Maria Clara. *A Eucaristia e o corpo feminino*, p. 403.

¹³⁷⁸ PAPA PAULO VI. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*, ítem 4.

Libanio¹³⁷⁹ em um artigo sobre o Concílio Vaticano II e a modernidade, apresentou, com base em Jean Daniélou,¹³⁸⁰ um resumo da proposta fundamental da teologia, trazendo uma tríplice exigência:

1. Ela deve tratar Deus como Deus, não como objeto, mas como o Sujeito por excelência, que se manifesta quando e como ele quer, e, de consequência, ser primeiramente penetrada do espírito religioso; 2. Ela deve responder às experiências da alma moderna e levar em conta as dimensões novas que a ciência e a história deram ao espaço e ao tempo, que a literatura e a filosofia deram à alma e à sociedade. 3. Ela deve enfim ser uma atitude concreta diante da existência, uma resposta que engaja o homem inteiro, à luz interior de uma ação onde a vida se joga totalmente.¹³⁸¹

Para Vidal, qualquer ação para se tornar humana e humanizadora precisa ser originária e destinada à pessoa. “Essa orientação personalista é uma condição indispensável do discurso ético. É também uma das chaves, talvez a primeira, da vivência e da compreensão do fenômeno moral”.¹³⁸²

Segundo Millen,¹³⁸³ a ética cristã aponta para uma moral paraclética e terapêutica que se baseia nas Sagradas Escrituras e no Papa João XXIII, que dizia que se deve pretender sempre cuidar, aliviar, se possível curar a pessoa dos pecados, dos problemas, das aflições, culpas e dores. Deve partir da vida concreta das pessoas para fazer o anúncio da boa nova que consola e encoraja, sendo convite para uma vida em Cristo e no Espírito.

¹³⁷⁹ João Batista Libanio era padre jesuíta. Formou-se em teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt (Alemanha) e fez doutorado da Universidade Gregoriana (PUG), de Roma. Foi professor de teologia da PUC-Rio, da PUC Minas Gerais e da Unisinos, no Rio Grande do Sul. Ultimamente lecionava na Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), em Belo Horizonte, onde morava, e era vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, na Grande BH. Reconhecido internacionalmente como um dos teólogos da Teologia da Libertação, que surgiu mais fortemente na América Latina nos anos 60, Escreveu 36 livros e colaborou em mais de 125, além de uma infinidade de artigos - muitas das obras editadas em vários idiomas.

¹³⁸⁰ Jean Daniélou era padre jesuíta francês, teólogo de renome e acadêmico. Possui mais de 20 livros, e muitos artigos. Entre seus artigos encontra-se o citado, da revista Jesuíta “Etudes” de Paris.

¹³⁸¹ LIBANIO, João Batista. *O Concílio Vaticano II e a modernidade*.

¹³⁸² VIDAL, M. *Nova Moral Fundamental*, p.636.

¹³⁸³ Maria Inês de Castro Millen é graduada em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também fez mestrado em Ciências da Religião; graduada em Teologia pelo Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio; e doutora em Teologia pela PUC-RJ. Atualmente, é professora no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, tem experiência na área de Medicina. Atua nas áreas de Teologia Moral, Bioética e Antropologia Teológica. Entre as suas obras citamos: *Os acordes de uma sinfonia. A Moral do Diálogo na Teologia de Bernard Häring*.

Essa moral dinamiza e indica caminhos possíveis de salvação e de libertação para todos e, de modo especial, para os doentes, os abatidos, os cansados e feridos, sem cair no moralismo legalista, que muitas vezes somente pune, castiga e leva as pessoas ao desânimo improdutivo. [...] Usa a linguagem própria do Espírito Paráclito, por isso é consoladora, encorajadora, e vincula o coração, a memória e a consciência das pessoas às obras prometidas e realizadas por Deus em favor de suas criaturas, proporcionando-lhes a força necessária para o combate ao egoísmo pessoal e coletivo, ao desprezo para com a vida, à busca desenfreada do prazer e do sexo sem amor e sem referência à dignidade própria de cada um e de todos os humanos, criados à imagem e semelhança de Deus.¹³⁸⁴

Zacharias¹³⁸⁵ e Trasferetti¹³⁸⁶ de forma bastante objetiva sugerem que se deveria pensar em uma “teologia da cidadania homossexual” que encontre ressonância nos documentos do Magistério, uma vez que a solicitude pastoral deve estar contemplada no amor e no combate à violência. Para esses teólogos, pessoas homossexuais precisam ser tratadas com respeito e dignidade.

Para eles:

Todo educador da fé, todo agente de pastoral podem e devem propor ações pastorais que visem integrar as pessoas homossexuais em sua comunidade. É necessário também educar a comunidade para ser receptiva às pessoas homossexuais. Isso implica e inclui o combate à ignorância, que julga e vitima as pessoas de maneira medíocre. Os educadores da fé, os agentes de pastoral têm um papel fundamental na educação moral da comunidade, orientando os cristãos no combate à homofobia e ao heterossexismo.¹³⁸⁷

Para esse autores, além disso: as pessoas homossexuais podem e devem ser protagonistas de uma teologia da cidadania homossexual, uma vez que muitas vivem a fé em Deus de forma intensa e estão abertas a acolher o Reino na própria vida, a santificar a própria existência, a ser sal da terra e luz do mundo na e a partir da própria condição. O rigor doutrinal não pode excluir a solicitude pastoral e o amor desmesurado que acolhem e transformam vidas.

Para alcançar os objetivos aqui colocados, visando um novo paradigma de ‘ser humano’, a teologia necessita acompanhar as transformações que vem surgindo desde a segunda metade do século XX em relação às mulheres e ao grupo LGBTTI, para que faça a diferenciação entre o que é laico e religioso, perceba e respeite a diversidade existente no mundo que se vive, a necessidade de se cuidar da casa

¹³⁸⁴ MILLEN, Maria Inês de Castro. *Valores fundamentais da sexualidade humana*, p. 16.

¹³⁸⁵ Ronaldo Zacharias é doutor em Teologia Moral, especialista em Educação Sexual, professor do Campus Pio XI do Centro unisal, secretário da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (2004-2009) (sdbronaldo@uol.com.br).

¹³⁸⁶ José A. Trasferetti é doutor em Filosofia e em Teologia Moral, professor titular da PUC-Campinas, presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (2004-2009), diretor da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas (trasferetti@uol.com.br).

¹³⁸⁷ TRANSFERETTI, Jose A; ZACHARIAS, Ronaldo. Homossexualidade e ética cristã.

comum, de conhecer com profundidade, sem preconceito, os estudos de gênero, de modo a termos uma teologia calcada no seguimento de Jesus, na responsabilidade, no compromisso com o outro, na misericórdia, na ética tendo o ‘cuidado do outro’ como vocação, na ‘não violência’, no Deus todo poderoso no amor. Só assim, será possível dar subsídios a um discurso religioso que se coloque fora dos padrões existentes, a fim de se reconfigurar a narrativa colocando-a, dentro da misericórdia, do respeito, e do amor incondicional. Para que as mulheres e todas que possuem características femininas, possam descobrir que para Deus elas são seres humanos e, sentirem-se luzes, pontes, procurando viver relacionamentos não rivalistas, não permitindo que o egoísmo se potencialize em detrimento da responsabilidade que têm consigo mesmas, com Deus, com o outro, e com a natureza. Que os homens dentro e fora da igreja consigam se deixar guiar pelo amor divino, ultrapassando o sexismo, percebendo que todos são seres humanos, e saibam respeitar as diferenças, colaborando ativamente para o desenvolvimento do outro em suas relações. Que a religião cristã e sociedade venham a se conscientizar que independente de sexo, gênero, etnia, todas as pessoas são iguais perante este Deus amor, e precisam viver integradas em suas dimensões, para que possam dar uma resposta a Deus em sua singularidade, como pessoa integrada, livre, respeitando, aceitando, amando, tendo relações de compromisso com o ‘próximo’, sentindo-se responsável por ele, e por ‘todas’.

Dessa forma, com a força do amor de Cristo, e o exemplo de Maria, desejamos que a teologia possa fundamentar os discursos teológicos com base na própria pedagogia de Jesus, cuja característica era o contato, a experiência pessoal no dia a dia, onde Jesus verificava através do face a face, do olhar daquele que estava a sua frente, qual a sua real necessidade, vendo este ‘outro’ como um ‘ser humano’, ultrapassando a sua condição de ‘pecador’,¹³⁸⁸ incluindo-o em seu amor incondicional. Que esta ‘pedagogia da inclusão’,¹³⁸⁹ possa estar em todas as reflexões teológicas, levando à ‘ética da inclusão’, repleta da misericórdia como nos fala Mateus: "Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício[...]"¹³⁹⁰ A fim de termos um mundo onde “em Cristo caem todas as diferenças, visto que nele acontece uma recriação do plano original do Pai. Assim sendo, Deus não faz acepção de pessoas”.¹³⁹¹ Pois, como disse Paulo: “Já não há

¹³⁸⁸ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*.

¹³⁸⁹ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e física quântica*, p. 24.

¹³⁹⁰ BÍBLIA..., 2006. Mt 9,13

¹³⁹¹ MAZZAROLO. Op. cit, 2011, p. 36. Cf. BÍBLIA, Op. cit, Dt 10,17.

judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo”.¹³⁹²

6.6

Resumo

Neste sexto capítulo procuramos traçar o perfil, dentro da antropologia teológica, de um ser humano, imagem e semelhança de Deus, com sua subjetividade aberta para Deus, para o mundo, para ele próprio, e para a nossa casa comum. Um ser humano que perceba que tod@s são iguais perante Deus, e amad@s e respeitad@s da mesma maneira, independentes de sexo, gênero, etnia, religião. Um ser humano que tenha o seu modelo em Jesus Cristo, siga os seus passos no amor serviço, na sua misericórdia, na preferência pelos pobres, sofredores, marginalizados, perseguidos, diferentes, excluídos.. Que busque a força para este seguimento na aproximação de Deus, e através do rosto, do olhar, da palavra do outro, do diferente, através da conscientização do perigo da cadeia mimética, através da ética levinasiana venha a ter relacionamentos não rivalistas, que busquem o desenvolvimento do outro. Relacionamentos onde possa ir ainda mais além, comprometendo-se de tal forma com o outro, de forma que seja capaz de o substituir em seu sofrimento, de ser um messias, o subjectum, até mesmo um ser humano voltado para a humanidade, capaz de seguir o caminho inverso da violência, o caminho do respeito, do amor e da paz.

Para isso inicialmente em busca do novo paradigma visualizamos o ser humano em sua relação com este Deus trino, relacional no amor entre si, e com o ser humano. Em seguida trouxemos o Deus cristão e o seu seguimento, mostrando o seu amor incondicional e total, a ponto de dar a vida por cada um e por todos, e procuramos ver, como é possível, o ser, apesar de todas as limitações, responder a este amor que nos interpela.

Impulsionados pela teoria de René Girard e Emmanuel Lévinas, procuramos percebe-la dentro da Antropologia Teológica de Karl Rahner, Adolph Gesché, e Alfonso Garcia Rubio, trazendo ainda outros grandes teólogos e estudiosos para nos auxiliar nesta reflexão, tais como: Jon Sobrino, Leonardo Boff, Maria Clara Bingemer, Tina Beattie, Ivone Gebara, Elza Tamez, Jonathan Sacks, Vito Marcuso, Ana Maria Tepedino, João Batista Libanio, Marciano Vidal, Cassia Quelho

¹³⁹² BÍBLIA..., Op. cit, Gl 3,28.

Tavarez, Maria Inês de Castro Millen, José A. Trasferetti, Ronaldo Zacharias, A Helminiak, Claus Westermann, Isidoro Mazzarolo, visando uma forma de se chegar a um cristianismo inclusivo e participativo para ‘todas’. Para isso, procuramos traçar o paradigma do ser humano integrado e livre da supremacia masculina.

Finalmente, sabendo da importância da teologia para atingirmos a este fim, refletimos sobre o grande trabalho que ela tem a sua frente, buscando conhecer e analisar os avanços das ciências, vendo os sinais dos novos tempos, estando junto ao povo, percebendo as transformações da sociedade, o surgimento dos novos pobres, seus sofrimentos e necessidades. Dessa forma, com base nas reinterpretações bíblicas feitas pelas teólogas feministas ao longo desses anos, e outras exegeses e hermenêuticas que fogem das interpretações tradicionais que trazem a inferioridade da mulher e a abominação dos que tem características femininas e agem como tal; com a força do amor de Cristo, e o exemplo de Maria, esperamos que seja possível fundamentar os discursos teológicos de forma que possam ser repletos da ‘misericórdia divina’ para que possamos chegar a um mundo onde predomine a ‘ética da inclusão’ onde ‘todas’ possam estar incluídas e participando ativamente da grande família universal.

7

Conclusão

Como vimos em nosso trabalho doutoral, milhares de pessoas do gênero feminino ou que possuem características femininas, anualmente, costumam ser vítimas dos jogos de poder, nos quais as ‘características femininas’ são consideradas mostras de fragilidade, e inferioridade. As disputas que surgem pelo sexismo levam a mulher, em sua grande maioria, à submissão, e nas reações contrárias, aos mais variados tipos de violência, dos simbólicos aos físicos, inclusive o estupro, e o assassinato. Em relação ao grupo LGBTTI os mesmos jogos acontecem, levando à exclusão social ou até mesmo à eliminação total da pessoa, com um brutal assassinato.

Diante dessa realidade, e da dificuldade de se reverter esse quadro, desejamos analisar esta temática, e ao procurarmos material teológico interdisciplinar e bíblico sobre ‘violência de gênero’, tivemos grande dificuldade. Sentimos, então, a necessidade premente de realizar um amplo e profundo trabalho, que trouxesse subsídios teológicos e bíblicos bem fundamentados, e nos predispusemos a fazê-lo. Com este intuito começamos a realizar pesquisas em grupo interdisciplinar de pesquisa, bibliotecas e congressos tanto no Brasil, como em outros países, e a partir daí, a nossa intuição foi tomando forma, e sob a orientação da Prof. Dra. Maria Clara Bingemer, tornou-se esta tese de doutorado:

- ‘A partir de um novo paradigma de ser humano que não esteja baseado na supremacia masculina, o ser humano poderá participar com maior liberdade da integração de suas dimensões, e da essência integradora das relações interpessoais, de modo que suas interrelações sejam calcadas no respeito às diferenças, e nos direitos iguais onde ‘todas’ estejam incluídas. Ou seja, um ser humano que incluirá a ‘tod@s’, havendo, então, a participação efetiva de ‘todas’; mulheres e pessoas com características femininas, na sociedade. Um ser humano consciente de que independentemente de gênero, etnia, religião, de que tod@s são seres humanos e amados por Deus, e como tal devem se relacionar de forma igualitária, respeitando as diferenças, e tendo como modelo, o seguimento de Jesus Cristo.’ -

Para comprovar esta tese, estruturamos nosso trabalho doutoral da seguinte maneira: Primeiro, partimos de importantes pensadores, em diferentes ramos dos

saber, propiciando a oportunidade de perceber à ‘violência’ por ângulos diferentes, e como ela pode ser sutil, sendo capaz de nos envolver sem que tomemos consciência; ou pode ser forte, aterrorizando-nos. - Para Freud, por exemplo, o indivíduo traz em si duas pulsões; erótica e morte. Exatamente por isso, existe a necessidade de, através da educação, a pessoa tomar conhecimento de suas pulsões, e como disse Almeida, procurar desenvolver a pulsão erótica, que é a da vida, pois traz a abertura ao outro. - Foucault, cujas teorias tratam da relação entre o poder e o conhecimento, chama a atenção de como esta relação tem sido usada como controle social pelas instituições sociais. - Hanna Arendt, traz uma importante diferenciação entre ‘poder e violência’, e revela que o poder verdadeiro não está relacionado com a violência, pois o poder ligado à violência é o ‘poder de dominação’. – Bhabha, leva-nos a reflexão de como o colonizador se impõe e introduz na mente do colonizado a sua inferioridade, subalternidade, e o desejo de ser como o colonizador. – Žižek, alerta para a violência oculta, simbólica, que se esconde através de agentes sociais que muitas vezes impõem restrições humilhantes escondidos em ações pacíficas. - E a teologia, através do Concílio Vaticano II, mostra-nos a origem do ser humano criado à imagem de Deus, e como este se deixou seduzir pelo maligno, colocando-se contra a vontade de Deus. Um ser humano dividido em si mesmo, cuja vida, seja singular ou coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, e só em Cristo encontrará a luz para entender o sofrimento e a morte. – Rahner, nos indica que é através da abertura e do amor ao próximo que conseguiremos encontrar o Deus que se exprime para fora da matéria: Jesus Cristo. E Bingemer, para quem qualquer violência é mortal, pois atinge a dignidade do ‘ser’. Por isso mesmo precisamos encontrar uma ética que abra o ‘ser humano’ ao amor.

Em seguida, conhecemos com detalhes o que é ‘gênero’, a ‘diferença entre gênero e sexo’, ‘sexualidade’, ‘orientação sexual’, ‘identidade de gênero’, tendo a oportunidade de perceber a importância do aspecto biológico, mas reconhecendo a interferência dos aspectos culturais e sociais na vida de cada ser humano. Ao final, constatamos a extensão da ‘violência de gênero’ e suas terríveis consequências.

Em relação aos controvertidos e importantíssimos ‘estudos de gênero’, trouxemos conceitos das diferentes teorias, e da diversidade de posições em relação a elas. Entretanto, é necessário esclarecer que, entre os teólogos que participam com profundidade destes estudos, a posição que vigora, e que também concordamos, é a da ‘teologia’ revisionista, na perspectiva cristã de não renunciar à diferença ‘homem e mulher’, respeitando a importância do sexo biológico, mas,

evidenciando, como diz Corrêa Lima, o papel da cultura e das estruturas sociais. Uma violência que vem sendo produzida e reproduzida há séculos nas relações pessoais, sociais e institucionais, e ainda hoje, na contemporaneidade, permanece a desvalorização do feminino’.

Para mostrar como ocorre esta violência contra o feminino, fizemos um retrospecto desta história, da pré-história à contemporaneidade, refletindo sobre as diversas épocas, e procurando visualizar como é grande e forte esta violência, mostrando também a resistência das mulheres e do grupo LGBTTI a ela, como está introjetada a desigualdade entre homem e mulher, e a visão demoníaca e inferior do grupo LGBTTI. Finalizando o histórico, trouxemos os avanços na legislação brasileira e no resto do mundo, e o impasse com a bancada evangélica, e principalmente com a Igreja católica através de seus documentos, refletindo sobre as dificuldades para modificar a realidade existente.

Analisamos, então, o pensamento de René Girard sobre o mimetismo, como ele funciona, o perigo que representa, a importância de se conscientizar que não é possível continuar com a cadeia mimética, e a necessidade de se ter relacionamentos ‘não rivalistas’ que estimulem o outro a se desenvolver, em uma sociedade e religião que: - Não usem o bode expiatório como prática ritualista para impedir a explosão mimética. - Tenham como base a prática da ‘não violência’ como nos mostra o Deus cristão, através da concepção virginal de Maria, do nascimento, vida e morte de Jesus, onde a denúncia dos evangelhos não pediam vingança e sim misericórdia. - Resgatem, como sugere Tina Beattie, o simbolismo de Maria/Eva como a escolhida por Deus, de modo que, perante a sociedade patriarcal, Eva e todas as mulheres sejam reconhecidamente salvas. – Revejam e reinterpretem os símbolos negativos em relação ao feminino de forma que as novas gerações possam através de símbolos positivos libertarem-se do medo do feminino. - Que a mulher e as pessoas com características femininas estejam conscientes, do mecanismo social que as levaram a ser vistas e a se perceberem sob o prisma da inferioridade, e do mimetismo que perpetuou esta visão. - Realizem e incentivem uma educação reflexiva, onde se consiga perceber a perniciosidade dos diversos tipos de violência, e seja possível verificar a importância do mimetismo de relacionamentos ‘não rivalistas’, baseados na ‘igualdade de gênero’ e no respeito ao outro como ele é.

Percorremos também a teoria levinasiana através de Susin, acompanhamos o percurso da formação da subjetividade, e vimos que só através da ‘ética da alteridade’ é possível chegar à paz, à inclusão, com a participação de ‘tod@s’ na sociedade. Caminho que tem seu início com a presença do rosto do outro, se ‘a má

consciência' começar a questionar, desconfiada do seu comportamento, levando a pessoa sair de si para o outro, surgindo daí a relação de responsabilidade e de justiça. Para Lévinas, o ser humano, por ser assignado pelo Infinito antes de se tornar 'ser', pela ética pode realizar sua principal vocação, que é a transcendência ao 'Outro'. Dessa forma, ele é capaz de responsabilizar-se pelo próximo e o distante, podendo chegar ao modo subjectum, onde não há dominação, e o outro é a referência. Com o Subjectum nasce um novo poder capaz de obedecer ao Bem e suportar o insuportável, aguentando o peso do universo: o poder messiânico', que surge em um ser humano voltado para a humanidade. Seguindo o desenvolvimento da teoria de Lévinas, trouxemos ainda o embate e as críticas feministas contra este autor, mas ao final, como diz Jacques Derrida, para Lévinas o feminino é "a origem pré-ética da ética".¹³⁹³ Ele amplia o feminino para além da ontologia, colocando-a como abertura à ética e à alteridade.

A nosso ver, dando um passo à frente, Lévinas ultrapassa a 'violência de gênero' e procura através da ética levar o ser humano a um humanismo baseado no outro. Um serviço profético onde a justiça e a igualdade social são estabelecidas em uma relação onde o 'eu' responderá pelo outro e por toda a humanidade.

Finalmente, através de Rahner, Gesché, Garcia Rubio¹³⁹⁴, e de outros importantes teólogos procuramos refletir as teorias de Girard e Lévinas dentro da 'teologia sistemática', mais especificamente, a 'antropologia teológica' em busca de uma 'ética' inclusiva. Dessa forma, visando um meio de se chegar a um cristianismo inclusivo e participativo para 'todas', com os dados colhidos em nossas pesquisas, traçamos o paradigma do ser humano almejado por nós, e percebemos que é possível chegar a ele. Não totalmente, pois como vimos em nosso trabalho: em Freud, a violência é decorrente da pulsão de morte que temos dentro de nós; para Girard é efeito do desejo mimético; para Lévinas é fruto do 'ego'; e de acordo com a teologia é consequência da desobediência do ser humano

a Deus ao invadir o espaço do outro, tendo como consequência a concupiscência (ou entropia), uma tendência na perpetuação do mal trazida por este comportamento. Entretanto, o mimetismo perpetuou a violência, e como consequência, segundo Tina Beattie, surgiu o patriarcalismo reduzindo à mulher a um ser inferior, imperfeito, que a sociedade e o uso do sagrado insiste em não resgatar. A teologia nos diz que só em Cristo o ser humano encontra luz para ir

¹³⁹³ DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*, p. 60.

¹³⁹⁴ Faço parte de um grupo de estudos que se reúne mensalmente com o próprio prof. Dr. Alfonso Garcia Rubio, onde lemos e debatemos os seus livros.

ultrapassando a dualidade mal/bem existente em si próprio. Então, concluímos que poderemos chegar a esse ser humano integrado e livre da supremacia masculina, capaz de viver a essência de suas relações interpessoais, calcadas na imagem e semelhança do Deus Amor, com a sua subjetividade aberta para Deus, para o mundo, para ele próprio e para a nossa casa comum. Alguém que seja possuidor de relações que visem à harmonia, que aceite a igualdade de todos diante de Deus, ultrapassando as diferenças e seguindo o caminho da não violência, da ética da alteridade, do outro, do cuidado, da inclusão. Um ser humano, que apesar de suas imperfeições, e limitações seja capaz de reconhecer no Deus trino a relação de amor, e se permita abrir ao outro, com homens e mulheres percebendo-se como iguais, respeitando às diferenças, sem dominação, sem jogos de poder, sem violência. O mesmo acontecerá em relação ao grupo LGBTTI, pois este ser humano será capaz de reconhecer a necessidade de cada pessoa viver integrada em suas dimensões, em harmonia com a sua natureza, e sem julgamento, incluir, levando a total participação de ‘todas’ na sociedade e nas esferas religiosas. Mas só chegaremos a ter este paradigma se certas ações e discursos religiosos ligados ao cristianismo se modificarem, porque justamente esses discursos têm servido de justificativas e usados para aguçar a violência contra a mulher, e contra o grupo LGBTTI. Dessa forma, será preciso que a teologia dê subsídios bíblicos e teológicos diferentes dos que estão sendo usados em muitas pastorais e cursos de formação. Para isso, a teologia precisará: - Participar de estudos e pesquisas interdisciplinares que acompanhem as descobertas e transformações científicas que estão acontecendo em relação às mulheres e ao grupo LGBTTI. - Reconhecer à importância das pesquisas e reflexões feitas pelas teólogas feministas trazendo para debate e divulgando seus trabalhos. - Realizar pesquisas de campo, participando de trabalhos ligados a grupos de mulheres e LGBTTIs que sofrem violência de gênero, de forma a ter condições de fazer uma análise mais real e humanizada. - Saber diferenciar ‘laico’ e ‘religioso’, percebendo a diversidade, hoje, existente. - Conhecer com profundidade os estudos de gênero, diferenciando-os entre si, para poder utiliza-los, de acordo com os evangelhos e a singularidade de cada pessoa, como fazia Jesus. - Reinterpretar ou colocar para debate, as inúmeras passagens bíblicas já reinterpretadas, e outras passagens cujas interpretações tradicionais trazem a desigualdade entre mulher e homem, e apontam o grupo LGBTTI como inferior e abominável. Trazer outras exegeses e hermenêuticas, proporcionando reflexões teológicas calcadas na igualdade dos seres humanos, a partir do

seguimento de Jesus, com base na responsabilidade, no compromisso com o outro, na misericórdia, na ‘não violência, na ética da inclusão.

Acreditamos que nosso trabalho doutoral seja essencial para a teologia, e sua leitura e análise possam dar importantes subsídios a outros trabalhos acadêmicos, à pastoral e à educação cristã ajudando esses setores a se atualizarem em relação aos problemas atuais do ‘feminino’, de modo que suas vozes repercutam pela Igreja e sociedade, a fim de que em curto espaço de tempo, possamos amenizar a ‘violência de gênero’, e em longo prazo, resgatar esse ‘ser humano’, imagem e semelhança do Deus todo poderoso no amor, cujo modelo é Jesus Cristo. Como nos diz o Papa Francisco,

Vejo a Igreja Católica como ‘um hospital de campanha depois de uma batalha’.[..] Devem curar as suas feridas. Depois podemos falar de todo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... [...] precisamos ser uma Igreja que encontra novos caminhos, que é capaz de sair de si mesma e ir ao encontro de quem não a frequenta, de quem a abandonou ou lhe é indiferente.¹³⁹⁵

Palavras que podemos complementar, dizendo que precisamos ser uma igreja que saia e resgate o ser humano que existe massacrado em cada ferido que está abandonado dentro da própria igreja, ou foi excluído ou afastado dela’.

Fechando o nosso trabalho doutoral, deixamos aqui a nossa prece e esperança, inspirados naquela que, por ser mulher, Deus a escolheu para ser mãe do seu filho, e que carinhosamente Dom Helder a chamava de:

“Mariama, mãe de Deus, mãe de Cristo, que com a fé e a coragem que demonstrou em seu sacerdócio de mãe, seja nossa inspiração para prosseguir nesses trabalhos teológicos contra a violência de gênero, e através de ti, Senhor, possamos ajudar na conscientização do resgate feito por Maria, na ligação com Eva, representando todo o feminino. E, finalmente, seja reconhecida neste mundo patriarcal, a redenção de Cristo para o feminino pela Igreja e pela sociedade, de modo que o ser humano se liberte das amarras do condicionamento e do mimetismo, e faça através da ‘ética da inclusão’ uma nova história de igualdade e respeito, vivida em relacionamentos conscientes e sem rivalidades. Onde ‘todas’ possam ser verdadeiramente ‘incluídas’ e terem ‘participação ativa’ e ‘decisória’ na Igreja e sociedade, como cidadãs completas, como acontece diante de Deus! Amém”.

¹³⁹⁵ PAPA FRANCISCO. *Confira entrevista do Papa Francisco à revista Civiltà Cattolica.*

8 Referências bibliográficas

8.1 Obras de referência

ABRAMOVAY, Miriam. Violência escolar: armas, drogas e traficantes não são os principais problemas. **Site Em Diálogo**. São Paulo, 22 set. 2009. Entrevista. Disponível em: <http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=10&Itemid=12>. Acesso em: 20 out. 2010.

JUANA, Álvaro. Papa Francisco a católicos em Egipto: No temen amar al outro, aunque sea un enemigo. **ACIPRENSA**, Notícias, 29 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/noticias/papa-francisco-a-catolicos-en-egipto-no-teman-amar-al-otro-aunque-sea-un-enemigo-88697>>. Acesso em: 30/05/2017.

ADITAL. Violência contra pessoas LGBTI: altos níveis de desumanidade e crueldade. **Adital**, notícia, 17 dez. 2015. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=87732>. Acesso em: 05 jan. 2016.

CAMPOS, Ana Cristina. Femicídio: aprovação de projeto é avanço na luta das mulheres. **Agência Brasil**, Notícias, Brasília, 08 mar. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-03/aprovacao-do-feminicidio-e-avanco-na-luta-das-mulheres-dizem>>. Acesso em: 17/09/2015.

JUNGES, Márcia. Uma fé para além do ressentimento. Entrevista com James Alison. **IHU Online**, n. 393. Ano XII, 11 maio 2012. Disponível em: <<http://www.erealizacoes.com.br/upload/noticia/download/80/ihuonline04.pdf>>. Acesso em: 15/ 07/2016.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. Alguém para odiar. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: edi PUCRS, 2010.

ALMEIDA, Vagner. A máquina do ódio homofóbico não para de moer. **Estadão-Aliás**, Notícias, 21 mar. 2009. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,a-maquina-do-odio-homofobico-nao-para-de-moer,342807>>. Acesso em: 27/08/2015.

ALMEIDA, Cassia. Desigualdade no topo. No poder, poucas mulheres. **O GLOBO**, Economia, 05 mar. 2017.

ALVES, Maria Elisa. Menino teve fígado dilacerado pelo pai, que não admitia que criança gostasse de lavar louça. **O GLOBO**, Rio, 05 mar. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>>. Acesso em: 11/09/2015.

ARAÚJO; MARTINS; SANTOS. Violência de Gênero e Violência contra a Mulher. In: Araújo, M.F.; Mattioli, (orgs.) **Gênero e Violência**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 17-35.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicologia para América Latina**-Revista eletrônica Internacional de La Unión Latinoamericana de entidades de Psicología. Disponível em: <<http://psicolatina.org/14/genero.html>>. Acesso em: 10/11/2012.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASEXUALITY VISIBILITY AND EDUCATION NETWORK (AVEN). Disponível em: <<http://www.asexuality.org>>. Publicado em 2001. Acesso em: 22/02/2016.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres Espancadas: A Violência Denunciada**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O Queer e o conceito de gênero. **Quereres: Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade**, São Paulo: Departamento de Sociologia – UFSCar, Publicado em 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>>. Acesso em: 25/05/2016.

BALLONE, GJ. Teoria da Personalidade-Geral. Uma base para refletir sobre nossa personalidade. **PsiquWeb**, personalidade, publicado em 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=131>>. Acesso em: 2015.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, vol. 19, n.2, Brasília, Maio/Agosto, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008>. Acesso em: 25/07/2016.

BARROS, Sulivan Charles. Os saberes subalternos e os direitos humanos: por uma teoria crítica dos direitos humanos. **Revista Argumentos**, nº 8 - 01, 2014. Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Disponível em: <http://congressods.com.br/erceiro/images/trabalhos/GT3/pdfs/sulivan_charles_barros.pdf>. Acesso em: 23/02/2016.

BARROS, Marcelo. Entre o ser e o não ser. Teologia anti-sacrificial e sacrifícios nas religiões populares. **PARALELLUS Rev. Eletrônica**, Recife: Unicap. Ano 3, n. 6, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/viewFile/216/210>>. Acesso em: 12/07/2016.

BARUFFI, MELISSA. Diversidade em casa: A Família ante a Diversidade Sexual. **IARGS**. Palestra Grupo de Estudos de Direito de Família do IARGS (Instituto dos advogados do Rio Grande do Sul), 15 set. 2015. Acesso em: 07/03/2016.

BEATTIE, Tina. Maria. **A jornal of Marian Studies**, vol. 2, February 2001.

_____. **God's mother**. Eve's Advocate. A Marian narrative of Women's salvation. London/New York: Continuum, 1999.

_____. **New Catholic Feminism**. Theology and Theory. London/New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

_____. **Theology after postmodernity**. Divining the void - A Lacanian Reading of Thomas Aquinas. Oxford: University Press, 2013.

_____. Mary, the Virgin Priest? **Women Priests**, Wijngaards Institute for Catholic Research, dez. 1996. Disponível em: <<<http://www.womenpriests.org/mrpriest/beattie.asp>>. Acesso em: 20/07/2016.

BBCBRASIL. Violência no mundo mata mais de 1,6 milhão de pessoas por ano. **BBCBRASIL.COM**, 03 out. 2002. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021003_violenciamv.sht>. Acesso em: 20/01/2016.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.

BIBLIOGRAPHIE. **René Girard**. Disponível em: <<<http://www.cottet.org/girard/gbiblio1.htm>>. Acesso em: 29/06/2016.

BIBLIOTECA DIGITAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei Maria da Penha**, p.11, 2010. Disponível em: <<http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/spmrn/DOC/DOC000000000076385.PDF>>. Acesso em: 20/06/2016.

BIDEGAIN, A. Maria. **Participación y protagonismo de las mujeres en la historia del catolicismo latinoamericano**. Buenos Aires: San Benito, Argentina, 2009.

BINGEMER, L. Maria Clara. Nem com uma flor. **Jornal do Brasil**, 29 jan. 2007. Disponível em: <http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Violencia_contra_mulher_-_Bingemer.pdf>. Acesso em: 10/05/2016.

BINGEMER, L. Maria Clara (org.); Edson Damasceno... [et al]. **Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. R.J: Ed. PUC Rio. São Paulo: Ed.Loyola, 2002.

_____. **O Batismo, fonte do ministério cristão**. O caso das Comunidades Eclesiais de base (CEBs). Concilium, n. 334, 2010.

_____. La mujer: protagonista de la evangelización. **Revista Diakonia**. El Salvador, CA, n. 125, março de 2008. Disponível em: <www.uca.edu.ni/diakonia>. Acesso em: 18/03/2011.

_____. A Eucaristia e o corpo feminino: presença real, transubstanciação, comunhão. **Perspectiva Teológica**. Pdf. Belo Horizonte, v.45, n.127, Set./Dez.2013.

_____. Violência e Religião: do cotidiano à globalização. **Horizonte**, v.12, n. 33, Puc-Minas, 2014, p10.

_____. Humanismo do desejo. O desejo humano como gerador de atenção e compaixão. **Revista Brasileira**, Jan. fev, mar, ano IV, n. 82, 2015, p. 177. Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista_brasileira_82.pdf>. Acesso em: 27/06/2017.

_____. et al. Otherness as Path Toward Overcoming Violence: A Comparative Study of Emmanuel Levinas and Simone Weil. **Levinas Studies**, v.3, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1988.

BOFF, Lina. Mãe vem nos ensinar a fazer da vida uma oblação. **Blog**, 05 dec. 2013. Disponível em: <<https://linaboff.wordpress.com/>>. Acesso em: 02/09/2016.

_____. Apresentar Maria como garantia da grandeza feminina. **Academia Marial**, artigos, 11 out. 2013. Disponível em: <<http://www.a12.com/formacao/detalhes/apresentar-maria-como-garantia-da-grandeza-feminina>>. Acesso em: 29/08/ 2016.

BOMFIM, Claudia. Educação em sexualidade. O amor e a sexualidade numa linguagem emancipatória. **Blogspot Educação em sexualidade**, mai 2016. Disponível em: <<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.co.uk/2016/05/basta-de-violencia-contra-mulher.html?m=1>>. Acesso em: 24/07/2016.

BORRESEN, Kari Elisabeth. **Subordination and Equivalence**: The Nature and Role of Woman in Augustine and Thomas Aquinas. Kampen: Kok Pharos Publishing House, 1995 (1968).

BORRILO, Daniel; FÉDIDA, Pierre; FRAISSE, Geneviève; GAYON, Jean; MATLOCK, Jann; FERNANDEZ, Dana Rudelic. **A sexualidade tem futuro?** São Paulo: Ed.Loyola, 2002.

BoTT, Sarah et al. **Violencia contra las mujeres**. En América Latina y el Caribe. Análisis comparativo de datos poblacionales de 12 países. Organización Panamericana de la Salud y los Centros para el Control y la Prevención de Enfermedades de los Estados Unidos/measure dhs/icf international. DC: OPS, 2014, p.7.

Bourdieu, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Parcerias homossexuais** – aspectos jurídicos. 1.ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) Orientação sexual.** Organização mundial de Saúde (OMS), 1975. Documento. Secretaria de educação fundamental, p.295. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 21/09/2015 e em: 15/02/2016.

_____. **Parâmetros curriculares Nacionais (PCN). Pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRIGIDO, Carolina. **Contra a discriminação, a lei.** Supremo reconhece, por unanimidade, união civil entre pessoas do mesmo sexo. O globo, Rio de Janeiro, 6 de março, 2011.

BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero.** SP/RJ: Rosa dos Tempos, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 2º ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

CALLIGARIS, Contardo. Homofobia e homossexualidade. **Folha de São Paulo**, 10 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1011201119.htm>>. Acesso em: 23/05/2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto nº 21.076**, de 24 de fevereiro de 1932. Publicação original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 17/03/2016.

CÂMARA, Helder Dom. 'Invocação à Mariama' (Início). **Blog Alma acreana**, 06 jul. 2009. Disponível em: <http://almaacreana.blogspot.co.uk/2009/07/belissima-invocacao-mariama-de-d-helder_6405.html>. Acesso em: 27/08/2016.

CÂMARA, Pedro Sette. Crítica do desejo humano. **IFE**, Campinas, 15 set. 2014. Disponível em: <<http://ifecampinas.org.br/tag/rene-girard/>>. Acesso em: 10/07/2016.

CAMARGO, Aline. População gay equivale a 10% do povo brasileiro. **Livrevista**: a revista do senso incomum. Disponível em: <<http://www.livrevista.com/article.php?id=805>>. Acesso em: 26/03/2011.

CAMPOS, Mônica Baptista. As CEBs e o inclusivismo católico na América Latina. **UEM**, p.9. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Monica%20Baptista.pdf>>. Acesso em: 03/12/2009.

CAPPELLANO, Luiz Carlos. Breve histórico da homossexualidade. Breve histórico da homossexualidade humana. **Site Lucappellano**, 23 jun. 2004. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>>. Acesso em: 17/05/2016.

CAPRIOTI, Letícia. Narciso acha feio o que não é espelho. Symbolon. **Estudos yunguianos**, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/NARCISOACHAFEIOOQUENAOEE SPELHO.htm>>. Acesso em: 24/04/2017.

CARVALHO, Marcos Roberto Alves de; SILVEIRA, Jocelaine Martins; DITRICH, Alexandre. Tratamento dado ao tema “homossexualidade” em artigos do Journal of Applied behavior analysis: uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, vol. 7, 2011.

CASTILHO, Inês. Queer para um mundo não binário. Entrevista Judith Butler. Outras palavras. **Comunicação Compartilhada e Pós-capitalismo**, 16 set. 2015. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/judith-butler-queer-para-um-mundo-nao-binario/>>.

CAVALCANTI, Tereza Maria. Relações Interpessoais em uma narrativa do evangelho de Marcos. **Revista Atualidade Teológica**, fasc. 12, 2002.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **Violência Doméstica**. 4a ed. Salvador: EdJusPodvm, nº 11.340/06 p. 29.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **BAGOAS**. Estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, 2, 71-93, 2008. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/doc/invhomo.pdf>>. Acesso em: 23/04/2010.

CENCI, Frederico. A encíclica de Francisco diz não à ideologia de gênero. **ZENIT**. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/a-enciclica-de-francisco-diz-nao-a-ideologia-de-genero/>>. Publicada em 19/06/ 2015. Acesso em: 30/05/2016.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. **Perspectivas antropológicas da mulher**: Sobre mulher e violência, v. 4. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

CHERUBIN, Felipe. René Girard. Desejo, violência e literatura. **Dicta & Contradicta**, 20 set. 2010. Disponível em: <<http://www.dicta.com.br/rene-girard-desejo-violencia-e-literatura-i/>>. Acesso em: 23/08/2016.

Comunidade Assexual **Assexualidade**. Disponível em: <www.assexualidade.com.br>. Acesso em: 22/02/2016.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. O que é CEBs? **Blog CEB's Nosso Jeito de ser Igreja**. Disponível em: <http://comunidade-cebs.blogspot.co.uk/p/blog-page_9263.html>. Acesso em: 27/08/ 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota do Conselho Nacional LGBT**. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/nota-do-conselho-nacional-lgbt/>>. Acesso em: 20/05/2016.

CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia Antiga: Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades. **BIBLOS** – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, vol. 19, p. 19-24, 2006.

COSTA, Albertina de Oliveira; Bruschini, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**. São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, Andrioli. Fazendo gênero. Nossos corpos, nossas regras. **IHU Online**. n.463, Ano XV. Abril/20/2015. Entrevista. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5875&secao=463>. Acesso em: 13/05/2016.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso**. Estudos sobre homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995a.

COUTO, Maria Aparecida S. **Poder, Violência e Identidade de Gênero na escola**. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306524047_ARQUIVO_ArtigoCONLAB.pdf>. Acesso em: 08/11/2012.

CROATTO, S. J. **Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA. Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Ministério da Educação/Secretaria Especial de Políticas Promoção da Igualdade Racial/ Secretaria Especial de Políticas para as mulheres**, 2009, p.1 Disponível em: <<https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1685/mod_resource/content/0/modulo2/mod2_unidade1_texto1.pdf>>. Acesso em: 13/02/2016.

DAVIS, Evan Grae. **It's a girl**: The three deadliest words in the world. MercatorNet, 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.mercatornet.com/articles/view/its_a_girl_the_three_deadliest_words_in_the_world#sthash.XogWYqCm.dpuf>>. Acesso em: 23/03/2016.

DEPARTAMENTO de DST-AIDS – Brasil. **Hepatite virais**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-aids>>. Acesso em: 05/06/2016.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Levinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DIAS, Adriana Lopes. “Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar”, diz Papa. **Veja.com**, mundo, 29 jul. 2013. Disponível em: <<<http://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/>>>. Acesso em: 25/04/2017.

DIAS, Maria Berenice. **União homoafetiva: O preconceito & A justiça**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

DIDACHE, 14, 1-3. PDF. Disponível em: <<https://paraclete.leadpages.co/the-didache-download/>>. Acesso em: 28/08/2016.

DON KULICK. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

E-BIOGRAFIAS. **René Girard**. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/ren_girard/>>. Acesso em: 14/06/2016.

EBC. Cidadania. Homofobia gera um assassinato a cada 28 horas no Brasil. **EBC**, cidadania, 16 mai. 2014. Disponível em: <<<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/05/homofobia-gera-um-assassinato-a-cada-28-horas-no-brasil>>>. Acesso em: 05/09/2015.

EBC. Direitos humanos. Entrada de transexuais em universidades trará mudanças sociais, diz ativista. **EBC**, direitos humanos, 20 jan. 2016. Disponível em: <<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-01/entrada-de-transexuais-em-universidades-um-dara-sociedade-diz>>>. Acesso em: 20/05/2016.

EISENBAUM. Pamela. Father and Son: The Christology of Hebrews in Patrilineal Perspective. In: LEVINE, Amy-Jill; ROBBINS, Maria Mayo. **A feminist companion to The catholic Epistles and Hebrews**. New York: [s.n.], 2004.

EM.COM.BR. Pelo menos 6 milhões de judeus foram exterminados pelo nazismo. **EM.COM.BR**, notícia, 23 nov. 2014. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/11/23/interna_nacional,

592661/pelo-menos-6-milhoes-de-judeus-foram-exterminados-pelo-nazis
mo.shtml>. Acesso em: 20/02/2017

EQUIPE DO CENTRO LATINO-AMERICANO em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). **Gênero e Diversidade na Escola:** Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Volume I, versão 2009.

ERDO, Péter Cardeal. Relatio post disceptationem. In. VATICAN. **III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos**, 13 out. 2014. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141013_erdo-synod_po.html>. Acesso em: 02/11/2014.

ESTADÃO. Ipea: Lei Maria da Penha não reduz homicídios contra a mulher no Brasil. **Estadão**, últimas notícias, 25 set. 2013. Disponível em: <<http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/ipea-lei-maria-da-penha-n%C3%A3o-reduz-homic%C3%ADdios-contra-a-mulher-no-brasil>. Acesso em: 20/09/2015.

EXAME.COM. Os piores países do mundo para os gays. **Exame**, mundo, 09 set. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/os-piores-paises-do-mundo-para-os-gays#32012>. Acesso em: 20/05/2016.

EXTRA. Durante o carnaval a cada 4 minutos uma mulher foi agredida. **Extra**, Notícias, 02 mar. 2017. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/durante-carnaval-cada-quatro-minutos-uma-mulher-foi-agredida-20999708.html>. Acesso em: 03/03/2017.

_____. Acusado de assédio, José Mayer admite em carta que errou e pede desculpas. **Extra**, Notícias, 04 abr. 2017. Disponível em: <<http://extra.globo.com/famosos/acusado-de-assedio-jose-mayer-admite-em-carta-que-errou-pede-desculpas-21158359.html>. Acesso em: 12/04/2017.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Revista Pre-Univesp**. nº 61, UNIVERSO. Dez.2016/Jan.2017. Disponível em: <<<http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WLzHZ2YzWP8>>>. Acesso em: 05/03/2017.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, vol.19 n.4 Rio de Janeiro, 2009, p.1. Disponível em: <<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000400008>>>. Acesso em: 26/02/2016. Cita Costa.

FERREIRA, Bruno. A homossexualidade em Roma. Os papéis no sexo. **História total**, 01 nov. 2012. Disponível em: <<<http://historiabruno.blogspot.com.br/2012/11/a-homossexualidade-em-roma-os-papeis-no.html>>>. Acesso em: 01/06/2016.

FINLEY, Moses. **Aspects of Antiquity** – Discoveries and controversies. London: Pelican Books, 1977.

FIORENZA, Elisabeth S. **As Origens Cristãs a partir da Mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

FISHER, Peter. René Girard: Prophet for our Time. **Conference**. Winchester 18 November, 2009. Disponível em: <<<http://www.spaceinthecity.org.uk/rene-girard.pdf>>>. Acesso em: 06/11/2012.

FONSECA, Paula M. da; LUCAS, Taiane N. S. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. Trabalho Final - Curso de Graduação em Psicologia. Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, Ba, 2006.

Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Orientação sexual: desejos, comportamentos e identidades sexuais. In: **CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**. Módulo 3 – sexualidade e orientação sexual. Unidade 1 – Texto 6.-

Ministério da Educação Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FRANCISCO. Confira a entrevista do Papa Francisco à revista *Civiltà Cattolica*. **Boletim Unicap**, 20 set. 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/assecom1/comfira-entrevista-do-papa-francisco-a-revista-civiltà-cattolica/>>. Acesso em: 25/05/2017.

FRANCO, LÓPEZ-CEPERO; DIAZ Díaz, F. J. R. Violência doméstica: uma revisão bibliográfica e bibliométrica. **Psicothema**, 21(2), 2009.

FREUD, Sigmund. Identificação. **Psicologia das massas e a análise do eu**, Vol. VII, Pdf, 1921.

_____. **O encontro do objeto e o complexo de Édipo**. Psicanálise e teoria da libido Dois verbetes para um dicionário de sexologia. 1923.

_____. O futuro de uma ilusão. O mal estar na civilização e outros trabalhos. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI (1927-1931). Disponível em: <<http://www.psicanaliseflorianopolis.com/artigos/147-obras-completas-de-sigmund-freud.html>>. Acesso em: 06/01/2015.

_____. **Por que a guerra? 1933 [1932]**. (Einstein e Freud – 1933 [1932]). Disponível em: <<http://areas.fba.ul.pt/jpeneda/FreudEinstein.htm>>. Acesso em: 05/01/2015.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. **Digital Source/História Contexto**, p. 29. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/edneysilva/grecia-e-roma>>. Publicada em 2001 Acesso em: 04/06/2016.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCON, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2006.

GAZETA DO POVO. Brasil tem um caso violência contra gays registrado a cada hora. **Gazeta do Povo**, Notícias, 21 nov. 2014. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-03-27/mais-da-metade-das-vitimas-de-estupro-no-brasil-tem-menos-de-13-anos-diz-estudo.html>>. Acesso em: 27/08/2015.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. **Mary: Mother of God, Mother of the Poor**, trans. Phillip Berryman (Tunbridge Wells: Burns & Oates, 1989 (1987)).

GEBARA, Ivone. The Face of Transcendence as a Challenge to the Reading of the Bible. In FIORENZA, Elisabeth Schüssler (ed.). **Searching the Scriptures**, Volume 1. A Feminist Introduction (London: SCM Press, 1993).

_____. **Novas relações de Gênero são possíveis**. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2004/textos/portugues/Gebara.htm>>. Publicado em 2005. Acesso em 23/07/2016.

GESCHÉ, Adolph. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

GET THE CHURCH FATHERS AND MORE. To Epictetus and to the Congregation of Assurae, Concerning Fortunatianus, Formerly Their Bishop. Cyprian of Carthage. Epistle 63, 17, pdf. **New Advent**. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/050663.htm>>. Acesso em: 30/08/2016.

GGN. Estudante de 12 anos comete suicídio em Vitória após sofrer bullying na escola. **GGN**, Notícias, 08 mar. 2012. Disponível em: <<http://jornalggm.com.br/blog/luisnassif/bullying-leva-estudante-a-cometer-suicidio>>. Acesso em: 13/04 20 17

GILISSEN, J. **Introdução histórica ao direito**. 3a ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

GIRARD, René. **Um longo argumento do princípio ao fim**. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 1994.

_____. **Veio a Satan caer como el relámpago**. Barcelona: Anagrama, 1999.

_____. **Eu via Satanás cair do céu como um raio**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

_____. **Rematar Clausewitz: além da guerra**, São Paulo: É Realizações, 2007.

_____. **A violência e o Sagrado**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

_____. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo: A revelação destruidora do mecanismo voluntário**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Mentira Romântica e Verdade Romanesca**. Ed. É realizações: São Paulo, 2009.

_____. **O bode expiatório e Deus**. Covilhã: Lusofia press/Universidade da Beira Interior, 2009.

_____. Entrevista - René Girard. **Revista Cult**. Edições 134, 14 jul. 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-rene-girard/>>. Acesso em: 20/07/2016.

_____. **O Sacrifício**. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

_____. René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana. Entrevista. **IUH on line**, Ano XI, n. 382, 28 nov. 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4238&secao=382>. Acesso em: 20/07/2016.

_____. What Is Occurring Today Is a Mimetic Rivalry on a Planetary Scale. Entrevista ao **Jornal Le Monde**, em 6 de Novembro de 2001. Tradução

Inglesa de Jim Williams in COV&R. set. 2013. Disponível em: <http://www.uibk.ac.at/theol/cover/girard_le_monde_interview.html>.

Acesso em: 10/07/2016.

_____. René Girard. Je serais curieux d'avoir votre âge. Entrevista. Contrepoints. **Le nivellement par le haut**, 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.contrepoints.org/2015/11/11/228619-je-serais-curieux-davoir-votre-age-rene-girard>>. Acesso em: 16 de julho de 2016.

_____. Ainda a não existência do pensamento não sacrificial. Tradução de Pedro Sette Câmara. **Blog Miméticos**, 28 jul. 2015. Disponível em: <<http://renegirard.com.br/blog/?tag=coisas-ocultas-desde-a-fundacao-do-mundo>>. Acesso em: 10/07/2016.

GODOY, Edvilson de Godoy. Enfoques do pensamento de René Girard. **Revista de Cultura teológica** - v. 20 - n. 80 - out/dez, 2012.

GLOBO.COM. Papa se encontrou com casal gay durante sua visita aos USA, diz TV. **G1**, Notícias, 02 out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/papa-teve-encontro-privado-com-casal-gay-diz-tv-americana.html>>. Acesso em: 10/05/2016.

_____. China acaba com a política do filho único e permitirá 2 crianças por casal. **G1**, Notícias, 29 out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/china-acaba-com-politica-do-filho-unico-e-ermitira-dois-filhos-por-casal.html>>. Acesso em: 23/03/2016.

_____. Polícia apura estupro coletivo no Rio e indentifica autores de posts. **G1**, notícias, 25 maio 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/policia-do-rio-apura-suposto-estupro-coletivo-e-identifica-autores-de-posts.html>>. Acesso em: 26/05/2016.

_____. Desigualdade de gênero custa US\$ 12 trilhões à economia mundial. **G1**, economia, 08 mar. 2016. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/economia/noticia/2016/03/desigualdade-de-genero-custa-us-12-trilhoes-economia-mundial.html>>. Acesso em: 08/03/2016.

GLOBAL MARCH. Explotación sexual en el Brasil. **Global March**, Disponível em: <globalmarch.org/worstformsreport/world/Brazil.html>. Acesso em: 02/ 01/2016.

GLOBO NEWS. Número de adolescentes grávidas chega a 7,3 milhões, aponta ONU. **G1**, Globo News, 30 set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/09/numero-de-adolescentes-gravidas-chega-73-milhoes-aponta-onu.html>>. Acesso em: 13/04/2017.

G1. Mundo. Sudão do Sul deixa estuprar mulheres como salário, diz ONU. **G1**, mundo, 11 mar. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/sudao-do-sul-deixa-soldado-estuprar-mulheres-como-forma-de-salario.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1>. Acesso em: 12/03/2016.

GOLDENBERG, Miriam. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. **Livros e Redes**. V.16, n.4, p.1115-1119, out-dez, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16n4/15.pdf>>. Acesso em: 05/03/2016.

GOMES, Luis Flávio. Nenhum país fica chocado com a violência de gênero. **Conjur**, 01 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2011-dez-01/coluna-lfg-nenhum-pais-fica-chocado-indices-violencia-genero>>. Acesso em: 2/05/2015.

_____. Violência machista universal: 11 mulheres são assassinadas por dia no Brasil. **Instituto Avante Brasil (IAV)**, 02 dez. 2011. Disponível em: <<http://institutoavantebrasil.com.br/violencia-machista-universal-11-mulheres-sao-assassinadas-por-dia-no-brasil/>>. Acesso em: 27/08/ 2015.

GOSS, Robert E. **La homosexualidad, la Biblia y la Practica de Textos Seguros**. Disponível em <http://www.mccinthevalley.com/safetexts_sp.html>. Acesso em: 24/02/2011.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Edunesp, 2000.

GROSSI, Patrícia Krieger. Violência contra a mulher: implicações para os profissionais da saúde. In: LOPES, Meyer de Waldow. **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

GROSSI, Patrícia. Violência contra a mulher: tratam-se os sintomas, não as causas. Entrevista especial com Patrícia Grossi, 28 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537943-vioencia-contra-a-mulher-tratam-os-sintomas-nao-as-causas-entrevista-especial-com-patricia-grossi>>. Acesso em: 21/05/2016.

GUERELLUS, Natália de Santana; FREIRE, Sobral Rebeca. História das mulheres. Uma entrevista com Raquel Sohiet. **Revista de história**, 3,1, 2001.

HARRISON, Verna E. F. The Care banishing Breast of the Father: Feminine Images of the Divine in Clement of Alexandria's Paedagogus. I **Studia Patristica**, v.31, 1996.

HELLENS, J. Harold. **Sexo na Bíblia**. Novas considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Preferência sexual não é opção. Scientific American Mente e Cérebro. **UOL**, mar. 2013. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/preferencia_sexual_nao_e_opcao.html>. Acesso em: 27/05/2016.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

HIMES, Michael J. **Praticar a verdade no amor**. Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HISTORIA.COM.BR. Publicado em 2013. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/do-periodo-paleolitico/>>. Acesso em: 17/05/2016.

HOUAISS, Antônio (Ed). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. RJ: Ed. Objetiva, 2009.

IDEF. **Homossexualidade**: discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

IHU on line. **Saiba mais...** René Girard. N. 393, Ano: XII, 25/05/2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4442&secao=393>. Acesso em: 14/06/2016.

_____. **Emmanuel Lévinas** – biografia. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2223&secao=277>. Acesso em: 10/05/2016.

IMITATIO. **René Girard and Mimetic theory**. Disponível em: <<http://www.imitatio.org/brief-intro/>>. Acesso em: 14/06/2016.

INIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro**. V.1, Saraiva: São Paulo, 2002.

JANTZEN, Grace M. **Foundations of violence**. London/ New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2004.

JAY, Nancy. Sacrifice as Remedy for Having Been born of woman. In: ATKINSON, Clarrisa W et al (edited by). **Immaculate and powerful**. The female in sacred image and social reality, UK, 1986.

JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceito e termos. **E-book**. Brasília, 2012, p. 18. Disponível em: <http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans>. Acesso em: 24/07/2016.

JONAS. Uma em cada três mulheres no mundo sofre violência conjugal, diz OMS. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/552221-mais-de-500-milhoes-de-mulheres-em-todo-o-mundo-nao-sabem-ler-e-escrever>>. Publicado em 04/03/2016.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Papa Francisco: Quem sou eu para julgar um homossexual que procura Deus? Disponível em: <<http://www.jn.pt/sociedade/interior/papa-francisco-quem-sou-eu-para-julgar-um-homossexual-que-procura-de-us-3347970.html>>. Publicado em 29 de julho de 2013. Acesso em: 19/05/2016.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O livro vermelho**. Liber Novus. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

JUNGES, J.R. **Evento Cristo e Ação humana**. Temas fundamentais da ética teológica. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

JUNIOR, Elienai Cabral. **O ódio religioso e o ódio à religião**. Palestra 21 out. 2015. Disponível em: <<https://elienaijr.wordpress.com/2015/10/21/o-odio-religioso-e-o-odio-a-religiao>>. Acesso em: 01/07/2016.

JUNIOR, Eliseu Barreira. A descoberta da própria sexualidade. **Jornal do Campus**. USP. Edição 346, Nov, 2008. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2008/11/a-descoberta-da-propria-sexualidade/>>. Acesso em: 25/02/2016.

JUSBRASIL. **Mesmo com a Lei Maria da Penha**, aumenta número de casos de violência contra a mulher. Disponível em: <<http://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/100407232/mesmo-com-a-lei-maria-da-penha-aumenta-numero-de-casos-de-violencia-contr-a-mulher>>. Acesso em: 06/03/2016.

JUSTO, Luis Pereira. Transgêneros. **Programa FREUD EXPLICA**. Parte 1. Entrevista. Publicado em 16/05/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ID5Gw_oljg>. Acesso em: 23/02/2016.

KASHANI, Javad H; ALLAN, Wesley D. **The impact of family violence on children and adolescents**. Thousand Oaks, Ca: Sage, 1998.

KIRWAN, Michael. Teoria mimética. Conceitos fundamentais. É Realizações Ed: São Paulo. **IHU on line**. Saiba mais... René Girard. N. 393, Ano: XII, 2015

_____. Cristianismo e as raízes violentas da religião. Entrevista. **IUH on line**, Ano XII. N 393, 21/05/2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4442&secao=393>. Acessado em: 14/06/2016.

KLEIN, Stefan. **A Fórmula da Felicidade**. Como as recentes descobertas das neurociências podem ajudar você a produzir emoções positivas, harmonia e bem estar. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2005.

KNIEST, Rihl Gustavo. Resolução CFP N0 001/99 de 22 de março de 1999. In: _____. **A relação terapêutica frente a homossexualidade**. Recife: UNICAP, 2005. Disponível em site: <http://www.unicap.br/tede//tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=74>. Acesso em: 24/04/ 2010.

Kristeva, Julia. **Powers of Horror - An Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1980.

KUIAVA, Evaldo Antônio. **Subjetividade transcendental e alteridade**: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LADÁRIA, Luis F. **Deus vivo e verdadeiro**. São Paulo: Loyola, 2005.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. RJ: Relume-Dumará, 2001.

LAURENTIN, René Marie. **L'Eglise et Le Sacerdoce**, Vol. 1. Maria, Ecclesia, Sacerdotium: Essai sur Développement d'une Iddé Religieuse. Paris: Nouvelles edition, Latines, 1953.

_____. Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada. **Concilium**, n. 154, 1980/84.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Buarque H. (Org). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEHMANN, Karl; RAFFELT, Albert (ed.). **Karl Rahner**: the Content of Faith. The Best of Karl Rahner's Theological Writings. NY: Crossroad, 2000.

LESSA, Renato. Freud e a guerra de 1914. **INSTITUTO CIÊNCIAS hoje**, 03 abr. 2014. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2014/312/freud-e-a-guer-ra-de-1914>>.

LÉVINAS, Emmanuel. **Difficile liberté**: essais sur le judaïsme. Paris: A. Michel, 1963.

_____. **Du sacré au saint**: cinq nouvelles lectures talmudiques. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

_____. **Le temps et l'autre**. Montpellier: Fata Morgana, 1979.

_____. **El Tiempo y el Outro**. Paidós Ibérica, 1993, p. 128.

_____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Ed.Vozes, 1993.

_____. **Da Existência ao Existente**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____. **Quatro leituras talmúdicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70 Lda, 2007.

_____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, s/d, 2008.

_____. **Entre nós**. Ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

_____. **Violência do rosto**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

LIMA, Cláudia de Castro. A história da homossexualidade e a luta pela dignidade. **Guia do estudante**. Aventuras na história para viajar no tempo, 13 nov. 2012. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/historia-homossexualidade-luta-pela-dignidade-718218.shtml>>. Acesso em: 28/05/2016.

LIMA, Luis Corrêa. O cristão adulto e a sexualidade. Desejo e mistério, 2013. **Diversidade sexual**, Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/Desejo-e-Mist%C3%A9rio-55-76-O-Crist-Adulto.pdf>>. Acesso em: 07/04/2017.

_____. (Org). **Teologia e Sexualidade**. Portas abertas pelo Papa Francisco. São Paulo: Ed. Reflexão, 2015.

_____. Estudos de gênero versus ideologia: desafios da teologia. **Mandrágora**, v.21. n. 2, 2015, p. 93. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/Mandrágora-final.pdf>>. Acesso em: 30/05/2016

LIHS. Bullying e homophobia nas escolas. Notícias, 22 mai 2012. Disponível em: <<http://lihs.org.br/lihs/bullying-e-homofobia-nas-escolas/>>. Acesso em 11/09/2015.

LIMA, R.L. Diversidade, Identidade de gênero e Religião. **Revista em Pauta**. Revista Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v.9, n.28, Dez. 2011. p.169.

LINHARES, Jussara F. D. Santos. **O homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita e que perdoa**. Tese de doutorado. BH:FAJE, 2012.

L'INSTITUT D'ÉTUDES LÉVINASSIENNES. **Biographie d'Emmanuel Lévinas**. Disponível em: <<http://www.levinas.fr/levinas/biographie.asp>>. Acesso em: 20/08/ 2016.

MA, Lin. Character of the feminine in Lévinas and the Daodejing. **Journal of Chinese Philosophy**, 36(2), 2009. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/LINCOT-2>>. Acesso em: 24/02//2017.

MADEIRO, Carlos. Brasil tem 50 mil casos de estupros por ano. Roraima lidera ranking. **UOL**, Notícias. Cotidiano, 11 nov. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/11/11/pais-tem-50-mil-pessoas-estupradas-por-ano-roraima-lidera-ranking.htm>>. Acesso em: 01/09/2015.

MAIA, Gustavo. Cursinho gratuito no Rio prepara travestis e transexuais para o Enem. **UOL**, A Educação, 21 jul. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/21/cursinho-gratuito-no-rio-prepara-travestis-e-transexuais-para-o-enem.htm>>. Acesso em: 27/07/2016.

MANCUSO, Vito. Porque a Igreja aceitará a 'ideologia de gênero'. **IHU**, 23 abr. 2016. Tradução de Benno Dishinger, do artigo publicado no jornal Repubblica, em 20-05-2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/541993-porque-a-igreja-aceitara-a-teoria-do-genero#.VeRwoFV0F1M.facebook>>. Acesso em: 27/05/2016.

MARCONDES Filho, Ciro. O outro como um mistério e o feminino como a alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face-a-face na comunicação em Emmanuel Lévinas. **Matrizes revista**, USP, n. 1, outubro, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZes/article/viewArticle/3990>>. Acesso em: 26/02/2017.

MARTIMORT, Aimé Georges. **Deaconesses, an historical study**. São Francisco: Ignatius Press, 1986, p. 243-247.

MATTEI, Roberto de. **Concílio Vaticano II, uma história nunca escrita**, Turim, Lindau, 2010.

MAULEON, Xabier Etxeberria. A prática do sacrifício, hoje, é a prática da barbárie. **IHU on line**, n. 479, ano XV, 21/12/2015. Disponível em: <http://www.lhuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6296&secao=479>. Acesso em: 25/08/2016.

MAZZAROLO, Isidoro. **A Bíblia em suas mãos**. Porto Alegre: EST Edições, 1998.

_____. **Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

_____. **Jesus e física quântica**. Rio: Ed. PUC-RIO, 2011.

MCKENZIE, John L. The Literary Characteristics of Gen. 2-3. **Theological Studies** 15, 1954.

MELO, Nélio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDI PUCRS, RS, 2003, p.83.

MENACHEM, Ruth. Désorientations sexuelles: Freud et l'homosexualité. **Revue Française de Psychanalyse**. v. 67, n. 1, Jan.2003.

MENEZES, Magali M. O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino. **Revista de estudos feministas**, vol. 16, nº 1, Florianópolis, S.C., Jan/Abr, 2008.

_____. A trama do corpo e da palavra em um dizer que se faz feminino. In: SOUZA, Ricardo Timm de (Org.). **Alteridade e ética**: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Ed, PUCRS, 2008.

MERUJE, Márcio; ROSA, José Maria Silva. Sacrifício, Rivalidade Mimética e Bode Expiatório em René Girard. *Griot – Revista de Filosofia*, v.8, n.2, dezembro/2013.

MÍDIA, RELIGIÃO E POLÍTICA. Bancada evangélica e políticos católicos pressionam por reduções no texto do Plano Nacional de Educação. **Metodista**, Midia religião política, 28 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/2014/04/28/banca-da-evangelica-e-politicos-catolicos-pressionam-por-reducoes-no-texto-do-plano-nacional-de-educacao/>>. Acesso em: 30/05/2016.

MILLEN, Maria Inês de Castro. Valores fundamentais da sexualidade humana. **Vida Pastoral** – ano 51, n. 27514, novembro-dezembro, 2010.

MILLER, Mônica Migliorino. **Sexualidade e Autoridade na Igreja Católica**. Scranton: Universidade de Scranton Prima; Londres e Toronto: Universidade associada carrega, 1995.

MIMÉTICOS. Biografia. Um blog sobre René Girard e a teoria mimética. Disponível em: <http://renegirard.com.br/blog/?page_id=2>. Acesso em: 14/06/2016.

MIRANDA, José Valdinei A. **Ética da alteridade e Educação**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em site: <<http://hdl.handle.net/10183/14654>>. Acesso em: 10/11/2010.

MIRANDA, Liliana C. de. A percepção da mulher no mercado de trabalho: Emprego, Carreira ou Vocação. **Revisão da Literatura**, RJ: Ibmec, 2006.

MIRANDA, Mario França. **Libertados para a práxis da justiça**. A teologia da Graça no atual contexto Latino-Americano. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MONTEZANI, Érica. **Fenótipo, genótipo e a lei de Mendel**. Curso de Nutrição. Universidade de São Paulo (UNIESP), 2010.

MORGADO, Rosana. **Mulheres mães e o abuso sexual incestuoso**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2012.

MORO, Ulpiano Vázquez. **El discurso sobre dios**. Em la obra de E. Levinas. Madrid: La Universidad Pontificia Comillas (UPCM), 1982.

_____. **A contemplação para alcançar o amor**, São Paulo: Loyola, 2005.

MORRIS, Joan. **The Lady was a Bishop: The hidden history of women with Clerical Ordination and the Jurisdiction of Bishops**, New York: Macmillan, 1973.

MOTT, Luis. **Homoafetividade e direitos humanos**. Disponível em site: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 03/09/2009.

MOUFFE, C. Democratic politics and the question of identify. In RAJCHMAN, J. (Org). **The identify in question**. New York: Routledge, 1995.

MOUKARZEL, M. Graças das Heranças históricas sobre sexualidade e deficiência na tradição ocidental. In: **Sexualidade e deficiência: superando estigmas em busca da emancipação**. Campinas: UEC, Faculdade de Educação, 2003.

Movimento Feminista. O movimento feminista no mundo. 7 set. 2010. Disponível em: <http://luanagaspareti.blogspot.com.br/2010/09/o-movimento-feminista-no-mundo_07.html>. Acesso em: 17/03/2016.

MURAKAMI, Yasuhiko; NAKA, Mao. Dans une culture sans Dieu. **Institut D'études Levinassiennes**. Disponível em: <<http://www.levinas.fr/textes/pager.asp?a=6&p=8#ref51>>. Acesso em: 28/02/2017.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Uma brecha no armário**. Propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: CEBI, 2005, p.44. , p.44.

_____. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. **Revista Tempo e presença digital**. Gênero: da desigualdade a emancipação? Ano 3, n.8, Abril 2008. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo>. Acesso em: 13/06/2016.

NAPHY, William. **História da Homossexualidade**. Edições 70, 2006.

NASCIMENTO, André. Mulheres de véu. Dia internacional da mulher. **Escritos Psicanalíticos**, 08 mar. 2016. Disponível em: <<https://escritospsicanaliticos.wordpress.com/2016/03/08/mulheres-de-veu-dia-internacional-da-mulher/>>. Acesso em: 18/05/2016.

NEWS. Uma mulher é morta a cada 30 horas na Argentina por questões de gênero. **G1**, 05 dez. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/12/uma-mulher-e-morta-cada-30-horas-na-argentina-por-questoes-de-genero.html>>. Acesso em: 3/05/2015.

NOGUEIRA, Oscar; SILVA Carla; MATEUS, Maria Antonia. **Heliogáballo**. Hospital Júlio de Matos, p. 23. Acesso em: 29/02/2016.

NUNES, Etelvina Pires Lopes. **O outro e o rosto**. Problemas da alteridade em Emmanuel Lévinas. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1993.

O'CONNOR, Jerome M. Paulo. **biografia crítica**. São Paulo: Edições Loyola, SP, 1996.

O'DONNELL, John. **Introdução à teologia dogmática**. Ed. Loyola: S.P., 1999.

O GLOBO. Sociedade. Na Índia, irmãs pedem proteção contra estupro, p. 30. Sábado, 29/08/2015.

OLIVEIRA, Leandro de. Imagens da homossexualidade masculina em camadas populares. **CLAM**, 10. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=498&sid=11>>. Publicado em 02/08/2005. Acesso em 07/03/2016.

ONUBR. Nações Unidas do Brasil. Leis pró-LGBT avançam na América Latina, mas exclusão ainda persiste, diz Banco Mundial. Publicado em 19 mar. 2014 Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/leis-pro-lgbt-avancam-na-america-latina-mas-exclusao-ainda-persiste-diz-banco-mundial/>>. Acesso em: 07/01/2016.

_____. ONU Mulheres condena estupro coletivo e feminicídio em Castelo do Piauí. **ONUBR**, 10 jun. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/nota-publica-da-onu-mulheres-sobre-estupro-coletivo-e-feminicidio-em-castelo-do-piaui/>>.

ONU Mujeres. Elementos esenciales de planificación para la eliminación contra la violencia de mujeres y niñas. Disponível em: <<http://www.endvawnow.org/uploads/modules/pdf/1372349315.pdf>>. p.13. Publicado em junho, 2013. Acessa-do em 02/01/2016.

OPAS/CDC. Violência contra a mulher na América Latina e Caribe: uma análise comparativa da população com base em dados de 12 países. Publicada em 28 fev. 2014. Disponível em: <http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=313:violencia-contra-mulher-america-latina-caribe-analise-comparativa-populacao-base-dados-12-paises-&Itemid=498>. Acesso em: 07/01/2016.

OPERA MUNDI. Estamos vivendo uma terceira guerra mundial despedaçada, diz papa Francisco. Cidade do Vaticano, 2016. Publicada em 07 dez. 2016. Disponível em: <<http://opera-mundi.uol.com.br/comteudo/geral/45893/estamos+vivendo+uma+terceira+guerra+mundial+despedacada+diz+papa+francisco.shtml>>. Acesso em: 24/03/2017.

O POPULAR. 70% das vítimas de estupro no Brasil são crianças e adolescentes. Publicado em 27/05/2016. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/70-das-v%C3%ADtimas-de-estupro-no-brasil-s%C3%A3o-crian%C3%A7as-e-adolescentes-1.1093214>>. Acesso em: 13/04/2017.

Organização Panamericana da Saúde/ Organização Mundial de Saúde.

Violência Contra a Mulher na América Latina e Caribe: uma análise comparativa da população com base em dados de 12 países. Publicado em 2014. Disponível em:

<http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=3130:violencia-contra-mulher-america-latina-caribe-analise-comparativa-populacao-base-dados-12-paises-&Itemid=498>. Acesso em: 20/ 07/2015.

O SUL. Menina de 16 anos que foi estuprada por 30 homens desabafa na internet: Não dói o útero e sim a alma. Notícias. Publicada em 28 maio 2016. Disponível em: <<http://www.osul.com.br/menina-de-16-anos-que-foi-estuprada-por-30-homens-desabafa-na-internet-nao-doi-o-uterio-e-sim-a-alma/>>. Acesso em: 10/08/2016.

PACHECO, José. **Era Heliogábal transexual?** p, 2. Disponível em: <<http://www.revpsiqix.org/Upload/artigo/files/a4b6c38b-c664-488c-83db-fd57b4803ae0.pdf>>. Acesso em: 29/02/2016.

PATOS METRÓPOLES. Compromisso com a notícia.com. Delegado que “descobriu” grupo de extermínio de gays no brejo teria participado de plano para eliminar Luiz Couto, segundo relatório da PF. Publicada em 30 ago. 2015. Disponível em <<http://patosmetropole.com.br/post.php?codigo=2885>>. Acesso em: 30/08/2015.

PERROT, Michelle **Os excluídos da história.** Operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

PETIT LAROUSSE DE LA PSYCHOLOGIE. Paris: Larousse, 2005.

PIANA, G. Sexo e gênero: para além da alternativa. Publicado em 16 jul. 2014. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/noticias/533286-sexo-e-genero-para-alem-da-alternativa-artigo-de-giannino-piana>. Acesso em: 30/05/2016.

PIKAZA, Xavier. Jesus cura o amante do centurião. **ECOS** (Rumos Novos), Set. 2009. Disponível em:

<<http://www.diversidadecidarelipucio.com.br/?cat=11>>. Acesso em: 22/02/2011.

_____. Iglesia desclericalizada. Al principio no fue así, ni Jesús fue sacerdote. **El Blog de X Pikasa**, Publicado em 24 ago 2016. Disponível em:

<<http://blogs.periodistadigital.com/xpikaza.php/2016/08/24/p388382#more388382>>.

PILONETO, Luiz Éderson A ética como reconstrução do sentido do humano em Emmanuel Lévinas. **Lampião Atômico**. Disponível em: <http://lampionatomico.blogspot.com/2010/08/por-ederson-luiz-piloneto-publica-do_06.html>. Acesso em: 14/06/2011.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cad. Pagu** no.28, Campinas Jan./June, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15/02/2016.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminino, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n 36, jun. 2010.

PINTO, Ênio Brito. Casos de pedofilia na Igreja: retirando alguns véus. **Revista Vida Pastoral**, Nov-Dez, 2010, p.32-37. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/etica-crista/casos-de-pedofilia-na-igreja-retirando-alguns-veus/>>. Acesso em: 14/02/2016.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2014. Brasília: Câmara dos deputados, 2014. Disponível em: <<<http://www.observatoriodo pne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>. Publicada em 25 de junho de 2014>. Acesso em: 30/05/2016.

PLUGADOS COM DEUS. Disponível em <blog:<<http://plugadoscomdeus.blogspot.com/2009/02/biblia-gay.html>>. Acesso em: 16/05/2011.

POIRIÉ, F. **Emmanuel Levinas**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PORTAL BRASIL. Dilma Rousseff sanciona lei do feminicídio nesta segunda. Publicado em 09 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/03/dilma-rousseff-sanciona-lei-do-femicidio-nesta-segunda-9>>. Acesso em: 31/05/2016.

PRADO, Thays. Maria da Penha, em resumo. **Planeta sustentável**. Publicado em 06/03/2009. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_425784.shtml>. Acesso em: 26/05/2016.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n.1 edições, 2014.

PSICOLOGIA. INFOPÉDIA. Identidade (psicologia). Porto: Porto editora, 2003. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$identidade-\(psicologia\)](https://www.infopedia.pt/$identidade-(psicologia))>. Acesso em: 02/01 /2017.

RAHNER, K. **Oyente de La Palabra**. Barcelona: Herder, 1967.

_____. **Teologia da Liberdade**. SP: Paulinas, 1970.

_____. **Teologia e Novo Testamento**. Teologia e bíblia. São Paulo: Paulinas, 1972.

_____. **El Cristiano Mayor de Edad**. Razón y fe. Tomo 205, 1982.

_____. **Curso Fundamental da fé**. S. Paulo: Paulus, 1989.

RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Herder, 1970, p. 119.

RECK, Norbert. Desejos perigosos. O discurso católico sobre a sexualidade homossexual. **Revista Concílio**, fasc 324, Petrópolis: Ed. Vozes, 2008/1.

REDE SAÚDE. Saúde da mulher e direitos reprodutivos. Disponível em: <<http://dspace.fsp.usp.br/xmlui/bitstream/handle/bdfsp/682/fon001.pdf?sequence=1Hawari,1999>>. Acesso em: 20/05/2016.

RedeTRANS. Assassinatos. Disponíveis em: <<http://redetransbrasil.org/assassinatos.html>. Publicada em 28/02/2017. Acesso em: 03/03/2017.

REYES, Júlia. O desejo mimético redescoberto. **Blog Miméticos.** Publicada em 9/04/2015. Disponível em: <<http://renegirard.com.br/blog/?p=107#fnref:3>>. Acesso em: 11/08/2015.

_____. A vítima expiatória redescoberta. **Blog Miméticos.** Publicado em: 10/07/2015. Disponível em: <<http://renegirard.com.br/blog/?p=218>>. Acesso em: 08/07/2016.

RIBEIRO, Leonídio. **Criminologia.** Rio de Janeiro: Sul Americana, 1957.

ROCHA, João Cesar de Castro; ANTONELLO, Pierpaolo. **Evolução e Conversão.** Entrevista. São Paulo: É Realizações, 2011.

RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2), maio-agosto/2011.

RODRIGUES, Humberto. **Religiões e Perseguições.** O amor entre iguais. São Paulo: MYTHOS, 2004.

_____.; LIMA, Cláudia de Castro. Vale tudo: Homossexualidade na antiguidade. **Aventura na Histórica.** Publicada em 01 mar. 2008. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml>>. Acesso em: 2/06/2016.

ROMERO. **Odisseia.** (Em versos) Traduzida por Manoel Odorico Mendes.) Brasil: E-bookLibris, 2009, 10-240 livro.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Nova evangelização e maturidade afetiva.** São Paulo: Paulinas, 1993.

- _____. **O encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- _____. **Unidade na pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs, São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. Novos rumos da antropologia teológica. In: _____. **O humano Integrado**. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. **Antropologia**. Iniciação Teológica. Brasil, Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2011.
- SACKS, Jonathan. **Non nel nome di Dio**. Confrontarzi com la violenza religiosa. Ed. Giuntina. Kindle, 2017.
- Saffioti, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- _____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. **A pessoa sexual**. Por uma antropologia católica renovada. Ed. Unisinos: São Leopoldo, 2012.
- SANCHEZ, Anabel. Notas sobre a transmissão geracional da predisposição à violência contra a mulher. **Simpósio Internacional do Adolescente**. Faculdade de Educação: SP, Ano 1, Maio, 2005. Disponível em:
<http://www.Proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200091&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 20/05/2012.
- SANTO AGOSTINHO. Confissões. Cap. I,1. **Coleção Os pensadores**, São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 2000.

SANTOS, Anabela. O mal da indiferença. **WORDPRESS.COM**, Publicada em 2/12/2007. Disponível em: <<https://feministactual.wordpress.com/2007/12/02/india-%E2%80%9Cum-terrivel-lugar-para-nascer-mulher%E2%80%9D/>>. Acesso em: 23/03/2016.

SBARDELLA, Elton Luis. Violência em nome de Deus: pressupostos básicos de René Girard para compreensão sobre a gênese da cultura. Pdf. **Anais do Congresso ANPTECRE**, GT. 02, v. 05, 2015.

SCHELER, Max. **Ressentiment**. **Marquette Studies in Philosophy**, 2003.

SCHIMIDT, Alaid Schiavone. **Enciclopédia Bíblica de Temas femininos**. Arte Editorial: São Paulo, 2007.

Sidur Tefilat Rivka. **Ebook**, Disponível em <<https://pages.hotmart.com/c168773c/sidur-tefilat-rivka/pdf>>. Acesso em: 24/06/2017.

SIGNIFICADOS. Cisgênero e Transgênero. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cisgenero/>>. Acesso em: 23/02/2016.

_____. Canibalismo. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/canibalismo/>>. Acesso em: 20/08/2016.

SEGUNDO, L. Juan. **Teologia aberta para o leigo adulto**. Evolução e culpa, v.5, São Paulo: Loyola, 1977.

SENADO FEDERAL – Brasil. Em discussão. A adoção feita por homossexuais: batalhas e vitórias legais. Brasília. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/relatos-reais-sobre-adocao/-a-adocao-feita-por-homossexuais-batalhas-e-vitorias-legais.aspx>>. Acesso em: 26/05/2016

SILVA, Marilda Teles Maracci; SOUZA, Silvia Aparecida de. Modernidade. Algumas abordagens. **Revista Unesp**, Primeiro semestre, 1994. Disponível em:

<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/1194/1187>>
. Acesso em: 05/06/2016.

SILVA, Adriana. Breve conceituação histórica do conceito de homossexualidade. In: _____. **Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. Disponível no site: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>>. Acesso em: 20/03/ 2010.

SILVA, Claudia Ribeiro. **A mulher na Roma Antiga**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/fullscreen/clauidiarisil/artigo-a-mulher-na-roma-antiga/>>. Acesso em: 29/02/2016

SOARES, Ana Lis. **Violência contra a mulher. Terra**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-contramulher/>>. Publicado em 04/2015. Acessado em 15/09/2015.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Ed.Vozes, 2000.

SOLARTE, Roberto. O mundo sem Deus não deixou de ser religioso. Entrevista. **IHU online**, n. 479. Ano XV, Publicada em 21 dez. 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6295&secao=479>. Acesso em: 26/07/2016.

SOUZA, Ivone Coelho de. **Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações**. Instituto Interdisciplinar de direito de família – IDEF. Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

SOUZA, José Tadeu Batista de. Erótica e alteridade em Lévinas. **IV Colóquio de História**. Abordagens interdisciplinares sobre História da sexualidade. UNICAP, 2010.

SOUZAS, Jefferson. Mulheres no diaconato: Papa manifesta que vai criar comissão para estudo. **PORTAL FIDEI.COM.BR**, Publicado em 02 mai

2016. Disponível em:
 <<http://www.portalfidei.com.br/v1/index.php/not%C3%ADcias/not%C3%ADcias-2/internacional/323-mulheres-no-diaconato-papa-manifesta-que-vai-criar-comiss%C3%A3o-para-estudo.html>>. Acesso em: 30/05/2016.

SOHIET, Raquel. Feminismo e cultura política: uma questão no Rio de Janeiro dos anos 1970-80.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999.

STREY, MN. Gênero. In: Guareschi P et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes. 1998; p. 81-98.

SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. P. A.: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes. RS/RJ, 1984.

_____. **A semântica do sacrifício na obra da salvação**. Entrevista. NO 403, ano XII, Publicado em 24/09/2012. Disponível em:
 <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4662&secao=403>. Acesso em: 23/08/2016.

TALMUD. **Bavli Berachot**. Ed. Yeshivá Lubavitch, 2012.

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus**, o Cristo. S. Leopoldo: Sinodal, 2004.

_____. Religião, gênero e violência. **Koinonia**: Agenda Latina Americana, 2011, em PDF. Disponível em:
 <<http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=353>>. Acesso em: 12/06/2016.

TANNO, Maria Ângela dos R.S. O Combate a Homofobia no Curso de Formação de Professores e a Promoção da Educação Afetivo Sexual no Ensino Fundamental. Projeto Educativo. **Enciclopédia Biosfera**, jan-jun

2007, n. 03, p. 4. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/7.pdf>>. Acesso em: 15/05/2010.

TAQUETTEZ, SR; VILHENA, MM, **Adolescência, gênero e saúde**. *Adolescência & Saúde*, 2006; 3(2).

TAVARES. Cassia Quelho. **Ética Cristã**. Iniciação Teológica. Rio de Janeiro: Dep. Teologia PUC-Rio, 2012.

TEPEDINO, Ana Maria. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Jesus e seu movimento inclusivo** (Gl 3,28). Disponível em site: <http://anamariatepedino.teo.br/wp-content/uploads/2011/03/jesus_movimento_inclusivo.pdf>. Acesso em: 06/11/09.

_____. Feminismo e libertação na voz de Ana Maria Tepedino. **SRZD**, Publicada em 21 jun. 2008. Disponível em site: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/13860>>. Entrevista. Acesso em: 16/03/2011.

THEML, Neyde. **O Público e o Privado na Grécia do VIIIº ao IVº século a.C**: o Modelo Ateniense. Rio de Janeiro. Sette Letras, 1998.

TINCQ, Henri. What is occurring today is a mimetic rivalry on a planetary scale. **Le Monde. Interview Girard**. Publicado em 06 nov. 2001. Disponível em: <https://www.uibk.ac.at/theol/cover/girard/le_monde_interview.html>.

TORRES, Marco Antônio. Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, n.1, 2006.

TRANSFERETTI, Jose A; ZACHARIAS, Ronaldo. Homossexualidade e ética cristã. **Vida Pastoral**. Publicado em Novembro-Dezembro de 2010 (pp. 19-24) Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/etica-crista/homossexualidade-e-etica-crista/>>. Acesso em: 10/06/2017.

TRIBBLE, Phyllis. **Eve and Adam**: Genesis 2-3 Reread. Andover Newton Theological School, 1973.

TV JORNAL. Notícia. Violência contra homossexuais aumenta 460% em Pernambuco. Publicado em 01 dez. 2014. Disponível em: <http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2014/12/01/violencia-contra-homossexuais-aumenta-460_porcento-em-pernambuco-16934.php>. Acesso em: 07/03/2016.

ULTIMO SEGUNDO. Cientistas encontram esqueleto de homem pré-histórico homossexual. Ciências notícias, Publicado em 07 abr. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/cientistas+encontram+esqueleto+de+homem+prehistorico+homossexual/n1300033329279.html>>. Acesso em: 29/08/ 2014.

_____. Mais da metade das vítimas de estupro no Brasil tem menos de 13 anos, diz estudo. Notícias, Publicado em 27/03/2014. Acesso em: 27/03/2015.

UOL. Mais um pastor ataca e chama discurso gay de 'diabólico'. Notícia. Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2013/04/30/ooops-mais-um-pastor-ataca-e-chama-discurso-gay-de-diabolico.htm>>. Publicado em 30/04/2013. Acesso em: 06/06/2016.

SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1995.

VEJA on-line. O papa da certeza. Edição histórica. Publicada em 6 de abril de 2005. Disponível em site: <http://veja.abril.com.br/especiais/papa/p_038.html>. Acesso em: 17/04/2011.

VIDAL, Marciano. **Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã**. Aparecida: Ed. Santuário, SP, 2008.

_____. **Ética da sexualidade**. São Paulo: Ed. Loyola, 2012. p. 110.

VITO, R. Interrogações sobre a construção da sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica. In: JUNG, P.; CORAY, J. (org). **Diversidade Sexual e Catolicismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

WARE, Kallistos. **Mary Theotokos in the Orthodox Tradition**. Wallington: The Ecumenical Society of the Blessed Virgin Mary, May 1997.

W. HENN. **The Hierarchy of Truths and Christian Unity**. Ephemerides Theologicae Lovanienses, 1990

WESTERMANN, Claus. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1987.

WOLFART, Graziela. O amor homossexual. Um olhar teológico-pastoral. **IHU on-line**. Edições 253. Ano VIII, Publicado em 07 abr. 2008. Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1681&secao=253>. Acesso em: 14/08/ 2015.

Zona Oeste Notícias. "Transexual 'crucificada' na Parada Gay diz em vídeo ter sido agredida". Publicada em 09 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ZonaOesteNoticias/videos/1650753268516599/>>. Acesso em: 10/09/2016

ZWEIG, C-ABRAMS, J. **Ao encontro da sombra**. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1998, p.17

ZIZEK, Slavoj. Violência. **Seis reflexões laterais**. S. Paulo: Boitempo editorial, 2014

8.2

Documentos do Magistério

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI à Curia Romana por ocasião dos votos de Feliz Natal**. Disponível em:

<https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana.html>. Assinado em 22/12/2008. Acesso em: 24/06/2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. B. H.: Ed. O Lutador, 1997.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Em busca de uma ética universal:** Novo olhar sobre a lei natural, 2009, n. 68. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html>. Acesso em: 10/01/2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Notas sobre uniões estáveis de pessoas do mesmo sexo.** Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/imprensa/noticias/11998-nota-sobre-unioes-estaveis-de-pessoas-do-mêsmo-sexo>>. Brasília, 16 de maio de 2013. Acesso em: 06/01/2015.

_____. **Comunidade de comunidade.** Uma nova Paróquia, de 10 a 19 de abril de 2013. Disponível em: <<http://www.cnbb-sul1.org.br/comunidade-de-comunidades-uma-nova-paroquia/>>. Acesso em: 21/06/2017.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração acerca de algumas questões de ética sexual.** Publicado em 29 de dezembro de 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html>. Acesso em: 26/06/2016.

_____. **Declaração Inter Insigniores sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial.** Assinada em 15/10/1976. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html>. Acesso em: 11/09/2017.

_____. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais.** Publicada em 01/10/1986. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html>. Acesso em: 19/05/2016.

_____. **Resposta à dúvida sobre a doutrina da Carta apostólica “Ordinatio Sacerdotalis”.** Assinada em 28/10/1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19951028_dubium-ordinatio-sac_po.html>. Acesso em: 12/09/2017.

_____. **Sobre a Resposta da Congregação para a Doutrina da fé proposta da Carta apostólica “Ordinatio Sacerdotalis”.** Publicada em 28 out. 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19951028_commento-dubium-ordinatio-sac_po.html>. Acesso em: 12/09/2017.

_____. **Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais.** Introdução. Publicada em 03 jun. 2003. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html>. Acesso em: 26/06/2016.

CONGREGAÇÃO PARA INSTRUÇÃO CATÓLICA. **Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras,** A homossexualidade e o ministério ordenado. Publicado em 04 nov. 2005. Disponibilizado em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html>. Acesso em: 10/01/2015.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade humana: Verdade e significado. Orientações educativas em família.** Publicada em 08 dez. 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html>. Acesso em: 26/06/2016.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA **Lumen Gentium.** Sobre a Igreja. Assinada em 21 de Novembro de 1964. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/document/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 12/09/2016, n.56.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL **Gaudium et spes** sobre a Igreja no mundo atual. Assinada em 7 de Dezembro de 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 20/05/2016.

DOCUMENTO DE PREPARAÇÃO: III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização. **Radio Vaticana.** Publicado em 05 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/iii-assembleia-geral-extraordinaria-do-sinodo-dos>>. Acesso em 02/12/2014

ERDO, Péter Cardeal. Relatio post disceptationem. III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Publicado em 13/10/2014. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141013_erdo-synod_po.html>. Acesso em: 02/11/2014.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal. **Amoris Laetitia.** Sobre o amor na família. Publicada em 19 mar. 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apóst_exhortations/documents/papa-francesco_esortazioneap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 26/06/2017.

_____. **Carta Encíclica Laudato Si**. Sobre o cuidado da casa comum. Publicada em 24 mai 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 29/05/2016.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Veritatis Splendor**. Publicada em 18 jun. 1993. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html>. Acesso em: 26/05/2016.

_____. Carta às famílias. **Gratissimam Sane**, 1994 – ano da família. Publicada em 02 fev. 1994. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html>. Acesso em 26/05/2016.

_____. Carta Apostólica **Ordinatio Sacerdotalis** sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens. Assinada em 22 mai 1994. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html>. Acesso em: 13/09/2017.

_____. Carta encíclica **FIDES E RATIO**. Aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão, n. 98, Vaticano, 14 de setembro de 1998. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acesso em: 26/05/2016.

ORANI, Tempesta Dom. Reflexões sobre a ideologia de gênero. Disponível no site da **CNBB**. Publicado em 03 out. 2004. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/outros/dom-orani-joao-tempesta/13907-reflexoes-sobre-a-ideologia-de-genero>>. Acesso em: 03/10/2004.

PAULO VI. **Constituição dogmática Dei Verbum** sobre a revelação divina. Publicada em 18 nov. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_con st_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 06/04/2017.

_____. Carta Encíclica **Humanae Vitae**, sobre a regulação da natalidade. Publicada em 25 de julho de 1968. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html>. Acesso em: 14/06/2017.

_____. Carta Apostólica Octogesima Adveniens. Assinada em 14 mai 1971. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html>. Acesso em: 28/06/2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compendio da Doutrina Social da Igreja**. Publicado em 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 20/06/2016.

SINODO DEI VESCOVI – “Lineamenta” per la XIV Assemblea Generale Ordinaria: La vocazione e la missione della famiglia nella Chiesa e nel mondo contemporaneo (04-25 ottobre 2015). Publicado em 9 dez. 2014. Disponível em Italiano em <<http://press.vatican.va/content/salastampa/pt/bollettino/pubblico/2014/12/09/0935/02013.html>>. Acesso em: 7/01/2015.

XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Relatório final no Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco. Cidade do Vaticano. Publicado em 24 out. 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html>. Acesso em: 15/06/2016.

8.3

Bibliografia complementar

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

_____. O combate da castidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999a.

_____. **Ética, sexualidade, política/Michel Foucault**. Organização e seleção de textos: Motta, M. B. de. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, S. El malestar en la cultura. In: _____. **Obras completas**. Tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.

_____. (1915). Pulsões e destino da pulsão. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 2004.

_____. (1917). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: **Conferências introdutórias sobre a psicanálise**. E. S. B., XVI, 1976.

FURTADO, Maria Cristina S. **O Amor incondicional como base para a ética da alteridade**: uma hermenêutica cristã em diálogo com o pensamento de Lévinas em busca de uma sociedade inclusiva. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2011. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc->

rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0912226_2011_Indice.html>.

_____. A mídia como mediadora no diálogo diversidade sexual-religião. **Seminário Internacional Enlaçando sexualidades**. Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Salvador, BA, Julho de 2009. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br>>.

_____. Diversidade sexual e sua relação com a ciência e religião. Último andar. **Cadernos de pesquisa**. PUC-S.Paulo, n.23, 2014. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br>>.

_____. Brasil-Violência de Gênero e Educação. **Revista Cátedra Digital da Cátedra UNESCO** de leitura PUC-Rio, n.1, 2016. Disponível em: <<http://www.diversidadesexual.com.br>>.

_____. Um breve passeio pela sexualidade através das Ciências, Estado e Religião. In: LIMA, Luis Corrêa (Org.). **Teologia e Sexualidade: portas abertas pelo Papa Francisco**, 2015.

_____. O amor incondicional e a nova evangelização. **Congresso Continental de Teologia**. La teología de la liberación en perspectiva. Tomo I in: Trabajos científicos, Octubre, 2012.

_____. Violência de gênero: As excluídas da sociedade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.11, n.1, p.139-152, jan-jun/2014-M.Furtado-<<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2015/02/11-1-10.pdf>>.

GAY, P. **A experiência burguesa** – da Rainha Vitória a Freud. A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A experiência burguesa** – da rainha Vitória a Freud. A Paixão Terna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

HELLENS, J. Harold. **Sexo na Bíblia**. Novas considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LACOSTE, Jean-Yves. Dir. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIMA, C. Luis. **Homossexualidade não é pecado**. Disponível em site: <[http://www. diversidadecidarelipucrio.com.br](http://www.diversidadecidarelipucrio.com.br)>. Acesso em: 16/04/2011.

_____. **Homofobia** – um pecado. Disponível em site: <[http://www. diversidadecidarelipucrio.com.br](http://www.diversidadecidarelipucrio.com.br)>. Acesso em: 16/04/2011.

_____. **O ranço moralista**. Disponível em site: <[http://www. diversidadecidarelipucrio.com.br](http://www.diversidadecidarelipucrio.com.br)>. Acesso em: 16/04/2011.

MEEKS, W. A. **The first Urban Christians**: The Social World of the Apostle Paul. New Haven, Yale University Press, 1983.

MIRANDA, Mário de França. **O Mistério de Deus em nossas Vidas**: a doutrina trinitária de Karl Rahner. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MOINGT, J. **O homem que vinha de Deus**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

MUSSKOPF, Sidnei André. **Via(da)gens teológicas itinerários para uma teologia queer no Brasil**. São Leopoldo: Dep. Teo/ EST, 2008.

SANDERS, E. P. **Paul**. Londres, Oxford: University Press, 1991.

SOARES, Afonso M. L.; PASSOS, João D. (org). **Teologia e Ciência: diálogos acadêmicos em busca do saber**. São Paulo: Paulinas/Educ, 2008.